O

RYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

NUM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DOS SEUS SERMÕES

SEGUIDO DE PRECEITOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

Da mesma Companhia

> Verão as regras não sei se da arte ou do genio, que me guiaram por este novo caminho.
>
> (VIEIRA, pref. do 1.º tom. dos Serm.)

PRIMEIRO VOLUME

Sermões da Quaresma

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª

68 – Praça de D. Pedro – 68

1880

O
HRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

N'UM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DOS SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

DA MESMA COMPANHIA

> Verás as regras não sei se da arte ou do genio, que me guiaram por este novo caminho.
> (VIEIRA, pref. do 1.º tom. dos *Serm.*)

PRIMEIRO VOLUME—SERMÕES DA QUARESMA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68, Praça de D. Pedro, 68
1878

AO EXC.^mo E REV.^mo SR.

ANTONIO DE MACEDO COSTA

BISPO DO GRAN-PARÁ

COGNOMINADO

POR SUA ELOQUENCIA E ZELO APOSTOLICO

O CHRYSOSTOMO BRAZILEIRO

OFFERECE ESTE PRIMEIRO VOLUME

O CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

Em testimunho de respeito e admiração

O COMPILADOR

PROLOGO DO COMPILADOR

Mostrar na eloquencia de Vieira a de Chrysostomo e indicar practicamente quaes os principios e qual a fórma mais propria da prégação evangelica, eis o fim da presente compilação.

Digo compilação: pois não é meu intento dar uma nova edição dos sermões do grande orador portuguez, mas sim offerecer ao publico amante das letras e principalmente aos oradores principiantes um largo trabalho que sobre os mesmos sermões emprehendi, coodernando-os e deixando de parte tudo o que n'elles introduziu o mau gosto do seculo XVII.

As interpretações forçadas, inconvenientes e talvez falsas dos textos da Escriptura sagrada, as largas citações de autores profanos, as subtilezas de conceitos abstrusos ou requintados, os equivocos e trocadilhos (lastimoso tributo que o subido ingenho de Vieira pagou ao seu seculo tão dado ao gongorismo); quem não sabe quanto escurecem a belleza, afrouxam o impeto, diminuem a auctoridade e rebaixam a nobreza de sua eloquencia?

Á vista de um facto tão prejudicial para a oratoria portugueza fui indagando se era possivel tirar dos sermões de Vieira tudo o que é defeituoso sem alterar a elegancia da linguagem e a força do raciocinio: se era possivel reduzir este classico portuguez ás regras da esthetica, pouco mais ou menos como Jouvency reduziu os classicos latinos ás regras da moralidade. Que em alguns sermões se conseguisse não podia haver duvida; sendo bem pouco e muito accessorio o que, por contrario á esthetica, n'elles se devia supprimir. Mas na maior parte, e nos que mais avultam por thesouros de doutrina e rasgos de eloquencia, taes defeitos se antolhavam, que não havia presumir de antemão o exito da tentativa.

Apezar d'esta incerteza sobejou-me ousadia para o emprehendimento; e o leitor ahi tem deante dos olhos uma parte do resultado.

Não dissimularei dous reparos ou escrupulos que, parece, me deviam dissuadir d'este arrojo: o primeiro a novidade do trabalho, o segundo a presumpção que elle argúi.

Mas attendi que a novidade das emprezas não é culpa de que se deva fazer consciencia quem se afoita a ellas em serviço da sociedade; antes titulo de gloria muito para espertar brios e alentar emulações. Não é o tempo e a antiguidade, mas a razão e o merecimento das obras que lhes grangeia credito e abona auctoridade. Que seria do mundo se o reparo da novidade tivesse o peso que se pretende? Ter-se-hiam dado nas sciencias e artes os agigantados passos que hoje admiramos?

Tam pouco foi difficultoso lançar fóra o escrupulo de presumpção. Sabido é que um pygmeu sobre um gigante póde ver mais do que elle: mas nem por isso deixa de ser pygmeu. Lá disse tambem a fabula que o leão, rei dos animaes, colhido em uma rede, foi solto e posto em liberdade por obra de um ratinho. Acaso o ratinho ficaria por isso tão presumido que se julgasse um leão?—Ás vezes os mais tenues servem muito.—Disposição amorosa da Providencia

Filinto Elysio

para que os homens, dependendo uns dos outros, se amem e ajudem mutuamente.

Confesso, porém, que pouco valem n'esta materia as rasões que se chamam *a priori*; e só a leitura da compilação póde excluir todos os reparos e resolver todas as difficuldades. Por isso o prologo poderia acabar aqui. Mas porque contra o compilador e o objecto da compilação póde haver outros preconceitos, que a simples leitura d'estes sermões não dissiparia tão facilmente, julgo necessario explicar em distinctos paragraphos:

1.° Qual a natureza e ordem da compilação.

2.° Porque não foram estes sermões emendados pelo proprio auctor.

3.° Qual o genero de eloquencia em que se funda principalmente o titulo de Chrysostomo portuguez.

4.° Quanta similhança ha entre Vieira e Chysostomo.

§ 1.°

Qual a natureza e ordem da compilação

Sendo tres as partes rhetoricas de todo discurso escripto, invenção, disposição e elocução, é de advertir que por esta ultima principalmente se qualificam os escriptores; por quanto no exprimir com exacção e graça os pensamentos por meio de locuções correctas, puras, claras, proprias e elegantes está a maior difficuldade da litteratura. Obras de grande volume, em saindo á luz, foram sepultadas no desprezo ou no esquecimento: porque não as animára uma dicção apurada; e no entanto, desde largos seculos vem o mundo erudito relendo e admirando elegantissimas ninharias de Anacreonte e de Catullo, nem, ao que parece, deixará de admiral-as jámais; e porque? Pelo primor da elocução.

Quanto, pois, aos sermões de Vieira, se não obstante os defeitos que todos apontam e muitos exaggeram, são ainda estudados em nossos dias; d'onde lhes vem seu maior attractivo, senão da elocução verdadeiramente admiravel pela elegancia, propriedade e clareza com que exprime tudo o

que quer, até as verdades mais remontadas e menos accessiveis á intelligencia humana? Por esta razão os seus sermões, ainda integralmente retidos, nunca hão de morrer; e no escuro de seus mesmos defeitos saberão sempre os amadores da litteratura portugueza achar lustrosas perolas de linguagem absolutamente classica, quaes debalde buscariam em outros livros de melhor gosto.

Então advertimos ser tão opulenta a elocução do nosso orador, que cerceadas as demasias, ainda ella se mostra bem ornada e por ventura mais formosa. Assim pois, o meu primeiro cuidado e poncto de partida para o novo commettimento foi que não se alterasse a elocução d'aquelle Vieira que na opinião geral abonada pelo erudito Francisco Dias Gomes — tem por si só tanta auctoridade, como todos os prosistas anteriores a elle. — Por isso mesmo os poucos trechos que houvemos de accrescentar, quando foi preciso dar ordem differente ao discurso, e bem assim todas as phrases e palavras nossas que em muitos logares era forçoso introduzir, vão escrupulosamente extremadas do texto original por meio de comas.

D'aqui se segue que o maior trabalho do compilador não esteve na terceira parte rhetorica, mas na segunda e na primeira; porque ainda que na maior parte d'estes sermões não se fez mais que cortar ou transferir (o que altera a disposição do original); comtudo em outros foi necessario supprir alguma falta da mesma invenção; ou porque estava viciado o assumpto, ou porque as provas não concluiam. Por onde é manifesto que não se podem dar (salva a verdade) todos os argumentos como genuinos de Vieira: mas nem por isso, se o amor proprio me não cega, ficam menos plausiveis; sendo as razões como o dinheiro, que tem nas mãos de todos o mesmo valor. A natureza d'este trabalho pedia que o compilador não copiasse sem exame o que achava escripto, fundando-se na auctoridade do grande orador portuguez (posto que merecedora da maior veneração); senão que examinasse o valor intrinseco das razões;

e deixando de parte tudo o que não respondia ao officio de prégador evangelico, se empenhasse em reduzir á ordem de sermões regulares o muito em que a eloquencia de Vieira resplandece bella, elegante, grandiosa, sublime, apostolica; nostrando-o a todas as luzes um CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ. Mas em quantos passos se desviará esta compilação de um fim tão nobre e digno de louvor? Não duvido que será em muitos, embora tenha já conferido com litteratos mui idos nas obras de Vieira todos os additamentos e mudanças que fiz. Bem agradecido ficarei a quem por cortezia me ndicar o que precisa de emenda, para quando em serviço la religião e da litteratura se fizer com melhores auspicios ıma nova edição.

Quanto á ordem da presente segue-se a das materias, omo a mais propria para o fim da compilação. Cada maeria quer o seu estylo: assim, para que se distinga o de ada uma, importa extremar o que é homogeneo. Em conequencia d'este principio sairão em diversos volumes mais u menos da mesma grandeza: 1.° Os sermões da quaesma: 2.° Os da paschoa, advento, natal, *infra annum:* .° Os panegyricos de Nossa Senhora e dos sanctos: 4.° Os ratulatorios, eucharisticos, funebres e politicos: 5.° Os serıões populares, practicas, exhortações domesticas e os quine de S. Francisco Xavier: 6.° Finalmente, os trinta do Roırio.

Agora vê a luz o primeiro volume; aguardando que do ıblico seja bem acolhido o meu trabalho para sairem a me os outros que estão já promptos para a estampa. bre este pelo sermão da sexagesima; pois o mesmo auor quiz que fosse posto em primeiro logar como prologo s demais. Seguem os sermões da quaresma, pela maior rte prégados em Lisboa; ficando para o volume dos ser-)es populares quasi todos os prégados no Maranhão: rque vai d'elles aos outros grande differença de estylo; omo agora diziamos, cumpre-nos evitar a união de esos heterogeneos como prejudicial ao bom gosto.

E noto aqui de passagem que a falta de tão necessaria advertencia faz que muitos julguem em desabono de Vieira uma qualidade que bastaria para o seu maior elogio. Vieira, como verdadeiro orador, prégava sempre no modo que convinha a cada auditorio e que pediam as circumstancias. O fallar sempre egual dos prégadores vulgares, que andam como realejos tocando em toda a parte as mesmas peças, não era de seu gosto; e com razão. A oratoria não é a arte de persuadir? Pois não ha persuadir a todos com as mesmas razões e o mesmo modo de fallar, visto que não teem todos o mesmo alcance, nem sempre as mesmas disposições. Ouçamos como a este respeito se declara o proprio Vieira escrevendo da Bahia ao conego Francisco Barreto:

Quanto á egualdade desegual de todos (os sermões), a qual se hade medir com a differente materia de cada um, discorre v. m. com a certeza e comprehensão de seu alto e profundo juizo. Com a mesma omnipotencia e sabedoria fez Deus o corvo e o pavão; e posto que um coberto de lucto e outro de gala, ambos, cada um em seu genero, perfeitos: porque, o que nós chamamos natureza, não é outra cousa senão a arte do mesmo Deus. E verdade que aos nossos olhos, muitas vezes quanto mais abertos, mais cegos, parece que os pés do pavão poderam estar melhor calçados: mas foi particular providencia sua e doutrina nossa; para que aprendessemos a perdoar á ignorancia humana o que não podemos deixar de venerar na sabedoria divina.

E nove annos antes lhe tinha escripto:

Sempre me pareceu que não havia de desagradar a vossa mercê a traça com que na petição da mãe dos Zebedeus foram despachados e censurados todos os vicios da côrte, e mais aquelles que eram mais notados, quando o mesmo sermão foi feito: isto é, a mãe e filhos governavam ambos os quartos do palacio pelo valimento d'el-rei D. Affonso. Esta desgraça tem o fallar a proposito do tempo, que sendo dicto em um o que se imprime em outro, as receitas que convinham com grande propriedade ás infermidades passadas, applicadas ás presentes teem menos energia. Agora vai o quarto tomo e n'elle o evangelho do banquete, commentado pelas circumstancias do anno em que se prégou com tão propria applicação, que tudo o que se estava vendo na côrte e no reino se ouvia no pulpito. Note vossa mercê que para agora só a penultima sentença me podia servir.

Eis ahi como intendeu Vieira o prejuizo que lhe havia de causar a falta de advertencia de que fallamos. Esta falta

quiz elle remedial-a notando ao principio da maior parte dos sermões o logar e o anno em que os prégou. Mas quem attende a estas circumstancias? Se todos o fizessem, não se dariam dos mesmos sermões tão severos juizos.

Segue-se da mesma advertencia outra conclusão, que desculpa ao menos em parte os seus defeitos. Entre um escriptor e um orador ha esta differença, que o orador depende mais do gosto dos seus contemporaneos, que o escriptor. Se o orador não persuadir aos que o estão ouvindo, perdeu o tempo e o sermão: mas o escriptor, como falla aos contemporaneos e aos vindouros, se não fôr attendido dos primeiros (como a grandes homens não raras vezes tem acontecido), póde esperar justiça dos que vierem depois; e portanto em materias de bom gosto releva-lhe seguir livremente o dictame da discreta natureza. Essa é a razão porque os desacertos e defeitos que reprovamos em Vieira não eram tanto do orador como dos ouvintes, que só gostavam de paradoxos e só se abalavam com exaggerações. Fenelon no terceiro dialogo sobre a eloquencia desculpa os defeitos oratorios dos Sanctos Padres com esta mesma observação. Fallando em particular de Sancto Ambrosio tem estas palavras muito dignas de reparo:—Sancto Ambrosio segue algumas vezes a moda do seu tempo, enfeitando os seus sermões com atavios de que então se fazia conta. Póde ser que estes grandes homens, que tinham a vista em ponctos mais altos que as regras ordinarias da eloquencia, seguissem o gosto do seu tempo, para que os ouvintes se agradassem da palavra de Deus e recebessem as verdades da religião.—

Certo é que Vieira protestou não raras vezes contra o mau gosto do seu tempo e mais de proposito no sermão da sexagesima. E comtudo, (notavel dizer!) no mesmo sermão em que tão eloquentemente declamava contra elle, senão de todo, ao menos em parte o seguia manifestamente. Tanta força tem sobre nós o seculo em que nascemos!

§ 2.º

Porque não foram estes sermões emendados pelo proprio auctor?

Dir-me-heis que esta defeza do nosso auctor póde valer para os sermões que prégou, mas não para os que escreveu e deu á imprensa. Pois se é proprio do escriptor fallar aos vindouros, e se por isso deve observar as regras da esthetica, porque não emendou Vieira os seus sermões quando os imprimiu? E se elle os não emendou, porque toma outrem esta ousadia?

A esta replica e difficuldade principal que se póde fazer ao meu trabalho, responderá o mesmo Vieira em sua e minha defeza; e a resposta facil é de achar na prefação que elle poz ao primeiro volume e em varias cartas escriptas a seus amigos. Vou referir primeiro estes documentos e depois deduzirei a resposta. Eis a prefação:

Leitor. Da folha que fica atraz (se a léste) haverás intendido a primeira razão ou obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que, sem a voz que os animava, ainda resuscitados são cadaveres.

A esta obrigação (da obediencia a el-rei) que chamei primeira como vassallo, se ajunctou outra tambem primeira como religioso, que foi a obediencia do maior de meus prelados, o reverendissimo P. João Paulo Oliva, Preposito geral da nossa Companhia. Esta só approvação te bastará para que me comeces a ler com melhor conceito d'aquelle que formarás depois de lido. Assim lisongea aos paes o amor dos filhos; e assim honram os summamente grandes aos pequenos.

Sobre estas duas razões accrescentavam outros outras, para mim de menos momento. E não era a menor d'ella a corrupção com que andam estampados debaixo do meu nome e traduzidos em differentes linguas muitos sermões ou suppostos totalmente, não sendo meus, ou sendo meus na substancia, tomados só de memoria e por isso informes: ou finalmente impressos por copias defeituosas e depravadas; com que em todos ou quasi todos vieram a ser maiores os erros dos que eu conheci sempre nos proprios originaes.

Este conhecimento (que ingenuamente te confesso) foi a total razão, porque nunca me persuadi a sair á luz com similhante genero de escriptura, de que o mundo está tão cheio. Nem me animava a isto (posto que muitos m'o allegassem) o rumo particular que segui sem outro exemplo; porque só dos que são dignos de imitação se fizeram os exemplares. Se chegar a receber a ultima fórma um livro que tenho ideado com titulo de

régador e Ouvinte christão, n'elle verás as regras não sei se da arte, se do
nio que me guiaram por este novo caminho. Entretanto se quizeres sa-
r as causas porque me apartei do mais seguido e ordinario, no sermão
Semen est verbum Dei as acharás: o qual por isso se pôi no primeiro
gar como prologo dos demais.

Se gostas da affectação e pompa de palavras, e do estylo que chamam
lto, não me leias. Quando este estylo mais florecia, nasceram as primei-
s verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares); mas va-
-me tanto sempre a clareza, que só porque me intendiam comecei a
r ouvido; e o começaram tambem a ser os que reconheceram o seu en-
no e mal se intendiam a si mesmos.

O nome de primeira parte com que sái este tomo, promette outras. Se
perguntas quantas serão? Só te póde responder com certeza o auctor
vida. Se esta durar á proporção da materia, a que se acha nos meus
peis bastante é a formar doze corpos d'esta mesma e ainda maior esta-
ra. Em cada um d'elles irei mettendo dous ou tres sermões dos já im-
essos, restituidos á sua original inteireza; e os que se não reimprimi-
m entre os demais suppõe que não são meus.

Os que de presente tens nas mãos (e mais ainda os seguintes) serão
dos diversos e não continuados; esperando tu porventura que saisse
m os que chamas quaresmaes, sanctoraes e mariaes inteiros como se
. Mas o meu intento não é fazer sermonarios; é estampar os sermões
e fiz. Assim como foram prégados acaso e sem ordem, assim t'os offe-
o. Porque has de saber que havendo trinta e septe annos que as voltas
mundo me arrebataram da minha provincia do Brazil e me trazem
as da Europa, nunca pude professar o exercicio de prégador e muito
nos o de prégador ordinario, por não ter logar certo nem tempo; já
licado a outras occupações em serviço de Deus e da patria, já impe-
o de minhas frequentes infermidades, por occasião das quaes deixei
recitar alguns sermões não poucos que já tinha prevenidos e tambem
ra se darão á estampa.

Além d'esta diversidade geral, acharás ainda n'ellas outra maior pelas
ersas occasiões em que os successos extraordinarios da nossa edade e
das minhas peregrinações por differentes terras e mares me obrigaram
allar em publico. E assim uns serão panegyricos, outros gratulatorios,
ros apologeticos, outros politicos, outros bellicos, outros nauticos, ou-
funeraes, outros totalmente asceticos; mas todos quanto a materia o
mittia (e mais do que em taes casos se costuma), moraes.

O meu primeiro intento era dividir estas materias e reduzil-as a to-
particulares, havendo numero em cada uma para justo volume; mas
o seriam necessarios muitos mais dias para esta separação e para ex-
ler e vestir os que estão só em apontamentos, por não dilatar o teu
jo (o qual tanto mais te agradeço, quanto menos m'o deves) irão saindo
nte e á desfilada os que estiverem mais promptos. E creio te não será
os grata esta mesma variedade para alternar assim e alliviar o fastio
costuma causar a similhança.

Por fim não te quero empenhar com a promessa de outras obras; por
se bem entre o pó das minhas memorias se acham como na officina
ulcano muitas peças meio forjadas; nem ellas se podem já bater por
de forças, e muito menos aperfeiçoar e polir por estar embotada a
com o gosto e gastada com o tempo. Só sentirei que este me falte
pôr a ultima mão aos quatro livros latinos de *Regno Christi in terris*
ummato, por outro nome *Clavis prophetarum*; em que se abre nova
da á facil intelligencia dos prophetas, e tem sido o maior emprego de

meus estudos. (*) Mas porque estes vulgares são mais universaes, o desejo de servir a todos lhes dá por agora a preferencia.

Se tirares d'elles algum proveito espiritual (que é o que só pretendo) roga-me a Deus pela vida; e se ouvires que sou morto, lê o ultimo sermão d'este livro, para que te desenganes d'ella; e tomarás o conselho que eu tenho tomado. Deus te guarde.

Quanto ás suas cartas, logo depois de publicar o primeiro volume dos sermões (o que fez quasi septuagenario), em quanto preparava o segundo escreveu a Duarte de Macedo:

Todo o tempo que posso poupar emprégo em reduzir e pôr em alguma ordem a confusão dos meus borrões, com que nem eu me intendo por muitos e espedaçados, como de quem não fazia d'elles mais caso que o que merecem e nunca teve pensamento de que saissem á luz. Farei tudo o que puder na fraqueza em que me acho, e se Deus der vida e forças não serão só sermões.

Tornando depois ao Brazil assim respondeu da Bahia ao doutor Sebastião de Mattos e Sousa, que sollicitava com cortezes instancias a impressão dos outros volumes:

Porque o melhor estado em que a morte nos póde tomar aos religiosos, é a obediencia, eu me conformo por este dictame, em quanto o permittem os annos a que faltam poucos mezes para os oitenta e os achaques, que não são poucos. Todo o mais tempo o applico a estes apontamentos, de que nunca fiz conta de imprimir. A isto se accrescenta com a falta dos sentidos a das mesmas potencias da alma; porque já a memoria não se lembra, nem o intendimento discorre, nem a mesma vontade enfastiada se applica com gosto, ao que sem elle é violencia e martyrio.

E dous annos depois:

Vossa mercê pela mercê que faz aos meus borrões me insta a que os dê á estampa; o que não póde ser sem os alimpar primeiro; e com a joeira não ser muito fina, tudo se me vai em alimpaduras.

(*) Em uma carta a D. Rodrigo Menezes fallando do maior cuidado que tinha para acabar esta obra diz: — Não me falle v. s.ª em sermões; porque estas regras e as que remetti no correio passado, são o maior excesso a que me tem dado logar o sangue, dor e fraqueza ou total desmaio do peito: mas ainda n'este estado, quando o espirito se sente com algum alento, o que discorre e vai dictando, é sobre aquella obra de que ultimamente fallei a v. s.ª a qual está muito adeante; e é necessario adeantar-se para que os successos não cheguem primeiro. — Tão pouco caso fazia de seus admiraveis sermões e tanta preoccupação tinha um homem de tão alto juizo por uma idéa chimerica como a do quinto imperio governado por seu amigo D. João IV já morto, mas que para isso havia de resuscitar! Assim se enganam ainda os grandes homens em ajuizar os partos do seu genio. Conta-se de Petrarca que não se prezava tanto das suas rhymas italianas como do seu poema latino intitulado a *Africa*. E se não foram as suas rhymas italianas, quem fallaria hoje de Petrarca?

E passado outro biennio tornou a responder-lhe da mesma Bahia escrevendo:

Eu totalmente estava resoluto a não mandar livro este anno, assim pelo mal que me parecem os outros, como pelas muitas occupações que não deixam tempo á forja, quanto mais á lima: mas esta carta de vossa mercê com seus feitiços me encantou de maneira que não pude deixar de obedecer mais necessaria que livremente. Lá vai o nono tomo entretecido de discursos panegyricos e moraes, procurando em todos e mais nos do segundo genero copiar os desenganos da minha edade e os que em toda ella ouvi prégar ao mundo.

A Diogo Marchão Themudo escrevia do mesmo logar do Brazil:

O divino serviço é só o que me obriga a tomar nos meus annos um tão molesto trabalho como o de pôr os borrões em estylo que se possa ler. Já em Lisboa está o terceiro volume, e agora foi o quarto; e tambem mando as erratas do segundo, que em muitas partes são intoleraveis: mas como v. m. sem embargo d'ellas o approva e me exhorta á continuação, tanto que a saude me der logar, o farei assim, tornando para o meu deserto, se ainda n'elle me não perturbarem a quietação, que nem na immunidade do habito, nem no retiro do mundo está segura.

Finalmente, pouco antes do fim da sua vida tornando a responder a Francisco Barreto, lhe diz:

Lembrado estou que no primeiro sermão do ultimo tomo necessariamente por obrigação do assumpto houve de repetir as duas palavras *admiravel* e *admirativo;* mas não com a mesma sentença ou clausula do sermão das turbas: o que de nenhum modo fizera, se então me não pareceram mui differentes: mas pois v. m. julgou o contrario, muito grande mercê me fez em as haver riscado; porque não póde haver encontro para mim que tenha mais de azar, que encontrar-me commigo.

Ao poncto agora. Perguntava-se-me: por que razão não reduziu o mesmo Vieira seus sermões ás regras do bom gosto; e porque pretendo eu fazer o que não fez o auctor? Ouvimos como este respondeu nos citados documentos em sua e minha defeza. Em sua defeza disse:

1.º Que nunca teve intenção de publicar pela imprensa os seus sermões, e só o fez movido pela obediencia de seus superiores, pelas instancias de seus amigos e pela necessidade que havia de declarar ao publico quaes sermões eram seus e quaes suppostos; o que para um homem de tanta

fama era cousa de não pouca consequencia; pois tinha soffrido por seus escriptos gravissimas tribulações no tribunal do Sancto Officio de Portugal. Livros estampados com estas disposições de animo, assaz difficultoso é que saiam apurados no estylo.

2.° Que *para aperfeiçoar e polir os seus sermões estava embotada a lima com o gosto e gastada com o tempo.* Sapientemente observado. Nas artes passa o mesmo que nos alimentos. Quem se acostuma a temperos muito fortes perde a sensibilidade do gosto; e o que aos outros faz arder a bocca e tira lagrimas, elle o mastiga e leva sem alguma difficuldade.

3.° Que para um velho septuagenario, octogenario e quasi nonagenario, joeirar como convinha e pôr em ordem de estampa mais de duzentos sermões, tão largos e muitos delles só em apontamentos, o trabalho era muito e as forças poucas; ainda mais que, além dos achaques da velhice, que se seguiram á vida trabalhosa de missionario e tal missionario, soffreu naquelle tempo graves infermidades até ficar quasi cego, foi o alvo das mais aleivosas perseguições e teve o cargo de visitador geral dos religiosos da Companhia no Brazil; cargo que só por si lhe devia tirar todo o tempo occupando-o em negocios de tão vasta missão. A estas occupações, perseguições e infermidades é que se refere nas cartas que citamos.

4.° E que diremos da dura condição em que se viu forçosamente de preparar no Brazil o que se havia de imprimir na Europa; e isto em tempo que era tão difficultoso o corresponder-se entre o velho e o novo mundo? Mal ajuiza das obras de Vieira quem as suppõi tiradas a limpo na quietação e com todas as commodidades que para compor e polir as suas lograram e ainda logram, outros auctores.

As cousas que elle escreveu na ultima edade *extendendo,* como diz, *e vestindo os sermões que só estavam em apontamentos, alimpando-os,* ainda que confesse que *a joeira não é muito fina, e procurando copiar nelles os desenganos da*

sua edade, estas cousas, digo, hão de ser as que admiramos como mais conformes ás regras do bom gosto. E por isso é que alguns sermões dos que se acham na compilação pediram tão poucas omissões ou emendas, que quasi vão trasladados na sua integra.

Assim pois, dos documentos citados se conclúi que se Vieira não emendou cabalmente os seus sermões foi porque não pôde pelas circumstancias em que os publicou. Mas tambem se collige que não era contra a sua intenção que em melhores circumstancias o fizesse outrem, seguindo os seus principios. Eis-aqui as razões:

1.° Diz o auctor que *quando mais florescia o estylo que chamam culto, todo affectação e pompa de palavras, nasceram as verduras do seu;* este porém, a seu juizo, não merecia imitação nem elogio, mas *perdão*. Logo elle mesmo reconhece que em alguns dos seus sermões havia *verduras* de estylo falso e affectado que reprovava. Temol-o por confissão ainda mais clara no sermão de S. Pedro; onde protesta que deixava correr aquelles defeitos mais *para satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o genio e dictado proprio*. Portanto não pode ser contra o seu intento remover esses defeitos, quando já o gosto apurado do seculo os não pede nem consente.

2.° Em outra parte nota que *não pode haver encontro para elle, que tenha mais de azar, que o encontrar-se comsigo;* e que por isso Diogo Marchão Themudo *lhe fez muito grande mercê em haver riscado* dos seus sermões palavras que produziam este encontro. Logo não póde o grande orador levar a mal o que se fez no ensaio, para mostrar como os seus principios em materia de estylo e de prégação evangelica concordam com os seus sermões.

3.° Finalmente a nossa compilação não destrói os sermões originaes, mas ensina o modo de estudal-os com fructo; pois mostra claramente, ainda aos poucos sabedores da arte, como a eloquencia, que empeçada pelos excessos e requintes d'um prodigioso ingenho parecia mais deforme

do que bella, mais ficticia do que real: em despindo esses falsos enfeites, brilha para logo desassombrada, realçando sobre a formosura natural verdadeiras e primorosas galas. Ora poderia elle reprovar um trabalho cujo fim é tornar mais claros e conhecidos os dotes admiraveis da sua oratoria, por modo que, reconhecendo-lhe todos o foro até hoje variamente pleiteado de prégador eloquente e zeloso, o cognominem a uma voz CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ? Á fé que não reprovava; e se alguem me convencera do contrario, não me abalançava eu a publicar esta compilação, como um estudo e commento (que outra cousa não é,) dos sermões originaes.

Estou ouvindo uma replica. Vieira no prologo citado queixa-se fortemente que debaixo de seu nome se tinham publicado sermões que eram seus só *na substancia;* e por isso os quiz *restituir á sua original inteireza.* Respondo que a razão d'esta queixa foi, porque os taes sermões eram, como diz o mesmo auctor, *tomados só de memoria e por isso informes;* isto é, sem a propriedade e elegancia de seu estylo e a força do seu raciocinio: *com que*, concluia elle, *vieram a ser maiores os erros dos que eu conheci sempre nos proprios originaes.* Mas não ha tal na nossa compilação, onde a sua elocução é tão escrupulosamente respeitada; e onde nada que não seja seu ficará debaixo de seu nome.

Pouco depois da morte do grande orador saiu á luz em Lisboa uma obra que tem alguma analogia com a nossa; intitulada *Vieira abbreviado.* É uma verdadeira compilação de trechos tirados dos seus sermões e dispostos em ordem alphabetica segundo as materias; porém sem regra de bom gosto e, o que é peior, despidos da fórma caracteristica da sua eloquencia. Certamente que a Vieira não lhe agradaria um trabalho d'esta natureza que tira a seus sermões o mais precioso e admiravel, deixando-lhes só os defeitos.

§ 3.°

Qual o genero de eloquencia em que se funda principalmente o titulo de Chrysostomo portuguez.

E pelo que respeita ao nome de Chrysostomo portuguez, mo hei-de no paragrapho seguinte declarar quanto ao sto vem quadrando ao nosso orador, não só pelos dotes eloquencia, senão tambem pela condição e sanctidade sua vida; limito-me por agora a explicar o genero orario em que principalmente se funda.

Se bem se reparar nas obras de S. João Chrysostomo, har-se-hão tres especies de homilias. A primeira expõi gum trecho da Escriptura sagrada simples e familiarmente n levantar algum assumpto; e suas partes veem a ser, rdio, exposição e conclusão. A segunda dá sermões reares, cujos assumptos e argumentos são todos, ou quasi os, tirados da analyse de algum trecho ou clausula da riptura; como faz por exemplo no primeiro sermão ao o antiocheno, analysando o texto *Utere modico vino pter stomachum* e tirando d'elle contra toda a expecta- dos ouvintes um dos sermões mais practicos e mais orios. A terceira tracta do mesmo modo algum poncto moral ou algum acontecimento da vida humana, com imentos já da razão e já da Escriptura, sem dar-lhes m a unidade da segunda especie com reduzil-a á inretação de um só logar. Assim o faz na terceira homio mesmo povo, persuadindo-o a confiar que o seu bispo iano, que por amor da cidade ía caminho de Constantia, alcançaria do imperador Theodosio o perdão do celedesacato que o povo fizera ás suas estatuas.

allando d'este segundo e terceiro genero de prégação auctor moderno, que, com seu acrysolado juizo não os em materias litterarias que nas philosophicas e ogicas está prestando não leves serviços á sociedade, rece a sua importancia com estas palavras — *Cujus* iber da homilia oratoria) *utinam usus frequentior sit!*

Kleutgen Art. dicendi p. 4 l. 4 c. 4

Nam et praestantem litterarum sacrarum usum habet, neque tamen caret ea vi, quae ex justae orationis artificio nascitur.

Mas muito mais a encarece Fenelon, que em materia de bom gosto e no argumento de que se tracta, é auctoridade que vale por muitas. Este grande theologo, orador e poeta recommenda tanto aos oradores sagrados este genero de prégação, que o prefere a qualquer outro, dizendo no mesmo logar dos seus dialogos — Respeito á prégação, o melhor conselho é imitar a solidez com que S. João Chrysostomo explica a Escriptura. Achareis n'elle todas as verdades necessarias para a direcção e reforma dos varios costumes da vida humana, não só revestidas de uma auctoridade e belleza maravilhosa, mas com uma abundancia de applicações que nunca lhe acaba. Estudando a Escriptura, descobrireis sempre sem alguma difficuldade documentos novos e grandes para prégar. É lastimoso vêr este thesouro tão pouco avaliado pelos mesmos que de continuo o teem nas mãos. Se se observasse este antigo uso de fazer homilias, teriamos dous generos de prégadores. Os que não tivessem vivacidade nem genio poetico explicariam com simplicidade a Escriptura sem tomar o gyro grandioso e emphatico que é proprio dos livros sanctos; e com tanto que o fizessem com solidez de palavras e exemplaridade de costumes, nem por isso deixariam de ser bons prégadores. Teriam, como prescreve sancto Ambrosio, uma elocução pura, simples, clara, cheia de uncção, sem affectação de eloquencia, nem descuido do agrado e da doçura. Os que tivessem genio poetico a explicariam com estylo e figuras que são proprias da mesma Escriptura: de sorte que ella estaria (por assim dizer) viva e inteira n'elles, como póde estar em homens que não fallam por inspiração sobrenatural — E foi isto exactamente o que fez Vieira; reunindo em si á imitação do seu *Chrysostomo*, conforme o pediam as circumstancias do tempo, do logar e dos ouvintes, os dous generos de prégadores que desejava o grande arcebispo de Cambraia.

Diz o mesmo Vieira em um dos sermões do Rosario, que — não é licito ao prégador (se quer ser prégador) apartar-se do thema, que é o texto ou trecho da Escriptura de que se tira a materia do sermão — Parece esta regra severa de mais; mas elle inviolavelmente a observou; e se tivessemos o livro do *Prégador e Ouvinte* de que nos fallou na prefação, veriamos as razões que seu genio lhe dictou para seguir *este rumo particular sem outro exemplo.* —

Comtudo, de algum modo as podemos arguir do sermão da sexagesima; e sobretudo onde com similhança de uma arvore dá o methodo de compôr um sermão. Não é necessario repetir aqui o que muitos sabem de cór, e todos podem ler nas primeiras paginas d'esta compilação. Só desejamos que sejam mais observados os preceitos d'aquelle aureo simil, o qual é tão adequado e conveniente, que tem força por si só de argumento demonstrativo.

Em conclusão, o genero oratorio mais proprio do pulpito é o das homilias; e já se vê que estas devem tractar da Escriptura e fundar-se n'ella.

Pois não poderá ser assumpto de homilia algum poncto de philosophia moral, considerado, não já em quanto prende por suas raizes com a palavra de Deus, mas tão sómente em quanto fundado na razão? Não, porque n'esse caso não fallaria um orador sagrado, mas um philosopho. *Pro Christo legatione fungimur, tanquam Deo exhortante per nos:* deve dizer com S. Paulo todo o prégador. Officio do embaixador é referir ponctualmente o que manda dizer aquelle que o envia com sua carta de crença: declaral-o seguindo a intenção do seu principe; e nada mais. O orador sagrado é embaixador de Jesus Christo: logo é Deus que ha de fallar por bocca d'elle. Não conhecemos outra palavra de Deus, senão a revelada nos livros inspirados, e em toda a tradição escripta e oral, de que a sancta Egreja é fiel depositaria. Logo quem propriamente prégar a palavra de Deus, não póde recorrer a outra fonte.

José Ignacio Roquete no *Manual de eloquencia sagrada*

tem uma nota ácerca de Vieira que não posso inteiramente approvar — Quem ler (diz elle) com attenção os sermões d'aquelle prégador original, achará que era mania sua excogitar conceitos, e desencantar trechos para encher o discurso sem se apartar do thema, mórmente quando o tirava do Evangelho. Se tivesse sido menos escravo d'esta regra e tivesse sempre deixado correr seu atilado raciocinio pela extrada real da sã dialectica e sua fecunda imaginação pelos amenos vergeis do bello e do sublime, teria a nossa lingua um orador profundo como Bossuet, persuasivo com o Bordaloue e mais engraçado e conceituoso que Massillon. —

Não nego que em Vieira ha algum abuso de Escriptura e de dialectica; pois principalmente por tal abuso emprehendi este trabalho. Com licença porém d'este auctor, parece-me que aos jovens que se preparam ao ministerio do pulpito, podia dar da eloquencia do grande orador uma idea muito mais vantajosa. Primeiramente advirto, que, para elle deixar — correr seu atilado raciocinio pela estrada real da sã dialectica, e sua fecunda imaginação pelos amenos vergeis do bello e do sublime — não está o poncto perdido, como a Roquete se afigurou; pois em muitos sermões só merecem cortadas algumas demasias, em outros basta fazer algumas poucas alterações nem sempre difficultosas. Mas o que menos posso admittir, é dizer-se de Vieira — que era mania sua excogitar conceitos e desencantar textos para encher o discurso sem se apartar do thema, mórmente quando o tirava do Evangelho: — pois acho muito indigno apodar tão geralmente de mania um methodo de prégar, que profundando com analyse constante differentes logares da Escriptura sagrada, e com todo o rigor do raciocinio comparando umas com outras variadas expressões da mesma palavra de Deus, mostra o nexo logico que ha nas verdades reveladas, e não persuade menos com a força da dialectica do que enleva com o agrado da eloquencia.

E o desencantar textos para encher o discurso o que é? Eu o direi. Tinha Vieira continuamente ante os olhos e dentro

do seu coração apostolico o quanto é vantajoso e necessario ao povo christão saber as verdades que Deus quiz que elle soubesse, sendo para nosso ensinamento, conforme o dizer do Apostolo, que as consignou nos livros sanctos: *Quaecunque enim scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt; ut per patientiam et consolationem scripturarum spem habeamus.* Por esta razão em todas as occasiões que se offerecem ao nosso orador para instruir, consolar e animar a seus ouvintes com a palavra da Escriptura sagrada, eil-o allegando e declarando não só os textos que todos sabem, mas outros menos conhecidos que foram tambem escriptos para se saberem. Se, pois, o texto assim desencantado não vem a proposito do argumento, ou não está explicado segundo o contexto, reprove-se muito embora e seja eliminado do sermão. Mas quando elle é appropriado, porque não louvarei e admirarei o orador que me fez aprender dos livros sanctos alguma cousa que eu ainda não tinha ouvido?—A primeira qualidade do orador é instruir (diz Fenelon no mesmo dialogo que havemos citado): mas é necessario ter instrucção para dal-a aos outros. Falla-se continuamente ao povo da Escriptura, da Egreja, das duas leis, dos sacrificios, de Moysés, de Arão, de Melchisedech, dos prophetas, dos apostolos, sem ter o cuidado de declarar as qualidades destas cousas e destas pessoas. Muitos prégadores ouvir-se-hiam vinte annos sem que um ouvinte chegasse a aprender como deve a religião.—Mas esta instrucção não se pode dar citando alguns textos mais obvios e nada mais. É necessario discorrer francamente pelas varias partes da Escriptura; pois cada uma dellas é uma nova luz que accrescenta a luz das outras. Não é logo para encher o discurso com textos desencantados que Vieira os busca em toda a parte; mas para instruir o seu auditorio conforme o ensino do Apostolo, tão zelosamente commentado no dialogo a que nos referimos. Tão fecundo era o ingenho do orador portuguez que em todos os lances do ministerio evangelico bem podia preparar-lhe materia mais que abundante para largamente

fallar sobre qualquer argumento. Mas a razão e a auctoridade divina e humana lhe ensinavam que para dar a seus ouvintes instrucção não superficial ácerca da nossa fé, devia prégar e não superficialmente a Escriptura.

Mas é tempo de comparar mais de proposito o grande orador portuguez com o maior de Constantinopla, e mostrar como em paizes e tempos tão diversos a Providencia os deu á Egreja similhantes nas feições que mais avultam a olhos observadores: posto que a natureza e a graça, o gráu e a educação pozeram differença nas proporções da estatura.

§ 4.º

Quanta similhança ha entre Vieira e Chrysostomo.

Primeiramente é de notar que estes dous luzeiros da oratoria sagrada chegaram ao apogeu de seus resplendores vingando os arduos caminhos da virtude a par e passo que subiam nos da sciencia. Ambos na primeira edade frequentaram as aulas publicas que estavam em maior fama no seu tempo e se formaram o bom gosto litterario no estudo dos classicos, e ambos tambem se retiraram do seculo e foram encerrar-se em claustros religiosos: onde Chrysostomo se consagrou á contemplação, Vieira se votou á cultura de indios boçaes. Verdadeiros gigantes desde o principio de sua carreira! Que sacrificar a Deus o proprio ingenho é o mais custoso passo da perfeição christã.

Ambos, pelos raros talentos com que a natureza e a graça os enriquecera, foram chamados de seus claustros e pretendidos para o episcopado; e se Chrysostomo, muito a seu pezar, não se póde defender d'esta honra, bem se livrou d'ella o nosso Vieira, quando ao rei de Portugal, na occasião de se ter espalhado que elle para ser bispo sairia da Companhia, asseverou — não ter sua majestade tantas mitras em toda a sua monarchia pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que se

chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a Companhia o despedisse, da parte de fóra das suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, senão para religioso ao menos para servo dos que o eram; que se nem para servo o quizessem admittir, alli estaria, sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida juncto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado o coração.—Homem tão heroicamente morto ao mundo, bem se vê com quanto zelo e efficacia podia prégar contra as honras e vaidades do mundo.

Ambos oppozeram um peito de bronze á prepotencia dos grandes por zelo da honra de Deus e em prol de desvalidos; e quanto não soffreram por isso! Que trabalhos, que perseguições não encontraram, porque, verdadeiros embaixadores do rei dos reis, reprehenderam com liberdade apostolica os vicios das côrtes de seu tempo! Não só principes seculares se levantaram contra elles, senão tambem ecclesiasticos de todas as jerarchias. E ambos na furia de tantas perseguições não tiveram outras armas para se defender senão a paciencia, a oração, a fé, e tambem, quando a honra de Deus o pedia, a força de sua maravilhosa eloquencia. Por vezes desterrados e até lançados em prisão pelos mesmos de quem eram tão benemeritos, sempre os tornaram a servir com o mesmo amor e desinteresse.

Finalmente, ambos estimados, como mereciam, do Supremo Pastor da Egreja acharam n'elle defeza e protecção de sua nnocencia. Deus porém, querendo purifical-os como ouro io chrysol, permittiu que morressem tambem ambos sob o mpeto da tribulação, e não fossem com acto publico rehailitados na opinião dos homens, senão depois da morte. ssim morreram um e outro na propria cruz, prégando co-10 o apostolo S. Paulo, com as palavras e com o exemplo a hristo crucificado. Espiritos d'esta tempera não admira tiessem eloquencia tão robusta e triumphadora.

E para mais particularizar a eloquencia de ambos, tres ualidades caracteristicas nota Isidoro Pelusióta na de Chry-

sermão, avisam desde logo a quem lê o maior ou menor porte das mudanças e alterações que no discurso se fizeram. Um (*) indica que pouco se mudou ou tirou, permanecendo inteira a ordem dos argumentos. Dous (**) dizem que esta ordem foi alterada em alguma parte e se tirou e ajunctou mais. Tres (***) que tendo-se dado outro gyro a toda a argumentação do auctor, as mudanças e additamentos são muito maiores.

3.° No fim de cada sermão cita-se a edição antiga e moderna, para que os estudiosos, querendo, os possam confrontar com os originaes em qualquer edição que encontrarem.

4.° Quanto á orthographia julguei mais razoavel seguir a etymologica, como mais adoptada em nossos dias; e seguil-a mais coherentemente do que outros costumam, persuadido, não sei se por engano, de que aos homens versados na questão agradaria esta constancia.

SERMÃO DA SEXAGESIMA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL

Este sermão prégou o auctor no anno de 1655, vindo da missão do Maranhão, onde achou as difficuldades que n'elle se apontam: as quaes vencidas, com novas ordens reaes voltou logo para a mesma missão.

Observação do compilador.—O sermão da sexagesima é um douto e elegante compendio theoretico-practico de oratoria sagrada e como um programma do modo com que Vieira promette que ha de prégar. N'elle dá os preceitos da homilia oratoria e junctamente faz ver com a practica qual deve ser; pois desde o principio até ao fim nunca perde de vista o evangelho, e em cada clausula acha o que é necessario para o seu assumpto, sem fazer alguma violencia ao texto. Este é o maior merecimento de tal genero de prégação.

Semen est verbum Dei.
Luc. 8.

Engano dos ouvintes a respeito do orador.

E se quizesse Deus que este tão illustre e tão numeroso auditorio saisse hoje tão desenganado da prégação, como vem enganado com o prégador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamol-o todo: que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

O sair do semeador e o do prégador evangelico.

Ecce exiit, qui seminat, seminare. Diz Christo que saiu o prégador evangelico a semear a palavra divina. Bem pa-ece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do emear, mas faz tambem caso do sair. *Exiit:* porque no ia da messe hão-nos de medir a semeadura, e hão-nos de ontar os passos. O mundo, aos que lavrais com elle, nem os satisfaz do que dispendeis, nem vos paga o que andais. eus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é emear; porque tambem das passadas colhe fructo. Entre os régadores do Evangelho ha uns que saem a semear, ha ou-os que semêam sem sair. Os que saem a semear, são os ue vão prégar á India, á China, ao Japão: os que semêam m sair, são os que se contentam com prégar na patria. To-s terão sua razão; mas tudo tem sua conta. Aos que teem seara em casa, pagar-lhes-hão a semeadura: aos que vão bus-

car a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura, e hão-lhes de contar os passos. Ah dia do juizo! Ah prégadores! Os de cá achar-vos-heis com mais «applausos», os de lá com mais «merecimento»: *Exiit seminare.*

Os animaes do carro de Ezechiel, os quaes saiam e não tornavam, significavam os prégadores evangelicos.

Mas d'aqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Christo que o semeador do Evangelho saiu; porém não diz que tornou; porque os prégadores evangelicos, os homens que professam prégar e propagar a fé, é bem que saiam, mas não é bem que tornem. Aquelles animaes de Ezechiel, que tiravam pelo carro triumphal da gloria de Deus e significavam os prégadores do evangelho, que propriedades tinham? *Nec revertebantur cum ambularent:* uma vez que iam, não tornavam. As redeas por que se governavam, era o impeto do espirito, como diz o mesmo texto: mas esse espirito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer: porque sair para tornar, melhor é não sair. Assim arguis com muita razão; e eu tambem assim o digo.

S. Greg. in Ezech. I. 17.

Porém os prégadores podem ter razões de ir e voltar para tornarem a ir.

Mas pergunto; e se o semeador evangelico, quando saiu achasse o campo tomado; se se armassem contra elle os espinhos; se se levantassem contra elle as pedras e se lhe fechassem os caminhos; que havia de fazer? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-hia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse a casa a buscar instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Não por certo. Porque «quem vai e volta para tornar a ir, não desiste.»

Os contrarios que encontrou e não póde evitar o semeador evangelico.

Diz Christo que o semeador evangelico começou a semear, mas com pouca ventura. Uma parte do trigo caiu entre espinhos e afogaram-no os espinhos: *Aliud cecidit inter spinas; et simul exortae spinae suffocaverunt illud.* Outra parte caiu sobre pedras; e seccou-se nas pedras por falta de humidade: *Aliud cecidit super petram; et natum aruit quia non habebat humorem.* Outra parte caiu no caminho; e pizaram-no os homens e comeram-no as aves: *Aliud cecidit secus viam; et conculcatum est; et volucres coeli comederunt illud.* Ora vêde como todas as creaturas do mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as creaturas, quantas ha no mundo, se reduzem a quatro generos: creaturas racionaes, como os homens; creaturas sensitivas, como os animaes; creaturas vegetativas, como as plantas, e creaturas insensiveis como as pedras, e não ha mais. Faltou alguma d'estas, que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensivel o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notae a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, alli achou

aior aggravo. As pedras seccaram-no, os espinhos afogaram-no,
s aves comeram-no, e os homens? Pizaram-no: *Conculcatum
t ab hominibus,* diz a Glossa. Poderamos arguir ao lavrador
o evangelho, de não cortar os espinhos, e de não arrancar as
edras antes de semear: mas «elle o não fez, porque não appa-
eciam então nem as pedras nem os espinhos: não as pedras,
ois estavam escondidas debaixo da terra, posto que não era
uita: *Aliud cecidit super petrosa, ubi non habuit terram mul-
m; et statim exortum est, quia non habebat altitudinem ter-
e;* declara S. Marcos: não os espinhos, pois não nasceram an-
s do mesmo trigo: *Et simul exortae spinae:* nota S. Lucas.
sta foi a razão, pela qual o semeador do evangelho não tor-
u atraz, como eu fiz, a buscar instrumentos com que alim-
r a terra, que parecia bem disposta á sementeira; e esta a
usa da sua desgraça.

Marc. 4

Luc. 8.

Mas nem por isso ficou elle desconsolado; porque uma par-
do trigo caiu em terra boa: *Aliud cecidit in terram bonam;*»
foi com tanta felicidade que n'esta quarta e ultima parte se
stauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cres-
, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se; achou-se que
r um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum.*
que grandes esperanças me dá esta sementeira! Dá-me
eranças, porque ainda que se perderam os primeiros traba-
s, lograram-se os ultimos. Já que se perderam as tres par-
da vida: já que uma parte da edade a levaram os espinhos;
que outra parte a levaram as pedras; já que outra parte a
aram os caminhos e tantos caminhos; esta quarta e ultima,
e ultimo quartel da vida, porque se perderá tambem? Por-
não dará fructo? Porque não terá tambem a vida o que
o anno? O anno tem tempo para as flores, e tempo para
fructos. Porque não terá tambem o seu outono a vida? As
es umas caem, outras seccam, outras murcham, outras leva
nto: aquellas poucas que se pegam ao tronco e se conver-
em fructo, só essas são as venturosas, só essas são as
duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as
sustentam o mundo. Será bem que o mundo morra á fome?
bem que os ultimos dias se passem em flores? Não será
, nem Deus quer que seja, nem ha de ser. Eis aqui, por-
eu dizia ao principio, que vindes enganados com o préga-
Mas para que possais ir desenganados com o sermão, tra-
i n'elle uma materia de grande peso e importancia. Servirá
de prologo aos sermões que vos hei de prégar, e aos
que ouvirdes esta quaresma.

Porém não perdeu toda a sementeira. Esperanças do orador por esta parte da parabola.

Explicação que o mesmo divino Mestre deu da parabola da sementeira.

II. *Semen est verbum Dei.* O trigo que semeou o prègador evangelico, diz Christo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias; e n'estes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e n'estes secca-se a palavra de Deus; e se nasce, não cria raizes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das cousas do mundo; umas que vão, outras que veem, outras que atravessam, e todas que passam; e n'estes é pizada a palavra de Deus; porque ou a desattendem, ou a desprezam. Finalmente a terra boa, são os corações bons, ou os homens de bom coração, e n'estes prende e fructifica a palavra divina com tanta fecundidade e abundancia, que se colhe cento por um.

Hoje a palavra divina faz pouco fructo; e porque? Essa duvida é o assumpto do sermão.

Este grande fructificar da palavra de Deus, é o em que reparo hoje: e é uma duvida ou admiração, que me traz suspenso e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deus é tão efficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deus? Diz Christo que a palavra de Deus fructifica cento por um; e já eu me contentara com que fructificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o mundo fôra sancto. Este argumento de fé, fundado na auctoridade de Christo, se aperta ainda mais na experiencia, comparando os tempos passados com os presentes. Lêde as historias ecclesiasticas, e achal-as-heis todas cheias de admiraveis effeitos da prègação da palavra de Deus. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes! Os grandes desprezando as riquezas e vaidades do mundo: os reis renunciando os sceptros e as corôas; as mocidades e as gentilezas mettendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? Nada d'isto. Nunca houve na Egreja de Deus tantas prègações, nem tantos prègadores, como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fructo? Não ha um homem, que em um sermão entre em si, e se resolva: não ha um moço, que se arrependa: não ha um velho, que se desengane; que é isto? Assim como Deus não é hoje menos omnipotente; assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que antes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos prègadores; porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deus?

Esta tão grande e tão importante duvida será a materia do sermão. Quero começar prègando-me a mim. A mim será e

mbem a vós. A mim para aprender a prégar: a vós para que rendais a ouvir.

III. Fazer pouco fructo a palavra de Deus no mundo póde oceder «d'estes tres principios: da parte do prégador, da parte ouvinte, e da parte de Deus.» Para uma alma se converter r meio de um sermão ha de haver tres concursos: ha de ncorrer o prégador com a doutrina persuadindo: ha de conrer o ouvinte com o intendimento percebendo: ha de conrer Deus com a graça allumiando. Para um homem se a si mesmo, são necessarias tres cousas: olhos, espelho uz. Se tem espelho e é cego, não póde ver, por falta de os; se tem espelho e olhos e é noite, não póde ver por falde luz. Logo ha mister luz, ha mister espelho e ha mister os. Que cousa é a conversão de uma alma, se não entrar homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta ta são necessarios olhos, é necessaria luz e é necessario elho. O prégador concorre com o espelho, que é a doua: Deus concorre com a luz, que é a graça: o homem corre com os olhos, que é o conhecimento. Ora supposto a conversão das almas por meio da prégação depende tes tres concursos, de Deus, do prégador e do ouvinpor qual «ou por quaes» d'elles havemos de intender que ?

De quaes principios pode proceder?

rimeiramente por parte de Deus não falta, nem póde faltar. proposição é de fé, definida no concilio tridentino; e no so evangelho a temos. Do trigo que deitou á terra o semeauma parte se logrou, e tres se perderam. E porque se perim estas tres? A primeira perdeu-se, porque afogaram-na spinhos; a segunda, porque a seccaram as pedras; a ter-, porque a pizaram os homens e a comeram as aves. Isto que diz Christo: mas notae o que não diz. Não diz que alguma d'aquelle trigo se perdesse por causa do sol ou huva. A causa por que ordinariamente se perdem as seeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos temou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou soo sol. Pois porque não introduz Christo na parabola do gelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou uva? Porque o sol e a chuva são as influencias da parte u; e deixar de fructificar a semente da palavra de Deus, é por falta do céu, sempre é por culpa nossa. Deixará ictificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos: oor falta das influencias do céu, isso nunca é, nem póde

Não é por parte de Deus.

ser. Sempre Deus está prompto de sua parte com o sol para aquentar e com a chuva para regar: com o sol para alumiar e com a chuva para amollecer, se os nossos corações quizerem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos; et pluit super justos et injustos.* Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos máus; aos máus que se quizerem fazer bons como a negara? Este poncto é tão claro, que não ha para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae et non feci?* Disse o mesmo Deus por Isaias.

Matth. 5.

Isai. 5.

Nem só por parte dos ouvintes: mas tambem por parte dos prégadores.

Sendo pois certo que a palavra divina não deixa de fructificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do prégador, ou por falta dos ouvintes, «ou finalmente por falta de uma e de outra parte.» Por qual será? Os prégadores deitam a culpa aos ouvintes «e os ouvintes aos prégadores; mas todos se enganam; porque a culpa é de todos. Se fôra só dos ouvintes, ainda que não fizera muito fructo, fizera muito effeito.» Provo. Os ouvintes ou são máus, ou são bons: se são bons, faz n'elles grande fructo a palavra de Deus; se são máus, ainda que não faça fructo, faz effeito. No evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, não nasceu, mas afogaram-n'o: *Simul exortae spinae suffocaverunt illud.* O trigo que caiu nas pedras, nasceu tambem, mas seccou-se: *Et natum aruit.* O trigo que caiu na terra boa, nasceu e fructificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum.* De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e fructificou; o trigo que caiu na má terra, não fructificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão fecunda, que nos bons faz muito fructo: e tão efficaz, que nos máus, ainda que não faça fructo, faz effeito; lançada nos espinhos não fructificou, mas nasceu até nos espinhos: lançada nas pedras não fructificou, mas nasceu até nas pedras. Os peiores ouvintes que ha na Egreja de Deus, são as pedras e os espinhos; e porque? Os espinhos por agudos e as pedras por duras. Ouvintes de intendimentos agudos e ouvintes de vontades indurecidas, são os peiores que ha. Os ouvintes de intendimentos agudos, são máus ouvintes; porque veem só a ouvir subtilezas, a esperar galanteios, a avaliar pensamentos e ás vezes tambem a picar a quem os não pica. O trigo não picou os espinhos; antes os espinhos o picaram a elle: O mesmo succede cá. Cuidais que o sermão vos picou a vós; e não é assim; vós sois os que picais o sermão. Por isto são máus ouvintes os de intendimentos agudos. Mas as vontades indurecidas ainda são peiores: porque um intendimento agudo póde-se ferir pelos mesmos fios e vencer-se uma agudeza com outra maior: mas contra vontades indurecidas nenhuma cousa aproveita a agudeza, antes damna mais: porque quanto

as settas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades indurecidas, que ainda são peiores que as pedras. A vara de Moysés abrandou ıs pedras e não poude abrandar uma vontade indurecida: *Per-utiens virga bis silicem et egressae sunt aquae largissimae. In-luratum est cor Pharaonis.* E com os ouvintes de intendimen-os agudos e os ouvintes de vontades indurecidas, serem os nais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que apezar da gudeza nasce nos espinhos; e apezar da dureza nasce nas edras. «E se a palavra de Deus até nas pedras e nos espinhos asce, não triumphar dos alvedrios hoje a palavra de Deus e não ascer nos corações, como póde ser culpa só dos ouvintes? É ecessario confessal-o: não é só dos ouvintes, mas tambem dos régadores.» Sabeis, prégadores, porque não faz fructo «nem ffeito» a palavra de Deus? Por culpa nossa.

Exod. 7.

Num. 20.

Qualidades de um bom prégador.

IV. Mas como em um prégador ha tantas qualidades e em uma régação tantas leis, e os prégadores podem ser culpados em to-as; em qual «ou em quaes» consistirá essa culpa? No prègador po-em-se considerar cinco circumstancias: a pessoa, a sciencia, materia, o estylo, a voz. A pessoa que é, a sciencia que tem, a ıateria que tracta, o estylo que segue, a voz com que falla. Todas stas circumstancias temos no evangelho. Vamol-as «considerando ma por uma; e veremos porque a palavra de Deus não faz fructo.

Qual deve ser a sua pessoa.

E primeiramente é pela circumstancia da pessoa que pré-a.» Antigamente os prégadores eram sanctos, eram varões apo-tolicos e exemplares; e hoje os prégadores são eu e outros omo eu. A definição do prègador è a vida e o exemplo. Por so Christo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão que semêa. Reparae. Não diz Christo: saiu a semear o meador; senão, saiu a semear o que semêa: *Ecce exiit, ui seminat, seminare.* Entre o semeador e o que semêa ha uita differença. Uma cousa é o soldado, e outra cousa é o e peleja; uma cousa è o gôvernador, e outra cousa o que go-rna. Da mesma maneira uma cousa è o semeador, e outra o e semêa; uma cousa è o prégador, e outra o que préga. O meador e o prégador, é nome; o que semêa e o que préga, ıcção; e as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter me de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada; acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem nundo. O melhor conceito que o prégador leva ao pulpito, ıl cuidais que é? É o conceito que de sua vida teem os ou-tes. Antigamente convertia-se o mundo: hoje porque se não verte ninguem? Porque hoje prégam-se palavras e pensa-

Matth. 13

mentos; antigamente prégavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de David derrubou ao gigante; mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra. As vozes da sua harpa lançaram fóra os demonios do corpo de Saúl; mas não eram vozes pronunciadas com a bocca, eram vozes formadas com a mão. Para fallar ao vento bastam palavras; para fallar ao coração são necessarias obras.

O Verbo, que é palavra de Deus, não converteu o mundo senão quando fallou com o exemplo.

Diz o evangelho que a palavra de Deus fructificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que fructificam obras, vêde se podem ser só palavras! Quiz Deus converter o mundo, e que fez? Mandou ao mundo seu Filho feito homem. Notae. O Filho de Deus, em quanto Deus, é palavra de Deus e não é obra de Deus: *Genitum non factum*. O Filho de Deus, em quanto Deus e Homem, è palavra de Deus e obra de Deus junctamente: *Verbum caro factum est*. (*Joan.* 1.) De maneira que na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus, consistiu a efficacia da salvação do mundo. Verbo divino é palavra divina: mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão d'isto é, porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos; e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No céu ninguem ha que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra ha tão poucos que o amem; todos o offendem. Deus não é o mesmo e tão digno de ser amado no céu como na terra? Pois como no céu obriga e necessita a todos ao amarem, e na terra não? A razão é, porque Deus no céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No céu entra o conhecimento de Deus á alma pelos olhos: *Videbimus eum sicuti est*. (*Idem* 3.) Na terra entra o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu;* (*Rom.* 10.) e o que entra pelos ouvidos crê-se; o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós; e o abalo e os effeitos do sermão seriam muito outros.

A melhor prégação a faz o exemplo do prégador.

Prégação do Baptista

Vai um prégador prégando a paixão: chega ao pretorio de Pilatos; conta como a Christo o fizeram rei de zombaria; diz que tomaram uma purpura, e lh'a pozeram aos hombros: ouve aquillo o auditorio muito attento. Diz que teceram uma corôa de espinhos, e que lh'a pregaram na cabeça: ouvem todos com a mesma attenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe metteram n'ellas uma canna por sceptro: continúa o mesmo silencio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se n'este espaço uma cortina: apparece a imagem do *Ecce-Homo*: eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas,

eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas; que é isto? Que appareceu de novo n'esta egreja? Tudo o que descobriu aquella cortina, tinha já dicto o prégador. Já tinha dicto d'aquella purpura; já tinha dicto d'aquella corôa e d'aquelles espinhos; já tinha dicto d'aquelle sceptro e d'aquella canna. Pois se isso então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque então era *Ecce-Homo* ouvido; e agora é *Ecce-Homo* visto: a relação do prégador entra pelos ouvidos; a representação d'aquella figura entra pelos olhos. Sabem, padres prégadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque convertia o Baptista tantos peccadores? Porque assim como as suas palavras prégavam aos ouvidos, o seu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Baptista prégavam penitencia: *Agite poenitentiam*: homens, fazei penitencia; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista prégavam jejum e reprehendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Baptista prégavam composição e modestia, e condemnavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem vestido de pelle de camello, com as cordas e cilicio á raiz da carne. As palavras do Baptista prégavam despegos e retiros do mundo, e fugir das occasiões e dos homens; e o exemplo clamava: Eis aqui o homem que deixou as côrtes e as cidades, e vive n'um deserto e n'uma cova. Se os ouvintes ouvem uma cousa e vêem outra, como se hão de converter? Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, teem diante dos olhos as nossas manchas, como hão de «practicar» a virtude? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina; se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras; se uma cousa é o semeador e outra o que semêa, como se ha de fazer fructo?

Matth. 3.

2.º Qual o estylo.

«Pouco ha, dizia-vos eu que o fructo da prégação evangelica depende tambem das circumstancias do estylo, do assumpto, da sciencia e até da voz do prégador. Declaremos tudo isto.» O estylo que hoje se usa nos pulpitos é tão empeçado, tão difficultoso, tão affectado, tão encontrado a toda arte e a toda a natureza, que me não admira fazerem tão pouco fructo as prégações. O estylo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo compara o prégar ao semear; porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte. Na musica tudo se faz por compasso; na architectura tudo se faz «com» regra: na arithmetica tudo se faz por conta; na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim: é arte sem arte;

cáia onde cair. Vêde como semeava o nosso lavrador do evangelho. Caía o trigo nos espinhos e nascia; caía o trigo nas pedras e nascia; caía o trigo na terra bôa e nascia: ia o trigo caíndo e ia nascendo. Assim ha de ser o prégar: hão de caír as cousas e hão de nascer: tão naturaes que vão caíndo, tão proprias que vão nascendo.

Ha de ser tão natural como a semente que cae.

Que differente é o estylo violento e tyrannico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escriptura, como quem vem ao martyrio; uns veem acarretados, outros veem estirados, outros veem torcidos, outros veem despedaçados, só atados não veem. Ha tal tyrannia? Então no meio d'isto: Que bem levantado está aquillo! Não está a cousa no levantar, está no caír: *Cecidit.* Notae uma allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de tres nasceu. Para o sermão vir nascendo ha de ter tres modos de caír: ha de caír com quêda, ha de caír com cadencia, ha de caír com caso. A quêda é para as cousas; porque hão de vir bem trazidas e em seu logar: hão de ter quêda. A cadencia é para as palavras; porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes: hão de ter cadencia. O caso é para a disposição; porque ha de ser tão natural e tão desaffectada que pareça caso e não estudo.

A disposição e clareza das palavras hão de ser como a disposição e clareza das estrellas.

Ps. 18.

Já que fallo contra os estylos modernos quero allegar por mim o estylo do mais antigo prégador que houve no mundo. E qual foi elle? O mais antigo prégador que houve no mundo foi o céu: *Coeli enarrant gloriam Dei; et opera manuum ejus annuntiat firmamentum.* Supposto que o céu é prégador, deve de ter sermões, e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo David: tem palavras e tem sermões, e mais muito bem ouvidos: *Non sunt loquelae neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.* E quaes são estes sermões e estas palavras do céu? As palavras são as estrellas; os sermões a composição, a ordem, a harmonia e o curso d'ellas. Vêde como diz o estylo de prégar do céu com o estylo que Christo ensinou na terra. Um e outro é semear: a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrellas. O prégar ha de ser como quem seméa e não como quem ladrilha ou azuleja; ordenado, mas como as estrellas. Todas as estrellas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faz lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrellas, como os prégadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha de estar negro: se de uma parte está dia, da outra ha de estar noite: se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra: se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver n'um sermão

duas palavras em paz: todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrario. Aprendamos do céu o estylo da disposição e tambem das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas, e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mareante que não sabem ler, nem escrever intendem as estrellas; e o mathematico que tem lido quanto escreveram, não alcança intender quanto n'ellas ha. Tal póde ser o sermão: estrellas que todos as vêem, e muito poucos as medem.

Esta verdade hoje pouco entendida.

Sim, Padre: porém esse estylo de prégar não é prégar culto. Mas fosse! Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar, chamam-lhe culto; os que o condemnam, chamam-lhe escuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O tal estylo culto não é escuro, é negro e negro boçal e muito cerrado. É possivel que somos portuguezes e havemos de ouvir um prégador em portuguez e não havemos de intender o que diz? Assim como ha lexicon para o grego e calepino para o latim, é necessario haver um vocabulario para o pulpito? Eu ao menos o tomara para os nomes proprios; porque os cultos teem desbaptizado os sanctos, e cada auctor que allegam é um enigma. Assim o disse o Sceptro penitente: assim o disse a Aguia da Africa, o Favo de Claraval, a Purpura de Belem, a Bocca de ouro. Ha tal modo de allegar? Se houvesse um advogado que allegasse assim a Bartolo e Baldo, havieis de fiar d'elle o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim fallasse na conversação, não o havieis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria necedade, como ha de ser discrição no pulpito? Seja pois o estylo muito claro e distincto, muito facil e natural.

3.º Qual o assumpto? O assumpto d[o] sermão ha de ser unico.

«Do mesmo modo se enganam os que em um só sermão» levantam muitos assumptos. Quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vasias. O sermão ha de ter um só assumpto e uma só materia. Por isso Christo disse que o lavrador do evangelho não semeára muitos generos de sementes, senão uma só. Lançou uma semente só, e não muitas: porque o sermão ha de ter uma só materia, e não muitas materias. Se o lavrador semeára primeiro trigo; e sobre o trigo

semeára o centeio; e sobre o centeio semeára o milho grosso e miudo; e sobre o milho semeára a cevada; que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões d'este genero. Como semêam tanta variedade, não podem colher cousa certa. Quem semêam mixturas, mal póde colher trigo. Se uma náu fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste e outro para oeste; como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assumpto vai para um vento; outro assumpto vai para outro vento; que se ha de colher senão vento? O Baptista convertia a muitos em Judêa; mas quantas materias tomava? Uma só materia: *Parate viam Domini:* a preparação para o reino de Christo. Jonas converteu os ninivitas; mas quantos assumptos tomou? Um só assumpto: *Adhuc quadraginta dies et Ninives subvertetur:* a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias prégou um só assumpto; e nós queremos prégar quarenta assumptos em uma hora? Por isso não prégamos nenhum. O sermão ha de ser de uma só côr; ha de ter um só objecto, um só assumpto, uma só materia.

Matth. 3.

Joan. 3.

Como se deve tractar o assumpto.

Ha de tomar o prégador uma só materia; ha de definil-a, para que se conheça; ha de dividil-a, para que se distingua; ha de proval-a com a Escriptura; ha de declaral-a com a razão; ha de confirmal-a com o exemplo; ha de amplifical-a com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; e ha de responder ás duvidas: ha de satisfazer ás difficuldades: ha de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios; e depois d'isto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto é sermão, isto é prégar; e o que não é isto, é fallar de mais alto. Não nego, nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos; mas estes hão de nascer todos da mesma materia e continuar e acabar n'ella. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vêde. Uma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem flores, tem fructos: assim é o sermão. Ha de ter raizes fortes e solidas; porque ha de ser fundado no evangelho: ha de ter tronco; porque ha de ter um só assumpto e tractar uma só materia. D'este tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos; mas nascidos da mesma materia e continuados n'ella. Estes ramos não hão de ser seccos, senão cobertos de folhas; porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Ha de ter flores, que são as sentenças; e «em» remate de tudo ha de ter fructos, que

é o fructo e o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneira que ha de haver flores, ha de haver folhas, ha de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco; que é uma só materia. Se tudo são troncos; não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos; não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas; não é sermão, são versas. Se tudo são flores; não é sermão, é ramalhete. Serem tudo fructos, não póde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assim que n'essa arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o vestido das folhas, o extendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco; e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão de ser os sermões: eis aqui como não são; e assim não é muito que se não faça fructo com elles.

4.º Qual sciencia? O prégador de prégar seu e não alheio.

«Não raras vezes é isto devido» á falta de sciencia que ha em muitos prégadores, que vivem do que não colheram e semêam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão a terra não costuma dar fructo, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Por isso diz Christo que semeou o lavrador do evangelho o trigo seu: *Semen suum*. Semeou o seu e não o alheio; porque o alheio e o furtado não é bom para semear, ainda que o furto seja de sciencia. O alheio é bom para comer, não é bom para semear: é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce! Alguem terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa; mas esteja certo que se nasce, não ha de deixar raizes; e o que não tem raizes, não póde dar fructo. Eis aqui porque muitos prégadores não fazem fructo: porque prégam o alheio e não o seu: *Semen suum*. O prégar é entrar em batalha com os vicios; e armas alheias, ainda que sejam de Achilles, a ninguem deram victoria. Quando David saiu a campo com o gigante, offereceu-lhe Saul as suas armas: mas elle não as quiz aceitar. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda propria, que a espada e a lança alheia. Prégador que peleja com as armas alheias, não hajais mêdo que derrube gigante.

Por isso Jes[us] Christo cham[ou] os apostolos [ao] apostolad[o] quando ref[a]ziam as suas redes

Fez Christo aos apostolos pescadores dos homens, que foi ordenal-os de prégadores; e que faziam os apostolos? Diz o texto que estavam refazendo as redes suas: *Reficientes retia sua*: eram as redes dos apostolos, e não eram alheias. Notae: *Retia sua*: não diz que eram suas, porque lhes custavam o seu dinheiro, senão porque lhes custaram o seu trabalho. D'esta maneira eram as redes suas; e porque d'esta maneira eram suas,

por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens. Com redes alheias, ou feitas por mão alheia, pódem-se pescar peixes; homens não se pódem pescar. A razão d'isto é; porque n'esta pesca de intendimentos só quem sabe fazer a rede, sabe fazer o lanço. Como se faz uma rede? Do fio e do nó se compõe a malha: quem não enfia, nem ata, como ha de fazer a rede? E quem não sabe enfiar, nem sabe atar, como ha de pescar homens? A rede tem chumbada que cae ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da agua. A prégação tem umas cousas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiaes e mais leves; e o governar o leve e o pesado só o sabe fazer quem faz a rede. Na bocca de quem não faz a prégação até o chumbo é cortiça. As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O prégar não é recitar. As razões proprias nascem do intendimento, as alheias vão pegadas á memoria; e os homens não se convencem pela memoria senão pelo intendimento.

Confirma-se com o mysterio da vinda do Espirito Sancto.

Veio o Espirito Sancto sobre os apostolos; e quando as linguas desciam do céu, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na bocca; mas ellas foram-se pôr na cabeça. Pois porque na cabeça e não na bocca, que é o logar da lingua? Porque o que ha de dizer o prégador, não lhe ha de sair só da bocca; ha-lhe de sair pela bocca, mas da cabeça. O que sae só da bocca, pára nos ouvidos, o que nasce do juizo penetra e convence o intendimento. Ainda teem mais mysterio estas linguas do Espirito Sancto. Diz o texto que não se pozeram todas as linguas sobre todos os apostolos; senão cada uma sobre cada um: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum.* E porque cada uma sobre cada um, e não todas sobre todos? Porque não servem todas as linguas a todos, senão a cada um a sua. Uma lingua só sobre Pedro; porque a lingua de Pedro não serve a André. Outra lingua só sobre André, porque a lingua de André não serve a Philippe: outra lingua só sobre Philippe; porque a lingua de Philippe não serve a Bartholomeu; e assim dos mais. E senão vêde-o no estylo de cada um dos apostolos, sobre que desceu o Espirito Sancto. Só de cinco temos escripturas; mas a differença com que escreveram, como sabem os doutos, é admiravel. As pennas eram todas das azas d'aquella pomba divina; mas o estylo tão diverso, tão particular e tão proprio de cada um, que bem mostra que era seu: Mattheus facil, João mysterioso, Pedro grave, Jacob o forte, Thadeu sublime; e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada clausula um raio e cada razão um triumpho. Ajunctae a estes cinco S. Lucas e S. Marcos, que tambem

Act. 2.

alli estavam; e achareis o numero d'aquelles septe trovões que ouviu S. João no Apocalypse: *Locuta sunt septem tonitrua voces suas.* Eram trovões que fallavam e dearticulavam as vozes; mas essas vozes eram suas: *voces suas:* suas e não alheias, como notou Ausberto: *Non alienas sed suas.* Emfim prégar o alheio é prégar o alheio; e com o alheio nunca se fez cousa boa.

Apoc. 10.

«Em ultimo logar deve-se tambem no prégador fazer caso da voz.» Antigamente a primeira parte do prégador era boa voz e bom peito. E na verdade, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, pódem ás vezes mais os brados que a razão. «E não falta o exemplo de Christo» n'esta mesma parabola do semeador. Tanto que Christo acabou a parabola, diz o evangelho que começou o Senhor a bradar: *Haec dicens clamabat.* Bradou o Senhor, porque era tal o auditorio; que com elle podiam mais os brados que a razão?

5.º Qual a voz do prégador? Multas vezes podem mais os brados que as razões.

Perguntaram ao Baptista quem era? Respondeu elle: *Ego vox clamantis in deserto*: eu sou uma voz que anda bradando n'este deserto. D'esta maneira se definiu o Baptista. A definição do prégador cuidava eu que era: voz que arrazoa e não voz que brada. Pois porque se definiu o Baptista pelo bradar e não pelo arrazoar? Porque ha muita gente n'este mundo, com quem mais pódem os brados que a razão, e taes eram aquelles a quem o Baptista prégava.

Exemplo do Baptista.

Joan. 1.

Vêde-o claramente em Christo. Depois que Pilatos examinou as accusações que contra elle se davam, lavou as mãos e disse: Eu nenhuma causa acho n'este homem: *Ego nullam causam invenio in homine isto.* N'este tempo todo o povo e os escribas bradavam de fóra que fosse crucificado: *At illi magis clamabant: Crucifigatur.* De maneira que Christo tinha por si a razão, e tinha contra si os brados. E qual póde mais? Poderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar; os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem algumas vezes os prégadores, bem é que gritem. Por isso Isaias chamou aos prégadores nuvens: *Qui sunt isti qui ut nubes volant?* A nuvem tem relampago, tem trovão e tem raio: Relampago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relampago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relampago a muitos, o trovão a todos. Assim ha de ser a voz do prégador: um trovão do céu que assombra e faça tremer o mundo.

Como foi que Pilatos condemnou a Christo.

Luc. 23.

Matth. 27.

Isai. 60.

«Bem sei que todo o sermão não deve ir em brados, se é que o prégador evangelico quer dizer com Moysés:» *Concrescat ut pluvia doctrina mea; fluat ut ros eloquium meum*: desça minha

Porém o sermão não deve ir todo em brados.

Deut. 32.

doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho, que se distilla brandamente e sem ruido. E não ha duvida que o practicar familiarmente não só concilia maior attenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e mette na alma. «Mas como o prégador será ouvido em um grande auditorio, se não tiver boa voz? E se não fôr ouvido, qual será o fructo da sua prégação?»

Auctoridade dos sanctos padres que confirmam estes preceitos.

Tudo o que tenho dicto podera demonstrar largamente não só com os preceitos dos Aristoteles, dos Tullios, dos Quintilianos; mas com a practica observada do principe dos oradores evangelicos S. João Chrysostomo, de S. Basilio Magno, S. Bernardo, S. Cypriano e com as famosissimas orações de S. Gregorio Nazianzeno mestre de ambas as Egrejas.

Comtudo a razão principal de não fazer fructo a prégação ainda não está explicada.

V. «Confesso porém que isto mesmo que acabo de declarar, ainda que prova que a prégação de hoje não é muito fecunda de conversões, não explica porque é que faz tão pouco fructo.» Moysés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estylo; Salomão multiplicava e variava os assumptos; Balaão não tinha exemplo da vida; o seu animal não tinha sciencia; e com tudo todos estes fallando persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma d'estas razões que discorremos nem todas ellas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fructo que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

A razão principal é porque as prégações de hoje não são palavras de Deus. Mas são vento.

As palavras que tomei por thema o dizem: *Semen est verbum Dei.* Sabeis, christãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fructo com tantas prégações? É porque as palavras dos prégadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Fallo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão efficaz que não só na bôa terra faz fructo, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos prégadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a efficacia e os effeitos da palavra de Deus? *Ventum seminabunt et turbinem colligent,* diz o Espirito Sancto: quem semeia ventos, colhe tempestades. Se os prégadores semêam ventos, se o que se prêga é vaidade, se não se prêga a palavra de Deus; como não ha a Egreja de correr tormenta em vez de colher fructo? Emfim *Semen est verbum Dei:* a sementeira que dá fructo, é só a palavra de Deus. Mas dir-me-heis; Padre, os prégadores de hoje não prégam do evangelho? Não prégam das sagradas escripturas? Pois como não prégam a palavra de Deus? Esse é o mal. Prégam palavras de Deus; mas não prégam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere,* as palavras de Deus prégadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas préga-

Os. 8.

Jerem. 23.

das no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes póde ser palavra do demonio.

A Escriptura mal interpretada póde ser palavra do demonio.

Tentou o demonio a Christo a que fizesse das pedras pão. Respondeu o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo quod procedit de ore Dei*. Esta sentença era tirada do capitulo oitavo do Deuteronomio. Vendo o demonio que o Senhor se defendia da tentação com a Escriptura, leva-o ao templo; e allegando o logar do psalmo noventa, diz-lhe d'esta maneira: *Mitte te deorsum: scriptum est enim, quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis:* deita-te d'ahi abaixo, porque promettido está nas sagradas escripturas que os anjos te tomarão nos braços, para que te não façam mal. De sorte que Christo defendeu-se do demonio com a Escriptura e o demonio tentou a Christo com a Escriptura. Todas as Escripturas são palavra de Deus. Pois se Christo toma a Escriptura para se defender do demonio, como toma o demonio a Escriptura para tentar a Christo? A razão é, porque Christo tomava as palavras da Escriptura em seu verdadeiro sentido; e o demonio tomava as palavras da Escriptura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio são armas do demonio: as mesmas palavras, que tomadas no sentido em que Deus as disse, são defeza, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quiz o demonio derribar a Christo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pinnaculo do templo. O demonio tentou a Christo no deserto, tentou-o no monte, e tentou-o no templo. No deserto tentou-o com a gula, no monte tentou-o com a ambição, e no templo tentou-o com as Escripturas mal interpretadas; e essa é a tentação de que mais padece hoje a Egreja, e que em muitas partes tem derribado d'ella, não a Christo, a sua fé.

Math. 4.

Ps. 90.

Com ella não se converte o inciado.

Dizei-me, prégadores, (aquelles com que fallo, indignos verdeiramente de tão sagrado nome) dizei-me: esses assum-os inuteis, que tantas vezes levantais, essas empresas ao sso parecer agudas que proseguis, achastel-as alguma vez s prophetas do testamento velho, ou nos apostolos e evange-tas do testamento novo, ou no auctor de ambos os testamen-, Christo? É certo que não: porque desde a primeira pala- do Genesis até á ultima do Apocalypse não ha tal cousa em as as Escripturas. Pois se nas Escripturas não ha o que di- e o que prégais, como cuidais que prégais a palavra de is? Mais. N'esses logares, n'esses textos que allegais para va do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse?

É esse o sentido em que os intendem os padres da Egreja? É esse o sentido da mesma grammatica das palavras? Não por certo: porque muitas vezes as tomais pelo que toam e não pelo que significam; e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, porque nos queixamos de que não façam fructo as prégações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos e não havemos de querer dizer o que ellas dizem! E então ver cabecear o auditorio a estas cousas, quando deviamos dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante: se dos nossos conceitos, se dos vossos applausos! Oh! que bem levantou o prégador! Assim é: mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao sancto, outro ao intendimento e sentido de ambos e muitos ao mesmo Deus. Ah Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço prégar que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço prégar que são palavras vossas o que são imaginações minhas (que me não quero excluir d'esse numero)! Que muito logo que as nossas imaginações não tenham a efficacia da palavra de Deus? Que muito que o mundo se não converta com as nossas fabulas?

Maus tempos e maus prégadores

Miseraveis de nós e miseraveis dos nossos tempos! Pois n'elles se veio a cumprir a prophecia de S. Paulo: Virá tempo em que os homens não soffrerão a doutrina sã; mas para seu appetite terão grande numero de prégadores feitos a montão e sem escolha; os quaes não façam mais que adular-lhes as orelhas: fecharão os ouvidos á verdade e abril-os-hão ás fabulas: *Erit tempus cum sanam doctrinam non sustinebunt; sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus, a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.*

2. Tim. 4.

Ha sermões que são comedias.

Fabula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comedia; e tudo são muitas prégações d'este tempo. São fingimento; porque são subtilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade: são comedia; porque os ouvintes veem á prégação como a comedia; e ha prégadores que veem ao pulpito como comediantes. Não cuideis que encareço em chamar comedias a muitas prégações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comedias de Terencio; e verieis se não achaveis n'ellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos ponctos de doutrina moral muito mais verdadeiros e muito mais solidos do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida

nos versos de um poeta profano e gentio, que nas prégações de um orador christão!

Antes são farças.

Antes pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedias; porque muitos sermões ha, que não são comedias, são farças. Sobe talvez ao pulpito um prégador professando ser morto ao mundo com seu habito monastico ou «clerical»: o nome é de reverencia, a materia de compuncção, a dignidade de oraculo, o logar e a espectação de silencio; e quando este se rompeu, que é que se ouve? Se n'este auditorio estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse, e visse entrar este homem a fallar em publico n'aquelles trajos e em tal logar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do céu, que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de prégar com zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto e com as acções havia de fazer em pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro; e nós que é o que vemos? Vemos saír da bocca d'aquelle homem, assim n'aquelles trajos, uma voz muito affe-:tada e muito polida; e logo com muito desgarro começar o jue? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar inezas, a lisongear precipicios, a brilhar auroras, a derreter rystaes, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras e outras mil ndignidades d'estas. Não é isto farça a mais digna de riso, se ão fôra tambem para chorar? Na comedia o rei veste como o ei e falla como o rei; o lacaio veste como o lacaio e falla como lacaio; o rustico veste como rustico e falla como rustico: mas m prégador vestir como prégador e fallar como... não o uero dizer em reverencia do logar. Já que o pulpito é theatro o sermão comedia, sequer não faremos bem a figura? Não irão as palavras com o vestido e com o officio? Assim prégava Paulo? Assim prégavam os outros apostolos? Não louvamos não admiramos o seu prégar? Não nos presamos de seus ditos? Pois porque os não imitamos?

Os demonios não se temem d'estes sermões.

Dir-me-heis o que a mim me dizem e o que já tenho expeientado, que se prégarmos assim zombam de nós os ouvin- e não gostam de ouvir. Oh boa razão para um servo de Je-s Christo! Zombem e não gostem embora; e façamos nós o sso officio. A doutrina de que elles zombam, a doutrina que es desestimam, essa é a que lhe devemos prégar, e por isso smo: porque é mais proveitosa e a que mais hão mister. O o que caíu no caminho comeram-n'o as aves. Estas aves, no explicou o mesmo Christo, são os demonios, que tiram a ivra de Deus dos corações dos homens: *Venit diabolus et t verbum de corde ipsorum.* Pois porque os demonios não ieram o trigo que caíu entre os espinhos, ou o trigo que

caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? Porque o trigo que caiu no caminho, *Conculcatum est ab hominibus*, diz a Glossa n'este logar do evangelho: pisaram-n'o os homens; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens despresam, esta é a de que os demonios se temem. D'ess'outros conceitos, d'ess'outros pensamentos, d'ess'outras subtilezas, que os homens estimam e presam, d'essas não se temem nem se acautelam os demonios; porque sabem que não são essas as prégações que lhes hão de tirar as almas das unhas. Mas d'aquella doutrina que cáe *secus viam*; d'aquella doutrina que parece commum, *secus viam*; d'aquella doutrina que parece trivial, *secus viam;* d'aquella doutrina que nos põe em caminho e em via da nossa salvação (que é a que os homens pisam e a que os homens despresam); essa é a de que os demonios se receiam e se acautelam, essa é a que procuram comer e tirar do mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam prégar os prégadores e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se elles não o fizeram assim e zombaram de nós, zombemos nós tambem de suas zombarias, como dos seus applausos. O prégador ha de saber prégar com fama e com infamia, diz o apostolo: *Per infamiam et bonam famam.* Prégar o prégador para ser afamado, isso é mundo; mas infamado e prégar o que convém, ainda que seja com descredito de sua fama, isso é ser prégador de Jesus Christo.

2. Cor. 14.

O gosto dos ouvintes não ha de ser regra do prégador.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertencia tão digna! Que medico ha que repare no gosto do enfermo, quando tracta de lhe dar saude? Sarem, e não gostem; sarem, e amargue-lhes; que para isso somos medicos das almas. Quaes vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Christo a parabola, diz que as pedras são aquelles que ouvem a prégação com gosto: *Hi sunt qui cum gaudio suscipiunt verbum.* Pois será bem que os ouvintes gostem, e que no cabo fiquem pedras? Não gostem e abrandem-se: não gostem e quebrem-se: não gostem, e fructifiquem. Este é o modo com que fructificou o trigo, que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclue Christo. De maneira que o fructificar não se juncta com o gostar, senão com o padecer. Fructifiquemos nós, e tenham elles paciencia. A prégação que fructifica, a prégação que aproveita, não é aquella que dá gosto ao ouvinte, é aquella que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do prégador treme; quando cada palavra do prégador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e attonito sem saber parte de si, então é a prégação qual convém, então

se póde esperar que faça fructo: *Et fructum afferunt in patientia.*

Exemplo de dois prégadores que agradavam diversamente a seus ouvintes.

VI. Emfim, para que os prégadores saibam como hão de prégar e os ouvintes a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo. Prégavam em Coimbra dous famosos prégadores, ambos bem conhecidos por seus espiritos. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dous fosse maior prégador; e como não ha juizo sem inclinação, uns diziam: este, outros, aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior auctoridade, concluiu d'esta maneira: Entre dous sujeitos tão grandes não me atrevo a interpôr juizo; só direi uma differença que sempre experimento: quando ouço um, sáio do sermão muito contente do prégador; quando ouço outro, sáio muito descontente de mim.

Conclusão.

Com isto tenho acabado. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões; não que os homens sáiam contentes de nós, senão que sáiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, o seu passatempo, as suas ambições, e emfim todos os seus peccados. Comtanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christi servus non essem,* dizia o maior de todos os prégadores, S. Paulo: se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh! contentemos a Deus e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que n'esta mesma egreja ha tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo et angelis e hominibus.* Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve e nos ha de julgar. Que conta ha de dar a Deus um prégador no dia de juizo? O ouvinte dirá: Não m'o disseram. Mas o prégador? *Vae mihi quia tacui*: ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim, por amor de Deus e de nós. Estamos ás portas da quaresma, que é o tempo em que principalmente se seméa a palavra de Deus na Egreja, e em que ella se arma contra os vicios. Préguemos e armemo-nos todos contra os peccados, contra as soberbas, contra os odios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o inferno que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fructo: *Et fecit fructum centuplum.*

Gal. 1.

1. *Cor.* 4.

Isai. 6.

(Edição antiga tomo I, sermão I, edição moderna tomo I, sermão X.)

I

SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Em Roma, na egreja de Sancto Antonio dos Portuguezes, no anno de 1670.

Observação do Compilador.—Nada é mais difficultoso ao prégador que tractar com alguma novidade o assumpto d'este sermão. Vieira o tracta tres vezes e cada vez com diverso cunho de originalidade. Estes tres sermões, ingenhosamente tirados do mesmo thema, são muito eloquentes e practicos, ainda que ao principio o não parecem. O primeiro se distingue por figuras oratorias muito grandiosas e elegantes.

Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris.

O pó que somos e o pó que seremos.

Duas cousas préga hoje a Egreja a todos os mortaes; ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas; mas ıma de tal maneira certa e evidente, que não é necessario in-endimento para a crêr; outra de tal maneira certa e difficul-osa, que nenhum intendimento basta para a alcançar. Uma é resente, outra é futura: mas a futura vêem-na os olhos; a resente não a alcança o intendimento. E que duas cousas enig-aticas são estas? *Pulvis es, et in pulverem reverteris*: sois ó e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; e m pó vos haveis de converter, é a futura. O pó futuro, o pó n que nos havemos de converter, vêem-no os olhos; o pó resente, o pó que somos, nem os olhos o vêem, nem o in-ndimento o alcança. Que me diga a Egreja que hei de ser pó: *pulverem reverteris;* não é necessario fé nem intendimento ra o crêr. N'aquellas sepulturas ou abertas ou cerradas o ão vendo os olhos. Que dizem aquellas lettras? que cobrem uellas pedras? As lettras dizem pó, as pedras cobrem pó; e do o que alli ha, é o nada que havemos de ser: tudo pó.

Ha maior difficuldade em crer o pó que somos, do que em crer o pó que seremos. Esplica-se esta difficuldade.

De sorte que para eu crêr que hei de ser pó, não é necessario fé nem intendimento: basta a vista. Mas que me diga e me prégue hoje a mesma Egreja, regra da fé e da verdade, que não só hei de ser pó de futuro, senão que já sou pó de presente, *Pulvis es*; como o póde alcançar o intendimento, se os olhos estão vendo o contrario? É possivel que estes olhos que vêem, estes ouvidos que ouvem, esta lingua que falla, estas mãos e estes braços que se movem, estes pés que andam e pisam, tudo isto já é pó, *Pulvis es*? Nenhuma cousa nos podia estar melhor que não ter resposta nem solução esta duvida. Mas a resposta e solução d'ella, será a materia do nosso discurso. Para que eu acerte a declarar esta difficultosa verdade, e todos nos saibamos aproveitar d'este tão importante desengano, peçâmos áquella Senhora, que só foi excepção d'este pó, se digne de nos alcançar graça. *Ave-Maria.*

Sentença que Deus pronunciou ao primeiro homem e a todos seus descendentes.

II. Emfim, senhores, que não só havemos de ser pó, mas já somos pó: *Pulvis es*. Esta sentença universal foi pronunciada definitiva e declaradamente por Deus ao primeiro homem e a todos os seus descendentes, e não admitte interpretação, nem póde ter duvida. Mas como póde ser? Como póde ser que eu que o digo, vós que o ouvis e todos os que vivemos, sejâmos pó: *Pulvis es*? «No mesmo texto, se bem se considera, temos a resposta;» porque as segundas palavras d'elle não só contêem a declaração, senão tambem a razão das primeiras: *Pulvis es*, sois pó, e porque? Porque fostes pó, e haveis de tornar a ser pó: *In pulverem reverteris*. Esta é a força da palavra *reverteris*, a qual não só significa o pó que havemos de ser, senão tambem o pó que fomos. Por isso não diz *converteris*; converter-vos-heis em pó; senão *reverteris*, tornareis a ser o pó que fostes. Quando dizemos que os mortos se convertem em pó, fallamos impropriamente: porque aquillo não é conversão, é reversão, *reverteris*: é tornar a ser na morte o pó que fomos no campo damasceno; e porque fomos pó e havemos de tornar a ser pó, *in pulverem reverteris*, por isso já somos pó: *Pulvis es*. Não é exposição minha, senão formalidade do mesmo texto, com que Deus pronunciou a sentença de morte contra Adão: *Donec revertaris in terram de qua sumptus es; quia pulvis es*: até que tornes a ser a terra de que foste formado, porque és pó. «De maneira que ser pó e haver de tornar a ser pó, são duas cousas que andam unidas, e uma declara-se pela outra.»

Gen. 3.

A vida humana é um circulo de pó a pó; e por isso todo o homem é pó.

Notae. Esta nossa chamada vida, não é mais que um circulo que fazemos de pó a pó; do pó que fomos ao pó que havemos de ser. Uns fazem o circulo maior, outros menor, outros mais pequeno, outros minimo: *De utero translatus ad tumulum*: mas

Job. 10.

ou o caminho seja largo ou breve ou brevissimo, como é circulo de pó a pó, sempre e em qualquer poncto da vida somos pó. Quem vai circularmente de um poncto para o mesmo poncto, quanto mais se aparta «de um lado», tanto mais se chega «para o outro, até que volta ao mesmo poncto d'onde se partiu.» O pó que foi nosso principio, esse mesmo e não outro, é o nosso fim; e porque caminhamos circularmente d'este pó para este pó, quanto mais parece que nos apartamos d'elle, tanto mais nos chegamos para elle: o passo que nos aparta «do principio, esse mesmo nos chega» para o fim; o dia que faz a vida, esse mesmo o desfaz; e como esta roda anda e desanda junctamente, sempre nos vai moendo, sempre somos pó. Assim que desde o primeiro instante da vida até o ultimo, nos devemos persuadir e assentar comnosco que não só fomos e havemos de ser pó, senão que já o somos; «porque nunca saímos d'este circulo fatal de pó a pó.»

Tudo o que vive deve tomar o nome e a definição do que foi e do que ha de ser. Exemplo da vara de Arão transformada em serpente.

«É verdade certa, ainda que pouco intendida, que tudo o que vive, é o que foi e o que ha de ser; por isso do que foi e do que ha de ser deve tomar o nome e a definição. Cito um exemplo.» No dia aprasado em que Moysés e os Magos do Egypto haviam de fazer prova e ostentação de seus poderes diante d'el-rei Pharaó, Moysés estava só com Arão de uma parte e todos os magos da outra. Deu signal o rei: mandou Moysés a Arão que lançasse a sua vara, e converteu-se subitamente em uma serpente viva e tão temerosa, como aquella de que o mesmo Moysés no deserto se não dava por seguro. Fizeram todos os Magos o mesmo: começam a saltar e ferver serpentes; porém a de Moysés investiu e avançou a todas ellas intrepida e senhorilmente; e assim vivas como estavam, sem matar, nem despedaçar, comeu e enguliu a todas. Refere o caso a Escriptura, e diz estas palavras: *Devoravit virga Aäron virgas eorum*: a vara de Arão comeu e enguliu as dos egypcios. Aqui reparo. Parece que não havia de dizer: a vara, senão a serpente. A vara não tinha bocca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engulir, nem estomago para recolher tanta multidão de serpentes: a serpente em que a vara se converteu, sim; porque era um dragão vivo, voraz e terrivel, capaz de tamanha batalha e de tanta façanha. Pois porquê diz o texto que a vara foi a que fez tudo isto e não a serpente? Porque cada um é o que foi e o que ha de ser. A vara de Moysés antes de ser serpente foi vara, e depois de ser serpente tornou a ser vara; e serpente que foi vara e ha de tornar a ser vara, não é serpente, é vara: *Virga Aaron*. É verdade que a serpente n'aquelle tempo estava viva, andava e comia e batalhava e vencia e triumphava:

Exod. 9.

mas como tinha sido vara e havia de tornar a ser vara, não era serpente, era vara.

Como a serpente chama-se vara, assim o homem se pode chamar pó. Tudo o que vive n'este mundo é o que foi e o que ha de ser.

Ah! serpentes astutas do mundo vivas e tão vivas, não vos fieis da vossa vida nem da vossa viveza: não sois o que cuidais, sois o que fostes e o que haveis de ser. Por mais que vos vejais agora um dragão coroado e vestido de armas douradas, com a cauda levantada e retorcida, açoitando os ventos, o peito inchado, as azas estendidas, o collo encrespado e soberbo, bocca aberta, dentes agudos, lingua trisulca, olhos scintillantes, garras e unhas rompentes: se esse dragão foi vara e ha de ser vara, é vara; se foi terra e ha de ser terra, é terra; se foi nada e ha de ser nada, é nada: porque tudo o que vive n'este mundo, é o que foi e o que ha de ser. Só Deus é o que é. E por isso mesmo, notae.

Porque só Deus é o que é.

Appareceu Deus ao mesmo Moysés nos desertos de Madian: manda-o que leve a nova da liberdade ao povo captivo; e perguntando Moysés quem havia de dizer que o mandava para que lhe dessem credito, respondeu Deus e definiu-se: *Ego sum qui sum*: Eu sou o que sou. Dirás que o que é te manda: *Qui est misit me ad vos*. O que é? *Qui est?* E que nome, que distincção é esta? Tambem Moysés é o que é; tambem Pharaó é o que é; tambem o povo com que ha de fallar é o que é. Pois se esse nome e essa definição toca a todos e a tudo, como a toma Deus só por sua? E se todos são o que são, e cada um é o que é, porque diz Deus, não só como attributo, senão como essencia propria da sua divindade: Eu sou o que sou? Excellentemente S. Jeronymo: «sabeis porque só Deus é o que é? Porque só Deus foi Deus e ha de ser Deus; e porque é aquelle Deus que sempre foi e ha de ser, é o que é. De todas as outras cousas não é assim. Porque ellas em toda a eternidade foram nada e mudam-se incessantemente, por isso não são o que são. E S. Gregorio, declarando o mesmo logar: só Deus póde dizer: Sou o que sou; porque só elle é immudavel: as suas creaturas que de continuo acabam de ser o que foram, e começam a ser o que não são, mais propriamente se deve dizer que não são, ou são nada: *Qui est misit me ad vos.*»

Exod. 3.

Os deuses da terra são homens; por isso são pó.

Eu bem sei que tambem ha deuses da terra: deuses na grandeza, deuses na majestade, deuses no poder, deuses na adoração e tambem deuses no nome: *Ego dixi: dii estis*. Mas se houver (que póde haver) se houver algum d'estes deuses, que cuide ou diga: Eu sou o que sou; olhe primeiro o que foi e o que ha de ser. Se foi Deus e ha de ser Deus, é Deus: eu o creio e o adoro. Mas se não foi Deus, e não ha de ser Deus; se foi pó, e ha de ser pó: faça mais caso da sua sepultura, que da

Ps. 81.

sua divindade. Assim lh'o disse e os desenganou o mesmo Deus que lhes chamou deuses: *Ego dixi: dii estis; vos autem sicut homines moriemini.* Quem foi pó e ha de ser pó, seja o que quizer e quanto quizer, é pó: *Pulvis es.*

Os vivos e os mortos como se distinguem? Aquelles são pó levantado, estes são pó caído.

IV. Ora supposto que já somos pó, e não póde deixar de ser, porque Deus o disse «e o manifesta a nossa natureza», perguntar-me-heis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós tambem o somos; em que nos distinguimos uns dos outros? «Respondo que» os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: *Hic jacet.* Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos. Não aquieta o pó, nem póde estar quedo; anda, corre, vôa por esta rua, sáe por aquella; já vai adiante, já torna atraz: tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cêga, tudo penetra, em tudo e por tudo se mette sem aquietar nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento: cái o pó; e onde o vento parou, alli fica: ou dentro da casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? E que pó e que vento é este? O pó somos nós: *Quia pulvis es*; e o vento é a nossa vida: *Quia ventus est vita mea.* Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, caíu. Os vivos, pó levantado, os mortos, pó caído: os vivos, pó com vento, e por isso vãos; os mortos, pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra.

Job. 7.

Prova-se com a historia da creação do primeiro pai. Gen. 1.

Formou Deus de pó aquella primeira estatua que depois se chamou corpo de Adão. Assim o diz o texto original: *Formavit Deus hominem de pulvere terrae.* A figura era humana e muito primorosamente delineada; mas a substancia e a materia, não era mais que pó. Chega-se pois Deus á estatua; e que fez? Assoprou-a; e tanto que o assopro deu no pó: *Factus est homo in animam viventem*: eis o pó levantado e vivo: já é homem, já se chama Adão. Ah pó! se aquietaras e pararas ahi! «Mas o pó levantado, ainda que foi pelo assopro dos labios divinos, não aquietou, nem parou um momento.» Eil-o abaixo, eil-o acima, e tanto acima e tanto abaixo, dando uma tão grande volta, e tantas voltas. Já senhor do universo, já escravo de si mesmo, já só, já acompanhado, já nú, já vestido, já coberto de folhas, já de pelles, já tentado, já vencido, já homisiado, já desterrado, já peccador, já penitente; e para maior penitencia, pae; chorando os filhos, lavrando a terra, recolhendo espinhos por fructos, suando, trabalhando, lidando, fatigando, com tantos

vaivens do gosto e da fortuna. Assim andou levantado o pó em quanto durou «a vida: a vida durou muito; porque n'aquelle tempo era mais larga»; mas alfim parou. E que lhe succedeu no mesmo tempo a Adão? *Ventus est vita mea:* o que succede ao pó. Assim como o vento o levantou, o sustinha; tanto que o vento parou, caíu. Este foi o primeiro pó, o primeiro vivo e o primeiro condemnado á morte; e esta é a distincção que ha dos vivos aos mortos.

Dous mementos ao pó.

V. À vista d'esta distincção tão verdadeira e d'este desengano tão certo, que posso eu dizer ao nosso pó, senão o que lhe diz a Egreja *Memento homo?* Sim, *Memento* direi ao pó levantado, e *Memento* ao pó caído: *Memento* ao pó que somos, e *Memento* ao pó que havemos de ser: *Memento* ao pó que me ouve, e *Memento* ao pó que me não póde ouvir.

Lembre-se o pó levantado que ha de ser pó caído. A estatua de Nabuco e a pedra do pintor. Reparo de Sancto Agostinho.

Digo «primeiro» que se lembre o pó levantado que ha de ser pó caído. Levanta-se o pó com o vento da vida e muito mais com o vento da fortuna; mas lembre-se que o vento da fortuna, não póde durar mais que o vento da vida, e que póde durar muito menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca póde chegar a ser bonança: o vento da fortuna se cresce póde chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue n'ella a mesma vida. Pó levantado, lembra-te outra vez, que has de ser pó caído e que tudo ha de caír e ser pó comtigo. Estatua de Nabucco, ouro, prata, bronze; lustre, riqueza, fama, poder; lembra-te que tudo ha de caír de um golpe, e que então se verá o que agora não queremos ver, que tudo é pó e pó de terra. Eu não me admiro, senhores, que aquella estatua em um momento se convertesse toda em pó; era imagem de homem, isso bastava. O que admira, e admirou sempre é, que se convertesse, como diz o texto, em pó de terra: *In favillam aestivae areae.* A cabeça da estatua não era

Dan. 2.

de ouro? Pois porque se não converte o ouro em pó de ouro? O peito e os braços não eram de prata? Porque se não converte a prata em pó de prata? O ventre não era de bronze e o demais de ferro? Porque se não converte o bronze em pó de bronze e o ferro em pó de ferro? Mas o ouro, a prata, o bronze, o ferro, tudo em pó de terra? Sim, tudo em pó de terra. Cuida o illustre desvanecido que é de ouro; e todo esse resplandor em caíndo ha de ser pó e pó de terra. Cuida o rico inchado que é de prata; e toda essa riqueza em caíndo ha de ser pó e pó de terra. Cuida o robusto que é de bronze, cuida o valente que é de ferro, um confiado, outro arrogante; e toda essa fortaleza e toda essa valentia em caíndo ha de ser pó e pó de terra: *In favillam aestivae areae.* A pedra que desfaz em pó «esse ouro, essa

prata, esse bronze e esse ferro» é a pedra d'aquella sepultura. Aquella pedra é como a pedra do pintor, que móe todas as côres e todas as desfaz em pó. Desengane-se a escarlata mais fina, mais alta e mais coroada, e desenganem-se d'ahi abaixo todas as côres; que todas se hão de moer n'aquella pedra e desfazer em pó; e, o que é mais, todas em pó da mesma côr. Na estatua o ouro era amarello, a prata branca, o bronze verde, o ferro negro: mas tanto que a tocou a pedra, tudo ficou da mesma côr, tudo da côr da terra: *In favillam aestivae areae*. O pó levantado poz differença nas côres. Porém a morte como vingadora de todos os aggravos da natureza a todas essas côres faz da mesma côr: para que não distinga a vaidade e a fortuna os que fez iguaes a razão. Abri aquellas sepulturas, diz Agostinho, e vêde qual é alli o senhor e qual o servo: qual é alli o pobre e qual o rico. Distingui-me alli, se podeis, o valente do fraco, o formoso do feio, o rei coroado de ouro, do escravo de Argel carregado de ferro. Distinguil-os? Conheceil-os? Não por certo. O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o senhor e o escravo, o principe e o cavador, o allemão e o ethiope, todos alli são da mesma côr. Passa Sancto Agostinho da sua Africa á nossa Roma; e pergunta assim: onde estão os consules romanos? Onde estão aquelles imperadores e capitães famosos que desde o capitolio mandavam o mundo? Que se fez dos Cesares e dos Pompeos? Dos Marios e dos Syllas? Dos Scipiões e dos Emilios? Os Augustos, os Claudios, os Tiberios, os Vespasianos e os Trajanos, que é d'elles? Tudo pó, tudo cinza: não resta de todos elles outra memoria mais que os poucos versos das suas sepulturas: *Nunc in paucis versibus eorum memoria est*. Meu Agostinho, tambem esses versos que se liam então, já os não ha: apagaram-se as lettras; comeu o tempo as pedras: tambem as pedras morrem: *Mors etiam saxis nominibusque venit*.

Apostrophe a Roma.

Oh que *Memento* esse «para a nobilissima metropoli onde prégo.» Já não digo como até agora: Lembra-te, homem, que és pó levantado e has de ser pó caído. O que digo é: Lembra-te, Roma, que és pó levantado e és pó caído junctamente. Olha, Roma, d'aqui para baixo, e ver-te-has caída e sepultada debaixo de ti: olha, Roma, de lá para cima, e ver-te-has levantada e pendente em cima de ti; a cidade sobre as ruinas, o corpo sobre o cadaver, a Roma viva sobre a morta. Que cousa é Roma senão um sepulcro de si mesma? Em baixo as cinzas, em cima a estatua; em baixo os ossos, em cima os vultos. Este vulto, esta majestade, esta grandeza, é a imagem e só a imagem do que está debaixo da terra. Ordenou a Providencia di-

vina que Roma fosse tantas vezes destruida e depois edificada sobre suas ruinas «para que tivesse sempre diante dos olhos no cadaver de si mesma, o fim das grandezas d'este mundo.» Que é Roma levantada? «A metropoli do mundo christão.» Que é Roma caida? «O cadaver do mundo pagão.» E esses pedaços de Thermas e Colisseus, e essas columnas, essas agulhas desenterradas pódem ser outra cousa senão os ossos rotos e troncados d'esse grande cadaver? Oh que sisuda seria esta grande metropoli se considerasse com attenção na sua ossada!» Nabuco depois de ver a estatua convertida em pó, edificou outra estatua. Louco, que é o que te disse o propheta? Tu, rei, és a cabeça da estatua: *Tu rex es caput*. Pois se tu ès a cabeça e estás vivo, olhe a cabeça viva para a cabeça defuncta: olhe a cabeça levantada para a cabeça caida; olhe a cabeça para a caveira. Oh se Roma fizesse o que não soube fazer Nabuco! Teria por certo menos logar a vaidade e maior materia o desengano. Isto fui e isto sou. N'isto parou a grandeza d'aquelle immenso todo, de que hoje sou tão pequena parte? N'isto parou. E o peior é, Roma minha (se me dás licença para que t'o diga) que não has de parar só n'isso. Este destroço e estas ruinas que vês tuas, não são as ultimas: ainda te espera outra antes do fim do mundo, prophetizada nas Escripturas. Aquella Babylonia de que falla S. João, quando diz no Apocalypse: *Cecidit, cecidit Babylon* «se refere a ti não pelo que hoje és, senão pelo que has de ser.» Assim o intendem S. Jeronymo, Sancto Agostinho, Sancto Ambrosio, Tertulliano, Eumenio, Cassiodoro e outros padres, a quem seguem concordemente interpretes e theologos, como Bellarmino, Suarez e Cornelio a Lapide. Roma a espiritual é eterna: porque *Portae inferi non praevalebunt*. Mas Roma a temporal sujeita está como as outras metropoles das monarchias; e não só sujeita, mas condemnada á catastrophe das cousas mudaveis e aos eclypses do tempo. «Logo ó Roma» nas tuas ruinas vês o que foste, nos teus oraculos lês o que has de ser; e se queres fazer verdadeiro juizo de ti mesma, pelo que foste e pelo que has de ser, estima o que ès. No passado foste pó? No futuro has de ser pó? Logo no presente és pó: *Pulvis es*.

Matth. 16.

Lembre-se o pó caido que se ha de levantar novamente.

Lembre-se o pó levantado que ha de ser pó caido, disse eu primeiro aos vivos. Lembre-se o pó caido que se ha de levantar novamente, direi em segundo logar aos mortos. Ninguem morre para estar sempre morto; por isso a morte nas Escripturas se chama somno. Os vivos caem em terra com o somno da morte; os mortos jazem na sepultura dormindo sem movimento nem sentido aquelle profundo e dilatado lethargo: mas quan-

do o pregão da trombeta final os chamar a juizo, todos hão de acordar e levantar-se outra vez. Então dirá cada um com David: *Ego dormivi et soporatus sum et exsurrexi.* Lembre-se pois o pó caído que ha de levantar-se novamente.

Ps. 3.

Este segundo *memento* é muito mais terrivel que o primeiro. Morrerei no meu ninho, disse Job, e como phenix multiplicarei os meus dias: *In nidulo meo moriar, et sicut phoenix multiplicabo dies meos*[1]. Os dias somma-os a vida, diminui os a morte e multiplica-os a resurreição. Por isso Job, como vivo, como morto e como immortal, se compara á phenix. Bem podera este grande heroe, pois chamou ninho á sua sepultura, comparar-se á rainha das aves, como rei que era. Mas fallando de si e comnosco n'aquella medida em que todos somos iguaes, não se comparou á aguia senão á phenix; porque a aguia morta foi aguia e não ha de tornar a ser aguia; mas a phenix morta foi phenix e ha de tornar («como se cria») a ser phenix. Assim és tu que jazes n'essa sepultura: morto sim, desfeito em cinzas sim, mas como a phenix. A phenix desfeita em cinzas, porque foi phenix, ha de tornar a ser phenix. E tu desfeito tambem em cinzas, porque foste homem, has de tornar a ser homem. Todos nascemos para morrer; e todos morremos para resuscitar. Para nascer antes de ser tivemos necessidade de pae e mãe que nos gerasse: para renascer depois de morrer, o mesmo pó em que se corrompeu e desfez o nosso corpo, é o pae e a mãe, de que havemos de tornar a ser gerados: *Putredini dixi: Pater meus es, mater mea et soror mea vermibus.* Sendo pois igualmente certa esta segunda metamorphose como a primeira, préguemos tambem aos mortos, como prégou Ezechiel para que nos ouçam mortos e vivos. «*Ossa arida audite verbum Domini.* E qual é a palavra do Senhor que os ossos seccos hão de ouvir? *Haec dicit Dominus ossibus his: Ecce ego intromittam in vos spiritum et vivetis.* Isto diz o Senhor a estes ossos: eis ahi vou eu a introduzir em vós o espirito e vivereis.»

Memento mais terrivel. A phenix e o homem.

Job. 29.

Idem. 17.

Ezech. 37.

Senhores meus, não seja isto ceremonia: fallemos muito seriamente; que o dia é d'isso. Ou cremos que somos immortaes, ou não. Se o homem acaba com o pó, não tenho que dizer: mas se o pó ha de tornar a ser homem; como vivemos tão des-

Que effeito faz nos homens a fé da resurreição e da immortalidade.

[1] É assim que os antigos Padres gregos liam este logar de Job para affirmar e illustrar com elle a fé da resurreição. E segundo este modo de traduzir passou o mesmo sentido para as antigas biblias latinas e foi prégado tambem pelos padres latinos S. Clemente romano, Tertulliano, Sancto Ambrosio e outros. A vulgata lê: *Sicut palma multiplicabo etc.*

(NOTA DO COMPILADOR).

cuidados da immortalidade? Eu não temo hoje o dia «da morte», temo o dia da «resurreição»; temo, porque sei que hei de viver para sempre, porque sei que me espera uma eternidade ou no céu, ou no inferno. Este homem, este corpo, estes ossos, esta carne, esta pelle, estes olhos, este eu, e não outro, é o que ha de «resuscitar»: *Credis hoc? Utique, Domine.* Pois que effeito faz em nós «esta fé da resurreição e da immortalidade?»

Joan. 2.

Os homens não vivem nem como mortaes nem como immortaes.

Quando considero na vida que se usa, acho que nem vivemos como mortaes, nem vivemos como immortaes. Não vivemos como mortaes; porque tractamos das cousas d'esta vida como se esta vida fôra eterna: não vivemos como immortaes, porque nos esquecemos tanto da vida eterna, como se não houvera tal vida. Se essa vida fôra immortal e nós immortaes, que haviamos de fazer, senão o que fazemos? Estae commigo. Se Deus assim como fez um Adão, fizera dous, e o segundo fôra mais sisudo que o nosso, nós haviamos de ser mortaes, como somos; e os filhos do outro haviam de ser immortaes. E estes homens immortaes que haviam de fazer n'este mundo? Isto mesmo que nós fazemos. Depois que não coubessem no paraizo e se fossem multiplicando, haviam-se de extender pela terra: haviam de conduzir de todas as partes do mundo todo o bom, precioso e deleitoso que Deus para elles tinha creado: haviam de ordenar cidades e palacios, quintas, jardins, fontes, delicias, banquetes, representações, musicas, festas e tudo aquillo que podesse formar uma vida alegre e deleitosa. Não é isso o que nós fazemos? E muito mais do que elles haviam de fazer: porque o haviam de fazer com justiça, com razão, com modestia, com temperança, sem luxo, sem soberba, sem ambição, sem inveja e com concordia, com caridade, com humanidade. Mas como se ririam então e como pasmariam de nós aquelles homens immortaes! Como se ririam das nossas loucuras, como pasmariam da nossa cegueira, vendo-nos tão occupados, tão sollicitos, tão desvelados pela nossa vidazinha de dous dias e tão esquecidos e descuidados da morte, como se foramos tão immortaes como elles! Elles sem dôr, sem infermidade; nós infermos e gemendo: elles vivendo sempre; nós morrendo: elles não sabendo o nome á sepultura; e nós enterrando uns a outros: elles gosando o mundo em paz; e nós fazendo demandas e guerras pelo que não havemos de gosar. Homemsinhos miseraveis, haviam de dizer, homemsinhos miseraveis, loucos, insensatos, não vêdes que sois mortaes? Não vêdes que haveis de acabar ámanhã? Não vêdes que vos hão de metter debaixo de uma sepultura; e que de tudo quanto andais afanando e adquirindo, não haveis de lograr mais que septe pés de terra? Que

doidice e que cegueira é logo a vossa? Não sendo como nós, quereis viver como nós? Assim é: morremos como mortaes que somos, e vivemos como se foramos immortaes.

Devemos tractar d'esta vida como mortaes e da outra como immortaes. A morte é a cousa mais terrivel.

VI. Ora, senhores, já que somos christãos, já que sabemos que havemos de morrer e que somos immortaes, saibamos usar da morte e da immortalidade. Tractemos d'esta vida como mortaes, e da outra como immortaes. Póde haver loucura mais rematada que empregar-me todo na vida que ha de acabar e não tractar da vida que ha de durar para sempre? Cançar-me, affligir-me, matar-me pelo que forçosamente hei de deixar; e do que hei de lograr ou perder para sempre não fazer nenhum caso! Tantas diligencias para esta vida; nenhuma diligencia para a outra vida! Tanto medo, tanto receio da morte temporal; e da eterna nenhum temor! Mortos, mortos, desenganae estes vivos! Dizei-nos, que pensamentos e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e saistes pelas portas da morte? A morte tem duas portas: uma porta de vidro, por onde se sai da vida; outra porta de diamante, por onde se entra á eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte sem poder tornar a traz, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar por onde não sabe e para sempre. Oh que transe tão apertado! Oh que passo tão estreito! Oh! que momento tão terrivel! Quem disse que entre todas as cousas terriveis a mais terrivel é a morte, disse bem; mas não entendeu o que disse. Não é terrivel a morte pela vida que acaba, senão pela eternidade que começa. Não é terrivel a porta por onde se sai; é terrivel a porta por onde se entra. Se olhais para cima, uma escada que chega até ao céu; se olhais para baixo, um precipicio que vai parar no inferno! Oh que momento, torno a dizer, oh que passo, oh que transe tão terrivel! Oh que temores! Oh que affiicção! Oh que angustias! Tudo o que alli dá pena é tudo o que n'esta vida deu gosto, e tudo o que buscámos por nosso gosto muitas vezes com tantas penas. Nenhum homem ha n'aquelle poncto que não desejara muito uma de duas: ou não ter nascido, ou tornar a nascer de novo para fazer uma vida muito differente. Mas já é tarde, já não ha tempo: *Quia tempus non erit amplius.*

Aristoteles

Apoc. 10.

Conclusão. Estamos em tempo de remediar o mal. Como havemos de remedial-o.

Christãos e senhores meus, por misericordia de Deus ainda estamos em tempo. É certo que todos caminhamos para aquelle passo: é infallivel que todos havemos de chegar; e todos nos havemos de ver n'aquelle terrivel momento; e póde ser que muito cedo. Julgue cada um de nós se será melhor arrepender agora, ou deixar o arrependimento para quando não tenha lo-

gar, nem seja arrependimento. Deus nos avisa, Deus nos dá estas vozes: não deixemos passar esta inspiração, que não sabemos se será a ultima! Se então havemos de desejar em vão começar outra vida, começemol-a agora: *Dixi nunc coepi.* Comecemos de hoje em deante a viver como quereremos ter vivido na hora da morte. Vive assim como quizeras ter vivido quando morrás. Resolução, uma vez; que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos «na alma.» De vinte e quatro horas que tem o dia, porque se não dará uma hora á triste alma? Esta é a melhor devoção e mais util penitencia e mais agradavel á Deus, que podeis fazer n'esta quaresma. Tomar uma hora cada dia em que só por só com Deus e comnosco cuidemos «na alma, meditando e perguntando cada um á sua consciencia:» quanto tenho vivido? Como vivo? Quanto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo.*

Ps. 96.

(Ed. ant. tom. 1.°, col. 87, ed. mod. tom. 2.° pag. 330)

II. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Em Roma, na egreja de Sancto Antonio dos Portuguezes, no anno de 1673, aos 15 de Fevereiro, dia da trasladação do Sancto.

Observação do Compilador—Este sermão tem primeira e segunda parte conforme o estylo dos sermões italianos; e pode servir de modelo para tal modo de prégar. Repare-se na arte admiravel com que as duas partes são no mesmo tempo acabadas em si e correlativas. É tambem digna de reparo a naturalidade com que o orador inseriu no fim da primeira os louvores de Sancto Antonio.

Pulvis es, et in pulverem reverteris.
GEN. 3.

Bebida medicada com dous pós venenosos, e tornada salutifera.

Notavel foi o caso succedido em tempo do imperador Valente. Quiz uma inimiga domestica tirar a vida com veneno ao senhor da casa; e depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando ainda se teriam bastante efficacia, para segurar melhor o effeito mandou buscar outros. Vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora, bebe o innocente marido; mas quando ella esperava que caisse subitamente morto, elle ficou tão vivo e sem lesão como d'antes. Admiravel acontecimento! A guerra que aquelles pós haviam de fazer ao coração, fizeram-na entre si, e em vez de matar, mataram-se: os segundos pós foram correctivos dos primeiros.

Os dous pós do texto são de tal natureza que se nós quizermos, o pó que somos é remedio do pó que seremos.

Taes são os dous pós com que hoje a Egreja nos ameaça a sentença universal de Adão: *Pulvis es*, um pó: *et in pulverem reverteris*, outro pó: ambos mortaes, ambos venenosos: mas de tal maneira que «se nós quizermos, em a nossa mão está que um seja a triaga e o correctivo do outro, e n'esta feliz combinação conservem a vida espiritual.» Isto é o que determino prégar hoje. «Digo que se nós quizermos intender e applicar

como convem o pó que somos, *pulvis es*; teremos o remedio mais efficaz do pó que havemos de ser: *in pulverem reverteris*: e mais claramente: se soubermos desde agora morrer ao mundo e assim viver como mortos, no fim da nossa vida não temeremos a morte.» Para que vós e eu saibamos intender esta verdade como convem, não por ceremonia (que não é dia d'isso) senão muito de coração peçamos a assistencia da divina graça. *Ave Maria.*

Para não temer a morte deve-se viver como morto. Verdade ensinada até pelos gentios.

II. *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* Homem christão, com quem falla a Egreja, és pó e has de ser pó; que remedio? Fazer que um pó seja correctivo do outro. Sê desde logo o pó que és, não temerás depois o pó que has de ser. Sabeis, senhores, porque tememos o pó que havemos de ser? É porque não queremos ser o pó que somos. Pois não é melhor que faça desde logo a razão, o que depois ha de fazer a natureza? Não sei se intendestes todos a metaphora: quer dizer mais claramente que o remedio unico contra a morte é «desapegar o coração das vaidades e prazeres do mundo; e assim morrer ao mundo com o affecto antes de morrer effectivamente». Este é o meu pensamento; e envergonho-me, sendo um pensamento tão christão, que o dissesse primeiro um gentio. *Considera quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem; deinde expectare securum reliquam temporis partem.* Lucilio meu, diz Seneca escrevendo de Roma a Sicilia, Lucilio meu, considera com attenção o que agora te direi, e toma um conselho que te dou, como mestre e como amigo: se queres morrer seguro e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte. Oh grande e profundo conselho, merecedor verdadeiramente de melhor auctor e digno de ser abraçado de todos os que tiverem fé e intendimento! *Consummare vitam ante mortem*: acabar a vida antes de morrer; e ser pó por eleição, antes de ser pó por necessidade. Isto disse e ensinou um homem gentio: porque para conhecer esta verdade não é necessario ser christão: basta ser homem: *Memento homo.*

Prova-se com o Apocalypse (c. 14) segundo o commento de S. Ambrosio.

Suba agora a fé sobre a razão, venha a auctoridade divina sobre a humana; e ouçamos o que diz o céu á terra: *Audivi vocem de coelo dicentem mihi: Scribe: beati mortui qui in Domino moriuntur.* Ouvi, diz S. João, uma voz do céu que me dizia e me mandava escrever esta sentença: bemaventurados os mortos que morrem em o Senhor. Celestial oraculo, mas difficultoso! Argúi e pergunta St.° Ambrosio: que morto ha que possa morrer? Nenhum: *Quis mortuus mori potest? Nullus procul dubio.* Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte. Quem morreu, já não pode morrer outra vez. São sujeitos á morte os

principes, os reis, os monarchas: só os mortos, depois que uma vez lhe pagaram o tributo, ficaram isentos de sua jurisdicção. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente á sepultura *Mortis asylum*, asylo e sagrado da morte. Contra a alçada da morte nem o Vaticano é sagrado, mas a sepultura sim; porque os mortos já não podem morrer. Como diz logo a voz do céu a S. João: Bemaventurados os mortos que morrem em o Senhor? que mortos são esses? Responde o mesmo St.º Ambrosio: são aquelles mortos que morreram ao mundo: *Illi sunt beati et illi in Domino moriuntur, qui prius moriuntur mundo, postea carne.* Estes são os mortos que morrem em o Senhor: estes são os que a voz do ceu canoniza por bemaventurados.

Quanto importa esta verdade.

Senhores meus, o dia é de desenganos, morrer em o Senhor, ou não morrer em o Senhor, haver de ser bemaventurado ou não haver de ser bemaventurado, é o poncto unico a que se reduz toda esta vida e todo este mundo, todas as obras da natureza e todas as da graça, tudo o que somos e tudo o que havemos de ser: porque é salvar ou não salvar. Este é o negocio de todos os negocios, este é o interesse de todos os interesses, esta é a importancia de todas as importancias: porque este é o meio de todos os meios e o fim de todos os fins: morrer em graça e segurar a bemaventurança. E se me perguntardes: Essa bemaventurança e esse seguro e essa graça, porque a não promette a voz do céu aos vivos, senão aos mortos que morrem no Senhor: *Beati mortui qui in Domino moriuntur;* a razão verdadeira e natural e provada com a experiencia de todos os que viveram e morreram, é, porque aquelles que morrem «no fim da vida ao seu corpo e não morreram antes ao mundo» hão de contrastar com todos os perigos e com todas as difficuldades da morte que os tira do mundo (que é cousa muito arriscada n'aquella hora): porém os que «já morreram ao mundo», levam vencidos e superados todos esses perigos e todas essas difficuldades; porque na primeira morte desarmaram e venceram a segunda.

Tres cousas fazem terrivel a condição da morte.

Tres cousas (dividimos o discurso para que declaremos e acertemos bem este poncto), tres cousas fazem duvidosa, perigosa e terrivel a morte: ser uma, ser certa, ser momentanea: estas são as tres gargantas por onde o inferno engole o mundo. E de todas estas difficuldades e perigos se livra seguramente o, quem? Quem não guarda para a morte «o morrer ao mundo.»

A primeira condição da morte é ser uma. *Hebr.* 9. *Gen.* 7.

III Primeiramente é terrivel e terribilissima condição da morte ser uma. *Statutum est hominibus semel mori:* hei de morrer uma só vez. A lei geral de Adão diz: morrerás: *Morte morieris.* A glossa de S. Paulo accrescenta: uma vez: *Semel.* E sen-

do a lei tão temerosa, muito mais terrivel é a glossa que a mesma lei. Os males d'esta vida, quanto mais se multiplicam, tanto são maiores. Porém o maior mal da morte é não se poder multiplicar. Se a unidade da morte se multiplicara, e se podera morrer mais de uma vez, appellara-se de uma para a outra. Quando David saiu a desafio com o gigante metteu cinco pedras no surrão: porque se errasse a primeira pedrada, podesse appellar para as outras pedras. Todos havemos de sair a desafio com este gigante, com este Golias da morte: mas o vencer ou não vencer está em um só tiro. O que se erra em uma batalha pode-se emendar na outra; e o que se perdeu em uma derrota, pode-se recuperar em uma victoria: só a morte é aquella em que não é licito errar duas vezes. *Ergo erravimus*: emfim errámos, diziam depois de mortos aquelles que tinham dicto pouco antes: *Coronemus nos rosis antequam marcescant*: coroemo-nos de rosas antes que se murchem. Pois se errastes, porque não emendais o erro? Porque já não é tempo; somos mortos; e para a morte não ha remedio: quem a errou uma vez, errou-a para sempre. A transmigração d'este mundo para o outro não é como «a sonhada por» Pithagoras. Se a alma depois de viver em um corpo, podera animar outro; se depois de o homem morrer a primeira vez em um ladrão, podera morrer a segunda em um anachoreta; a morte teria remedio: mas quem uma vez morreu Judas, não lhe resta outra para morrer Paulo. Uma só morte, ou boa para sempre, ou má para sempre: *Semel*.

Sap. 5.

Os que morreram ao mundo zombam d'esta condição.

Não ha duvida que é terrivel condição esta da morte. Mas para quem é terrivel? Para quem «só deixa o mundo» quando morre. Porém quem «o deixa» antes de morrer, zomba d'essa condição e ri-se d'essa terribilidade. Que se me dá a mim que a morte seja uma, se eu posso fazer que sejam duas? A morte não tem remedio depois; mas tem remedio antes. A morte é um termo que se não pode passar da parte d'além; mas pode-se antecipar da parte d'aquem. Por lei e por estatuto hei de morrer uma vez; mas na minha mão e na minha eleição, está morrer duas: «morrendo antes ao mundo, e depois ao meu corpo»; e este é o remedio. Nenhuma cousa se faz bem da primeira vez: quanto mais a maior de todas que é morrer bem. Reparo é digno de toda a admiração, que sendo tantas as meditações da morte e tantos os espertadores d'este desengano, sejam tão poucos os que sabem morrer. Mas a razão d'esta experiencia e d'esta desgraça é, porque as artes ou sciencias practicas não se apprendem só especulando, senão exercitando. Como se apprende a escrever? Escrevendo. Como se apprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se apprende a navegar? Navegando. Assim tam-

bem se ha de apprender a morrer, não só meditando, mas morrendo.

A morte segunda dos condemnados.

O inferno e a condemnação eterna (que é o paradeiro dos que morrem mal) chama-se no Apocalypse morte segunda. E faz menção alli S. João de certas almas em que a morte segunda não tem poder: *In his secunda mors potestatem non habet.* E que almas venturosas são estas em que não tem poder a morte segunda? Todos, em quanto estamos sujeitos á morte primeira, que é morte temporal, estamos tambem arriscados á morte segunda, que é morte eterna; porque todos nos podemos condemnar e ir ao inferno. Que almas são logo estas tão privilegiadas que totalmente se isentam do poder e jurisdicção da morte segunda? São as almas d'aquelles que com verdadeira resolução e perseverança souberam acabar a vida antes da morte e morrer «ao mundo antes que a morte os tirasse do mundo». Ditosos aquelles que, para evitar o perigo da morte segunda, souberam metter outra morte antes da primeira. Christãos e senhores meus, se quereis morrer bem (como é certo que quereis) não deixeis o morrer ao mundo para a ultima infermidade e para «o leito da morte»: morrei na saude e em pé: e se quizerdes para esta grande empreza um corpo ou jeroglyphico natural notado por auctor divino e canonico, eu vol-o darei.

Apoc. 20.

As arvores mortas duas vezes nos ensinam o que devemos fazer.

Foi notar S. Judas Thadeu n'aquella sua admiravel epistola que as arvores morrem duas vezes: *arbores autumnales infructuosae, bis mortuae.* A primeira vez morrem as arvores em pé, a segunda deitadas: a primeira quando se seccam, a segunda quando caem. Assim hão de morrer os homens para morrer bem. Na arvore, em quanto lhe dura a vida ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidade. Morre finalmente a arvore com o tempo a primeira vez; e d'aquelle corpo tão formoso e vario que vestiam as folhas, que guarneciam as flores, que enriqueciam os fructos, não se vê mais que um cadaver secco, triste e destroncado. N'este despojo de tudo que tinha ido, presa ainda pelas raizes e sustentando-se na terra, mas ão da terra, espera a arvore em pé a ultima caida; e esta é segunda morte, com que de todo acaba. Assim ha de morrer uas vezes, quem quer morrer bem. Quantas primaveras teem assado por nós, quantos verões e quantos outonos, e pode er que com menos fructo que folhas e flores! O que fazem os nnos nas arvores, bem o poderam já ter feito em muitos de s os mesmos annos. E é bem que a razão e o desengano o ça em todos, pois são mais fracas as nossas raizes. Espereos mortos pela morte; e esperemol-a em pé antes que ella s deite na sepultura. Oh ditosa sepultura a d'aquelles na qual

Jud. 12.

se possa escrever com verdade o epitaphio vulgar do grande Escoto: *Semel sepultus, bis mortuus*: uma vez sepultado e duas morto.

A segunda condição da morte é ser incerta.

IV. Vencida assim esta primeira difficuldade de ser a morte uma, segue-se a segunda não menos perigosa, nem menos terrivel, que é o ser incerta. Certa a morte, porque certa e infallivelmente havemos de morrer; mas n'essa mesma certeza incerta; porque ninguem sabe o quando. Repartimos a vida em edades, em annos, em mezes, em dias, em horas; mas todas estas partes são tão duvidosas e tão incertas, que não ha edade tão florente, nem saude tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro. Perplexo no meio d'esta incerteza e temeroso d'ella David, fez esta petição a Deus: *Notum fac mihi Domine finem meum et numerum dierum meorum; ut sciam quid desit mihi*: Senhor, não vos peço larga vida, mas esses dias poucos ou muitos que hei de viver, peço-vos que me digais quantos são, para saber o que me resta. Assim o pedia David: mas é a lei da incerteza da morte tão indispensavel, que nem a David o concedeu Deus. Era David aquelle homem que com verdade dizia de si: *Incerta et occulta sapientiae tuae manifestasti mihi*; e manifestando-lhe Deus os seus segredos e as outras cousas mais incertas e occultas de sua providencia, só o incerto e occulto de sua morte lhe não quiz revelar. Tão reservado é só para Deus o certo d'esta incerteza da morte.

Ps. 38.

Ibid. 30.

Foi incerta ainda para S. Pedro, não obstante a revelação de que em breve havia de morrer.

2. *Petr.* 1.

E para que o vejais melhor, reparae no que diz S. Pedro na sua segunda epistola. Estou certo que hei de morrer brevemente; porque assim m'o significou o mesmo Christo: *Certus sum quia velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi.* Apostolo e pontifice sancto, a brevidade d'essa mesma morte, de que estais tão certo, saber-nos-heis dizer quão breve ha de ser? Se será n'este anno ou no seguinte? Se será n'este mez ou em algum dos outros? Se será n'este mesmo dia, n'esta mesma hora e n'este mesmo logar em que estais escrevendo? Nada d'isto podia dizer nem affirmar S. Pedro; porque debaixo d'aquella certeza particular, significada e declarada por Christo, estava ainda encoberta e duvidosa e egualmente infallivel aquella outra incerteza geral pronunciada pelo mesmo Christo: *Quia nescistis diem neque horam.* De sorte que sabia S. Pedro que havia de morrer brevemente; mas o quando e onde não o sabia: estava certo da morte e da brevidade, mas do dia e da hora não estava certo; e esta é a incerteza da morte, com que se acaba a vida do nosso corpo.

Matth. 25.

Porém a morte «com que morremos ao mundo» é tão certa em si e em todas as suas circumstancias, que se eu me resolvo n'este poncto (como devo resolver), não só sei com certeza o logar e o dia, senão com certeza a hora e com certeza o momento em que «morri ao mundo». E a razão d'esta differença é, que o quando d'aquella morte está «sómente» em Deus, e o quando d'est'outra está «junctamente» em mim. Aquelle está «sómente» em Deus, porque depende só da sua vontade: este «junctamente» está em mim, porque com a graça do mesmo Deus, que nunca falta, depende da minha vontade. Ditosa resolução! Ditosa morte! Agora me não espanto que Deus não deferisse á petição de David: porque o despacho, na parte que lhe aproveitava, se elle quizesse, estava na sua mão. Que dizia David e que pedia a Deus? Pedia que Deus lhe revelasse o fim da sua vida: *Notum fac mihi, Domine, finem meum.* E para David, ou qualquer outro homem, sem ser propheta saber o «seu» fim «com proveito de sua alma», não é necessario que Deus lhe revele «a hora de sua morte, mas que elle ponha fim á sua vida mundana.» Então será verdadeiramente fim seu; porque será livre e não necessario, será voluntario e não forçoso, será de sua eleição e de seu merecimento; será fim de sua vida e não da vida que não é sua; porque só é sua a presente e não a futura. «Assim é que cada um de nós pode tornar certo o fim de sua vida».

Quem morre ao mundo não sente esta incerteza.

Ouvi a S. Paulo: *Ego curro non quasi in incertum*: eu passo a carreira da vida como os outros homens; mas não corro como elles ao incerto, senão ao certo. Allude o Apostolo aos jogos d'aquelle tempo em que os contendores corriam até certa baliza ou meta, incertos de quem havia de chegar primeiro ou depois. A meta é a morte, a carreira é a vida. E porque diz S. Paulo que elle corria ao certo e não ao incerto, como os demais? Porque os demais acabavam a carreira quando chegavam á meta; Paulo antes de chegar á meta tinha já acabado a carreira. Os demais acabam a vida, quando chegam á morte; Paulo tinha acabado a vida antes de morrer. O mesmo Apostolo o disse «em outro logar usando» da mesma metaphora: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi:* já tenho vencido o certame, já tenho acabado a carreira. Já? Para bem vos seja, apostolo sagrado: mas quando? Aqui está a duvida. Disse isto S. Paulo na segunda epistola que escreveu a Timotheo; a qual (como nota o cardeal Baronio) foi escripta no anno quinto de Nero, oito annos antes que o mesmo Nero lhe tirasse a cabeça. Pois se a Paulo lhe restavam ainda tantos annos de vida e podia viver muitos mais, como diz que já tinha acabado a sua carreira,

Por isso dizia S. Paulo que não corria ao incerto. 1. *Cor.* 9.

2. *Tim.* 4.

cursum consummavi? Porque não esperou pela morte para acabar a vida; e como tanto tempo antes podia dizer com verdade *cursum consummavi;* por isso disse tambem com a mesma verdade: *Ego curro non quasi in incertum;* porque «era certo o fim que tinha posto á sua carreira.» «D'este modo», senhores, na nossa mão está fazer certo o fim da vida antes de morrer.

A terceira condição da morte é ser momentanea.

V. A ultima difficuldade e o maior perigo e aperto da morte é ser momentanea. Que cousa é a morte? É um momento d'onde pende a eternidade, ou para melhor dizer, as eternidades. O momento é um, e as eternidades, que d'elle pendem, são duas: ou de ver a Deus para sempre, ou de carecer de Deus para sempre. É uma linha indivisivel, que divide este mundo do outro mundo: é um horizonte extremo d'onde para cima se vê o hemispherio do céu e para baixo o do inferno: é um poncto preciso e resumido, em que se ajuncta o fim de tudo o que acaba e o principio do que não ha de acabar. Oh que terrivel poncto este e mais terrivel para os que n'esta vida se chamam felizes: *Ducunt in bonis dies suos, et in puncto ad infernum descendunt*. Se este poncto tivera partes, fôra menos temeroso; porque entre uma e outra pudera caber alguma esperança, alguma consolação, algum remorso, algum recurso. Mas este poncto não tem partes, nem ata ou se ata com partes; porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida ainda que não teem partes, unem-se com partes; porque unem a parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante, que se desata do tempo que foi e não se ata com o tempo que ha de ser; porque já não ha de haver tempo: *Et tempus non erit amplius.* Não vos parece que é terrivel cousa ser a morte momentanea? Não vos parece que é terrivel momento este? Pois eu vos digo que nem é terrivel, nem é momento para quem souber fazer pé atraz; porque ainda que a morte é momento e não é tempo; quem «morre ao mundo» antes de morrer «ao corpo», mette tempo entre a vida e a morte.

Job. 21.

Apoc. 10.

Comtudo o não é para quem morreu ao mundo. Exemplo de Carlos V e de um seu soldado.

Não vos quero allegar para isto com auctoridades de Jeronymo ou Agostinho; nem com exemplos dos Hilariões e Pacomios; senão com o exemplo e com a auctoridade de um homem de capa e espada; ou de espada sem capa, que é ainda mais. Entrou um soldado veterano a Carlos V e pediu-lhe licença com um memorial para deixar seu serviço e se retirar das armas. Admirou-se o imperador; e parecendo-lhe que seria descontentamento e pouca satisfação do tempo que havia servido, respondeu-lhe, chamando-o por seu nome, que elle

conhecia muito bem o seu valor e o seu merecimento; que tinha muito na lembrança as batalhas, em que se achara e as victorias que lhe ajudara a ganhar; e que as mercês que lhe determinava fazer, lh'as faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra, de fazenda. Oh venturoso soldado com tal palavra e de um principe que a sabia guardar! Mas era muito melhor e muito maior a sua ventura. Sacra e real majestade, disse, não são essas as mercês que quero, nem essas as vantagens que pretendo: o que só peço e desejo da grandeza de vossa majestade, é licença para me retirar; porque quero metter tempo entre a morte e a vida. E que vos parece que faria o Cesar n'este caso? Concedeu internecido a licença: retirou-se ao gabinete, tornou a ler o memorial do soldado e despachou-se a si mesmo. Oh soldado mais valente, mais guerreiro, mais generoso, mais prudente e mais soldado que eu! Tu até agora foste meu soldado, eu teu capitão; desde este poncto, tu serás meu capitão e eu teu soldado: quero seguir tua bandeira. Assim discorreu comsigo Carlos e assim o fez. Arrima o bastão, renuncia o imperio, despe a purpura; e tirando a corôa imperial da cabeça, «foi ganhar a ultima e maior» de todas suas victorias; porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antes que a morte o acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de Juste, metteu tempo entre a vida e a morte; e porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu sancto. Oh generoso principe e prudente general, que soubeste seguir e apprender do teu soldado! Oh valente e sabio soldado que soubeste ensinar e vencer o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo; e por isso seguraram a maior victoria, porque fizeram a seu tempo a retirada.

Exemplo de David.

Estes são os exemplos, senhores, que vos prometti. E se por ventura quereis outros mais antigos e mais sagrados, eis aqui um de David e outro de Job. Desenganado David, como vimos, de não poder alcançar de Deus o numero que lhe restava de seus dias e o fim e o termo certo de sua vida, reformou o memorial, e pediu assim nas ultimas palavras do mesmo psalmo: *Remitte mihi ut refrigerer priusquam abeam et amplius non ero.* Já que, Senhor, não sois servido que eu saiba a certeza de minha morte e os dias que na vossa Providencia me tendes determinado de vida, ao menos vos peço que me concedais algum espaço de quietação e socego em que possa metter tempo entre a vida e a morte: *Sine me refrigerari et quiescere, priusquam moriar et non existam in vivis; sic enim postea placide exibo ex hac vita et sine terroribus conscientiae, qui*

Ps. 38.

tunc exoriri solent: commenta Genebrardo. De maneira que desenganado David, mudou e melhorou de pensamento; e a sua ultima resolução foi segurar o estreito passo e momento da morte com metter tempo entre ella e a vida.

E de Job.

Quasi pelas mesmas palavras de David o tinha já dicto e pedido Job: *Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi? Dimitte me ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam et non revertar.* Os dias da minha vida, diz Job, ou eu queira ou não queira, hão-se de acabar brevemente. O que pois vos peço, Senhor, é que antes da morte me concedais algum tempo em que chore meus peccados, em que tracte só de compor a minha consciencia e apparelhar a minha alma. Vêde quão conformes foram «ambos» n'esta galharda resolução! Nenhum d'elles se atreveu a deixar a morte para a morte: ambos tractaram de ter tempo e metter tempo entre a morte e a vida.

Job. 10.

Quem era David

Mas este David e este Job que homens eram? Oh miseria e confusão de nosso descuido e de nossa pouca fé! David era aquelle homem que, sendo ungido por Deus, quiz antes perdoar a seu maior inimigo, que pôr na cabeça a coroa e empunhar o sceptro. Era aquelle que depois de ser rei tinha entre noite e dia septe horas de oração, trazendo debaixo da purpura cingido o cilicio e domando ou humilhando (como elle dizia) seu corpo com perpetuo jejum. Aquelle que dos despojos de suas victorias ajunctava thesouros, não para si e para a vaidade, senão para a fabrica do templo. Aquelle que sendo leigo ordenou o canto ecclesiastico, distinguiu os ministros, reformou as ceremonias e poz em perfeição todo o culto divino e cousas sagradas. Aquelle que, se commetteu um peccado, ainda depois de absolto e perdoado, o chorou com rios de lagrimas por todos os dias e noites de sua vida. Aquelle finalmente de quem disse o mesmo Deus que tinha achado n'elle um homem á medida do seu coração. Este era David.

E Job.

E Job quem era? O espelho da paciencia, a columna da constancia, a regra da conformidade com a vontade divina. Aquelle a quem Deus poz em campo contra todo o poder, astucias e machinas do inferno. Aquelle que na prospera e adversa fortuna com a mesma egualdade de animo recebia da mão de Deus os bens e lhe agradecia os males. Aquelle com quem nasceu e crescia junctamente com a idade a compaixão dos trabalhos alheios, a misericordia e piedade com todos. Aquelle que (como elle dizia) era os olhos do cego, os pés do manco, o pão dos orphãos, o amparo das viuvas, o remedio dos necessitados; e que nunca comeu uma fatia de pão, que não partisse d'ella com os pobres. Aquelle finalmente a quem canonizou o mesmo Deus,

não só por innocente, mas pelo maior justo e sancto de todo o mundo. Este era Job e este David e cada um d'elles muito mais do que eu tenho dicto e do que se póde dizer. Agora pergunto: e se qualquer de nós se achara com a vida de um d'estes homens, não se atrevera a esperar pela morte muito confiadamente? Se vivemos como os que vivem e como os que vemos morrer, certo é que sim. E comtudo nem David, nem Job, com tanto cabedal de virtudes, com tantos thesouros de merecimento, e o que é mais, com tantos testimunhos do céu, tiveram confiança para que os tomasse de repente o momento da morte: ambos pediram tempo a Deus para metter tempo entre a morte e a vida.

Exemplo de Sancto Antonio

Mas para que me dilato eu em buscar exemplos estranhos, quando tenho presente em sua casa e no seu dia o mais nosso e «não menos admiravel que os outros sanctos?» Acabou Sancto Antonio a vida em tempo que a edade lhe promettia ainda muitos annos, porque não tinha mais de trinta e seis. E que fez muitos dias antes? Despede-se de todas as occupações, ainda que tão sanctas e tão suas; deixa a cidade; vai-se a um deserto; e alli, só com Deus e comsigo, se dispoz muito de vagar e muito de proposito para quando o Senhor o chamasse. Verdadeiramente que nenhuma consideração me faz fazer maior conceito da morte, nem me causa maior horror d'aquelle perigoso momento, que esta ultima acção de Sancto Antonio. Que orte o fio ordinario de sua vida e que sendo a sua vida qual ra, faça mudança de vida para esperar pela morte! Dizei-me, ancto meu, que vida era a vossa? Não era a mais innocente, mais pura, a mais rigorosa? O vosso vestido não era um cicio inteiro atado com uma corda? A vossa mesa não era um erpetuo jejum e uma pobre e continuada abstinencia? A vossa ıma não era uma dura taboa ou a terra núa? Não passaveis a aior parte da noite em oração e contemplação dos mysterios vinos? Os dias não os gastaveis em prégar, em converter pecdores, em reduzir hereges? Os vossos pensamentos não eram mpre do céu e de Deus? As vossas palavras não eram raios luz e de fogo com que alumiaveis intendimentos e abrazais corações? As vossas obras não eram saude a infermos, ta a cégos, vida a mortos, finalmente prodigios e milagres upendos em testemunho da fé que prégaveis? Pois com esta la ainda fugis do mundo para um deserto? Com esta vida da vos retirais de vós para vós e para vos unirdes mais com us? Com esta vida ainda vos não atreveis a morrer? Ainda ereis acabar esta vida e fazer outra? Ainda quereis metter npo entre esta vida e a morte? Pare o discurso n'esta admi-

ração; porque nem eu sei como ir por diante, nem haverá quem deseje maior, mais apertada e mais temerosa prova de quão necessaria seja esta antecipada prevenção para quem sabe que ha de morrer e o que é morrer.

Unico antidoto contra o veneno da morte.

Este é o unico antidoto contra o veneno da morte: este é o unico e só efficaz remedio contra todos seus perigos e difficuldades: acabar a vida antes que a vida se acabe. Se a morte é terrivel por ser uma, com esta prevenção serão duas: se é terrivel por ser incerta, com esta prevenção será certa; se é terrivel por ser momentanea, com esta prevenção será tempo e dará tempo. D'esta maneira faremos da mesma vibora a triaga; e o mesmo pó que somos será o correctivo do pó que havemos de ser: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.*

SEGUNDA PARTE

Fructo do discurso.

VI. Parece-me, senhores meus, que tenho satisfeito ao meu argumento, e tanto em commum como em cada uma das suas partes demonstrado a verdade d'elle, mais pela evidencia da materia que pela força das razões, menos necessarias a um auditorio de tanto juizo e lettras. Para o que se deve colher d'esta demonstração quizera eu que subisse agora a este logar quem com differente espirito e efficacia perorasse. Mas já que hei de ser eu, ajudae-me a pedir de novo á divina bondade o favor e auxilio de sua graça, que para materia de tanto peso nos é necessaria.

Os que morrem antes do tempo que imaginam. Palavras d'elrei Ezechias e do rico do evangelho.

Tudo o que temos dicto e ouvido é o que nos ensina nas escripturas a fé, nos sanctos o exemplo e ainda nos gentios o lume da razão natural. Mas quando vejo e considero o modo com que commummente vivem os christãos e o modo com que morrem, acho que em vez de acabarmos a vida antes da morte, ainda depois da morte continuamos a vida. Parece paradoxo; mas é experiencia de cada dia. Que morto ha n'essas sepulturas, e mais nas mais altas, em quem a morte se não antecipasse á vida? Que morto ha que não esperasse e presumisse que havia de viver mais do que viveu? *Dum adhuc ordirer, succidit me.* Nós urdimos a têa, a vida a tece, a morte a corta; e quem ha, ou quem houve, a quem não sobejasse depois da morte muita parte da urdidura? É possivel, (dizia Ezechias, quando o propheta o avisou para morrer), é possivel que hei de acabar a vida no meio dos meus dias: *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi?* E quem lhe disse a este enganado rei que aquelle era o meio e não o fim dos seus dias? Disse-lh'o a sua imagi-

Isai. 38.

nação e a sua esperança. Cuidava que havia de viver oitenta annos e a morte veio aos quarenta. Eis-aqui como continuava e extendia a vida, quarenta annos além da morte. Quantos estão já debaixo da terra que ainda lhes faltam por viver muitos annos? Ouçamos a um d'estes: *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos;* alma minha, tens muitos bens para muitos annos; *comede, epulare, bibe:* leva-te boa vida, regala-te, gasta largamente e a teu prazer; já que tiveste tão boa fortuna. Não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouviu uma voz que lhe dizia: *Stulte, hac nocte animam tuam repetent a te:* nescio, ignorante, insensato, este dia que passou foi o ultimo de tua vida; e n'esta mesma noite has-de morrer. Morreu n'aquella mesma noite e os muitos annos que se promettia de vida, que foi feito d'elles? Ainda se continuavam e foram correndo em vão depois da sua morte. Verdadeiramente nescio, e peior que nescio, *stulte:* os annos de que fazias conta não eram teus; e os bens que eram teus serão de outrem. Mas ainda que os annos não foram teus para a vida, serão teus para a conta: por que has de dar conta a Deus do modo com que querias viver. Quanto melhor conselho fôra acabar antes da morte os annos que viveste para o remedio, que continuar depois da morte os annos que não viveste para o castigo.

A nossa alma deve fazer com o corpo o concerto de Elias quando fugia de Jezabel.

Quem haverá logo, se tem juizo, que se não persuada a um tão justo, tão necessario e tão util partido, como acabar a vida antes da morte? Faça a nossa alma com o nosso corpo e o nosso corpo com a nossa alma o concerto que fez Elias. Ia Elias fugindo pelo deserto á perseguição da rainha Jezabel que o queria matar; e vendo quão difficultosa cousa era escapar á furia le uma mulher poderosa e irada, diz o texto que pediu a morte sua alma: *Petivit animae suae ut moreretur:* alma minha, norramos; já que se ha de morrer por força, morramos por ontade. Isto pediu o corpo á alma; e isso deve tambem pedir alma ao corpo; por que ambos vão egualmente interessados o mesmo partido. Alma minha (diga o corpo á alma) corpo ieu (diga a alma ao corpo), se havemos de morrer depois por rça e com perigo, morramos agora e logo, de grado e com gurança. Eu bem vejo que o vir facilmente n'este concerto é ais para os desertos que para as côrtes. Na côrte fugia Elias morte, no deserto chamava por ella. Mas se uma tal resoção no deserto é mais facil, na côrte é mais necessaria; por ie nas côrtes é muito mais arriscado o esperar pela morte ra acabar a vida.

3. Reg. 19.

O que se faz na morte fazel-o antes.

Supposto pois que o dictame é certo, conveniente e forçoso, sçamos á practica d'elle, sem a qual tudo o demais é nada.

Isto de acabar a vida antes da morte como se ha de fazer? Respondo que fazendo resolutamente e por propria eleição na morte anticipada e voluntaria tudo aquillo que se faz prudente e christãmente na morte forçosa e precisa. Que faz um christão quando o avisam para morrer? Primeiramente (que isto deve ser o primeiro) confessa-se geralmente de toda sua vida, arrepende-se de seus peccados, compõe do melhor modo que póde suas dividas, faz seu testamento, deixa suffragios pela sua alma, põe-na inteiramente nas mãos do padre espiritual, abraça-se com Christo crucificado; e dizendo como elle: *Consummatum est*; espera pela morte. Este é o mais feliz modo de morrer que se usa. Mas, como é forçoso e não voluntario, e aquelles poucos e perturbados actos que então se fazem não bastam para desfazer os maus habitos da vida passada; assim como a contrição é pouco verdadeira e pouco firme; e as tentações então mais fortes; assim a morte é pouco segura e muito arriscada. A contrição, diz Sancto Agostinho, na infermidade é inferma; e na morte temo muito que seja morta. Deixemos logo os peccados quando nós os deixamos, e não quando elles nos deixam a nós; e acabemos a vida quando ainda podemos viver e não quando ella se tem acabado. Que damos a Deus quando elle nol-a tira? Demos a «nossa» vida a Deus em quanto elle nol-a dá: demos a Deus o tempo que sempre é seu, em quanto é tambem nosso; e não quando já não temos parte n'elle. Que propositos são aquelles de não offender mais a Deus, se eu já não tenho logar de o offender? A fazenda que se ha de alijar ao mar no meio da tempestade, não é mais são conselho que fique no porto e com ganancia? Se eu posso ser o testador do meu e mais o testamenteiro, porque o não serei? Não é melhor levar obras pias, que deixar demandas?

Joan. 19.

Difficuldades que apresenta o mundo contra esta resolução.

VII. Para a outra vida ninguem haverá (se crê que ha outra vida) que não tenha por bom este conselho; e que só elle no negocio de maior importancia é o verdadeiro, o solido, o seguro. Mas que diremos ao amor deste mundo a que tão pegados estamos? É possivel que de um golpe hei de cortar por todos os gostos e interesses da vida? Aquelles meus pensamentos, aquelles meus desenhos, aquellas minhas esperanças, com tudo isto hei de acabar desde logo e para sempre e por minha vontade; e que hei de tomar a morte por minhas mãos, antes que ella me mate, e quando ainda podera lograr do mundo e da mesma vida muitos annos? Sobre tudo tenho muitos negocios em aberto, muitas dependencias, muitos embaraços. Comporei primeiro minhas cousas; e depois que tiver acabado com ellas, então tomarei esse conselho e tractarei de acabar a vida antes

da morte. Eis aqui o engano e a tentação com que o demonio nos vence, depois de convencidos, e com que o inferno está cheio de bons propositos.

Como se resolvem.

Primeiramente esses vossos negocios e embaraços não devem de ser tão grandes e de tanto peso, como os de Carlos V. Mas dado que o fossem e ainda maiores, se no meio de todos elles e n'este mesmo dia viesse a febre maligna, que havieis de fazer? Não havieis de cortar por tudo e tractar de vossa alma? Pois o que havia de fazer a febre, não o fará a razão? Se hoje tendes muitos embaraços, ámanhã haveis de ter muitos mais; e ninguem se desembaraçou nunca d'esta meada, se não cortando-a. E quanto aos annos que ainda podeis ter e lograr de vida, pergunte-se cada um a si mesmo, quantos annos tem? Eu quantos annos tenho vivido? Sessenta; e quantos morreram de quarenta? Quantos annos tenho vivido? Quarenta; e quantos morreram de vinte? Quantos annos tenho vivido? Vinte; e quantos morreram de dez e de dous e de um e de nenhum: *Do utero translatus ad tumulum?* E se eu tenho vivido mais que tantos, que injuria faço á minha vida em não a querer «gozar»? Que injuria faço aos mesmos annos em renunciar os poucos e duvidosos pelos seguros e eternos? Finalmente se tanto amo e tão pegado estou aos dias da vida presente, por isso mesmo os devo dar a Deus, para que elle me não tire os que ainda naturalmente posso viver, segundo aquella regra geral de sua providencia e aquelle justo castigo dos que os gastam mal: *Viri sanguinum et dolosi non dimidiabunt dies suos.*

Job. 10.

Ps. 54.

O laço mais difficultoso de desatar ou cortar

Só resta o mais difficultoso laço de desatar ou cortar, que são os que vós chamais gostos da vida; os quaes se ella se acaba, tambem acabam. Ajude-me Deus a vos desenganar d'este poncto; e seja elle, como é, o ultimo. Se n'esta vida (vêde o que digo), se n'esta vida, e n'este miseravel mundo cheio para todos os estados de tantos pezares, póde haver gosto algum puro e sincero, só os que acabam a vida antes de morrer, o gozam. Para todos os outros é a vida e o mundo valle de lagrimas; só para os que acabaram a vida antes da morte, é paraiso na terra.

Como Henoch e Elias acabaram a vida antes de morrer, e como são felizes.

Dous homens houve só n'este mundo que verdadeira e realmente acabaram a vida antes de morrer, Henoch e Elias. Ambos acabaram esta vida ha muitos seculos, e ambos hão de morrer ainda no fim do mundo. E onde estão estes dous homens que acabaram a vida antes de morrer? «Não o sabemos: mas onde quer que estejam, hão de viver» uma vida quieta, descançada, feliz, e livre de todas as perturbações, de todos os desgostos, de todos os infortunios do mundo.

Henoch e o diluvio universal.

Depois que Henoch acabou a vida do mundo, succedeu logo

n'elle a maior calamidade, que nunca se viu, nem verá, o diluvio universal. O mundo grande estava já todo afogado debaixo d'aquelle immenso mar sem porto nem ribeira: o mundo pequeno mettido em uma arca, já subindo ás estrellas, já descendo aos abysmos, sem piloto, sem leme, sem luz, fluctuava attonitamente n'aquella tempestade de tempestades. Os montes soçobrados, as cidades sumidas, o céu de todas as partes chovendo lanças e fulminando raios. E só Henoch no meio de tudo isto como estava? Sem perigo, sem temor, sem cuidado. Porque ainda que lhes chegassem lá os echos dos trovões e o ruido da tormenta, nada d'isso lhe tocava. Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim; que importa que se acabe para os outros? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem; que eu já acabei a vida.

Elias e os captiveiros do povo de Israel.

N'este tempo não era ainda nascido Elias. Nasceu Elias, viveu annos, e antes de morrer acabou a vida do mesmo modo. Mas que não padeceu o mundo e a terra onde Elias vivia, depois d'este seu apartamento! Veio contra Samaria Sennacherib e Salmanazar. Veio contra Jerusalem Nabuchodonosor: tudo guerras, tudo fomes, tudo batalhas, ruinas, incendios, captiveiros, desterros. As dez tribus de Israel levadas aos assyrios, d'onde nunca tornaram: as duas tribus de Judá e Benjamin transmigradas a Babylonia, d'onde voltaram despedaçadas depois de septenta annos. Porém Elias, que n'outro tempo o comia tanto o zelo e amor da patria, estava-se «no logar aonde foi arrebatado» em summa paz, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade. Volte-se o mundo debaixo para cima, reine Joakím ou reine Salmanazar, reine Nabuco ou reine Cyro, vença Jerusalem ou vença Babylonia, vão uns e tornem, e vão outros para não tornar; que se lhe dá d'isso a Elias? Quem tem acabado a vida, de todos estes vaisvens da fortuna está seguro.

Felicidade dos que morrem ao mundo, similhante á de Henoch e Elias. S. Paulo commentado por S. Bernardo.

O mesmo acontece, senhores meus, e o mesmo experimenta todo aquelle que devéras se resolve a deixar o mundo ao mundo e acabar a vida antes da morte. Não são necessarios para isso arrebatamentos, como o de Henoch; nem carros de fogo, como o de Elias, senão uma valente resolução. Quem assim se resolveu, goza como Henoch e como Elias todos os privilegios de morto. Corra o mundo por onde correr, nenhuma cousa lhe empece nem lhe dá cuidado. Um dos professores d'este estado foi, como vimos, S. Paulo; e por isso ainda vivo dizia: *Vivo ego, jam non ego.* E que quer dizer: Eu vivo, mas já não sou eu? Quer dizer, responde S. Bernardo: *Ad alia quidem omnia mortuus sum, non sentio, non attendo, non curo.* Todas as cousas d'este mundo são para mim,

Gal. 2.

como para os mortos; nem as sinto, nem me dão cuidado, nem faço mais caso d'ellas que se não foram; porque se ellas ainda são, eu já não sou. Considerae as immunidades dos mortos, e vereis o descanço de que gozam, e os trabalhos de que se livram, os que antecipam a morte. O epitaphio que eu pozera a um morto d'estes é aquelle verso de David: *Inter mortuos liber*: entre os mortos livre. Livre dos cuidados do mundo, porque já está fóra do mundo. Livre das emulações e invejas; porque a ninguem faz inveja. Livre de esperanças e temores; porque nenhuma cousa deseja. Livre de contigencias e mudanças; porque se isentou da jurisdicção da fortuna. Livre dos homens, que é a mais difficultosa liberdade; porque se descaptivou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pezares, molestias e inquietações da vida; porque já é morto.

Ps. 87.

Conclusão. Os que chegam cançados ao inferno.

D'aqui se seguem duas consequencias ultimas, ambas notaveis e de grande consolação: a primeira, que só elles gozam seguramente n'esta vida de paz e descanço; a segunda, que d'esta paz e descanço se segue tambem seguramente a paz e descanço na outra, que é o argumento de todo o nosso discurso. Pelo contrario os que não morrem ao mundo antes da sua morte, perdem o descanço da vida e não conseguem ordinariamente o da eternidade; porque passam de uns trabalhos a outros maiores. *Lassati sumus in via iniquitatis*: chegamos cançados ao inferno, diziam aquelles miseraveis que já tinham sido felizes. Ao inferno e cançados! Porque lá não tivemos descanço, e cá teremos tormentos eternos. «Senhores meus, é tempo de concluir o discurso. Desapeguemos o coração dos bens d'este mundo, considerando-nos como mortos no meio das suas pompas, das suas honras, das suas riquezas, dos seus prazeres;» e acabando d'esta maneira a vida, esperaremos confiadamente a morte; e por beneficio do pó que somos, *Pulvis es*, não temeremos o pó que havemos de ser: *In pulverem reverteris*.

Sap. 5.

(Ed. ant. tom. 1.º, col. 1039, ed. mod. tom. 1.º, pag. 280.)

III. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

PARA A CAPELLA REAL

Que se não prêgou por infermidade do auctor

Observação do Compilador—O assumpto d'este discurso é tirado de S. João Chrysostomo. O seu desenvolvimento distingue-se por uma branda insinuação, com a qual vai diminuindo o horror á morte e o amor á vida presente sobre tudo em pessoas de côrte.

Pulvis es, et in pulverem reverteris.

Os homens amam a vida e temem a morte.

Esta é a sentença de morte fulminada contra Adão e todos seus descendentes; a qual se tem executado em quantos até agora viveram, e se ha de executar em nós sem appellação de innocencia, sem respeito de estado e sem excepção de pessôa. A Egreja solemnemente hoje não só nol-a repete aos ouvidos com a voz, mas nol-a escreve na testa com a cinza: como se dissera a seus filhos uma piedosa mãe: Filhos, ouvi e lêde a sentença de vosso pae; e sabei que sois pó e vos haveis de converter em pó: *Pulvis es et in pulverem reverteris.* Outras vezes e por varios modos n'este mesmo dia e sobre estas mesmas palavras tenho comparado e combinado entre si o pó que somos com o pó que havemos de ser; e posto que me não arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano. O pó que somos, é o de que se compõem os vivos: o pó que havemos de ser, é o em que se resolvem os mortos; e sendo estes dous extremos tão oppostos, como o ser e o não ser, não é muito que os effeitos e affectos que produzem em nós sejam tambem muito diversos; por isso amamos a vida e tememos a morte.

Mas a morte deve ser amada e a vida a temida.

Mas porque eu depois de larga consideração tenho conhecido que estes dous effeitos no nosso intendimento e estes dous affectos na

nossa vontade andam trocados, o meu intento é pôl-os hoje em seu logar. O amor está fóra de seu logar, porque está na vida; o temor tambem está fóra de seu logar, porque está na morte: o que farei pois hoje, será destrocar estes logares com tal evidencia que fiquemos intendendo todos que a morte que tanto tememos deve ser a amada; e a vida que tanto amamos deve ser a temida. Isto é o que hei de provar: Deus nos assista com sua graça para o persuadir. *Ave-Maria.*

A vida deve-se considerar como é no estado presente da natureza; e a morte em quanto é fim de uma vida tão trabalhosa.

«E primeiramente não nego que» consideradas a vida e a morte, cada uma por si só e em si mesma, a vida naturalmente é mais amavel que a morte. «Mas a vida deve-se considerar como ella é» no estado presente da natureza, isto é, acompanhada dos trabalhos, das miserias e das afflicções que ella traz comsigo; «e a morte se deve tambem considerar precisamente em quanto é fim de uma vida tão misera e trabalhosa, e n'este caso» não ha duvida que muito melhor e mais para appetecer é a morte que a vida. «Vêde-o no propheta Elias.»

Elias prefere a morte á vida.

Desejou elle a morte e a pediu a Deus quando ia fugindo de Jezabel; «e comtudo» fugia de Jezabel por temor da morte. Pois se Elias fugia por temor da morte, porque deseja e pede a morte no mesmo tempo? Porque então acabou de conhecer quanto melhor é a morte que a vida. Antes d'esta experiencia, pela apprehensão natural de todos os que vivemos, parecia-lhe a Elias que melhor era a vida do que a morte. Mas depois que começou a subir montes e descer valles, de dia escondido nas grutas, de noute caminhando pelos horrores das sombras e dos desertos, figurando-se-lhe a cada penedo um homem armado e a cada rugir do vento uma fêra, sem outro comer nem beber mais que as raizes das hervas e os orvalhos do céu, cêgo sem guia e solitario sem companhia (porque até um criadinho que levava comsigo, o despediu por se não fiar d'elle); tudo miseria, tudo temor, tudo desconfiança, tudo desamparo, sem luz ou esperança de remedio, ou d'onde pudesse vir; no meio d'estas angustias, considerando o miseravel propheta (n'outras occasiões tão animoso) quão trabalhosa e cara de sustentar lhe era a mesma vida duvidosa e incerta, pela qual tanto padecia; então acabou de conhecer quanto melhor lhe era o morrer que o viver; e por isso, despedindo-se da vida, pedia a morte: *Sufficit mihi, Domine; tolle animam meam.*

3. *Reg.* 19.

E tambem Salomão.

«Mas eu não faço caso de que assim falle Elias perseguido por Jezabel: o que mais me admira é, que o mesmo diga Salomão no meio dos prazeres, das riquezas e das adorações do seu reinado.» Quem mais que todos quiz, soube e pôde experimentar os bens d'esta vida, e com effeito fez de todos elles a mais uni-

versal e exacta experiencia, foi Salomão. E que juizo fez Salomão com toda a sua sabedoria e depois de todas as suas experiencias entre a morte e a vida? Elle mesmo o declarou e com palavras tão expressas, que não hão mister commento, nem admittem duvida: *Laudavi magis mortuos quam viventes.* Lançando os olhos por todo este mundo e considerando bem a vida dos que vivem sobre a terra e a morte dos que jazem debaixo d'ella, resolvi, diz Salomão, que muito melhor é a sorte dos mortos, que a dos vivos: *Laudavi magis mortuos quam viventes.* Notae a energia d'aquella palavra *Laudavi.* Como se dissera o mais sabio de todos os homens: se com toda a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens e fazer um largo panegyrico de suas felicidades; e aos vivos havia de dar os pezames e fazer uma oração verdadeiramente funebre e triste em que lamentasse suas miserias e desgraças.

Eccl. 4.

Isto diz Salomão com cuja auctoridade nenhuma outra humana póde competir: só foi maior que ella a que junctamente é humana e divina, a da eterna sabedoria, Christo: *Et ecce plusquam Salomon hic.* E porque tambem nos não falte esta, ouçamos ao mesmo Christo e vejamos o que disse e o que fez em similhante caso.

Auctoridade do mesmo Verbo incarnado.

Matth. 12.

Morreu Lazaro e resuscitou Lazaro. Ponhamos pois a Lazaro resuscitado entre os vivos, e a Lazaro defuncto entre os mortos, e notemos no supremo Senhor da vida e da morte como lhe lamenta a morte e como lhe festeja a vida. Quando Christo declarou aos discipulos que Lazaro era morto disse: *Lazarus mortuus est, et gaudeo «propter vos.»* É morto Lazaro, e folgo «por amor de vós.» Partiu d'alli a resuscital-o o mesmo Senhor e chegado á sepultura não só chorou, *lacrymatus est;* mas mostrou que se lhe angustiava o coração, *rursum fremens in semetipso.* Repara S. Pedro Chrysologo no encontro verdadeiramente admiravel d'estes dous affectos, um de alegria e gosto na morte, outro de pena e lagrimas na resurreição do mesmo Lazaro; e diz assim elegantemente: *Certe ipse qui dixerat Lazarus mortuus est et gaudeo; de quo gaudet mortuo ipsum cum resuscitat tunc lamentatur: qui cum amittit non flet, cum recipit tunc deplorat: tunc fundit mortales lacrymas, vitue spiritum cum refundit.* Notavel caso, diz Chrysologo, que o mesmo Christo sobre o mesmo Lazaro, quando diz que é morto, se alegre; e quando o quer resuscitar, o lamente! Notavel caso que, quando perde o amigo, não chore; e que chore, quando o ha de ter outra vez comsigo! Notavel caso que, quando lhe ha de infundir o espirito de vida, se lhe afflija e angustie o coração; e que o haja de receber vivo

As lagrimas de Christo na resurreição de Lazaro como foram explicadas pelos Sanctos Padres.

Joan. 11.

com as mesmas lagrimas com que nós nos despedimos dos mortos! *Tunc fundit mortales lacrymas, vitae spiritum cum refundit.* Pois se Christo se alegra com a morte de Lazaro; porquê se entristece com a sua resurreição, e porque chora quando lhe ha de dar a vida? Eu não nego que, quando Christo chora por uma causa, se póde alegrar por outras. Isso significou o mesmo Senhor, quando disse: *Guadeo propter vos.* Mas ainda que tivesse uma causa e muitas para se alegrar com a morte de Lazaro; que causa, ou que razão póde ter para chorar a sua resurreição e a sua vida? *Lacrymatus est, non quod mortuus erat, sed quod revocare illum oportebat ad tolerandas rursus hujus vitae miserias* diz Ruperto; e o mesmo tinha dicto antes d'elle Sancto Isidoro Pelusióta. Mas eu tenho melhor auctor que ambos, que é o Concilio Toletano III, o qual dá a razão por estas palavras: *Christus non ploravit Lazarum mortuum, sed ad huius vitae aerumnas ploravit resuscitandum.* Chora Christo a Lazaro, quando o ha de resuscitar, não o chorando morto, porque estando já livre dos trabalhos, das miserias e dos perigos da vida por meio da morte, agora por meio da resurreição o tornava outra vez a metter nos mesmos trabalhos, nas mesmas miserias e nos mesmos perigos. A todos esteve bem a resurreição de Lazaro, e só ao mesmo Lazaro «sob um justo respeito não esteve bem.» Esteve bem a Deus (se assim é licito fallar); porque foi para sua gloria: esteve bem aos discipulos, porque os confirmou na fé: esteve bem aos de Jerusalem, porque muitos se converteram. Esteve bem ás irmãs, porque recobraram o amparo e arrimo de sua casa. Esteve bem ao mesmo Christo; porque então manifestou mais claramente os poderes da sua divindade. Só a Lazaro não esteve «de todo bem»; porque a resurreição o tirou do descanço para o trabalho, do esquecimento para a memoria, da quietação para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempestade, do sagrado da inveja para a campanha do odio, da clausura do silencio para a soltura das linguas, do estado da invisibilidade para o de ver e ser visto, de entre os ossos dos paes e avós, para entre os dentes dos emulos e inimigos; emfim da liberdade em que o tinha posto a morte para o captiveiro e captiveiros da vida.

O mesmo desengano acha-se na lei da natureza, na lei escripta e na lei da graça.

Persuadidos os homens da verdade d'este desengano, não é muito que a morte lhes começasse a parecer menos feia do que a vida. Os passianos e outras nações, que «injustamente» se chamam barbaras, choravam e pranteavam os nascimentos dos filhos e celebravam com festas as suas mortes; porque intendiam que nascendo entravam aos trabalhos e morrendo passavam ao descanço. E certamente que as lagrimas dos nascimen-

tos, os mesmos nascimentos, sem mais ensino que o da natureza, as approvavam e ajudavam com as suas; e as festas com que se celebravam as mortes, tambem os mortos pela experiencia do seu descanço, se podessem fallar, as louvariam. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saul depois de morto e sepultado, o que lhe disse foi: *Quare inquietasti me*: porque me inquietaste? Por isso Moyses, governador supremo do povo de Deus e, o que mais é, com uma vara milagrosa e omnipotente na mão, pediu ao mesmo Deus que o livrasse d'aquelle peso; e se não, que o matasse antes; e lhe daria muitas graças por tamanha mercê: *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me et inveniam gratiam in oculis tuis*. «Por isso» Job, o maior exemplo de paciencia e constancia, de tal modo se resolveu a querer antes morrer do que viver, que considerando todos os generos de mortes possiveis, ainda aquella affrontosa e infame que se dá aos facinorosos mais vis, tinha por melhor que a vida: *Quamobrem suspendium elegit anima mea et mortem ossa mea*. Estes eram os ais que, saindo do valentissimo peito de David, o obrigavam a bradar, não porque se lhe estreitasse a vida, mas porque se lhe extendiam e alongavam os termos d'ella: *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est*. E para que em um coro tão sublime não nos falte uma voz do terceiro céu, ouçamos a S. Paulo: *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Miseravel de mim, homem infeliz, quem me livrará d'este corpo mortal? Em summa, que os maiores homens do mundo em todos os estados do genero humano, ou com fé ou sem fé, ou na lei da natureza ou na escripta ou na da graça, sempre desejaram mais a morte do que estimaram a vida; e sempre em suas afflicções e trabalhos appellaram do pó que somos sobre a terra para o pó que havemos de ser na sepultura.

1. Reg. 28.

Num. 11.

Job. 7.

Ps. 119.

Rom. 7.

III. De tudo o dicto até aqui se segue, que melhor «e mais para appetecer» é a morte que vida. Mas contra «a verdade do nosso» assumpto inventou o amor da vida uma distincção fundada no que ella mais aborrece, que são as miserias; e no que mais estima, que são as felicidades. Fazendo pois uma grande differença entre os miseraveis e os felizes, dizem os defensores da vida que para os miseraveis é maior bem a morte; mas para os felizes não.

Alguns querem distinguir no amor da vida os miseraveis dos felizes.

«E' se me não engano» estes são aquelles dous affectos ou aquellas duas queixas na apparencia tão encontradas e tão concordes na realidade; uma de Sirac contra a morte e outra de Job contra a vida. Sirac diz: *O mors quam amara est memoria tua homini pacem habenti «in substantiis suis.»* Ó morte, quão amarga é a tua memoria para o homem que vive em paz

Fundando esta distincção na Escriptura.

non erit, neque clamor neque dolor erit ultra; quia prima abierunt. Aos que forem ao céu enxugar-lhes-ha Deus todas as lagrimas; e já não haverá morte, nem clamores, nem gemidos, nem dôres: porque estas miserias e penalidades todas pertenciam ao estado da primeira vida, que já passou. «Vêde as miserias» de que estão isentos os mortos na sepultura. Já para elles não ha lagrimas, nem gemidos, nem dôres, nem infermidades, nem a mesma morte. As dôres e as infermidades d'esta vida teem dous remedios ou allivios; um natural, que são as lagrimas e os gemidos; e outro violento e artificial, que são os medicamentos. E a morte não só nos livra das miserias da vida, senão tambem dos remedios d'ellas. E taes são as dobradas miserias a que está sujeita a maior felicidade da natureza, que é a saude; bastando para a tirar padecidas, e não bastando para a conservar remediadas.

Não ha distincção quanto aos bens da fortuna. Estado dos reis.

V. Passemos aos bens da fortuna; e subindo ao mais alto poncto aonde ella póde chegar, preguemos um cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constancia que não teem, vejamos se se podem jactar ou presumir de que carecem de miserias. Os sceptros e as corôas são as que, postas no cume da majestade, levam após si com o imperio os applausos e adorações do mundo, e ao mesmo mundo; o qual cégo com os reflexos d'aquelle esplendor, os acclama felizes e felicissimos, não penetrando o interior e solido da felicidade; mas olhando só e parando no sobredourado das apparencias. Assim como os tectos sobredourados dos templos e dos palacios, o que mostram por fóra, é ouro; e o que escondem e encobrem por dentro, são madeiros comidos do caruncho, pregos ferrugentos, têas de aranhas e outras sevandijas; assim debaixo da pompa e apparatos com que costumamos admirar os que vemos levantados ao zenith da fortuna, se viramos junctamente os cuidados, os temores, os desgostos e tristezas que os comem e roem por dentro, antes haviamos de ter compaixão das suas verdadeiras miserias, que inveja á falsa representação e engano do que n'elles se chama felicidade.

Bem o mostraram Carlos V, Seleuco rei da Asia e el-rei Antigono.

Quem duvidou jámais de reputar a Carlos V por felicissimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos de monarchia? E comtudo, no dia em que renunciou o governo, confessou que em todo o tempo d'elle nem um só quarto de hora tivera livre de afflicções e molestias. O diadema antigo, insignia dos reis e imperadores, era uma faixa atada na cabeça. E dizia Seleuco, rei da Asia, que se os homens soubessem quão pesada era aquella tira de panno e quão cheia de espinhos por dentro, nenhum haveria que a levantasse do chão para a pôr na cabeça.

El-rei Antigono, vendo que seu filho pelo ser se ensoberbecia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, fili, regnum nostrum non esse aliud nisi splendidam servitutem?* Não sabes, filho (lhe disse), que o nosso reino e o reinar não é outra cousa que um captiveiro honrado? Os reis são senhores de todos, mas tambem captivos de todos. A todos mandam como reis; e de todos são julgados como réos. Como o rei é a alma do reino, tem obrigação de viver em todos seus vassallos e padecer n'elles e com elles quanto elles padecem. Se não padece assim, não é rei; e se padece, que maior martyrio? Ha-se de matar e morrer, para que elles vivam: ha-se de cançar, para que elles descancem; e ha de vellar, para que elles durmam; sendo mais quieto e socegado o somno do cavador sobre uma cortiça, que o do rei debaixo de céus de brocado. Alli desvellado marcha pelas campanhas com os seus exercitos em perigo da vida e da dynastia; alli navega os mares com as suas armadas; e a qualquer bandeira que tremúla com o vento, lhe palpita o coração na contingencia dos successos. Taes são as miseraveis felicidades, ou as adoradas miserias, dos que postos na região dos raios, dos trovões e das tempestades, a dignidade com razão e a lisonja sem ella chama serenissimos.

Outros exemplos.

Que seria se eu aqui ajunctasse agora as catastrophes e fins tragicos dos Xerxes, dos Cressos, dos Darios e infinitos outros? Mas o meu intento só é descobrir as miserias dos felizes. A «um certo» rei de Lidia, que inchado com a singular prosperidade da sua fortuna se quiz canonizar pelo mais feliz homem do mundo, «foi mostrado» que mais feliz que elle era um lavradorzinho velho, o mais pobre de toda Arcadia; ao qual um pequeno enxido, que tinha juncto á sua choupana, cultivado por suas proprias mãos, sem inveja sua ou alheia, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida. Porque as mesmas fortunas dos reis «ainda que grandes e continuas, os não livram do temor da sua inconstancia; o qual só basta», a os fazer infelizes. Debaixo d'este temor se comprehendem os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginações, os indicios falsos ou verdadeiros da ruina que se lhes machine ou póde machinar; e todos os infortunios possiveis no mar e na terra, na guerra e na paz, na inveja dos emulos, no odio e potencia dos inimigos, no descontentamento e rebellião dos vassallos: emfim as violencias secretas, os roubos, os subornos, as traições, os venenos, com que nem o sustento necessario á vida, nem a mesma respiração é segura: para que se veja, se é feliz quem todo este tumulto de inquietações traz dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os maiores, quaes são os dos reis, e ainda

nos singular e unicamente felizes, estão sujeitos a tantas miserias, ou padecidas em si mesmas, ou no temor e receio (que não é tormento menor), nenhum outro remedio tem para escapar e se livrar d'ellas a vida, senão o da morte.

Facto do sancto rei Josias.

Seja prova em caso e pessoa não de outra, senão da mesma supposição e dignidade, o modo, com que Deus livrou a el-rei Josias. Quando Josias começou a reinar, todo o reino (que era o de Jerusalem e Judá) não só privada, mas publicamente professava a idolatria com templos, com altares, com idolos, com sacerdotes, e com todas as outras superstições gentilicas. A primeira cousa pois, que fez o zelosissimo e sancto rei, foi arrasar os templos, os altares, queimar os idolos e sacrificar-lhes os seus proprios sacerdotes, mandando degolar a todos; e logo tractou de reformar e restaurar o culto do verdadeiro Deus, repondo em seu logar a arca do Testamento, restituindo a seus officios os sacerdotes e levitas e tornando a introduzir a observancia da celebridade das festas e sacrificios com todos os ritos e ceremonias da lei. Mas como pagou Deus a Josias este zelo, esta piedade, e esta valorosa resolução? Aqui entra o admiravel do caso. Duas cousas mandou Deus annunciar e notificar ao rei: a primeira que Jerusalem seria destruida e todos seus habitadores rigorosissimamente castigados. E assim foi: porque conquistados pelos exercitos de Nabuchodonosor, todos foram levados captivos a Babylonia. A segunda, que el-rei morreria antes d'este captiveiro. E assim succedeu tambem: porque saindo a uma batalha foi morto n'ella. Pois o rei pio, zeloso e sancto ha de morrer e o povo idolatra não? Antes foi tanto pelo contrario, que durou o captiveiro septenta annos; que era todo o tempo que, os que tinham sido idolatras, podiam viver. E porque ordenou Deus, que os idolatras vivessem tantos annos, e o rei morresse tão antecipadamente, que não chegou a contar quarenta? A razão d'esta justiça verdadeiramente divina foi, para que vivendo elles e morrendo o rei, o rei fosse premiado e os idolatras castigados. De sorte que aos idolatras, para que padecessem as calamidades e miserias do captiveiro, extendeu-lhes Deus a vida: e ao rei para o livrar das mesmas calamidades e miserias antecipou-lhe a morte. Assim o disse o mesmo Deus: *Idcirco colligam te ad patres tuos et colligeris ad sepulchrum tuum in pace, ut non videant oculi tui mala, quae inducturus sum super locum istum.* Em summa que conservou Deus a vida ao povo, porque o quiz castigar; e antecipou a morte ao rei, porque o quiz livrar do castigo, que tão certo é ainda no maior auge dos bens da fortuna, qual é a dos reis; «e d'ahi se deduz novamente o que diziamos, que ainda nos maiores bens

4. Reg. 22.

da fortuna, quaes são a gloria, o poder e a grandeza dos monarchas, se deve temer mais a vida que a morte.»

Nos bens da graça passa o mesmo.

VI. Nos bens da graça, que são os que só restam, passa o mesmo. Sendo estes os maiores de todos e os que propria e verdadeiramente só merecem nome de bens, nenhuns são mais difficultosos de guardar, nem mais sujeitos á miseria de se perderem. Os anjos perderam a graça no céu; Adão perdeu a graça no paraiso; e depois d'estas duas ruinas universaes, quem houve que a conservasse sempre? Só a Mãe de Deus, pelo ser, a conservou inteira: os demais, ou a perderam por culpas graves, ou a mancharam com as leves: *Qui stat, videat ne cadat:* quem está em pé, veja não caia, diz S. Paulo. E elle depois de subir ao terceiro céu, se viu tão arriscado a cair, que tres vezes rogou a Deus o livrasse de uma tentação, que se o não tinha derribado, o affrontava: *Angelus Satanae qui me colaphizet.* Caiu Sansão, caiu Salomão, caiu David; e nem ao primeiro a sua fortaleza, nem ao segundo a sua sabedoria, nem ao ultimo a sua virtude os tiveram mão para que não caissem. O mundo todo é precipicios, o demonio todo é laços, a carne toda é fraquezas. E contra estes tres inimigos tão poderosos da alma, estando ella cercada de um muro de barro tão quebradiço, quem poderá defender e quem n'ella defenderá a graça? Já sabem todos que hei de dizer que só a morte; e assim é.

1. Cor. 11.

2. Cor. 12.

A vida do homem é uma perpetua guerra.

Diz Job que a vida do homem é uma perpetua guerra: *Militia est vita hominis super terram:* tanto assim que ao mesmo viver chama elle militar: *Cunctis diebus, quibus nunc milito.* Qual seja a campanha d'esta guerra não é Carthago, ou Flandres, ou como agora Portugal; senão o mundo e a terra toda em qualquer parte: *Super terram.* Mas como o mesmo Job não faz menção de muitos, senão de um ou de qualquer homem, *vita hominis;* com razão podemos duvidar quem são os combatentes entre os quaes se faz esta guerra e se dão estas batalhas. Se foram gentes de diversas nações, tambem elle o dissera; mas só faz menção de um homem: porque dentro em cada um de nós, como de inimigos contra inimigos, se faz esta guerra, se dão estes combates; e vence ou é vencida uma das partes. O homem não é uma só substancia, como o anjo; mas composto de duas totalmente oppostas, corpo e alma, carne e espirito; e estes são os que entre si se fazem a guerra, como diz S. Paulo: *Caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem:* a carne peleja contra o espirito, e o espirito contra a carne. Por parte da carne combatem os vicios com todas as forças da natureza: por parte do espirito resistem as virtudes com os auxilios da graça. Mas como o livre alvedrio subornado

Job. 10.

Idem. 4.

Gal. 5.

do deleitavel, como rebelde e traidor, se passa á parte dos vicios; quantos são os peccados que o homem commette, tantas são as feridas mortaes que recebe o espirito; e basta cada uma d'ellas para se perder a graça. Por isso com razão exclama Sancto Agostinho, como experimentado em outro tempo: *continua pugna, rara victoria:* a batalha é continua e a victoria rara.

Só a morte dá paz ao homem.

Haverá porém quem possa pôr em paz estes dous tão obstinados inimigos, e um d'elles tão cruel e pernicioso? N'esta vida, em quanto a mesma vida dura, não; mas no fim d'ella, sim: porque só a morte póde fazer e faz estas pazes. Que cousa é a morte? *Est separatio animae a corpore:* é a separação com que a alma se aparta do corpo; e como por meio da morte a alma se divide do corpo e o espirito da carne, no mesmo poncto, divididos os combatentes, cessou a guerra e ficou tudo em paz. Esta é a grande energia e alto pensamento com que disse Job que aquella guerra era nomeadamente do homem vivo sobre a terra: *militia est vita hominis super terram.* Porque em quanto o homem vive e está sobre a terra, padece a guerra da carne contra o espirito. Mas depois que o homem morre e jaz debaixo da terra, toda essa guerra já acabou; e se segue entre a carne e o espirito uma, não tregua, senão paz perpetua e para sempre. Por isso quando lançamos os defunctos na sepultura, essas são as palavras de consolação com que nos despedimos d'elles, dizendo: *Requiescat in pace.*

Quaes bens logra segundo a Escriptura quem morre na mocidade.

E como por meio d'esta perpetua paz cessa a guerra da carne contra o espirito, e cessam as victorias do peccado e perigos da graça; esta natural impeccabilidade da morte é a mais natural razão de ser a morte digna do nosso amor, não só como um bem, mas como o maior bem da vida: porque sendo o maior mal da vida o peccado e estando a mesma vida sempre sujeita e arriscada a peccar, só a morte a livra e segura d'este maior de todos os males. Morreu um moço virtuoso e pio na flor de sua edade; e admirou-se muito o mundo de que morresse tão depressa o bom, ficando vivos e sãos no mesmo mundo muitos máus, que pareciam mais dignos da morte. Mas a causa d'esta admiração é, diz o Espirito Sancto, porque os homens não intendem as razões de Deus. Tres razões teve Deus para anticipar ou apressar a morte aquelle moço: a primeira porque lhe agradou a sua alma e a quiz levar para si: *Placita enim erat Deo anima illius:* a segunda porque o quiz livrar das occasiões da maldade: *Properavit educere illum de medio iniquitatum:* a terceira, porque o quiz fortificar: *Quare munierit illum Dominus.* Aqui reparo. Se Deus lhe tirou a vida para o fortificar, que fortificação é ella, e contra quem? O contra quem

Sap. 14.

são os vicios e peccados: a fortificação é aquella, onde a morte defende os que matou, que é a sepultura. O homem vivo com todas as portas dos sentidos abertas é como a praça sem fortificações, que póde ser accommettida e entrada por toda a parte. Porém o morto com as mesmas portas cerradas, e cerrado elle dentro da sepultura, não ha castello tão forte, nem fortaleza tão inexpugnavel a todo o inimigo: porque nem pode ser vencida do peccado, nem ainda accommettida. Muitas fortificações inventaram os sanctos para defender do peccado os vivos; sendo a principal de todas os muros da religião. Mas nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para os defender e ter seguros. E quando nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para defender e segurar do peccado os vivos; basta uma só pedra, ou a pouca terra de uma sepultura, para ter tão defendidos e seguros os mortos, que nem pequem jámais, nem seja possivel peccarem. E esta é a sua impeccabilidade.

Logo não ha alguma distincção quanto aos bens da natureza da fortuna e da graça, e sempre a morte é preferivel á vida.

Resumindo pois as tres partes d'este ultimo discurso, d'ellas consta que os bens da natureza, da fortuna e da graça todos estão sujeitos a grandes miserias; das quaes só nos póde livrar a morte. D'onde se segue «o que eu disse no principio,» que a morte que tanto tememos deve ser a amada, e a vida que tanto amamos deve ser a temida.

A incerteza da vida futura, que depois da morte se ha de seguir, torna mais temivel não a morte, mas a mesma vida presente, de que é effeito.

VII. «Dir-me-heis como intendidos que deveis ser, que é mais para temer a morte não pelo que é em si mesma, em quanto fim da vida presente, mas pela incerteza da vida futura que se ha de seguir. Mas esse argumento tão fóra está de abater a verdade do meu assumpto, que a estabelece e confirma ainda mais. Pergunto: Os sanctos não amavam ardentemente a morte? Sim, amavam-na. E porque não temiam essa incerteza? Respondeis, porque eram sanctos. E nós porque o não somos? Devemos confessar que é, porque não queremos viver mortificados. Logo o temor que nos causa a incerteza da vida futura, é tambem um triste effeito da vida presente; e por isso torna menos amavel a mesma vida.

Para amar a morte com preferencia da mesma vida é necessario viver como os mortos, isto é, escondido em Deus com Christo

Emfim, senhores, posto que a vida presente ha de necessariamente passar, e a morte, ha de chegar tambem necessariamente, quereis não temer a morte, antes amal-a com preferencia á mesma vida? Ouvi ao apostolo S. Paulo que vos exhorta viverdes como mortos, isto é escondidos em Deus com Christo.» *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* Quem vive em Deus, não vive em si: quem vive com Christo, não vive com o mundo; e quem não vive em si, nem com o

Col. 3.

mundo, este verdadeiramente vive como morto. O morto tem olhos, e não vê: tem ouvidos, e não ouve: tem lingua, e não falla: tem coração, e não deseja: e posto que quem vive como morto, pode desejar, fallar, ouvir e ver; nem vê o que não é licito que se veja; nem ouve o que não é licito que se ouça; nem falla o que não convem que se falle; nem deseja o que não convem que se deseje: porque é morto ás paixões e aos appetites; e se vive ao sentimento, não vive á sensualidade. Isto é viver em Deus e não em si. E que é viver com Christo, e não com o mundo? É estar morto a tudo o que o mundo ama, a tudo o que o mundo estima, a tudo o que o mundo venera, a tudo o que o mundo adora, a tudo o que chama honra, a tudo o que chama interesse, a tudo o que chama boa ou má fortuna: porque tudo o que é prospero ou adverso, alto ou baixo, precioso ou vil, pesado na balança da morte, é vaidade, é fumo, é vento, é sombra, é nada. E a todos os que assim vivem ou viverem podemos dizer com S. Paulo: *Mortui estis.*

E viver como pessoas que devem morrer.

Mas porque o pó que somos é solto, inquieto, vão e com qualquer sopro de ar se levanta e desvanece e de si mesmo fórma remoinhos e nuvens, com que na maior luz do sol fica ás escuras; por isso o mesmo apostolo nos remette, como por illação do pó que somos, ao pó que havemos de ser, dizendo: *Mortificate ergo membra vestra, quae sunt super terram*: pelo que mortificae os membros do vosso corpo que estão sobre a terra. A palavra *super terram* não carece de grande mysterio. A mortificação só pertence aos que vivem e todos os que vivem estão sobre a terra. Pois se isto por si mesmo estava dicto, porque o nota e pondera o apostolo como cousa particular? Porque fallou do nosso corpo em quanto está sobre a terra com allusão ao mesmo corpo, quando estará debaixo da terra. E se o corpo que está sobre a terra se comparar comsigo mesmo quando estiver debaixo da terra, nenhuma consideração póde haver mais efficaz para o persuadir a que viva como morto. Dize-me: corpo meu, depois que estiveres debaixo da terra, que has de fazer? Has de continuar nos mesmos vicios, em que todo te empregavas, quando estavas sobre a terra? Has de continuar nos mesmos vicios, que póde ser foram os que te mataram e te apressaram a sepultura? O morto não tem odio, não tem inveja, não tem cubiça, não tem ambição; não se queixa, não murmura, não se vinga, não mente, não adula, não rouba, não adultéra. Pois se de tudo isto has de carecer debaixo da terra; porque te não abstens d'isso mesmo em quanto estás sobre a terra?

Idem 3.

E finalmente imitar os mortos.

O morto, quando o levam á sepultura pelas mesmas ruas por

onde passeava arrogante, tão contente vai envolto em uma mortalha velha e rôta, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com septe pés de terra, como com os mausoléus de Cária ou as pyramides do Egypto. E se até essa pouca terra que o cobre lhe faltasse, diria, se podesse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o céu. Pois se então tão pouca differença has de fazer da riqueza ou pobreza das roupas; porque agora te desvaneces tanto e gastas o que não tens na vaidade das galas? Pois, se então has de caber em uma cova estreita, porque agora te não mettes entre quatro paredes; e procuras a largueza da morada tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificencia dos palacios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandaliza. Se quando estás debaixo da terra, todos passam por cima de ti e te pizam, e te não alteras por te vêr debaixo dos pés de todos; agora que és o mesmo e não outro, porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas e enches de colera, de raiva, de furor; e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração ou respeito, o queres vingar não menos que com o sangue e a morte? Mas é porque a morte «ainda» te não amansa e emenda. A morte é uma correcção geral que emenda em nós todos os vicios; e de que modo? Por meio da mansidão, porque a todos amansa. Morreu o leão, morreu o tigre, morreu o basilisco; e onde está a braveza do leão, onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não é bravo; já o tigre não é fero; já o basilisco não é venenoso; já todos esses brutos e monstros indomitos estão mansos: porque os amansou a morte. E se assim emenda e tanta mudança faz a morte «por necessidade e sem fructo; porque a não fará a eleição do alvedrio com grande proveito?»

Quanto vale esta consideração.

Seja esta a ultima razão, a qual devem «os que me ouvem» levar na memoria, para que considerem em quanto estão sobre terra o que hão de ser quando estiverem debaixo d'ella; e om este espelho posto diante dos olhos de seu proprio corpo persuadam a que se accommode a ser por mortificação, em ianto vivo, aquillo mesmo que ha de ser em quanto morto pois de sepultado. Perguntou um monge ao abbade Moysés, moso padre do ermo, como poderia um homem adquirir a morlicação que ensina S. Paulo, tal que estando vivo vivesse como orto? E respondeu o abbade que de nenhum outro modo nem npo, senão quando totalmente se persuadisse que havia já um ennio que estava debaixo da terra. E quem está certo que o seu po ha de estar debaixo da terra, não tres annos, nem tres secu-, senão em quanto durar o mundo até o fim, como não persuadirá

ao mesmo corpo e o sujeitará a que viva como morto esses quatro dias e incertos em que póde tardar a morte? Se este corpo, que hoje é pó sobre a terra, ámanhã ha de ser pó debaixo da terra; porque se não acommodará e concordará comsigo mesmo a viver e morrer de tal modo que na vida logre «a paz, o socego e a impeccabilidade da morte; e na morte não padeça as inquietações, as angustias e o desespero da vida?» Assim faremos que o pó que somos e o pó que havemos de ser «não seja esteril, mas fecundo; e tão fecundo, que» na vida colhamos d'elle o fructo da graça e na morte o da gloria: *Quam mihi et vobis praestare dignetur Dominus Deus omnipotens.*

(Ed. ant. tom. 6.°, pag. 58, ed. mod. tom. 9.°, pag. 102.)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

PRÉGADO EM LISBOA

Na capella real, no anno de 1649.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É este um dos sermões mais sublimes e eloquentes do ensaio, sobre tudo nos numeros II, III, IV, V, VI. É impossivel achar argumentos mais nobres, varios e poderosos tirados da philosophia natural e da revelação.

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est.
MATTH. 5.

O texto inclui um preceito, um motivo, um exemplo.

Difficultoso preceito, poderoso motivo, sublime exemplo, que Christo Nosso Senhor deu, allegou e propoz a todos os fieis nas palavras citadas de S. Mattheus! Tendes ouvido o que se disse: amareis ao vosso proximo e aborrecereis ao vosso inimigo. Eu porém vos digo: amae aos vossos inimigos; fazei bem aos que vos teem odio, orae pelos que vos perseguem e calumniam, para serdes filhos do vosso Pae que está nos céus. É este o sentido e junctamente o contexto das palavras do Evangelista. Amae aos vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros*, difficultoso preceito! Amae-os, porque eu sou o que vol-o mando: *Ego autem dico vobis*, poderoso motivo! Amae-os para serdes filhos similhantes ao vosso pae celestial: *Ut sitis filii Patris vestri qui in coelis est*, sublime exemplo!

Não se dissimula a difficuldade do preceito de perdoar aos inimigos. Caso acontecido ao povo de Israel quando peregrinava pelo deserto.

Mas, se o preceito de amar os inimigos é difficultoso, porque o declaro de antemão tão afoutamente e o não dissimulo com arte, como parece estar pedindo a prudencia da prégação evangelica? Quando os exploradores da terra de Promissão notificaram ao povo de Israel que peregrinava pelo deserto, serem grandes e cercadas de muros as cidades de todo aquelle paiz, e os habitadores mui valorosos e geração de gigantes;

posto que no mesmo tempo contavam os maiores prodigios da fertilidade do terreno, comtudo o povo ficou tão assombrado com a arduidade da empreza que chorou uma noite inteira, e levantando a voz e amotinando-se contra Moysés e Arão por querer voltar ao Egypto, pouco faltou que não levasse a cabo um conselho tão desesperado. Tanto assombro póde causar a declaração de similhantes difficuldades, ainda quando se tracte de apossar-se da terra de Promissão.

O prégador evangelico não deve dissimular a difficuldade; mas impugnal-a-ha para da impugnação inferir as qualidades admiraveis do preceito do perdão.

Comtudo para um prégador evangelico, que ha de ser mestre de verdade,» negar ou dissimular a difficuldade nos preceitos divinos não é arte, nem valor, nem razão; reconhecel-a e impugnal-a sim: isto é o que pretendo fazer hoje. E porque no texto allegado o preceito se ata com o motivo e o motivo com o exemplo, «depois de vos declarar e encarecer a difficuldade do preceito, fal-a-hei desapparecer com a força do motivo e com a sublimidade do exemplo para concluir contra a razão enganada nas suas balanças e contra o mundo louco nas suas leis ignorantes e vis, quão natural, util, facil, generoso, honrado e descançado conselho é e quão rigorosa obrigação do christão querer e fazer bem e amar de coração e de obras aos que nos querem mal.» Ouçam-me com attenção os maiores e os melhores, porque esses, «como logo veremos», são os que teem mais inimigos.

Terror que tiveram d'este preceito os gentios e os judeus.

II. Começando pela primeira parte, é tão difficultoso preceito o de amar os inimigos, que em todas as leis o repugnaram os homens e se armaram contra esta lei. Na lei da natureza a abominaram os gentios: na lei escripta a descompozeram os judeus: na lei da graça a desprezam e teem por affronta os maus christãos. Abominaram tanto este preceito os gentios que o lançavam em rosto aos christãos, como escreve S. Justino, e diziam que era lei barbara, irracional e impossivel. É verdade que d'este amor se acham exemplos nos escriptores gentilicos. Mas como bem os arguiu S. Gregorio Nazianzeno, nos historicos foi mentira, nos oradores lisonja, e nos philosophos vaidade. Os judeus tinham expresso este preceito como parte da lei natural e moral. No cap. 23 do Exodo: *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum.* E no cap. 25 dos Proverbios: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum.* Mas foi tanto o horror que concebeu aquella gente, tanta a violencia que experimentou, e tanto o odio com que aborreceu esta lei, que sem respeito a Moysés, nem a Deus, para mais córadamente quererem mal a seus inimigos, conservando o texto, adulteraram e corromperam o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo

hoje emendou, tão antiga como impia: *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum.*

Os maus christãos mostram o mesmo horror.

Finalmente nós os christãos, que professamos, cremos e adoramos o Evangelho, como o observamos n'esta parte? Os odios publicos o dizem e os occultos não o calam. Comnosco fallou Christo, quando disse: *Ego autem dico vobis:* porque então prégou a sua lei e a ensinou a todos os christãos. Mas tem chegado a tal extremo de infamia o desprezo d'este poncto, que honrando-nos da lei, fazemos honra de a não guardar. Se foramos verdadeiros christãos, cessava entre nós este preceito: porque não havia de haver inimigos a quem amar. Assim o presumia Tertulliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis;* «que o christão de ninguem é inimigo.» Porém Christo, que tão interiormente conhecia a perversa inclinação da natureza humana e tão experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia e difficuldade do que mandava, por isso suppoz que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros.*

Sophismas do nosso orgulho contra este preceito.

Temos posto em campo contra a verdade e equidade d'este famoso preceito, divididos em tres esquadrões, porém unidos no mesmo parecer, «os gentios na lei da natureza, os judeus na lei escripta, e até na lei da graça uma multidão innumeravel de christãos:» em summa, o genero humano «quasi» todo. E na testa d'este immenso exercito, como o gigante Golias no dos philisteus, desafiando a parte contraria e blasonando e defendendo a sua, quem? «O nosso orgulho armado de sophismas.» É possivel, diz elle, é possivel que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal que póde; honrar a quem me calumnia; interceder por quem me persegue; e não me desaffrontar de quem me affronta? E que tudo isso ha de caber em um coração de barro? Abalam-se e rebentam os montes; sái de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminam as nuvens; escurece-se e descompõi-se o céu, nem cabe em si mesmo o mundo com quatro vapores insensiveis que se levantam da terra, e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo, como o coração humano, hajam de caber junctas e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito? Ajuncte-se a republica interior e exterior do homem, chame a côrtes ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos; e sejam ouvidos n'esta causa todos, pois toca a todos. Que é o que dizem? Todos repugnam, todos reclamam, todos se alteram, todos se unem e conjuram em odio e ruina do inimigo. A memoria sem jámais se esquecer representa o aggravo; o intendimento pondera a offensa; a phanta-

sia afeia a injuria; a vontade implora, e impera a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudam-se as côres, chammeiam os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a bocca, morde-se a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumeiam os espiritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno. Accende e provoca esta batalha a trombeta da fama, dizendo e bradando que é honra: põi-se da parte do odio e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobretudo o tribunal supremo da razão «parece que» assim o prova: porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos é voz que soa justiça, merecimento, proporção, egualdade. Finalmente o mesmo Deus condemna o meu inimigo, porque é meu inimigo. Pois se Deus o condemna e aborrece, porque o hei de amar eu. Deus que isto manda não é o auctor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida e governada pelo mesmo Deus? Vingam-se por instincto natural as feras na terra; vingam-se as aves no ar; vingam-se os peixes no mar; vinga-se a mansidão dos animaes domesticos; vinga-se, e cabe ira em uma formiga; e basta que a natureza viva n'aquelles atomos, para que n'elles offendida se doa, n'elles aggravada morda, n'elles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza onde é incapaz de razão, não é capaz de soffrer semrazões; que o homem, creatura racional, a mais nobre, a mais viva e a mais sensitiva de todas, com a balança da mesma razão no juizo, não haja de pesar aggravos; antes contra a força e violencia do mesmo peso haja de pagar odios com amor: *Diligite inimicos vestros?* Não é homem quem aqui não pasma, ou não diga olhando para si: Não posso.

Comtudo prova-se que este preceito é facil e natural, sob o influxo da graça de Deus.

III. Estas são as difficuldades que todos reconhecem e chamam grandes n'este preceito, que verdadeiramente é o grande. Mas com estarem tão declaradas e por ventura encarecidas, eu espero mostrar e demonstrar, que com a graça de Deus não só não é tão difficultoso, como parece, o amar aos inimigos, senão muito facil e «quasi» natural ao homem; e tanto mais quanto fôr mais homem.

Ter inimigos é uma honra.

Primeiramente isto de ter inimigos é uma razão ou injuria tão honrada, que ninguem se deve offender d'ella. Quem a não acceita como adulação e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo. Se o ter inimigos é tentação, antes é tentação de vaidade que de vingança. É motivo de dar graças a Deus e não de lhes ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos? Ordinariamente é porque vêem em vós algum bem que elles quizeram ter e lhes falta. A quem

não tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo texto o temos. Não só diz Christo que amemos a nossos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos.* Esta segunda parte parece mais difficultosa que a primeira; e talvez não só difficultosa, senão impossivel: porque para amar basta a vontade, para fazer bem é necessario ter com que o fazer. E se eu acaso fôr tão pobre e miseravel, que não tenha bem algum, como posso fazer bem a meus inimigos? Enganais-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes não possa fazer bem: porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos? Pois algum bem tendes vós, por que elles vos querem mal. E porque esta supposição universalmente é certa; por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes façam bem: *Et benefacite his qui oderunt vos.* Quem tem bens, assim como é certo que ha de ter inimigos, assim é certo que póde fazer bem.

Qual foi a causa do odio de Lucifer contra o genero humano.

O primeiro inimigo que houve n'este mundo foi Lucifer. Elle o primeiro traidor, que se revestiu da serpente; elle o primeiro falsario, que enganou a Eva; elle o primeiro ladrão e homicida, que não só roubou a Adão quanto possuia, mas até o despojou da mesma immortalidade. E porque quiz tanto mal Lucifer a Adão, que lhe não tinha feito nenhum mal? Porque, «responde Suarez», tinha Christo revelado ao mesmo Lucifer que se havia de fazer homem e não anjo. Bem se via na promessa da divindade *Eritis sicut dii*, que essa era a espinha, que elle trazia atravessada na garganta; e como Adão teve aquella fortuna que Lucifer pretendeu primeiro e não pôde alcançar, claro está que devia ser seu inimigo.

Gen. 3.

E de outros malvados contra o seu proximo.

O primeiro inimigo tambem que houve entre os homens foi Caim; e porque teve tanto odio Caim a Abel sendo seu irmão? Porque os sacrificios do irmão eram mais agradaveis ao Creador: isto era o que tanto lhe doia e quebrava os olhos, que os não levantava da terra. Tambem José padeceu os odios não de um, mas de dez irmãos; e porque causa? Porque elle só valia mais que todos elles. Grande caso, que porque o seu pellote não era de panno da serra, como o dos outros, se resolvessem, sendo irmãos, a lh'o tingir no proprio sangue! Se cavarmos bem o pé de todas as inimizades e odios do mundo, acharemos que estas são as raizes. Assim como o motivo de amar é o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheios. Nem Abimelech havia de aborrecer a Isaac, se não fôra mais rico: nem Saul a David, se não fôra mais valente; nem os satrapas a Daniel, se não fôra mais sabio.

Outras inimizades.

Se passarmos dos solios aos estrados, tambem acharemos nos

toucados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha tão confiada, a que não piquem os alfinetes de vêr a outrem mais bem prendida. Tambem o exemplo é de duas irmãs. Rachel não era amiga de Lia, nem Lia de Rachel; e porque? Porque a cada uma d'ellas faltava o bem que lograva a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era formosa; e Rachel não gostava de Lia, porque era fecunda. Deus repartiu entre as duas irmãs os dous bens que ellas mais estimam; e ellas em logar de se darem os parabens, tomaram d'elles occasião para não «se amarem.» Todos os bens, ou sejam da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são beneficios de Deus; e a ninguem concedeu Deus estes beneficios sem a pensão de ter inimigos. Mofino e miseravel aquelle que os não teve! Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter é indicio certo de outra maior. Não ter inimigos tem-se por felicidade: mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Póde haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja? Pois isso é o que se argúi de não ter inimigos. Themistocles, «famoso capitão da Grecia», em seus primeiros annos andava muito triste. Perguntado pela causa, sendo amado e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeu: Por isso mesmo. Signal é o vêr-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceu Themistocles e com elle a fama das suas victorias; e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle na patria: para que vejam os odiados ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eram as trombetas da fama de Themistocles; e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deus os bens que lhes negou a elles.

Porque devemos perdoar aos inimigos. Exemplo de David.

IV. Supposto, pois, que o ter inimigos é pensão dos beneficios que recebemos de Deus, segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensão e em que. A pensão havemol-a de pagar a Deus, que nos fez o beneficio; e a paga ha de ser em amor dos inimigos, que o mesmo Deus nos manda amar. Elles querem-vos mal pelos bens em que Deus vos avantajou a elles? Pois vós haveis de pagar a pensão d'esses bens a Deus em querer e fazer bem aos que vos querem mal. Um dos homens mais beneficiados de Deus, que houve n'este mundo, foi David; e uma das mais famosas acções de David foi o desafio seu com o gigante e a victoria que alcançou d'elle. E que se seguiu de uma façanha tão notavel e tão importante á honra, á liberdade e á conservação do reino de Israel? Da parte d'el-rei Saul foi

a inveja e o odio mortal contra David; e da parte de David o amor e respeito com que sempre guardou e perdoou a vida a Saul. Tinha Deus dado licença a David para que tirasse a vida a Saul, a quem havia de succeder na corôa; e elle o que fez, tendo-o muitas vezes debaixo da lança? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os capitães e soldados da sua guarda.

1 *Reg.* 26.

Caso em que elle, tendo licença de tirar a vida a Saul, a não tirou.

Assim se viu n'aquella noite, em que estando Saul em campanha, David occultamente entrou na tenda real; e dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança e com ella na mão bradou de fóra ao general Abner, que guardasse melhor o seu rei. Pois se Deus tinha dado esta licença a David, porque não usou d'ella? Porque o mesmo Deus, que por uma parte lhe dava licença para que matasse a seu inimigo, por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio; o não o matar, antes amal-o e fazer-lhe bem, era lei geral; e David teve por melhor guardar a lei sem obrigação, que usar do privilegio: porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio do seu inimigo, a pensão de pagar e agradecer a Deus a causa do mesmo odio era nova circumstancia da mesma lei, que mais nobre e mais apertadamente o obrigavam a o amar e lhe querer bem. Como se dissera David: Qual foi a causa da inveja e odio com que me persegue Saul? Foi aquella singular mercê que Deus me fez na victoria que em seu nome alcancei do gigante. Pois já que Saul é tão ingrato, que me paga tão grande serviço com me querer mal; eu hei de ser tão agradecido a Deus e á causa d'essa mesma ingratidão, que a hei de pagar com lhe fazer bem. *Inverso gratus officio*: disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

Com o perdão pagamos a Deus os seus beneficios.

Julgue agora todo o homem, se é cousa difficultosa e impossivel, antes muito facil e natural amar os inimigos: sendo este amor pensão dos beneficios de Deus, e os mesmos beneficios occasião d'esse odio. Pergunto: esses bens por que vos não querem bem vossos inimigos, quem vol-os deu? Deus. Pergunto mais: e esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vol-o poz? Tambem Deus. Pois se vossos inimigos não vos amam por amor dos bens que Deus vos deu, porque não amareis vós a esses inimigos por amor do Deus que vos deu os bens? Se esses bens são poderosos para causar odio em quem os inveja; porque não serão poderosos para causar amor em quem os logra? Lograe e não os queiraes perder: porque quem não paga a pensão, merece que o privem do beneficio. O mesmo David o disse assim e confessou diante de Deus: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis*: se eu, Senhor, não dei a meus inimigos bem por mal, senão mal por mal, jus-

Ps. 7.

tamente me derrubareis do estado em que me tendes posto, e me privareis e despojareis de todos os bens que me tendes dado. Reparemos muito n'aquelle *merito*, justamente. E qual é o fundamento d'esta justiça? É a lei do amor dos inimigos e de querer e fazer bem aos que nos querem mal. E como Deus nos dá os bens com esta pensão e com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardam a obrigação e pensão com que lhes foi dado.

E assim Deus accrescentará os mesmos beneficios.

Pelo contrario, (notae muito o que quero dizer), pelo contrario, se guardardes a lei de amar os inimigos; não só vos não tirará Deus os bens, por que elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos accrescentará os mesmos bens, que a vós serão premio do vosso amor e a elles castigo de seu odio. Lembra-me a este proposito um discreto e galante memorial, presentado ao imperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma um inimigo, o qual se dóe muito das mercês que vossa majestade lhe faz. Pede a vossa majestade lh'as faça maiores, para que o dicto seu inimigo se dôa mais. Isto mesmo faz a justiça e liberalidade divina. Accrescenta os bens ao invejado para maior castigo e maior dôr do inimigo invejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia e consequencia natural d'este discurso, quiz que nol-a désse o mesmo David e no mesmo Saul. Mas vindo á combinação do caso achei que ainda prova mais do que eu tinha promettido: porque não só prova que accrescenta Deus os bens ao invejado para maior castigo e dôr do invejoso: mas que diminúi e tira tambem os bens ao invejoso para maior honra e vingança do invejado. Seja pois isto o que digo.

Outro exemplo de David.

Quando David dentro na mesma cova, em que tinha a Saul já sepultado antes de morto, lhe perdoou a vida; disse-lhe Saul que então conheceu e soube de certo, que elle havia de reinar e Deus lhe havia de dar a sua corôa: *Scio quod certissime regnaturus sis*: agora acabei de intender certissimamente que tu, e não eu, has de ser o rei. E d'onde colheu Saul esta consequencia tão certa? De duas premissas: uma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte, porque Saul dava mal por bem a David; da parte de David, porque elle dava bem por mal a Saul. E não podia haver mais justo premio para um, nem mais justo castigo para outro, que accrescentar os bens ao invejado para maior dôr do invejoso; e tirar os bens ao invejoso para maior vingança do invejado. Não é isto interpretação de doutores, senão texto expresso da Escriptura sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reis: *Facta est longa concertatio inter domum Saul et domum David*: houve grande com-

1. Reg. 24.

petencia entre a casa de Saul e a casa de David: *David proficiscens, et se ipso semper robustior*: David e a sua casa sempre crescendo e cada dia mais forte: *Domus autem Saul decrescens quotidie;* e a casa de Saul sempre diminuindo e cada vez mais fraca. Para que vejam os que se amam a si e desejam o seu augmento e das suas casas, se é melhor ser inimigo como Saul, ou amar os inimigos como David.

Exemplo de Anna, mãe de Samuel.

E para que tambem n'este exemplo passemos dos solios aos estrados, onde não são menores os odios e as invejas; Elcana, principe do povo de Israel, ao uso d'aquelles tempos tinha duas mulheres, uma chamada Anna, esteril como Rachel, outra chamada Phenenna, fecunda como Lia. Anna triste pela sua desgraça encommendava-se a Deus; mas não queria mal a Phenenna: Phenenna, soberba com a sua fortuna, desprezava e tractava mal a Anna. E qual foi o successo de ambas? Tambem é texto expresso: *Donec sterilis peperit plurimos, et quae multos habebat filios infirmata est.* Trocou as mãos a divina justiça; e a Phenenna tirou-lhe os filhos que tinha, e a Anna deu-lhe os que não tinha. Mas com tal proporção e energia da divina justiça, diz a tradição dos hebreos, que a cada filho que nascia a Anna, morriam dous a Phenenna. Concorda com esta tradição muito ajustadamente a mesma historia sagrada: porque d'ella consta, que os filhos que tinha Phenenna eram dez, e os que depois teve Anna foram cinco. De sorte que ao mesmo compasso com que Deus ia favorecendo e levantando a Anna, que não queria mal a Phenenna, ia justamente castigando e abatendo a Phenenna, que tratava mal a Anna: até que, a que carecia de filhos, teve muitos, e a que contava tantos, ficou sem nenhum: *Donec sterilis peperit multos, et quae multos habebat filios, infirmata est.* «Por tantas e tão poderosas razões fica logo provado e manifesto, que o preceito de perdoar aos inimigos, ainda que á primeira vista parece tão difficultoso, não o é de facto para quem considera este perdão á luz da razão e da fé, e não o julga pela falsa apprehensão do mundo.

1. Reg. 2.

Estas e muitas outras razões podia allegar o Salvador para nos persuadir ao perdão dos inimigos.

V. Ora vêde, e notae muito. Estas e infinitas outras «razões e motivos podera dar o Senhor para persuadir o que mandava «no preceito: *Diligite inimicos vestros.*» Ama a teu inimigo (podera dizer) para que elle tambem te ame: porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo: porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: o teu te mette no inferno, e o seu não. Ama a teu inimigo; porque amigos já os não ha; e se não amares os inimigos, estará

ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce e mais suave que é o amar. Ama a teu inimigo: porque o não ajudes contra ti; e tenhas dous inimigos, um que te queira mal e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo: porque, se elle o faz com razão, deves emendar-te; e se contra razão, emendal-o. Ama a teu inimigo: porque se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amor generoso que por isso não é digno de vingança, senão de compaixão. Ama a teu inimigo: porque ou elle é executor da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da divina providencia para exercitar a tua paciencia e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo: porque Deus perdôa a quem perdôa; e mais nos perdôa Elle na menor offensa do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo: porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro; e se lhes respondes com amor, são de ouro. Ama a teu inimigo: porque melhor é a paz que a guerra; e n'esta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido triumpho. Ama a teu inimigo: porque elle em te querer mal imita o demonio; e tu em lhe querer bem pareces-te com Deus. Ama a teu inimigo: porque se o não queres amar, porque é inimigo, dével-o amar, porque é homem. Ama a teu inimigo: porque, se elle te parece mal, amando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo: porque as maiores inimizades cura-as o tempo; e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo: porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos se o manda o rei; e o que se faz sem descredito, porque o manda o rei; porque se não fará, porque o manda Deus? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo: porque, ou elle é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso, perdoa-lhe a elle; se é mais poderoso, perdoa-te a ti. «E assim podéra Christo allegar outras razões.

Só allega a mais forte.

Com tudo o divino Mestre e Legislador deixa todos estes motivos; e só diz: *Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros:* amae os vossos inimigos, porque eu sou que o mando.» Pois se a divindade e humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes á natureza ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos; «porque não allega senão este»: *Ego autem dico vobis?* Porque elle é o mais forte, o mais poderoso e o mais efficaz motivo de todos. Ajunctem-se todos os philosophos de Athenas, todos os oradores de Roma, e o que é mais, os prophetas de Jerusalem: façam discursos, inventem razões, excogitem argumentos, formem syllogismos, demonstrações e

evidencias para persuadir um homem a que ame seus inimigos: todos estes motivos comparados com um *Ego dico vobis* de Christo, não pésam um atomo.

A palavra de Christo como Deus dá o ser ás cousas.

VI. Pesemos e consideremos bem o poder infinito da palavra de Deus, e veremos a auctoridade immensa d'aquelle *Ego dico*. Antes da creação do mundo não havia nada. Appareceu subitamente esta grande machina que vemos, e quem a fez? Aquelle que com a sua palavra póde mandar ás creaturas, antes de existir e fazer que existam: *Ipse dixit et facta sunt*. Não havia céu; disse Deus: Faça-se o céu; e fez-se o céu. Não havia terra; disse Deus: Faça-se a terra; e fez-se a terra. Estava tudo ás escuras; disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deus é tão poderoso, que de nada fez tudo e do não ser tirou o ser de todas as cousas; que motivo podia, nem póde haver tão poderoso para que de não ser amigos nos fizesse ser amigos, como *Ego dico?* Quem é este *Ego*? É Deus, infinito ser: é Deus, infinita sabedoria: é Deus, infinita verdade. Pois se uma só palavra do mesmo Deus, *Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser que temos?

Ps. 148.

E dá-lhes energia para os seus effeitos. Por isso é a mais efficaz como motivo de perdão.

Vêde o que fizeram todas as creaturas depois de Deus lhes dar o ser; bastando, para que o fizessem, outro dizer sómente do mesmo Deus. Disse Deus á terra que produzisse as plantas sem outra semente ou agua que a regasse, mais que a mesma palavra; e no mesmo poncto os montes, os valles, os campos, se vestiram todos de verde: nasceram as hervas, brotaram as flores, levantaram-se as arvores com os ramos cobertos e sombrios de folhas, e carregados de tanta variedade de fructos. Disse Deus ao elemento da agua que produzisse os peixes e as aves; e logo começaram a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas côres e figuras, uns lizos, outros encrespados de escamas, e no pégo mais profundo as baleias e os outros gigantes e monstros do mar, como galeaças da natureza, remando com as barbatanas e batendo ou açoutando as ondas, como senhoras d'ellas. As aves, ou pintadas de diversas côres, ou vestidas de uma só, com liberdade de vagar por tres elementos; umas mais affectas á patria onde nasceram, habitaram as ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricaram seus ninhos na frescura das arvores, outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres; e todas reconheceram por sua rainha a aguia; porque só ella vôa e sobe direita até se esconder nas nuvens. As feras que povoaram os bosques, as serpentes que arrastando sairam das covas, e os rebanhos inno-

centes e pacificos que cobriram e fecundaram os prados, tambem foram parto de um só dizer de Deus á terra. E como do dizer de Deus dependem as existencias, «os actos e as qualidades das cousas», para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava, nenhuma razão ou motivo podia Christo allegar nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais irrefragavel, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis*.

A palavra de Deus motivo da fé e da caridade.

Houve-se Christo (notae muito) com as nossas vontades para o amor dos inimigos, como se ha com os nossos intendimentos para os mysterios da fé. Se perguntarmos aos theologos, qual é o motivo por que cremos os mysterios da fé sem nenhuma duvida, respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamam objecto formal) é, *porque Deus o disse*. Todas as outras razões (que tambem se chamam manuducções) bastam para conhecer o intendimento com evidencia, que os mysterios da fé não são incriveis; antes, que evidentemente são mais criveis que tudo o que propõem as seitas e erros contrarios: mas para fazer um acto verdadeiro e sobrenatural de fé, não ha nem póde haver outro motivo, senão porque Deus o disse. De maneira que, quando Christo para persuadir o amor dos inimigos disse sómente *Ego autem dico vobis*; quiz por modo altissimo e verdadeiramente divino, que o que é unico motivo da fé, fosse tambem unico motivo da caridade; e que a mesma caridade nas repugnancias d'este amor nos captivasse as vontades; assim como a fé nas difficuldades dos seus mysterios nos captiva os intendimentos: *In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi*.

2. Cor. 10.

Applicação ao mysterio da SS. Trindade.

Uma das maiores difficuldades da nossa fé é o mysterio altissimo e profundissimo da Sanctissima Trindade em que confessamos a Deus por Trino e Um. Creio que o Padre é Deus, creio que o Filho é Deus, creio que o Espirito Sancto é Deus; e crendo junctamente que estas tres pessoas são realmente distinctas, creio outra vez e mil vezes que a Pessoa do Padre Deus e a Pessoa do Filho Deus e a Pessoa do Espirito Sancto Deus, não são tres deuses, senão um só Deus. E alcança, ou comprehende o meu intendimento como isto póde ser? Não. Pois se o não intendo, nem o alcanço, como o creio e com tal certeza que daria por ella a vida? Porque Deus o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in coelo, Pater, Verbum et Spiritus Sanctus; et hi tres unum sunt*.

1. Joan. 5.

E ao mysterio da Eucharistia.

Outra grande difficuldade da fé, e mais sensivel ainda, é o mysterio occultissimo e patente do Sanctissimo Sacramento do altar. A vista diz que vê pão, o olfacto que cheira pão, o gosto que gosta pão, o tacto que apalpa pão, e até o ouvido, quando se

parte a hostia, que ouve pão; e eu rindo-me dos meus proprios sentidos e do testemunho conteste de todos cinco, creio que alli não ha substancia de pão; e que a substancia, que debaixo d'aquelles accidentes se occulta, inteira e perfeita em qualquer parte minima d'elles, é todo o corpo de Christo. E porque creio firmissimamente tudo isto, que não vejo nem sinto, contra o que parece que estou sentindo e vendo? Porque o mesmo Christo o disse: *Hoc est corpus meum*. Pois assim como este unico dizer de Christo é uma razão sobre todas as razões, um motivo mais poderoso que todos os motivos e uma mysteriosa escuridade mais clara que a luz do sol, para eu crer e defender até á morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor e Legislador divino para persuadir e estabelecer nos corações dos homens o amor dos inimigos contra todas as difficuldades, repugnancias e rebeldias da nossa inclinação não podia, nem devia allegar outras razões, outros motivos, ou outras evidencias mais fortes, que dizer: Amae a vossos inimigos, porque eu sou que o digo: *Ego autem dico vobis*.

Sublimidade do exemplo que Christo nos propõi no seu Pae.

VII Vencida a difficuldade do preceito «com a força de tantos motivos e sobretudo do principal entre elles, segue-se a sublimidade do exemplo com que o divino Mestre concluí a sua doutrina e desperta o nosso brio.» Amae e fazei bem a vossos inimigos, diz Elle, para que sejais filhos de vosso Pae que está no céu, o qual faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus, e descer a sua chuva sobre os justos e sobre os injustos: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est, qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos*. Os bons e os justos são os amigos de Deus; os maus e os injustos são os seus inimigos; e é tal a bondade e beneficencia do mesmo Deus ou com amor ou com odio, que aos amigos e inimigos sem differença communica os seus thesouros. Se nasce o seu sol, para todos nasce; se desce a sua chuva, para todos desce. Bem podera Deus fazer que só para os bons e justos houvesse luz, e para os maus e injustos trevas, como no Egypto os hebreus estavam alumiados e os egypcios ás escuras. E do mesmo modo, como lhe pedira o real propheta David, bem podera negar a chuva aos montes de Gelboé e dal-a abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons e os justos sejam os seus amigos, e os maus e os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem uns e sobre o que lhe desmerecem os outros quer que assentem egualmente os seus beneficios n'esta vida mortal.

Math. 5.

Como Deus n'este mundo tracta os seus inimigos.

Deixado porém o sol no céu e a chuva nas nuvens, passemos á terra, e a toda a terra, onde moram os inimigos de Deus

e onde se vêem mais varia e opulentamente beneficiados de sua mão. Em todo este mundo quantos são os amigos de Deus e quantos os seus inimigos? Os amigos são muito poucos, e os que se conservam em sua amizade e graça sem cair em seu odio, rarissimos. Pelo contrario os inimigos de Deus e os que vivem perpetuamente em seu odio são sem numero. Estes são os herejes e os scismaticos, estes os mahometanos e os judeus, estes os gentios e os atheus, estes os apostatas e maus christãos. E a insolencia de todos estes, armados do odio que teem ao Supremo e Eterno Deus, está sempre subindo e fazendo guerra ao cêu, á escala vista, com as suas ingratidões, com as suas injurias, com as suas affrontas, com as suas blasphemias de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia eorum qui te oderunt, ascendit semper*. E quem é o que lá desfaz ou suspende estas tremendas exhalações e vapores «da soberba humana,» para que não desçam sobre o mundo em raios «de vingança», senão o braço ou coração do mesmo Deus com as indulgencias do seu odio? Elle é o que os soffre; elle é o que os dissimula; elle é o que tem mão em si e na sua justa ira. Mas não pára aqui. Este mesmo Deus que aos seus inimigos deu o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dá a vida, lhes conserva a saude, lhes accrescenta as riquezas, as honras, os estados, os reinos e os imperios: como se para a distribuição dos bens ou da natureza ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons e os maus todos foram bons, os justos e os injustos todos foram justos, e os amigos e os inimigos todos foram amigos. É verdade que nos affectos de odio ou amor de Deus ha a differença de amados ou aborrecidos: mas nos effeitos da beneficencia do mesmo Deus são n'este mundo tão favorecidos e tão mimosos uns e os outros, como se os amados e aborrecidos todos foram amados.

Ps. 73.

De que modo Deus professa odio a Esaú e amor a Jacob. Mal. 2.

O propheta Malachias fallando em nome de Deus, ou Deus fallando por bocca do mesmo propheta diz: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui*: eu amei a Jacob e tive odio a Esaú. E S. Paulo escrevendo aos romanos, e fallando Deus pela sua penna, repete a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui*. De sorte que em dous textos, um do Testamento velho e outro do novo, temos expresso o odio de Deus e o amor de Deus, e as pessoas uma amada e outra aborrecida, não occultas, senão declaradas por seu proprio nome Jacob e Esaú. Agora vamos á historia sagrada e vejamos o que fez Deus a Esaú com odio de Esaú, e o que fez a Jacob com amor de Jacob.

Rom. 22.

Bens de ambos.

O que mais estima a felicidade humana é vida, riqueza, hon-

ra. Quanto á vida, assim como Jacob e Esaú nasceram na mesma hora, assim acabaram a vida da mesma edade; e essa tão extendida, que não se podiam queixar da morte. Quanto á riqueza, ambos cresceram tanto na multiplicação e fecundidade dos gados que creavam os seus pastores (e eram as minas e thesouros d'aquelle bom tempo), que por não caberem no campo foi necessario que as duas poderosas familias se dividissem, como dividiram, habitando e dominando Jacob as terras de Canaan, e Esaú as de Edom e Seir. Até aqui nem o odio nem o amor de Deus se distinguiram nos effeitos, e o odiado e o amado continuaram a sua peregrinação (que assim lhe chama a Escriptura), tão irmãos na fortuna como no sangue.

Esaú honrado nos seus descendentes.

Mas vindo ao poncto da honra, que é o de maior estimação e reparo, tendo já as duas familias crescido a ser duas nações ou duas gentes (como Deus revelou á mãe de ambos, quando ainda os trazia no ventre: *Duae gentes sunt in utero tuo*); foi muito notavel a grandeza e majestade com que a descendencia de Esaú por mais de quinhentos annos se avantajou á de Jacob. Trocando o nome de Edom, chamaram-se os descendentes de Esaú idumeus; e governando-se toda a nação umas vezes como republica, outras como monarchia, sempre os descendentes e netos de Esaú foram os principes soberanos d'ella, ou na republica com titulo de duques, ou na monarchia com majestade e corôa de reis. E posto que em similhantes successões costuma haver muitas mudanças e quebras, esta foi tão continuada de paes a filhos sempre no mesmo dominio, que quando Moysés a escreveu no cap. 35 do Genesis já o numero dos duques tinha sido onze e o dos reis coroados nove. E o que de nenhum modo se deve passar em silencio é, que o segundo d'estes reis [illegible] bisneto de Esaú, ainda em sua vida, foi o famosissimo Job, [q]ue tanto pela constancia na adversa fortuna, como pela mode[r]ação na prospera, podia fazer insigne e memoravel qualquer [r]eino dos maiores do mundo. E quem podera esperar nem ima[g]inar taes excessos de felicidade na pessoa e descendencia de [u]m homem, do qual disse o mesmo Deus que lhe tinha odio: *[E]sau odio habui?*

Gen. 25.

Como a Escriptura escreve o seu catalogo.

O reparo, porém, mais notavel e digno de admiração n'esta [m]ateria é a advertencia e reflexão com que a Escriptura sagra[da] começa a escrever o catalogo dos reis descendentes de Esaú: *[Re]ges autem qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent [re]gem filii Israel, fuerunt hi.* Quer dizer: Estes foram os reis [net]os de Esaú, antes que os filhos de Jacob tivessem rei. Por [ve]ntura que não ha outra similhante reflexão em toda a histo[ria] sagrada. Primeiramente Moysés não podia notar esta diffe-

Gen. 36.

rença sem particular revelação de Deus: porque quando os filhos de Jacob tiveram o primeiro rei, que foi Saul, havia de ser mais de quinhentos annos depois d'este tempo. Pois por que razão, ou com que mysterio, fez Deus esta revelação a Moysés e lhe mandou fazer esta reflexão e notar esta grande differença entre os filhos de Esaú e os filhos de Jacob em materia tão relevante de gerações do mundo, qual é ter reis ou não ter reis? Para que intendessem os que isto haviam de ler que o odio de Deus n'este mundo é tão benefico, tão generoso, tão heroico e tão inclinado a fazer bem a seus inimigos, que não só pode competir com o amor do mesmo Deus em respeito de seus amigos; mas adiantar-se e vencel-o em materias de tanto preço e tanto peso, como foram n'este caso a dignidade reál e o tempo d'ella. O tempo, quanto vai de quinhentos annos antes a quinhentos depois: a dignidade, quanto vai de ter reis e tantos reis a não ter reis. Isto é o que o odio de Deus a Esaú fez a Esaú; e isto o que o amor de Deus a Jacob não fez a Jacob «por tantos annos, posto que depois lhe deu a terra de promissão». Tão heroica é a beneficencia de Deus em preferir «quanto aos bens d'este mundo até» os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissão expressa do amor que lhe merecem os amigos e do odio que tem aos inimigos: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui.*

A Incarnação é um exemplar de perdão mais facil de imitar.

VIII E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deus, como n'este caso, em dar sceptro e corôas, «concluamos» o nosso discurso com outro acto não menos heroico nem menos generoso, senão mais. E qual é ou pode ser este acto? «A incarnação do Verbo divino pela qual podemos ser filhos do Pae celeste: *Ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est.*» Attenção.

Doutrina de Sancto Thomaz

É theologia certa que Deus podia remir o genero humano por um homem, ou por um anjo. E porque se deliberou e decretou no consistorio divino que o remisse Deus por si mesmo? Porque o peccado de Adão na desobediencia não só offendeu a soberania de Deus, senão que direita e mais formalmente offendeu a sua divindade, querendo e crendo que podia ser como Deus: *Eritis sicut dii.* E como a divindade n'aquelle caso foi a mais offendida, á mesma divindade pertencia o perdão e o remedio do inimigo que o offendeu; e por isso o mesmo Deus foi o redemptor. Assim o resolve e ensina toda a mesma theologia com o doutor angelico Sancto Thomaz; «e assim quiz Deus tanto á sua custa perdoar a seu inimigo.» Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do divino exemplar. Na divindade o Padre é Deus, o Filho é Deus, e o Espirito Sancto é Deus; e tão offendido foi Deus no Padre, como no Filho; tão

Gen. 3.

offendido no Filho, como no Espirito Sancto; e tão offendido no Espirito Sancto, como no Padre. Porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre, nem a do Espirito Sancto, senão a do Filho? Pela mesma razão. O attributo em que Adão quiz ser similhante a Deus foi na sabedoria de todas as cousas: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum.* Assim o disse o demonio; e assim o creu e quiz Adão. Ao poncto agora. Nas tres Pessoas divinas da Sanctissima Trindade, ao Padre attribui-se a omnipotencia, ao Filho a sabedoria e ao Espirito Sancto a bondade; e como na Pessoa do Filho, a que se attribui a sabedoria foi maior e dobrada a offensa do peccado de Adão, uma vez offendido na divindade, outra vez offendido na sabedoria; por isso foi tambem no mesmo Filho maior e dobrada a misericordiosa obrigação de ser elle, e não outra Pessoa divina, o que procurasse o perdão, o remedio e todo o bem do mesmo Adão que o offendera.

Mysterio da morte do Salvador.

Finalmente porque este exemplo de havermos de amar e fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos d'elles, se acabe de verificar em Deus na Pessoa do Filho, esse foi o altissimo mysterio com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo-nos por exemplo a Deus accrescentou que o haviamos de imitar como filhos do mesmo Pae; que é fazendo o que a Pessoa do mesmo Filho fez «como Deus e como homem, não só quando incarnou vestindo-se da nossa fragilidade para remedio das nossas culpas, senão tambem quando morreu implorando perdão para os seus crucificadores: *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Imitando, pois, taes exemplos, seremos verdadeiros irmãos de Jesus Christo, e por conseguinte verdadeiros filhos do Pae celestial, porque imitamos Áquelle *qui solem suum oriri facit super bonos et malos*; e porque imitamos ao nosso irmão primogenito *qui peccata multorum tulit et pro transgressoribus rogavit.*»

Luc. 23.

Ps. 53.

Os Rechabitas que confundem aos israelitas; e os turcos que confundem aos christãos.

IX Agora para confusão e affronta dos que, com nome de christãos, não obedecem á fé «d'este preceito, d'este motivo, d'este exemplo, deixae que remate o meu discurso repetindo e applicando a queixa que Deus fez por bocca de Jeremias contra os israelitas.» Quando Nabuchodonosor veio sitiar a cidade de Jerusalem em tempo d'el-rei Joakim, havia trezentos annos que nos desertos vizinhos habitavam como ermitães uns pastores chamados Rechabitas; os quaes por temor dos inimigos se recolheram á cidade. Então fallou Deus ao propheta Jeremias e lhe disse que hospedasse um dia aos Rechabitas em um cenaculo do templo; e quando estivessem á meza lhes dissesse que bebessem do vinho que n'ella lhes teria preparado. Fel-o assim

o propheta; mas elles responderam que não podiam nem haviam de beber vinho: porque Jonadab, filho de Rechab, de quem traziam o nome e a origem, lh'o tinha prohibido. Ouvida a resposta, esperava Jeremias o mysterio e fim com que Deus lhe mandara fazer aquella experiencia; e a declaração do enigma, ou a segunda parte da parabola, foi que o mesmo Jeremias mandasse chamar os magistrados da cidade, e que com aquelle exemplo á vista lhes notificasse a grande razão com que Deus tinha chamado o exercito de Nabuco, executor de sua justiça, para a destruição e captiveiro de Jerusalem. As palavras da consequencia e comminação divina foram estas: É possivel, diz Deus, que tão pouco respeito e tão pouca obediencia se ha de guardar em Jerusalem ao que eu digo? Com os filhos de Rechab, moabitas e gentios, poderam tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes uma cousa que é licita a todos os homens, haverá tantos centos de annos, a observam sempre até hoje; e que eu fallando aos filhos de Israel desde pela manhã até noite e prohibindo-lhes o que não é licito a nenhum homem, nenhum caso façam do que lhes digo? Tanto respeito ao que diz Jonadab, e tão pouco ao que diz Deus? «A mesma queixa e com maioria de razão Deus faz agora dos christãos confrontando-os com os Rechabitas. Com os Rechabitas digo? Antes com gentios muito peiores, quaes são os turcos». Pois o mesmo preceito de não beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Mafoma aos seus sequazes. E que maior vergonha e affronta da christandade que resistir o turco ao seu appetite e á sua sede, porque o manda o Alcorão e o disse Mafoma; e não mortificar o christão a sua paixão da ira e o seu odio, porque o préga o Evangelho e o diz Christo? «Mas ha ainda mais.»

Antes os christãos que se confutam com seus proprios actos.

Não é necessario ir tão longe nem sair de casa «para o christão se envergonhar da sua rebeldia. Os seus proprios actos o confutam e cobrem de vergonha». Dizei-me: E se estais tão offendido e tão aggravado de vosso inimigo, porque vos não vingais? Por me não perder. Bem. E porque beijais aquella mão que desejais ver cortada? Porque dependo d'ella. Melhor. E porque lisonjeais com a bocca este e aquelle que aborreceis com o coração? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa e infame, não o fareis porque o manda Christo? «E sois christãos? E crêdes no Evangelho? E esperais a herança dos filhos de Deus? E todos os dias chamais a Deus vosso pae? E o que é mais para lastimar, todos os dias o empenhais a perdoar-vos as vossas dividas assim como vós perdoais aos vossos devedores? Senhores e christãos da minha alma, mais coherencia entre as conclusões e os

principios, entre as obras e as palavras, entre a vida e a profissão. Provado temos que o preceito de amar os inimigos não é tão difficultoso como á primeira vista nos parecia. Mas fosse embora difficultosissimo. É Christo que manda este amor: *Ego autem dico vobis;* e para cumprir um preceito de Christo não ha difficuldade que não se deva e não se possa vencer. *Omnia possibilia sunt credenti:* Tudo é possivel a quem crê e confia na graça do mesmo Senhor: tudo é possivel a quem o ama de coração: tudo é possivel a quem intende a virtude e omnipotencia d'aquellas palavras: *Ego autem dico vobis diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos; ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est.*»

Marc. 9.

Ed. ant. tom. 11.° pag. 96, ed. mod. tom. 8.° pag 263

II. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1651

[O]BSERVAÇÃO DO COMPILADOR—Este discurso prima no artificio oratorio, na riqueza da elocução e na liberdade apostolica com que Vieira prégava á côrte sem rebuço nem lisonja as verdades do Evangelho. É um dos sermões que mais revelam o genio do orador.

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.
MATTH. 5.

Como a Egreja prepara os fieis no principio da Quaresma.

Que depressa nos leva a Egreja a Deus e com toda a alma! An-[te]hontem nos excitou a memoria, hontem nos illustrou o inten-[di]mento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitou-nos a memoria [co]m a lembrança da morte: *Memento homo quia pulvis es.* Illus-[tr]ou-nos o intendimento com o maior exemplo da fé: *Non in-[ve]ni tantam fidem in Israel.* Aperfeiçoa-nos a vontade com o [ac]to mais heroico da caridade, que é o amor dos inimigos: *Di-[lig]ite inimicos vostros.* Este acto, como tão singular da lei e tão [pro]prio da perfeição christã, será o assumpto unico de todo o [me]u discurso. E posto que a materia do amor dos inimigos seja [tão] batida; o que determino tractar hoje, é uma questão muito [no]va e muito propria d'este logar.

Matth. 8.

Os reis estão sujeitos e obrigados como os outros homens ao preceito de amar os inimigos. Qual o fundamento d'esta obrigação.

«Claro está que quando Christo disse: *Ego autem dico vobis: [Dil]igite inimicos vostros, benefacite his qui aderunt vos*; não só a [plebe?]te do povo, mas» tambem as altezas e majestades por mais [alta]s e soberanas que sejam, se intendem e comprehendem de-[bai]xo d'aquelle *vobis*; e todas egualmente, como os outros chris-[tão]s, sem nenhuma excepção, nem privilegio, estão sujeitos ao [pre]ceito de Christo e obrigados a amar os seus inimigos e a [lhe]s fazer bem. «Basta examinar» o fundamento d'esta obrigação [que] está na primeira palavra do texto: *Ego autem dico vobis.* [Ego]. Eu. E quem é esse Eu? Não é Platão, nem Lycurgo, nem

Numa Pompilio, cujas leis comtudo por serem racionaes as veneravam e obedeciam todos os reis que alcançaram fama de justos; mas é aquelle Eu que disse a Moysés: *Ego sum qui sum:* Eu sou o que sou. O que só tem o ser de si e o deu a todas as cousas. Aquelle Eu que faz os reis, e tambem os desfaz, quando elles não fazem o que devem: *Per me reges regnant.* Aquelle Eu que traz escripto na orla da opa real: Rei dos reis e Senhor dos senhores: *Rex regum et Dominus dominantium.* Aquelle Eu de quem os reis são mais subditos do que os vassallos dos reis; porque os reis todos receberam o dominio e jurisdicção da mão e consenso dos povos; e se conservam em si e perpetuam na sua posteridade o mesmo poder e soberania, é por mercê e á mercê de Deus, em quanto elle for servido e com um aceno da sua vontade não mandar o contrario. E este Eu, *Ego autem dico vobis,* este Eu é o que diz a todos sem distincção, nem excepção de pessoas ou dignidades: *Diligite inimicos vestros:* para que intendam os reis da terra e de terra, que este e qualquer outro preceito de Deus o devem receber não pezadamente, senão com alegria e observar com temor e tremor: *Et nunc reges intelligite: erudimini qui judicatis terram: servite Domino cum timore et exultate ei cum tremore*: sob pena de que se elles não amarem os inimigos, Deus os terá por inimigos a elles, e os destruirá, e perecerão como taes: *Nequando irascatur Dominus, et pereatis de via justa.*

Prov. 8. Apoc. 19. Vide Suarez de legibus. l. 3. c. 3. Ps. 2.

Porque Jacob não deu a benção da realeza, nem a Rubem, nem a Simeão, nem a Levi.

Caso notavel é que repartindo Jacob na hora da morte a benção que tocava ou havia de tocar a cada um dos seus filhos, a do sceptro e coroa de Israel a désse e collocasse ao quarto. Este quarto filho era Judas do qual descenderiam os Davis, os Salomões e os outros reis do reino por isso chamado de Judá, e do qual tambem descendeu Christo. Mas porque razão? O reino e a primeira benção, segundo o uso dos patriarchas e conforme á lei natural que ainda hoje se observa, pertencia ao primogenito, que era Rubem. E posto que Rubem perdeu este direito e se fez indigno da coroa pela gravissima injuria que commetteu contra seu pai no incesto que todos sabem, a Rubem seguia-se com o mesmo direito Simeão, que era o filho segundo, e a Simeão se seguia Levi, que era o terceiro. Pois porque não deu Jacob a benção e a investidura do reino, nem a Simeão, nem a Levi, senão a Judas; e deixando desherdado d'aquelle grande e supremo morgado ao segundo e terceiro filho, o assentou e instituiu no quarto? Não é necessario que o digam doutores ou expositores; porque na benção de ambos os desherdados dá o mesmo texto e o mesmo Jacob a causa: *Simeon et Levi fratres, vasa iniquitatis bellantia: in consilium eorum non veniat*

Gen. 49.

anima mea, et in coetu illorum non sit gloria mea: quia in furore suo occiderunt virum, et in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum quia pertinax et indignatio eorum quia dura. Simeão e Levi foram aquelles dous irmãos, que para vingar a injuria que o principe Sichem tinha feito a sua irmã, mataram ao mesmo Sichem e a todos os sichimitas, e lhe destruiram e assolaram a cidade. E homens tão duros de coração, homens tão furiosos, pertinazes e vingativos (posto que a causa parecesse justificada) não só não são dignos de reinar, nem de ter supremo dominio sobre os outros homens, mas merecem justissimamente que, se por outra qualquer via lhe pertence o sceptro e a coroa, de nenhum modo e em nenhum tempo a logrem; antes sejam para sempre privados e desherdados do reino; como eu com a minha maldição em nome de Deus os desherdo. Isto disse e fez Jacob, desherdando e privando do reino aos dous filhos, a quem de direito pertencia, só por serem vingativos e não perdoarem aggravos.

O exemplo de Christo obriga hoje ainda mais os reis christãos. Porque Christo tomou o nome de Rei dos Judeus. Admiração de S. Agostinho.

De tão longe ía Deus estabelecendo e fundando já o preceito que havia de promulgar por sua propria bocca; ensinando com tão grandes e temerosas experiencias aos reis, que, quando dissesse *Ego dico vobis*, tambem fallava com elles. E notem os que de presente reinam que com muito maior razão lh'o diz hoje Christo do que o disse antigamente; porque aquelle Eu ainda então não era o que hoje é. Era Deus, era supremo Legislador, era Rei dos reis; mas ainda não era Rei que tivesse pedido perdão pelos que o crucificavam, nem Rei que tivesse tomado por titulo Rei dos que lhe tiraram a vida. Lendo Sancto Agostinho no titulo da cruz *Rex Judaeorum*, admira-se muito de que Christo tomasse titulo de Rei dos judeus, sendo rei de todo o mundo e de todas as nações d'elle. Nas lettras hebraicas, gregas e latinas em que estava escripto o titulo, e que eram as mais universaes, se significava o dominio, que tinha o rei crucificado, sobre todas as nações. Pois se Christo era Rei do todo o mundo e de todos os homens, porque toma só por titulo o de Rei dos judeus? Porque ainda que era Rei de todos, só os judeus foram aquelles que lhe tiraram a vida; e onde foi maior o amor dos inimigos, alli assentou melhor o titulo de Rei. Rei de todos, Redemptor de todos e o que perdoou os peccados de todos: mas dos judeus de que recebeu os maiores aggravos; dos judeus que lhe tiveram maior odio; dos judeus que mais que todos foram seus inimigos; d'esses particularmente Rei: *Rex judaeorum*. Para que acabem de intender os que são e se chamam reis, que não só pelo preceito que lhes puz, senão pelo exemplo que lhes dei, e para perpetuarem os seus reinos, como

eu eternizei o meu, todos sem excepção são obrigados ao amor dos inimigos e todos a fazer bem aos que lhes tiverem odio: *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.*

Objecto do assumpto d'este sermão.

«Porém essa obrigação que teem os reis, como todos os outros christãos, é verdade muito certa e muito sabida, e por isso não póde ser o objecto do novo assumpto que eu pretendo tractar. Qual será, pois, este objecto?» Saber e distinguir quem são os inimigos dos reis.

Pergunta que fez a Christo um doutor da lei, e pergunta que se pode fazer ao orador.

Perguntando um doutor da lei a Christo Senhor nosso que havia de fazer para se salvar, respondeu o Senhor que amar a Deus sobre todas cousas e ao proximo como a si mesmo. Porêm o doutor para se justificar, como diz S. Lucas, d'esta mesma resposta de Christo levantou outra questão dizendo: Bem está que seja eu obrigado a amar o meu proximo; mas esse meu proximo quem é? O mesmo digo eu, ou me podem dizer e perguntar a mim. Bem provado está que os reis teem obrigação de amar a seus inimigos: mas esses inimigos quem são?

A resposta a esta pergunta é difficil e perigosa; mas nem por isso se deve dissimular.

A resposta não é facil; antes tal e de tão máu gosto, que se eu a der como devo, tambem póde grangear inimigos. «Comtudo não a dissimularei: pois a religiosidade dos nossos reis me deu sempre a liberdade que me é necessaria para o desempenho do ministerio apostolico. Portanto com os olhos no Soberano Mestre e Legislador que me é testimunha de que só quero a sua gloria e o bem das vossas almas, direi a verdade» com a graça do mesmo Senhor e sem lisonja de nenhum outro, «declarando desassombradamente quaes são os inimigos dos reis, e como estes os devem amar para cumprir com o preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros: benefacite his qui oderunt vos.*

II. Quaes são, pois, os inimigos dos reis?» Começando pelos de mais longe, parece que os inimigos dos reis são os que lhes impugnam o reino e os que lhes sitiam as cidades, os que lhes infestam os mares, os que lhes roubam as conquistas e os outros que por qualquer modo lhes fazem guerra. Mas estes não são os de que mais propriamente falla Christo. Os que nos fazem guerra (posto que a nossa lingua equivocamente lhes dê o mesmo nome) não se chamam propriamente *inimicos*, chamam-se *hostes*. *Inimicos* são os inimigos por inimizade e odio, como costumam ser os de dentro: *hostes* são os inimigos por hostilidade e por guerra, que só podem ser os extranhos e os de fóra. Isto posto, Tertulliano teve para si que nenhum christão podia ser hoste: *Christianus nullius est hostis.* E persistindo coherentemente n'este seu parecer, chegou a affirmar que nenhum rei podia ser christão, nem algum homem que fosse christão podia ser rei: *Si christiani caesares esse possunt, aut caesares chri-*

stiani. E que fundamento teve, ou podia ter, este antiquissimo auctor e de muito são e profundo juizo em outras materias (ao qual S. Cypriano chamava mestre) para ensinar uma doutrina tão alheia do que hoje se practica em toda a christandade? O fundamento que teve foi o exemplo da humildade e paciencia de Christo, persuadindo-se que as armas do christão não podiam ser a espada, que o mesmo Senhor mandára embainhar a S. Pedro, senão a mansidão e paciencia. E como via, pelo contrario, que á obrigação e officio dos reis e imperadores eram necessarias as armas e os exercitos para defender seus estados e vingar as injurias que lhes fizessem ou intentassem fazer seus inimigos; esta mesma vingança dos inimigos julgou que os excluia da lei do Evangelho e os fazia incapazes de ser christãos: definindo, como por conclusão evidente, que todo aquelle que por este modo fizesse mal a seus inimigos e por consequencia os não amasse, se fosse rei não podia ser christão; e se quizesse ser christão, havia de deixar de ser rei. Este erro de Tertulliano (que ainda hoje seguem os herejes anabaptistas) se refutou e desfez publicamente d'ahi a cento e vinte annos com a conversão e baptismo do imperador Constantino Magno, que foi o primeiro principe christão que houve no mundo: o qual comtudo, sendo convertido pelo mesmo successor de S. Pedro, nem por isso desistiu da guerra e emprezas militares; armando, como d'antes, exercitos, dando batalhas, alcançando victorias, conquistando cidades e provincias. Nem d'aqui se segue que elle, ou outro imperador e rei christão, podesse ter odio a seus inimigos e fazer-lhes mal: porque (como bem suppunha Tertulliano n'esta parte) seria obrar direitamente contra o preceito expresso de Christo, que manda amar e fazer bem a todos e quaesquer inimigos.

Os reis christãos podem e devem amar os seus inimigos de guerra, ainda que procurem destruil-os.

Mas se esses reis christãos na invasão das terras de seus inimigos talam os campos, arrasam castellos, escalam cidades e derramam tanto sangue, matando homens a milhares, como podem fazer tudo isto e amar junctamente aos mesmos seus inimigos? Eu o direi; e respondo a uma pergunta com outra. Quando o legitimo juiz, segundo o merecimento dos autos, condemna á morte e á confiscação de bens um réu, e manda executar n'elle a sentença, póde fazer isto sem odio? É certo que não só sem odio, senão amando muito ao mesmo homem e não procedendo áquelle rigor senão muito a seu pezar, e obrigado sómente das leis da justiça, de que é ministro. Pois do mesmo modo obra o rei christão na guerra que faz a seus inimigos: porque n'aquelles casos elle e só elle é o legitimo juiz. Qual cuidais que é a maior dignidade e auctoridade do rei? Por ven-

tura o dominio e superioridade suprema sobre tantas cidades e povos de quantos se compõi um reino e muitos reinos? Não. A maior auctoridade e soberania dos reis é que nas controversias com outros principes extranhos elles sejam e Deus fiasse d'elles o serem juizes em causa propria. E como os reis são juizes, e juizes postos por Deus em seu logar; assim como o juiz inferior póde sentenciar o réu a perdimento da vida e da fazenda sem odio, antes com amor, assim o rei na guerra justa e julgada por sua propria auctoridade, póde mandar matar e despojar seus inimigos, amando-os junctamente e observando o preceito de os amar: *Diligite inimicos vestros.*

E com isto, se a guerra é justa, lhe fazem bem.

Mas Christo não só manda que amemos aos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Et benefacite his qui oderunt vos.* Pois se o rei christão com a guerra e hostilidade d'ella faz a seus inimigos o maior mal d'esta vida, antes os dous maiores males, que é despojal-os dos bens que possuem, e da mesma vida, se resistirem; como póde estar com isto o não lhes fazer mal (que não basta), mas o fazer-lhes positivamente bem, que é o que manda o preceito *Diligite et benefacite?* Tambem a esta pergunta respondo com outra dentro no mesmo exemplo. Quando o juiz entre dous litigantes condemna o injusto possuidor e o executa com violencia, privando-o do que injustamente possuia, faz-lhe bem ou mal? Não ha duvida que lhe não faz mal, senão bem e o maior de todos os bens. Porque? Porque o obriga a restituir por força o que nunca havia de restituir por vontade; e por meio d'esta restituição, sem a qual se não podia salvar, o pôi em estado de salvação. Tal é o bem e grandissimo bem que os reis christãos fazem aos outros principes seus inimigos, quando por meio da guerra justa e poderosa recuperam d'elles as terras, cidades ou reinos que elles ou seus maiores lhes tinham usurpado. Porque obrigando-os por força a restituir o alheio, os desobrigam da restituição que nunca haviam de fazer de grado: sendo n'este caso mais venturosos os despojados e vencidos do que cuidam e festejam os vencedores. A espada antigamente era a insignia do juiz; por onde disse S. Paulo: *Non enim sine causa gladium portat,* e como os juizes inferiores não teem jurisdicção nem alçada sobre os pleitos dos reis, o que elles não pódem com a espada da justiça, fazem os reis com a justiça da espada. É verdade que derramam sangue e muito sangue: mas assim como o medico o tira sem querer mal, nem fazer mal; assim o pódem fazer os reis não por odio, senão com boa vontade, e não para matar o corpo mal affecto, senão para o descarregar do humor que o mata e o reduzir á saude. Esta é a recta intenção com que deve proceder na guerra todo o rei

Rom. 13.

justo, por duas razões: a primeira, para obedecer ao preceito de Deus, que é o Senhor dos exercitos: a segunda, para o fazer propicio ás suas armas, que movidas por odio ou vingança nunca pódem ter bom successo. Assim o intendeu e deixou escripto aquelle tão grande rei, como soldado, David: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis*.

Os verdadeiros inimigos do rei se acham entre os seus vassallos.

III. Temos visto e distinguido quaes são os inimigos que se chamam *hostes;* e declarado em todo o rigor da theologia como se podem amar e devem amar, ainda quando se lhes faz ou faça guerra: materia muito propria do tempo presente e não menos necessaria a purificar a emulação nacional, que entre gente de pouca nobreza e intendimento passa talvez a ser odio. Agora recolhendo-nos dos muros ou das raias a dentro, segue-se ver quaes sejam os outros que propriamente se chamam *inimicos: Diligite inimicos vestros*. E supposto que não fallamos de inimigos em geral, senão dos inimigos dos reis dentro dos limites da nossa questão; uma cousa intendo n'este poncto, e outra parece que se não póde intender. Intendo que os inimigos dos reis n'este caso não podem ser outros, senão os vassallos: mas não intendo, nem sei como se póde intender, nem imaginar (ao menos entre nós), que haja homem tão indigno e tão vil, que mereça tão abominavel nome. Se o primeiro e maior amor dos vassallos é o do seu rei; se os mortos suspiravam por este nome n'elle se sustentam os vivos; se para o sustentar, defender e onservar, todo o outro amor já não é amor, desprezando-se a zenda, o sangue, a vida, a mulher, os filhos; como pode ser ue haja ainda, ou possa haver, não digo homens, senão monsros que sejam ou se possam chamar inimigos dos reis? Eu não irei quaes são, porque o não sei intender, como já disse: mas eferirei, e me referirei sómente aos que os nomeiam, e são stimunhas todas legaes e a quem a opinião do mundo dá rande credito.

E são os aduladores que vivem no paço.

Entre os politicos Xenophonte, Tacito, Cassiodoro; entre os istoricos Tito Livio, Suetonio, Quinto Curcio; entre os philophos Seneca, Plutarcho, Severino Boecio; entre os Sanctos Pares Jeronymo, Chrysostomo, Gregorio, Agostinho, Bernardo eixando os demais), todos, só com discrepancia no encareciento, dizem e ensinam concordemente que os inimigos dos is e os maiores inimigos são os aduladores. E supposto que jam os aduladores, como logo se provará largamente; onde vem ou onde estão encastellados estes inimigos dos reis? É rto que não são os que lavram os campos, nem os que aram mares, nem os que presidiam as torres, nem os que plei-

teiam nos tribunaes, nem os que commerceiam nas praças, nem menos todos os outros, que com o trabalho de suas mãos servem á republica, e só conhecem de palacio as paredes e as adoram de fóra. Logo se não são os que só as vêem de fóra, devem ser sem duvida os que as frequentam de dentro: verificando-se tambem dos reis o que Christo pronunciou geralmente de todos os homens: *Inimici hominis domestici ejus.* Os domesticos e os familiares, os que são admittidos a ouvir e ser ouvidos, estes são os aduladores e por isso os inimigos: assim commenta o texto de Christo S. Bernardino de Sena, declarando que a razão de serem inimigos os domesticos, é por serem aduladores; e que esta pensão ou desgraça é a mais perniciosa dos principes: *Nihil principi perniciosius esse potest, quam domesticus inimicus: hujusmodi autem sunt adulatores.* S. Gregorio Magno que depois de grandes cargos politicos nas duas maiores côrtes de Roma e Constantinopla, foi cabeça suprema de toda a Egreja, e por si mesmo e seu juizo, sciencia e experiencia uma das mais eminentes cabeças do mundo; não só diz que os aduladores secretos são publicos inimigos dos reis, mas dá como regra e cautela aos mesmos reis, que quanto virem que são maiores os louvores com que forem adulados d'elles, tanto os reconheçam por maiores inimigos e creiam que o são: *Tanto majores hostes credendi sunt, quanto magis laudibus adulantur.* E se isto não vêem claramente todos os reis, é porque é tal o doce veneno da lisonja, que entrando pelos ouvidos, lhes cega tambem os olhos. Por isso S. Pedro Damião tão practico e desenganado das côrtes, que por fugir muito longe d'ellas renunciou a purpura, a que compararia os aduladores de palacio? Comparou-os ás andorinhas de Tobias, as quaes, fazendo ninho na sua casa, lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista.

Matth. 10

Auctoridade de S. Agostinho e dos maiores philosophos gentios.

Sancto Agostinho auctor em toda esta materia primaz, com doutrina tirada da eschola de David, ensina que ha dous generos de inimigos, uns que perseguem, outros que adulam: mas que mais se ha de temer a lingua do adulador, que as mãos do perseguidor: *Duo sunt genera inimicorum, persequentium et adulantium: sed plus persequitur lingua adulantium, quam manus persecutoris.* A mão do perseguidor arma-se com a espada, com a lança, com a setta, com o veneno, e com todos os outros instrumentos de ferir e matar, que a furia e violencia do fogo accrescentou á dureza do ferro; e comtudo diz o maior doutor da Egreja, que mais se ha de temer a lingua desarmada do adulador que todas as armas do perseguidor e do inimigo. Mas porque dirão os palacianos (como dizem aos de nossa profissão) que fallou Sancto Agostinho como theologo e como sancto, e

não como politico; ponhamos-lhe de um lado a Pythagoras e do outro a Socrates, que não foram theologos, nem sanctos, mas ambos famosissimos mestres da republica mais politica, qual foi a de Athenas. Que diz Pythagoras? Gosta antes dos que te argúem, que dos que te adulam; e tem maior aversão aos aduladores, que aos inimigos; porque são peiores. E Socrates que diz? Á benevolencia dos aduladores dá-lhe logo as costas e foge d'elles como de inimigos; porque te não succeda algum infortunio dos que a adulação traz sempre comsigo. Creiam ao menos a Socrates e Pythagoras os que não quizerem dar credito a Sancto Agostinho.

Auctoriddade e Synesio e de Tacito.

Synesio, aquelle insigne varão que compoz os livros *de Regno*, e depois de governar prudentissimamente o mundo, com egual zelo e sanctidade governou e illustrou a Egreja, escrevendo ao imperador Arcadio, o conselho que lhe dá sobre todos, exhortando-o a que o observe com o primeiro e maior cuidado, é que não consinta juncto a si aduladores e se guarde e vigie d'elles; porque, por mais cercado que esteja de guardas o seu palacio, a adulação se sabe introduzir subtilissimamente sem ser sentida, e bastará ella só para primeiro o sujeitar e dominar a elle e depois o despojar do imperio. Cousa difficultosa parece, que tendo Arcadio presidiado o seu imperio com as legiões romanas e não havendo então inimigo extranho que com poderosos exercitos lhe fizesse guerra, houvessem de bastar poucos homens desarmados para dentro em sua propria casa destruirem o imperador e mais o imperio. Mas tão occulta e poderosa guerra é a que faz aos principes a adulação, e tão perniciosos inimigos, mais que todos, são os aduladores. Ouçam os politicos «o seu famoso mestre Cornelio Tacito»: *Adulatio perpetuum malum regum, quorum opes saepius assentatio, quam hostis evertit:* a adulação é aquelle perpetuo mal ou achaque mortal dos reis, cuja grandeza, opulencia e imperios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos aduladores, que as armas dos inimigos.

Cornelio a Lapide o confirma com exemplos.

Commentando este texto de Cornelio Tacito outro Cornelio de maior erudição, de melhor juizo e de mais largas experiencias que elle, confirma a verdade do seu dicto com a falta da verdade, de que só carecem os que são senhores de tudo, e com os exemplos de Nero, Cesar e Roboão, todos desastradamente perdidos não por inimigos de fóra, mas pelos aduladores domesticos: *Et quidem reges abundant rebus omnibus in aula, excepta veritate. Quid Neronem castissime educatum crudelem fecit? Adulatio. Quid Caesarem contra patriam rebellare fecit? Adulatio. Quid Roboam tyrannum reddidit? Adulatio.* Nem a

Prov. 30.

as mãos mora nos palacios dos reis: *Stellio manibus nititur et moratur in aedibus regis*. Bom fôra que moraram nos palacios dos reis e tiveram n'elles grande logar os que só teem mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto d'essas abobadas douradas; e a primeira cousa que faz é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares; e toda a fabrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer. Taes são (diz o rei que mais soube) as aranhas de palacio. Quem vir ao principio as finezas com que todos se desfazem e desentranham em zelo do serviço do principe, parece que o amor do mesmo principe é o que unicamente os trouxe alli. Mas depois que armaram os teares como tecedeiras e as redes como pescadores, logo se descobre que toda a teia, por mais fina que parecesse, era urdida e endereçada a pescar, e não a pescar moscas. E senão, veja-se o que todos pescam. As melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios; e talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miuda, pescam o mesmo dono da casa: *Homo qui blandis fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus*. As palavras brandas do adulador são redes que elle arma para tomar n'ellas o mesmo adulado. E este é o artificio sem arte dos aduladores reaes. Servem lisonjeiramente aos principes para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça para os fins, que só pretendem, de seus proprios interesses. E como por declaração do mesmo Legislador do nosso texto ninguem póde servir a dous senhores sem amar a um e ser inimigo do outro, provado fica sem replica e concluido, que quantos forem em palacio os amigos dos seus interesses, tantos são os inimigos dos reis.

Ibid. 29.

A ruina dos reis é serem louvados em tudo o que fazem. A benção que Jacob deu a Judá.

V. E se elles disserem que são isto discursos, tambem eu folgara muito que não só foram discursos, senão muito mal fundados e muito falsos. Mas no mesmo texto o *benefacere* é prova do *diligere*: *Diligite*, disse Christo, *et benefacite*. Vejamos, pois, o bem ou mal que os aduladores fazem aos reis; e logo se verá claramente se os amam, ou são seus inimigos. A maior fatalidade dos reis é nascerem todos em signo de ser louvados. Lançou Jacob a benção a Judas seu querido filho, e as palavras por onde começou foram estas: *Juda, te laudabunt fratres tui*: Judas, a ti louvarão teus irmãos. Os irmãos eram onze e muitos d'elles tiveram muito que louvar: pelo contrario Judas não deixou de fazer muitas acções dignas de ser vituperadas. Pois, se nos outros houve tambem cousas merecedoras de louvor, e

Gen. 49.

em Judas merecedoras de vituperio; porque se dá por benção só a Judas, que elle será o louvado e que todos o louvarão? «Bem sei que a causa sobrenatural e divina d'estes louvores prophetizados foi porque da sua descendencia havia de nascer o Messias; mas deve-se tambem attender que não faltou outra muito natural e muito humana». Judas, ainda que era o filho quarto, foi o que levou o sceptro e a corôa e em quem se fundou o direito hereditario da casa e successão real; e é benção ou fatalidade dos reis que tudo o que fizerem ou quizerem, ainda que não seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o rei, como Saul, tomar para si os despojos de Amalec consagrados a Deus e os applicar a usos profanos, *Te laudabunt.* Se o rei, como Salomão, para edificar soberba e deliciosamente o bom ou mau retiro do Libano, derribar as casas dos pouco poderosos e queimar as choupanas dos miseraveis, *Te laudabunt.* Se o rei, como Roboão, sobre o jugo pezadissimo e intoleravel de seu pae accrescentar tributos sobre tributos, oppressões sobre oppressões e rigores sobre rigores, nadando todo o reino em rios de lagrimas, *Te laudabunt.* E quem são os panegyristas d'estes louvores? Não são os que padecem o diluvio fóra da arca; não são os que moram e morrem fóra das paredes do palacio; senão os que vivem e reinam das portas a dentro. Estes são os aduladores que louvam o que não deveram louvar; e applaudem o que não deveram applaudir; e ajudam o que deveram estorvar: attentos sómente a não desgostar ou entristecer o agrado, em que teem fundado seus interesses; sem attenção ao credito e á fama, nem talvez á consciencia dos mesmos reis, como verdadeiros inimigos: *In malitia sua laetificaverunt regem.*

Os. 7.

Ainda quando os palacianos louvam com a bocca o que reprovam no coração, como fazia Afranio Burrho, são a ruina dos reis.

Eu bem creio do bom intendimento de alguns, que ao mesmo tempo em que louvam e applaudem com a bocca, gemem e choram com o coração. Nem elles deixam de o confessar assim, onde não é perigoso o sigillo. Mas como servem mais ao proprio interesse que ao rei, esta covarde dependencia lhes equivoca a dôr com a alegria e o coração com a lingua. Caso verdadeiramente lamentavel e tragico; mas já representado no theatro de Roma. Depois que o imperador Nero se esqueceu de si e da temperança e compostura real em que fôra creado, fez tão pouco caso da propria auctoridade e decencia, que entre os citharedos e histriões saia no theatro publico a competir com elles em todas as baixezas ridiculas d'aquellas artes, proprias de gente vil e infame. A este espectaculo, ou ludibrio da maior fortuna, assistiam todas as ordens, senatoria, consular e equestre: assistiam os centuriões, os tribunos e toda a flôr das legiões

romanas: assistiam principalmente todos os familiares do palacio imperial; e entre elles diz com grande ponderação Tacito: *Et moerens Burrhus ac laudans*. Era Afranio Burrho homem de grave e maduro juizo, mestre ou aio que tinha sido com Seneca do mesmo Nero. E quando todos os outros faziam grandes applausos ás mudanças, saltos e gestos do imperador citharedo, como se foram outros tantos triumphos, só Afranio estava triste; mas tambem louvava com os demais: *Et moerens Burrhus ac laudans*. Pois, homem ou animal, (que não te quero chamar com o nome proprio por não parecer que o faço appellativo), se reconheces a indecencia, a desauctoridade e a affronta do teu principe; se estás engulindo as lagrimas, e affogando os gemidos; porque ao menos não emmudeces e calas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dôr e leia no teu silencio o teu voto? Mas ao mesmo tempo em que estás chorando o que condemnas, has de louvar o que choras? Sim, que taes são os aduladores de palacio, ainda os de maiores obrigações e de menos corrupto juizo.

Os aduladores são como o camaleão, a sombra, o espelho e o echo.

Uns auctores comparam estes aduladores ao camaleão, que não tendo côr certa nem propria, se reveste e pinta de todas as cores, quaesquer que sejam as do objecto vizinho. Outros os comparam á sombra, que não tem outra acção, figura ou movimento que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre e para qualquer parte o segue. Outros os comparam ao espelho, retracto natural e reciproco de quem n'elle se vê: porque se lhe pondes os olhos, olha para vós; se rides, ri; se chorais, chora; lagrimas porém sem dôr e riso sem alegria: que não fôra o espelho adulador, se assim não fôra. Mas como o camaleão, a sombra e o espelho, tudo são assistentes mudos, a comparação de Sancto Agostinho é a mais propria e similhante de todas; porque os comparou ao echo: *Jucundum est ac volupe, cum clamantibus nobis responsant silvae et acceptas voces numerosiori repercussu reddunt: talis echo adulator*. O echo sempre repete o que diz a voz; nem sabe dizer outra cousa; e onde as concavidades são muitas, é scena verdadeiramente aprazivel ver como os echos se vão respondendo successivamente uns aos outros, e todos sem discrepancia dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, é o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques, faz a adulação nos palacios, diz Agostinho. Diz o rei que quer fazer uma guerra; e ainda que a empreza seja pouco provavel e o successo de perigosas consequencias, que respondem os echos? Guerra, guerra, guerra. Diz que quer fazer uma paz; e ainda que a occasião seja intempestiva e os pactos e as

condições pouco decorosas, que respondem os echos? Paz, paz, paz. Diz que quer enriquecer o erario e para isso multiplicar tributos; e ainda que os fins ou pretextos tenham mais de vaidade que de utilidade, que respondem os echos? Tributos, tributos, tributos. «Bem sei que» a intenção recta dos principes não é esta, senão que cada um diga livremente o que intende e aconselhe o que mais importa. Mas como o norte sempre fixo do adulador é o interesse e conveniencia propria, nenhum ha que se fie d'este seguro real, e todos temem arriscar a graça, onde teem posta a esperança. Dizia um antigo que antes queria offender com a verdade, que agradar com a lisonja. «E tal é a disposição de todo o homem desinteressado». Porém, aquelles que com os thesouros do rei querem accrescentar a sua casa e enriquecer a sua pobreza ou a sua vaidade, que se póde crer ou esperar que façam? Que digam cincoenta lisonjas para grangear uma commenda; e que não se atrevam a dizer meia verdade por se não arriscar a perdel-a. Ó reis, ó monarchas do mundo, que por esta causa e só por esta é digna de compaixão a vossa suprema fortuna!

O que aconteceu a David depois do seu peccado.

O psalmo *Miserere mei Deus* não só o fez David para lamentar a sua miseria como peccador, senão tambem como rei. Esse foi o seu pensamento e o seu sentimento, quando disse: *Tibi soli peccavi:* eu, Senhor, só para vós pequei; porque só vós extranhastes o meu peccado: fui peccador, e nenhum dos outros m'o extranhou, porque era rei. Em proprios termos Hysichio: *Quoniam reliquis omnibus ei tanquam regi indulgentibus, solus Deus misit Nathan. et nefarium scelus reprehendit.* O peccado de David só para Deus foi peccado: porque para todos os outros, como era rei, foi indulgencia. Eis aqui do que serve aos reis o ser reis e quão lisonjeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecamara de David (onde elle o não ouvisse) se tocou no seu peccado, o que os palacianos discorriam era d'esta maneira: que o amor de Bersabé fôra um galanteio de principe soldado; que o casar-se com ella fôra uma honrada restituição da sua fama; que o matar Urias fôra um conselho necessario, prudente e generoso: generoso porque o fez morrer nobremente na guerra; prudente, porque pareceu caso o que foi industria; e necessario, porque o modo mais seguro de sepultar o aggravo é metter debaixo da terra o aggravado. Tão levemente se fallava em palacio em um caso mais que escandaloso, atroz: chamando ao adulterio galanteio, ao homicidio necessidade, e á aleivosia prudencia. No cap. 8.º do segundo livro dos Reis se nomeiam as pessoas de que constava a casa e familia de David; e é cousa que excede todo o enca-

recimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades e supposições se não achasse nem um só, que, ou por zelo da honra, ou por escrupulo da consciencia, ou por obrigação do officio, ou por memoria de beneficios e mercês recebidas, se atrevesse a accudir a um rei na sua desgraça e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegueira. Por isso elle, considerando o seu desamparo e conhecendo o risco da propria salvação, orava e clamava a Deus dizendo: *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutae sunt veritates a filiis hominum.* Salvae-me vós, Senhor, accudi-me e soccorrei-me, como Deus: porque entre os homens já não acho nem um só que tenha virtude e valor para me dizer a verdade. *Quoniam defecit sanctus*: porque faltaram os sanctos, que são os que não querem nada d'este mundo. Essa é a razão, porque David e os outros reis não teem quem lhes diga a verdade, estando cercados de tantos que os lisonjeiam e adulam.

Os aduladores afastam do paço os que diriam a verdade.

VI. E se ha algum d'estes sanctos (que sim ha); o primeiro cuidado dos que «estão ao redor do throno» e n'elle teem cercados ou sitiados os reis; o primeiro e maior cuidado dos aduladores «é que David não ouça a Nathan», antes se asseste contra elle toda a artilheria, para que não succeda romper as linhas da circumvallação; e por força ou por vontade se retire muito longe da côrte. É texto e caso expresso da Escriptura sagrada, não já em homem philosopho, senão propheta. El-rei Jeroboão, depois da divisão das corôas de Israel e Judá, tinha o seu palacio em Bethel, e juncto d'elle a mesquita que edificára aos dous bezerros de ouro para divertir o povo de irem a sacrificar ao templo de Jerusalem. Vivia na mesma cidade de Bethel o propheta Amós; o qual dizia a Jeroboão algumas verdades das que Deus lhe revelava ácerca d'aquelle reino e seu perigo. E como os aduladores de Jeroboão se temessem da efficacia e energia de Amós, ao qual calumniavam com o rei, que totalmente lhe não tinha perdido o amor e reverencia, um d'elles chamado Amasias se foi ter com o propheta e lhe disse em termos de amizade estas palavras: *Qui vides, gradere, fuge in terram Juda, et comede ibi panem, et prophetabis, et in Bethel non adjicies ultra ut prophetes, quia sanctificatio regis est et domus regni est:* quer dizer «segundo a força da vulgata»: Tu, Amós, que vês os futuros, põe-te logo a caminho e fóge d'aqui e vae-te para a tua patria: lá comerás o teu pão e prophetizarás; porém aqui não te aconteça fallar mais palavra: porque Bethel é a casa e palacio do reino e a sanctificação do rei. Reparae muito n'esta ultima clausula, que em moral e politico sentido fecha admiravelmente todo o nosso discurso: *Quia sanctificatio regis est et*

Am. 7.

domus regni est. «O original hebraico em logar de *sanctificação* tem *sanctuario:* mas a palavra da vulgata nos declara melhor que idolo se adorava n'aquelle sanctuario ou mesquita; e diz que não era outro, senão o capricho e a ambição do rei: *Sanctificatio regis.* Por isso» exhortando Amasias ao propheta Amós, ou comminando-lhe que sáia da côrte e fuja de lá, o motivo que allega, é que a casa e palacio real é a sanctificação do rei. Não podia melhor definir um adulador o que é palacio. É o palacio na definição dos aduladores a sanctificação do rei: porque alli são sanctificados os reis e todas suas acções; e quanto o rei faz, ordena, deseja, ou imagina, tudo é sancto. Se Jeroboão se divide de Roboão, seu legitimo senhor, ainda que seja rebellião, sancto. Se prohibe ao povo que appareça no templo de Jerusalem tres vezes no anno, ainda que seja contra a lei expressa de Deus, sancto. Se levanta altares aos bezerros de ouro e os manda adorar, ainda que seja manifesta e publica idolatria, sancto. E porque tu, Amós (diz Amasias) aconselhas outra cousa ao rei contra o que todos seus creados lhe approvamos, e não queres ajunctar a tua voz com as nossas dizendo tambem comnosco sancto, sancto; não só não has de entrar mais em palacio, mas sair logo da côrte e de todo o reino: *Gradere et fuge in terram Juda, et in Bethel non adjicies ultra ut prophetes.* Tal é a sagacidade dos aduladores e sua potencia; e tão tyrannizadas andam entre elles as mesmas majestades aduladas, que não só lhes não dizem a verdade, nem querem que outros lh'a digam; mas afastam e lançam muito longe da côrte todos os que lh'a podem dizer. Não é isto manifesta tyrannia? Biante, um dos septe sabios da Grecia, perguntado qual era o animal mais venenoso, respondeu, que dos bravos o tyranno, dos mansos o adulador. Em chamar veneno a adulação, acertou-lhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulador, não disse bem: porque, «como acabamos de demonstrar», todo o adulador é tyranno.

Como os reis amam estes seus inimigos.

VII. Supposto pois que os aduladores são inimigos dos reis, e os reis como todos os christãos teem tambem obrigação de amar a seus inimigos e fazer-lhes bem, seguia-se agora exhortar os principes a este amor e beneficencia *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.* «Mas que necessidade podem ter d'esta exhortação», se é tão notorio, que sendo os aduladores de palacio os seus maiores inimigos, esses são os maiores validos, os mais favorecidos, os mais amados e os mais cheios de honras, mercês e beneficios? «Se não fôra» assim, seriamos estimados, premiados e satisfeitos os que não servem á sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de prata, senão ao sol e ao frio lidando com as ondas e com as balas.

E como os devem amar.

«Oh se os reis amassem estes inimigos como David amava os que por mofa lhe diziam: *Euge, euge:* Bem, bem; sabida linguagem de aduladores». No psalmo 69 diz David estas palavras, ou as torna a repetir (porque já tinha dicto as mesmas no psalmo 39): *Avertantur, statim erubescentes qui dicunt mihi: Euge, euge.* «Duas cousas queria David acontecessem a estes inimigos; a primeira que logo logo se voltassem atraz *avertantur statim;* a segunda, que fossem publicamente envergonhados: *Erubescentes*». Isto é, David, o que vós «desejaveis e alfim conseguistes fazer a» vossos inimigos, como rei: mas não é isto o que lhe devieis fazer como propheta, que tão clara luz tivestes do Evangelho de Christo. Pois se Christo vos manda que ameis a vossos inimigos, como vós os abhorreceis tanto, que os não podeis ver, e os lançais de vossa presença? E se Christo vos manda que lhe façais bem, como vós lhe fazeis tanto mal, que os affrontais e envergonhais, não secretamente, mas com infamia publica; que para homens honrados é o maior vituperio? «Por isso mesmo, responde o sancto propheta»: amar é querer bem áquelle a quem se ama. E que maior bem posso eu querer «aos que fallam d'este modo, que tiral-os da occasião de commetter novos peccados?» Se elles são meus inimigos, maiores inimigos são de si mesmos; e eu quero que cessem d'este odio que se teem, tanto maior, quanto menos conhecido. «Esta a resposta de David, e este o modo com que os reis devem amar os aduladores, seus verdadeiros inimigos».

O maior bem que se póde fazer ao adulador é afastal-o da côrte. Prova-se com exemplos.

E na verdade o maior beneficio que se póde fazer ao adulador é afastal-o logo da côrte para que cesse com a adulação e não se arruine completamente». Se Assuero depois de conhecer a cubiça e o falso amor de Aman, o lançara de sua graça e de sua casa, não chegára elle a ser tão mofino que viesse a morrer em um páu. «O mesmo se diga da sorte não menos infeliz que tiveram outros muitos aduladores famosos», como Sejano em Roma, Olivato em França, Volseu em Inglaterra, Alvaro de Luna em Hespanha, e os de antiga e fresca memoria no nosso Portugal. «Salvem os reis a tempo de similhante ruinas aos seus aduladores; e guardarão para com elles o preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*».

Conclusão. As sereias da Odysséa de Homero e os aduladores da côrte de Portugal.

VIII. Remato o meu discurso emendando com a doutrina evangelica um documento que parece deixado á nossa côrte por aquelle que cantou as viagens e façanhas de seu primeiro fundador». Navegava Ulysses em uma formosa galé da Grecia e havia de passar juncto a Scylla e Charybdes, onde acontecia que as sereias com a suavidade de suas vozes de tal modo encan-

tavam os navegantes, que voluntariamente se lançavam e precipitavam ás ondas e se afogavam no mar em que ellas viviam. «Que fez Ulysses?» Para que a chusma não faltasse á voga dos remos nem a outra gente nautica á mareação das velas, e todos escapassem do encanto das sereias, tapou-lhes a todos os ouvidos de tal sorte que as não ouvissem. Elle porém, para que podesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para não padecer os effeitos do encanto nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandou-se atar ao mastro tão fortemente, que ainda que quizesse, não se podesse bulir nem mover. Esta é a historia ou fabula engenhosamente fingida por Homero para ensinar que os varões sabios e constantes, como Ulysses, ainda que ouçam os aduladores e o contraponcto doce das lisonjas, nem por isso se hão de deixar vencer de seus enganos e artificios, mas persistir e continuar a derrota certa sem mudar, deter nem torcer a carreira do bom governo. «Mas eu digo com o Evangelho que não só é indigno de varão sabio e constante deixar-se levar das lisonjas, mas é tambem reprovavel gostar d'ellas, e ouvil-as. Por isso segundo o conselho da verdadeira sabedoria não quizera eu os reis» com os ouvidos abertos e as mãos atadas, senão com os ouvidos tapados e as mãos soltas. Porque com os ouvidos tapados não dariam entrada á adulação e mostrariam todo o horror que d'ella se deve ter: com as mãos soltas seriam todas as acções suas e, como suas, verdadeiramente reaes. D'este modo se conquista no mundo a fama immortal e se assegura tambem no céu a gloria eterna.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag 210, ed. mod. tom. 7.º, pag. 176)

III. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

PRÉGADO NO CONVENTO DE ODIVELLAS NO ANNO DE 1644

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — Fallando o orador a dous auditorios mui differentes, tracta de dous preceitos da lei evangelica que dizem respeito ao amor e ao odio; porque para um era mais a proposito o primeiro e para outro o segundo. O sermão tem muita philosophia, lindos quadros oratorios, e é muito practico.

Diligite inimicos vestros.
S. MATTH. 5

Qui non odit patrem suum et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.
S. LUC. 14.

Amor e odio não sabemos o que são.

Temos hoje em controversia os dous mais poderosos affectos, os dous mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos, ue se a vontade os vence, é senhora; tão perigosos que se el-s vencem a vontade, é escrava. E que dous affectos são estes? mor e odio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, odio tem por objecto o mal para o fugir; e este é o poder uni-ersal que se extende sem limite a quanto tem o mundo. Mas mo o mal muitas vezes anda bem trajado e o bem pelo con-ario mal vestido, d'aqui vem, que, enganada a vontade com apparencias, facilmente ama o mal, como se fôra bem; e horrece o bem, como se fôra mal; e aqui está o perigo.

O evangelho de hoje é uma prova d'este desengano.

Os antigos diziam: Amae a quem vos ama e abhorrecei a quem s abhorrece; isto é, querei bem a quem vos quer bem, e querei al a quem vos quer mal. Mas este mesmo dictame ainda hoje seguido, posto que parece fundado em egualdade e justiça, o maior e mais perigoso erro que a sabedoria divina veio al-miar e reformar ao mundo. No evangelho de hoje nos manda risto amar aos inimigos; em outro parece nos manda abhor-

recer os amigos; e sendo o mesmo Legislador Divino o auctor d'estes dous preceitos, que nos parecem tão encontrados, d'aqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é odio: nem sabemos amar, nem sabemos abhorrecer; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor: engana-nos o bem com apparencias de mal, e mette-nos no coração o odio. E que fará a triste vontade enganada assim e captiva? O desengano d'estes dous erros é o que determino prégar hoje; e ensinar, não ás más, senão ás boas vontades, como hão de saber amar e como hão de saber abhorrecer. Ajudae-me a pedir a graça. *Ave Maria.*

Christo nos dá dous preceitos um de amar outro de abhorrecer.

II. O mesmo Christo que disse «no evangelho d'este dia»: Amae aos vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros:* diz «tambem» no cap. 14 de S. Lucas: Quem não abhorrece a seu pae e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, e a seus irmãos e a suas irmãs e, o que é mais, a si mesmo, não póde ser meu discipulo: *Qui non odit patrem suum, et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.* Este «segundo» preceito obriga em todos aquelles casos em que o amor dos paes e parentes se encontra com a observancia da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o christão não corresponder a quem o ama, se illicitamente é amado; ainda que não fosse com perda da graça senão da perfeição que professa. De maneira, que combinados os canones da lei de Christo, em uma parte manda-nos que amemos a quem «injustamente» nos abhorrece, em outra que abhorreçamos a quem «illicitamente» nos ama. Agora pergunto eu: e qual d'estes dous preceitos é mais difficultoso: abhorrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o abhorrece? Responder com odio ao amor, ou com amor ao odio?

Difficuldades do primeiro preceito.

«Por uma parte» parece mais difficultoso amar a quem «injustamente» me abhorrece do que abhorrecer a quem «illicitamente» me ama. Provo. O aggravo com que me offende o inimigo é dôr no coração proprio; a correspondencia com que falto ao amigo, é dôr no coração alheio; e no remedio das dores sempre se accode primeiro á que mais lastima; e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Mais difficultoso é logo deixar de abhorrecer a quem nos abhorrece, que deixar de amar a quem nos ama.

Auctoridade de S. Agostinho e de outros doutores da Egreja.

«Por isso» Sancto Agostinho com o pezo do seu singular juizo sondando a profundidade do preceito de amar aos inimigos, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini nulla esse mirabiliora nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimi-*

cos. Vêde todas as Escripturas sagradas, ponderae todos os preceitos, conselhos e documentos divinos; e nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que mandar Deus a um homem de carne e sangue que ame a seus inimigos. É tão difficultoso este preceito que os gentios o tiveram por impossivel, e muitos hereges tambem, aos quaes refuta doutissimamente e convence S. Jeronymo. Porém em ser difficultoso e muito, o mesmo S. Jeronymo concorda com Sancto Agostinho, e com Jeronymo e Agostinho todos os outros sanctos padres e doutores da Egreja. Todos dizem e confessam que este é o mais rigoroso preceito da lei evangelica e esta a mais ardua e difficultosa empreza da religião christã.

Ps. 148.

Difficuldades do segundo preceito.

Por outra parte parece que é mais difficultoso abhorrecer a quem «illicitamente» nos ama, que amar a quem «injustamente» nos abhorrece. Provo. Amar a quem me abhorrece é ser humano com quem o não é commigo: abhorrecer a quem me ama «ainda que fóra dos limites da razão, dir-se-ha que» é ser cruel com quem m'o não merece: o ser humano é ser homem, ser cruel é ser fera: logo abhorrecer a quem nos ama tanto mais difficultoso é, quanto mais repugnante á natureza. Mais. amar a quem nos abhorrece é acto de generosidade; abhorrecer a quem nos ama «(posto que nos ame contra as regras do verdadeiro amor)» parece acto de ingratidão. E que coração haverá tão irracional que queira antes «parecer» ingrato que generoso? Quem ha de trocar a nobreza e fidalguia de uma generosidade pela vileza e baixeza de uma ingratidão?

Força do amor nas almas mais nobres. Exemplo de Jonathas e David.

Por estas «e muitas outras» razões dizem as almas mais discretas e de melhor coração: Do amor me livre a mim Deus, que pelo odio não me ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi é incapaz de odio, mas para o isentar do amor, que tem pennas e azas, não bastam cercas nem muros. Um amor naturalmente chama por outro; e não ha coração nem tão surdo, que, se é chamado, não ouça; nem tão mudo que, se ouviu, não responda. «É facil não amar primeiro: porém não corresponder ao amor é quasi impossivel. São notaveis» os termos com que a Escriptura declara o modo pelo qual Jonathas amou a David: *Anima Jonathae conglutinata est animae David.* Não diz que Jonathas amou a David, e David a Jonathas; senão que a alma de Jonathas se grudou com a alma de David. Porque assim como uma taboa não póde grudar com outra sem que ambas fiquem unidas; assim uma alma não póde amar a outra alma sem que ambas se amem. O valor de David moveu a alma de Jonathas a que o amasse; e o amor de Jonathas obrigou a alma de David a que

1. Reg. 18.

o correspondesse. Jonathas não amado, amou: mas David depois de amado não pôde deixar de amar. O primeiro amor foi livre, o segundo quasi necessario. Por isso diz S. João Chrysostomo, que a vontade de cada um é lei da vontade alheia; porque segundo cada um quizer ou não quizer amar, assim será ou não será amado. De sorte que o amar eu é mandar e obrigar a que me amem. O amor é preceito, a correspondencia obrigação: o amor imperio, o ser amado obediencia.

Theoria de Sancto Agostinho. O amor é como a calamita.

Sancto Agostinho em menos palavras não disse menos: *Nulla est major ad amorem invitatio, quam amantem amore praevenire.* O maior e mais certo motivo de ser amado é anticipar o seu amor, quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos por mais fortes que pareçam e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano: mas não amor. A formosura entretem os olhos; as dadivas enchem as mãos: a discrição lisonjeia os ouvidos: os regalos saboreiam o gosto, o poder e a majestade faz dobrar os joelhos: mas sujeitar e render o coração, só o amor. É o coração humano tão generoso, que não se rende, senão a seu egual: nem ha outro interesse, força ou arte com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla major ad amorem invitatio quam amantem amore praevenire.* A palavra *invitatio* sôa *invite;* e o *praevenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. «Vêde a natural sympathia que se dá entre o ferro» e a magnete, ou calamita, ou pedra iman (que me não cabe na bocca o nome do nosso vulgo). É o ferro amado da pedra iman (a quem os francezes discretamente chamam pedra amante). Ella o chama, elle se move: ella o guia, elle o segue: ella o eleva, elle se suspende: ella o ata, elle se deixa prender. Se ella pára, elle pára: se sobe, sobe: se desce, desce: se anda á roda, rodeia: sempre junctos, sempre conformes, sempre unidos e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. «Eis o que obra no coração humano» um amor declarado. Um ferro, amado «por assim dizer» de uma pedra não póde deixar de pagar amor com amor; e poderá um coração humano amado não amar? Todos estais dizendo que não, e parece que dizeis bem.

Necessidade d'estas advertencias.

III. Temos philosophado assaz: posto que todo este discurso foi necessario «para concluirmos que um e outro preceito é tão difficultoso que não sabemos decidir qual exceda em arduidade». D'estas grades para fóra póde ser que haja alguns animos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais difficultoso amar inimigos e perdoar aggravos. Mas das mesmas grades para dentro (que é a melhor e principal parte do auditorio) como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor

ha de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores quanto mais bem intendidos. Dado pois, e não concedido, que algum amor modesto e commedido podesse aqui entrar ou entrasse, não haver de amar n'este caso nem corresponder com amor um coração que é amado, não ha duvida que este é o poncto mais estreito e difficultoso, e este o preceito mais arduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente e concedendo o vosso silencio.

Resolução das difficuldades

Á vista pois de tantas e tamanhas difficuldades que faria a vontade humana cercada e sitiada por todas as partes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda abhorrecer e não amar nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer d'estas obediencias por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas junctas que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais aper-:adas angustias. Quem o manda amar o inimigo parece que o quer insensivel; quem o manda abhorrecer o amigo, parece que he tira o racional. Que remedio logo para satisfazer a tantas e ão difficultosas obrigações junctas, e para que não fique n'ellas intendimento esmorecido, a vontade desesperada e toda a lma opprimida? «Eu o direi. Todas estas obrigações se repreentam tão difficultosas segundo as erradas prevenções da nossa gnorancia e pela tyrannia das nossas paixões; mas não segundo s principios certissimos da divina sabedoria e sob os influxos a graça de Quem disse que suave é o jugo e leve o peso a sua lei: *Jugum meum suave est et onus meum leve*».

Matth. 11.

Ha dous generos de amar e dous de abhorrecer.

Para intelligencia d'esta grande verdade «e fallando primeiamente do preceito que respeita aos amigos» havemos de ppor que ha dous generos de amar e dous generos de abhor-cer: ha amar bem e amar mal; e ha abhorrecer mal e abhor-cer bem. A Esposa sancta dizia: *Ordinavit in me charitatem.* amor ordenado é caridade; e o amor desordenado, ainda que desordem seja ou pareça leve, nem é caridade, nem amor, odio. Como póde ser amar, nem querer bem o que me priva aparta do Summo Bem?

Cant. 2.

Como os antigos pintavam o amor e o odio. Ficção de Anacreonte.

Os antigos pintavam o amor e o odio egualmente armados, bos com arco e aljava: mas o amor diziam que atirava com tas de ouro, as quaes tinham por effeito dar vida; e o odio n settas de ferro, que tinham por effeito matar. Agora perito; e se o amor e o odio trocassem as aljavas, que succeia n'este caso? Succederia sem duvida o que conta o poeta succedeu ao mesmo amor com a morte. Caminhavam, diz, mor e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a

fazer noite e alvergar na mesma estalagem. Levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos; e como havia pouca luz, succedeu que as aljavas se trocaram; e porque o amor levou as settas da morte, d'aqui veio que d'alli por diante as suas feridas são mortaes. O mesmo digo eu que succederia no nosso caso, não fabulosa senão verdadeiramente. Se o amor atirasse com as settas do odio, o amar seria abhorrecer; e se o odio atirasse com as settas do amor, o abhorrecer seria amar. Pois isto mesmo que succederia, é o que succede; e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Sancto Agostinho: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti:* se amastes mal então abhorrecestes; se abhorrecestes bem, então amastes. É sentença expressa e sem variação alguma tirada dos textos citados do Divino Mestre.

Amar mal é abhorrecer, e abhorrecer bem é amar.

Suppostas estas verdades certas e evidentes em que muitos corações andam tão enganados e tão cegos, cuidando que amam e são amados, quando abhorrecem e são abhorrecidos, vêde quão facil fica a execução e quão natural e leve o exercicio de todas aquellas que ao principio nos pareciam difficuldades, violencias, tyrannias. Pergunto: não é muito facil não amar eu a quem me não ama e abhorrecer a quem me abhorrece? Sim. Pois isso é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, d'aqui se segue que tão facil é não amar eu a quem me ama mal, como não amar a quem me não ama: porque quem me ama mal, não me ama.

Como se torna facil o preceito de amar aos inimigos.

«Do mesmo modo se explica a facilidade de amar os inimigos, que é o outro poncto. Pergunto outra vez: não é facil amar eu a quem me fez bem? Sim. Pois os nossos inimigos nos procuram com o seu odio o maior de todos os bens: porque este odio nos merece a corôa de gloria que Deus promette a quem com paciencia soffre perseguição por amor de justiça: *Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam.* E se o odio dos inimigos é tão vantajoso para a nossa alma, segue-se que é tão facil amar aos inimigos, como amar a quem procura o nosso maior bem.

Declaração d'esta facilidade.

IV. Mas desçamos á practica d'estes preceitos, que é o que mais importa; e primeiramente expliquemos com maior clareza como na eschola de Christo se facilita a observancia do segundo: *Diligite inimicos vestros.* O odio com que nos perseguem os nossos inimigos julgamol-o nosso mal, e não advertímos, como disse, que é o nosso maior bem. Reparae.

O bem que nos fazem os inimigos. Exemplos da Escriptura.

Este odio é effeito ou do zelo que persegue os nossos vicios, ou da inveja que não soffre as nossas virtudes. Se do zelo, devem-se amar os inimigos como bemfeitores; porque querem

livrar a nossa alma do nosso maior mal que é o peccado: se da inveja, devem-se tambem amar os nossos inimigos como bemfeitores, porque dão mais brilho a nossas virtudes. Por isso não se póde duvidar que devesse mais José ao odio dos irmãos, que ao amor do pae. O odio dos irmãos lhe abriu o caminho ao throno do Egypto, á gloria do céu e á admiração da posteridade; o amor de pae apenas o pôde acarinhar com algum afago de maior ternura e vestir de um pelote menos grosseiro para gente do campo. Não se póde duvidar que maior fructo colhesse David do odio de Saul, que do amor de Jonathas. O odio de Saul lhe mereceu a corôa de rei e a aureola de sancto; o amor de Jonathas apenas lhe pôde indicar alguma traça engenhosa para defendel-o da lança de seu pae. Não se póde duvidar que tivesse maior obrigação Mardocheu ao odio de Aman, que ao amor de Esther. O odio de Aman o fez levantar ás primeiras honras da côrte de Assuero; o amor de Esther, ainda que esposa do monarcha e esposa tão querida, não lhe obtivera antes d'aquelle tempo nem sequer uma entrada no paço. Sem o odio dos seus inimigos como teriam alcançado tanta gloria a innocencia de Abel, a paciencia de Job, o amor patrio de Moysés, o valor de Gedeão, a intrepidez de Judith, a castidade de Susanna, a piedade de Ezequias, o zelo de Elias e de Eliseu, a fé de Mathatias, a constancia da mãe dos Machabeus, e finalmente o heroismo de tantas myriadas de martyres que sellaram com o seu sangue a verdade da nossa sancta religião? Tal é a doutrina que com exemplo e com palavras nos ensinou o Divino Mestre.

Christo e os discipulos de Emmaús.

Quando resuscitado appareceu aos discipulos de Emmaús, porque os viu escandalizados da sua paixão e morte, reprehendeu-os fortemente com dizer: Ó estultos e tardos de coração para crêr o que annunciaram os prophetas! Pois não sabieis que cumpria padecer Christo essas perseguições para assim entrar em sua gloria: *O stulti et tardi corde ad credendum in omnibus quae locuti sunt prophetae. Nonne haec oportuit Christum pati et ita intrare in gloriam suam.* Em summa, assim como a Christo o odio com que o perseguiram seus inimigos lhe abriu as portas da sua gloria, assim ha de abril-as a todos os christãos o odio com que elles tambem são perseguidos. Esta é a estrada real da sancta cruz: nem ha outro caminho para a gloria e para a verdadeira paz do coração: porque aos que seguem deveras a cruz do Salvador, esta perseguição aviva a fé, desperta a esperança, afina a caridade, exercita a paciencia, prova a constancia, accende o fervor da oração, desapega o affecto dos bens caducos d'este mundo, e lhes abraza o coração em

Luc. 24.

purissimo amor de Deus. E inimigos que com seu odio nos procuram tanto bem não se deveriam amar?

Sancto Estevão e S. Cypriano.

E não se deveriam amar depois do exemplo que nos deu o mesmo Legislador, quando crucificado por seus inimigos orou por elles na mesma cruz? Vêde como após o exemplo de seu divino Mestre os amou Estevão. Quando os judeus com grande furia e gritaria todos junctos arremetteram ao valoroso diacono e o levaram fóra da cidade para o apedrejar, elle pondo-se de joelhos clamou dizendo: Eis aqui estou eu vendo os céus abertos e o Filho do Homem que está á mão direita de Deus. E pouco depois ajunctando: Senhor Jesus, recebei o meu espirito e não lhes imputeis este peccado; com estas ultimas palavras dormiu no Senhor. Ditoso mancebo e generoso proto-martyr da fé! Que doces foram para elle as pedras do torrente! Bem merece que todas as almas justas o sigam com a imitação e com o affecto: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt: illum sequuntur omnes animae justae*, canta a Egreja contemplando tão glorioso espectaculo. Emfim, todos os sanctos amaram tanto aos seus inimigos, que S. Cypriano chegou a nomear herdeiro de todos os seus bens ao algoz que o havia de degolar. Tão facil é na religião de Jesus Christo o preceito de amar aos inimigos, tão practicado e tão proprio das almas justas!

Como devemos abhorrecer o amor desordenado com que nos amam os nossos paes.

E abhorrecer aos que nos amam mal terá a mesma facilidade? É a outra parte que devemos declarar». Os que nos amam mal são todos aquelles que por sangue e parentesco mais ou menos estreito, ou por beneficios, ou por esperanças e dependencias, ou por graças e prendas pessoaes, ou por qualquer motivo de affeição nos amam desordenadamente. Nenhum amor ha mais natural, mais licito e menos suspeitoso, que o dos paes para com os filhos: e comtudo é cousa que excede toda a admiração dizer o Divino Mestre, como referimos no principio, que quem não abhorrecer seu pae e sua mãe, não póde ser seu discipulo: *Qui non odit patrem et matrem, non potest meus esse discipulus*. Abaixo de Deus devemos amar aos paes, que depois d'elle nos deram o ser. Como diz logo o mesmo Deus que para ser seu discipulo é necessario abhorrecer e ter odio aos proprios paes? Bem se está vendo que este texto ha mister declaração; e nenhum lh'a deu melhor que S. Gregorio papa. Muitas vezes o amor dos paes é desordenado e não conforme á lei e amor de Deus. Não são todos como Jephté que sacrificou a filha unica: nem todos como Abrahão que não duvidou levar tambem ao sacrificio o seu primogenito. Quantos por estabelecer a successão da casa impedem o estado religioso ás filhas! E quantos por terem perto de si os filhos, não fazem caso

de que elles andem muito longe de Deus! E paes que querem mais á sua casa que á minha alma, paes que estimam mais o seu gosto que a minha salvação, paes que porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna, vêde se são merecedores de amor ou de odio! Ditosas vós que por amor do Esposo e do céu, tivestes valor para deixar os paes da terra! Ditosas, se por vontade sua os deixastes; e muito mais ditosas, se contra sua vontade fugistes d'elles. Elles voluntariamente deixados sacrificaram em vós o seu amor; e vós, violentamente fugindo d'elles, consagrastes n'elles o vosso odio. Este é o odio sancto com que Christo manda abhorrecer pae e mãe aos que se quizerem fazer dignos da sua eschola; é este o verdadeiro abhorrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Mas nem se encontra o preceito de amar os mesmos paes com este preceito ou conselho de os abhorrecer, diz S. Gregorio: porque se elles me abhorrecem com amor, justo é que eu os ame com odio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava nobis suggerit, tunc oditur*. Elles abhorrecem-me com amor, porque me amam mal; e eu amo-os com odio, porque os abhorreço bem: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti*. «Assim o fizeram todos os que seguiram os conselhos evangelicos.

Quaes os exemplos da lei evangelica.

Na verdade foi este sancto odio que em diversas edades povoou os claustros religiosos de tantos heroes de um e outro sexo, que por amor de Jesus Christo renunciaram aos afagos e ternuras da casa paterna, e ás pompas e grandezas do seculo. Foi por este sancto odio que elles ouviram da bocca do Redemptor aquellas promessas tão amplas e tão consoladoras de que receberiam n'esta vida o centuplo do que deixaram e a eterna bemaventurança na outra. Foi com este sancto odio que elles procuraram a salvação e perfeição não sómente de suas proprias almas, mas tambem das almas de seus mesmos paes: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti*.»

Matth. 19.

O amor que ha no mundo entre os amigos e os amantes não é amor.

Depois do amor dos paes (em que se comprehendem todos os gráus do sangue) debaixo do nome commum de amigos entrarão geralmente e com maior decoro todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era tambem o nome d'esta profissão sagrado e admiravel: *Illud amicitiae sanctum et venerabile nomen*. Mas depois que a sincera amizade, a qual entre o coro das virtudes tinha tão honrado logar, se desceu de sua dignidade e acompanhou com os vicios; que amigo, ou chamado amigo, ha hoje que, assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja tambem do seu amigo? E senão, dizei-me os mais moços (para que guardemos esse respeito ás cans), dizei-me e confessae sem rebuço: de que vos

servem esses que tendes por amigos mais intimos, e que amizades são as suas? Irem comvosco ao passeio e á comedia, levarem-vos á casa do jogo e ás casas ou serralhos da ruim conversação: acompanharem-vos de noite aos furtos da honra alheia ou á vingança occulta: serem vossos padrinhos no desafio, a que vos levam já excommungado, e vos trazem morto, ou mal ferido; serem os secretarios de todos vossos cuidados e pensamentos e os conselheiros de todas as traças, enredos e execuções de vossas loucuras e appetites sem freio: em fim os complices inseparaveis de todos vossos vicios e peccados e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam e asseguram; e tudo isto com tal esquecimento da fé e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciencia, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dicto é menos do que calo e vós sabeis; julgae se póde haver algum inimigo mais cruel que estes amigos? Não só são os maiores inimigos, mas muito maiores que o maior: porque o maior inimigo póde-vos tirar uma vez a vida do corpo; e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. E a amizade de taes inimigos não é verdadeiro odio? Que muito logo que tendo-se verdadeiro odio se queiram mal e se façam mal? O mesmo que se querem, isso se fazem: *Si male amaveris, tunc odisti.* «Tal é o amor que se ensina fóra da eschola de Christo.» Se no mundo houvera verdadeiro amor, ainda que acima do mesmo mundo não houvera céu, nem abaixo d'elle inferno, eu vos concedera que amasseis. Mas perder, não digo já a alma, de que agora não fallo, mas a liberdade, a quietação, o socego, o descanço e a vida; e condemnar o triste coração ao perpetuo martyrio de cuidados, confusões e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fóra de si, por uma imaginação phantastica do que não ha, nem é; nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

Exemplo de amor de Adão para com Eva.

E para que vos desenganeis ainda mais que não ha amor «fóra da eschola de Jesus Christo» e que este nome especioso, ainda que nos parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos para que chegue o desengano a todos; e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido, que Adão por Eva? Tão perdido que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro; e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido, que perdeu o paraiso e se perdeu a si, e nos perdeu a nós e todos seus descendentes por não perder um leve agrado de quem imaginava então que amava muito. Mas assim como Adão se enga-

nou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual elle era; e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a si, accusou a Eva: *Mulier quam dedisti mihi.* Em quanto cuidou que a pena da lei era sómente comminação, grandes apparencias de fineza (que tudo o que dissemos foram só apparencias): mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão affectuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão; e estes são os de todos seus filhos: para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

Gen. 3.

E os homens onde conhecerão o amor das mulheres? Não é necessario «contar o exemplo que todos sabem» da amante de José. Não reparou na auctoridade, sendo princeza; nem na lealdade, sendo casada; nem na desegualdade, sendo ella senhora e elle escravo: porque em tudo o que fez e pretendeu, obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amor; e como se quizesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus, disse ella ao marido: *Ingressus est servus hebraeus, quem adduxisti, ut illuderet mihi:* eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que elle se atrevesse a me querer descompôr. Ó falsa! Ó desleal! Ó fementida! Ó traidora! Agora porém só verdadeira, quando descobriste o avesso de teu coração e n'elle o interior inconstante e já mudado, com que a José enganavas e a ti mesma mentias. Mas que muito é que mudasse tão de repente a scena o amor de uma mulher, quando o primeiro actor de similhante tragedia foi o primeiro homem?

E da mulher de Putiphar para com José.

Gen. 39.

Se os homens querem outro exemplo lembrem-se do amor de Dalila para com Sansão: e se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Thamar, no mesmo dia com os maiores extremos amada e no mesmo com muito maiores abhorrecida. Assim tractou um homem, que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais illustre de Israel; e assim pagou uma mulher, de quem se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo. Eu bem ouço que as mulheres, e não os homens, teem a opinião da inconstancia: mas estes são filhos d'ellas. Olhae que bem o notou Job, com ser homem: *Homo natus de muliere... nunquam in eodem statu permanet:* o homem filho da mulher é tão vario, tão mudavel e tão inconstante, que nunca permanece nem dura no mesmo estado. A mulher inconstante por condição; o homem inconstante

De Dalila para com Sansão; e de Aman para com Thamar. O homem é na inconstancia filho da mulher.

Job. 14.

por nascimento. A mulher como a lua por natureza; o homem como o mar por influencia. Bem digo eu logo que isto que no mundo se chama amor, é uma cousa que não ha, nem é: é chimera, é mentira, é engano; é uma doença da imaginação e por isso basta para ser tormento. «E aquelles que na eschola do Divino Mestre intendem a falsidade d'este amor, não o abhorrecerão com facilidade? Não fugirão d'elle com a maior indignação? Não pagarão com o odio que lhes ensina o Evangelho amor tão mentiroso? Sim: porque elles teem deante dos olhos a regra de Agostinho compendiando a doutrina evangelica: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti.*»

Devemos amar amigos e inimigos como Christo ensina que nos amemos a nós mesmos.

VI. Tempo é já de colhermos as redes. Se déstes a todo o discurso attenção, bem creio tereis intendido a resolução que vos pretendo persuadir. Não digo que se deixem de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem, «para amar sómente aos inimigos: digo que devemos amar amigos e inimigos, mas amal-os devéras segundo a doutrina de Christo.» *Qui amat animam suam, perdet eam; et qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam.* Quem amar a sua alma (diz a Suprema Verdade) perdel-a-ha; e quem lhe tiver odio, salval-a-ha para sempre. Não é melhor o odio que me salva, que o amor que me perde? Não é melhor a triaga amargosa que me dá vida, que o veneno doce que me mata? Pois este é o amor e o veneno que o Medico Divino condemna; e este o odio e a triaga que receita, approva e persuade. Oh como é louco e sem juizo todo o amor desordenado! Póde haver maior loucura que estimar mais a infermidade que a saude, e mais a morte que a vida? Se vós amais mal, ao menos não mateis a quem vos ama. *Animam suam* na lingua em que falla Christo quer dizer a alma, a vida e a pessoa. E porque se não contentará quem vos ama de ser amado como vós amais a vossa alma, como amais a vossa vida e como vos amais a vós mesmo? Não é isto desamar: nem pretendeu Christo, quando o disse, que nos amassemos menos: mas que fizessemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama, como a vossa vida, como a vossa alma e corpo, quando amardes e zelardes egualmente tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue nem póde conseguir senão por beneficio d'este odio: *Qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam.* Reparae se tendes fé, n'aquelle *aeternam*. A vida que depende d'este odio não é outra que a eterna. Esta é a que se perde por quatro dias de «mal intendido» amor, e esta a que por outros tantos de «bem intendido» odio se assegura para sempre. E então que digam e cuidem que se querem o summo bem? E que creiamos que

Joan. 17.

nos amamos e não nos abhorrecemos, quando nos abhorrecemos para o céu e nos amamos para o inferno? Se vós amais e estimais tanto o ser amados, por este mesmo amor deveis fazer taes treguas e suspensão de affectos entre vós. Porque se fordes ao céu, os mesmos que agora vos amais, lá vos haveis de amar eternamente; e pelo contrario se fordes ao inferno (o que Deus não permitta), lá vos haveis de abhorrecer com odio eterno, em quanto o mesmo Deus fôr Deus. Será logo bem, que por um falso amor de poucos dias percais o verdadeiro amor de toda a eternidade, e que este mesmo amor com que vos amais (e só porque vos amais) se haja de converter em odio eterno?

Quem ama a Jesus Christo facilmente amará aos seus amigos e inimigos como os deve amar.

«Lembrae-vos porém que, se a doutrina de Christo nos ensina o como devemos amar aos que nos amam, a mesma doutrina nos prescreve tambem o amor dos inimigos e prescreve-o como mandamento peculiar da nova lei, que é lei toda de amor: *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum: ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros.* Bem facil nos seria este amor dos inimigos, se amassemos aquelle Soberano Amante, que nol-o manda em nome de seu mesmo amor, tão fiel, tão constante, tão liberal», que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana, e que a todos os que o amam com verdadeiro amor, posto que limitado, não deixou jámais de amar com amor immenso e infinito. E sendo isto assim, e o mesmo Christo quem é, e nós christãos e tendo fé, que seja tal a nossa demencia que o não amemos a elle, e empreguemos nosso coração em outro amor «deixando de amar no modo que elle quer amigos e inimigos»? E que haja almas racionaes tão sem juizo e tão inimigas de Deus e de si, que contra si commettam uma tal deshumanidade e contra Deus tão descommedido desprezo? Desprezo digo, porque com o nome de desprezado e engeitado se lamenta de nós o mesmo Senhor.

O Salvador se queixou a Santa Brigida de ser desprezado pelos homens.

Appareceu Christo Senhor nosso a sancta Brigida com rosto compungido e cheio de confusão; e como envergonhado e corrido lhe disse estas sentidas palavras: Não estranhes, filha, que me saiam ao rosto estes signaes de magoa e sentimento; porque todos me desprezam, todos me engeitam e lançam de si, e não ha quem acceite o meu amor: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum; quia nemo me in dilectione habere desiderat.* Verdadeiramente que quem se não enternece com estas palavras e não se compadece do Filho de Deus e não tem lastima ao seu amor tão justamente queixoso e magoado, nem é christão, nem é homem. E que seria se nós entrassemos tambem n'este numero dos que o engeitam e desprezam?

Conclusão. Senhor, Senhor, não permitta vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amor. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não: que sempre o estimamos e adoramos como nosso; mas de o ter tão cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidão, só menor que vossa misericordia. Ella nos valha com vosso piedosissimo coração. E nós com todos os nossos, desde esta hora para sempre, abjuramos, renunciamos e condemnamos a perpetuo esquecimento todo o outro desejo e todo o outro pensamento que não fôr de só a vós amar e querer. Morra n'esta hora, e acabe-se n'esta geral despedida para sempre, todo o amor que não fôr de Jesus. E desengane-se toda a outra affeição, vista, conversação, ou correspondencia humana, que só com o abhorrecimento d'aqui por deante será amada na terra; para que o falso e breve amor convertido em verdadeiro se continue eternamente e dure sem fim no céu.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 76, ed. mod. tom. 6.º, pag. 190.)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1655

Observação do compilador.—A segunda parte d'este sermão e sobretudo a peroração mostram até onde póde chegar a eloquencia do Chrysostomo portuguez. Note-se a facilidade com que o orador vai junctamente explicando o Evangelho e provando o seu assumpto.

Ostendit ei omnia regna mundi et gloriam eorum, et dixit ei: Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

Matth. 4.

O demonio faz dos nossos remedios tentações. Prova-se com a primeira tentação com que tentou a Christo no deserto.

Se o demonio é tão astuto, que até dos nossos remedios faz tentações; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façamos remedios? Esta é a conclusão que tiro hoje de toda a historia do Evangelho. Quarenta dias havia e quarenta noites que jejuava Christo em um deserto; succedeu ao jejum naturalmente a fome e sobre a fome veio logo a tentação: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant:* se és Filho de Deus, diz o demonio, manda a estas pedras que se convertam em pães. Vêde se inferi bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação. Com as pedras se defendia das suas tentações S. Jeronymo: os desertos e soledades são as fortalezas dos anachoretas: o jejum de quarenta dias foi uma penitencia prodigiosa: procurar de comer aos que hão fome, é obra de misericordia: converter pedras em pão com uma palavra é omnipotencia: ser Filho de Deus é divindade. Quem cuidára que de «tudo isto se havia de armar» uma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de divindade? Se o demonio tenta com as pedras, que fará «com a prata e ouro»? Se tenta com o deserto que será com o povoado e com a côrte? Se tenta com o jejum, que será com o

regalo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza? E se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a deshumanidade que será?

Prova-se com a segunda.

Vencido o demonio n'esta primeira tentação, diz o texto que levou a Christo á cidade sancta de Jerusalem; e pondo-o sobre o mais alto do templo, lhe disse d'esta maneira: *Mitte te deorsum: scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: deita-te d'aqui abaixo: porque promettido está na sagrada Escriptura que mandará Deus aos seus anjos, te guardem em todos teus caminhos. Vêde outra vez como tornam os remedios a ser tentações, e n'esta segunda tentação ainda com circumstancias mais notaveis. E quaes foram? A cidade sancta, o templo de Jerusalem, as sagradas Escripturas, os mandamentos de Deus, os anjos da guarda. Podia haver cousas menos occasionadas para tentações? Pois d'isto fez o demonio uma tentação. E se o demonio tenta com a cidade sancta, que será com a cidade escandalosa? Se tenta com os templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as sagradas Escripturas, que será com os livros profanos? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta finalmente com os anjos da guarda, que será com os anjos da perdição?

Como será possivel que nós das tentações façamos remedio?

Eis-aqui como o demonio, dos remedios faz tentações. Mas como será possivel que nós das tentações façamos remedios? O demonio na primeira tentação pedia a Christo que fizesse das pedras pão; e na segunda que fizesse dos precipicios caminhos. Que cousa são as tentações senão pedras e precipicios? Pedras em que tropeçamos, e precipicios d'onde caímos. Pois como é possivel que das pedras em que tropeçamos, se faça pão com que nos sustentemos; e dos precipicios d'onde caímos, se façam caminhos por onde subamos? Isto havemos de ver hoje. Para reduzir todo este poncto tão grande e tão importante a uma só maxima universal tomei por fundamento a terceira tentação que propuz, que é a maior que o demonio fez hoje a Christo, e a maior que nunca se fez, nem ha de fazer, nem póde fazer no mundo.

Mostrar-se-ha na terceira tentação e será o assumpto do sermão.

Vencido a primeira e segunda vez o demonio não desesperou da victoria; porque lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais confiava. Levou a Christo ao cume de um monte altissimo e mostrando-lhe d'alli todos os reinos e monarchias do mundo com todas suas glorias e grandezas, com todas suas riquezas e delicias, com todas suas pompas e majestades, aponctando em roda para todo este mappa universal, tão grande, tão

formoso, tão vario, disse assim: *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* tudo isto que vês, te darei, se com o joelho em terra me adorares. Esta foi a ultima tentação do demonio: esta foi a terceira victoria de Christo. As armas com que o Senhor se defendeu e o remedio que tomou n'esta tentação, como nas outras, foram as palavras da Escriptura sagrada: *Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies:* Adorarás e servirás só ao Senhor teu Deus. É a Escriptura sagrada um armazem divino, onde se acham todas as armas: é uma officina medicinal, onde se acham todos os remedios; esta é aquella Torre de David da qual disse Salomão: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium:* porque como commenta S. Gregorio: *Universa nostra munitio in sacro eloquio continetur.* «Certamente» poderosissimas armas e efficacissimos remedios contra as tentações do demonio são as divinas Escripturas. Mas como eu prégo para todos, e nem todos podem menear estas armas, nem usar d'estes remedios; é o meu intento hoje inculcar-vos outras armas mais promptas e outros remedios mais faceis, com que todos possais resistir a todas as tentações. Na bocca da vibora poz a natureza a peçonha e junctamente a triaga. Se quando a serpente tentou aos primeiros homens, souberam elles usar bem das suas mesmas palavras, não haviam mister outras armas para resistir, nem outro remedio para se conservar no paraiso. Não cortou David a cabeça ao gigante com a sua propria espada? Judith, sendo mulher, não degolou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer: nem necessitamos de outras armas mais que as mesmas com que o demonio nos tenta. A mesma cousa offerecida pelo demonio, é tentação; bem considerada por nós é remedio. Isto hei-de prégar hoje. Oh se Deus me ajudasse a vos mostrar com evidencia «a efficacia de um tal remedio»! Vamos ponderando uma por uma as mesmas palavras da tentação.

Cant. 4.

II. *Ostendit ei omnia regna mundi et gloriam eorum.* Desde aquelle monte alto, onde o demonio subiu a Christo, lhe mostrou todos os reinos do mundo e sua gloria. Isto que facilmente se diz, não é tão facil de intender. De um monte, por alto que seja, não se podem descobrir todos os reinos do mundo. O sol está tão levantado; e comtudo descobre um só hemispherio, e nem vê nem póde ver os antipodas. Pois como foi possivel que o demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa e mais seguida é, que o mundo que o demonio mostrou a Christo, não foi este mundo verdadeiro, senão um mundo phantastico e apparente, uma apparencia e representação do mundo. Assim como os anjos quando apparecem aos homens, se vestem de corpos phantasticos,

Como o demonio póde mostrar a Christo todos os reinos do mundo; e que são estes reinos.

Vide Cornelium a Lap. in hunc locum.

que parecem corpos formosissimos e não são corpos; assim o demonio que no poder natural é egual aos anjos, em todo o ar que se extendia d'aquelle monte até os horizontes, com côres, com sombras, com apparencias, pintou e levantou em um momento montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reinos: emfim um mundo. De maneira que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reinos e de grandezas, bem apertado vinha a ser um pouco de vento. E com ser assim esta representação (notae agora), com ser o que o demonio mostrava, uma só representação phantastica, uma apparencia; comtudo, diz o evangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo e suas glorias; porque todas as glorias e todas as grandezas do mundo, bem consideradas, são o que estas eram: ar, vento, sombras, côres apparentes. E senão dizei-me: de todos aquelles reinos, de todas aquellas majestades e grandezas que havia no tempo de Christo, quando succedeu esta tentação, ha hoje alguma cousa no mundo? Nenhuma. Pois que é feito de tantos reinos, que é feito de tantas monarchias, que é feito de tantas grandezas? Eram vento; passaram: eram sombra; sumiram-se: eram apparencias; desappareceram. Ainda agora são o que d'antes eram: eram nada, são nada. Até dos marmores d'equelle tempo não ha mais que pó e cinza; e os homens, como bem nota Philo Hebreu, vendo isto com os nossos olhos, somos tão cegos que fazemos mais caso d'este pó e d'esta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem et pulverem pluris facitis quam animam.*

Auctoridade de Salomão.

Eccl. 1.

Isto são hoje os reinos d'aquelle tempo, e os reinos de hoje que são? São por ventura outra cousa? Diga-o o rei do reino mais florente, e o mais sabio de todos os reis: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas.* Eu fui rei e filho de rei, diz Salomão; experimentei tudo o que era, e tudo o que podia dar de si o poder, a grandeza o senhorio do mundo; e achei que tudo o que parece que ha n'elle, é vão e nada solido, e que bem pesado e apertado não vem a ser mais que uma vaidade composta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas.* Vaidade os sceptros, vaidade as corôas, vaidade os reinos e monarchias; e o mesmo mundo que d'ellas se compõi, vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Esta é a verdade que não sabemos vêr por estar escondida e andar enfeitada debaixo das apparencias que vemos; e este é o conhecimento e desengano com que devemos rebater e desprezar o tudo, ou o nada, com que nos tenta o mundo. Oh como ficariam desvanecidas as maiores tentações, se soubessemos responder ás palavras do demonio com as palavras de Salomão: *Omnia regna mundi? Omnia vanitas. Omnia tibi dabo? Omnia vanitas.*

Mas se todo este mundo e tudo o que n'elle mais avulta, é vão, antes a mesma vaidade, como é possivel que tenha tanto valor e tanto peso com os homens, que pese para com elles mais que o céu, mais que a alma e mais que o mesmo Deus? Tão falsas são as balanças do juizo humano? Não são ellas as falsas; somos nós: *Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in idipsum.* São taes os homens, diz David, que com a balança na mão trocam o peso ás cousas. Não diz que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos. E a razão d'esta falsidade, ou d'esta falsificação, é porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade. Não é o nosso juizo o que nos engana, é o nosso affecto; o qual pendendo e inclinando para a parte da vaidade, leva após si o fiel do juizo. N'estas balanças de uma parte está a alma, da outra está o mundo. De uma parte está o temporal, da outra o eterno: de uma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pómos o nosso affecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse affecto e esse coração é o que dá á vaidade do mundo o peso que ella não tem, nem póde ter. A vaidade não amada não tem peso, porque é vaidade. Mas essa mesma vaidade amada pesa mais que tudo; porque o nosso amor e o nosso affecto é o que falsamente lhe dá o peso. De maneira que o peso não está nas cousas, está no coração com que as amamos. Amamos e estimamos a vaidade; e por isso a balança inclina a ella e com ella, e nos mostra falsamente o peso onde o não ha. Oh se pesassemos bem e fielmente, com o coração livre de todo o affecto! Como veriamos logo que a inclinação e movimento da balança pendia todo para a parte da alma; e que todo o mundo contrapesado a ella não pesa um atomo.

Os bens do mundo teem valor para nós, porque os não pesamos.

Ps. 61.

Chegou Esaú do campo, cançado e com fome de todo o dia; e chegou a desastrada hora, porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cozinhando, diz o texto, umas lentilhas. (Estes eram os grandes homens, e estes os grandes regalos d'aquelle tempo). Pediu Esaú a seu irmão um pouco d'aquella vianda: mas elle aproveitando-se da occasião e da necessidade respondeu, que dar, não; mas vender, sim; que se Esaú lhe vendesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deus nos livre de se ajunctar no mesmo tempo a fome e a tentação. O successo foi que Esaú acceitou o contracto: deu o morgado. Pois, valha-me Deus! o morgado de Isaac, a herança de Abrahão, a benção dos patriarchas, que foi a maior cousa que desde Adão houve no mundo, por uma escudella de lentilhas? Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada d'isto era: mas era um homem (diz a Escriptura) que vendeu e não pesou

E nos acontece como a Esaú.

Gen. 25.

bem o que vendia: *Abiit parvi pendens quod primogenita vendidisset*; e homem que vende sem pesar bem o que vende, não é muito que por uma escudella de grosserias désse o maior morgado do mundo. Se Esaú antes de vender tomara a balança na mão e pozera de uma parte o morgado e da outra a escudella, parece-vos que o venderia? Pois eis ahi porque ha tantas almas venaes. Esta historia de Esaú e Jacob aconteceu uma só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo: o papel de Jacob fal-o o demonio; o de Esaú fazemol-o nós. O demonio offerece-nos um gosto ou um interesse vil; e pede-nos o morgado que nos ganhou Christo. E nós, porque contractamos sem a balança na mão, e não pesamos a vileza do que recebemos com a grandeza do que damos; consentimos no contracto e ficamos sem benção. Quando Esaú vendeu o morgado, não o sentiu, nem fez caso d'isso. Mas depois quando viu que Jacob levava a benção e elle ficava sem ella, diz o texto que *irrugiit clamore magno, et consternatus est:* que tudo era encher o céu de clamores e gemidos e despedaçar-se a si mesmo e desfazer-se com dôr. Ah mal aconselhados Esaús! Agora vendemos a alma e o morgado do céu pela vileza de um gosto, pelo engano de um appetite, pela grosseria de um manjar de brutos; e d'isto não fazemos caso. Mas quando vier aquelle dia em que Christo dê a benção aos que estiverem á sua mão direita; e nós virmos que ficamos sem ella por umas cousas tão vís; oh que dôr! oh que desesperação! oh que circumstancia de inferno será esta tão grande para nós!

Ibid. 37.

Porque mostrou o demonio a Christo os bens do mundo em um instante.

Agora intendereis a astucia da tentação do demonio no modo com que hoje mostrou a Christo todos os reinos do mundo. Diz S. Lucas que lh'os mostrou em um instante: *Ostendit ei omnia regna mundi in momento*. E porque razão em um instante? Porque não deu mais espaço de tempo a quem tentava com uma tão grande ostentação? Seria por ventura, porque ainda o demonio, quando engana, não póde encobrir a brevidade momentanea com que passa e se muda esta scena de cousas do mundo, apparecendo e desapparecendo todas em um instante? Assim o diz sancto Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestatis exprimitur: in momento enim cuncta illa praetereunt*. Mostrou o demonio todos os reinos e grandezas do mundo em um instante; porque as mostrou assim como ellas são; e tudo o que ha n'este mundo, não tem mais ser que um instante. O que foi, já não é: o que ha de ser, ainda não é; e o que é, não é mais que no instante em que passa: *In momento cuncta illa praetereunt*. Boa razão e verdadeira, como de tal auctor. Mas ainda debaixo d'ella se encobria outra astucia

Luc. 4.

do tentador; o qual não quiz dar tempo ao tentado para pesar o que lhe offerecia. O peso das cousas vê-se pela inclinação e movimento; por isso lhe mostra tudo em um instante. Veja o tentado o mundo que lhe offereço: mas veja-o em instante sómente, e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que pesa: *In momento omnia regna mundi.*

Andou o demonio muito «astucioso» em mostrar o mundo e suas glorias a quem queria tentar com ellas. O mundo promettido forte tentação parece: mas «pesado» não é tentação. E senão, discorrei por todos os bens do mundo; e vereis que são tão vãos que nenhum pendor fazem á balança da razão. O que mais pesa e o que mais luz no mundo são as riquezas. E que cousa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado e perdem-se com dôr. Que cousa são as galas, senão um engano de muitas cores? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas e eram laços. Que cousa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle véu; e fugis hoje do que hontem adoraveis. Que cousa são os gostos, senão as vesperas dos pezares? «É dos proverbios de Salomão: *Extrema gaudii luctus occupat.*» Que cousa são as delicias senão, o mel da lança de Jonathas? Junctamente vai á bocca o favo e o ferro. Que cousa são os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter é chegarem a ser arrependimentos. Que cousa são as honras e as dignidades, senão fumo? Fumo que sempre cega e muitas vezes faz chorar. Que cousa é a privança, senão um vapor de pouca dura? Um raio de sol o levanta e outro raio o desfaz. Que cousa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias? Todas parecem cartas de favor; e quantas foram sentenças de morte. Que cousa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derruba ao gigante com a pedra e ao mesmo David com o estalo. Que cousa é toda a prosperidade humana, senão um vento que corre todos os rumos? Se diminúi não é bonança: se cresce é tempestade. Finalmente que cousa é a mesma vida senão uma alampada aceza, vidro e fogo? Vidro que com um assopro se faz: fogo que com um assopro se apaga. Este é o mundo com todas as suas glorias: *Omnia regna mundi et gloriam eorum.* E por estas glorias falsas, vãs e momentaneas damos aquella alma immortal que Deus creou para gloria verdadeira e eterna? Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos; que veja como todo é nada, como todo é

N'isto andou muito astucioso; porque todos os bens do mundo são vãos e não fazem pendor.

Prov. 14.

mentira, como todo é inconstancia, como hoje não são os que hontem foram, como ámanhã não hão de ser os que hoje são, como tudo acabou e tudo acaba, como todos havemos de acabar e todos imos acabando; emfim que veja ao mundo bem como é em si, que não se desengane com elle e se não desengane d'elle?

Qual o peso da alma.

III. Mas demos já uma volta á balança. Vimos quanto pesa o mundo: vejamos agora quanto pesa uma alma. N'este peso entramos todos. O peso do mundo não pertence a todos; porque muitos teem pouco que pesar. O peso da alma ninguem ha a quem não pertença: o rei, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre, todos teem alma. Ora vejamos quanto pesa e quanto val isto que todos trazemos e temos dentro em nós.

A cruz é a sua balança.

Onde porém acharemos nós uma balança tal que se possa pesar n'ella uma alma? Quatro mil annos durou o mundo sem haver em todo elle esta balança. E por ventura essa foi a occasião de se perderem n'aquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da redempção; poz-se o Filho de Deus em uma cruz; e ella foi a verdadeira e fiel balança que a divina justiça levantou no monte Calvario; para que o homem conhecesse quão immenso era o peso e o preço da alma que tinha perdido. Assim o canta e nol-o ensina a Egreja: *Beata cujus brachiis pretium pependit saeculi: statera facta corporis, tulitque praedam tartari!* Vês homem aquella cruz em que está pendente e morto o Filho de Deus? Pois sabe que ella é a balança justa em que Deus pesou o preço da tua alma para que tu a não desprezes. O mundo custou a Deus uma palavra; e a alma custou a Deus o sangue, custou a Deus a vida de seu Filho. É tal o preço que Deus deu pelas almas que posta de uma parte a alma e da outra o preço, parece (diz Eusebio Emisseno) que val tanto a alma como Deus. Parece, diz: porque Deus verdadeiramente val e pesa mais que toda a alma. Mas a divina justiça não poz em balança com a alma outro peso, nem aceitou por ella outro preço que o do mesmo Deus; porque de peso a peso, só Deus se póde contrapesar com a alma; e de preço a preço só Deus se póde avaliar com ella. Sendo pois esta a verdadeira balança e sendo esta o peso e o preço da alma que tão cara comprou Deus e nós tão barata vendemos ao demonio, não vos quero persuadir que a não vendais: só vos peço e vos aconselho que a não vendais senão muito bem vendida. O demonio no primeiro lanço offereceu por ella o mundo; Deus no segundo lanço deu por ella a si mesmo. Se achardes quem vos dê mais pela vossa alma, dae-a embora.

A invisibilidade da alma mostra o seu preço.

Toda a desgraça da pobre alma, tão falsamente avaliada e tão vilmente trocada e vendida, é porque a não vemos, como vemos

ao mundo. O demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi:* se eu vos podera mostrar uma alma, estavam acabadas todas as tentações e não eram necessarios mais discursos. O demonio daria todo o mundo por uma alma; porque a vê e conhece: é espirito vê as almas: nós como somos corpo, vemos ao mundo e não vemos a alma; e porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh! se Deus nos mostrasse uma alma! Que pasmo, que estimação seria a nossa e que desprezo de quanto ha no mundo e na vida! mostrou Deus uma alma a sancta Maria Magdalena de Pazzi; e oito dias ficou fóra de si, arrebatada de assombro, de pasmo, de estranheza, só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto é uma alma? Isto é. A sancta Catharina de Sena mostrou-lhe Deus tambem uma alma; e dizia (como refere S. Antonino) que nenhum homem haveria, se tivesse visto uma alma que não désse por ella a vida cem vezes cada dia; e não pela propria, senão pela alheia. De sorte que toda a differença e toda a desgraça está em que o mundo com que o demonio nos engana, é visivel e a alma invisivel. Mas por isso mesmo haviamos nós de estimar muito mais a alma, se tiveramos juizo. O mundo é visivel, a alma é invisivel; o mundo vê-se, a alma não se vê? Logo muito mais preciosa é a alma e muito mais val que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quae videntur, sed quae non videntur: quae enim videntur, temporalia sunt, quae non videntur aeterna.* Não havemos de admirar, nem estimar o que se vê, diz S. Paulo: porque o visivel, o que se vê, é temporal; o que se não vê, é eterno. O mundo, que o demonio me mostra é visivel, porque é temporal como o corpo: a alma, que o demonio me não póde mostrar (nem me havia de mostrar se podera), é invisivel, porque é eterna como Deus. E assim como os olhos não podem ver a Deus por sua soberania, assim não podem ver a nossa alma. Não é a nossa alma tão baixa que a houvessem de ver os olhos. Vêem o mundo, vêem o céu, vêem as estrellas, vêem o sol: a alma não a podem ver, porque não chega lá a sua esphera.

2. Cor. 4.

Um corpo sem alma nos revela o que ella é.

Mas já que somos tão corporaes e damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos quero que nos digam e que confessem o que é a alma. Quereis ver o que é uma alma? Olhae (diz sancto Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos

humanos e divinos que admiramos e excedem a admiração; tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice; quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos e a unir as distancias do universo e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe; a majestade, o dominio, a soberanía, a moderação na prospero, a serenidade na adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça; todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa, de quem eram governadas e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um sancto; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspendido no ar; que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta: uma soberba que sempre sobe; uma ambição que sempre aspira: um desejo que nunca aquieta: uma capacidade, que todo o mundo não enche, como a de Alexandre: uma altiveza, como a de Adão que não se contenta menos que com ser Deus: tudo isto que não vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso — a alma. Até a formosura que parece dote proprio do corpo e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão uma alma? E se não vêde o corpo sem ella, insta Agostinho, *Non facit corpus unde ametur nisi animus*. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur:* apartou-se o que se não via: ficou o que se não pode ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Viu S. Francisco de Borja o corpo defuncto e deforme da imperatriz Dona Izabel; e que lhe succedeu? Pela differença do corpo morto viu n'aquelle espelho o que era a alma; e como viu o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganara o demonio com o mundo, se nós viramos e conhecêramos bem o que é a alma e o que é o mundo.

Deduz-se da mesma tentação do demonio.

Então que nos diga o demonio com a bocca muito cheia e

muito inchada: *Haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.* Parece que faz estremecer a grandeza d'esta tentação! Mas o demonio é o que havia de temer d'ella! Desarmou-se a si e armou-nos a nós. Tu, demonio, offereces-me de um lanço todo o mundo para que caia, para que peque, para que te dê a minha alma? Logo a minha alma por confissão tua val mais que todo o mundo. A minha alma val mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que val mais pelo que val menos: *Vade retro.* Pode-nos o demonio dar ou prometter alguma cousa que não seja menos que o mundo? Claro está que não. Pois aqui se desarmou para sempre: n'esta tentação perdeu todas; se nós não temos perdido o juizo. Ouvi a Salviano: *Quis ergo furor est viles a nobis animas nostras haberi, quas etiam diabolus putat esse pretiosas?* Homens loucos, homens sem intendimento, nem juizo; é possivel que sendo as nossas almas na estimação do demonio tão preciosas, no vosso conceito e no vosso desprezo hão de ser tão vis? O demonio quando me quer roubar, quando me quer enganar, não pode deixar de confessar que a minha alma val mais que todo o mundo; e eu, sendo essa alma minha, não ha de haver no mundo cousa tão baixa, tão vã e tão vil pela qual a não dê sem nenhum reparo? *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor é este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma «ao juizo» do demonio, que ao nosso. do demonio a honra, o nosso a affronta. Envergonha-se o emonio no primeiro lanço de offerecer menos por uma alma ue todo o mundo; e nós a damos por nada. Caio Cesar, como efere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos e prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil uzados. Não creio que haveria na nossa côrte quem não beisse a mão real e não aceitasse com ambas as mãos a mercê. a porém Demetrio philosopho estoico «dos mais sabios de u tempo»; e que respondeu? Andae, levae os seus talentos ao perador; e dizei-lhe, que, se me queria tentar, havia de ser m todo o seu imperio. É e chama-se senhor do mundo? Com lo o mundo me havia de tentar. Não no fez assim o Cesar, rque não conhecia Demetrio: mas fel-o assim o demonio; pore sabe o que val uma alma.

Os homens pelo contrario dão a sua alma por nada.

Ah! idolatras do mundo que tantas vezes daes a alma e dois o joelho ao demonio, não pelo mundo todo, senão por as partes tão pequenas d'elle, que nem migalhas de mundo podem chamar! Quantos principes dão a alma e tantas almas demonio por uma cidade, por uma fortaleza? Quantos titulos uma villa? Quantos nobres por uma quinta, por uma vinha, uma casa? Que palmo de terra ha no mundo que não tenha

levado muitas almas ao inferno pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura supposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios e por infinitas maldades? Se o mundo todo não pesa uma alma, como pesam tanto estes pedacinhos do mundo, que todos se vão ao fundo e nos levam a alma apoz si? Como estamos em poncto de tanta importancia, que é a maior e a unica e toca egualmente a todos e a cada um, dae-me licença com que acabe de desarmar ao demonio, apertando o argumento de maneira que não haja coração tão duro, nem intendimento tão rebelde, que não dê as mãos e fique convencido.

Supposição de offerecimentos muito mais amplos por parte do demonio.

Luc. 4.

Quando o demonio offerecia o mundo a Christo, disse-lhe junctamente (como refere S. Lucas) que elle tinha poderes de Deus para dar o que offerecia: *Tibi dabo potestatem hanc universam et gloriam eorum: quia mihi tradita sunt et cui volo do illa*. Estes poderes que o demonio allegava, eram tão falsos como as mesmas promessas. Mas supponhamos que os poderes eram verdadeiros e que eram ainda maiores. N'este caso se o demonio nos propozesse o mesmo contracto que hoje propoz a Christo: se nos offerecesse todos os reinos e grandezas do mundo, aceital-o-hiamos? Eu intendo que n'este caso qualquer homem bem intendido podia ver tres replicas ou tres instancias a este offerecimento. A primeira na brevidade da vida; a segunda na inconstancia dos reinos, a terceira na limitação da natureza humana. Ora discorrei comigo e fallemos com o demonio. Tu, demonio, me offereces todos os reinos do mundo. Grande offerecimento é: mas bem sabes tu que Alexandre Magno não durou mais que seis annos no imperio; e outros imperadores duraram muito menos e algum houve que durou só tres dias. Pois por seis annos, ou por vinte annos, ou por quarenta annos que posso viver e esses incertos, hei eu de entregar a minha alma? Não é bom partido. Não seja essa a duvida («diga» o demonio): eu te seguro com os poderes que tenho, cem mil annos de vida e esses sem dôr, sem velhice, sem infermidade. Ha mais outra duvida? Sim, ha. Ainda que eu haja de ter cem mil annos de vida, quem me segurou a mim a duração e permanencia d'esses reinos e d'essa monarchia? Não ha cousa mais inconstante no mundo que os reinos, nem menos duravel que sua gloria e felicidade. Sem recorrer aos exemplos passados digam-no as mudanças que vimos n'estes dias em que tão pouco seguras tiveram os reis a obediencia dos vassallos e a corôa e ainda a mesma cabeça sobre que assentam as corôas. Pois se os vassallos mesmos se me houvessem de rebellar, ou os estranhos me houvessem de conquistar os reinos; que me importaria a mim ter o nome e o dominio d'elles? Não seja essa tambem a difficul-

dade («demos que o demonio possa responder»): eu te asseguro a duração e perpetuidade da monarchia e de todos os reinos que te mostrei, por espaço de cem mil annos, e te prometto que os possuirás sempre quietos e pacificos. Ha mais alguma cousa em que reparar? Ainda uma. Sendo eu rei de todo o mundo não me posso gozar de todo elle ao mesmo tempo. Quando tiver a côrte em Lisboa, não a posso ter em Paris: quando a tiver em Roma, não a posso ter em Constantinopla. Se lograr as terras da Europa não posso lograr as de America: se gozar as delicias de Italia, não posso gozar as da India. Pois se eu não hei de ter mais capacidade para os gostos da vida, do que tem qualquer homem; que me importa ter tanto poder e tanta materia para ellas? «Se emfim o demonio podesse tambem satisfazer a esta ultima difficuldade fazendo que em troca da alma se possam lograr as delicias e as honras de todo o mundo»; parece-vos, christãos, que seriam boas condições estas e dignas de se aceitarem? Um homem com cem mil annos de vida seguros, sem dôr nem infermidade: um homem monarcha universal de todos os reinos do mundo com certeza de não se mudarem: um homem com o singularissimo privilegio de poder gozar no mesmo tempo as delicias de todo elle. Parece que a imaginação não póde inventar mais, nem querer mais o desejo. Comtudo ha alguem entre vós tão falto de juizo, que aceitaria esta vida, esta majestade, estas delicias de cem mil annos com condição de no cabo d'elles perder a alma e ir ao inferno? É certo que nenhum de nós aceitaria tal contracto: ao menos eu não. Pois se não aceitariamos ao demonio um tal contracto, como aceitamos tentações tão differentes? Dizei-me: quando o demonio vos tenta promette-vos larga vida? Antes são muitas vezes taes as tentações que sabeis de certo que caindo n'ellas, quando menos, haveis de encurtar a vida e perder a saude. Mais. Quando o demonio vos tenta promette-vos reinos e monarchias universaes do mundo? Não: um morgado, uma herança e outros interesses menores. Mais. Quando o demonio vos tenta, multiplica-vos a capacidade dos sentidos, para que possais gozar com maior largueza e sem limite os gostos e delicias do mundo? Nada d'isto. Pois se fôra loucura e rematada loucura, entregar um homem a sua alma por aquelle contracto; que será entregarmol-a cada dia e cada hora por pretenções de tanto menos sorte? Por uma vaidade, por um desejo, por uma representação, por um pensamento, por um appetite, que no instante de antes o desejais e no instante depois o abhorreceis? Tomara que me respondesseis a esta evidencia para ver que razão me dais.

Ainda que a perda da alma seja duvidosa, não se deve arriscar.

Só uma vos póde occorrer, que tenha alguma apparencia; e é o que nos engana a todos. Padre, entre aquelle contracto e as tentações ordinarias do demonio ha uma differença grande. Consentindo n'aquelle contracto ficava eu perdendo a minha alma de certo: consentindo nas outras tentações sómente ponho a minha alma em duvida; porque depois de aceitar a tentação e lograr o que o demonio e o appetite me promette, posso arrepender-me e salvar-me. Respondo. Primeiramente essa mesma conta fizeram todos os christãos que estão no inferno. Mas sem chegar a esta supposição, tão leve negocio é pôr a alma e a salvação em duvida? Aprendamol-o do mesmo demonio, e torne a tentação a ser remedio. Quando o demonio tentou a Christo, bem via que n'aquelle homem, quem quer que fosse, depois de aceitar o partido, assim como se houvesse posto de joelhos deante do demonio para o adorar, assim se podia pôr de joelhos deante de Deus para pedir perdão, se restituir á sua graça e salvar-se. Pois se isso era assim; porque o tentou offerecendo-lhe todo o mundo só por aquella adoração, só por aquelle peccado? Porque aquelle peccado em um homem ainda que lhe não tirava a salvação com certeza, punha-se-lhe a salvação em duvida; e só por pôr em duvida a salvação de uma alma, daria o demonio todo o mundo.

Porque o negocio da alma é o maior que temos.

Christãos, Deus nos livre de pôr a salvação de nossa alma em duvida, ainda que seja pelo preço de todo o mundo e de mil mundos. O que se põi em duvida, pode ser e pode não ser; e se fôr? Se a duvida inclinar para a peior parte, se eu me não salvar e me condemnar, como se condemnaram tantos que lhe fizeram esta mesma conta, será bem que fique a alma n'essas contingencias? Oh tristes almas as nossas, que não sei que nos teem feito, que tanto mal lhe queremos! Por certo que não nos havemos nós assim nas temporalidades. O negocio em que vos vai a vida ou a fazenda ou a honra ou o governo, contentais-vos com o deixar n'essas duvidas? Não buscais sempre o mais seguro? Pois só a Deus e á ventura hão de ser para a triste alma? Só a alma fazeis tão pouco caso d'ella que a lançais a sortes quasi ao tombo de um dado?

O Redemptor fez tanta conta das nossas almas que morreu ainda pelas que não se salvam.

Ouvi uma ponderação que me faz tremer. É de fé que o Filho de Deus morreu por todos os homens. Assim o definiu Innocencio decimo em nossos dias contra os erros dos Jansenistas; e assim o diz expressamente S. Paulo em dous logares de suas epistolas: na segunda aos corinthios cap. 5. *Christus pro omnibus mortuus est;* e na primeira a Timotheo cap. 2. *qui dedit redemptionem semetipsum pro omnibus.* Que Christo morresse pelas almas «que se salvam», bem está: pois para a sal-

vação d'ellas era necessario o preço infinito de seu sangue. Mas morrer Christo e dar o preço infinito de seu sangue tambem pelas almas «que não se querem salvar?» Sim: porque é tão grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeito de se haverem de salvar, que deu Christo por bem empregado n'ellas o preço infinito de seu sangue. Grande exemplo em uma alma particular.

Conta que fez da alma de Judas

Fez Christo por Judas os extremos que todos sabem: mas nem todos os ponderam como merecem. Se Christo tivera certeza de que Judas se havia de salvar, bem empregadas estavam todas aquellas despezas de trabalho e de amor. E se, quando menos, a salvação de Judas estivera duvidosa, tambem podia aventurar todas aquellas diligencias na contingencia d'essa duvida. Mas Christo sabia de certo que Judas se havia de condemnar. Pois, Senhor, como empregais e despendeis tantas vezes o preço infinito de vossas palavras, de vossas acções e de vossas lagrimas com esse infeliz homem? Não sabeis que se ha de perder a sua alma? Sim, sei: mas, ainda que se ha de perder, é alma. A certeza de sua perdição não lhe tirou o ser, antes accrescenta a dôr de tamanha perda. E que haja ainda almas que se queiram perder certamente?! Que haja ainda tantos Judas que dêem entrada ao demonio em suas almas, não por todo o mundo, nem por trinta dinheiros; mas por outros preços mais vis e mais vergonhosos.

Recapitulação e conclusão para a practica da quaresma.

IV. Ora, christãos, se uma alma ainda sem o respeito da salvação val tanto, as nossas almas que pela misericordia de Deus ainda estão em estado de salvação, porque as estimamos tão pouco? Que nos fizeram as nossas almas para lhe querermos tanto mal, para as desprezarmos tanto? Christo estima infinitamente a minha alma, mais que todo o mundo: o mesmo demonio na sua tentação mostra estimar a minha alma mais que todas as cousas do mundo; e só eu hei de estimar todas cousas do mundo mais que a minha alma? Que cousa ha n'este mundo tão vil, ou seja da vida ou seja da honra ou seja do interesse ou seja do gosto, que não estimemos mais que a alma e que não vendamos a alma por ella? Ponhamos os olhos em Christo crucificado; e aprendamos d'aquella balança a pesar e estimar nossa alma. Como está Christo na cruz? Despido, affrontado, atormentado, morto: despido pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a honra: atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que os gostos: morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a vida. Oh pesemos e pesemos bem o que é, o que ha de ser o mundo; o que é e o que ha de ser a nossa alma. Seja esta a prin-

cipal devoção d'esta quaresma e seja tambem a principal penitencia. Não vos peço que n'esta quaresma accrescenteis as devoções, nem as penitencias: só uma commutação d'ellas vos peço; e é que tomeis na mão a balança d'aquella cruz para intender quanto pesa a vossa alma e tractarmos d'ella e com ella. De vinte e quatro horas do dia, não lhe bastarão ao corpo vinte e tres e meia; e a pobre alma não terá sequer meia hora? E que seja necessario que isto se vos esteja rogando e pedindo; e que não baste? Ora, fieis christãos, façamol-o assim todos n'esta quaresma, para que tambem a quaresma seja christã. Consideremos que a nossa alma é uma só; que esta alma é immortal e eterna; que a união que tem esta alma com o corpo (a que chamamos vida) póde desatar-se hoje; que todas as cousas d'este mundo cá hão de ficar e só a nossa alma ha de ir comnosco; que a esta alma a esperam uma de duas eternidades; se formos bons, eternidade de gloria; se formos maus eternidade de pena. É isto verdade ou mentira? Cremos que temos alma ou o não cremos? São estas almas nossas ou são alheias? Pois que fazemos?

Devemos tambem cuidar das almas alheias.

Tambem das alheias nos devemos lastimar muito. Todo o mundo que o demonio hoje offereceu a Christo foi por uma alma alheia. Se offerece todo o mundo o demonio por perder uma alma; porque não daremos nós e porque não faremos alguma cousa por tantas almas que se perdem? N'este mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na Africa, infinitas almas na Asia, infinitas almas na America (cujo remedio venho buscar); tudo por culpa ou negligencia nossa. Verdadeiramente não ha reino mais pio que Portugal: mas não sei intender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devoção. Para as almas que estão no purgatorio ha tantas irmandades, tantas confrarias, tantas despezas, tantos procuradores, tantos que as encommendam de noite e de dia: só aquellas pobres almas que estão indo ao inferno não teem nada d'isso! As almas do purgatorio, ainda que padeçam, teem o céu seguro: as que vivem e morrem na gentilidade «e nos peccados proprios d'aquelle estado» não só teem o céu duvidoso, mas o inferno e a condemnação certa sem haver quem lhes acuda. Não é maior obra de misericordia esta? Pois porque não haverá tambem uma irmandade, porque não haverá tambem uma congregação, porque não haverá tambem uma juncta; porque não haverá tambem um procurador d'aquellas pobres almas?

Supplica em favor d'ellas.

Senhor, estas almas não são todas remidas com o vosso sangue[1]? Senhor, estas almas não são todas remidas com o san-

[1] Falla alternadamente com Deus e com o rei.

gue de Christo? — Senhor, a conversão d'estas almas não a entregastes aos reis de Portugal?—Senhor, estas almas não estão encarregadas por Deus a vossa majestade com o reino? — Senhor, será bem que estas almas se percam e se vão ao inferno contra o vosso desejo?—Senhor, será bem que aquellas almas se percam e se vão ao inferno por nossa culpa? — Não o espero eu assim da vossa majestade divina, nem da humana. Já que ha tantos expedientes para os negocios do mundo, haja tambem um expediente para os negocios das almas; pois valem mais que o mundo.

Adiantar o negocio da salvação das almas é adiantar o das conquistas.

Desenganemo-nos: quanto mais se adiantar o negocio da salvação das almas, tanto os do mundo irão mais por deante. O demonio offereceu todos os reinos do mundo a Christo pela perdição de uma alma; e Christo porque tractou da salvação das almas, está hoje feito senhor de todos os reinos do mundo. Assim nos succederá a nós tambem; e assim o prometto em nome do mesmo Christo. «Vêde como Elle» nos está mostrando todos os reinos d'este novo mundo que por sua liberalidade nos deu e por nossa culpa nos tem tirado em tanta parte, e aponctando para a Africa, para a Asia, para America nos está dizendo —Reino de Portugal, eu te prometto a restituição de todos os reinos que te pagavam tributo e a conquista de outros muitos e mui opulentos d'esse novo mundo, se tu, pois te escolhi para isso, fizeres que creia em mim e me adore.

Conclusão.

Assim o prometto da bondade de Deus, assim o espero do grande zelo e piedade de sua majestade, assim o confio da muita christandade de todos os ministros; e se tractarmos das almas alheias, este meio de que tanto se serve Deus, será o mais efficaz de conseguirmos a salvação das proprias, n'esta vida com grandes augmentos de graça e na outra com os premios da gloria.

(Ed. ant. tom. 2.º pag. 53, ed. mod. tom. 5.º pag. 182.)

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA *

PRÉGADO NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO, ANNO DE 1653

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Este sermão alcançou um dos maiores triumphos da arte oratoria; e foi que o povo do Maranhão désse a liberdade aos escravos mal havidos, ainda que por esta questão se tivesse amotinado contra o orador e os outros missionarios da Companhia. Veja-se com que rodeio dispõi os animos dos ouvintes e se vai chegando ao poncto da questão, para depois apertar com o raciocinio e triumphar na peroração. Não faz pompa de enfeites de estylo, que estariam muito fóra de logar, fallando áquelle povo e para o fim que pretendia: mas nem por isso o seu discurso deixa de ser um dos mais dignos d'esta primeira collecção.**

Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.
MATTH. IV.

O dia das tentações de Christo é temeroso por uma parte e venturoso por outra. Explica-se.

Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia! Estamos no dia das tentações do demonio, e no dia das victorias de Christo. Dia, em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deus: *Si Filius Dei es:* oh que temeroso dia! Se até o mesmo Deus é tentado; que homem haverá que não tema ser vencido? Dia, em que Christo com tres palavras venceu e derribou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia! A um inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer?

Tres foram estas tentações. A terceira como a maior e a mais universal será o assumpto do sermão.

Tres foram as tentações, com que o demonio hoje acommetteu a Christo: na primeira offereceu: na segunda aconselhou: na terceira pediu. Na primeira offereceu: *Dic ut lapides isti panes fiant*: que fizesse das pedras pão; na segunda aconselhou: *Mitte te deorsum:* que se deitasse d'aquella torre abaixo; na terceira pediu: *Si cadens adoraveris me*: que caido o adorasse. Vêde que offertas, vêde que conselhos, vêde que petições!

Offerece pedras, aconselha precipicios, pede caídas. E com isto ser assim, estas são as offertas que nós acceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só uma para tractar, porque para vencer e convencer tres tentações, è pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido d'ellas basta um instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e ultima; porque ella é a maior, porque ella é a mais poderosa, e ella é a mais propria d'esta terra em que estamos. Não debalde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança de que mais se fiava; mas hoje lh'a havemos de quebrar nos olhos. De maneira, christãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos tambem a maior victoria. Bem sabeis que victorias, e contra tentações, só as dá a graça divina; peçamol-a ao Espirito Sancto por intercessão da Senhora; e rogo-vos que a peçais com grande affecto, porque nos ha de ser hoje mais necessaria que nunca. *Ave Maria.*

Nas tentações do demonio não só ha que temer, senão tambem que imitar.

II. *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* Que offereça o demonio mundos, e que peça adorações! Oh quanto temos que temer: oh quanto temos que imitar nas tentações do demonio! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do demonio, cousa é mui achada e mui sabida; mas ter nas tentações do demonio que imitar? Sim; por que somos taes os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Estae commigo.

Offerecendo mundos para ganhar uma alma mostra fazer muita estima das almas.

Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a um monte mais alto que essas nuvens, mostra-lhe d'alli os reinos, as cidades, as côrtes de todo o mundo e suas grandezas, e diz-lhe d'esta maneira. *Haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.* Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta? Vem cá, domonio, sabes o que dizes, ou o que fazes? É possivel que promette o demonio um mundo por uma só adoração? É possivel que offerece o demonio um mundo por um só peccado? É possivel que não lhe parece muito ao demonio dar um mundo só por uma alma? Não; porque a conhece; e só quem conhece as cousas, as sabe avaliar. Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes e a nossa alma é espiritual, não a conhecemos, e como não a conhecemos, não a estimamos; e por isso a damos tão barata. Porém o demonio, como é espirito, e a nossa alma tambem espirito, conhece muito bem o que ella é, e como a conhece, estima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por uma alma o mundo

todo; porque val mais uma alma, que todo o mundo. Vêde se as tentações do demonio que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Aprendamos se quer do demonio a avaliar e a estimar nossas almas. Fique-nos, christãos, que val mais uma alma que todo o mundo. E é tão manifesta verdade esta, que até o demonio, inimigo capital das almas, a não póde negar.

O mundo custou a Deus uma palavra e as almas lhe custariam todo o seu sangue.

As cousas estimam-se e avaliam-se pelo que custam. Que lhe custou a Christo uma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe uma palavra: *Ipse dixit, et facta sunt;* uma alma custou-lhe a vida e o sangue todo. Pois se o mundo custa uma só palavra de Deus e a alma custa todo o sangue de Deus; julgae se val mais uma alma, que todo o mundo. Assim o julga Christo, e assim o não póde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lh'as vendemos pelo preço que vós sabeis.

Ps. 148.

Muitos christãos vendem barato as proprias, porque as não pesam nem sequer nas balanças do demonio.

Espantamo-nos que Judas vendesse a seu Mestre e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos ha, que andam rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de José eram onze, e venderam-no por vinte dinheiros; saiu-lhe por menos de dous dinheiros a cada um. Oh se consideraramos bem os nadas por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes que um homem offende a Deus mortalmente, vende a sua alma. *Venundatus est, ut faceret malum,* diz a Escriptura fallando de Achab. Eu, Christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a peso. Pesae primeiro o que é uma alma, pesae primeiro o que val e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se ha de pesar uma alma? Nas balanças do juizo humano não; porque são mui falsas: *Mendaces filii hominum in stateris.* Pois em que balanças logo? Cuidarieis que que vos havia de dizer que nas balanças de Deus? Não quero tanto: digo que as peseis nas balanças do mesmo demonio, e eu me dou por contente. Tomae as balanças do demonio na mão: ponde de uma parte o mundo todo, e da outra uma alma, e achareis que pesa mais a vossa alma, que todo o mundo. *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contracto do demonio em practica, e vejamos se é bom o partido.

3. *Reg.* 21.

Ps. 61.

Que aproveitaria lucrar todo o mundo e perder a alma?

Supponhamos primeiramente que o demonio no seu offerecimento fallava verdade, e que podia e havia de dar o mundo: supponhamos mais que Christo não fosse Deus, senão um puro

homem, e tão fraco, que podesse e houvesse de caír na tentação. Pergunto se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor d'elle, e entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? Faria bom negocio? O mesmo Christo o disse n'outra occasião: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no captiveiro do demonio? Oh que divina consideração! Alexandre Magno, e Julio Cesar foram senhores do mundo: mas as suas almas agora estão ardendo no inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me déra agora perguntar a Julio Cesar e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contracto dar a alma pelo acquirir. Alexandre, Julio, foi bom serdes senhores do mundo todo e estardes agora onde estais? Já que elles me não podem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomáreis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomáreis ser Julio Cesar? Deus nos livre. Como; se foram senhores de todo o mundo? É verdade; mas perderam as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parece-vos mau dar a alma por todo o mundo; e para vós parece-vos bem dar a alma pelo que não é mundo, nem tem de mundo o nome? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomardes o peso á vossa alma. *Quid prodest homini?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo e perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Oh que cousa ha no mundo, pela qual se possa uma alma trocar?

Math. 16

[Nã]o ha cousa [po]r que a alma possa trocar, comtudo o [ho]mem a troca, [p]or objectos mais desprezíveis.

Todas as cousas d'este mundo teem outra, porque se possam trocar. O descanço pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; só a alma não tem por que se possa trocar. E sendo que não ha no mundo cousa tão grande, porque se possa trocar a alma; não ha cousa no mundo tão pequena e tão vil, porque a não troquemos, e a não dêmos. Ouvi uma verdade de Seneca, que por ser de um gentio folgo de a repetir muitas vezes: *Nihil est homini se ipso vilius:* não ha cousa para comnosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscae a coisa mais vil de toda ella, e achareis que é vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canavial, o escravo ou o cavallo, não lhe pondes um preço muito levantado e não o vendeis muito bem vendido? Pois se a vossa casa, e tudo o que n'ella tendes, o não quereis dar, senão pelo que val; a vossa alma, que val mais que o mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Christo, porque a haveis de vender tão vil e tão baixamente? Que vos

fez, que vos desmereceu a triste alma? Não a tractareis sequer como o vosso escravo, e como o vosso cavallo? Se vos perguntam acaso, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar; e porque ha de arder eternamente.

Industrias e trabalhos do demonio para render a alma de Christo a quem julgava puro homem; e descuido dos christãos em salvar as proprias.

Ora, Christãos não seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar a nossa alma. Vejamos o que o demonio hoje fez por uma alma alheia, para que nós nos corramos e confundamos do pouco que fazemos pelas proprias. Vai-se o demonio ao deserto, está-se n'elle quarenta dias e quarenta noites: em todo este tempo esteve vigiando e espreitando occasião; e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe succedia, parte para Jerusalem; e sendo tão inimigo de Deus, vai-se ao templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinnaculo: *Mitte te deorsum:* consulta livros, allega escripturas, interpreta psalmos: *Scriptum est enim, quia angelis suis mandavit de te, et in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* Resistido tambem aqui, e vencido segunda vez o demonio, nem por isso desmaia: corre valles, attravessa montes, sobe ao mais alto de todos; e só por ver se podia fazer cair a Christo, não repara em offerecer de uma só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por uma alma alheia; e que façamos nós tão pouco pela propria! Que se ponha o demonio quarenta dias em um deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demonio e espreite todas as occasiões para me condemnar; e que deixe eu passar tantas de minha salvação; e occasiões que uma vez perdidas, não se podem recuperar! Que vá o demonio ao templo de Jerusalem distante tantas leguas, para me despenhar ao peccado; e que tendo eu a egreja á porta, não me saiba ir metter em um canto d'ella, como o publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio, para me persuadir estude e allegue os livros sagrados; e que eu não abra um só espiritual: para que Deus falle commigo, já que eu não sei fallar com elle! Que o demonio, vencido a primeira e segunda vez, insista e não desmaie para me render, e que eu, se comecei acaso alguma obra boa, á primeira difficuldade desista, e não tenha constancia nem perseverança em nada! Que o demonio para me fazer cair, desça valles e suba montes; e que eu não dê um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente, que o demonio para grangear a minha alma, não repare em offerecer no primeiro lanço o mundo todo; e que eu estime a minha alma tão

Deus que para pôr em liberdade captivos, bastava uma vara, ainda que fosse libertal-os de um rei tão tyranno como Pharaó, e de uma gente tão barbara como a do Egypto. Não quiz Pharaó dar liberdade aos captivos; começam a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rãs: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertiam em sangue: as nuvens se convertiam em raios e coriscos: todo o Egypto assombrado e perecendo! Sabeis quem traz as pragas ás terras? Captiveiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos hollandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes captiveiros. Insistiu e apertou mais Moysés para que Pharaó largasse o povo; e que respondeu Pharaó? Disse uma cousa e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*. Não conheço a Deus: não hei de dar liberdade aos captivos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. Se vós tivereis verdadeira fé, se vós crereis que ha inferno para toda a eternidade: bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo captiveiro de um tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o demonio: *Si cadens adoraveris me*? Com a confiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereço-lhe tudo: se elle é cubiçoso e avarento, ha de acceitar; se acceita sem duvida me adora idolatrando; porque a cubiça e avareza são a mesma idolatria. É sentença expressa de S. Paulo: *Avaritiam quae est simulacrorum servitus*. Tal foi a avareza de Pharaó em querer reter e não dar liberdade aos filhos de Israel captivos, confessando junctamente que não conhecia a Deus: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*. Isto é o que disse.

Exod. 1.

Eccl. 3.

O castigo é n'esta vida e na outra.

O que fez foi, que fugindo todos os israelitas captivos, sai o mesmo rei Pharaó com todo o poder do seu reino para os tornar ao captiveiro; e que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os captivos a pé enxuto (que sabe Deus fazer milagres para libertar captivos). Não cuideis que mereceram isto os hebreus por suas virtudes; porque eram peiores que esses tapuyas: d'ahi a poucos dias adoraram um bezerro; e de todos, que eram seiscentos mil homens, só dous entraram na terra de prommissão. Mas é Deus tão favorecedor de liberdades, que o que desmereciam por maus alcançaram por injustamente captivos. Passados á outra banda do mar Vermelho, entra Pharaó pela mesma estrada, que ainda estava aberta, e o mar de uma e outra parte como em muralhas, caem sobre elle e sobre o seu exercito as aguas, e affogaram a todos. O em que aqui reparo, é o modo com que conta isto Moysés no seu can-

tico: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, et devoravit eos terra*: que caiu sobre elles, e os affogou o mar, e os comeu e enguliu a terra? Pois se os affogou o mar como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens como nós tinham corpo e alma: os corpos affogou-os a agua; porque ficaram no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque desceram ao profundo do inferno, sem ficar nenhum; porque onde todos perseguem, e todos captivam, todos se condemnam. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.

Exod. 15.

Prova da razão e replica sem fundamento.

Todo o homem que deve serviços ou liberdade alheia, e podendo-a restituir, não restitúi, é certo que se condemna: todos ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituir não restituem: logo, todos ou quasi todos se condemnam. Dir-me-heis que ainda que isto fosse assim, que elles não o cuidavam, nem o sabiam, e que a sua boa fé os salvaria. Nego tal: sim cuidavam, e sim sabiam, como tambem vós o cuidais e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidal-o e sabel-o. Póde-se dar ao que digo alguma rara excepção; mas essa confirma a regra geral que condemna ao inferno os que devem serviços e liberdades alheias. A uns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que teem certeza, comdemna-os o não restituirem; aos que teem duvida, condemna-os o não examinarem: aos que teem ignorancia, condemna-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber.

Ah! se se abriram as sepulturas! Mas não é necessario este milagre quando as Escripturas fallam tão claramente!

Ah se agora se abriram essas sepulturas, e apparecera aqui alguns dos que morreram n'este infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas lavaredas havieis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis porque Deus não permitte que vos appareça? É pelo que Abrahão disse ao rico avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen et prophetas*: não é necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça e lhe diga a verdade: lá teem a Moysés e a lei: lá teem os prophetas e os doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide d'isto, ahi estão as leis, ahi estão os lettrados; pergunte-lh'o. Tres religiões tendes n'este estado, onde ha tantos sujeitos de tantas virtudes, e tantas lettras; perguntae, examinae, informae-vos. Mas não é necessario ir ás religiões; ide á Turquia, porque não póde haver turco tão turco na Turquia, que diga, que um homem livre póde ser captivo. Ha algum de vós só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?

Luc. 16.

Os captiveiros, ainda quando necessarios, seriam illicitos.

V. Vejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; e com o mesmo Evangelho nos queremos defen-

der. Qual foi mais apertada tentação, a primeira ou a terceira? Nós intendemos que a primeira, porque na primeira estava Christo com fome de quarenta dias, e offereceu-lhe o demonio pão; na terceira offereceu-lhe reinos e monarchias; e um homem póde viver sem reinos, e sem imperios; mas sem pão para a bocca não póde viver; e n'este aperto vivemos nós. Este povo, esta republica, este estado, não se póde sustentar sem indios. Quem nos ha de ir buscar um pote de agua, um feixe de lenha? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos?—Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade e a consciencia obriguem a tanto, digo que sim; e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar do suor proprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e capas se torceram, haviam de lançar sangue! A Samaritana ia com um cantaro buscar agua á fonte, e foi tão sancta como sabemos. Jezabel era mulher d'el-rei Achab, rainha de Israel, e foi comida de cães e sepultada no inferno, porque tomou a Naboth uma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual é melhor, levar o cantaro á fonte e ir ao céu como a Samaritana; ou ser senhora, servida, e rainha, e ir ao inferno como Jezabel? Melhor era que nós Adão, e tinha offendido a Deus com menos peccados; e devia ao trabalho de suas mãos o boccado de pão que mettia na bocca. Filho de Deus era Christo; e ganhava com um instrumento mechanico o com que sustentava a vida que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deus; e nós desprezar-nos-hemos de fazer outro tanto por guardar a sua lei? Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e tambem podereis dizer que os amais muito, porque os creastes como filhos, e porque vos criam os vossos. Assim é; mas já Christo respondeu a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: et si manus vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem quer que cortemos os pés e as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo que amarmos como os nossos olhos, e aquillo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos dôa, como se o cortaramos. Quem ha que não ame muito o seu braço e a sua mão? Mas se n'ella lhe saltaram herpes, permitte que lh'a cortem por conservar a vida. O mercador ou passageiro, que vem da India ou do Japão, muito estima as drogas que tanto lhe custaram lá; mas se a vida perigar, vai tudo ao mar, para

Matth. 5.

que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consiencia e para salvar a alma, fôr necessario perder tudo e ficar como um Job, perca-se tudo.

Mas não são necessarios.

Mas, bom animo, senhores meus, que não é necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o poncto com toda a deligencia, e com todo o affecto; e seguindo as opiniões mais largas e mais favoraveis, venho a reduzir as cousas a estado, que intendo que com muito pouca perda temporal se podem segurar as consciencias de todos as moradores d'este estado, e com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniencias para o futuro. Dae-me attenção.

Propõi-se um alvitre para conciliar a liberdade dos indios e os interesses temporaes e eternos dos maranhenses.

Todos os indios d'este estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeias d'el-rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade: os quaes por esses rios se vão comprar, ou resgatar (como dizem) dando o piedoso nome de resgate á uma venda tão forçada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos. Quanto áquelles que vos servem, todos nesta terra «ou quasi todos» são herdados, havidos e possuidos de má fé, segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Comtudo se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem creados em vossa casa, e com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea e voluntariamente vos quizerem servir e ficar n'ella; ninguem, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns d'elles, que não quizerem continuar nesta sujeição? Estes serão obrigados a ir viver nas aldeias d'el-rei, onde tambem vos servirão na fórma que logo veremos. Ao sertão se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos; e se lhes commutará esta crueldade em perpetuo captiveiro. Assim serão tambem captivos todos os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão juizes o governador de todo o estado, o ouvidor geral, o vigario do Maranhão ou Pará, e os prelados das quatro Religiões, carmelitas, franciscanos, mercenarios, e da Companhia de Jesus. Todos os que d'este juizo sairem qualificados por verdadeiramente captivos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço por que foram comprados. E os que não constar que a guerra em que foram tomados foi justa, que se fará d'elles? Todos serão aldeados em novas povoações, ou divididos pelas aldeias que hoje ha; d'onde repartidos com os demais indios d'ellas pelos moradores, os servirão em

seis mezes do anno alternadamente de dous em dous, ficando os outros seis mezes para tractarem de suas lavouras e familias. De sorte que n'esta fórma todos os indios d'este estado servirão aos portuguezes; ou como propria e inteiramente captivos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livre e voluntariamente quizerem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meios captivos, que são todos os das antigas e novas aldeias, que pelo bem e conservação do estado me consta, que sendo livres, se sujeitaram a nos servir e ajudar ametade do tempo de sua vida. Só resta saber qual será o preço d'estes que chamamos meios captivos, ou meios livres, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. É materia de que se rirá qualquer outra nação do mundo, e só n'esta terra se não admira. O dinheiro d'esta terra é panno de algodão, e o preço ordinario por que servem os indios, e servirão cada mez, são duas varas d'este panno, que valem dous tostões! D'onde se segue, que por menos de septe réis de cobre servirá um indio cada dia! Cousa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna de que, por não pagar tão leve preço, haja homens de intendimento, e de christandade, que queiram condemnar suas almas e ir ao inferno.

Moderação do alvitre.

VI. Póde haver cousa mais moderada? Póde haver cousa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar e não satisfizer d'isto, uma de duas: ou não é christão, ou não tem intendimento. E senão, apertemos o poncto, e pesemos os bens e os males d'esta proposta.

Acceitando-o não se encontra outro mal que perder alguns indios.

O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns indios, que eu vos prometto que sejam mui poucos. Mas aos que n'isto repararem pergunto: Morreram-vos já alguns indios? Fugiram-vos já alguns indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vieram as bexigas e vol-os levaram todos, que havieis de fazer? Havieis de ter paciencia. Pois não é melhor perdel-os por serviço de Deus, que perdel-os por castigo de Deus? Isto não tem resposta.

E logram-se quatro bens. 1.º Ficar com a consciencia segura.

Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideraveis: O primeiro é ficardes com as consciencias seguras. Vêde que grande bem este. Tirar-se-ha este povo do estado de peccado mortal; vivereis como christãos, confessar-vos-heis como christãos, morrereis como christãos, testareis de vossos bens como christãos: em fim, ireis ao céu; não ireis ao inferno, ao menos certamente, que é triste cousa.

Livrar-se d'esta maldição.

O segundo bem é, que tirareis de vossas casas esta maldi-

ção. Não ha maior maldição n'uma casa, nem numa familia, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhuma cousa se logra: tudo leva o diabo. O pão que assim se grangeia, é como o que hoje offereceu o demonio a Christo; pão de pedras, que, quando se não atravessa na garganta, não se póde digerir. Vêde-o n'esses que tiram muito pão do Maranhão: vêde se o digeriu algum, ou se se lhe logrou algum. Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se póde.

3.º Poder resgatar outros indios para o serviço.

O terceiro bem é, que por este meio haverá muitos resgates, com que se tirarão muitos indios; que d'outra maneira não os haverá. Não dizeis vós que este estado não se póde sustentar sem indios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.

4.º Poder esta proposta ir ás mãos de sua majestade e ser approvada.

Quarto e ultimo bem, que feita uma proposta nesta fórma, será digna de ir ás mãos de sua majestade, e de que sua majestade a approve e a confirme. Quem pede o illicito e o injusto, merece que lhe neguem o licito e o justo; e quem requere com consciencia, com justiça, e com razão, merece que lh'a façam. Vós sabeis a proposta que aqui fazieis? Era uma proposta, que nem os vassallos a podiam fazer em consciencia, nem os ministros a podiam consultar em consciencia, nem o rei a podia conceder em consciencia. E ainda que por impossivel el-rei tal permittisse, ou dissimulasse, de que nos servia isso, ou que nos importava? Se el-rei permittir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se el-rei permittir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos indios. El-rei poderá mandar que os captivos sejam livres; mas que os livres sejam captivos, não chega lá sua jurisdicção. Se tal proposta fosse ao reino, as pedras da rua se haviam de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta fôr licita, se fôr justa, se fôr christã, as mesmas pedras se porão da vossa parte, e quererá Deus que não sejam necessarias pedras, nem pedreiras. Todos assignaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encommendaremos a Deus, que elle é o auctor do bem, e não póde deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dicto.

Conclusão e peroração.

VII. Ora, christãos, e senhores da minha alma, se nestas verdades e desenganos, que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem e toda a vossa esperança espiritual e temporal; se só por este caminho vos po-

deis segurar nas consciencias; se por este caminho vos podeis salvar e livrar vossas almas do inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, é tão pouco, e póde ser que não seja nada, e as conveniencias e bens que d'ahi se esperam, são tão consideraveis e tão grandes; que homem haverá tão mau christão, que homem haverá tão mal intendido, que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de uma cousa tão justa e tão util, que a não queira, que a não approve, que a não abrace?

Dê-se liberdade aos indios por amor de Christo.

Por «amor» e reverencia de Jesus Christo, christãos; por amor «e reverencia d'aquelle Senhor que» hoje permittiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que mettamos hoje o demonio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos n'esta terra tem levado ao inferno, e nos vai levando tambem a nós. Dêmos esta victoria a Christo, dêmos esta gloria a Deus, dêmos este triumpho ao céu, dêmos este pezar ao inferno, dêmos este remedio á terra em que vivemos, dêmos esta honra á nação portugueza, dêmos este exemplo á christandade, dêmos esta fama ao mundo.

E por gloria da nação portugueza.

Saiba o mundo, saibam os herejes e os gentios, que não se enganou Deus, quando fez aos portuguezes conquistadores e pregadores de seu sancto nome. Saiba o mundo, que ainda ha alma, que ainda ha consciencia, e que não é o interesse tão absoluto e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deus, e da sua salvação, metta debaixo dos pés interesses. Quanto mais, senhores, que isto não é perder interesses, é multiplical-os, é accrescental-os, é semeal-os, é dal-os á usura.

Deus ha de com maiores favores recompensar este sacrificio.

Dizei-me, christãos, se tendes fé: os bens d'este mundo, quem é que os dá; quem é que os reparte? Dizeis-me, que Deus. Pois pergunto; Qual será melhor diligencia para mover a Deus a que vos dê muitos bens, servil-o, ou offendel-o? Obedecer e guardar a sua lei, ou quebrar todas as leis? Ora tenhamos fé, e tenhamos uso de razão. Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais um tapuya mais, ou menos. Não vos póde Deus dar maior novidade com dez enxadas, que todas as vossas diligencias com trinta? Não é melhor ter dous escravos que vos vivam vinte annos, que ter quatro que vos morram ao segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel ou Zelandia? Pois se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos cossarios, e das navegações; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus; se Deus tem tantos

modos, e tão faceis de vos enriquecer, ou de vos destruir: que loucura, e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus? Faça-se o serviço de Deus, accuda-se á alma e á consciencia; e logo os interesses temporaes estarão seguros: *Quaerite primum regnum Dei et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vobis.*

Matth. 6.

Mas quando não fôra, nem se seguraram por esta via nossos interesses, faça-se o serviço de Deus, accuda-se á consciencia, accuda-se á alma, e corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue e pela vida.

Em todo o caso o serviço de Deus seja sobre tudo.

Dizei-me, christãos: Se vos vireis em poder de um tyranno que vos quizesse tirar a vida pela fé de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo é dar a vida pela fé de Deus, que dar a vida pelo serviço de Deus. Não ha mais cruel tyranno, que a pobreza e a necessidade; e padecer ás mãos d'este tyranno, por não offender a Deus, tambem é ser martyr, diz Sancto Agostinho. Nada d'isto ha de ser necessario, como já vos tenho dicto; mas quem é christão verdadeiro, ha de estar com este animo e com esta resolução.

O incontrar a pobreza por este serviço de Deus é o mesmo que alcançar o martyrio.

Senhor Jesus: este é o animo e esta a resolução, com que estão de hoje por deante estes vossos tão fieis catholicos. Ninguem ha aqui que queira outro interesse mais, que servir-vos: ninguem ha que queira outra conveniencia mais, que amar-vos: ninguem ha que tenha outra ambição mais, que de estar eternamente obediente e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida; para que corteis por ella e por elles, para que façais de tudo e de todos o que fôr mais conforme á vossa sancta lei. Não é assim, christãos? Assim é, assim o digo e prometto a Deus em nome de todos. Victoria, pois, por parte de Christo, victoria, victoria contra a maior tentação do demonio. Morra o demonio, morram suas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse; e viva só o serviço de Deus, viva a fé, viva a christandade, viva a consciencia, viva a alma, viva a lei de Deus, e o que elle ordena, viva Deus, e vivamos todos, n'esta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça, e na outra por toda a eternidade os da gloria: *Ad quam nos,* etc.

Promette-se tudo isto aos pés de Jesus Christo.

(Ed. ant. tom. 13.° pag. 316, ed. mod. tom. 11.° pag. 161.)

III. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA **

PRÉGADO NA EGREJA DE SANCTO ANTONIO DOS PORTUGUEZES EM ROMA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR—Este terceiro sermão, por ser dirigido a ecclesiasticos, é mais positivo e menos figurado do que os dous precedentes; mas é muito chistoso e elegante.

Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem et statuit eum super pinnaculum templi, et dixit ei: Si filius Dei es, mitte te deorsum.

S. MATTH. 4.

Este mundo está cheio de laços. Prova-se com o Evangelho.

Sancto Antonio (não o nosso, em cuja casa estamos, senão o do Egypto chamado por antonomasia o *grande*), abriu-lhe Deus um dia os olhos para que visse neste mundo o que nós não vemos; e é que todo elle está cheio e armado de laços; laços no mar e laços na terra, laços nos desertos e laços no povoado, laços nas ruas e laços dentro das casas; e não só nos logares profanos, senão tambem nos sagrados, e até nos mesmos templos não de idolos, senão do verdadeiro Deus, laços. Significava esta visão que não ha logar no mundo livre de tentações do demonio; e isto é o que temos no evangelho presente. Tentou o demonio a Christo; e onde o tentou? Tentou-o no deserto, tentou-o no monte, tentou-o em Jerusalem e tentou-o no templo. Se nos desertos apartados da communicação da gente, se nos montes que estão mais vizinhos ao céu, se nas cidades de profissão e de nomes sanctas, e nos templos consagrados a Deus, ha tentações; que logar haverá ou pode haver no mundo, onde o demonio não tente? Não é necessaria uma revelação para sabermos destes laços: pois vemos por experiencia os que caem n'elles, e nos vemos a nós mesmos tantas vezes caidos.

Exemplo de Christo para vencer as tentações.

Permittiu pois Christo Senhor nosso ser tentado do demonio hoje, não para se honrar com a victoria (que era pequeno trium-

pho); mas para nos ensinar a vencer com seu exemplo. Tentado no deserto com o pão e com a fome, para exemplo á abstinencia do monge: tentado no monte com as promessas de todo o mundo, para exemplo á cubiça do leigo; e tentado na cidade sancta com o logar mais alto do templo, para exemplo á ambição do ecclesiastico. Esta ultima tentação, por ser tão propria do logar e tão accommodada ao auditorio, será hoje o argumento de todo o meu discurso. Veremos n'elle um cortezão de Roma, segundo as tres partes do thema, tres vezes e por tres modos tentado. Tentado quando vem pretender á cidade sancta: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem.* Tentado quando consegue o logar ou dignidade da egreja que pretendia: *Statuit eum super pinnaculum templi*; e tentado com o mesmo logar depois de conseguido, quando o demonio o instiga a que se precipite: *Mitte te deorsum.* Nota o evangelista no nosso texto que o Espirito Sancto foi o que levou a Christo ao logar onde havia de ser tentado: *Ductus est Jesus in desertum a Spiritu, ut tentaretur a diabolo.* E pois o motor e auctor das victorias contra as tentações «diabolicas» é o Espirito Sancto, peçamos ao mesmo divino Espirito nos ajude com sua graça. *Ave Maria*

O demonio quando quer tentar espreita a occasião. Assim o fez tentando a Christo.

II. *Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem, etc.* A primeira cousa em que topa o meu reparo n'estas palavras do nosso thema é aquelle *tunc*, então. Então? Quando? Não fôra o demonio «tentador tão astuto,» se não fizera tudo a seu tempo e não soubera observar a occasião. Quando viu a Christo com fome, então o tentou com o pão. E agora quando levou o Senhor á cidade sancta, tambem espreitou a occasião: porque já tinha experiencia do sujeito a quem tentava. Levantar os sujeitos aos logares da Egreja sem os conhecer e experimentar primeiro, é cousa que nem o diabo faz. Quando Christo esteve mais qualificado para o logar, então o tentou o demonio com elle; e quando merecia a assumpção, então foi a tentação. Para um sujeito ser sublimado ao logar mais alto da Egreja, que qualidades são as que se requerem? Requere-se, ainda que menos, a nobreza do nascimento; requere-se o exemplo da vida; requere-se o exercicio das virtudes; requere-se o espirito muito provado; e requerem-se finalmente as lettras, não só sabidas, mas practicadas. Todas estas qualidades então concorriam junctas em Christo, e já reconhecidas pelo mesmo demonio. A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei es;* o exemplo da vida: *Ductus a spiritu in desertum;* o exercicio das virtudes: *Cum jejunasset quadraginta diebus et quadraginta noctibus;* o espirito provado: *Ut tentaretur a diabolo;* as lettras, não só sabidas, mas practicadas: *Scriptum est non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo quod procedit de ore Dei.*

E que sobre todas estas qualidades junctas, sobre toda esta capacidade de merecimentos, ainda seja tentação subir ás alturas do templo! Ó mundo! Ó cabeça do mundo! E que tentação seria se o ecclesiastico tentasse a subida, não com o espirito provado, mas reprovado: não com exemplo, mas com escandalo: não com virtudes, mas com vicios: não com lettras, mas com ignorancias? Não fallo na qualidade do nascimento: porque depois que Christo tirou a Pedro e André da barca para a cadeira, ainda que não reprovou a grandeza dos appellidos, mostrou que se era decente para o sujeito, não era necessaria para o officio. Esta foi «a occasião em que foi tentado Christo.» Vamos agora «ás occasiões em que são tentados os ecclesiasticos».

Tres passos em que tenta os ecclesiasticos.

Em tres partes (como dizia) dividiu o demonio a sua tentação: vir, subir, cair. Vir á cidade sancta: *Assumpsit eum in sanctam civitatem;* subir ao pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi;* cair e arrojar-se ao precipicio: *Mitte te deorsum.* Sigamos o tentador pelos mesmos passos.

Primeiro, vir á cidade sancta. Visão de S. João no Apocalypse.

III. *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem.* A primeira parte da tentação, senhores meus, é vir o pretendente á cidade sancta. Pois vir á cidade sancta e pretender uma egreja pode ser tentação do demonio? Sim: porque quando a eleição é de Deus, e não tentação do demonio; quando Deus quer que o ecclesiastico tenha egreja; não é elle o que ha de ir á cidade sancta: a cidade sancta é a que ha de ir a elle. No cap. ultimo do Apocalypse conta S. João o que viu; e diz assim: *Vidi civitatem sanctam Jerusalem descendentem de coelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo:* vi descer do céu a cidade sancta, mandada por Deus e ornada como esposa para se receber com o esposo. Notavel visão! Os homens são os que vão á cidade e não a cidade aos homens. Pois porque viu S. João tudo ás avessas? Vinha a egreja do céu, vinha de Deus, *descendentem de coelo a Deo,* «porque» quando a egreja e a esposa vem pelo céu e por Deus, não é o homem o que vái á cidade sancta; a cidade sancta é a que vem ao homem: não é o esposo o que vai buscar a esposa; a esposa é a que o vem buscar a elle: *Sicut sponsam ornatam viro suo.* E quando isto não é assim, senão ás avessas, que será? Não é a eleição de Deus, é tentação do demonio: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem.*

Similhança e differença que vai entre os desposorios de Isaac e os de Jacob.

Do testamento velho e na mesma casa temos dous desposorios «por uma parte» muito similhantes, e «por outra» muito differentes. Isaac desposou-se com Rebecca, Jacob desposou-se com Rachel: esta foi a similhança; a differença foi que só Jacob e não Isaac, padeceu os enganos, os enredos e as maldades de Labão. E esse Labão quem era, ou quem representava? S. Gre-

gorio e todos os padres dizem que Labão significava o demonio, os seus enganos e as suas tentações. Pois porque padeceu Jacob nos seus desposorios as tentações do demonio, e Isaac não? Lêde a Escriptura. Jacob foi buscar a Rachel: Isaac não foi buscar a Rebecca; Rebecca o foi buscar a elle. E quando Rebecca vai buscar Isaac, quando a esposa vai buscar o esposo, não ha enganos de Labão, não ha tentações do demonio. Mas quando Jacob vai buscar a Rachel, quando o esposo vai buscar e pretender a esposa; ahi é que Labão trama os seus enganos; ahi é que o demonio executa as suas tentações. Haverá aqui algum Isaac? Nenhum. Se houvesse algum Isaac, esperaria na sua terra que o fosse lá buscar a esposa: mas todos e cada um são Jacob, e Jacob muito empenhado na sua pretenção: e por isso todos tentados e todos enganados. Quanto melhor providas seriam as egrejas, e quanto mais descansados viveriam os que fossem dignos d'ellas, e quanto menos occasião se daria ás tentações do demonio na cidade sancta, se as esposas fossem buscar os esposos, como Rebecca a Isaac; e não os esposos as esposas, como Jacob a Rachel!

Documentos dos esposos dos Cantares, e exemplos da historia ecclesiastica.

Na cidade sancta estava recolhida a esposa dos Cantares dentro do seu aposento, quando o esposo que a vinha pretender, atravessando serras e passando montes, *saliens in montibus et transiliens colles*, «foi bater á sua» porta com grandes ancias e instancias «dizendo-lhe» com palavras cortezes e commedidas: *Aperi mihi, soror mea, columba mea.* «E por mais que lhe» representou seus merecimentos, seus trabalhos e suas dilações; *Quia caput meum plenum est rore et cincinni mei guttis noctium*; a esposa respondeu com esquivanças, «e tardou tanto a abrir, que o esposo», cançado de esperar e de bater, mudou de pensamento, deixa a pretenção, sái-se da cidade. «Mas que succedeu?» Levanta-se a esposa, abre a porta, sái pelas ruas e praças buscando-o, chega aos muros da cidade, passa pelas guardas, põi-se no campo e nas estradas publicas, caminha, pergunta, sollicita, soffre por amor d'elle grandes desacatos; e achando finalmente o esposo, dá-se os parabens de o haver achado, tem mão n'elle, e diz que já o quer, que já o ama, «que ella é toda do esposo e o esposo todo d'ella: *Ego dilecto meo et dilectus meus mihi.*» Ha tal mudança? Quando o esposo vem, quando pede, quando roga, quando bate, quando importuna, quando allega finezas, merecimentos, trabalhos; acha «só vagares ou desdens:» e quando se vai sem se despedir e não quer nada d'ella; então o busca a esposa, então o deseja e se lhe entrega «com todo o affecto:» *Ego dilecto meo?* Sim: que este é o modo com que Deus quer que as suas esposas te-

Cant. 2.

Ibid. 3.

Ibid. 6.

nham esposo. Não ha de ser o esposo o pretendente, e a esposa a pretendida; senão o esposo o pretendido, e a esposa a pretendente. «É o vosso caso.» Saistes de Portugal, atravessando os montes Pyrenéus e passando as serranias des Alpes: chegastes emfim á desejada cidade sancta: começastes a pertender, a fallar, a requerer: batestes á porta principal, e tambem á travessa: batestes com a mão fechada, e tambem com a mão aberta; e a porta fechada, a resposta desvios. Sabeis porque? Porque negociais ás avessas. Não quer Deus que vós pretendais a esposa; quer que ella vos pretenda a vós; e em tal forma que a egreja se dê os parabens de vos haver achado «depois de muito trabalho.» Assim se desposou a egreja de Milão com Ambrosio, assim a de Magdeburgo com Norberto, assim a de Cracovia com Estanislau, assim a universal com Gregorio. Uns escondiam-se, outros fugiam, e todos resistiam e repugnavam; e por isso mereciam que Deus por força e com milagres os subisse á maior altura do templo e os collocasse n'ella. Mas quando estes logares se pretendem e se veem a buscar, ainda que seja á cidade sancta, quem duvida que pode ser, como hoje, tentação do demonio: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem?* Até qui o vir, que é cousa cançada: passemos ao subir, que ainda que seja costa arriba, é mais suave; e subamos quanto é possivel.

Segundo, subir ao pinaculo do templo. Como esta tentação é só propria dos ecclesiasticos.

IV. Chegados o tentador e o Tentado á cidade sancta, não parou o demonio até o pôr no pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi.* Em nenhuma côrte do mundo tem logar o extremo d'esta tentação, senão na côrte da cidade sancta, onde estamos. Em todas as outras côrtes podem os cortezãos aspirar a subir, mas não ao pinnaculo. Podem aspirar á grandeza, mas não á majestade; ao titulo, mas não á corôa. O fidalgo particular pode aspirar a conde, o conde a marquez, o marquez a duque; e aqui pára o desejo: porque o ser rei está fóra da esphera da ambição. N'esta côrte não é assim. Da sotana podeis subir á murça; da murça ao mantelete; do mantelete á mitra; da mitra á purpura; e da purpura á tiara.

A subida de Christo ao pinaculo como se fez.

Sobre o modo com que o tentador subiu e levou a Christo ao pinnaculo não concordam os expositores do nosso texto. Uns fundados na palavra *assumpsit eum* teem para si que foi voando pelos ares. Outros dizem que foi caminhando naturalmente; e esta opinião não só é para mim a mais verisimil, senão a verdadeira: porque S. Lucas fallando da mesma subida diz: *Duxit illum in Jerusalem, et statuit eum super pinnam templi.* Nem a palavra *assumpsit*, de que usou S. Matheus, obriga a outro sen-

Gen. 4.

tido e modo extraordinario. Porque quando Christo levou os apostolos ao monte da transfiguração diz o mesmo S. Matheus: *Assumpsit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum;* e é certo que os levou o Senhor ao cume do monte, não pelo ar, senão pela terra. Assim que o modo com que levou o tentador a Christo até o pôr no pinnaculo, não foi voando, senão andando naturalmente por seus passos contados e por seus degráus, subindo sempre. A cidade de Jerusalem não estava situada no campo raso, senão em alto: *Ecce ascendimus Jerosolymam.* No alto da cidade estava o monte Sion: no alto do monte Sion estava o templo; e por aqui levou o tentador ao Tentado sempre subindo. Do deserto e da campanha subindo á cidade; da cidade subindo ao monte; do monte subindo ao templo; do templo subindo ao tecto; e do tecto subindo ao pinnaculo: *Et statuit eum super pinnaculum templi.*

Matth. 17.

Idem. 20.

Querer subir sempre é proprio do demonio.

Se o evangelista me não dissera que esta acção ou modo de levar era do demonio, eu me atrevera a affirmar com toda a segurança que a tal conducção era sua: porque isto de subir e subir sempre, ou seja por tentação ou por inclinação, é só proprio e natural do demonio. O subir e querer subir bem pode ser do homem; mas o subir sempre, ainda depois de ter subido, sem descançar, nem parar, só do demonio póde ser. Grande texto de David: *Superbia eorum qui te oderunt, ascendit semper:* a soberba dos que teem odio a Deus, é soberba que sempre sobe. E quem são os que teem odio a Deus? São os demonios, diz S. Thomaz: porque os homens ainda que offendem a Deus, não lhe teem odio. Esta foi a soberba que condemnou os anjos e de anjos os fez demonios: soberba que sempre quiz subir: *Superbia eorum ascendit semper.* Que a soberba não queira nem saiba descer, isso é ser soberba: mas que não saiba parar? Tal foi a soberba dos anjos. A natureza angelica tinha muitos degráus por onde subir sem sair da sua esphera: mas em nenhum quiz parar: *ascendit semper.* Anjo do infimo coro, não te contentarás com ser archanjo? Não: *ascendit semper.* Archanjo, não te contentarás com ser principado, que é a mais alta dignidade da tua jerarchia? Não: *ascendit semper.* Principado, não te bastará ser virtude? Virtude, não te bastará ser potestade? Potestade não te bastará ser dominação? Ainda é pouco: *ascendit semper.* Ora suba a dominação a ser throno: mas se sou throno, hei de ser cherubim; se sou cherubim, hei de ser seraphim. Seja assim, para que acabe já de subir a sua soberba; pois chegaste á suprema eminencia da tua natureza e de todas. Ahi pararás, ahi descançarás. Parar? Isso não, diz o

Ps. 93.

seraphim: *ascendit semper*. Sempre hei de subir. Pois aonde, ou para onde?—Aonde ou para onde? Até ser como Deus: *Similis ero Altissimo*. Assim se tentou Lucifer; e para subir sempre a sua soberba, não tendo para onde subir em todo o creado, quiz subir ao increado e impossivel: *ascendit semper*. Admirais-vos de tão teimosa ambição e de tão pertinaz desejo de subir? Pois ainda não está bem declarado o texto: ainda hoje sobe a soberba de Lucifer: que isso quer dizer: *ascendit semper*. Mas se Lucifer tinha chegado a querer ser similhante a Deus, como podia subir mais? Ninguem o podéra intender nem imaginar se o não tiveramos na Escriptura. O nosso evangelho o diz. Quando o demonio na terceira tentação offereceu todo o mundo a Christo, foi com a condição de que se lhe prostrasse de joelhos e o adorasse: *Haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me*. Pois vem cá, demonio; se tu intendes que esse homem a quem tentas é Deus; «ou pelo menos duvidas d'isso; pois tu mesmo disseste» na primeira e segunda tentação: *Si Filius Dei es;* e se das suas respostas tão sabias e tão dignas de Deus te devias confirmar muito mais no mesmo pensamento; como lhe dizes que se ponha de joelhos deante de ti e que te adore? «Já não te basta ser similhante a Deus; pretendes ser adorado pelo mesmo Filho de Deus? Assim é: porque a soberba do demonio *ascendit semper*.»

Isai. 14.

E assim sobe e está subindo sem aquietar nem parar jámais a soberba dos que elle tenta, ou dos que sem ser tentados o seguem. Subir ás dignidades póde ser bom e póde ser mau: mas o que sempre é mau e nunca póde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade degráu para a outra e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fins, e são meios: haviam de ser termo, e são degráu. E tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é luciferina. Por isso dizia o mesmo David, temendo-se de cair em similhante tentação: *Non veniat mihi pes superbiae*; ah! Senhor, dae-me vossa graça e tende-me de vossa mão, para que não entre em mim o pé da soberba. Eu cuidava que o perigo da soberba estava na phantasia da cabeça; e não está senão no ardimento dos pés. São uns pés que não pódem aquietar em nenhum logar por alto que seja: sempre estão em movimento, e sempre para cima. Sempre em movimento, porque não sabem parar; e sempre para cima, porque não sabem descer, senão subir: *ascendit semper*. E notae que a soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no logar que possúi, e o outro já vai pelo ar para o logar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando

Como o imitam os ecclesiasticos.

Ps. 35.

firma o pé n'um degráu, já levanta o outro para o pôr ao que se segue; e assim sobe e vai subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fôr tocado d'esta tentação.

A fórma do leito de Salomão e a côrte romana. *Cant.* 3.

Ferculum fecit sibi rex Salomon: reclinatorium aureum, ascensum purpureum. Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de ouro e a subida de purpura. Com licença da sabedoria de Salomão, eu não fizera o leito por esta traça. Fizera o reclinatorio de purpura e a subida de ouro. Para reclinar e descançar a cabeça, o ouro, ainda que seja muito lustroso, é muito duro e muito frio. Para os degráus era muito decente e muito auctorizado o ouro: porque não ha modo de subir mais majestoso que mettendo o ouro debaixo dos pés e pizando-o. Pelo contrario a purpura era muito accommodada para o reclinatorio: porque é branda e conserva o calor. Mas a purpura para os degráus: *ascensum purpureum?* «Se não houvesse mais profundo mysterio, eu dissera que Salomão queria symbolizar o que não raras vezes se vê n'esta côrte:» sendo tal a tentação de subir, que nem nas purpuras se pára, nem nas purpuras se descança: *ascensum purpureum: ascendit semper.*

Como são tentados os ecclesiasticos portuguezes.

Auctoridade de Bellarmino.

Estou vendo porém que me dizem os meus portuguezes: Ainda que temos o exemplo de S. Damaso e de João vigesimo segundo, os nossos pensamentos não sobem ao pinnaculo, nem a tão alta supposição. Com uma egreja das que vagam na nossa terra nos contentamos: isso é o que só pretendemos na cidade sancta. Mas tambem ahi póde entrar com egual perigo a tentação do demonio. Eu não sou muito curial d'estas tentações; e assim fallarei por bocca de quem tinha grande experiencia e grande practica d'ellas. O cardeal Bellarmino passando por um lago d'estes arredores viu um moço que estava pescando rãs; e a isca com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim pescava as vivas. Eis aqui diz Bellarmino, como pesca o demonio aos ecclesiasticos. Morreu o conego, o prior, o abbade; e que faz o demonio? Toma a pelle do defuncto, que é a murça ou a sobrepelliz e estola: mette-a no anzol, que é a tentação, e vem-se de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidasse tal cousa? Que o demonio se venha fazer pescador, na barca de S. Pedro? E que fazem as rãs que estão esperando no lago e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com tanta bocca aberta; e se alguma se adeanta ás demais, todas a aboccanhal-a e a mordel-a. Eu não o vi: mas assim o ouço. N'isto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem e calam: as rãs atroam, e não

ha quem se ouça nem se valha com ellas. Que cada um pretenda para si, humano é: mas é grande deshumanidade que homens da mesma patria, da mesma nação, e do mesmo sangue se mordam, se maltractem e se affrontem por se introduzir a si e afastar os outros.

Jacob e Esaú que se combatiam no ventre da mãe, são figura dos pretendentes. *Gen.* 25.

Combatiam-se no ventre de Rebecca Jacob e Esaú; e consultado o oraculo divino, respondeu: *Duae gentes sunt in utero tuo.* Saberás, afflicta mãe, que trazes em tuas entranhas duas nações. Que duas nações sejam inimigas e se façam guerra e dêem batalha uma contra a outra, não é maravilha. Mas que se vejam similhantes hostilidades em homens da mesma geração e do mesmo sangue, como se foram de nações não só differentes, mas inimigas? Este é o prodigio. E porque se combatiam, porque se maltractavam os dous irmãos com tanta dôr e affronta da mãe? Porque cada um d'elles pretendia levar a benção do pae e derrubar ao outro para que a não levasse. E quando chegou a benção tão debatida? Nasceram, cresceram, esperaram; e a benção não chegou senão d'ahi a muitos annos; e levou-a quem menos se cuidava. Eis aqui porque se estão combatendo, perseguindo e affrontando Esaú e Jacob. Por uma benção que, sabe Deus quando chegará: por uma benção que muitas vezes a leva o engano, e não o merecimento: por uma benção que ha de dar um velho cego ás apalpadellas, promettida por um regalo e alcançada com umas luvas. Não era esta a tenção de Isaac, verdadeiro pae e sancto. Mas assim succedeu, e assim succede. Vede se esta tentação é peior que a de Christo. A Christo levou-o o tentador pelos degráus ordinarios ao templo: vós derribais os companheiros e fazeis d'elles degráu para subir á Egreja. As egrejas não se hão de levar por escala. Quando se escalam os muros, sobem os que veem detraz por cima dos que caem deante: mas não são elles os que os derribam. O dote da subtileza do céu faz que o logar que occupa um não impida a passagem ao outro: e cá «não sei se devo dizer que» o estudo e emprego de todas as subtilezas é impedir aos outros para lhes occupar o logar. Emfim, bem ou mal occupado, que se segue depois d'isso? A terceira parte da tentação é a mais perigosa de todas.

Terceiro, cair. Quaes as quedas dos ecclesiasticos.

V. *Et dixit ei: Mitte te deorsum.* Depois de vir e subir, segue-se o cair. Conseguiu o pretendente o seu despacho, expediu as suas bullas, voltou contente para a patria, vê-se collocado ou collado na egreja com a superioridade e auctoridade d'ella; e aqui está o fim de toda a tentação, que é o precipicio: *Mitte te deorsum.* Este precipicio pode ser, como ordinariamente é, ou para a parte da primeira tentação, ou para a parte da terceira, com

que ficará caindo em todas tres. Na primeira tentação tentou o demonio a Christo com pão: *Dic ut lapides isti panes fiant:* na terceira tentou-o com tudo: *Haec omnia tibi dabo;* e em ambas pode cair facilmente o tentado, ou por fome, ou por cubiça. Tractava-se aqui em Roma de mandar a Portugal contra Viriato, e eram pretendentes do posto Sulpicio Galba e Aurelio Cotta; e como os votos dos padres conscriptos se dividissem no senado, uns por parte do primeiro, outros do segundo, diz Valerio Maximo que Scipião excluiu a ambos; e deu a razão excellente por estas palavras: *Neuter mihi placet: quia alter nihil habet; alteri nihil est satis.* Não convem que se mande a Portugal nem um nem outro: porque um nenhuma cousa tem, a outro nenhuma cousa lhe basta. Aos que nada teem, tenta-os o demonio com o pão: aos que nada lhe basta, tenta-os com tudo; e sendo tão perigosa tentação a da necessidade, como a da cubiça, estes são os dous precipicios em que pode e costuma cair quem vai de Roma com despacho.

Perigos de que os ecclesiasticos comam o pão dos pobres.

Os que de cá vão com fome, tenta-os o demonio com pão e muito mais apertadamente do que a Christo: porque a Christo tentou o demonio com pão que se havia de fazer: *Dic ut lapides isti panes fiant:* mas a estes tenta-os com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a com a fructa madura e sazonada; a Esaú tentou-o com as lentilhas cozinhadas e temperadas. E que succedeu a ambos? Ambos cairam sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera em flor e as lentilhas em herva, nem Eva, nem Esaú se haviam de tentar, quanto mais cair. Porem tentar com o pão e feito; tentar com o pão que outros fizeram, e vós o tendes recolhido no vosso celleiro com a obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação! O ecclesiastico é dispenseiro do pão e não senhor. Mas é grande tentação do dispenseiro, que podendo-se fazer senhor, se não faça, e podendo comer o pão, o não coma. N'esta parte são mais venturosas as ovelhas do campo que as de Christo: porque o pão das ovelhas do campo não o pode comer o pastor; e o das ovelhas de Christo, sim. E quando o pão do gado é de tal qualidade que o póde comer o pastor, aqui está a tentação.

Elles são peiores do que o filho prodigo, porque comem o pão do seu gado.

O filho prodigo, depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a sua necessidade poz-se a pastor; e o mantimento de seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foi porem tão honrado e tão ponctual este moço (como filho de bons paes que era), que até d'aquelle mantimento rustico e grosseiro que se lhe dava para o seu gado, nem uma bolota tomava para

si. Mas qual era a sua tentação? *Cupiebat explere ventrem de siliquis quas porci manducabant.* E se isto fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avarento? Pastor com fome ha de comer o pão do gado, qualquer que seja; e mais os que de cá vão com fome de tantos annos. Os prégadores zombam do demonio em tentar a Christo com pão de pedras; e não reparam em que estava o Tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias não ha pão duro: quanto mais para fome de tantos annos! Nas grandes fomes, como a de Jerusalem e de Samaria chegaram as mães a comer os proprios filhos. Haveis de comer o pão das ovelhas e haveis de fazer das mesmas ovelhas pão: *Qui devorant plebem meam ut cibum panis.* E se isto faz a fome que é natureza, a cubiça que é vicio e vicio insaciavel que fará?

Luc. 1

Ps. 13.

O demonio quando tentou a Christo pela cubiça (que é o segundo precipicio) poz-lhe por condição que o havia de adorar: *Si cadens adoraveris me.* Quem não pasma de tal atrevimento, e mais ainda de tal confiança? Adorar o demonio, posto que disfarçado em outra figura como aqui appareceu, é a mais impia, a mais sacrilega e a mais abominavel idolatria. E parece que se não pode presumir nem temer que haja de cair em tal precipicio algum homem christão, quanto mais coroado com o sacerdocio. Mas o demonio que teve atrevimento e confiança para tentar com similhante condição a um homem que «elle podia presumir que era» Deus, tambem o fará a qualquer outro por mais sagrado que seja. Quando o propheta Zacharias exclamou: *O pastor et idolum*, bem anteviu que o officio de pastor e o peccado de idolatria podiam andar junctos. E S. Zeno, bispo de Verona, que tinha grandes experiencias, não só diz que sim, mas declara o como. Pondera o sancto aquelle logar do psalmo: *Simulacra gentium argentum et aurum:* os idolos dos gentios são ouro e prata; e affirma que o mesmo ouro e prata em mão do sacerdote que é pastor, ainda que o não adore com idolatria expressa, tambem é e póde ser idolo. E de que modo? Não pondo-o sobre os altares, mas mettendo-o na arca ou debaixo da terra. Ouvi as palavras do sancto que são admiraveis: *Aurum et argentum si erogaveris, pecunia est: si servaveris, simulacrum.* Tendes ouro e prata, vós que sois sacerdote e pastor? Pois sabei que esse ouro e prata, se a derdes aos pobres, é dinheiro; mas, se a guardárdes, é idolo. O pastor que reparte o que tem ás suas ovelhas, é pastor; o que o guarda e enthesoura, é idolatra: repartil-o é esmola, guardal-o é idolatria.

As tentações da cubiça são da peior natureza. Texto de Zacharias e auctoridade de S. Zeno.

Zach. 11.

Ps. 113.

Vejo que estão dizendo comsigo os apaixonados da avareza, que a sentença d'este sancto tem mais de encarecimento que

S. Paulo chama idolatra ao avarento e não ao cubiçoso.

de theologia rigorosa e solida. E para que se desenganem, se teem fé, e saibam que não só é fundada esta doutrina em auctoridade humana, senão na verdade divina e irrefragavel; ouçam o oraculo de S. Paulo, não só uma vez inculcado, mas uma e outra vez repetido. No capitulo quinto da epistola aos ephesios, fazendo o apostolo um relatorio dos vicios por que não só os gentios senão os christãos são desherdados do céu, chegando aos avarentos diz que este peccado é peccado de idolatria: *Aut avarus, quod est idolorum servitus;* e no capitulo terceiro da epistola aos colossenses, que tambem eram christãos, repete e qualifica o peccado da avareza com a mesma censura: *Et avaritiam, quae est idolorum servitus.* De sorte que em sentença de S. Paulo, canonica e de fé, se tomarmos a avareza em si mesma e em abstracto, é idolatria: *Avaritiam, quae est simulacrorum servitus:* e se a tomarmos em concreto e no sujeito, o avarento é idolatra: *Avarus, quod est idolorum servitus:* ou como diz com mais expressão o original grego, *Idololatra.* Mas qual é a razão d'esta grave censura, que sempre parece difficultosa! O mesmo S. Paulo diz que a cubiça é raiz de todos os males; *Radix omnium malorum est cupiditas.* E comtudo não chama idolatra ao cubiçoso, senão ao avarento. Em que consiste logo esta especial razão de idolatria que se acha só no avarento e não no cubiçoso? O cubiçoso e o avarento egualmente appetecem o dinheiro; egualmente amam mais o dinheiro que a consciencia. Porque é logo o avarento o idolatra, e o cubiçoso não? S. João Chrysostomo na exposição d'este texto allude a uma historia que refere Philostrato; o qual conta que os aloadas prenderam «um idolo;» e depois de incarcerado e debaixo de chave, então lhe fizeram sacrificio. E isto mesmo diz o sancto que fazem os avarentos. Fecham o dinheiro e fecham-se com elle; mettem-no lá onde não appareça, nem veja sol, nem lua, e assim encarcerado e escondido o antepõem ao verdadeiro Deus e como seu Deus o adoram. O exemplo está muito accommodado; mas não chegou ainda a dar a razão, nem a declarar a differença, porque o avarento é idolatra e o cubiçoso não. Eu porque a não achei em nenhum expositor, darei a que me parece. A differença entre o cubiçoso e o avarento é, que o cubiçoso quer o dinheiro para gastar, o avarento quer o dinheiro para o guardar. O cubiçoso, ou seja liberal ou prodigo, comtanto que não seja avarento, quer ter dinheiro para ter outras cousas: o avarento quer ter o dinheiro só para ter; e como o cubiçoso usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins, e o avarento não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter, e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim;

Eph. 5.

Coloss. 3.

1 Tim. 6.

d'aqui se segue que o cubiçoso não é idolatra, e o avarento sim: porque o ultimo fim natural e sobrenatural de todas as cousas é Deus; e quem tem por ultimo fim qualquer cousa que não seja Deus, é idolatra. Por isso o Apostolo com grande advertencia chamou a este genero de idolatria servidão dos idolos: *Quod est idolorum servitus:* porque o cubiçoso que não é avarento serve-se do dinheiro: o avarento serve ao dinheiro; e tão incompativel é servir ao dinheiro e a Deus, como servir a Deus e ao idolo: *Non potestis Deo servire et mammonae.* Assim que o que se vê collocado sobre o templo, se não tiver mão em si e Deus o não tiver de sua mão, ou cáia para a parte da primeira tentação, ou cáia para a parte da terceira, sempre leva comsigo o precipicio: *Mitte te deorsum.*

Matth. 6.

VI. Tenho acabado, senhores, o meu discurso: e mostrado as tres partes da tentação que encerram as palavras do demonio, que tomei por thema, que eram vir, subir e cair. Já viestes á cidade sancta, que fôra melhor não vir: já subistes, aquelles com quem fallo, ao logar da egreja que pretendieis: queira Deus que seja para bem. Resta agora na volta para a patria e na administração do mesmo logar o perigo de cair. Os vossos intentos até agora bem creio que são quaes devem ser, religiosos, pios e sanctos; e tambem aqui pode estar escondida a tentação: porque tambem o demonio allegou a Christo que os anjos o levariam e guardariam em todos os seus caminhos, como diz o psalmo: *Angelis suis mandavit de te ut custodiant te in omnibus viis tuis.* Para que assim seja, sem perigo de algum dos dous precipicios que acabo de ponderar, permitti-me que vos dê duas advertencias sobre os mesmos caminhos. «A primeira que» na volta para a patria (que rogo a Deus seja muito feliz) «não chegueis lá» *Quasi navis institoris de longe portans panem suum:* como náu de mercador que «foi» buscar o pão a outra terra longe da sua para o vender e commerciar com elle. Nenhum peccado provocou a Christo a tomar o açoite na mão n'este mesmo templo onde hoje o tentou o demonio, senão o da cubiça e indecencia com que da sua casa, que é a egreja, faziam os ministros d'ella casa de negociação: *Nolite facere domum Patris mei domum negotiationis.* O mercador licitamente negoceia com o seu pão, porque é seu: no ecclesiastico não só é indecente similhante negociação, mas illicita e injusta; porque o pão absolutamente não é seu; e tirada a congrua sustentação sua e da propria e moderada familia, tudo o demais é dos pobres. Até Judas, a quem a Egreja chama mercador pessimo, não se atreveu a enfeitar a sua cubiça senão com pretexto dos pobres: *Poterat enim unguentum istud venundari plusquam trecentis denariis et dari pauperibus.*

Conclusão. A carroça de que falla S. Bernardo.

Ps. 90.

Prov. 31.

Joan.

Marc. 14.

Mas como elle fallou em vender *venundari*, bem mostrou que o seu espirito era mais de mercador que de sacerdote: mercador, porque quiz vender o que era consagrado a Christo, e pessimo porque o quiz vender sendo ecclesiastico. «Esta é a primeira advertencia. A segunda que vos guardeis de fazer viagem em uma carroça que» S. Bernardo elegante e gravemente descreve por estas palavras: *Avaritia rotis vehitur quatuor vitiorum: quae sunt pusillanimitas, inhumanitas, contemptus Dei, mortis oblivio. Porro jumenta trahentia tenacitas et rapacitas; et his unus auriga praesidet ardor habendi.* Posto que os avarentos por não gastar costumem andar a pé, a avareza (diz S. Bernardo) anda em carroça. Sustenta-se esta carroça sobre quatro rodas, que são quatro vicios que sempre acompanham a avareza e sem os quaes não dá passo. A primeira roda é a pusillanimidade, *pusillanimitas:* porque assim como dos animos grandes e generosos é propria a liberalidade, assim é propria condição e vileza do avarento ser miseravel e não dar nada. A segunda roda é a deshumanidade, *inhumanitas:* porque não ha fera mais deshumana e cruel, que o avarento: como o outro que vendo a pobreza e necessidade de Lazaro e as chagas de que estava coberto, se não movia a compaixão, e nem com as migalhas que lhe caíam da mesa o soccorria. A terceira roda é o desprezo de Deus, *contemptus Dei:* porque na estimação do avarento não ha outro Deus mais que o dinheiro; e n'elle, como diz o nosso poeta portuguez, adora mais os cunhos que a cruz. A quarta e ultima roda é o esquecimento da morte: *mortis oblivio:* porque o avarento não se lembra que tudo o que guarda e ajuncta, mais tarde ou mais cedo cá ha de ficar: e como tem o coração onde tem o thesouro, mais quer enthesourar na terra que depositar no céu. Os dous cavallos que tiram por esta carroça ou os dous jumentos, como lhes chama o sancto, são a rapacidade e a tenacidade: *Jumenta trahentia tenacitas et rapacitas:* porque o avarento com a rapacidade apanha, juncta e rouba quanto pode e não pode; e com a tenacidade retem, conserva e aferrolha tudo de tal arte, que nenhuma cousa lhe sái da mão. Finalmente o cocheiro que governa esta carroça, estas rodas e estes dous brutos, já largando as redeas a um, já estreitando-as a outro, é o appetite insaciavel de ter: *Ardor habendi.*

Reprehensão que um grão principe fez a um ecclesiastico.

Vêde agora, senhores, como já irá seguro e livre de infinitos perigos quem se metter em tal carroça e nas mãos de tal cocheiro e sobre o rodar de taes rodas! Não vos temo tanto os despenhadeiros dos Alpes, nem a fragosidade dos Pyrenéus, quanto os valles e campinas da nossa terra. N'aquellas searas,

n'aquellas vinhas, n'aquelles olivaes, de que se tiram os rendimentos para as egrejas e seus ministros, aqui é que mais repara o meu temor, e aqui receio que topem os cavallos, se embarace o cocheiro e se descomponham as rodas. O fundamento que tenho para assim o temer, é que, quando ouço fallar nos vossos provimentos ou promoções, só se estimam os despachos e se avaliam os logares pelo que rendem. A um gram principe d'esta Italia pedia um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa egreja. E quanto rende essa egreja? perguntou o principe. Serenissimo, respondeu o pretendente, rende oitocentos até mil escudos. Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o principe a perguntar. E como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho com ultima e severa resolução foi este: E vós sabeis a conta aos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero ás almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter egreja, nem de a pretender deante de mim: ide embora. Oh se todos os que fazem similhantes provimentos fizessem este exame; e se ao menos o fizessem os que os pretendem e são providos! Por isso guardam os escudos e não guardam as ovelhas: mercenarios e não pastores, ou trosquiadores, que é peior. Estes são as contas que se fazem, sem se fazer conta da que se ha de dar a Deus, quando a pedir do preço de seu sangue. Mas aquelles que só se governam pelo *ardor habendi* irão arder onde elle os leva. Aqui irá parar a alegria dos bons despachos, e os falsos parabens dos que os recebem, tão falsos como os dos que os dão.

Os que querem ser ricos caem nos laços do demonio.

E para que ninguem despreze esta doutrina, tão temerosa como verdadeira, e tema o precipicio da terceira parte da tentação a que o demonio encaminha as duas primeiras, acabemos por onde começamos. Sancto Antonio viu o mundo cheio de laços. S. Paulo viu os que caem n'elles; e quem são estes? *Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem et in laqueum diaboli:* os que caem na tentação e no laço do demonio são os que querem ser ricos. Não diz os que querem roubar ou tomar o alheio: senão os que sómente querem ser ricos, ainda que seja por meios licitos: porque do licito se passa ao illicito, e do justo ao injusto, e do necessario ao superfluo, e do superfluo ao nocivo e mortal: *Et desideria multa inutilia et nociva, quae mergunt homines in interitum et perditionem.* Por isso o demonio começou a primeira tentação pelo pão e acabou a segunda pelo precipicio. S. Paulo n'este logar fallava com Timotheo, ecclesiastico, sacerdote e prelado. Os que teem as mesmas obrigações ouçam e imprimam no coração o que elle lhe aconselha e manda: *Tu autem, o homo Dei, haec fuge: sectare*

1 *Tim.* 6.

vero justitiam, pietatem, fidem, caritatem, patientiam, mansuetudinem: certa bonum certamen fidei: apprehende vitam aeternam. Não é necessario que eu diga o que significam estes documentos: porque fallo com quem os intende ou deve intender; e só digo que com elles se póde compôr uma outra carroça triumphal, bem differente da de S. Bernardo. As quatro rodas sejam as quatro primeiras virtudes fé, piedade, justiça, caridade, *justitiam, pietatem, fidem, caritatem*. Os cavallos mais sujeitos e bem arrendados, que briosos, a paciencia e a mansidão, *patientiam et mansuetudinem*. O cocheiro, que evite com toda a vigilancia e fuja dos passos perigosos, o mesmo homem lembrado que é ministro de Deus. *Tu autem homo Dei, haec fuge*. D'este modo pelejando fortemente contra o demonio vencerá suas tentações n'esta vida e triumphará na eterna. *Certa bonum certamen fidei, apprehende vitam aeternam.*

(Ed. ant. tom. 7.°, pag. 305, ed. mod. tom. 8.°, pag. 35)

SERMÃO DA SEGUNDA QUARTA FEIRA *

PRÉGADO NA MISERICORDIA DA BAHIA NO ANNO DE 1638

Observação do compilador.—Vai agora um dos sermões com que Vieira deu principio áquella maravilhosa prégação que depois continuou por pouco menos de sessenta annos. É muito digno de se lêr pela ordem e disposição das partes oratorias e pela liberdade apostolica com que já então fallava aos grandes da terra, subjugando-os com a valentia de seu ingenho e com a auctoridade da sua eloquencia.

Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei «nisi signum Jonae prophetae.»
S. Matth. 12.

Christo irado contra os judeus não obstante a sua mansidão.

Se o evangelista o não dissera, não o crêra. Diz o evangelista S. Matheus que pedindo os escribas e phariseus a Christo Redemptor nosso, que fizesse algum signal milagroso, com que o conhecessem por Deus, o Senhor se indignou contra elles, chamando-lhe de maus homens e geração adultera: *Generatio mala et adultera signum quaerit.* Torno a dizer que se o evangelista o não dissera, não o crera. Christo irado? Christo chamando nomes affrontosos aos homens? Christo desenterrando gerações alheias? Quem póde turbar tanta serenidade, quem póde provocar tanta mansidão, quem póde alterar tanta paciencia? Não é este Senhor o mesmo que não respondia ás blasphemias, que ouvia calado as injurias, que não acudia por si nos falsos testimunhos, que recebia as bofetadas com rosto sereno, os açoites sem se lhe ouvir uma queixa? Pois se injurias, blasphemias, falsos testimunhos, bofetadas, açoites não foram nunca poderosos para tirar de seu compasso a serenidade de Christo, para lhe arrancar do peito uma palavra irada; como agora diz tantas e tão pesadas a uns homens que chegaram a pedir-lhe uma mercê: *Magister, volumus a te signum videre?*

Como o caso foi tão extraordinario e a difficuldade tão digna de reparo, notavelmente hão trabalhado os doutores em descobrir a razão d'elle.

Razão de Theophylacto: porque lhe fallavam com animo lisonjeiro.

Theophylacto diz que se agastou o Filho de Deus contra estes homens, porque entraram adulando. Entraram chamando a Christo Mestre: *Magister*, titulo n'aquelles tempos tão auctorizado, quanto era bem que o fosse n'estes; e ainda que o Senhor verdadeiramente era Mestre, *Vos vocatis me Magister; et bene dicitis: sum etenim;* comtudo, na bocca dos phariseus e na intenção com que o diziam, vinha a ser adulação e lisonja. Eis aqui quem são os aduladores: gente que mente com a verdade e affronta com a cortezia. Isto haviam de escrever os politicos no seu livro do duello: que mais affronta uma mesura de um adulador, que uma bofetada de um inimigo. Por isso Christo, que nas bofetadas se mostrou tão soffrido, quando ouviu as adulações parece que perdeu a paciencia: *Generatio mala et adultera signum quaerit.*

Joan. 13.

Razão de S. Chrysostomo: porque não queriam ouvir mas ver.

S. Chrysostomo respondeu á duvida por outro caminho. Diz que se mostrou Christo irado, porque, tendo-lhe chamado Mestre, em logar de dizerem que o queriam ouvir, disseram que queriam vêr: *Magister, volumus a te signum videre*. É vicio este que por nossos peccados reina hoje muito no mundo; e não sei se somos complices n'elle os prégadores. Estava Christo prégando em Jerusalem, e pedindo attenção ao auditorio, pediu-a d'esta maneira: *Qui habet aures audiendi, audiat:* quem tem ouvidos de ouvir, ouça-me. Notavel modo de fallar! Que quer dizer, quem tem ouvidos de ouvir? Ha ouvidos que não sejam de ouvir? Nos ouvintes dos prégadores, sim. Os ouvintes dos prégadores uns teem ouvidos de ouvir, outros ouvidos de ver. Uns teem ouvidos de ouvir, porque veem ouvir para ouvir—para ouvir aquella doutrina, para a tomar, para se aproveitar d'ella. Outros teem ouvidos de ver; porque não veem ouvir senão para ver—para ver se fallou o prégador com equivocos ao uso, ou com lhaneza e gravidade apostolica; para ver se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antiga seja menos verdadeira ou menos veneravel; para ver se tocou n'este ou n'aquelle, e mais nos maiores; e o peior é, que estes ouvintes de ver, muitas vezes são as toupeiras do logar, aquelles que sabemos que vêem menos que todos. Pois estes que com tão contrario fim veem ouvir a palavra de Deus, provocam tanto sua ira, diz Chrysostomo, que parece que se não póde conter a paciencia divina dentro dos limites de sua immensidade; e assim sái da madre hoje: *Generatio mala et adultera signum quaerit.*

Luc. 14.

Sancto Agostinho ainda dá outra razão e muito como sua. Diz que por dizerem *Volumus*, queremos, por isso foi sua petição tão pesadamente recebida. Entrais a pedir a Deus, e dizeis *Volumus:* mau principio. Se queremos, senhores, sair bem despachados da mão da liberalidade de Deus, havemos de dizer: *Fiat voluntas tua*, e não a nossa. Assim como não ha cousa que mais obrigue a Deus, que uma vontade sujeita; assim não ha outra que mais o provoque a ira, que uma vontade presumida. Nenhuma cousa nos deu Deus que fosse toda nossa, senão a vontade. E porque «dando-a» quiz que fosse toda nossa, por isso quer que «lh'a offereçamos, e assim» seja toda sua: deu-nol-a para que tivessemos que lhe dar. E porque estes em logar de a darem a Deus, a tomaram para si, *Volumus;* essa é a razão de se irar Christo contra elles e os tractar tão asperamente: *Generatio mala et adultera signum quaerit.*

Razão de Santo Agostinho: porque pediam com presumpção.

Todas estas razões, como de tão grandes doutores, as venero e ponho sobre a cabeça. A primeira funda-se em uma lisonja, a segunda em uma curiosidade, a terceira em um amor proprio; e estas faltas são motivos bastantes para o Senhor lhes negar o signal da sua divindade que lhe pediam, e os tractar com tanta aspereza. «Mas, com licença d'estes mesmos sanctos doutores,» vejamos se podemos alcançar outra solução d'esta difficuldade, mais propria e tambem menos sabida, a qual seja a materia do sermão; e peçamos a graça do Espirito Sancto por intercessão d'aquelle grande signal que S. João viu no céu: *Signum magnum apparuit in coelo: Mulier amicta sole. Ave Maria.*

Propõi-se outra razão como mysterio do sermão.

II. *Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.* Estes dous nomes de geração má e adultera com que Christo Senhor nosso, como juiz de vivos e mortos, hoje castiga e condemna os escribas e phariseus, nunca foram mais justificados e bem merecidos que na presente occasião, em que, para crer a divindade do Filho de Deus, lhe pediam milagres: *Volumus a te signum videre.* N'esta mesma petição procediam como geração má e adultera; porque sem o querer confessar, mostravam claramente não ser filhos legitimos d'aquelle honrado pae, de que tanto se prezavam. A nobreza e descendencia de que mais se prezavam os escribas e phariseus, a qual traziam sempre na bocca, e pela qual desprezavam a todos os outros homens, era serem filhos de Abrahão: *Patrem habemus Abraham. Semen Abrahae sumus.* E que similhança ou parentesco tinham as acções d'estes filhos, com as d'aquelle pae, como o mesmo Senhor outra vez lhe lançou em rosto: *Si filii Abrahae estis, opera Abrahae facite?*

Os judeus são justamente reprehendidos porque procedem como filhos degenerados de Abrahão, pae dos crentes.

Matth. 3. Joan. 8.

Ibid.

Mandou Deus a Abrahão que saisse da sua patria, que deixasse a casa de seu pae e o tracto e companhia de todos seus parentes, e fosse peregrino ou verdadeiramente desterrado para outra terra que elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui, et veni in terram, quam monstrabo tibi.* A obediencia não se póde negar que por todas suas circumstancias era difficultosa e aspera. Até as arvores insensiveis, quando se arrancam de uma terra para se transplantarem a outra, se seccam e murcham. Havia de romper Abrahão todas aquellas cadeias, com que o amor natural desde o dia do nascimento, tão forte como docemente, nos prende. Havia-se de arrancar não só d'aquella primeira terra ou segunda mãe que em seu regaço nos recebe nascidos, senão tambem d'aquelles primeiros ares com que respiramos e bebemos a vida. Havia de deixar o presente pelo futuro, o proprio pelo extranho, o conhecido pelo ignorado, e o possuido e certo pelo que podia parecer duvidoso; e comtudo, para se justificar e segurar Abrahão e para crer a Deus, pediu-lhe por ventura algum signal? Nem por pensamento. Creu e obedeceu a olhos fechados: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam;* e d'aqui começou a merecer o nome ou antonomasia universal de *Pater credentium:* pae de todos os que crêem em Deus e a Deus. E se Abrahão nem n'aquella, nem em alguma outra occasião pediu signal a Deus para crer; quando os escribas e phariseus, tão prezados e presumidos de filhos de Abrahão, para crer ao Filho de Deus lhe pedem signal; bem se vê n'este seu querer, que se são filhos e geração de Abrahão, não são geração legitima e boa, senão má e adulterina: *Generatio mala et adultera signum quaerit.*

Gen. 12.

Pedem uma prova da divindade de Christo e não querem attender que a maior prova é a sua paciencia. Esta é a razão porque Christo se ira contra elles.

Tal é a propria e litteral razão da parte dos escribas e phariseus, que Christo Senhor nosso teve para se irar contra elles e para os tractar com palavras tão pesadas e asperas e tão alheias da mansidão, benignidade e paciencia do mesmo Senhor. Mas aqui é que se funda toda a duvida e difficuldade da nossa proposta. Posto que os escribas e phariseus merecessem aquelle castigo e outros maiores, bem podera o Senhor, como em outras occasiões de mais atrevidos descommedimentos contra a sua Pessoa, dissimular debaixo do silencio a sua justa ira e accrescentar este exemplo a tantos outros da sua mansidão e soffrimento. Qual é logo a razão, porque quando lhe pedem signaes da sua divindade, elle responde com signaes de ira? Porque os escribas e phariseus com tão presumida e arrogante petição se mostravam cada vez mais obstinados na sua perfidia, ainda tendo deante dos olhos a maior prova da divin-

dade do Salvador, isto é a paciencia com que os soffria; e porque a paciencia, se é desprezada, se reveza com a ira, por isso Christo os reprehende com palavras tão asperas e pesadas: *Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.* Assim pois o maior signal da divindade do Salvador é a sua paciencia.» Este ó o meu pensamento e este será o argumento de todo o sermão.

Opportunidade de tractar este argumento.

Em um tempo, em que tanto e por tantos modos se padece em todo este estado, não se póde fallar em materia mais propria do tempo, nem mais util e necessaria ao estado que a do mesmo padecer. Por isso fiz eleição d'ella muito de proposito e com o empenho que se verá. Só me peza de não ter presentes n'este auditorio todos os que lançados e despojados das suas terras se veem recolhendo a esta, não menos arriscada, para que elles saibam vencer a sua fortuna e nós armar-nos para a nossa com a paciencia. Queira Deus que a não hajamos mister.

Prova-se o assumpto.

III. De maneira, senhores, (torno a dizer) que a razão de Christo não soffrer n'esta occasião aos escribas e phariseus e lhes chamar *generatio mala et adultera,* foi porque «não queriam reconhecer a sua paciencia como o maior signal da sua divindade; e por isso pediam outro: *Magister volumus a te signum videre.* E verdadeiramente que o maior signal e milagre da sua divindade, era a paciencia com que os supportava.»

1.º Geralmente com o exemplo de S. Paulo.

2. Cor. 12.

Quiz provar S. Paulo aos corinthios que era verdadeiro apostolo mandado por Deus, e diz assim: *Signa apostolatus mei facta sunt super vos in omni patientia, in signis et prodigiis:* os signaes do meu apostolado, ó corinthios, não são occultos e invisiveis, se não manifestos a todos: vós os vêdes e experimentais. E quaes são? A paciencia com que vos soffro, e os milagres e prodigios que entre vós tenho obrado. Nota aqui S. João Chrysostomo que primeiro poz S. Paulo a paciencia e depois os milagres: *in omni patientia, et signis et prodigiis.* Os milagres são os sellos pendentes das provisões de Deus; porque só Deus, e quem tem os poderes de Deus, póde obrar sobre as forças da natureza. E esta póde ser a energia d'aquelle *sobre vós: Facta sunt super vos.* Pois porque põi S. Paulo em segundo logar os milagres e no primeiro a paciencia? Porque maior prova dos poderes divinos com que obrava era a paciencia de Paulo, que os milagres de Paulo. Para que ninguem duvide, diz S. Lourenço Justiniano, que para persuadir e convencer maior é a força da paciencia, que a dos milagres: *Ut signis et miraculis majorem esse patientiam non dubitemus.*

Cuja paciencia foi a maior prova do Evangelho.

D'aqui se intenderá um bem notavel reparo do que disse e do que calou Christo na conversão e eleição do mesmo S. Paulo:

Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus et regibus et filiis Israel. Ego enim ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati. Vês este Paulo (diz Christo a Ananias) que até agora tão cruel e raivosamente perseguia a minha Egreja? Pois este tenho eu escolhido por vaso de eleição para que leve meu nome a todas as gentilidades e reis do mundo; e para isso lhe mostrarei o muito que ha de padecer por mim. Aqui está o reparo. S. Paulo para converter os gentios obrava muitos e prodigiosos milagres; sarava todas as infermidades, resuscitava os mortos, pisava os mares, enfreava os ventos, apagava os incendios, e não só domava e dominava ás feras, as serpentes, os basiliscos, senão tambem os demonios. Uma vez, porque em Malta o mordeu uma cobra, tirou alli o veneno a todos. Pois porque não faz menção Christo d'esta virtude e d'estes poderes que lhe havia de dar, senão do muito que elle por seu nome havia de padecer? Porque para derribar a idolatria e estabelecer no mundo a fé da sua divindade, mais importava a paciencia de Paulo que todos os seus milagres.

Act. 9.

Até os milagres se valiam da sua paciencia.

Note-se muito aquelle *Oporteat eum pati*. O que importava era o seu padecer, e não o seu poder: o ser padecente e paciente, e não o ser omnipotente e milagroso. Tanto assim que para os mesmos milagres de S. Paulo serem milagres talvez se valiam dos instrumentos e reliquias «que mais faziam lembrar» a sua paciencia. S. Lucas, que n'aquella occasião era companheiro do mesmo apostolo na Asia, diz que em toda ella fazia S. Paulo *Virtutes non quaslibet*, não quaesquer, senão grandes milagres; e que levados os seus lenços ou os seus cinctos aos infermos e aos endemoninhados, os doentes saravam e os demonios fugiam: *Ut etiam super languidos deferrentur a corpore eius sudaria et semicinctia; et recedebant ab eis languores, et spiritus nequam egrediebantur.* Mas porque eram os instrumentos d'estes milagres os lenços e cinctos de Paulo? «Respondereis: porque os seus devotos os podiam alcançar e ter ás mãos mais facilmente. E assim havia de ser: porém, não podeis negar que» os cinctos exercitados nos seus apertos e os lenços banhados nos seus suores «despertassem facilmente a memoria» da sua paciencia. Por isso d'ella se valiam os milagres, e não ella d'elles. E agora creio eu na energia com que dizia o mesmo S. Paulo: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Quem ha que adoeça, que eu não adoeça com elle? Não diz: Quem ha que adoeça, que eu o não cure: senão, quem ha que adoeça, que eu não adoeça tambem? Porque o curar era milagre, o adoecer paciencia. E como a paciencia é mais poderosa e effi-

Act. 19.

2 Cor. 11.

caz que os milagres para persuadir; por isso o divino Mestre quando os escribas e phariseus debaixo d'este nome «e á vista da sua paciencia» lhe pediram que para prova da sua divindade fizesse um milagre, reprehendeu-os tão fortemente com aquellas palavras: *Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae?*

2.º Prova-se o assumpto propria e singularmente no mesmo Christo.

IV. Até agora vimos a força e verdade d'esta consequencia em commum e por comparação alheia: vejamol-a agora propria e singularmente no mesmo Christo. Por mandado de Deus offereceu o propheta Isaias a el-rei Achaz, que em prova de certa promessa que lhe tinha feito pedisse o signal e milagre que quizesse. Respondeu Achaz que não queria pedir nem tentar a Deus. Mas pois estes escribas e phariseus, peiores que Achaz, não repararam em tentar a Deus e pediram signal e milagre, eu lhes mostrarei que a paciencia de Christo é muito maior prova da sua divindade que o milagre que pediam.

Isto foi o que no Thabor o Pae celeste mandou ouvir da bocca de seu divino Filho.

Transfigurou-se Christo no Thabor e não parou a transfiguração na sagrada Humanidade; mas d'ella trasbordou e redundou nas roupas de que estava vestido. O rosto resplandecente como coroado do sol; as vestiduras brancas como tecidas de neve: *Resplenduit facies eius sicut sol; vestimenta autem eius facta sunt sicut nix.* Ora, escribas e phariseus, já tendes cumpridos vossos desejos. Se quereis ver um milagre e grande milagre, ide ao monte Thabor, e vel-o-heis não feito só por Christo, senão no mesmo Christo. Nunca o mundo viu mais illustre milagre. Mas se ainda vossa incredulidade se não contenta, vêde este mesmo milagre cercado de outros dous tambem nunca vistos: *Et apparuerunt illis Moyses et Elias cum eo loquentes.* Vêde resuscitado a Moysés, cuja sepultura ainda hoje se ignora. Vêde apparecido a Elias, que tambem se não sabe onde está escondido. Tudo isto estavam vendo os tres apostolos assombrados, quando se acharam cobertos de uma nuvem e do meio d'ella ouviram a voz do Eterno Padre que dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui; ipsum audite:* este é o meu Filho amado, em que muito me agradei: ouvi-o: *Ipsum audite.* Cuidava eu que o Padre n'este passo, tão agradado da gentileza do Filho, havia de dizer: Olhae para elle e vede-o; e não, Ouvi-o. Com tão bizarras e novas galas parece que o mais formoso dos filhos dos homens mais estava então para ver, que para ouvir. Assim parece: mas ouçamos comtudo o que dizia e em que fallava. Diz o evangelista S. Lucas, que o que fallava o transfigurado Senhor e a practica que tinha com Moysés e Elias, era sobre o excesso do que havia de padecer em Jerusalem: *Et dicebant excessum eius, quem*

Matth. 19.

completurus erat in Jerusalem; e isto é o que Deus mandou ouvir: *Ipsum audite.* Cresce a enchente dos mysterios de monte a monte. O Filho leva os tres discipulos ao monte Thabor para lhes encher os olhos de glorias: o Pae manda-os ao monte Calvario para lhes encher os ouvidos de penas; e porque? Porque o intento do Padre era provar a divindade do Filho: *Hic est Filius meus dilectus;* e esta divindade melhor se provava pelas penas futuras do Calvario, que ouviam, que pelas glorias e milagres presentes do Thabor que estavam vendo.

O demonio e a mulher de Pilatos a respeito do mesmo assumpto.

«Deixemos o Thabor: vamos a Jerusalem.» Ao tempo em que os judeus instavam a Pilatos, que sentenciasse a Christo á morte, teve elle um aviso de sua mulher, que de nenhum modo condemnasse aquelle Justo; porque em sonhos tinha padecido uma terrivel visão, na qual fôra ameaçada com grandes medos para que assim lh'o persuadisse: *Nihil tibi et Justo illi: multa enim passa sum hodie per visum propter eum.* É questão entre os interpretes, se esta visão foi do anjo bom ou do anjo mau; e posto que sejam mais os que dizem que foi do anjo bom, S. Cypriano, S. Bernardo, Caetano e outros teem para si que foi visão do demonio. E que motivo «(segundo a opinião d'estes padres) teria o demonio» para impedir que Christo padecesse? Não foi o demonio que persuadiu a Judas que vendesse a Christo? Não foi o demonio que armou os ministros da justiça para que o fossem prender? Que novo motivo teve logo o demonio agora, quando já os judeus bradavam *Crucifige, crucifige,* para querer desviar a Christo da arvore da cruz por meio da mulher de Pilatos, assim como por meio da mulher de Adão o levou á arvore da sciencia? Sancto Ignacio martyr, contemporaneo dos apostolos, diz que agora acabou o demonio de conhecer que Christo era o verdadeiro Messias Filho de Deus, e que para impedir a salvação do genero humano e a sua propria perdição, procurava com tanto empenho que não morresse. Pois agora, demonio cego, agora e ainda agora se te abriram os olhos? Não viste a este mesmo homem caminhar seguro por cima das ondas? Não o viste imperar aos ventos e ser obedecido d'elles? Não o viste com tão poucos pães matar a fome a tantos mil homens? Não o viste resuscitar a Lazaro sepultado de quatro dias; e aos outros que referem os evangelistas, e muitos mais que não referem? Sobre tudo, não viste o dominio que tinha sobre os mesmos demonios, lançando-os dos corpos a legiões inteiras, e confessando elles que era Filho de Deus? Pois se a ti, espirito contumaz, protervo e obstinado, não poderam tantos milagres persuadir a divindade d'este mesmo homem; que viste agora n'elle para creres que é Deus? Viu

Matth. 27.

Ign. epist. ad Polycarp.

a mansidão e paciencia com que se deixou prender pelos soldados da cohorte romana, podendo-a prostrar toda com uma palavra, como tinha feito. Viu como mandou embainhar a espada a Pedro, e sarou a orelha de Malcho. Viu como se deixou maniatar e levar pelas ruas publicas a casa de Anás e de Caiphás. Viu como no palacio do pontifice, onde são mais affrontosas as affrontas, escarnecido, cuspido, esbofeteado, blasphemado, negado, tudo soffreu como um cordeiro, sem se alterar, nem queixar. Viu como relaxado a Pilatos e de Pilatos remettido a Herodes, nem aos ludibrios e insolencias das guardas, nem aos desprezos do rei, nem á roupa de mentecapto de que o mandou vestir, respondeu, resistiu ou mostrou differente semblante, senão o mesmo. Viu finalmente que, chegada a perseguição aos ultimos termos, em pé deante do tribunal do juiz impio e deshumano, ouvia as accusações e os falsos testimunhos, como se fôra surdo, e calava como se fôra mudo, sem negar, sem contrariar, sem replicar, sem se defender nem accudir por sua innocencia. E á vista de tudo isto o demonio, que posto que seja mau, é muito bem intendido, não pôde deixar de intender que aquelle homem não era só homem nem anjo, senão junctamente Deus; e que maior prova de sua divindade era a paciencia d'aquelle dia, que os milagres de tantos annos.

Christo dá a S. Pedro a mesma resposta que ao demonio quando S. Pedro o queria persuadir a que não padecesse.

Lembras-te tu, demonio, do que te respondeu Christo na terceira tentação? Pois agora conhecerás e conhecerão os escribas e phariseus (tambem tentadores como tu) quão dependentes trouxe sempre esse Senhor e quão atados entre si o credito da sua divindade com a fé da sua paciencia. Quando o demonio na terceira tentação offereceu a Christo todo o mundo se o adorasse; o que o senhor lhe respondeu foi: *Vade retro, satana*: vae-te d'aqui, satanaz: não appareças mais deante de mim. Isto refere o evangelista S. Mattheus no cap. 4.° e no cap. 16 diz que depois que S. Pedro confessou ao mesmo Christo por Filho de Deus, então começou o Senhor a fiar dos seus discipulos aquelle grande segredo de que havia de ir a Jerusalem a padecer e morrer a mãos dos principes dos sacerdotes. Diz mais que ouvindo isto S. Pedro, tomou á parte o mesmo Christo, e lhe extranhou muito aquella resolução dizendo: *Absit a te, Domine*. É possivel, Senhor, que tal cousa vos ha de entrar no pensamento? Vós arriscar vossa Pessoa e a vossa vida!? Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos!? De nenhum modo, nem Deus ha de permittir isso, nem vós o haveis de querer. Assim fallou S. Pedro levado do grande amor que tinha a seu Mestre. E que vos parece que responderia o Senhor? *Vade post me, satana*:

Matth. 16.

aparta-te d'aqui, satanaz: não appareças mais deante de mim. Quem haverá que não pasme na combinação d'esses dous casos tão differentes «nas pessoas» e tão parecidos «nas ameaças?» Basta que ao demonio e a S. Pedro mede Christo com os mesmos termos!? Ao demonio e a S. Pedro lança de si? Ao demonio e a S. Pedro chama satanaz? Tanto merece a soberba do demonio, quando quer que Christo o adore; e tanto desmerece o amor de Pedro, quando persuade a Christo que não padeça? Sim: porque «considerando a petição e prescindindo da malicia de quem fallava» tanto offendia a fé da divindade do Filho de Deus, o demonio pedindo-lhe a adoração, como Pedro impedindo-lhe a morte. Não queres Pedro que eu padeça? Pois tanto me tentas tu agora como o demonio, e tão satanaz ès tu como elle. Elle com querer que eu o adore quer que o tracte como Deus; e tu em quereres que não padeça, queres que não «prove que o sou.» Pouco ha que me confessaste por Filho de Deus; e agora mostras que não sabes o que é ser Deus: *Non sapis ea quae Dei sunt*. «E como a maior prova da divindade de Christo se funda na sua paciencia, claro está que assim como o divino Mestre reprebendeu a Pedro, havia muito mais de reprehender os escribas e phariseus, pois desprezando esta prova ou signal, pediam outro: *Magister volumus a te signum videre. Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.*

Ibid.

A paciencia que Christo havia de mostrar na sua morte, foi o signal de Jonás propheta que prometteu dar aos judeus. Argumentos de S. Jeronymo e Sancto Agostinho.

V. Mas passemos já a ver e considerar mais de proposito o signal de Jonas propheta, com que Christo Senhor nosso assellou a sua paciencia divina quando os escribas e phariseus mostraram ao mundo os extremos da crueldade e da obstinação.» Engolido Jonas e sepultado no ventre da baleia «e depois de tres dias resuscitado nas praias de Ninive» foi prophecia e signal da morte, sepultura e «resurreição» de Christo, como declarou o mesmo Senhor: *Sic erit Filius hominis in corde terrae;* «começou o signal no Calvario a sexta feira sancta e acabou no logar da sepultura a madrugada da resurreição. Constou por tanto de duas partes uma de paciencia outra de poder; mas os escribas e phariseus, como já se não renderam á primeira, assim persistiram obstinados na segunda.» Pregado, pois, Christo na Cruz tornaram a instar com a sua petição, pedindo-lhe novo signal da sua divindade e offerecendo-lhe a sua fé: mas tal como sua: *Si Filius Dei est* (dizem), *descendat nunc de cruce; et credimus ei*: se é Filho de Deus, como dizia, desça agora da cruz e creremos n'elle. Esta promessa de crerem, era, torno a dizer, como sua, falsa, aleivosa e atraiçoada. S. Jeronymo os convence bem claramente. Menos era descer-se um homem vivo da cruz,

Matth. 12

Ibid. 27.

que depois de morto levantar-se vivo da sepultura. Pois se vós, judeus, não crestes fazendo elle o que era muito mais, como havieis de crer se fizesse o que é menos? E porque não desceu Christo da cruz, como podera tão facilmente, sendo menor este milagre, ainda que estava com as mãos e pés pregados, do que o da resurreição de Lazaro, quando a uma voz sua não só saiu amortalhado da sepultura, senão tambem com as mãos e pés ligados? Responde Sancto Agostinho, que não quiz descer, porque antes quiz dar os signaes da sua paciencia, que os da omnipotencia: *Quare non descendit ut eis descendendo suam potentiam monstraret? Quia patientiam docebat, ideo potentiam differebat:* quiz differir para depois os signaes do poder, porque então estava ensinando a paciencia; e se os judeus não foram e estiveram tão cegos, bastavam os signaes de uma tal paciencia para prova da divindade de que duvidavam: *Si Filius Dei est.*

Aug. tract. 39 in Joan.

Excellente e fortemente Tertulliano: *Hinc vel maxime, pharisaei, Dominum agnoscere debuistis: patientiam hujusmodi nemo hominum perpetraret.* Dizeis, ó judeus, que crerieis a divindade do Crucificado, se descesse da cruz; e dizeis que a não credes, porque não desceu: antes por isso mesmo devieis crer; porque tal acto de paciencia nenhum homem teria valor para o fazer. Intendamos e sondemos bem o fundo d'este fortissimo pensamento. Que homem haveria no mundo que condemnado a tão infame supplicio e arguido de falsario, podendo desmentir a seus accusadores e confundil-os descendo da cruz, como elles lhe offereciam por partido, o não fizesse e se deixasse padecer aquella affronta, e que os mesmos inimigos ficassem triumphando na sua opinião, e crendo e publicando que o não fazia, porque não podia: *Se ipsum non potest salvum facere?* É certo que nenhum homem, sendo somente homem se poderia vencer tanto e acabar tal cousa comsigo. E que Christo podendo descer da cruz para desmentir aquella affronta e tornar a pôr-se na mesma cruz para remir o mundo, tivesse comtudo paciencia para supportar uma tal confusão e uma tal dor, maior sem comparação que a da cruz e dos cravos? Não ha duvida que este foi o mais profundo signal e a mais authentica prova da sua divindade: *Si enim commotus ad eorum verba descenderet, victus convitiorum dolore putaretur:* diz Sancto Agostinho. «Mas a esta prova de paciencia os escribas e phariseus fecharam obstinadamente os olhos, e por isso não se renderam a nenhuma do poder.»

Outro de Tertulliano.

Não quero por fim d'este discurso dever «aos meus ouvintes» a maior cousa que nunca se disse da paciencia de Deus combinada com a sua divindade. É uma sentença do «mesmo» Tertul-

Texto singular do mesmo padre.

liano, em cuja intelligencia teem trabalhado muito todos os seus commentadores, e nenhum ha dos modernos, que n'ella como em pedra de afiar não tenha provado a agudeza do seu ingenho. Eu que com tão pouca edade e menos sciencia não posso ter logar em tão veneravel consistorio, e só me é licito ouvir ou ler de fóra, não direi o que elles disseram e sómente construirei o que me parece que quiz dizer Tertulliano. As suas palavras são estas: *Patientiam Dei esse naturam effectam et praestantian ingenitae cujusdam proprietatis.* Ou essa sentença quer dizer que a paciencia se fez natureza de Deus, ou que a natureza de Deus se fez paciencia. Que a paciencia se fez natureza de Deus construindo assim: *Patientiam effectam esse Dei naturam.* Que a natureza de Deus se fez paciencia, construindo assim: *Naturam Dei effectam esse patientiam.* Não se podia dizer nem imaginar maior encarecimento. Mas como póde ser verdadeiro? O mesmo Tertulliano se explica: *Et praestantiam ingenitae cujusdam proprietatis:* porque sendo a paciencia uma propriedade ingenita e natural de Deus, chegou a tal extremo ou a tal excellencia (isso quer dizer *Praestantiam*), que, sendo propriedade, passou a se fazer natureza. Aqui está outra difficuldade ou outra maravilha. As propriedades não são natureza. Porem a paciencia em Deus é tal propriedade, tão natural e tão intima sua, que de ser propriedade de Deus se introduziu a ser natureza de Deus: *Patientiam esse Dei naturam.* Explico em theologia moral isto que na especulativa parece difficil. Não ha cousa mais commum, mais ordinaria, mais frequente, mais habituada e mais experimentada sempre e em tudo na paciencia de Deus que o seu soffrimento. Soffre aos gentios, que negando-lhe adoração idolatrem os paus e pedras e as sevandijas mais vis. Soffre aos christãos, que dentro dos lumes da razão e da fé obedeçam aos impulsos do seu appetite e desprezem os seus preceitos. Soffre os magos e magas, que em logar de servirem a seu Creador e Senhor, sirvam aos seus maiores inimigos, que são os demonios. Tudo isto e muito mais é o que Deus costuma soffrer e está soffrendo sempre; e como *Consuetudo* em sentença de todos os philosophos *est altera natura;* este costume, este habito e esta perpetua e quasi immutavel continuação do seu soffrimento é a que tem convertido a sua paciencia em natureza: *Patientiam effectam esse Dei naturam.*

A explicação mais corrente e natural do mesmo texto.

Já eu, parece, que me podera aquietar aqui; mas «estudando melhor o texto» entro em pensamento que ainda Tertulliano quiz dizer outra cousa. Em Deus propriamente não ha paciencia; porque a paciencia não consiste só em soffrer, senão em soffrer padecendo; e Deus, ainda que soffre, não padece, porque é impassivel.

Como se ha de intender logo Tertulliano fallando da perfeita e inteira paciencia? Demos outra volta e outra construcção ás suas palavras; a qual verdadeiramente parece a mais corrente e natural. *Patientiam Dei esse naturam effectam:* quer dizer: que a paciencia é a natureza de Deus feita. Deus depois do mysterio da Incarnação tem duas naturezas: uma feita, outra não feita. A natureza não feita é a divina; porque nem outrem a fez, nem Deus se fez a si mesmo. Por isso o Verbo incarnado segundo esta natureza se chama *genitum, non factum:* gerado sim, feito não. A natureza feita é a natureza humana; e segundo esta natureza se chama o mesmo Verbo propriamente feito: *Verbum caro factum est. «Factum ex muliere»* E como Deus com a natureza divina, increada e não feita, era impassivel, e por excesso de perfeição lhe faltava este complemento da inteira paciencia, que era soffrer padecendo; essa foi a razão por que tomou a segunda natureza humana creada e feita: *Dei naturam effectam.* E por este modo passou a paciencia a ser natureza de Deus, isto é a ser natural a Deus a propria e perfeita paciencia, conseguindo tambem pela mesma paciencia toda a excellencia da propriedade ingenita que lhe faltava: *Et praestantiam ingenitae cujusdam proprietatis.*

Joan. 1.
Gal. 4.

VI. Este é, senhores, o grande parentesco que tem o soffrimento com Deus, e a sua e nossa paciencia com a sua divindade. E para que tomem o exemplo na divindade do céu as divindades ou deidades da terra, deixados já os escribas e phariseus obstinados e incredulos, fallemos brevemente com os christãos, que talvez se deixam tão mal persuadir como elles. As divindades ou deidades da terra são os que n'ella com o poder sobre os demais representam a Deus. O mesmo Deus por bocca de David lhes chama deuses; *Ego dixi: dii estis et filii Excelsi omnes.* E o mesmo David diz que viu a Deus julgando a esses deuses: *Deus stetit in synagoga deorum: in medio autem deos dijudicat.* Estes deuses, pois, que agora julgam e depois hão de ser julgados, cuidam ordinariamente que para elles é só a majestade (ainda que não sejam majestades nem altezas); e que para elles é só a soberania (quando não seja a soberba), e para os outros a paciencia. Oh presumpção tão cega e tão ignorante! Basta, deidades ou idolos de barro, que o Deus verdadeiro se fez homem para verdadeiramente exercitar a paciencia em si mesmo; e vós, deuses de nome, como questão de vocabulo, não só vos fazeis divinos, senão tambem deshumanos! Para vós é o poder, para os outros a paciencia. Assim o dizem e fazem muitos, e quasi todos o fazem sem o dizer. Por isso quando Deus lhes chamou deuses, junctamente os des-

Este exemplo de paciencia do Deus do céu não é geralmente imitado pelas deidades da terra.

Ps. 81.

enganosa que os outros homens, sem a sua fortuna, são tão bons como elles; e elles com toda essa fortuna nem por isso são melhores que os outros: *Vos autem sicut homines moriemini.*

[illegible]

[illegible] de Tertulliano. [illegible] paciencia

O mesmo Tertulliano, a quem ha pouco interpretavamos, disse com egual juizo, que assim como Deus quando dá o poder delega no homem a representação da sua divindade, assim com o mesmo poder delega n'elle a imitação da sua paciencia: *Nobis quidem exercendae patientiae auctoritatem divina dispositio delegat, Deum ipsum ostendens patientiae exemplum.* De sorte que o exemplo e imitação da paciencia de Deus é uma segunda delegação com que Deus delega no homem não a sujeição, senão a auctoridade da paciencia: *Patientiae auctoritatem.* Para que intendam os que mandam e governam que tão fóra está a paciencia de os desauctorizar, que antes por ella cresce e lhe dobra a auctoridade n'esta segunda delegação: uma vez delegados de Deus no poder da sua divindade, e outra vez delegados do mesmo Deus na imitação e auctoridade da sua paciencia: *Patientiae auctoritatem delegat.* Altamente ponderado e elegantemente dicto!

Exemplo de Moysés na côrte de Pharaó.

É para que vejamos uma e outra cousa com os olhos, «vamos á côrte de Pharaó». Elegeu Deus a Moysés para libertador do captiveiro do seu povo no Egypto. Trocou-lhe o cajado de pastor em bastão de general; e o titulo que lhe deu não foi de rei ou de imperador, senão de Deus: *Constitui te Deum Pharaonis:* eu te constituo e faço Deus de Pharaó. Entra Moysés com o titulo de Deus e com a vara omnipotente no Egypto; e que fez? Parece que se competiam alli a dureza e a brandura: a dureza da parte de Pharaó e a brandura da parte de Moysés. Começou a primeira praga: *Induratum est cor Pharaonis.* Seguiu-se a segunda: *Induratum est cor Pharaonis.* Continuaram as demais: *Induratum est cor Pharaonis.* Muito espera e muito soffre Moysés. Bastava a dureza, a rebeldia e a blasphemia com que Pharaó respondeu na primeira falla: *Nescio Dominum;* que não conhecia a Deus; para que lh'o fizesse conhecer Moysés levantando a vara e derribando-o do throno desfeito em cinza. Mas nem esta blasphemia contra Deus, nem os desprezos do mesmo Moysés e do seu poder foram bastantes para que elle lh'os fizesse sentir como merecia e os levasse ao cabo. Seis vezes orou a Deus pelo mesmo Pharaó, e fez cessar as pragas: com que ellas vinham a ser como a mesma vara de Moysés, quando se converteu em serpente: tomada pela parte da cabeça era um dragão medonho e ferocissimo; tomada porém pela cauda, já deixava de ser serpente. Assim aquellas

Exod. 7.

pragas e castigos no principio começavam contra Pharaó com estupendo horror e assombro, e no fim paravam na mansidão de Moysés, e cessavam com nova paz e serenidade. Cuidará alguem que eram estes effeitos do natural brando e benigno d'aquelle grande heroe: mas não era assim. Moysés era tartamudo; e os gagos naturalmente são colericos; e Moysés de sua natureza o era tanto, tão impaciente e mal soffrido, como se viu n'aquelle encontro, quando, vendo que um egypcio affrontava a um hebreu, arremetteu a elle e sem mais armas, que as suas proprias mãos, o lançou morto a seus pés. Pois se Moysés era tão arrebatado e iracundo, e tão aspero de condição, como agora se mostrou tão manso e tão benigno, que d'ahi lhe começou o nome de *Vir mitissimus super omnes?* Porque então obrava como homem particular, agora como Deus de Pharaó. Este nome de Deus era o santelmo que na maior furia das tempestades lhe serenava as ondas. Que havia de fazer aquelle delegado de Deus, que debaixo do mesmo nome o representava, senão imitar a sua paciencia?

Num. 12.

VII. Que diriam a isto os deuses da terra (ainda que ella não seja das maiores do mundo), os quaes em se vendo com uma varinha na mão, se acaso souberam que os mordeu um mosquito, ou que uma rã abriu contra elles a bocca (posto que os mosquitos não sejam tão venenosos, nem as rãs tão desentoadas, como as que produziu no Egypto a vara de Moysés) já não cabem dentro em si de inchação, de ira e de vingança? Já ameaçam ferros, enxovias, degredos; e se alguem fôra Deus que tivesse inferno, tambem abrazariam n'elle eternamente os réos da sua lesa divindade. Ouçam estes deuses como se hão de portar, não digo nas execuções furiosas, mas na moderação das palavras e no agrado do semblante com os mesmos inferiores que os offenderam.

Como os deuses da terra se hão de portar na moderação das palavras e no agrado do semblante.

Depois que o apostolo S. Philippe por testimunho do Baptista soube que Christo era o verdadeiro Messias, communicou aquella grande nova a Nathanael, lettrado da lei, e o levou a ver o mesmo Senhor. Vendo Christo a Nathanael disse d'elle: Este é o verdadeiro israelita, em quem não ha engano. Perguntou Nathanael d'onde o conhecia? E o Senhor respondeu que o tinha visto á sombra d'aquella figueira; onde estava antes que Philippe o chamasse. Ouvida tal resposta disse Nathanael: Mestre, vós sois o Filho de Deus e o Rei promettido de Israel. Atè aqui a breve e notavel historia. Mas d'onde inferiu Nathanael que Christo era Deus? «Indicou-o o Divino Mestre quando lhe disse: *Quia dixi tibi: Vidi te sub ficu, credis:* porque agora te disse que te vi á sombra da figueira,

Christo não significa a Nathanael que sabe o que elle respondera a Philippe em desabono de Nazareth.

Joan. 1.

Esaú um moço rustico, creado nos matos e na charneca em seguimento das lebres e dos gamos, com uma cara muito parecida ao seu exercicio, queimado, grosseiro, fero e que para satyro ainda lhe sobejava pintura? Não era a pelle agreste e o pello espesso e rispido de Esaú, aquelle que para Rebecca o fingir nas mãos e pescoço de Jacob, o tomou das mesmas pelles do fato montezinho, d'onde elle fôra buscar a primeira urdidura d'aquelle engano? Que gentileza viu logo o mesmo Jacob no rosto de Esaú para se lhe representar como o rosto de Deus? *Quasi viderim vultum Dei?* A gentileza foi, diz Lirano, *Quia ita pacificum et mitem eum vidit*. Roubou Jacob a Esaú o morgado; e roubou-lh'o com engano, que foi maior aggravo. Fez-lhe esta mesma guerra desde o ventre da mãe e usou do amor da mesma mãe para lhe roubar o do pae: ciumes, ainda entre irmãos, tão mal soffridos, como se viu dentro na mesma familia na venda de José. E que sobre tantas offensas, não sonhadas, mas padecidas, em logar de por ellas lhe tirar Esaú a vida, como n'outro tempo tinha determinado, agora festejasse sua vinda, o levasse nos braços e o recebesse com tão bom rosto? Pois tal rosto (dizem os olhos de Jacob) não tem physionomia de homem, senão de Deus: *Quasi viderim vultum Dei*. Se fôra rosto de homem, achara-o Jacob, quando menos, carregado, sem levantar para elle os olhos; as sobrancelhas caidas, a lisura da testa em rugas, o rosado das faces murcho, a bocca sem se despegar, e tudo mudado de côr e tincto de malenconia e desagrado. Porém como Esaú o recebeu com tantas demonstrações de alegria e amor e com tanto esquecimento do passado, não lhe podia parecer o seu rosto como de homem, senão como de Deus: que só em Deus se acha uma paciencia tão magnanima e uma magnanimidade tão divina. Para que apprendam os nossos deuses cá debaixo como hão de representar bem a figura. As palavras como as de Christo a Nathanael, e o rosto como o de Esaú a Jacob, são os actos positivos ou os testimunhos oculares e de ouvida com que hão de provar as suas divindades, tão mal endeusadas como mal soffridas.

A paciencia divina deve ser imitada por todos.

VIII. Tenho acabado o sermão. E para que d'elle possam colher algum fructo os que mais necessidade teem da paciencia, consideremos que a divindade n'este mundo está repartida em tres partes: em um, em muitos e em todos. Em um «quanto» á realidade, que é Christo verdadeiro Filho de Deus: em muitos «quanto» á representação, que são os que teem o mando e o governo; e em todos quanto ao desejo e appetite; porque todos somos filhos de Adão, do qual herdamos aquella inclinação e desejo com que o tentou o demonio de ser como Deus:

Et eritis sicut dii. E toda esta divindade, ou verdadeira, ou representada, ou appetecida se reduz por diversos modos á paciencia. Christo verdadeiro Deus quando quiz «provar» a Divindade, foi «manifestando» a paciencia. Os deuses da terra, que representam «a mesma Divindade», já ouviram como a hão de representar com a paciencia; e todos os que a appetecem, desejando ser como Deus, só imitando a paciencia do mesmo Deus o pódem conseguir. A todos sem excepção de pessoa, qualidade ou estado diz Christo Senhor nosso: Sêde perfeitos, como vosso Pae celestial, que vos creou, é perfeito. E em que consiste esta perfeição que havemos de imitar em Deus? Na paciencia. Não ha paciencia mais offendida, mais provocada e, quanto é da nossa parte, mais forçada e constrangida a não soffrer, que a de Deus. E elle que faz? Diga-o o seu sol, que a bons e maus allumia: diga-o a sua chuva, que aos justos e aos injustos, a todos rega e fertiliza os campos. No Egypto os hebreus tinham luz, e os egypcios estavam em trevas: sobre as searas dos hebreus chovia agua, sobre as dos egypcios, fogo e raios. Esta mesma differença podera a justiça divina observar em todo o mundo; e comtudo é tanta a sua paciencia, que, negado de uns, blasphemado de outros e continuamente desobedecido e offendido de todos, allumia, sustenta, conserva e provê de tudo o necessario aos maus, como se foram bons, e aos injustos, como se foram justos.

...retudo em ...s Christo.

E porque ninguem me diga que Deus é impassivel e não é muito que tenha tanta paciencia; desçamos do céu e das nuvens ao Calvario. E aquelle Deus pregado em uma cruz, cujo rosto que n'outro monte resplandeceu como o sol, em logar de raios está coroado de espinhos, e cujos pés e mãos, em logar de agua do céu, estão chovendo sangue divino, é passivel ou impassivel? Não só tudo isto está padecendo com invencivel paciencia, muda para a queixa e só com voz para pedir perdão pelos mesmos que o crucificaram: mas sem responder nem confundir os que no mesmo tempo o estão arguindo de que falsamente se fez Filho de Deus. Pasmae n'este passo tanto da paciencia do Filho, como do Pae.

...an. 19.

...ae celeste ...dá no Cal- ...o testimu- ...a seu Filho ...omo no ...bor e no ...ordão.

Quando Christo se fez baptizar no Jordão, testimunhou a voz do Padre que era seu Filho. E quando o mesmo Senhor se transfigurou no Thabor, a voz do mesmo Padre deu segundo testimunho pelas mesmas palavras de ser seu Filho. Pois se no Jordão e no Thabor deu uma e outra vez o Eterno Padre este testimunho de ser Christo seu Filho, quando ninguem lhe negava esta geração e esta divindade; agora que no Calvario lhe negam uma e outra, porque não accode a voz do Padre a con-

fundir aquella blasphemia e dar o mesmo testimunho? Primeiramente, porque a mesma paciencia de Christo, como deixamos provado, era o mais forte, o mais authentico e o mais evidente testimunho da sua divindade, sem ser necessario que o proprio Pae o confirmasse com o seu. Assim o intendeu o centurião romano e gentio, que disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus; e assim o intenderam os judeus menos cegos, que do Calvario voltaram para a cidade batendo nos peitos.

Matth. 27. *Luc.* 23.

Mas a principal e mais universal razão foi, para que na paciencia do Pae e do Filho aprendessemos todos a ser filhos do mesmo Pae pela imitação da paciencia de ambos. Oh quão pouco sabemos estimar as occasiões de paciencia, e quão cegos somos em conhecer a grande providencia e amor com que Deus as dá maiores aos que mais estima e ama! A quem mais estimou e amou Deus na lei da natureza que a Job? E a quem deu maiores occasiões de padecer que a elle? *Sufferentiam Job audistis.* A quem mais estimou e amou na lei escripta que a Tobias? E quaes foram os trabalhos e tormentos na propria pessoa e familia com que exercitou a sua paciencia? «Todos o sabem; e não ignoram a razão»: *Ut posteris daretur exemplum patientiae eius sicut et sancti Job.* Mas que comparação tem a paciencia d'este segundo Job e do primeiro com a do Filho de Deus, a quem elle em um e outro testimunho chamou o seu muito amado: *Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui?*

Para que aprendamos na paciencia do Pae e do Filho a ser filhos do mesmo Pae.

Jacob. 5.

Tob. 2.

IX. Agora quizera aqui, como dizia no principio, todos os retirados de Pernambuco, martyres da fé divina e da humana por não ficarem sujeitos a homens tão herejes de uma como rebeldes á outra. Dizei-me, verdadeiros christãos e verdadeiros portuguezes, que queixas são as da vossa fortuna e que repugnancias as da vossa paciencia n'esta retirada tão honrada e tão fiel a Deus e ao rei? Se é verdes-vos desterrados da vossa patria, ponde-vos com o Filho de Deus no Egypto entre barbaros, tambem desterrado e por fugir a sua innocencia da espada e violencias do mais cruel tyranno. Se é por haverdes deixado a vossa casa e commodidades d'ella, ouvi ao mesmo Filho de Deus, dizendo que os animaes da terra teem covil e os do ar ninhos; e elle não tem onde reclinar a cabeça. E se acaso a pouca caridade d'aquelles a cujo amparo vos recolhestes vos não receber na sua casa, dae outra vista com o pensamento a Belem e vel-o-heis em um presepio. Finalmente se é grande a vossa pobreza e todas as outras penas e trabalhos que d'ella se seguem, vêde-o despido na cruz e que os soldados nimigos estão jogando as suas roupas: vêde que lhe dão a co-

Exhortação aos desterrados de Pernambuco.

mer fel e a beber vinagre: vêde que está reduzido a tanta estreiteza, que sendo cruz o logar não lhe cabem divididos n'elle ambos os pés. E se uns vistes derramar o sangue dos filhos, outros o dos paes e irmãos, ou mortos na guerra ou nos tormentos, que é muito maior dôr; n'aquellas quatro fontes de sangue, abertas a ferro nos pés e mãos do mesmo Filho de Deus, podeis refrigerar, lavar, e ainda afogar gloriosamente a vossa.

A paciencia é necessaria para a felicidade eterna.

Hebr. 10.

Act. 14.

Sobre tudo e por fim de tudo, sabei vós e saibam todos, que para a bemaventurança, que esperamos e Deus nos tem promettido, é necessaria e forçosa a paciencia: *Patientia vobis necessaria est, ut reportetis promissionem*. Saibamos outra vez, e saibam todos, que nenhum homem, de qualquer estado que seja, póde entrar no céu, senão pela porta da paciencia: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei*. Assim que animados e armados com estes dous textos da fé mandados apregoar a todo o mundo por bocca de S. Paulo, quando mais vos apertar a paciencia, ainda que vos vejais reduzidos ás miserias de outro Job, respondei-lhe constantemente com o fim d'elle e d'ella. Este fim foi na terra e mais no céu: na terra recuperando-lhe Deus em dobro a felicidade temporal, como nós tambem esperamos; e no céu coroando-lhe a paciencia passada com a eterna bemaventurança da gloria. *Quam mihi* etc.

(Ed. ant. tom. 7, pag. 253, ed. mod. tom. 4, pag. 34).

I. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA *

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **O exordio d'este discurso é verdadeiramente digno do seu assumpto, que é a Transfiguração no Thabor ou a gloria do paraiso comparada com as miserias d'este mundo. Note-se a ordem admiravel da argumentação, a clareza e sublimidade dos argumentos. O estylo é mavioso, cheio de uncção, e por vezes artificiosamente desadornado para com o enfeite da phrase não divertir a attenção da belleza dos pensamentos.**

Assumpsit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum, et transfiguratus est ante eos.

S. MATTH. 17

O monte da tentação e o monte da transfiguração.

Ás portas quasi da terra de promissão, mandou Moysés apregoar em dous montes altos e oppostos (com vozes que todo o exercito immenso dos filhos de Israel extendido pelos campos milagrosamente ouvia), em um chamado Garizim as felicidades dos que guardassem a lei de Deus, e em outro que se chamava Hebal as maldições e desgraças dos que a não guardassem. Taes se me afiguram n'esta entrada da quaresma os dous montes, tambem muito altos, e não só oppostos, mas totalmente contrarios, cuja historia evangelica n'este domingo e no passado nos representou e representa a Egreja. No primeiro monte o demonio, que ainda se chama principe d'este mundo, mostrou a Christo todos os reinos do mesmo mundo e todas suas glorias. No segundo, Christo verdadeiro Rei e Senhor do céu, mostrou a alguns discipulos seus mais familiares, não todo o reino, nem toda a gloria do mesmo céu, porque não eram capazes de a ver os olhos humanos, mas alguma parte d'ella. Oh quanto vai de monte a monte! Oh quanto vai de reinos a reino!

Oh quanto vai de glorias a gloria! Tambem um d'estes montes e com mais razão se podia chamar o das felicidades, e outro o das maldições. E tambem está bradando o pregão em cada um d'elles: Que as felicidades estão guardadas para os que guardarem a lei de Deus, a que Christo Transfigurado nos anima com a vista da gloria do céu: e as maldições do mesmo modo estão apparelhadas para os que desprezam e quebrantam a mesma lei, a que o demonio tentador nos incita com a falsa apparencia das glorias do mundo.

A cada um delles responde a sua assumpção e cada um tem seu caminho. *Matth. 4. Idem 17.*

Como ambos estes montes são de gloria, postoque tão diversos, a cada um d'elles responde a sua assumpção. Ao primeiro *assumpsit eum diabolus:* ao segundo: *Assumit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem.* E certo que bastava ser uma assumpção do demonio, e outra assumpção de Jesus, para todos amarem e desejarem a assumpção de Jesus e abominarem e renegarem da assumpção do demonio. Mas que é o que vemos? O caminho do monte Thabor, por onde se vai á gloria do céu, deserto e quasi sem haver quem o pize: e a estrada do outro monte sem nome, por onde se vai ás glorias do mundo, cheia e rebentando de gente de todos os estados, ainda d'aquelles que professam o desprezo do mesmo mundo! Lá disse David, que todo o homem que tem fé e intendimento, o que faz muito de proposito n'este valle de lagrimas é dispor a sua ascenção: *Ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrimarum, in loco quem posuit.* Pois se todos desejamos e esperamos que a nossa ascenção e assumpção seja para gozar eternamente as verdadeiras felicidades da bemaventurança; como deixamos o caminho do monte por onde Christo nos guia á gloria do céu, e seguimos com tanta ancia e contenda, não digo já a estrada, senão os precipicios por onde o demonio, debaixo do falso nome de glorias do mundo, nos leva ás maldições do inferno?

Ps. 83.

Nelles se vê a differença dos bens verdadeiros aos falsos.

Ora eu com a graça divina quizera hoje desfazer esta cegueira que tantas almas tem enganado e perdido, as quaes n'esta vida a não conheceram e agora sem nenhum remedio a choram. A este fim porei um monte á vista do outro monte, e umas glorias á vista da outra gloria: o monte da tentação á vista do monte da transfiguração, e as glorias do mundo á vista da gloria do céu; comparando não bens com males, senão bens com bens. Por este meio, mais clara e manifestamente que por nenhum outro, se verá a differença dos falsos aos verdadeiros: e já que os nossos intendimentos e vontades andam tão enganados, ao menos nos desenganarão os olhos. A luz da divina graça se sirva de nol-os abrir e allumiar por intercessão da Cheia de graça. *Ave Maria.*

II. Posto o monte da tentação com as glorias do mundo á vista do monte da transfiguração com a gloria do ceu, quem nos mostrará a differença dos bens que se prometteram no primeiro monte e se promettem no segundo, senão quem se achou em ambos, tentado em um e transfigurado no outro? Esta mesma duvida tiveram muitos que refere David, os quaes perguntavam: Quem nos mostrará os bens: *Multi dicunt: quis ostendit nobis bona.* E responde o mesmo propheta que o lume do rosto do Senhor nol-os mostraria: *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine.* «O lume de que falla o propheta é do rosto do Senhor em quanto Deus: mas hoje nos mostrará os mesmos bens o rosto do Senhor em quanto homem.» Nunca o rosto de Christo Senhor nosso esteve mais allumiado e mais luminoso que n'este dia de sua transfiguração, em que resplandeceu o seu rosto como o sol: *Resplenduit facies ejus sicut sol;* e em signal de que logo aqui se viram os bens, disse S. Pedro em nome de todos: *Bonum est nos hic esse.* Sendo pois o lume do rosto de Christo o que nos ha de mostrar os bens, e sendo o lume do mesmo rosto como o do sol, «duas» cousas acho no lume do sol que, tão claramente como a luz do mesmo sol, nos podem mostrar a grande differença que ha entre os bens da gloria do céu e os que tambem se chamam bens das chamadas glorias do mundo. O lume do sol é puro e sem mancha; é tanto para cada um como para todos. N'estas «duas» propriedades, pois, do lume do sol nos mostrará o rosto de Christo «duas» differenças dos bens do céu aos do mundo, que tambem serão os «dous» ponctos do nosso discurso. No primeiro veremos que os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céu são puros e sem mistura: no segundo que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus, e nos bens do céu logra cada um os seus e mais os de todos. «Dae-me attenção.»

Só Christo que se achou em um e outro monte nos pode mostrar e mostra essa differença.

Ps. 4.

III. Diz a primeira differença da nossa proposta que todos os bens do mundo são bens com mistura de males e só os bens do céu, bens puros e sem mistura. E assim é. Quando Deus nosso Senhor fabricou este grande edificio do universo, dividiu-o a nosso respeito em tres partes: uma na terra, que é este mundo em que vivemos; outra debaixo da terra, que é o inferno; outra acima da terra, que é o céu: e em todas estas tres regiões repartiu os bens e os males, mas com grande justiça e differença. No inferno ha só males sem bens: no céu ha só bens sem males; na terra ha bens e males junctamente. E por que razão? No inferno ha só males, porque ha só máus: no céu ha só bens, porque ha só bons; e na terra, onde andam de

Os bens do mundo são com mistura de males.

mistura os bons e os máus, era justo que andassem tambem misturados os bens e os males.

Ensina-o a natureza.

A primeira mestra d'esta verdade é a mesma natureza em tudo o que creou para o homem. No maior mimo dos sentidos que é a rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz Sancto Ambrosio, um claro e desenganado espelho d'esta deliciosa e dolorosa mistura: *Spina sepsit gratiam floris, tanquam humanae speculum praeferens vitae, quae suavitatem perfunctionis suae finitimis curarum spinis saepe compungat*. A mesma consideração seguiu e adeantou Boëcio, o qual ajunctando ao exemplo da belleza o da doçura cantou ou chorou elegantemente; *Armat spina rosam, mella tegunt apes*. E assim como não ha n'esta vida rosa sem espinho, nem mel sem abelha; assim não ha perola sem lodo, nem ouro sem fézes, nem prata sem liga, nem céu sem nuvem, nem sol sem sombra. No mesmo tempo de que se compõi a nossa vida, não ha verão sem hinverno, nem dia sem noite; e n'esta mesma semelhança é tanta a differença que para haver verão e hinverno é necessario um anno, e para haver noite e dia são necessarias vinte e quatro horas; mas para haver mal e bem, basta um só momento.

Allegoria dos poetas gentios. Texto de David, interpretado por Sancto Agostinho.

Os gentios, sem fé, ensinados só da experiencia, disseram que Deus tinha dous tanques, um de mel, outro de fel, e que nenhuma cousa mandava aos homens que não viesse passada por ambos: e que esta era a causa, porque em todas as que chegavam á terra vinha a doçura do bem misturada com a amargura do mal. Diz o real propheta que Deus tem na mão um calix, pelo qual dá de beber aos homens, cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini, vini meri plenus mixto*. Repara e pergunta Sancto Agostinho: *Quomodo meri, si mixto?* Se o vinho era puro, como era misturado: e se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural e d'este mundo, ainda que dado pela mão de Deus, por mais puro e defecado que seja, que não traga em si e comsigo alguma mistura de mal. O vinho é aquelle cordeal simples, medicado pela natureza para alegrar o coração humano: mas não ha alegria ou causa de alegria tão contraria e alheia de toda a tristeza que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dôr: se gosta, o gosto será mettido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salomão, de presente como experimentado, e de futuro como propheta: *Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat*.

Ps. 74.

Prov. 4.

Auctoridade de Salomão. Descripção da sua grandeza.

E pois nomeamos o mais sabio de todos os homens e o mais opulento e delicioso de todos os reis, elle nos dirá o verdadeiro conceito que fez e nós devemos fazer dos bens do mundo. Eu

me resolvi, disse Salomão, a me dar a todas as delicias e gozar todos os bens d'esta vida: *Dixi ego in corde meo: vadam et affluam deliciis et fruar bonis.* Com este presupposto querendo, podendo e sabendo fazer quanto quizesse; porque ninguem póde tanto, nem quiz mais, nem soube melhor, que Salomão, vêde o que faria! Fabricou um palacio real em Jerusalem, que depois do templo, que elle edificara, foi o segundo milagre: no monte Libano traçou varios retiros e casas de prazer; em que de mais de se ver juncto todo o raro e curióso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça e montaria das aves e feras, e até as sombras no verão e os soes no inverno, excediam com a arte a natureza. O throno de marfim, em que dava audiencia, e a carroça chamada *Ferculo*, em que passeava, eram de tal architectura e preço, que faz particular descripção d'elles a Escriptura: ás galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria: os thesouros de ouro e prata que ajunctou eram immensos: os gados maiores e menores, que n'aquelle tempo tambem eram riquezas de reis, não tinham numero: os cavallos estavam repartidos em quarenta mil presepios: a sumptuosidade da mesa para a qual concorriam diversas provincias, e a majestade, grandeza e ordem dos officiaes e ministros com que era servido, foi a que encheu de pasmo a rainha Sabbá: as baixellas e vasos eram de ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros e aromas com que tudo rescendia, quanto cria e exhala o oriente. Não fallo na qualidade e gentileza das damas, filhas de principes, e escolhidas em differentes nações; entre as quaes só as que tinham nome e estado de rainhas eram septecentas; servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gozava Salomão em summa paz e com egual fama, sem inimigo, ou receio que lhe desse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessa de si que nenhuma cousa viram seus olhos, nem inventaram seus pensamentos, nem appeteceram seus desejos, que lhes negasse: *Omnia quae desideraverunt oculi mei, non negavi eis; nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* Estando pois n'estas felicidades de Salomão, não só recopilados, mas extendidos todos os bens do mundo, saibamos porfim que conceito fez d'elles? Elle o diz e em bem poucas palavras: *Cum me convertissem ad universa opera quae fecerant manus meae, et ad labores in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem et afflictionem animi.* Voltando os olhos a tudo quanto tinha feito, em que debalde tinha trabalhado e suado (feito, diz, e trabalhado e suado; e não gozado), o que vi e achei em tudo, é,

Eccl. 2.

que tudo é vaidade e afflicção de animo: *Vanitatem et afflictionem animi*. Logo se todos os bens do mundo são vaidade, como podem ser verdadeiros bens? E já que lhes concedemos o nome de bens; se todos causam afflicção de animo, como pódem ser bens sem mistura de males?

Auctoridade do imperador Carlos V.

Mas porque não cuide alguem que do tempo de Salomão para cá terão mudado os bens do mundo ou melhorado de natureza; ouçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o imperador Carlos V fez aquella grande acção em que teve poucos a quem imitar, e terá menos imitadores, de renunciar o imperio; dando as causas d'esta retirada depois de tantas victorias, confessou com lagrimas deante de todo o senado de Bruxellas, que a principal, ou uma das principaes, fôra: Porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a corôa, nem um só quarto de hora tive de pura alegria, senão sempre misturada com cuidados, afflicções e dores. E se esta triste mistura experimentaram nas maiores felicidades do mundo, entre os reis Salomão, e entre os imperadores Carlos; que poderão dizer das suas particulares ainda os mais bem vistos da fortuna?

Argumento tirado da historia sagrada. Primeiro da de José.

IV. Grandes foram as que sonhou José, e sairam-lhe tão verdadeiros os sonhos, que de vendido e escravo se viu vice-rei do Egypto, e com tal auctoridade e poderes que só no nome e na corôa o precedia o rei. Tudo governava, tudo mandava José, tudo lhe obedecia com nunca vista nem esperada felicidade; mas onde? No Egypto. Ninguem é, nem póde ser feliz com a alma n'outra parte. O corpo, o poder e a dignidade estavam no Egypto; a alma, o amor e a saudade andavam peregrinando em Canaan: com que toda aquella apparencia dos maiores bens da fortuna vinham a ser supplicio e desterro. No Egypto vivo, na patria morto: no Egypto applaudido, na patria chorado: no Egypto dando de comer ao mundo, na patria comido das feras: no Egypto tudo, na patria nada. Ainda que José não fôra levado ao Egypto para escravo, senão para vice-rei, «em seu coração dissera que» egualmente ia vendido; porque muito melhor fortuna era para elle estar em casa de Jacob, sendo o filho mais mimoso do pae, que na côrte e no palacio de Pharaó, sendo o primeiro ministro e o mais valido do rei. Abra os olhos o mundo, e não se contente com ver os homens por fóra; penetre-os tambem e considere-os por dentro, e achará que andam n'elle tão contrapesados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se póde pôr em balança se pesam mais os males.

Segundo da de Jacob.

De José foi pae Jacob, tambem assaz ditoso. A que Jacob

teve pela maior ventura de sua vida foi quando ao cabo de tantos annos de servir alcançou por premio a companhia de Rachel. Se o que muito se deseja, muito se preza; se o porque muito se trabalha, muito se estima; nenhum gosto, nenhuma alegria teria jámais quem tanto amava, que se egualasse com esta. Mas vede quão pensionados dá o mundo os gostos e bens d'esta vida. A felicidade foi uma, as pensões foram tres e todas assaz pesadas. A esterilidade da mesma Rachel, os enganos de Labão e os ciumes de Lia. Por mais amadas e por mais pretendidas que sejam as que chamamos venturas, todas no cabo são Racheis. Não ha Rachel que não tenha o seu Labão e a sua Lia. Se Rachel agrada, Labão molesta: se Rachel dá gosto, Lia dá pena. Quanto mais que, para molestar e dar pena, basta-lhe a Rachel ser Rachel. Lêde a historia sagrada e achareis que foi tão mal acondicionada aquella formosura, que era necessario todo o amor de Jacob para aturar e soffrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deu depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão travados andam n'esta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens! Se Rachel tem bom rosto, tem má condição; se Lia tem boa condição, tem máu rosto: e não ha bem nenhum tão inteiro, que possa encher os olhos e mais o coração.

Terceiro da de Abrahão, David e Achitophel.

Extendei a vista ou o pensamento por todas as cousas do mundo, e vereis que não achais uma só instancia, nem um só exemplo contrario a esta verdade. Muito estimam os homens a gentileza, muito estimam o valor, muito estimam o intendimento. Mas perguntem os formosos a Absalão, os valentes a David, os intendidos a Achitophel, que pensão pagou o primeiro á sua gentileza, o segundo ao seu valor, e o terceiro ao seu intendimento. Era Absalão tão galhardo mancebo, que do pé até o cabello da cabeça, como falla a Escriptura, nenhum pintou a natureza mais bello. As damas lhe compravam os cabellos a peso de ouro; e dos mesmos cabellos lhe teceu a morte o laço, com que pendurado dos ramos de um carvalho, acabou infamemente a vida passado pelos peitos com tres lanças. E esta foi a pensão que pagou Absalão á sua gentileza. Era tão valente David, que, tremendo todo o exercito de Israel á vista do gigante Golias, elle só e desarmado acceitou o desafio, e derribado a seus pés, com a sua propria espada lhe cortou a cabeça. Mas foi tal a inveja e o odio que desde aquella hora lhe cobrou el-rei Saul, que mais de uma vez com a lança, que trazia na mão por sceptro, o quiz pregar a uma parede. De maneira que lhe foi necessario a David homiziar-se pela morte do gigante, como se matara um hebreu, e fugir da sua victoria,

como se fôra delicto. E esta foi a pensão que pagou David ao seu valor. Era tão intendido Achitophel e tão prudentes e sabios seus conselhos, que, por testimunho do texto sagrado, se ouviam como oraculos do mesmo Deus. Seguiu as partes de Absalão, quando se rebellou contra seu pae; aconselhou-o como lhe convinha; e porque o moço fatal não quiz seguir senão o que já o levava ao precipicio, foi tal a sua desesperação, que atando a banda ao pescoço e a uma trave se afogou a si mesmo. E esta foi a pensão que pagou Achitophel ao seu intendimento. Fiae-vos lá de intendimentos! Fazei lá caso de valentias! E presae-vos de gentilezas! Teem os males tão viciados e corrompidos os bens, que a gentileza é laço, o valor delicto, e o intendimento loucura.

A practica que Moysés e Elias tiveram com Christo na transfiguração prova a mesma verdade.

Mas para que é irmos buscar exemplos ao Testamento velho, se no novo e no nosso evangelho temos o maior de todos? Transfigurou-se Christo no Thabor, appareceram alli Moysés e Elias; e quando parece que haviam de dar o parabem ao Senhor, da gloria com que o viam n'aquelle monte, o em que lhe fallaram foi da morte que havia de padecer no do Calvario: *Loquebantur de excessu quem completurus erat in Jerusalem.* (Luc. 9.) Póde haver practica mais alheia da occasião que esta? Quando o rosto de Christo está resplandecente como o sol, então lhe fallam no eclipse «da morte»? Quando as suas roupas estão brancas como a neve, então lhe fallam «nas mortalhas do sepulcro»? Sim. Porque não ha alegria n'este mundo tão privilegiada, que não pague pensão á tristeza. Até no monte Thabor, até na Pessoa de Christo, até no milagre da sua transfiguração; por mais soberanos que sejam os bens, uma vez que tocaram na terra, não póde haver gosto, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que é, havel-o-ha na memoria do que ha de ser: transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a transfiguração, como logo disse o mesmo Christo, tão parecida com a resurreição e não com a morte, virão dous «grandes prophetas» que misturem a morte com a transfiguração e confundam o Calvario com o Thabor. Seja pois a conclusão d'estas experiencias e desenganos do mundo fazermos tão pouco caso dos seus chamados bens, pela mistura que sempre trazem de males, como se verdadeiramente foram puros males sem nenhuma composição ou temperamento de bens.

Só os bens celestiaes são puros bens.

V. Só os bens d'aquella patria celestial, só os bens d'aquella terra de promissão da gloria, só os bens d'aquelle Thabor da bemaventurança, só aquelles unicamente se pódem chamar bens, porque só são bens sem mistura de nenhum mal. É o céu como o templo de Salomão, em que nunca se ouviu golpe de mar-

tello; porque lá, como diz o evangelista propheta, não ha cousa que cause dôr ou pena; nem tire da bocca um ai; e são os moradores do mesmo céu como as estrellas fixas do firmamento, onde não chegam fumos dos vapores da terra que as offusquem, gozando todos em summa paz a patria do Summo Bem, que não seria Summo Bem se não excluisse todo o mal por minimo que seja. E por isso só os bens naturaes da mesma patria são puros, sinceros e perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal.

A arvore da vida e a arvore da sciencia do bem e do mal.

Entre todas as plantas do paraiso terreal houve duas arvores mais insignes, e de que só sabemos o nome; que foram a arvore da sciencia e a arvore da vida. Mas a da sciencia continha dous contrarios; a da vida, não: porque a sciencia era do bem e junctamente do mal; e a da vida era da vida sómente, e não da vida e da morte. Pois se ambas eram arvores do paraiso, porque havia n'ellas esta differença? Porque tambem o paraiso, não era absolutamente paraiso, senão paraiso terreal: e por isso uma das suas plantas era parecida ás delicias da terra e outra similhante ás do céu. A parecida ás da terra era a sciencia do bem e do mal; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem; e a similhante ás do céu era de vida sem morte; porque do céu todo o bem é puro e sincero, sem mistura nem companhia de mal. Assim o diz S. João descrevendo a Jerusalem da gloria; e não dá outra razão d'esta differença de cousas, senão serem umas as segundas, que são as do céu, e outras as primeiras, que são ou foram as d'este mundo: *Et mors ultra non erit, neque luctus, neque dolor erit ultra; quia prima abierunt.* *Apoc. 21.*

Qual o ouro da cidade do céu segundo a doutrina de S. João.

Para prova dos bens d'este mundo sempre misturados com os males tomei por testimunha a natureza; e para prova dos bens do céu puros e sem mistura tomemos por testimunha a arte. A arte para purificar o ouro, como elle é o mais precioso metal, applica-lhe tambem o mais efficaz e poderoso elemento, que é o do fogo: *Aurum quod per ignem probatur.* *1 Petr. 1.* Alli o purga e alimpa das fézes, alli o prova e lhe apura a fineza dos quilates; e então se reputa entre nós por ouro purissimo. Mas para que se veja o nosso engano, pónhamos este mesmo ouro no céu. Diz S. João que as ruas da cidade do céu são de ouro limpo: *Platea civitatis aurum mundum.* *Apoc. 21.* E se perguntarmos esta limpeza e pureza do ouro do céu em que consiste? Depois de dizer *Aurum mundum*, accrescenta *tanquam vitrum pellucidum*, que é puro e limpo, porque é diaphano e transparente como vidro. Logo se o ouro então é puro e limpo quando chega a sua fineza a ser diaphana e transparente como vidro; bem se segue

que o nosso ouro crasso, espesso, opaco e que nenhuma cousa tem de diaphano nem transparente, por mais que nos lisonjeie com a sua côr e nós nos enganemos com elle, de nenhum modo é ouro limpo e puro. «Bem sei que o extatico de Patmos falla na sua visão em sentido figurado: mas nem por isso deixa de ter força o meu argumento. Pergunto: se o Espirito Sancto para explicar a preciosidade da mansão dos bemaventurados lança mão da imagem do ouro, porque não se contenta com o ouro natural? Sem duvida porque não lhe achou os quilates necessarios para figurar tanta preciosidade.» De maneira que comparado o ouro da terra, que os reis põem sobre a cabeça, com o ouro do céu, que os bemaventurados trazem debaixo dos pés; todo o da terra está penetrado de fézes e cheio de escoria, posto que nós a não vejamos, e só o do céu é puro e limpo. «E assim» a mesma differença de ouro a ouro nos ensina «a differença de bens a bens; pois» como na terra não póde haver bem que careça da mistura do mal, assim todos os do céu são puros e sem mistura.

Auctoridade de Sancto Agostinho.

Se quereis saber de mim (dizia prégando Sancto Agostinho) o que ha no céu, não vos posso dizer o que ha sem dizer tambem o que não ha: *Ibi erit quidquid voles, et non erit quidquid noles.* No céu ha tudo o que quizerdes, e só não ha o que não quizerdes. Logo parece que o céu é feito pela medida da nossa vontade? Não, a nossa vontade é feita pela medida do céu; e porquê? Porque o objecto da nossa vontade, em quanto quer, é o bem, e em quanto não quer, é o mal, e como tudo o que ha no céu é o bem, e o que não ha no céu, só é o mal; por isso ha no céu tudo o que quizermos, e só não ha o que não quizermos. Se nos bens do mundo houvera esta separação, tambem na terra podéra o homem querer e gozar o bem sem o mal: mas por mais que queira não póde; porque sempre o mal anda não só juncto, senão penetrado e inseparavel do bem. E para que acabemos de conhecer a subtileza com que os mesmos chamados bens nos lisonjeiam e alegram, e com falsas apparencias de gosto disfarçam o mal que sempre levam comsigo, levemol-os nós ao exame do céu; e lá se descobrirá o seu engano.

S. João commentado por Sancto Ambrosio.

Diz o mesmo evangelista S. João (o qual é força que tornemos a ouvir, supposto que S. Paulo, que tambem viu o céu, nos não quiz dizer nada). Diz, pois, o evangelista tão notavel no que diz, como nas palavras com que o diz, que a todos os que d'este mundo passam ao céu lhes enxuga Deus os olhos de toda a lagrima: *Et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum.* E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo genero de lagrimas (como aguda e litteralmente commenta San-

Apoc. 7.

cto Ambrosio); porque n'este mundo não só ha lagrimas de dor e tristeza, senão tambem lagrimas de gosto e de alegria: e assim de umas como de outras enxuga Deus os olhos dos que vão ao céu. As palavras do grande doutor da Egreja são estas: *Absterget Deus omnem lacrimam: nam tristitia saepe lacrimas educit, saepe et laetitia, saepe et gaudium.* Mas que as lagrimas da tristeza e da dôr não tenham logar no céu, bem está: porém as lagrimas da alegria e do gosto, e mais as do grande gosto e as da grande alegria (que só a grande alegria e o grande gosto fazem rebentar dos olhos as lagrimas); porque se não hão de admittir no céu? Porque todas essas lagrimas foram d'este mundo; e lagrimas d'este mundo, ainda que fossem de alegria e grande alegria, nunca podiam ser de pura alegria; e ainda que fossem de gosto e grande gosto, nunca podiam ser de puro gosto; porque no mundo não ha gosto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza; e similhantes misturas de nenhum modo teem logar no céu, onde as alegrias e os gostos, como todos os outros bens são puros e sem mistura de mal. A alegria no céu é sem tristeza, o gosto é sem pezar, o descanço é sem trabalho, a segurança é sem receio, o socego sem sobresalto, a paz sem perturbação, a honra sem aggravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amisade sem cautela, a saude sem infermidade, a vida sem temor da morte; emfim todos os bens puros e sem mistura de mal, e por isso verdadeiros bens. Ó bemaventurados do céu, olhae lá de cima cá para este mundo e tende nova gloria accidental dos bens que gozais, não digo em comparação dos males, se não dos bens que nós padecemos.

Como se logram os bens deste mundo, e como os do céu. Factos de Naboth de Miphiboseth e do pae de familias do Evangelho.

VI. A segunda differença da nossa proposta é que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus; dos bens do céu e no céu logra cada um os seus, e mais os de todos. Disse, quando muito; porque muitas vezes não basta que os bens d'este mundo sejam nossos, para que o mesmo mundo nol-os deixe lograr. Sua era de Naboth a vinha, e não só sua por todos os direitos humanos, mas por distribuição e doação divina; e por mais que elle quiz lograr e defender, bastou que el-rei Acab tivesse appetite de plantar no mesmo sitio, não um bosque ou um jardim, senão uma horta de verduras populares, *hortum olerum*, para que em adulações do mesmo rei lhe fosse tirada por justiça a mesma vinha e mais a vida. Sua era de Miphiboseth a herança de seu pae Saul, em que vivia privadamente, quando tinha direito para aspirar á corôa; e bastou o falso testemunho de um creado infiel, para que accusado falsa-

3 *Reg.* 21.

mente de lesa majestade, lhe fosse confiscada a mesma herança; e ainda depois de conhecida a verdade se lhe não restituisse. Sua era a fazenda do pae de familia do Evangelho, encommendada a um feitor, para que arrecadasse as rendas dos que a cultivavam; e não bastou que constasse por escriptos o que cada um devia, para que o mesmo feitor não roubasse grande parte das mesmas com tal astucia, que nem demandar o pôde o senhor, e em vez de o accusar o louvava. Mas que muito que a cubiça e infidelidade alheia nos não deixe lograr os bens d'este mundo, por mais que sejam nossos, se nós mesmos, sem outro inimigo ou ladrão, bastamos e por nossa vontade para nos despojar d'elles, «satisfazendo ás nossas paixões, que como fogo destroem tudo!»

Qual a razão da differença segundo S. João Chrysostomo.

Dando a razão d'esta differença entre os bens do mundo e os do céu S. João Chrysostomo, diz em uma palavra, que é porque no mundo ha meu e teu, e no ceu não: *Ubi non est meum et tuum, frigidum illud verbum*. Antes parece que porque no mundo ha meu e teu, por isso havia de lograr cada um o seu pacificamente e sem contenda: eu o meu, porque é meu; e vós o vosso, porque é vosso. Mas não é assim. Eu para lograr o meu hei-me de guardar de vós; e vós para lograr o vosso, haveis-vos de guardar de mim. Por isso chama o sancto o meu e teu com elegancia verdadeiramente aurea, palavra fria: *frigidum verbum*. E que frieza ou frialdade é essa do meu e teu? É tal frieza e tal frialdade, que não ha amor no mundo tão ardente por natureza e tão intenso por obrigação que logo não esfrie. Em havendo meu e teu não ha amor de amigo para amigo, nem amor de irmão para irmão, nem amor de filho para pae, nem amor de pae para filho, nem amor de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amor do mesmo Deus para Deus. Antes de haver meu e teu, havia amor porque eu amava-vos a vós e vós a mim: mas tanto que o meu e teu se metteu de per-meio e se atravessou entre nós, logo se acabou o amor; porque vós já me não amais a mim, senão o meu; nem eu vos amo a vós, senão o vosso.

Como os roubos e as leis contra os roubos mostram que os homens n'este mundo não podem lograr o que é seu.

Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos que os homens teem inventado para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardarem as casas inventaram as portas e as fechaduras; mas pela mesma abertura por onde entra a chave deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para signalar os direitos de cada um inventaram os marcos; e para guardar a vinha e o pomar inventaram os vallados, as silvas, as seves, e as paredes de pedra ligada ou solta; mas tudo isto se rompe

e se escala. Para guardar as cidades inventaram os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a polvora: mas não ha cidade tão forte, que por bateria ou por assalto, ou minada por baixo da terra, ou pelo ar, se não expugne e renda. Para guardar os reinos e os imperios inventaram as armadas por mar e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com tanta ordem e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios e machinas bellicas: mas nenhum desses apparatos tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os assirios guardassem o seu imperio dos persas, nem os persas o seu dos gregos, nem os gregos o seu dos romanos, nem os romanos finalmente o seu d'aquelles a quem o tinham tomado; tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventaram e fizeram os homens a esse mesmo fim de conservar cada um o seu. Inventaram e firmaram leis, levantaram tribunaes; constituiram magistrados, deram varas ás chamadas justiças com tanta multidão de ministros maiores e menores; e foi com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladrões, os metteram de portas a dentro; e em vez de os extinguirem, os multiplicaram; e os que furtavam com medo e com rebuço, furtam debaixo de provisões e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penna, a testimunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o beleguim com a chuça, todos foram ordenados para conservarem a cada um no seu, e todos por differentes modos vivem do vosso.

VII. Esta é uma das razões, a qual o divino mestre Christo Senhor nosso, nos allega para que façamos os nossos thesouros dos bens do céu e no céu, e não dos bens do mundo e na terra; porque na terra ha ladrões, no céu não: *Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra, ubi aerugo et tinea demolitur, et ubi fures effodiunt et furantur. Thesaurizate autem vobis thesauros in cœlo, ubi neque ærugo neque tinea demolitur, et ubi fures non effodiunt, nec furantur:* nas quaes palavras se deve notar muito que não só nos aconselha e manda o Senhor que guardemos os nossos bens dos ladrões da cubiça, senão tambem dos ladrões da natureza: *Ubi aerugo et tinea demolitur.* Os bens d'este mundo como são corruptiveis, ainda que não ha ladrão que os furte, elles mesmos se nos roubam; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas; e os metaes, ainda que sejam ouro e prata, rói-os a ferrugem que nasce dos mesmos metaes. Porém os bens do céu que são incorruptiveis, nem d'elles se pode gerar vicio de corrupção que os gaste, nem a lima surda do tempo que tudo consome lhes pode metter o dente;

Por isso o divino Mestre nos exhorta a buscarmos os thesouros do ceu e não os da terra.

Matth. 6.

fóra d'ella vivesse tão perdidamente: porque já estava arrependido d'essa mesma vida. Pois se os herdeiros e os irmãos eram dous, como diz o pae, que tudo era de um irmão, sendo tambem do outro? Porque fallou como Pae do céu e dos bens do céu, onde tudo é de todos e tudo de cada um: *Sed sic a perfectis et immortalibus filiis habentur omnia, ut sint et omnium singula et omnia singulorum:* responde elegante e doutamente o mesmo Sancto Agostinho. N'este mundo, onde os homens são mortaes e os bens tambem mortaes, cada um logra sómente o seu; porém no céu, onde os homens e os bens são immortaes, cada um logra o de todos e todos o de cada um. O peccador arrependido logra a gloria do innocente que nunca peccou, o innocente, logra a do peccador arrependido; e nem o innocente por innocente exclúi o peccador, nem o peccador por peccador desmerece o que logra o innocente: mas todos gozam o de cada um e cada um o de todos, *Omnium singula et omnia singulorum.*

Haverá por ventura na terra algum exemplo que nos declare esta reciproca e total communicação, tão total e toda em todos, como total e toda em cada um? «Ha, como dissemos, na luz do sol, que tanto é para cada um como para todos: mas exemplo ou similhança mais appropriada a temos na luz que do mesmo sol de justiça se nos revela no sacramento da Eucharistia». O divinissimo sacramento é penhor e figura da gloria: *Futurae gloriae pignus datur, quam corporis et sanguinis tui temporalis perceptio praefigurat.* «são palavras e doutrina da Egreja» O penhor, para ser penhor, não é necessario que tenha a similhança, senão o preço e valor do que assegura. Assim vemos que a baixella ou tapeçaria é penhor de tanta quantia, quanta se nos fiou debaixo d'ella: e isto mesmo tem o valor e preço infinito do sacramento em quanto penhor da gloria. Mas para ser figura da gloria, não basta só o valor e o preço senão tambem a similhança: porque sem similhança não póde haver figura. Logo se o Sacramento, em que não vemos a Deus, é figura da gloria que consiste em ver a Deus, onde está esta figura ou esta similhança? Não consiste a figura ou similhança do Sacramento com a gloria no que recebemos, posto que seja o mesmo Deus, mas consiste no modo com que o recebemos: *Temporalis perceptio praefigurat;* e porque? Porque assim como no Sacramento tanto recebe um, como todos, e tanto recebem todos, como cada um: assim na gloria tanto logram todos como cada um; e tanto cada um como todos. Cá na terra, como ha divisão de meu e teu, cada um logra os seus bens; mas não participa os dos outros; porém no céu os proprios e os dos outros tanto são communs de to-

dos, como particulares de cada um; porque lá não tem logar esta divisão.

Desacerto das palavras de S. Pedro no facto da Transfiguração.

D'aqui se intenderá «um dos fundamentos» por que S. Pedro no Thabor foi notado pelos dous evangelistas S. Marcos e S. Lucas com uma censura tão pesada como de não saber o que disse *Nesciens quid diceret*. O que disse Pedro foi que fizessem alli tres tabernaculos um para Christo, outro para Moyses, outro para Elias: e em que esteve o erro ou desacerto digno de tão notavel e declarada censura? «Cornelio a Lapide diz que esteve em um complexo de incongruencias involvidas n'aquelle pedido. E a primeira era julgar que Christo glorioso tinha precisão de tabernaculos e que estes haviam de ser tres; como se o mesmo não podera servir para todos: *Petrus quasi rationis impos dicebat incongrua et quasi delirabat; idque primo quia putabat Christum glorificatum item Moysem et Eliam egere tabernaculis iisque tribus, quasi unum tribus non sufficeret*». Sendo o Thabor não só um retrato da gloria do céu, senão uma participação propria e verdadeira do que nella se goza, «suppoz S. Pedro que podia haver no Thabor necessidade de tabernaculos», e quiz introduzir e estabelecer nella uma cousa tão impropria e alheia da mesma gloria como teu e teu: *Moysi unum et Eliae unum*. Excellentemente S. Paschasio: *Error in causa est, quia tria se promittit facere tabernacula, unum scilicet et privatum Jesu, alterum Moysi et aliud Eliae, quasi non eos caperet unum tabernaculum, seu in uno simul consistere non possent*. S. Pedro como desinteressado não quiz introduzir na gloria o meu e o nosso: porque não disse que faria tabernaculo para si, nem para os companheiros, e até aqui não errou callando. Porem tanto que fallou e disse *Unum tibi*, não parando alli, mas querendo dividir os tabernaculos e fazer outro para Moysés e outro para Elias, como se todos não coubessem no mesmo tabernaculo, ou o mesmo tabernaculo não fosse capaz de todos, aqui e nesta divisão é que esteve o seu erro; porque na gloria do céu que o Thabor representava, o tabernaculo de Moysés é de Elias, e o de Elias é de Moysés, e o de Moysés e Elias é de Christo; e o de Christo é de Moysés e é de Elias e é de Pedro e é de João e é de Diogo, sem excluir a ninguem, mas communicando-se não só universalmente a todos, senão particularmente a cada um.

Corn. a Lap. in Matth. 17

Pasch. l. 8. in Matth.

Replicas a esta ultima parte.

VIII. Contra esta doutrina, porém, posto que tão provada, me parece que estão replicando não só os doutos e indoutos da terra, senão tambem os bemaventurados do mesmo céu. Os doutos porque muitas vezes leram no Evangelho: *Tunc reddet unicuique secundum opera eius. In qua mensura mensi fueri-*

Matth. 26. Marc. 4.

2. Cor. 9.
1. Cor. 3.

tis remetietur vobis: e em S. Paulo: *Qui parce seminat, parce et metet. Unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum laborem.* Os indoutos, porque tambem muitas vezes teem ouvido na interpretação d'estes textos que os premios do céu se hão de distribuir a cada um por justiça; e que a medida lá do gozar ha de ser a mesma que cá foi do servir; e que quem semeia pouco, colherá pouco, e quem muito, muito; e que a paga que ha de receber o trabalhador, ha de ser conforme o seu trabalho. Os bemaventurados finalmente, porque é certo que no céu ha muito differentes gráus de gloria, como foram differentes na terra os da graça: e que assim como cá por fóra vemos que no mesmo céu uma é a claridade do sol, outra a da lua, outra a das estrellas: *Alia claritas solis, alia claritas lunae et alia claritas stellarum: stella enim a stella differt in claritate;* assim lá por dentro ha maiores e menores dignidades, maiores e menores corôas, maiores e menores lumes da vista de Deus; e na mesma bemaventurança maiores e menores participações, ou como diz S. Paulo, pesos d'ella. Pois, se os bemaventurados na gloria e as glorias dos bemaventurados não são eguaes; como pode ser primeiramente que em tanta desegualdade do que possuem, estejam todos egualmente contentes; e que sendo o que cada um possúi proprio de cada um, gozem todos egualmente o de cada um, e cada um egualmente o de todos?

Ibid. 15.

Resposta declarada com varias similhanças.

Para declaração d'este que parece enigma havemos de suppôr que no céu ha vêr e gozar a Deus, em que consiste a gloria essencial, e ha gozar-se da mesma gloria dos que vêem a Deus e o gozam, que são duas cousas muito diversas. Na gloria que consiste em vêr e gozar a Deus, ainda que alguns possam ser eguaes, ha muitos gráus de differença e excesso, segundo o maior ou menor merecimento de cada um. Mas n'esta mesma differença, posto que desegual, todos respectivamente e cada um estão egualmente contentes; porque nenhum quer ou deseja mais do que tem: fundando-se a egualdade do mesmo contentamento na medida da propria capacidade e na proporção da justiça com que se vêem premiados. Cá, onde todos appetecemos ser maiores, não se intende isto; mas facilmente se póde comprehender por varias similhanças. Levae ao mar tres vasos; um grande, outro muito maior, outro muito mais pequeno, e enchei os todos. N'este caso o vaso menor tem menos agua, o grande tem mais e o maior muito mais; e com tudo n'esta mesma desegualdade nenhum admitte, nem pode admittir mais do que tem; porque cada um segundo a sua capacidade está egualmente cheio. Tem um pae tres filhos, um menino, outro moço, outro

já homem feito: vestiu a todos da mesma têla; e qual está mais contente? Por ventura o que levou mais côvados? De nenhum modo. E se não, trocae os vestidos; e vereis se quer algum o do outro. Mas cada um se contenta egualmente do seu; porque é o que lhe vem mais justo e mais proporcionado á sua estatura. O mesmo passa nos bemaventurados do céu. Porque assim como a gloria da vista clara de Deus os enche por dentro, assim os veste por fóra. Nem obsta a capacidade maior ou menor do merecimento, nem a estatura mais ou menos alta da dignidade para alterar ou diminuir a egualdade d'esta satisfação e contentamento de cada um no seu estado. Porque, como bem declara com outra similhança Sancto Agostinho, tambem a cabeça é mais nobre que a mão, e a mão mais nobre que o pé; e nem por isso o pé deseja ser mão, nem a mão deseja ser cabeça, nem a cabeça deseja ser coração; porque assim o pede a natureza «de cada parte,» e a harmonia do todo. E se esta união, conformidade e ordem se acha em um corpo natural e corruptivel; qual será a do corpo celestial d'aquella soberana e sobrenatural republica, onde a vontade do mesmo Deus que o beatifica, é a alma que o informa?

De civ. Dei lib. 22. c. 30.

A bemaventurança da gloria e a da alegria.

E quanto á segunda parte da objecção em que parece difficultoso gozar-se cada um das glorias de todos e gozarem-se todos da gloria de cada um; assim como satisfizemos á primeira difficuldade com a proporção da justiça, assim respondo á segunda com a intensão da caridade. O ceu é uma republica immensa; mas onde todos se amam; e está lá a caridade tanto no auge de sua perfeição, que todos e cada um amam tanto a qualquer outro como a si mesmo. D'onde se segue que ainda que os gráus de gloria sejam deseguaes, segundo o merecimento de cada um, a alegria e o gosto d'essa mesma gloria ou glorias é egual em todos; porque todos as estimam como proprias e cada um como sua. Expressamente S. Lourenço Justiniano: *Tanta vis in illa coelesti patria nos sociat, ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet. Una cunctis erit beatitudo laetitiae, quamvis non una sit omnibus sublimitas vitae.* Note-se muito a palavra *beatitudo laetitiae* em que o sancto distingue na mesma bemaventurança duas bemaventuranças, uma da gloria, outra da alegria: a da gloria é particular e determinada; porque consiste na vista de Deus, que se mede com o merecimento e graça d'esta vida; porém a da alegria não tem termo nem limite, porque é immensa, e sem medida, segundo a extensão da caridade, a qual comprehendendo e abraçando a todos, se alegra e goza da gloria de todos e cada um, como se fôra propria. E este *como se fôra propria*

Laur. Justin. de long. vitae c. 7.

não quer dizer que não tem, nem possúi cada um a gloria dos outros; porque verdadeiramente a tem e possúi, diz o sancto, não em si, mas nos que ama, como a si mesmo; *Ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet.* Esta mesma razão é de Sancto Agostinho, de S. Boaventura, de Sancto Anselmo e de todos.

A caridade de S. Paulo explica a dos bemaventurados.

E para que o uso, ou abuso, da pouca caridade d'este mundo nos não escureça a intelligencia d'esta verdade, com dous exemplos d'este mesmo mundo a quero declarar, um singular em S. Paulo, outro universal em todos os homens. Era tão immensa a caridade de S. Paulo, que elle padecia os males de todos os homens, e nenhum mal temporal ou espiritual succedia n'este mundo que não accrescentasse nova e particular materia ao fogo em que ardia o seu coração: *Quis infirmatur, et ego non infirmor? Quis scandalizatur, et ego non uror?* Assim como todo o peso da redondeza da terra pesa e carrega para o centro, assim todas as infermidades, «de que o apostolo tinha noticia», todas as dôres, todas as penas, todos os trabalhos, todas as afflicções é tribulações, miserias, pobrezas, tristezas, angustias, infortunios, desgraças; emfim todos os males do genero humano carregavam de toda a parte sobre o coração de Paulo adoecendo elle de todos e com todos: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Ardia no coração de Paulo o fogo da caridade tão forte e intensamente, que todos os escandalos e culpas que de novo se commettiam não só o atormentavam de qualquer modo, mas verdadeiramente o abrazavam e queimavam: *Quis scandalizatur et ego non uror?* E se a caridade de Paulo o fazia padecer os males de todos, sendo mais natural á natureza humana gozar-se dos bens que padecer os males; quem duvida que a caridade de qualquer bemaventurado, a qual no céu é mais perfeita que a dos maiores sanctos na terra excite, affeiçoe e obrigue naturalmente, e sem milagre, a cada um a que se alegre e goze dos bens de todos?

2. Cor. 11.

Explicação tirada do amor paterno.

E senão (para que cada um se persuada pelo que experimenta em si mesmo), pergunto a todos os que sois paes e mães: Não é certo que os paes e as mães tanto amam e estimam os bens de seus filhos, como os proprios? Até as féras, se se lhes fizer esta pergunta, responderão que sim. E eu accrescento que não será verdadeiro pae, nem verdadeira mãe, o que não estimar menos os seus bens que os de seus filhos. Por isso os cortezãos de Jerusalem, quando David renunciou a corôa em seu filho Salomão, a lisonja com que beijaram a mão ao mesmo David foi dizendo todos a uma voz e com o mesmo conceito, que Deus fizesse o throno e reino do filho maior e mais feliz

ainda que o do pae. E por isso a mãe de Nero, tendo ouvido de um oraculo que se chegasse a ser imperador seu filho, a havia de matar, respondeu; *Occidat, dummodo imperet:* mate-me embora, com tanto que seja imperador. Assim estimou mais a mãe a honra e imperio do filho que a vida propria. E se a estes extremos se extende o amor natural da terra, que será o sobrenatural do céu? É tão grande, ou por fallar mais propriamente, é tão perfeito, tão puro e tão sobrehumano o amor com que todos os bemaventurados reciprocamente se amam, que se o amor de todos os paes e mães, quantos houve desde o principio do mundo e haverá até o fim, se unisse em um só amor, comparado esse com o amor do menor bemaventurado do céu, não só o não egualaria, mas nem pareceria amor. Vêde agora, conclúi S. Boaventura, que immensa será a gloria dos que assim se amam, sendo elles infinitos, e a gloria de cada um as glorias de todos!

Commento da primeira palavra do primeiro psalmo de David.

Oh bemaventurados vós, e bemaventuradas, não digo a vossa, senão as vossas bemaventuranças. Lá está gozando esta verdade quem a disse na primeira palavra que escreveu. A primeira palavra do primeiro psalmo de David é *Beatus vir:* Bemaventurado o homem. E qual é a bemaventurança que o faz e lhe dá o nome de bemaventurado? Não é uma, nem são muitas, senão todas as bemaventuranças de todos os bemaventurados. Porque todas as bemaventuranças de todos concorrem a fazer bemaventurado a cada um. Assim o declara o mesmo texto original hebraico em que David escreveu; o qual tem em logar de *Beatus vir. Beatitudines viri.* E se cada um pela sua gloria particular é perfeitissimamente bemaventurado e glorioso, que será pelas suas glorias e bemaventuranças de todos? Pela sua gloria bemaventurado cada um, pelo que elle mereceu; e pelas glorias de todos sobrebemaventurado tambem, pelo que elles mereceram. Excesso verdadeiramente de communicação de bens, que podera parecer injusto se a gloria não fôra premio da graça. De vós pois, e de todos vós, ó felicissimos habitadores da côrte celestial, se pode dizer com verdade que não só gozais o que vós merecestes, mas o que os outros mereceram que estão comvosco: «porque gozais o vosso nas vossas pessoas e gozais o dos outros nas pessoas d'elles, segundo a lei da caridade perfeitissima que vos une entre vós para serdes com Christo e com toda a Trindade uma cousa só na mesma bemaventurança. *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus:* foi a promessa que vos fez o mesmo Christo. Eis aqui, Christãos, largamente provado que os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céu são puros

Joan. 17.

e sem mistura; e que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus, e dos bens do céu logra cada um os seus e mais os dos outros.»

O caso que muitos christãos fazem dos bens deste mundo e o que fizeram muitos gentios.

IX. Acabo com fazer a todos os que me ouviram uma só pergunta: Christãos, credes isto que ouvistes ou não? «Se o não crêdes, como vos chamais christãos? Se o crêdes, como fazeis tamanha conta dos falsos bens d'este mundo, e tão pouca dos bens verdadeiros do céu?» O gentio não sabe que a alma é immortal, nem crê que ha outra vida. E comtudo se lerdes os livros dos gentios, «achareis muitissimos» que só com o lume da razão e experiencia do que vêem os olhos, condemnam o amor ou a cubiça dos chamados bens d'este mundo e louvam o desprezo d'elles. Gentio houve que reduzindo a dinheiro um grande patrimonio que possuia o lançou no mar dizendo: Melhor é que eu te afogue, do que tu me percas. Deixo os risos de Diogenes, que mettido na sua cuba zombava dos Alexandres e suas riquezas. Deixo a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epictétos; e só me admira e deve envergonhar «a muitos christãos que o mesmo Epicuro tivesse» este conhecimento, sendo elle e a sua seita a que mais professava as delicias. *Gaudebis minus? minus dolebis*: dizia o comico gentio e fallando com gentios, «ainda que epicurios:» Se tiveres menos gostos, tambem terás menos dores. E porque na mistura dos falsos e enganosos bens dividiam o bem do mal e contrapesavam o que tinham de gosto com o que causavam de dôr; antes queriam não padecer a parte do verdadeiro mal, que gozar a do falso bem. Não seria louco o que pela doçura da bebida tragasse junctamente o veneno? Esta pois era a razão e a evidencia com que sem fé nem conhecimento da outra vida se desenganavam os gentios, e uns pelo peso se descarregavam dos falsos bens, outros pelo desprezo os mettiam debaixo dos pés.

Os taes christãos não mostram nem fé nem intendimento. Remedio e conclusão.

E se assim os tractava o gentio; que não temia d'elles que o levassem ao inferno, nem lhe impedissem o céu; que deve resolver e fazer o christão que não só conhece nos bens do mundo a vaidade do presente, senão tambem, e muito mais, o perigo do futuro? Será bem que por um instante de gosto me arrisque eu a uma eternidade de pena, e por uma apprehensão de bem misturado com tantos males, perca a gloria da vista de Deus e o gozar não só a minha bemaventurança, senão a de todos os bemaventurados? Ó fé, ó intendimento onde estás? Mas o certo é que nem intendimento temos, pois não fazemos o que fizeram tantos gentios; nem fé, senão morta e sem acção vital, pois ella nos não move a viver como christãos. Se o queremos ser e emendar o deslumbramento d'esta tão enorme cegueira eu não

vejo outro remedio que nos abra os olhos, senão tornar pelos mesmos passos d'estes nossos dous discursos aos dous montes d'onde elles sairam. Oh que duas estações tão proprias de um tempo tão sancto como o da quaresma! Uma ao monte da tentação, outra ao monte da transfiguração: uma ao monte onde o demonio mostrou a Christo as glorias do mundo; outra, onde Christo mostrou aos apostolos a gloria do céu. Olhae e notae bem quanto vai de monte a monte: vêde e considerae bem quanto vai de glorias a gloria. N'aquelle monte estão os males sobredourados com nomes de bens; n'este estão os bens sem sombra nem apparencia de mal. Alli está o falso, aqui o verdadeiro: alli o duvidoso, aqui o certo: alli o momentaneo, aqui o eterno: alli o que vai parar no fogo do inferno, aqui o que nos leva a ser bemaventurados no céu. Vêde, vêde e considerae bem o que deveis escolher; porque qual fôr a vossa eleição n'esta vida, tal será a vossa remuneração na outra, ou padecendo sem fim todas as maldições com o demonio, ou gozando na eternidade todas as felicidades com Christo.

(Ed. ant. tom. 5.°, pag. 431, ed. mod. tom. 7.°, pag. 290.)

II. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA **

PRÉGADO EM LISBOA NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **No assumpto e na argumentação este discurso é mais original que o precedente—; e a sua bella conclusão merece particular estudo.**

Resplenduit facies eius sicut sol : vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.

S. MATTH. 17.

Doutrina de David acerca da gloria do céu segundo o commento de Theodoro Heracleóta.

Entre os extraordinarios favores que Deus fez a David, como homem tanto do seu coração, um d'elles foi, e por ventura o maior, arrebatal-o um dia e leval-o em espirito ao céu, onde correndo as cortinas ao throno da Majestade Divina e a todo o theatro da gloria, lhe mostrou a que elle havia de gozar depois, quando o Filho de Deus e Filho do mesmo David a comprasse com seu sangue. Vendo, pois, David a gloria dos bemaventurados, que havia de ser tambem sua, que conceito vos parece que faria da gloria? Elle mesmo o disse, e foi admiravel: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax*. N'aquelle extasi em que fui arrebatado e levado ao céu, o que fiz depois de vêr o que vi, foi dizer e exclamar que todo o homem mente. Notavel consequencia, e com admiravel discurso! Como se dissera: É possivel que esta é a bemaventurança do céu? É possivel que isto é o que lá no mundo chamamos gloria? Ora o certo é, que nenhum homem ha, que fallando da gloria, não diga uma cousa por outra: nenhum homem ha que fallando da gloria diga o que ella é, senão o que não é: emfim que fallando da gloria todo o homem mente: *Omnis homo mendax*. Este foi o conceito que fez David quando foi arrebatado ao céu, e nem eu tinha habilidade para dar em tão alto pensamento, nem tivera confiança para sair com elle a publico, se o não dissera primeiro, commentando as

mesmas palavras, Theodoro Heracleóta, insigne entre os padres gregos, que floreceu ha mil e trezentos annos, bispo de Heracléa na Thracia, como d'elle escreve S. Jeronymo no catalogo dos escriptores ecclesiasticos. Exclamou David no seu extasi, diz o grande Heracleóta, e não duvidou dizer que todo o homem mente; porque todo o homem que quer explicar com palavras as cousas que são ineffaveis, e não tem termos com que se declarar, necessariamente ha de mentir, não porque seja inimigo da verdade, mas porque a não póde dizer como ella é. «Tal é o commento do grande Bispo de Heracléa.»

As duas especies de mentira segundo S. Thomas. De uma nem os escriptores inspirados se podem livrar quando fallam da gloria.

A mentira, diz Sancto Thomás, divide-se em duas especies uma por excesso e outra por defeito: a mentira por excesso é a que excede a verdade, porque diz mais; e a mentira por defeito, é a que falta á verdade, porque diz menos. Funda-se esta divisão (a qual é adequada) na opposição que a mentira tem com a verdade: porque a inteireza da verdade consiste em dizer o que é, assim como é: e assim como dizer mais do que é, é mentira por excesso; assim dizer menos do que é, é mentira por defeito. E d'esta segunda especie de mentira, que é natural e não moral, «nenhum homem, nem sequer» os prophetas, nem os evangelistas se podem livrar, quando fallam da gloria; não porque não queiram dizer a verdade e a não digam do modo que podem; mas porque as verdades da gloria são tão altas, tão sublimes, e tão superiores a toda a capacidade e linguagem humana, que por mais que digam o que é, sempre dizem muito menos. «E se não, consideremos o que «estes mesmos» nos deixaram escripto da gloria nos livros sagrados; e veremos á luz da fé e da razão esta verdade: que, sendo um bem tão grande o que dizem, o que não dizem, mas deixam arguir, é immensamente maior.»

Mostra-se no evangelho do dia a gloria de Christo descripta com as similhanças do sol e da neve.

II. Comecemos pelos evangelistas e seja S. Mattheus o primeiro no mesmo evangelho de hoje. Conta S. Mattheus a famosissima historia da transfiguração de Christo Senhor nosso no monte Thabor, aonde levou comsigo os tres mais avantajados e mais familiares discipulos e se lhes manifestou glorioso. E que é o que refere d'esta gloria o evangelista? Diz que o rosto do Senhor ficára resplandecente como o sol e as suas vestiduras alvas como a neve: *Resplenduit facies eius sicut sol: vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.* As causas porque Christo Senhor nosso se transfigurou com tantas circumstancias de resplandor, grandeza e majestade, descendo do céu o Padre, subindo do seio de Abrahão Moysés, vindo Elias do logar aonde foi arrebatado, e assistindo a tudo os tres maiores apostolos, como notam com Sancto Agostinho os Padres e com Sancto Tho-

más os Theologos, foram duas: a primeira para nos dar algumas mostras na terra da gloria que havemos de gozar no céu; a segunda, para que a verdade da mesma gloria ficasse provada e estabelecida com o testimunho universal de todas as tres leis—a da natureza em Moysés, a escripta em Elias, e a da graça nos apostolos—, e sobre tudo com a voz infallivel do mesmo Deus que de todos foi ouvida. «De sorte que» no mysterio e testimunho da transfiguração de Christo não só se contem a gloria dos bemaventurados em si mesma, senão tambem a verdade da mesma gloria para comnosco; e esta verdade e esta gloria «está expressa nas palavras *Resplenduit facies eius sicut sol, vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.*» Comtudo S. João Chrysostomo, descrevendo o resplandor que terão no céu os corpos gloriosos, diz que farão tanta vantagem á luz do sol, quanta faz a luz do sol a uma candeia. E se a luz de qualquer corpo glorioso não só é tão superior á do sol, senão totalmente diversa e d'outra especie; sendo o resplandor do corpo de Christo glorioso quasi infinitamente maior que o de todos os bemaventurados; como diz o Evangelista que era como o sol? Sancta Thereza, a quem Christo repartidamente mostrou as mesmas galas do Thabor, diz que aquelle resplandor e brancura são differentes de tudo o que cá se vê e a que se sabe o nome, que a neve lhe parecia preta, e o sol escuro e indigno de se pôrem n'elle os olhos. Os mesmos tres apostolos experimentaram bem no mesmo caso esta grande differença, porque com a vista do Senhor transfigurado ficaram tão assombrados e attonitos que estavam fóra de si, como notou S. Marcos: *Non enim sciebat quid diceret; erant enim timore exterriti.* Logo se em homens costumados a vêr o sol e a neve causou aquella vista tão estupendos effeitos, muito differentes eram do sol e da neve o resplandor e brancura que viam. Finalmente S. João Damasceno, Sancto Epiphanio, S. Gregorio Nazianzeno, Sancto Agostinho e outros padres dizem que aquelle resplandor e aquella brancura, não só emanou do corpo glorioso, nem só da alma sempre bemaventurada de Christo, senão da mesma divindade do Verbo, unida hypostaticamente a uma e outra parte da humanidade sagrada; da qual divindade como de fonte e principio principal se diffundiam no rosto e nas vestiduras do Senhor aquelles admiraveis effeitos, em prova manifesta e quasi sensivel de que o homem que viam era junctamente Deus, como logo apregoou a voz do Padre: *Hic est Filius meus dilectus.* O Verbo divino chama-se nas Escripturas resplandor da gloria e figura da substancia do Padre: *Splendor gloriae et figura substantiae eius*; e tambem se chama candor e

Marc. 9.

Hebr. 1.

brancura da luz eterna: *Candor est enim lucis aeternae;* e d'este resplandor divino é qne manou o resplandor do rosto, e d'este candor tambem divino a brancura das vestiduras na transfiguração de Christo.

Quão longe da verdade estão estas similhanças.

Pois se a comparação do sol e da neve applicada a qualquer corpo bemaventurado e glorioso mais é injuria que similhança: se o resplandor e brancura do rosto e vestiduras de Christo excediam com infinitas vantagens a formosura e galas de toda a côrte do Empyreo; e se estes dous reflexos da majestade, ou estas duas amostras da gloria no Senhor d'ella, mais tinham de divinas que de sobrenaturaes, e no candor e na luz eram raios expressos da divindade; como diz o evangelista que o resplandor do rosto era como o do sol: *Resplenduit facies eius sicut sol;* e a brancura das roupas como a da neve: *Vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix?* Aqui vereis com quanta verdade disse David que nas materias da gloria *Omnis homo mendax.* A verdade dos evangelistas em todas as outras materias é tão adequada como infallivel. Mas quando chegam a fallar da gloria, não por defeito do historiador, mas por excesso da mesma gloria, são tão imperfeitas as côres com que a pintam, e tão deseguaes as similhanças com que a descrevem, que não dizem o que é, como é, «senão immensamente menos.» Declaram o muito pelo pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamam similhante por uma sombra levissima de similhança. «Assim fallou o evangelista S. Mattheus no evangelho de hoje. Ora vejamos o que diz S. João, junctamente evangelista e propheta.

S. João annuncia a gloria como evangelista (Evangelho c. 1.); e a descreve como propheta (Apocalypse c. 21 e 22). Forma exterior da cidade de Deus.

III. Elle como evangelista não tenta a descripção da gloria de Christo: só a deixa inferir da qualidade de Filho unigenito do Pae celestial: *Et vidimus gloriam quasi Unigeniti a Patre.* Mas quem é que póde sondar este abysmo? *Generationem eius quis enarrabit?* Comtudo bem a descreve e muito de proposito, como propheta, no capitulo vinte e um e vinte e dous do seu Apocalypse. E que é o que n'elle diz?» Diz que viu descer do céu a cidade triumphante da gloria, ornada como a Esposa no dia das vodas: diz que «esta cidade» a alumiava a claridade de Deus e que esta claridade era similhante a uma pedra preciosa, e esta pedra preciosa similhante a jaspe, e este jaspe similhante a crystal. Diz que «seus» muros altissimos e fortissimos eram edificados em quadro e todos d'este mesmo jaspe. «Diz» que um anjo os mediu com uma canna de ouro e achou que tinham por cada lado dous mil estádios de cumprimento, que fazem das nossas leguas quatrocentas e quarenta e quatro, para que até o numero seja quadrado, em tudo significador de

firmeza. «Diz» que nos quatro lanços do muro havia doze portas, as quaes nunca se fechavam, porque n'aquella região não ha noite. Que d'estas doze portas tres olhavam para o oriente tres para o occidente, tres para o septentrião e tres para o meio dia, em signal de que para todas as partes do mundo, para todas as nações e estados d'elle sem excluir a ninguem está o céu patente. «Diz que» as portas todas eram da mesma architectura e todas da mesma grandeza proporcionada á altura e á magnificencia dos muros e cada uma d'ellas aberta em uma perola. Se no antigo Pantheon, que era o templo de todos os deuses, se mostra ainda hoje por maravilha a porta d'elle aberta em uma só peça de marmore, quão admiraveis seriam aquellas portas muito maiores que o mesmo templo, abertas em uma só perola? «Diz mais S. João que» a estas doze portas respondiam outros tantos fundamentos, sobre os quaes assentava toda a cidade e cada um era lavrado, não da mesma, senão de varias pedras, e tão preciosas como varias: o primeiro fundamento era de diamante, o segundo de saphira, o terceiro de carbunculo, o quarto de esmeralda, o quinto de rubi, o sexto de sardio, o septimo de chrysólitho, o oitavo de beryllo, o nono de topazio, o decimo de chrysopraso, o undecimo de jacintho, o duodecimo de amethysto. E segundo o numero e ordem d'estes doze fundamentos estavam esculpidos e gravados n'elles os mesmos doze apostolos: porque só fundada na fé e doutrina dos apostolos pode estar segura a esperança de entrar na gloria. E toda esta grandeza não era outra cousa que a fórma exterior da nova cidade de Jerusalem, «que S. João viu descer do céu: *Vidi civitatem Jerusalem novam descendenten de coelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo.*»

O interno da mesma cidade.

Mas se tão sumptuoso e magnifico era o exterior da cidade, qual vos parece que seria e será o seu interior? Toda a cidade em toda a sua grandeza, todos seus edificios e palacios (que todos são palacios reaes), todas suas ruas e praças diz o «mesmo propheta» e evangelista que eram de ouro puro e solido, mas não ouro espesso, como o nosso; senão diaphano e transparente, como vidro. De sorte que a cidade da gloria no pavimento, nas paredes e no interior dos aposentos toda é um espelho de ouro; porque todos perpetuamente se vêem a si mesmos, todos vèem a todos, e todos vêem tudo. Nada se esconde alli; porque lá não ha vicio: nada se encobre; porque tudo é para vêr: nada se recata ou difficulta; porque tudo agrada: e porque tudo é amor, tudo se communica. Ainda tem uma outra excellencia aquella bemaventurada cidade, a qual se lhe faltara não fôra da gloria. Vindo a Roma nos tempos da sua

maior opulencia e grandeza um embaixador de Pyrrho rei dos epirótas, não fazia fim de admirar o que o poder e a arte tinha juncto n'aquelle emporio de riquezas e delicias. E perguntado pelos romanos se achava algum defeito na sua cidade? Sim, acho, respondeu o embaixador. E qual é? Que tambem em Roma se morre. Não assim, diz S. João, n'esta riquissima cidade que vos tenho descripto: *Mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Não ha lá morte, nem luctos, nem dôr, nem queixa: porque do throno do supremo rei sái um rio de crystal, que rega toda a cidade, cujas margens estão cubertas de arvores e as arvores carregadas de fructos e os fructos melhores que os da arvore da vida, que não só fazem os homens immortaes senão eternos: *Fluvium aquae vivae, splendidum tanquam crystallum, procedentem de sede Dei et Agni. In medio plateae eius et ex utraque parte fluminis lignum vitae.*

Como se deve intender a descripção de S. João negativa e positivamente. A gloria do céu nunca se viu.

Esta é, senhores, a cidade da gloria descripta por S. João «como a viu extatico em Pathmos:» e basta que fosse assim como se descreve, para ser merecedora das nossas saudades, e que fizessemos mais do que fazemos por ir viver n'ella. Mas é necessario intender com distincção isto mesmo que está dicto. Em dizer S. João que n'aquella bemaventurada patria não ha morte, nem dôr, nem tristeza, nem queixa, nem algum dos outros accidentes que tão molesta fazem a vida d'este valle de lagrimas, é verdade, intendida assim como sôa, em que não póde haver duvida. Porém isto não é dizer o que ha no céu, senão o que não ha: não ha morte, não ha dôres, não ha trabalhos. O demais que pertence á magnificencia e riqueza da mesma cidade; o ouro, as perolas, os diamantes, e todo o outro apparato e preço da pedraria de que são edificados os muros, e quanto elles abraçam e cercam, é o de que só se duvida; e com razão. Alguns doutores teem por provavel que tudo isto haja no céu: os demais o negam absolutamente, e para mim com evidencia. Os vossos mesmos olhos e os vossos mesmos pensamentos me hão de fazer a prova. Pergunto: Vistes já ouro, vistes já perolas, vistes já diamantes, e todas as outras pedras de preço, de que S. João fabrica a cidade da gloria? Sim. Logo é certo e evidente que a cidade da gloria não é edificada d'esse ouro nem d'essas perolas. Porque? Porque S. Paulo que foi ao céu e viu o que lá ha, diz que o que Deus tem apparelhado na bemaventurança para os seus escolhidos, são tudo cousas que nunca os olhos viram: *Oculus non vidit quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum.* Logo pelo mesmo caso que nós vemos esse ouro e essas pedras, segue-se com evidencia que não são esses os

1. Cor. 2.

materiaes de que é fabricada a cidade ou côrte da gloria.

Nem se pode imaginar.

Dirá alguem que ainda que vemos ouro e pedras preciosas, não vimos nunca cidade alguma, nem ainda uma só casa fabricada d'esse ouro e d'essas pedras; e a cidade que descreve S. João, não só é cidade de qualquer modo, senão uma cidade de mais de quatrocentas leguas em quadra. Boa solução ou instancia. Mas eu torno a perguntar: E imaginando vós com o pensamento, podeis conceber e fabricar n'elle uma cidade tão grande como esta, edificada toda de ouro, de diamantes e perolas? Não ha duvida que sem sermos grandes architectos, a podemos imaginar e idear assim; e ainda mais a gosto de cada um. Logo a cidade da gloria não é como a descreve S. João; porque o mesmo S. Paulo diz que, o que Deus lá nos tem apparelhado, não só não o viram jámais olhos, mas que nem o póde conceber o pensamento, nem entrar na imaginação humana: *Oculus non vidit, nec in cor hominis ascendit.* Pois se isto é assim com verdade infallivel e irrefragavel; como nos pinta o evangelista S. João e nos descreve a cidade do céu feita toda de ouro e pedras preciosas?

S. João fez como o discipulo de Zeuxis.

Explicarei este desenho do discipulo amado de Christo com o que aconteceu a um discipulo de Zeuxis, famosissimo pintor da antiguidade. Disse-lhe o mestre que por obra de examinação lhe pintasse uma imagem da deusa «mais bella» com todos os primores da formosura, a que podesse chegar a sua arte. Fel-o assim o discipulo, e com estudo e applicação de muitos dias e desvello de muitas noites apresentou o quadro ao mestre. Via-se n'elle a deusa toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas á natureza, que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de «seu filho», cercado de uma rosa de jacinthos com os ais da mesma flôr servindo de raios, as alpargatas semeadas de todo o genero de pedrarias, as roupas recamadas de ouro, e tomadas airosamente em um cintilho de saphiras. Esta era a fórma do quadro, e n'elle todo o ingenho e a arte do discipulo. Estava esperando a approvação do mestre. Mas que vos parece que lhe diria Zeuxis? *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram:* fizeste-a rica, porque a não podeste fazer formosa. O mesmo digo eu ao ouro, ás perolas, e ás pedras preciosas com que S. João nos descreve a cidade da gloria. Evangelista «e propheta» sagrado, riquissima está a cidade que nos pintastes: mas fizestel-a rica, porque a não podestes fazer formosa. A formosura que espera ver a nossa fé

no céu, não é como esta, em que só se póde enlevar a cubiça da terra. Bem o advertistes vós, aguia divina, quando tomastes por salva que a cidade que descrevieis era descida do céu á terra: *Civitatem Jerusalem descendentem de coelo.* O ouro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra. E como póde o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da belleza sobrenatural e formosura inextimavel da gloria? É verdade que S. João na idéa que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descripção que fez, disse quanto se podia dizer. Mas como as cousas da gloria são tão diversas de tudo o que se vê e tão levantadas sobre tudo o que se imagina, por mais e mais que se diga d'ellas, sempre se diz menos.

O que disseram da gloria os prophetas do antigo testamento. Descreve-a Isaias e juntamente no cap. 64 avisa que nunca se ouviu o que Deus tem preparado na gloria.

IV. Passemos aos prophetas «do antigo testamento» Isaias, que n'este poncto é singular entre os demais, porque viu a Deus no throno da gloria, diz: *A saeculo non audierunt neque auribus perceperunt, quae praeparasti expectantibus te*; quer dizer que as cousas que nos esperam e Deus nos tem preparado na gloria, são tão altas, tão sublimes e tão superiores a tudo o de que n'este mundo se tem noticia, que nunca jámais chegaram aos ouvidos dos homens. Que sejam as cousas da gloria maiores que tudo o que viram os olhos e tudo o que pode inventar a imaginação, já o mostrámos: mas que sejam tambem maiores que tudo o que ouviram os ouvidos, é cousa para mim muito difficultosa. Que ha ou póde haver que não tenham ouvido os ouvidos? Ouviram tudo o que escreveram os historiadores, ouviram tudo o que fingiram os poetas, ouviram tudo o que especularam os philosophos, ouviram tudo o que publicou, accrescentou e exaggerou a fama, ouviram tudo o que debaixo do mais sagrado secreto descobriu e não calou o silencio. Mas não está aquí a difficuldade. Pois em que está? Está em que os ouvidos teem ouvido tudo o que disseram os prophetas, e tudo o que está escripto e dicto nas Escripturas sagradas. Argumento agora assim. É certo que os prophetas e os outros escriptores sagrados fallam muitas vezes na gloria e no que Deus tem promettido e apparelhado no céu para bemaventurança e premio dos que o servem n'esta vida. Tambem é certo que tudo o que nos prophetas e nos outros livros sagrados se diz e n'elles está escripto, nós o lemos e ouvimos. Logo se as Escripturas sagradas dizem o que Deus nos tem apparelhado na gloria, e nós ouvimos tudo o que dizem essas mesmas Escripturas; como diz Isaias que ninguem ouviu o que Deus nos tem apparelhado na gloria: *A saeculo non audierunt quae praeparasti expectantibus te?*

O que d'aqui se conclúi.

A solução d'este fortissimo argumento é a mais evidente

prova de tudo o que imos dizendo. Os prophetas e as outras Escripturas fallam da gloria: nós ouvimos tudo o que dizem os prophetas e as Escripturas, e comtudo não ouvimos nada da gloria; porque por mais que os prophetas e as Escripturas digam da gloria, nunca chegam a dizer o que ella é. Mais ainda. Se ninguem ouviu o que é a gloria, segue-se que nem os prophetas que fallaram d'ella o ouviram. Maravilhosa consequencia, mas verdadeira! E assim é. Ouviram os prophetas aos outros prophetas, e ouvia-se cada um a si mesmo: mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindo-se cada um a si, ouviam o que é a gloria: porque por mais levantado que seja o espirito dos prophetas, por mais sublime que seja o seu estylo e por mais que sobrehumana a sua eloquencia, em chegando a fallar do gloria, «hão de dizer sempre infinitamente menos do que é.» Dizem figuras, dizem comparações, dizem similhanças: mas todas essas comparações são tão deseguaes, todas essas similhanças tão differentes, todas essas figuras tão pouco parecidas, que nas comparações fica a gloria totalmente abatida, nas similhanças desluzida e nas figuras desfigurada. E senão vejamos, ou ouçamos o que os mesmos prophetas teem dito.

Prova-se com a inducção. Todas as figuras da gloria que se acham nas Escripturas são imperfeitas.

Quer Isaias que comecemos desde o principio do mundo: *A saeculo non audierunt*. Seja assim. E quaes foram desde o principio do mundo as figuras com que Moyses e os outros prophetas nos representaram a gloria? A primeira foi o paraiso terreal, depois o tabernaculo e a arca do testamento, o manná, a terra de promissão, a cidade de Jerusalem, o templo de Salomão. Mas que similhança teem estas cousas, por mais que fossem os milagres da natureza e da arte, com a gloria do céu? No paraiso terreal entrou a serpente e o peccado; e a primeira prerogativa da gloria é a segurança da graça, em que todos os que lá vivem são confirmados. No tabernaculo de Moysés, andou a arca do testamento com os filhos de Israel peregrinando pelo deserto; no céu está Deus e os bemaventurados de assento, como na propria patria. O manná, posto que tinha todos os sabores, não durava de um dia para o outro; porque se corrompia: e a gloria não só é perpetua e incurrruptivel em si, mas aos mesmos nossos corpos de carne faz incorruptiveis e immortaes. Da terra de promissão se dizia por encarecimento que manava leite e mel. Mas que comparação tem o leite com «as delicias» do céu e o mel com as doçuras da gloria? A cidade de Jerusalem quer dizer visão de paz: e quantas vezes se viu a mesma Jerusalem combatida, sitiada e destruida com guerras? Só no céu é a paz segura sem temor; porque dentro não pode haver desunião, e de fóra não chegam lá inimigos. No

templo de Salomão estava coberto com um véu o Sancta-Sanctorum, donde Deus occulto e invisivel fallava por oraculos, e onde só podia entrar o summo sacerdote uma vez no anno: mas na gloria sem véu nem cortina se deixa Deus vêr e gozar manifesto a todos; e não em um só dia ou anno (que fôra assaz) senão por toda aquella eternidade, inteira sem divisão, e continuada sem limite, em que não ha annos nem dias.

E taes são as similhanças. Ps. 35.

Que mais dizem os prophetas? Dizem que o céu é um rio de delicias que sempre corre: *Torrente voluptatis tuae potabis eos*. Mas se todo o mar oceano comparado com a immensidade das delicias celestiaes é estreito, que será um rio? E se as delicias são permanentes e eternas e não diversas, senão sempre as mesmas, como podem ser correntes? Dizem que o céu é um perpetuo convite de exquisitos e soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, pinguium medullatorum*. Mas os convites começam com fome, continuam com gosto e acabam com fastio. A gloria, pelo contrario, é uma perpetua satisfação do desejo e um perpetuo desejo da mesma satisfação; em que não ha fome, porque a fome molesta; nem fastio, porque o fastio cança; nem o gosto acaba jámais, porque não tem fim. Dizem que é um reino em que todos os que n'elle entram recebem a coroa da mão de Deus: *Accipient regnum decoris et diadema speciei de manu Domini*. Mas o reino compõi-se de rei e vassallos, e na gloria não ha subditos: só são sujeitos a Deus por vontade os que reinam com elle; e essa mesma sujeição amorosa é o sceptro da liberdade e a coroa do alvedrio. Dizem que é um dia de vodas com vinculo indissoluvel: *Sponsabo te mihi in sempiternum*. Mas que amor ou que gosto ha nas vodas, que em poucos dias não enfraqueça ou se mude? Cresce com a esperança, satisfaz-se com a novidade, e diminúi com a posse. Na gloria não é assim: porque o bem infinito sempre é novo; e onde a novidade não envelhece, o amor e o gosto não diminúi. Dizem finalmente que a alegria da gloria será como a dos lavradores no dia da messe, quando colhem o fructo dos seus trabalhos; e como a dos soldados victoriosos, quando repartem os despojos dos inimigos vencidos: *Laetabuntur coram te, sicut qui laetantur in messe, sicut exultant victores capta praeda, quando dividunt spolia*. Mas que similhança tem a baixeza d'estas comparações e a desproporção de todas as outras, para medirmos ou estimarmos por ellas as felicidades do céu? Mais parecem inventadas para abater a grandeza da gloria, para escurecer seu resplandor e para afeiar sua formosura, que para nos representar nem as sombras do que ella é.

Isai. 25.

Sap. 4.

Os. 2.

Isai. 9.

Os prophetas fallando da gloria fizeram como os astronomos descrevendo o céu

Quasi lhes aconteceu aos prophetas com o céu lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos mathematicos e astronomos com este céu cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os mathematicos esse labyrintho de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esphera celeste, tão diversas na grandeza, como varias no movimento e infinitas no numero; e para assentar alguma cousa certa em uma confusão tão immensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céu e fingiram em todo elle grande multidão de figuras, umas naturaes, outras fabulosas. Aqui pozeram um touro, alli um leão, acolá uma serpente; aqui um cervo, ali um asno, acolá uma aguia: em uma parte a Hercules, em outra a Orion, em outra a Medusa, a Berenice, a Andrómeda, o centauro, a hydra, o capricornio e outras chimeras, como estas, tão feias nos aspectos como nos nomes. Pois no céu ha estes animaes, estas fabulas, estes monstros? Não: que tudo são estrellas resplandecentes e formosas. Mas foi necessario aos mathematicos fingir no céu estas mentiras e pôr lá estas fabulas, para por meio d'ellas se intenderem entre si e ensinarem de algum modo a verdade do que se passa no céu. Perdoae-me a comparação, prophetas sagrados, no céu não ha segadores, nem messes, nem soldados, nem despojos: no céu não ha convites, nem vodas, nem inundação de torrentes: no céu não ha Jerusalens, nem tabernaculos, nem paraisos terreaes, nem terras de promissão: que tudo isso é terra, e cousas da terra. Mas vós, como mathematicos do céu empyreo, pozestes lá todas essas figuras com tão pouca similhança e proporção, como com necessaria impropriedade; para por meio d'ellas ensinar a nossa rudeza e pela consideração dos gostos grosseiros que percebemos nos levantar a fé e o pensamento á conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento ou experiencia que melhor nos mostrasse o eminentissimo conceito que devemos fazer das cousas da gloria; pois os vossos mesmos intendimentos, ainda sobrenaturalmente elevados, não teem conceitos nem palavras bastantes com que nos declarar suas grandezas.

Para saber o que é a gloria é necessario ir ao céu e vel-a. O *Vinde e vede* dicto por Christo e commentado por Beda.

VI. Supposto pois que tudo o que se tem dito, tudo o que se diz, e tudo que se pode dizer da gloria que nos espera no céu, é tanto menos e tão pouco e tão nada, que sem encarecimento se pode chamar mentira; que havemos ou que podemos fazer para saber verdadeiramente o que é e como é a gloria? Não ha, nem pode haver mais que um só meio; mas esse muito certo e adequado. E qual é? Ir ao céu e vel-a. Perguntavam uma vez a Christo dous que queriam ser seus discipulos, onde morava: *Rabbi, ubi habitas?* E o Senhor, que não tinha casa na terra,

Joan. I.

senão no céu, d'onde nunca saiu, ainda quando veio ao mundo, respondeu: *Venite et videte:* vinde e vêl-o-heis. E sem irem e verem não o podiam saber? Não. Excellentemente Alcuino e Bêda: *Ideo non dixit ubi habitaret, sed illos ut venirent et viderent invitavit; quia habitatio, idest gloria Christi, videri quidem potest, verbis explicari non potest.* Não disse o Senhor, onde morava, aos que o queriam saber, e sómente lhes respondeu que viessem e vissem: porque a morada de Christo é a gloria; e o que é, e como é a gloria, só se pode ver, mas não se pode dizer. Isto é o que respondeu Christo, e isto é o que eu digo e o que só podem dizer os prégadores sobre este assumpto. Façamos muito por ir ao céu e vermos verdadeiramente o que é a gloria, então veremos e conheceremos tambem, quão pouca similhança tem de verdade quanto cá se diz e se ouve.

A rainha Sabá e a gloria de Salomão.

Quando a rainha Sabbá viu a côrte e casa real de Salomão, não só admirada do que via, mas, como diz o texto sagrado, quasi desmaiada de pasmo rompeu n'estas palavras: Eu, sapientissimo rei Salomão, quando estava nas minhas terras, muitas cousas tinha ouvido da vossa sabedoria, da vossa grandeza, da vossa côrte, e da magnificencia da vossa casa: ás quaes porém não dava credito por me parecerem incriveis; mas depois que vim e as vejo com meus olhos, já tenho conhecido e provado que nem a metade se me tinha dicto do que verdadeiramente é. Bemaventurados os vossos servos, e bemaventurados os vossos cortezãos, pois teem e gozam a felicidade de estar sempre em vossa presença. Parece que não podera dizer mais, se fallara com Deus na gloria. E se as grandezas da côrte e casa de Salomão as não pôde crêr nem perceber uma rainha tão sabia, senão depois de vir e vêr: *Donec ipsa veni et vidi:* (3 *Reg.* 10.) e se tudo o que tinha ouvido na sua terra não chegava a ser ametade do que agora via com seus olhos; que proporção e que similhança póde ter o pouco ou nada que cá dizemos e ouvimos com o muito, com o infinito, com o immenso da gloria que lá vêem os que a gozam? Por isso o Senhor e Auctor d'ella diz: *Venite et videte*: vinde e vêde.

Todos querem ver, mas muito poucos querem vir seguindo a Christo.

Mas o mal e a desgraça é que todos querem vêr e ha muito poucos que queiram vir. Todos querem vêr e gozar a gloria: mas ha muito poucos que queiram vir e seguir a Christo pelo caminho que elle nos veio ensinar para chegarmos a ella. Se o Divino Mestre trocara os termos, e assim como disse: *Venite et videte*, dissera *Videte et venite*; se fôra possivel e conveniente que primeiro se nos desse vista da gloria e depois se nos promettessem os meios de a conseguir; como é certo, que não seria necessario que Deus nos chamasse ou rogasse, senão que nós

mesmos, arrebatados d'aquella immensa formosura e felicidade incomprehensivel, não só com vontade e desejo, mas com impeto e violencia romperiamos por todas as difficuldades da vida e pela mesma vida e mil vidas por alcançar tanto bem! Porem que merecimento seria então o da fé, que premio o da esperança e que valor o da caridade, sendo necessaria e não livre? Para maior nosso bem e para maior augmento da nossa gloria, nos pede Deus primeiro os passos e depois nos promette a vista: *Venite et videte.*

Abrahão obedece a Deus sem o testimunho da vista. Razão d'esta obediencia.

E verdadeiramente que ainda que o caminho do céu e a passagem d'este Cabo de Boa Esperança tivesse maiores difficuldades, bem se poderam imprehender todas, sem o testemunho da vista debaixo da palavra de Christo. Quando o mesmo Senhor antes de se fazer homem por nós disse a Abrahão que deixasse a sua patria, não lhe prometteu o céu, senão outra terra; e não lh'a mostrou então, mas sómente lhe disse que lh'a mostraria depois: *Veni in terram quam monstravero tibi.* (Gen. 12.) E que fez Abrahão debaixo d'esta palavra? Apenas se pode dizer sem injuria e affronta da nossa fé. Deixou a patria, deixou a casa nobre e rica que tinha herdado de seus paes, deixou a companhia dos parentes, o amor dos amigos, a familiaridade dos conhecidos, para ir peregrinar entre gentes extranhas. Em fim rompeu todas aquellas cadeias com que a creação e a natureza costumam prender o coração humano; que tudo nota e pondera a historia sagrada. E que tudo isto executasse com tanta promptidão de animo um homem que pouco antes fôra gentio? Sim, diz Santo Estevão e ninguem se espante: porque o Deus que mandou a Abrahão que fizesse este divorcio e renuncia geral de quanto tinha e amava no mundo, era o Deus da gloria: *Deus gloriae apparuit Patri nostro Abraham et dixit ad illum: Exi de terra tua et de cognatione tua, et veni in terram quam monstravero tibi.* (Act. 7.) Em toda a sagrada Escriptura se não lê ou dá a Deus similhante titulo ou epitheto de Deus da gloria, senão n'este logar unicamente. E porque usou de tal paraphrase aquelle famoso prégador apedrejado, a quem entre as mesmas pedras se lhe abriu o céu? Não foi só para encarecer a fineza do que Abrahão obrára; mas para distinguir os motivos que elle podia ter na mesma obra e nós podemos ter nas nossas. Se não fazemos grandes cousas por amor de Deus, ao menos, porque as não faremos, porque é Deus da gloria, *Deus gloriae?* Fazel-as por Deus, porque é Deus, é fineza: fazel-as porque é Deus da gloria, é conveniencia. Fazel-as por Deus porque é Deus, é amor de Deus: fazel-as por Deus porque é Deus da gloria, é amor proprio. E que nem por esse amor proprio, nem porque Deus

nos ha de premiar com a gloria, lhe façamos taes serviços que sejam merecedores d'ella? Grande miseria!

Attrição e contrição expressas com as palavras do Filho prodigo.

E se é miseria grande o pouco que fazemos por alcançar e vêr a gloria, muito maior miseria é o muito que fazemos pela perder e não vêr. Cada peccado que commettemos, é um peccado e duas offensas: uma offensa contra Deus e outra offensa contra a gloria. Assim o intendeu aquelle moço prodigo, a quem a experiencia das pagas que o mundo dá, restituiu o intendimento que o mesmo mundo lhe tinha tirado: *Pater, peccavi in coelum et coram te.* Pae meu (dizia elle em pessoa do peccador arrependido fallando com Deus), pequei contra o céu, e pequei contra vós: contra o céu, que é a gloria para que fui creado; e contra vós, que sois o Deus que me creastes para ella. Em primeiro logar poz a offensa do céu e no segundo a de Deus: porque, como era homem que se tinha posto á soldada, mais sentia a perda do galardão, que o desagrado do amo. Eu já me contentava que nas nossas fidalguias se usaram com o céu e com Deus estes desprimores. Se não deixamos os peccados por contrição. e por serem offensas de Deus; deixemol-os ao menos por attrição, e porque nos privam da gloria. Não offender a Deus porque é Deus, é obrigação; não o offender por não perder a gloria, é interesse. E sendo nós tão interesseiros, ou tão servos e tão escravos dos interesses da terra, que ao menos pelos interesses do céu e da gloria não deixemos de offender a quem nol-a ha de dar ou tirar para sempre! «Lamentavel desconcerto o nosso!» Somos avarentos da fazenda, e prodigos do céu e da gloria. Oh como podem temer que não são creados para ella os que tão pouco fazem pela vêr, ou tanto fazem pela não vêr!

Luc. 15.

Convite de Christo para a gloria.

De quantos deixaram o coração no Egypto nenhum chegou a vêr a terra da promissão; porque sem vir não ha ver, e quem não vem de todo o coração, não se move. Desde essas moradas eternas nos está Christo glorioso chamando e convidando a todos; e dizendo como aos que lhe perguntavam onde morava: Vinde e vêde. Vinde, nos diz agora aquelle mesmo Senhor que no dia do juizo, unidas outra vez nossas almas a estes mesmos corpos, ha de dizer aos que ouvirem sua voz: *Venite benedicti.* Vinde, nos diz; e d'onde e para onde? Da terra para o céu, do desterro para a patria, da captiveiro para a liberdade, da guerra para a paz, da tempestade para o porto, do trabalho para o descanço, do tempo para a eternidade, do valle de lagrimas para o monte da gloria. E que haja ainda quem duvide vir? Vinde; e se não vos atreverdes a vir, como Pedro, João, Diogo, pelo caminho estreito dos conselhos, vinde pelo mais largo dos mandamentos, com

Matth. 25

tanto que venhais em meu seguimento: que para isso fiz dous caminhos, desejando que venham todos. Vinde emfim e vereis o que, antes de vir, se não póde vêr: *Venite et videte*. Vereis o que nunca vistes, vereis o que nunca ouvistes, vereis o que nunca imaginastes, e vereis quão differentes, quão outras e quão infinitamente incomparaveis são as cousas da gloria a todas as que lá vos disseram os meus prophetas e evangelistas: não por elles quererem mentir (que não é possivel), mas porque tudo o que ha na terra, ou desde a terra se vê no céu, nenhuma comparação tem, nem similhança, com o que se vê e goza na gloria. Em particular vos convido, como a homens, a vêr gloriosa em seu throno a minha humanidade; e então julgareis, se os raios de que se corôa são de sol, e a côr de que se veste, de neve. *Resplenduit facies eius sicut sol, vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.*

(Ed. ant. tom. 4.º pag. 179, ed. mod. tom. 7.º pag. 234.)

SERMÃO DA SEGUNDA FEIRA DEPOIS DA SEGUNDA DOMINGA **

PRÉGADO EM TORRES VEDRAS ANDANDO O AUCTOR EM MISSÃO NO ANNO DE 1652

Observação do compilador.—O argumento d'este sermão é terrivel e difficultoso de tractar com fructo onde a fé não esteja muito firme; mas nem por isso deixa de ser verdade evangelica que se deve prégar sobre tudo em tempo de missão. O assumpto está dividido em tres partes, nas quaes se dá o sentido litteral e mystico do texto; o primeiro contra os judeus, que ainda esperam o Messias; o segundo contra todos os peccadores que deixam a conversão para a hora da morte. O terceiro poncto não está desenvolvido como o primeiro e o segundo; mas não carece de artificio oratorio. O orador ainda quando traz prevenido o sermão, ha de fallar como se improvisasse; e quem improvisa nem sempre pode medir bem o tempo para repartil-o proporcionadamente aos varios ponctos do sermão: n'este caso querendo satisfazer ao assumpto sem enfadar aos ouvintes, dá em resumo o que restava provar, e logo conclúi.

Ego vado, et quaeretis me et in peccato vestro moriemini.

Joan. 8.

Os tres ais da aguia do Apocalypse (cap. 8) commentados por Aretas.

Entre as famosas e escuras visões do Apocalypse é notavel a de uma aguia, a qual diz o texto que voando pelo meio do céu repetiu tres vezes a grandes vozes esta palavra: *Vae, vae, vae:* ai, ai, ai. Mas se a aguia voava pelo meio do céu e no céu não pode haver dor, que ais são estes que se ouvem no céu? A mesma aguia declarou que a causa dos ais não estava no céu senão na terra: *Vae, vae, habitantibus in terra:* «ai, ai, ai, sobre os habitadores da terra! Por isso» diz Aretas um dos mais doutos e graves commentadores do Apocalypse que os ais não eram de propria e verdadeira dor ou tristeza, de que não é capaz a gloria, mas de compaixão e piedade, condoendo-se o

bemaventurados, quanto lhes é possivel, e lamentando as desgraças e miserias a que estamos sujeitos os homens em quanto vivemos n'este mundo.

Estes ais lamentam a desgraça dos peccadores obstinados.

E porque o juizo que os bemaventurados fazem das que nós chamamos desgraças e miserias é muito differente do nosso, com muita razão se me pode perguntar, que desgraça e miseria humana será principalmente aquella que obrigue aos bemaventurados na segurança do céu a se condoer tanto de nós e lamentar com tão repetidos ais os perigos dos que vivemos na terra? Confiadamente respondo que não é, nem pode ser outra, senão o descuido continuo da salvação, com que vivem os peccadores, e a impenitencia final com que acabam a vida e morrem em peccado. Provo. É verdade de fé affirmada por bocca do mesmo Christo, que quando um peccador se converte com verdadeira penitencia dos seus peccados, se fazem maiores festas no céu, do que lá se festeja e celebra a innocencia de noventa e nove justos, que não teem necessidade de penitencia. Logo se a penitencia de um peccador verdadeiramente arrependido se celebra no céu com tantas demonstrações de festa e de alegria; que outro motivo egual pode haver que cause lamentações e tão repetidos ais no mesmo céu, senão a vida habitualmente depravada dos peccadores e a impenitencia ultima e final com que, morrendo como vivem, se perdem para sempre e se condemnam? Assim se deve crer e assim o torno a affirmar; nem quero outra maior ou melhor confirmação do que digo que a auctoridade do mesmo S. João, nem outras palavras suas, senão as que tomei por thema: *Ego vado, et quaeretis me; et in peccato vestro moriemini.*

Os mesmos ais concordam com as ameaças do thema.

S. João, primeiro escreveu o Apocalypse e depois o Evangelho; e assim como no capitulo oitavo do seu Apocalypse via a aguia e ouviu o que dizia, assim hoje no capitulo tambem oitavo do seu Evangelho disse o que ouviu para que nós tambem o ouçamos. Lá fallou a aguia com tres ais: *Vae, vae, vae;* e cá explica S. João aquelles tres ais com outros tres que são as tres clausulas do nosso thema: *Ego vado*, o primeiro ai; *et quaeretis me*, o segundo; *et in peccato vestro moriemini*, o terceiro. As palavras que disse a aguia do Apocalipse não foram suas, senão de Deus, o qual lh'as poz na bocca para que com sobrenatural instincto as dearticulasse: e do mesmo modo estas palavras que refere S. João no Evangelho não são suas, senão de Christo, o qual as tinha denunciado em Jerusalem antes que elle as escrevesse. Não queriam aquelles homens obstinados crer que era Filho de Deus e o verdadeiro e esperado Redemptor de Israel; e como a todos os argumentos de sua divin-

dade cerrassem os ouvidos e a todas as evidencias da sua omnipotencia os olhos; já que assim é, conclúi o Senhor, eu me irei d'este mundo e vos deixarei; mas virá tempo em que me busqueis e não me acheis, e todos morrereis em vosso peccado: *Ego vado, et quaeretis me; et in peccato vestro moriemini.*

Assim o experimentaram os judeus e o experimentam muitos christãos.

Esta sentença prophetica se cumpriu ponctualmente nos judeus, e se vai cumprindo ainda nos que obstinados e impenitentes vivem e morrem na mesma cegueira. Mas porque não basta só a fé a impedir a mesma desgraça e que se não exenda a muitos christãos; para que estes ouçam e conheçam e emam a tempo o seu perigo, ajunctaremos aos tres ais de S. oão as tres partes da sentença de Christo que elle refere, e erá cada um claramente, se caem ou podem caír estes ais sore a sua vida e morte. *Vae*, ai de vós aquelles que fordes deiados de Deus: *Ego vado!*—*Vae*, ai de vós aquelles que o haveis le buscar debalde: *Et quaeretis me!*—*Vae*, ai de vós aquelles ue morrerdes no vosso peccado: *Et in peccato vestro moriemii.* Da temerosa consideração d'estes tres ais se comporão os es ponctos do nosso discurso, bastante cada um d'elles a querar as pedras e derreter os bronzes. Mas porque sem a graça e Deus ainda ha corações mais duros; peçamol-a ao Espirito ancto por intercessão da Cheia de graça. *Ave Maria.*

O que significa ser deixado de Deus.

II. Ao primeiro ai responde a primeira clausula da sentença e Christo, em que diz o mesmo Senhor que ha de deixar quelle ingrato e obstinado povo com quem fallava e se ha de : *Ego vado.* Ó que terrivel ameaça! Ó que lastimosa despedida. Terrivel e lastimosa na figura, que foi a reprovação temporal da ynagoga; e mais terrivel e lastimosa no figurado, que é a reovação eterna da alma obstinada no seu peccado.» Só quem idesse comprehender aquelle *Ego* intenderia o que encerra em «esta ameaça e esta despedida.» Nem comvosco ha mal que ra mim seja mal, nem sem vós póde haver bem que para im seja bem, dizia a Deus Sancto Agostinho. Se Deus que me u o ser, e de quem depende qnanto sou e quanto posso e anto tenho, se apartar de mim, que ha de ser de mim? Quem o penetra o fundo d'esta verdade, nem tem fé, nem intendinto. Vêde que bem a intendeu David e tambem seus inigos.

Como o intendiam David e os seus inimigos.

Considerando-se David nos ultimos annos da velhice, compoz psalmo septenta em que faz está oração: Peço-vos, Senhor, e no tempo da velhice, quando me faltarem as forças, não lanceis de vós nem me deixeis. Porque meus inimigos uniram e fizeram conselho contra mim, no qual disseram: us deixou a David, agora é tempo de o perseguirmos e

lhe tirarmos a vida, porque não tem quem o livre nem defenda: pelo que vos peço, Senhor, que não vos aparteis de mim. Duas grandes ponderações se encerram n'estas palavras. A primeira o fundamento que tomam os inimigos de David no seu conselho para o destruirem a seu salvo: a segunda o soccorro que David pede a Deus para se defender e prevalecer contra elles. O fundamento do conselho dos inimigos é, que Deus deixou a David; e o soccorro que David pede a Deus é, que o não deixe nem se aparte d'elle. De sorte que em Deus se apartar ou não apartar de David, assim no seu juizo como no de seus inimigos, consistia ou a sua vida, ou a sua morte; ou a sua destruição, ou a sua felicidade; ou todo o seu bem, ou todo o seu mal. Bem podera o conselho dos inimigos de David discorrer e dizer prudentemente: Agora é a occasião de prevalecermos contra elle, porque aquelle valor e brio com que vencia e matava os gigantes, carregado com o peso dos annos e cançado com os trabalhos da vida, já está enfraquecido e frio: agora é a occasião, porque pretendendo por uma parte Adonias e por outra Salomão succeder-lhe na corôa, não só está dividido o reino, mas vacillante a fé dos vassallos entre duas parcialidades: agora é a occasião, porque estando criminoso Joab pelas duas mortes de Abner e Amaza e tendo o governo das armas, antes se quererá defender com ellas, que expor-se desarmado ao castigo. Mas nem d'estas, nem de nenhuma outra consideração politica, fizeram caso; e toda a resolução do seu conselho se fundou em Deus ter deixado a David, como suppunham. E do mesmo modo David não pediu a Deus a fidelidade dos vassallos, nem a concordia das parcialidades, nem o acerto da successão, nem a obediencia do general e sujeição do exercito, senão uma e outra vez que Deus o não deixasse nem se apartasse d'elle: *Ne derelinquas me; Deus, ne elongeris a me.* Porque, se Deus o não deixasse nem se apartasse d'elle, em qualquer estado e perigo das cousas humanas estava seguro; e pelo contrario, deixado e apartado de Deus, nem todo o mundo, ainda que o tivesse por si, o poderia defender nem livrar.

Como o experimentou Samsão.

E se queremos vêr a verdade d'este discurso de David e seus inimigos reduzida á practica e canonizada na experiencia; ponhamos deante dos olhos a famosissima historia de Samsão na primeira e segunda parte da sua vida; ou em quanto conservou inteiros os seus cabellos, ou depois que os teve cortados. É caso que parece fabuloso, se não fôra da Escriptura sagrada. Em quanto conservou os cabellos, era tão valente Samsão, que com as mãos nuas mettidas dentro das boccas dos leões lhes partia os queixos e os lançava mortos aos pés: era tão valente, que

cerrando as portas da cidade de Gaza os philisteus para o prenderem dentro, elle, tambem sem outro instrumento que as mãos, quebrou os ferrolhos, e tomando as mesmas portas aos hombros lh'as foi pôr sobre um monte á vista: era tão valente, que cercado de um grande exercito dos mesmos philisteus, com a queixada que alli achou de um jumento, matou não menos que mil d'elles: era tão valente, que dormindo e atado com septe cordas, uma vez de linho nunca usadas, outra vez de nervos crús, outra cravadas fortemente na terra, só com o movimento de espertar rompeu tão facilmente aquellas ataduras, que poderam ter mão em septe elephantes, como se foram teias de aranha. Pode haver maior maravilha, maior assombro, maior prodigio de forças? Nem se pode imaginar maior, nem jámais houve similhante. Assim era aquelle só homem o terror e o medo universal das cidades e dos exercitos da mais forte e bellicosa nação d'aquelle tempo. Voltemos agora a folha á mesma historia, e veremos outro assombro maior. Vêdes levar preso e maniatado um miseravel homem, com o rosto derribado para a terra e com a cabeça escalvada e sem cabello? Pois aquelle é o mesmo Samsão: porque uma mulher o entregou a seus inimigos e elle o seu segredo a uma mulher, lá o levam a um carcere, cujas cadeias elle não pode quebrar e cujas portas não pode abrir; lá lhe arrancam ambos os olhos com que de novo lhe atam as mãos que já não temiam: de lá o tiram para moer em uma atafona como jumento, ou esquecidos ou lembrados da queixada do outro; e para mais escarneo e affronta do que tantas vezes os affrontou, nos dias de festa publica o mandavam bailar nos seus banquetes; e aquelle mesmo Samsão, de cujo nome emmudeciam as trombetas dos exercitos de philisteus, agora baila adeante delles ao som das suas guitarras!

E por qual motivo foi deixado de Deus.

Ó mudança estupenda e inaudita! E mais estupenda ainda pela causa que pelo effeito! Em Samsão não houve outra mudança que conservar ou não conservar os cabellos. E é possivel que só porque perdeu os cabellos, perdesse o valor, as forças e a virtude com que obrava tantas maravilhas? E que a fama e gloria que com ellas tinha ganhado se convertesse em tal extremo de miseria e infamia? Sim: porque debaixo d'esta causa exterior havia outra principal e occulta, que era haver-se Deus apartado e deixado a Samsão. O mesmo texto sagrado o diz expressamente. Depois que Dálila lhe tinha cortado os cabellos sem o mesmo Samsão o sentir, porque estava dormindo, ao brado de que os philisteus vinham sobre elle, espertou sem temor, cuidando que se livraria das suas mãos tão facilmente, como as outras vezes: mas não sabia, diz o texto, que Deus

se tinha apartado d'elle: *Nesciens quod recessisset ab eo Dominus.* Estae agora no caso e na verdadeira causa d'aquella tão notavel mudança. Samsão era de religião e profissão nazareno, cujo instituto principalmente consistia em conservar e nunca cortar os cabellos. Assim o declarou elle a Dálila, quando lhe descobriu o segredo. E como n'aquella ceremonia e protestação exterior consistia a observancia do seu instituto, em quanto conservou os cabellos, assistiu-o Deus; tanto que se sujeitou a que lh'os cortassem, apartou-se d'elle. De sorte que a fortaleza dos braços de Samsão e as maravilhas que com ella obrava, não era virtude natural que os seus cabellos tivessem, mas concurso e influxo particular de Deus, com que pela observancia da sua profissão sobrenaturalmente o assistia. Assistido Samsão de Deus era o terror de seus inimigos, a fama, o assombro e o milagre da valentia; e pelo contrario, deixado de Deus, era o ludibrio e o escarneo dos mesmos inimigos e não só o exemplo mais raro da mudança, mas o despojo mais vil da fraqueza, do despotismo e da miseria. Assim levanta Deus a quem assiste: assim fica quem elle deixa; e assim ficou o ingrato e infeliz povo a quem hoje disse que havia de deixar. *Ego vado.*

Judic. 16.

Como foi deixada Jerusalem.

III. E quando teve seu effeito esta partida e despedida do Senhor, deixando não as pedras de Jerusalem, senão os seus habitadores, mais duros que ellas? Segundo a historia de Josepho se pode reduzir ao tempo do cerco e destruição da mesma cidade por Tito e Vespasiano: porque então se ouviu claramente sair do templo uma voz que dizia: *Migremus hinc:* Vamo-nos d'aqui: para que constasse aos de dentro e aos de fóra que Deus deixava e desamparava aquella casa que em todo o mundo era conhecida por sua.

E quando foi deixada.

Mas o certo é que o tempo em que Deus deixou aquelle ingratissimo povo, foi o mesmo em que elles o pozeram em uma cruz e o mesmo Senhor, que da sua carne e do seu sangue tinha tomado o corpo mortal, deu a vida tambem por elles. Ouvi e ouçam os mesmos a clareza com que o tinha prophetizado o seu propheta Jeremias: *Reliqui domum meam: dimisi haereditatem meam: dedi animam meam in manu inimicorum eius.* Jerusalem e Judéa era a que antigamente se chamava a casa e a herdade de Deus; e diz agora o mesmo Deus que não só deixou a sua casa, e renunciou e abriu mão de sua herdade; senão que a sua propria vida entregou nas mãos de seus inimigos: porque tudo succedeu junctamente e no mesmo dia. No dia em que Deus se entregou nas mãos de seus inimigos e morreu pregado por elles em uma cruz, n'esse mesmo dia deixaram de ser casa sua e herdade sua; porque n'esse mesmo

Jerem. 12.

dia os deixou e os lançou de si, e passou a sua fé, o seu culto e a sua egreja do povo judaico para o gentilico. Assim o significou na hora «de sua morte» o véu do templo, que cobria o Sancta Sanctorum, rasgando-se; e assim o ensinam S. Jeronymo, Sancto Ambrosio, Origenes, Theophylacto, Euthymio; e o confirma com auctoridade pontificia S. Leão.

Confirma-se com a prophecia de Oseas c. 9.

Oh que admiravelmente concorda com este facto aquelle *Vae* do mesmo Christo, em quanto Deus, por bocca do propheta Oséas *Vae eis cum recessero ab eis!* Onde a nossa vulgata diz: Ai d'elles quando eu me apartar d'elles! a versão hebraica tem: *Ai d'elles quando eu tomar a carne d'elles*. Assim trasladam os septenta, aos quaes seguem todos os padres principalmente gregos. Pois, porque Deus se havia de unir tanto com os hebreus que havia de tomar carne d'elles, por isso diz: Ai d'elles, e que se hade apartar d'elles? Sim: porque antes de Deus se fazer homem, muitas vezes quiz deixar e lançar de si aos hebreus pelas grandes occasiões que para isso lhe deram com as suas ingratidões; mas sempre lhes perdoou. Porém depois que se fez homem da sua nação, e elles foram tão proterva e obstinadamente impios que, tomando d'elles o corpo e sangue, o corpo o pregaram em uma cruz e o sangue o derramaram, então se fizeram indignos de todo o perdão.

E com as palavras do mesmo Salvador em S. Mattheus c. 23.

Ouvi quão descoberta e sentidamente lh'o declarou o mesmo Senhor: Ah! Jerusalem, Jerusalem, que matas e apedrejas os prophetas por meio dos quaes te chamou Deus e te quiz unir a si! E quantas vezes quiz eu fazer o mesmo chamando os teus filhos, como a ave mais amorosa chama os seus para os abraçar comsigo e os metter debaixo das azas, e tu não quizeste? Mas pois tu me não quizeste a mim, tambem eu te deixarei a ti. Porque depois d'este dia me não verá mais Jerusalem, senão quando eu fizer n'ella a ultima entrada, que será tambem a ultima despedida. «Assim o disse Christo. E na verdade» então o viram para nunca mais o verem, porque entrou em Jerusalem para morrer e «assim» a deixar e se ir: *Ego vado*.

Em Jerusalem era significada a alma do christão.

IV. Miserevel foi Jerusalem, e sobre toda a miseria miseravel, quando Deus a lançou de si e a deixou. E acabou-se então aquella miseria? Não. Porque na mesma Jerusalem, que acabou, era significada a alma, que não acaba, á qual tantas vezes a sagrada Escriptura se dá o mesmo nome de Jerusalem; e não é menor, nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores ais a miseria de qualquer alma, quando Deus se aparta d'ella e quando verdadeiramente se pode chamar alma deixada de Deus. «Eu bem sei que em quanto o peccador vive nunca a graça de Deus o deixa inteiramente. Porém desmere-

cendo elle por seus peccados aquelles auxilios extraordinarios que triumphariam da obstinação de sua vontade, acontece que, ainda que com a graça ordinaria absolutamente possa converter-se, de facto não se converte. E n'este sentido é deixado de Deus, porque fica entregue á sua obstinada vontade e a seus perversos appetites. E que lhe succede em um estado tão lastimoso? O que succede ao corpo» quando d'elle se aparta a alma. Tem olhos e não vê: tem ouvidos e não ouve: tem lingua e não falla: tem pés e não anda: tem mãos e não obra: tem coração e não vive. Cego para não ver o que lhe convem, surdo para não ouvir os dictames da verdade, mudo para não confessar seus peccados, ou só por ceremonia e sem emenda: paralytico e tolhido de mãos e pés para não fazer acção nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e dentro e fóra de si todo e em tudo perdido. Considerae-me um homem «que voluntariamente vive» sem uso de razão e um christão «que voluntariamente anda» sem lume de fé; e tal é o que Deus deixou e lançou de si. Cavallo no precipicio «que sacudiu o cavalleiro,» navio na tempestade «que perdeu o piloto,» doença mortal sem medico «porque o não quiz receber». Em quanto a mão de Deus o deteve, não caiu: em quanto as suas inspirações o guiaram, não se afogou: em quanto os seus auxilios o soccorreram, não morreu: mas «porque elle obstinadamente se retirou de Deus», logo o vereis precipitado, afogado e morto sem remedio.

Quantos deixados de Deus enchem o mundo!

Oh quantos deixados de Deus enchem hoje o mundo! E quão cegos são elles se não se vêem, e nós tambem se os não conhecemos! Quem é aquelle poderoso que de dia e de noite não cuida nem imagina senão como ha de fartar a cubiça, inventando novas traças de adquirir e roubar o alheio, sem escrupulo nem pensamento de o restituir? E quem é aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever e insaciavel no gastar sem conta, sem peso, sem medida, como se a culpa de não pagar, devendo, não fôra estar sempre roubando; e assim vive, porque assim ha de morrer? É um deixado de Deus. Quem é aquelle soberbo, que por fartar sua ambição, reconhecendo em si a falta que tem de merecimento, não repara em derribar por meios calumniosos e traidores os que quer fazer degráus para elle subir? E quem é aquelle que com subornos, com adulações, com hypocrisias e enganos, apezar da natureza, da fortuna, da justiça e da opinião, chega a conseguir e ser o que ellas lhe negavam; e não teme que ha de pagar na outra vida o que n'esta não hão de lograr seus descendentes? É um deixado de Deus. Quem é aquelle sensual que por fartar seu appetite com tanta publici-

dade nos vicios, como se foram virtudes, sem reverencia de Deus, nem respeito do mundo, nem pejo de si mesmo, nos annos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a saude, a honra e a vida? E quem é aquelle que não tendo já mais que os ossos que mandar á sepultura, pelos não descarnar de todo, ainda á vista da morte, os leva a queimar no mesmo cemiterio; e por dar aquella lenha secca ao fogo que se accende e apaga em um momento, não faz caso, como se não tivera fé, de ir arder para sempre no do inferno? É um deixado de Deus.

Deus não deixa, se não é deixado primeiro.

Estas são as tres estradas geraes por onde são deixados de Deus os que elle deixa «e os deixa, porque é deixado primeiro.» Assim o escreveu o mesmo Deus por lei expressa no capitulo trinta e um do Deuteronomio: *Ibi derelinquet me et derelinquam eum.* E assim o tirou por consequencia no segundo do Paralipomenon: *Quare dereliquistis Dominum ut derelinqueret vos?* Porque deixastes a Deus, para que elle vos deixasse? De sorte que o deixar e o ser deixado entre Deus e o homem é condição reciproca. Se Deus houvera de ser o primeiro que nos deixasse, nunca nos deixaria; mas porque nós somos os primeiros em deixar, por isso somos deixados de Deus. «E oh que estado terribilissimo, sobretudo quando este desamparo é o final!»

O desamparo final.

Depois que o medico receitou e applicou todos os remedios da arte sem nenhum effeito ou proveito, antes vê que a infermidade vai sempre de mal em peior, posto que deixa o infermo muito contra sua vontade, deixa-o em fim, porque é incapaz de cura. E isto mesmo é o que faz Deus: *Curavimus Babylonem, et non est sanata: derelinquamus eam:* curamos a Babylonia, não sarou, porque não quiz sarar, deixemol-a para sempre. Oh que terrivel palavra *Derelinquamus* «deixar e para sempre.» Em quantas occasiões, ó alma («parece-me ouvir dizer ao Juiz eterno») em quantas occasiões, ó alma, deixando-me tu tantas vezes, mereceste que eu te deixasse! Quantas vezes te quiz trazer a mim; quantas vezes te quiz curar, e tu não quizeste! Appliquei-te primeiro os remedios brandos e lenitivos: vim por amor de ti á terra, prometti-te o céu, ensinei-te o caminho da vida e verdade, e fiz-me eu o mesmo caminho: temporalmente dei-te o que tu chamas bens da fortuna e são meus; espiritualmente enchi-te dos verdadeiros bens, que são os da minha graça, a qual tu perdeste, e eu te tornei a restituir muitas vezes: cheguei a te dar minha propria carne e sangue por alimento e medicamento; e tu surda aos meus conselhos, rebelde ás minhas inspirações, dura e ingrata a tanto amor, a tudo resististe, e me viraste sempre as costas, fugindo como de inimigo de quem

Jerem. 51.

tanto te amava e tão devéras procurava teu bem. Não aproveitando os meios e remedios brandos, passei aos asperos e sensitivos. Dei-te doenças com que te mortifiquei a saude, dei-te perdas com que te diminui a fazenda, dei-te descreditos e desares com que magoei a honra: puz-te á vista ainda maiores trabalhos e desgostos que outros padeceram e as causas d'elles, para que com o exemplo das suas chagas curasses e emendasses as tuas: cheguei-te uma e outra vez ás portas da morte com as do inferno abertas, que tantas vezes me tinhas merecido: cuidei que com uma eternidade de fogo aquecesse a tua frieza, e a tua dureza se abrandasse: mas porque nada disto bastou para te reduzir, nem no céu, nem no inferno, nem em mim, nem fóra de mim, tenho já que te applicar; posto que o meu amor e a minha misericordia te não quizera deixar, é força (pois assim o quer o teu depravado e obstinado alvedrio) é força que eu te deixe. Fica-te, e fica-te para sempre, que eu me vou: *Ego vado.*

O que faz n'este desamparo a alma infeliz. Texto de David, commentado por Hugo Cardeal,

Parece-vos, christãos, que ouvindo esta despedida uma alma, ainda que fosse de pedra, não se derreteria em lagrimas de dôr e arrependimento? Pois sabei que quando Deus assim deixa estas miseraveis almas, então ficam ellas mais contentes, e satisfeitas; porque como não tractam mais que do presente sem memoria do passado nem temor do futuro, deixados á natureza vivem ao sabor de seus desejos; com que esse pouco caminho, que lhes resta, o andam todos e cada um segundo as invenções de sua propria phantasia: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis;* «disse o mesmo Deus por bocca de David.» Não se pode passar em silencio o conceito de Hugo cardeal n'este passo: *Bene dicit: ibunt in infernum, et hoc in adinventionibus suis, quasi in quibusdam vehiculis, quibus portabuntur ad inferos.* Diz o texto que irão, *Ibunt*; e se vão, para onde vão? Para o inferno. Diz mais que irão nas suas invenções: *In adinventionibus suis;* e que invenções são estas? São como as que os homens inventaram para andar mais descançados, *quasi in quibusdam vehiculis.* Os da Europa andam em liteiras e carroças: os da Asia em palanquins: os da America em serpentinas. Os da Europa vão assentados: os da Asia e da America deitados e jazendo. Os da Europa tirados por animaes: os da Asia e da America levados em hombros de homens. «E do mesmo modo vão elles» carregados dos seus captiveiros, violencias e oppressões, mais facil e mais descançadamente ao inferno. Caim, depois que ouviu que a terra e o sangue que tinha derramado pediam ao céu justiça contra elle, que fez? É caso verdadeiramente digno de pasmo. Diz o texto sagrado que se

Ps. 80.

poz a edificar uma cidade, que foi a primeira do mundo, e lhe deu o nome de seu primogenito Henoch, e se chamou Henochia. Quem esperava de tal homem, e em tal estado, taes pensamentos e taes cuidados. De maneira que, condemnado por Deus e vivo por particular indulgencia de sua misericordia, em vez de te metteres em uma cova a fazer penitencia do teu peccado e ver se podes applacar a justiça divina, te pões a fundar jurisdicções e edificar palacios ao teu morgado? Mas isto é o que fazem os deixados de Deus, como Caim e seus imitadores. Estão as terras bradando ao céu, está o sangue, ou derramado ou chupado violentamente, pedindo justiça a Deus; e elles em vez de arrependidos tornarem a repor os cabedaes, que adquiriram por força ou por más artes, e os dispenderem nas devidas restituições, o que fazem e o que sempre desejaram e pretenderam por meio de tantos perigos da vida e da alma, é empregar o assim adquirido em morgados para os filhos e em edificios vãos, que levantados hão de ser a ruina das mesmas casas. Ó ambição! Ó cegueira! Ó falta de fé e de juizo? Mas estas são as consciencias e as consequencias dos deixados de Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis.* Ai d'elles!

Virá tempo em que buscará a Deus, mas debalde.

V. Ouvido o primeiro *Vae* da aguia e o primeiro ai da sentença de Christo. *Ego vado*; passamos a ouvir o segundo: *Et quaeretis me.* Diz Christo Senhor nosso que depois de deixar aquelle ingrato e obstinato povo elles o hão de buscar, «mas debalde, porque não o acharão» e esta segunda clausula da sua sentença parece que se encontra «com a idea que temos da divina misericordia segundo todas as Escripturas do velho e novo Testamento.» Ora vêde.

Este desamparo parece que se encontra com a idea que temos da divina misericordia segundo a Escriptura.

Primeiramente, já no Testamento velho tinha Deus promettido que todos os que o buscassm o achariam. Assim o diz pelo propheta Jeremias: *Quaeretis me et invenietis.* E para maior confirmação o mesmo que acabava de dizer pela activa o torna a repetir pela passiva: *Et inveniar a vobis:* achar-me-heis; e eu serei achado de vós. «E no Testamento novo» não só nos aconselha e exhorta Christo a que o busquemos (que de si e de Deus falla principalmente); mas tambem nos promette e dá sua palavra, em que não póde haver duvida, que o acharemos: *Quaerite et invenietis.* E porque não cuidasse alguem que a esta diligencia de buscar poderia faltar a ventura de achar pela indignidade «de quem busca», confirma o Senhor a mesma promessa com uma proposição universal, que a ninguem exclúi: *Omnis enim qui quaerit invenit*; porque todo aquelle que me busca, me acha, seja quem for. Pois se é certo que todos os que buscam a Christo o acham:

Jerem. 29.

Luc. 11.

como diz o mesmo Christo que aquelles, de quem elle se apartou, o hão de buscar: *Quaeretis me:* porem que nem na vida, nem na morte o hão de achar: *Et in peccato vestro moriemini?*

Exemplos e parabolas do Evangelho.

Mais. Não só é proprio da misericordia e bondade de Deus acharem-n'o os que o buscam; senão tambem os que o não buscam. Assim se gloría o mesmo Deus, e com muita razão, por Isaias: *Invenerunt qui non quaesierunt me:* acharam-me os que me não buscavam. A Magdalena buscou a Christo e achou-o: porém a Samaritana achou-o sem o buscar; ia buscar agua, e achou a Christo. Uma e outra cousa nos ensinou o mesmo Senhor em duas parabolas. Um homem, diz, indo seu caminho achou um thesouro no campo; e foi logo vender quanto tinha e comprou o campo para lograr o thesouro. E um mercador que andava buscando perolas, achou uma muito preciosa, e para a comprar deu por ella todo o cabedal que tinha. De sorte que o caminhante achou o thesouro sem o buscar, e o mercante achou a perola buscando-a; e ambos deram tudo pelo thesouro e pela perola: porque na perola e no thesouro era significado o que val mais que tudo, que é Christo. No mercante foi cuidado e diligencia achar a perola, porque buscava perolas; no caminhante foi caso e ventura achar o thesouro, porque não buscava thesouros; e em um e outro nos ensinou o mesmo Senhor que não só o acham os que o buscam, senão tambem os que o não buscam. Pois se tambem os que não buscam a Christo o acham; como diz o mesmo Christo e annuncia aos de Jerusalem que o não hão de achar ainda, que o busquem, suppondo e affirmando que o hão de buscar: *Quaeretis me?*

Isai. 65.

Outras parabolas que significam ainda mais.

Mais ainda. Não só acham a Christo os que o buscam e os que o não buscam, senão tambem aquelles que nem o buscam nem o podem buscar. Havia um pastor (diz o Divino Mestre) o qual tinha cem ovelhas, e como se lhe perdesse uma, deixou as noventa e nove no deserto e foi buscar a perdida. Achou-a e tomando-a aos hombros a trouxe muito contente para o rebanho. Havia assim mesmo uma mulher a qual tinha dez drachmas, que era certa moeda d'aquelle tempo; e como perdesse uma, accendeu a candeia e varreu a casa para a achar. Achou-a tambem, e convocou as vizinhas para que lhe dessem o parabem de ter achado a sua drachma perdida. Aquelle pastor e esta mulher significam o amor e a diligencia com que Christo busca aos homens, por mais perdidos que sejam. A ovelha e a moeda são as almas, marcadas ambas, a moeda com a sua cruz e a ovelha com o seu sangue. Agora pergunto: «A ovelha buscava ao pastor? E a moeda podia buscar á mulher? Nem uma nem outra cousa.» E comtudo assim a ovelha como a moeda

foram buscadas e achadas: para nos ensinar o mesmo Christo que é tão diligente o seu amor e tão amorosa a sua diligencia em buscar as almas, por mais perdidas que estejam, que não só busca e acha as que o não buscam, senão tambem as que o não podem buscar. Ajunctemos agora todas estas demonstrações e tiremos e apertemos a consequencia, que não pode ser nem mais admiravel, nem mais temerosa. É possivel que busca Christo e acha aos que o buscam, e busca e acha aos que o não podem buscar; e que ameaça e prophetiza ao povo hebreu «e a todos os outros peccadores rebeldes á sua graça» duas cousas tão encontradas com estas escripturas e estes exemplos: a primeira, que o hão de buscar: *Quaeretis me;* e a segunda, que o não hão de achar, mas perecer em sua propria perdição: *Et in peccato vestro moriemini?*

Como se explica tudo isto em a nação judaica.

VI. A resposta d'esta tão fundada e apertada duvida, quanto ao povo hebreu, é tão expressa na Escriptura como manifesta na experiencia. Sabes, povo ingrato e cego, porque ha tantos annos que buscas e esperas com tantas ancias o teu verdadeiro Messias, e não o achas, nem elle a ti? «É porque o não buscas como o havias de buscar»: é porque o buscas indo para deante, sendo que o havias de buscar tornando atraz. Se um piloto para achar a terra que lhe demora ao norte, a buscasse pelo rumo do sul, e para o mesmo sul navegasse sempre, claro está que não só não havia de achar o porto que buscava; mas que quanto mais navegasse, tanto mais se havia de apartar e estar mais longe d'elle. Isto mesmo é o que succede aos ju-deus com o seu Messias. Como o Messias ha «tantos seculos» que veio e lhe fica ao tempo passado, e elles ha outros tantos que o esperam e buscam no futuro, dizendo que não veio, se-não que ha de vir; esta é a razão, porque não só o não acham por mais que o buscam, antes quanto mais o buscam indo para deante, tanto mais se apartam d'elle e se impossibilitam de o achar. D'onde se segue que para os judeus acharem o Messias é necessario que o busquem tornando atraz; e que quando assim o fizerem, como farão, quando se converterem no fim do mundo, então o acharão. «Porém no entretanto» não ha duvida que bem digna é a miseravel Jerusalem d'aquelle segundo ai pela cegueira culpavel e obstinada com que ha tantos centos de annos que busca e espera; alongando-se cada dia mais do que busca e não ha de achar, do que espera e não ha de vir.

Como se explica na alma christã. Explicação de Sancto Agostinho.

VII. Mas como na mesma Jerusalem é significada a alma de qualquer christão, tão maravilhosa como tremenda cousa é que tambem em nós se possa verificar que busquemos a Christo, a quem cremos com verdadeira fé, e comtudo o não achemos.

«Este é, christãos,» o poncto mais apertado e terrivel da materia presente. O propheta Isaias, que mais que todos foi propheta da lei da graça, diz que busquemos a Christo em quanto o podemos achar, e chamemos por elle em quanto está perto: *Quaerite Dominum, dum inveniri potest, invocate eum, dum prope est.* Logo suppõi que ha tempo em que o não podemos achar, ainda que o busquemos, «e suppõi que elle se pode afastar de nós. E como é que Deus estando em toda parte se pode afastar de alguem? Eu o explicarei, responde Sancto Agostinho:» Vêdes dous homens junctos; e se perguntardes se são amigos, responderá quem os conhece, que estão muito longe d'isso: pela presença ambos junctos, pela amizade muito longe um do outro. Tal é a similhança de que usa o propheta. Cada peccado grave aparta a Deus de nós; e se os peccados são muitos e continuados por muitos dias, a cada dia e a cada peccado se vai sempre Deus apartando mais e mais. Faça agora o cômputo o peccador, que não ha dias nem mezes, senão annos e muitos annos, que continúa a estar fóra da graça de Deus, e conte quantos são os dias e quantos os peccados (que ao menos de pensamentos sempre são muitos mais que os dias); e d'alli conjecturará de algum modo quanto longe estará de Deus «no poncto da morte» e Deus d'elle. E quando conhecer quão longe «estará de Deus n'aquella hora», então intenderá tambem se poderá ser ouvido quando o invocar de tão longe.

Não é absolutamente impossivel a conversão em poncto de morte, mas é rarissima.

Eu não quero desconfiar nem metter em desesperação a nenhum peccador, por grande que seja, e por mais que se ache cercado de todos os peccados de sua vida, ainda na ultima desconfiança e perigo d'ella, e já a braços com a mesma morte. «O que sei é, que pode Deus na maior manifestação da sua misericordia buscar tambem aos que o não buscam, antes fogem d'elle, como fez com Paulo, seu perseguidor; e vencer até no poncto da morte a obstinação de algum peccador dos mais endurecidos, como o fez com Dimas, o ladrão convertido. Porém não é esta a regra ordinaria. De regra ordinaria os que não buscam a Deus em quanto o podem achar, e não chamam por elle em quanto está perto, ainda que depois o busquem no poncto da morte não o acharão».

Por não se buscar a Deus com todo o coração. E doutrina expressa de Deus no Deuteronomio c. 4. Texto de Sancto Agostinho.

Esta sentença que é commum na doutrina dos sanctos Padres se prova por dous principios um da parte de Deus, outro da parte do mesmo homem. Começando pelo homem «não nego» que se buscar a Deus com todo o coração, ainda que esteja com a candeia na mão, achal-o-ha, e Deus não o lançará de si: se chamar por Deus com todo o coração, ainda que seja com a ultima boqueada, por muito longe que esteja Deus, o

ouvirá: *Cum quaesieris Dominum Deum tuum, invenies eum, si tamen toto corde quaesieris:* é doutrina expressa do capitulo quarto do Deuteronomio. «Mas o poncto da difficuldade está em buscar a Deus com todo o coração» Porque para o homem buscar a Deus com todo o seu coração é necessario que o coração do homem seja todo seu, e n'aquella hora não é seu, nem é todo. Quando é o coração todo e quando é nosso? É nosso quando o não domina, e é todo quando o não diverte outro cuidado: *Tunc porro toto corde clamatur, quando aliunde non cogitatur*, diz Sancto Agostinho. Considerae-me agora um homem nas ultimas angustias da infermidade e quasi luctando já com a morte; e vereis não só com o discurso, mas com os olhos; quão dividido tem o coração, para que não possa ser todo, e quão divertido e senhoreado de differentes cuidados, para que não possa ser seu.

Estado de um moribundo.

Os que se guardam para aquella hora no principio da infermidade, ou lisonjeados dos medicos e dos que os assistem, ou enganados do amor da vida, só tractam da saude do corpo; e quando esta se desconfia totalmente e se começa a dizer entre dentes que morre o infermo, então lembra e se accode á alma e aos remedios da salvação; então se chama o confessor á pressa, então vem o notario para o testamento, então cresce a febre e as dôres, então se applicam os medicamentos extremos e os martyrios mais fortes. E qual estará o coração do miseravel infermo n'esta angustia? Vêde qual será a confissão dos peccados de toda a vida! Vêde quaes serão as clausulas e declarações do testamento, em quem sempre viveu com pouca conta e com pouco ou nenhum escrupulo! A memoria perdida; o intendimento sem juizo; a vontade attonita e pasmada; os sentidos todos só vivos para a dôr, e para o mais já quasi mortos; a alma na garganta, e a respiração agonizante. Ó que transe tão apertado! Ajunctae ao interior d'estas afflicções as lagrimas da mulher, o amparo ou desamparo dos filhos, a satisfação dos criados, a paga das dividas, a instancia dos acrédores, as restituições do mal adquirido, as negociações dos interessados na herança do que se deixa por força, e sobre tudo o temor da conta, tambem forçado, e não por verdadeiro arrependimento; ouvindo-se a invocação do nome de Jesus na bocca do religioso que assiste á cabeceira, e não saindo do coração de quem nunca o amou e só agora o teme, porque mais não póde. Oh! valha-me Deus, quão longe estará de ouvir estas vozes sem alma o mesmo Deus! E n'esta perturbação, n'esta confusão, n'este labyrintho de cuidados e affectos, tão implicados os d'este mundo com os do outro, como poderá dar todo o coração a Deus, nem

offerecer-lh'o como seu, quem por dividido e alienado totalmente já não é senhor de si, nem possúi d'elle a minima parte? Aqui se cumpre o que disse o propheta Oséas: *Divisum est cor eorum, nunc interibunt.* Ai dos que assim teem dividido o coração, que n'este estado e n'este instante lhes chegou a hora de perecerem!

Os. 10.

A graça de Deus e os que morrem em peccado.

Esta é a razão natural e evidente pela qual o homem reduzido áquelle ultimo conflicto não pode invocar a Deus de todo seu coração, porque já não é todo, nem seu. E sobre esta, que tanto devemos temer, se accrescenta da parte de Deus outra muito mais temerosa, porque não é fundada na nossa fraqueza senão na sua justiça. N'aquelle estado tão estreito e em qualquer extremo da ultima desesperação, poderosa é a misericordia e graça divina para livrar e pôr em salvo ao maior peccador: mas justissimamente não quer Deus «de lei ordinaria» usar com elle da efficacia d'estes seus poderes na morte, porque tambem elle se não quiz converter a Deus em quanto pôde na vida. E porque a materia é tão occulta aos vivos que só passa entre Deus e as almas dos que morrem; ouçamos de bocca do mesmo Deus esta sentença e regra geral do seu tremendo e rectissimo juizo.

Doutrina do livro dos Proverbios.

No primeiro capitulo dos Proverbios falla Deus não com um senão com muitos, porque aquelles a quem succede esta desgraça não são poucos; e diz assim: Chamei-vos com as vozes e não me quizestes ouvir: chamei-vos com as mãos e com os braços abertos, e não quizestes vir a mim: aconselhei-vos, e desprezastes todos os meus conselhos: reprehendi-vos, e não fizestes caso de minhas reprehensões; e eu que farei? Quando vier a morte e com ella tudo o mais que vós temieis ou devieis temer, eu tanbem zombarei e rirei de vós: *Ego quoque in interitu vestro ridebo et subsannabo, cum vobis id, quod timebatis, advenerit.* Quando a ultima calamidade da vida, que é a morte, vier sobre vós como uma tempestade subita e repentina, porque a não esperaveis; e quando vos virdes afogados de afflicções e angustias, então recorrereis a mim: mas, assim como quando chamei por vós me não quizestes ouvir, assim eu vos não ouvirei, quando me chamardes: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam;* e assim como quando vos eu busquei, vos não achei, assim vós me buscareis e não me achareis: *Mane consurgent et non invenient me.* Deixados pois de mim na morte, como elles me deixaram na vida (diz Deus), lá irão onde comam os fructos das suas obras e se fartem dos seus conselhos: *Comedent igitur fructus viae suae, suisque consiliis saturabuntur.* Vêde se cairá bem o segundo ai de S. João, sobre esta far-

tura de penas, que será insaciavel por toda a eternidade: acabando n'aquella hora os que se guardaram para ella e não achando a Deus, posto que o busquem, nem sendo ouvidos d'elle, posto que o chamem; «porque o não buscam nem chamam com todo o seu coração.» Ai de vós, infelizes almas e para sempre infelizes!

Geralmente os que viveram mal, morrem mal.

Grande parte d'este mundo, e não a menor dos grandes d'elle, acaba d'esta sorte; e deixam tão enganados os mortos aos vivos, que não só crêem estes e celebram que morreram pia e christãmente; mas não faltam espiritos illusos ou lisongeiros que com fingidas ou sonhadas revelações affirmam que brevemente os viram sair do purgatorio; onde, foram ditosissimos, se tivessem entrado. A verdadeira revelação da boa morte é a boa vida. E para que acabem de se desenganar os que debaixo d'esta vã confiança assegura o demonio para que vivam e morram do mesmo modo, ouçam a Sancto Agostinho. Se algum obrigado da ultima necessidade da doença nos pede o sacramento da penitencia, confesso-vos, diz prégando Sancto Agostinho, que os bispos e sacerdotes lhes não negamos o que pede; mas nem por isso presumimos que sái bem d'esta vida: *Si quis positus in ultima necessitate aegritudinis suae poenitentiam accipit et hinc vadit, fateor vobis, non illi negamus quod petit; sed non praesumimus quia bene hinc exit.* E Sancto Ambrosio apertando o mesmo poncto: Se cuidais que os que deixam o arrependimento de seus peccados para a infermidade da morte, vão seguros de sua salvação, eu vos protesto que nem affirmo nem prometto, nem digo tal cousa, porque o não presumo assim, nem vos quero enganar. Notae o peso das palavras com que diz e repete este desengano o eloquentissimo doutor: *Non praesumo, non polliceor, non dico, non vos fallo, non vos decipio, non vobis promitto.* E o que Sancto Agostinho e Sancto Ambrosio não se atrevem a presumir e protestam que vos não enganam, isso credes vós e celebrais, porque tambem fazeis conta de vos salvar na mesma taboa.

Exemplo de Antiocho.

A causa d'este engano e falsa apprehensão dos que cá ficam são aquelles actos exteriores com que parece morrem contritos os que viveram impenitentes: mas vai muito do medo á contrição e da penitencia apparente á verdadeira. E para prova solida e irrefragavel no mesmo caso ouvi outra revelação, não como as vossas, senão divina e de fé escripta no livro dos Machabeos. Antiocho Epiphanes, rei da Grecia, foi o mais capital inimigo da fé e lei de Deus e da gente hebréa, em a qual n'aquelle tempo estava a verdadeira egreja. Resoluto pois este tyranno de destruir totalmente, extinguir e tirar do mundo o nome

e a nação dos judeus, marchava com formidavel exercito contra Jerusalem a grandes jornadas, quando subitamente se achou opprimido de uma grandissima e mortal infermidade, a qual obrou n'elle aquelles effeitos que costuma causar nos mais obstinados animos a vizinhança da morte, quando se não esperava. Foi tal a mudança em tudo o que se via e ouvia em Antiocho, que não parecia o mesmo. Era soberbissimo; e já não só conhecia, mas confessava publicamente a fraqueza e miseria de todo o poder humano: era gentio; e não só prometteu de receber a fé do verdadeiro Deus, mas de a extender e prégar por todo o mundo: ia determinado a destruir e extinguir os judeus; e não só lhes pediu perdão dos damnos recebidos, mas lhes offereceu satisfação com vantagens eguaes aos seus mais nobres e estimados vassallos: levava no pensamento a destruição de Jerusalem e do templo; e sobre os votos de o enriquecer com novos thesouros e ornamentos, elle tomou por sua conta as despezas de todos os sacrificios, sacerdotes e culto divino. De todas estas promessas fez Antiocho escripturas authenticas, firmadas de sua propria mão e encarregada a execução d'ellas depois de sua morte a seu filho e successor, com as maiores demonstrações de benignidade e encarecido affecto. Emfim morreu d'aquella infermidade e n'aquelle estado Antiocho, e pergunto se se salvaria? Este homem e senhor de tantos homens, com tantas e tão manifestas demonstrações de arrependimento, salvar-se-ia n'aquella hora? Bem creio que dirão que sim os que com menos milagres e muito differentes exemplos beatificam e canonizam outras mortes. Mas que diz a revelação divina expressa na Escriptura sagrada? Diz que pesando mais deante do tribunal divino os peccados da vida passada que as demonstrações da emenda presente, por mais que o miseravel Antiocho orou a Deus, não foi ouvido d'elle: *Orabat autem hic scelestus Dominum, a quo non erat misericordiam consecuturus*. Oh! quanto vai dos juizos dos homens, que não passam do exterior, ao juizo e conhecimento de Deus, que vê e penetra os corações! Todo aquelle apparato, de promessas e arrependimentos não foi bastante para livrar a Antiocho da culpa, nem da pena eterna; porque era nascido de medo e desejo de escapar do perigo em que se via, e não de pezar de haver offendido a Deus, nem de verdadeira contrição; diz com a voz commum dos interpretes Lyrano. Pois se a doença era verdadeira e as dores que padecia verdadeiras e o perigo com a morte deante dos olhos verdadeiro, e sobre tudo verdadeiro o conhecimento de que Deus o castigava por seus peccados, e a confissão d'elles verdadeira; porque não foi tambem verdadeira a

2. Machab. 9.

contrição? Porque «ainda que buscou a Deus e chamou por elle, não o buscou nem chamou com todo o seu coração.»

A sua conversão foi similhante á de muitos christãos.

Por certo tenho que se Antiocho escapasse da doença com vida e se visse outra vez inteiramente convalescido, com as mesmas trombetas que lhe festejassem a saude havia de mandar marchar o exercito contra Jerusalem e pôr em execução quanto d'antes pretendia. E se não, ponhamos os olhos na experiencia, em homens de menos má vida e de mais antiga fé que a de Antiocho. Quantos vimos que chegados áquelle extremo perigo, abraçados com um Christo, se empenharam com suas chagas de nunca mais o offender, promettendo e multiplicando votos de emendar a vida e ser sanctos se escapassem? Escaparam por mercê do mesmo Senhor; e que fizeram? Depois que se pozeram em pé, a primeira jornada foi ir dar graças a Deus á Penha de França; e a segunda romaria a reconciliar-se com o idolo a quem d'antes adoravam. Pois estes eram os votos? Estes os arrependimentos? Estas as contrições? Ou estas as traições? Sim. E vi eu algum que depois de assim escapar com a saude do corpo e recair com a da alma, lhe sobreveio subitamente um tal accidente que logo lhe tirou a falla e pouco depois a vida; para que no mesmo que não tinha cumprido as suas promessas se cumprisse a de Christo: *Et in peccato vestro moriemini.*

O peccado em que morreram os judeus foi errar na fé, peccado proprio d'aquella nação.

VIII. Somos chegados ao terceiro e ultimo ai, que será eterno no inferno; e a mim me falta o tempo para o ponderar dignamente. Abbreviando pois esta grande materia, saibamos que peccado é este em que diz Christo que hão de morrer os ameaçados; e propriamente se chama peccado seu: *in peccato vestro.* Aquelles com quem o Senhor immediatamente fallava, quando pronunciou esta sentença era o povo de Jerusalem; e assim como todas as nações teem os seus vicios particulares a que naturalmente são inclinadas e sujeitas, assim o vicio e peccado da nação hebrea e que propriissimamente merece o nome de seu, é o errar na fé. Não são só os nossos livros, nem só os nossos auctores, que testimunham a uma voz esta verdade, senão os mesmos Livros e Escripturas sagradas de todo o Testamento velho em que elles e nós cremos. E de nenhum modo podem negar os hebreus haver sido sempre este o seu vicio e o seu peccado.

Prova-se com toda a sua historia e com o texto do psalmo 94.

Os doze tribus de Israel, como filhos nasceram na Mesopotania e como povo no Egypto. Na Mesopotamia como filhos na casa e familia de Jacob, e no Egypto como povo, porque alli engrossaram, cresceram e se multiplicaram em grande numero. Mas passando depois de livres a captivos, devendo como filhos

confessar a fé de seus pais, seguiram como escravos a idolatria de seus senhores. Depois de libertados pelos erros que commetteram nos quarenta annos do deserto, mereceram da bocca de Deus ser chamados os que erram sempre: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, et dixi: Semper hi errant corde. Sempre* disse a censura divina, e foi prophecia do que sempre haviam de ser, como verdadeiramente teem sido. E como este é o vicio nacional e o peccado em que, antes de Christo e depois de Christo, sempre cairam e obstinadamente perseveram os judeus, que o não receberam nem conheceram; este é o peccado em que vivem e este o peccado em que morrem, e este o peccado seu, em que Christo lhes prophetizou que haviam de morrer: *Et in peccato vestro moriemini.* «Tremendo castigo que, ha mil e seiscentos annos, se está executando ponctualmente» como vêem os olhos de todo o mundo e os mesmos judeus não podem negar. Sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio e o mais que a elle pertence, andam desterrados «conservando no meio de todas as nações o ferrete da sua reprovação.» *Dies multos sedebunt filii Israel sine rege et sine principe et sine sacrificio et sine altari et sine ephod et sine theraphim:* lhes prophetizou Oseas oitocentos e cincoenta annos antes da vinda de Christo.

O peccado proprio em que morrem os outros peccadores, não tem especie particular.

«E se tal» é o peccado e a morte sobre que cai na obstinação final do judeu o ai de S. João tão justa como lastimosamente, qual será o peccado em que morre ou ha de morrer «o peccador christão» e se chama com a mesma propriedade peccado seu: *Et in peccato vestro moriemini?* Não tem especie particular; mas pode ser de qualquer especie. É pois aquelle vicio a que a inclinação de cada um mais o arrasta e sujeita, o qual começando em acto passa a ser habito, e continuando em habito chega a ser natureza, como diz Sancto Agostinho; e como a natureza não se muda até á morte, tambem elle não tem emenda na morte, se a não teve na vida.

Observação feita no psalmo *Miserere.*

No psalmo *Miserere*, em que David pede perdão a Deus e chora o adulterio commettido com Bersabé, cinco vezes «em cinco clausulas seguidas» chama seu aquelle peccado: *Dele iniquitatem meam: amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me: quoniam iniquitatem meam ego cognosco; et peccatum meum contra me est semper.* E quanto durou David n'aquelle peccado? Muito, mas não chegou a um anno. E se a um peccado emendado e chorado, e que não chegou a um anno, lhe chama David tantas vezes seu; o peccado de tantos annos e de toda a vida; o peccado que nasceu, cresceu, envelheceu e viveu sempre comvosco, porque não será vosso? Vosso,

porque o comprastes com a fazenda, com a honra, com a saude e com tantos perigos da vida. Vosso, porque déstes por elle a consciencia, a alma, a graça de Deus e o mesmo Deus. Vosso porque vos vendestes ao demonio para o adquirir e possuir, sem vos poder arrancar d'esta continuada e escandalosa posse, nem o respeito da justiça ecclesiastica, nem as ameaças da divina, nem o amor do céu, nem o temor do inferno. Vosso, emfim, porque nem na morte o deixastes, nem a morte que tudo acaba pôde acabar que o não levasseis comvosco: *Et in peccato vestro moriemini.*

O peccador morre naquelle peccado com que se acha como casado.

Não ha melhor exemplo nem mais propria similhança para explicar o inseparavel perigo de morrer em peccado, que o casamento. O casamento é um contracto que de sua natureza dura até á morte, nem antes d'ella póde haver separação dos que o contrahem. Tal é o jugo inseparavel a que estão sujeitos os que vivem «como» casados com o seu peccado. Ainda que se queiram apartar, tanto pelo costume inveterado que se tem convertido em necessidade, quanto pelo justo juizo e castigo de Deus que assim o permitte, nem o peccado habitual se aparta do peccador, nem o peccador, do peccado senão mediante a morte; e por isso todos morrem geralmente no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini. Vae* ai de ti, miseravel! que se apartou Deus de ti: *Ego vado. Vae* ai de ti, infeliz homem! que não achaste a Deus «quando o buscaste, por não buscal-o como devias:» *Et quaereiis me. Vae* ai de ti, mofino e maldito homem! que porque não tractaste da salvação na vida, a perderás por toda a eternidade na morte: *Et in peccato vestro moriemini.*

Conclusão. Deve-se fazer penitencia, e já sem demora.

IX. Homens, se temos uso de razão, christãos, se ainda não está apagado de todo em nós o lume da fé, reparemos bem e consideremos n'estas clausulas tremendas da sentença de Christo: «não nos lisonjeemos, não nos enganemos, não atraiçoemos as tristes almas nossas com differir a penitencia para o poncto da morte. Penitencia, penitencia em quanto é tempo. O tempo que temos para fazer penitencia é o tempo presente: *Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.* Agora é o tempo de achar a Jesus, agora é o tempo acceitavel, este é o dia da salvação. Notae bem *ecce nunc dies*, o dia de hoje e não o dia de ámanhã»: até um poeta gentio e de má vida o intendeu e aconselhou assim: *Sera nimis vita est crastina, vive hodie:* se queres viver bem, começa, e vive hoje; que ámanhã já é tarde. Todos os homens promettem a Deus o dia de amanhã, e quasi todos dão ao demonio o dia de hoje. Este é o contracto tacito ou expresso que teem feito com o inferno: *Cum inferno fecimus*

pactum. «Oh que contracto tão injusto! oh que contracto tão horroroso! Dar ao demonio o dia de hoje, e deixar para Deus o dia de amanhã! Dar ao demonio o dia de hoje que é certo, e deixar para Deus o dia de ámanhã que é incerto! Dar ao demonio o dia de hoje que está presente, e deixar para Deus o dia de amanhã que nunca chega!» E por este modo de manhã em manhã e de dia em dia, leva o demonio todos os dias e tambem leva os que lh'os dão. «Logo penitencia, christãos, e penitencia desde o dia de hoje.» Se queremos segurar a vida e saude eterna, não guardemos o arrependimento para a morte, nem a emenda para a infermidade. *Poenitentiam age dum sanus es*, conclúi Sancto Ambrosio; *Si enim agis poenitentiam dum sanus es, et invenerit te novissimus dies, securus es*. «Oh que palavras tão divinas! *Poenitentiam age dum sanus es*. Confessa-te com verdadeiro arrependimento, desconta os teus peccados com obras de satisfação, como jejuns, esmolas, orações; mortifica os teus appetites desordenados, a tua cubiça, a tua vaidade, o teu orgulho, a tua gula, a tua sensualidade; emfim começa nova vida: mas tudo isto em quanto estás com saude, *dum sanus es*. E qual será a consequencia? A consequencia será qual eu desejo para cada um dos meus ouvintes e foi o fim d'este largo sermão: se fizeres penitencia em quanto estás com saude, achar-te-ha a morte sem receio de morreres em peccado: *Si enim agis poenitentiam dum sanus es, et invenerit te novissimus dies, securus es*.»

(Ed. ant. tom. 6.º pag. 416, ed. mod. tom. 9.º pag. 300).

I. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1669

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**É este um dos sermões mais perfeitos que sairam da penna do grande Vieira. Invenção, disposição, elocução, tudo n'elle é summamente admiravel: porque no mesmo tempo é claro, practico e sublime. Merece ser lido e estudado muito.**

Nescitis quid petatis.

S. MATTH. 20.

O evangelho do dia e os mal despachados com necessidade de consolação.

Dous logares e dous pretendentes, um memorial e uma intercessora, um principe e um despacho são a representação politica e a historia christã d'este evangelho. Nos logares temos as mercês, nos pretendentes as ambições, na intercessora as valias, no memorial os requerimentos, no principe o poder e a justiça, no despacho o desengano e o exemplo. «D'este ultimo havemos de fallar hoje.» A infermidade mais geral de que adoecem as côrtes, e a dôr ou o achaque de que todos commummente se queixam, é de mal despachados. Em alguns se queixa o merecimento, em outros a necessidade, em muitos a propria estimação e em todos o costume. O benemerito chama-lhe semrazão, o necessitado diz que é crueldade, o presumido toma-o por aggravo, e o mais modesto da-lhe nome de desgraça e pouca ventura. E que não houvesse atégora no pulpito quem tomasse por assumpto a consolação d'esta queixa, o allivio d'esta melancholia, o antidoto d este veneno e a cura d'esta infermidade! Muitos dos infermos bem haviam mister «algum soccorro effectivo;» mas á obrigação d'esta cadeira (que é de medicina das almas) só lhe toca disputar a doença e receitar o remedio. E se este for provado e pouco custoso, será facil de applicar. Ora eu movido da obrigação e da piedade, e parecendo-me esta materia uma das mais importantes para todas as côrtes do

mundo e a mais necessaria para a nossa no tempo presente, determino prégar hoje a consolação dos mal despachados. Nem com a ambição dos Zebedeus hei de condemnar os pretendentes, nem com a negociação da mãe hei de arguir os intercessores, nem com a resolução de Christo hei de abonar os principes e os ministros; só com o desengano do requerimento, *Nescitis quid petatis*, pretendo consolar efficazmente a todos os que se queixam dos seus despachos, ou se sentem dos alheios. Consolar a um mal despachado é o assumpto do sermão. Se com a graça divina se conseguir o intento, sairão hoje d'aqui os pretendentes commedidos, os ministros alliviados, os bem despachados confusos e os mal despachados contentes. Ajude Deus o zelo com que elle sabe que fiz eleição d'este poncto.

Os que se devem excluir d'este numero.

II. Havendo pois de consolar os mal despachados, aquella gente muita e não vulgar «que vive sem consolação»; para que procedamos distinctamente e fallemos só com quem devemos fallar, é necessario excluir primeiro d'esta honrada lista os que importunamente e sem razão se querem metter n'ella. E quem são estes? São aquelles que sendo hoje tanto mais do que eram, e tendo tanto mais do que tinham, e estando tanto mais levantados do que estavam, ainda se queixam e se chamam mal despachados.

Pretenção de nossos primeiros paes.

Adão, antes de Deus o formar, não era nada; formado era uma estatua de barro lançada n'aquelle chão. Bafejou-o Deus, pôz-se Adão em pés, começou a ser homem; e foi com tão extraordinaria fortuna que tinha (diz o texto) elle só tres presidencias: a presidencia da terra sobre todos os animaes, a presidencia do ar sobre todas as aves, a presidencia do mar sobre todos os peixes. Estava bem despachado Adão? Parece que não podia ser mais nem melhor. Comtudo nem elle, nem sua mulher ficaram contentes; ainda pretendiam. E que? Não mais que ser como Deus! *Eritis sicut dii*. Ha tal ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? Antehontem nada, hontem barro, hoje homem, ámanhã Deus? Não se lembrava Adão do que era hontem e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro não se contentará com ser hoje homem e o primeiro homem? Quem antehontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo e mandar tudo? Não: porque já então era Adão como hoje são muitos de seus filhos, que saem como elle ao barro e ao nada de que foram creados, descontentes e ingratos, quando deveram estar mui contentes e mui agradecidos. E a razão «de estarem descontentes» é, porque dos sentidos perderam a vista e das potencias a memoria: nem olham para o que são, nem se lembram do que foram.

Os irmãos de José que por mandado de Pharaó levam as suas alfaias para o Egypto.

Mas do que ereis e do que sois passemos ao que tinheis e ao que tendes. Enthronizado José no governo e imperio do Egypto, soube el-rei Pharaó que tinha pae e irmãos na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar para que viessem ser companheiros da fortuna de seu irmão. O recado foi notavel e dizia assim: Vinde logo e não deixeis cousa alguma das vossas alfaias; porque todas as riquezas do Egypto hão de ser vossas. Este porquê não intendo. Antes porque todas as riquezas do Egypto haviam de ser suas, não era necessario que trouxessem cousa alguma do que tinham em Canaan. Pois porque lhes manda Pharaó que tragam todas as suas alfaias? Por isso mesmo: para que cotejando as alfaias da fortuna presente com as da fortuna passada conhecessem melhor a mercê que o rei lhes fizera. Eram os irmãos de José uns pobres lavradores e pastores; saíam de cabanas e telhados de colmo para virem morar em palacios dourados debaixo das pyramides e obeliscos do Egypto. Pois tragam as suas pelles, as suas mantas, os seus pellotes de panno da serra: tragam as suas samarras, as suas alparcas, as suas gualteiras: tragam as suas escudellas de pau e os seus tarros de cortiça, para que quando se virem com as paredes ricamente entapizadas, a prata rodar pelas mezas, a seda e o ouro das galas, as perolas e os diamantes das joias, os creados, os cavallos, as carroças, conheçam quanto vai de tempo a tempo e de fortuna a fortuna e dêem muitas graças a Pharaó. Quer cada um conhecer e vêr e apalpar a muita mercê que o rei lhe tem feito? Coteje as suas alfaias; as da casa e as da rua, as suas e as dos seus. A comparação d'este muito com aquelle pouco, oh! quanto serviria para o agradecimento e para a modestia, e ainda para fazer lastro á mesma fortuna!

Deus lembra a David o d'onde o tirou.

Visto já o que ereis e o que sois; o que tinheis e o que tendes, resta a combinação dos logares onde estaveis e onde estais. No segundo livro dos reis capitulo septimo, estão registradas as mercês que Deus tinha feito a David e diz assim o registro: Eu tirei, a David, de entre os pastores onde guardava as ovelhas de seu pae; e o fiz capitão e governador sobre todo o meu povo: *Ego tuli te de pascuis sequentem greges, ut esses dux super populum meum.* Não só diz Deus o logar onde o poz, senão tambem o logar d'onde o tirou; o onde e mais o d'onde. Pois, Senhor meu, que tão grandioso sois, se quereis que fiquem registradas em vossos livros as mercês que fizestes a David, porque mandais que se registrem tambem n'elle o exercicio de que vivia e o logar humilde de que o levantastes? Para que á vista d'este logar conheça melhor David a grande mercê que lhe tenho feito. Quando se vir com o bastão na mão, lembre-se que

na mesma trazia o cajado. Se algum dia (que tudo se póde temer dos homens) lhe parecerem pequenas a David as mercês que lhe fiz, lembrar-se-ha do logar que tinha antes, e do que tem agora: lembrar-se-ha d'onde o tirei, e onde o puz; e logo lhe parecerão grandes. Estes ondes e estes d'ondes não se costumam registrar nos livros das mercês: seria bem que ao menos se registrassem nas memorias dos que as recebem. Lembre-se o descontente, com David, onde estava e onde está: lembre-se, com os irmãos de José, do que tinha e do que tem: lembre-se, com Adão, do que era e do que é; e logo verá qual deve ser o queixoso, se o despacho ou o despachado?

Lembrados da sua condição os pretendentes do evangelho não se queixaram da resposta de Christo.

Não despachou Christo hoje os nossos pretendentes; mas eu noto que nenhum d'elles se queixou. Pediram as duas supremas cadeiras do reino; pediram que Christo os despachasse logo: *Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam et unus ad sinistram in regno tuo:* «dizei que estes meus dous filhos se assentem no vosso reino, um á vossa direita e outro á vossa esquerda.» E foram respondidos logo: *Non est meum dare vobis:* «não me pertence a mim o dar-vol-o.» E sendo esta «negativa» tão clara, tão secca, tão desenfeitada, queixou-se por ventura a intercessora? Queixaram-se os pretendentes? Nem uma palavra disseram; e porque? Porque eram gente que sabia tomar as medidas á sua fortuna. Compararam o que tinham sido com o que eram; e o que eram com o que pretendiam ser. Na comparação do que tinham sido, com o que eram, viam a melhoria do seu estado; na comparação do que eram, com o que pretendiam ser, reconheciam o excesso da sua ambição; e estas duas comparações lhes taparam a bocca de maneira que não teve por onde brotar a queixa. Hontem remando a barca e remendando as rêdes; hoje despachados cada um de nós com uma das doze cadeiras do reino de Christo; e que ainda não estejamos contentes, e nos atrevamos a pretender os dous logares supremos? Mais razão tem logo nosso Mestre de negar, do que teve a nossa mãe e nós de pedir. Elle negou como justo, nós pedimos como demasiados e nescios: *Nescitis quid petatis.*

Quaes os mal despachados que teem razão de queixa.

III. Excluidos já os queixosos e descontentes sem causa (e que por ventura são a causa de haver tantos descontentes), ouçam agora os benemeritos mal despachados a muita razão que teem de se consolar. A do evangelho, como logo mostrarei, é a mais forte de todas. Mas sem recorrer a motivos da fé, se eu fôra um dos benemeritos, em mim mesmo e no meu proprio merecimento achára tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê nem despacho me déra por mui contente e satisfeito. Discorrei um pouco comigo.

Ou mereceis os premios que vos faltam, ou não: se os não mereceis, não tendes de que vos queixar; se os mereceis, muito menos. Ainda não sabieis que não ha virtude nem merecimento sem premio? Assim como o vicio é o castigo, assim a virtude é o premio de si mesma. O maior premio das acções heroicas é fazel-as. O premio das acções honradas ellas o teem em si e o levam logo comsigo: nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem: são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.

Lembrem-se de que a virtude é premio de si mesma.

E se fóra de vós mesmo esperaveis outro premio, contentae-vos com o da opinião e da honra. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes ninguem vol-o póde tirar nem diminuir. Que importa que subais mal consultado dos ministros, se estais bem julgado da fama? Que importa que saisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brazão a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença que vos arrependais de ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acções, quem cuida que lh'as pódem pagar os homens.

E se contentem com o premio da boa opinião e da honra.

Se servistes a patria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, então vos pagastes. Ouvi ao Mestre Divino que tudo nos ensinou. Dizia Christo a seus soldados, a quem encarregou não menos que a conquista do mundo, em que todos deram a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: Servi inutiles sumus*. Quando fizerdes tudo, dizei que sois servos inuteis. Notavel sentença! O servo inutil é aquelle que não faz nada: mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha de cuidar e dizer que é servo inutil? Sim. Ninguem intendeu melhor este texto que o veneravel Beda. Não falla Christo da utilidade que recebe o Senhor, senão da utilidade que não recebe o servo. O servo não recebe utilidade de seu serviço, porque é obrigado a servir; e assim ha de servir quem serve generosamente. O mesmo Christo se declarou e deu a razão muito como sua: *Quod debuimus facere fecimus:* o que deviamos fazer, isso fizemos. Quem fez o que devia, «não fez favor;» e ninguem espera paga de «cumprir» o que deve. Se servi, se pelejei, se trabalhei, se venci, fiz o que devia ao rei, fiz o que devia á patria, fiz o que me devia a mim mesmo; e quem se desempenhou de tamanhas dividas, não ha de esperar outra paga. Alguns ha tão desvanecidos que cuidam que fizeram mais do que deviam. Enganam-se. Quem mais é e mais

A maior paga para um coração honrado é ter feito o que devia.

Luc. 17.

póde, mais deve. O sol e as estrellas servem sem cessar e sempre com grande utilidade; mas esta toda é do universo e nada sua. Prezae-vos lá de filhos do sol e tão illustres como as estrellas, e abatei-vos a mendigar outra paga!

A ingratidão faz subir o merecimento.

Eu não pretendo com isto escusar os que vós accusais. Porque vós sois benemerito, não devem elles ser injustos, antes apprender da vossa generosidade a ser generosos e liberaes. Que dão ou que pódem dar a quem deu por elles o sangue? Mas porque ainda com o pouco, que pódem, faltam ao agradecimento, quero eu que vos não falte a consolação. Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros pôz-lhes estatua o senado; a Catão o mundo. Deixae perguntar ao mundo e admirar-se de vos não ver premiado. Essa pergunta e essa admiração é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o póde tirar a inveja: o que vos deu a fama, não vol-o póde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que vós sejais mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimento, dae-lhe graças.

Em geral as mercês não significam valor senão valia.

Dir-me-heis que vedes differentemente premiados os que fizeram menos ou não fizeram nada. Dôr verdadeiramente grande! Já disse uma rainha de Castella que os seus serviam como vassallos, os nossos como filhos. E não póde deixar de ser grande escandalo do amor e grande monstruosidade da natureza que fossem uns os filhos e outros os herdeiros; mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo e o tempo fôra tão justo que distribuira os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita razão de queixa, porque vos faltava o testimunho da virtude, para que os mesmos premios foram instituidos. Mas quando as mercês não são prova de ser homem, senão de ter homem e quando não significam valor senão valia, pouca injuria se faz a quem «se negam». Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em similhantes peitos não são cruz, são aspa; e quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles. Sejam estes embora exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude.

Os benemeritos queixosos são ingratos a Deus.

Finalmente, se os homens vos são ingratos, não sejais vós ingrato a Deus. Se os reis vos não dão o que pódem, conten-

tae-vos com que vos deu Deus o que não pódem dar os reis. Os reis pódem dar titulos, rendas, estados: mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida e outras virtudes de que se compõi a verdadeira honra, não pódem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma val o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso de quantos companheiros perdeu e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram, fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não póde dar. E quem por mercê de Deus ficou victorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês, que vos não fez, beijae a mão da vossa espada que vos fez digno d'ellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acredor; e gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arriscar a vida, mostrae que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se emfim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta e perderá outros muitos com esse desengano. Não faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereo.* E este ingrato e escandaloso epitaphio será para sua memoria muito maior e mais honrada commenda de quantas pódem dar os que as dão em uma e muitas vidas.

Luc. 15.

IV. Estes são os motivos gloriosos com que eu não só me consolara, mas ainda me desvanecera, se fôra um dos mais benemeritos. Mas vamos á razão divina do Evangelho, com que se não pódem deixar de consolar e conformar todos os que teem fé; e ainda os que a não teem; «se consideram que o texto, que tomei por thema, se extende a todos os homens, porque o motivo se funda na sua natureza.» Ouvi-me ao principio como homens, e depois como christãos.

Motivos de consolação tirados do texto.

Nescitis quid petatis: não sabeis o que pedis. Nenhum homem ha n'este mundo (fallando do céu abaixo) que saiba o que deseja nem o que pede. Fundemos esta verdade na experiencia, para que as consequencias d'ella sejam de maior e mais segura consolação. E porque a petição do evangelho foi de uma mãe e dous filhos, ponhamos tambem o exemplo em dous filhos e uma mãe.

Ninguem sabe o que pede.

A mais encarecida, a mais empenhada e a mais importuna e

Exemplo de Rachel.

impaciente petição, que fez mulher n'este mundo, foi a de Rachel a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar:* Jacob, dae-me filhos, senão hei de morrer. Respondeu-lhe Jacob «irado, como diz o texto, mas com arrufo de esposo,» que os filhos só Deus os dá e só elle os póde dar. E com ser esta razão tão certa e experimentada, não se conformava com ella Rachel. Instava «na mesma petição. E aqui deixae-me imaginar que Jacob desagastando-se lhe dizia» que advertisse como estava na primavera de seus annos e que ainda lhe restavam muitos em que podia ter naturalmente o que tanto desejava. «Mas esta mesma esperança a inquietava mais. Animava-a com o exemplo de sua avó Sara, que depois de tão comprida esterilidade houvera a Isaac seu pae. Ajunctava a estas razões as da lisonja, mais poderosa muitas vezes com a fraqueza e presumpção d'aquelle sexo: dizia-lhe que olhasse para si e se consolasse com a rosa, a qual sendo a belleza dos prados e a rainha das flôres, é flôr que não dá fructo. Mas nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ancias nem as vozes. *Da mihi liberos.* Esta era a petição, este o aperto, estas as instancias «de Rachel.» Mas qual foi o despacho e o successo? Caso verdadeiramente admiravel! O despacho foi assim como Rachel pedia, e o successo em tudo contrario ao que pedia. O que pedia Rachel não só era filho, senão filhos: *Da mihi liberos;* e assim lh'o concedeu Deus, porque a fez mãe de José e de Benjamin. Mas o successo foi em tudo contrario ao que pedia; porque «dando felizmente á luz» o primeiro filho, morreu de parto e no mesmo parto do segundo. Lembrae-vos agora dos termos com que Rachel pedia os filhos: *Da mihi filios, alioquin moriar:* dae-me filhos (dizia), senão hei de morrer. E quando cuidava que havia de morrer se não tivesse filhos, porque teve filhos e no mesmo poncto em que os teve, morreu. Cuidava que pedia a vida, e pedia a morte; cuidava que pedia a alegria sua e de sua casa, e pedia a tristeza, o lucto, a orphandade d'ella e os que lhe haviam de trocar a mesma casa em sepultura. Tão errados são os pensamentos e desejos humanos; e tão certo é que no que pedimos com maiores ancias, não sabemos o que pedimos! *Nescitis quid petatis.*

Gen. 30.

Exemplos do filho Prodigo e de Samsão.

Confirmado o desengano da mãe dos Zebedeus com o exemplo d'esta mãe, confirmemos o de seus dous filhos com o exemplo de outros dous, posto que filhos de differentes paes. Sabida é a historia de Samsão e sabida a do Prodigo; ambos famosos por seus excessos. Deixados pois os principios e progressos de uma e outra tragedia, ponhamo-nos ao fim de ambas e vejamos

o estado de extrema miseria a que os passos de cada um os levaram por tão diversos caminhos. Vêdes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, trosquiados os cabellos, cavados os olhos e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadeias, anda moendo em uma atafona? Pois aquelle é Samsão. Vêdes aquelle mancebo macilento e pensativo, que roto e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o Prodigo. Quem haverá que se não admire de uma tal volta de fortuna em dous sujeitos tão notaveis; um tão valente, outro tão altivo? É possivel que n'isto pararam as façanhas e victorias de Samsão? É possivel que n'isto pararam as riquezas e bizarrias do Prodigo? N'isto pararam: ou para melhor dizer, não pararam só n'isto: porque o Prodigo, perecendo á fome no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas com que se apascentava o seu gado; e Samsão tirado em publico para ludibrio do povo, foi tractado com taes escarneos e indecencias, que de corrido e affrontado com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa d'estes successos e de duas mudanças tão extranhas? Agora não vos peço admiração, senão pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tiveram outra causa que o bom despacho de duas petições em que Samsão e o Prodigo se empenharam. Pediu Samsão a seus paes que lhe dessem por mulher uma philistéa. Concederam-lhe os paes o que pediu; e esta philistéa foi a causa das guerras que Samsão teve com os philisteus, e dos enganos e traições de Dálila, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso e tragico de seu valor. Da mesma maneira pediu o Prodigo a seu pae lhe desse em vida a herança que lhe havia de caber por sua morte. Concedeu-lhe o pae o que pedia; e esta herança consumida em larguezas e vicios da mocidade foi causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fome, da sua servidão, da sua deshonra, que só tiveram de desconto o pezar e arrependimento. Torne agora Rachel e perguntemos áquella mãe e a estes dous filhos; se pediriam, depois de tão pesadas e contrarias experiencias, o que antes d'ellas pediram? Pediria Rachel filhos, se soubesse que o ter filhos lhe havia de custar a vida? Pediria Samsão a philistéa, se soubesse que ella havia de ser a causa de sua affronta, de sua morte e de perder os olhos com que a vira? Pediria o Prodigo a herança antecipada, se soubera que com ella havia de comprar a miseria, a servidão, a deshonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que

pediram, senão antes o contrario, porque o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no, porque não sabiam o que pediam: pediram-no, porque ninguem sabe o que pede; e pediram-no, porque foram aquella mãe e aquelles dous filhos como a mãe e os dous filhos do nosso evangelho: *Nescitis quid petatis.*

Lembrem-se os mal despachados que não sabiam o que pediam. A fabula de Phaetonte e a historia de muitos que acharam nos despachos a sua ruina.

Supposto este principio certo e infallivel, que ninguem sabe o que pede, tirem agora a consequencia os que se teem por mal despachados. Se vós soubesseis que vos estava bem o que pedistes, então tinheis razão de estar contente, se vol-o concederam, ou descontente se vol-o negaram. Mas quando ignorais egualmente se vos estava bem ou mal o que pretendieis, porque vos desconsolais? Se me desconsolo, porque cuido que me podia estar bem; porque não me consolo, considerando que me podia estar mal; e mais quando nas cousas d'este mundo o mal é o mais certo? Consolae-vos com a tragedia de Samsão: consolae-vos com o arrependimento do Prodigo. E se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolae-vos com os de mais perto e com os que vistes e vêdes com vossos olhos. Quantos vistes que cuidavam que estava o seu remedio onde acharam a sua perdição? Quantos vistes que cuidavam que estava a sua honra d'onde tiraram o seu descredito? Quantos vistes que cuidavam que estava o seu augmento onde experimentaram a sua ruina? Quantos finalmente vistes que os esperava a morte, onde elles esperavam os maiores interesses e felicidades da vida? Alcançaram o que pediram, acceitaram muito contentes o parabem do despacho; mas o despacho não era para bem. *Poenam pro munere poscis* disse «lá na fabula» o sol a Phaetonte quando lhe pediu o governo do seu carro: Olha, filho, que cuidas que pedes mercê e pedes castigo. O auctor é fabuloso; mas a sentença verdadeira. E se não, perguntae-o aos nossos phaetontes: aos do oriente na Asia: aos do meio-dia na Africa: aos do occidente na America. O mesmo carro que pediram foi o seu precipicio e o mesmo excesso dos raios o seu incendio. Se lhes buscardes os ossos fulminados, uns achareis nas ondas, outros nas areias, outros nos hospitaes, outros nos carceres e nos desterros, e poucos nas mesmas terras que perderam, que fôra mais honrada sepultura. Estes são os vossos bem despachados. Quando partiram, levavam após si as invejas; quando tornaram ou não tornaram, trouxeram as lagrimas. E se elles se enganaram com o seu desejo e com a sua fortuna, porque não souberam o que pediram, vós que tambem o não sabeis, porque vos haveis de enganar? Desenganae-vos com o seu engano e consolae-vos com o seu erro; pois nem elles, nem vós sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis.*

V. Oh se soubessemos o que nos está bem ou mal, como nos haviamos de dar muitas vezes por bem despachados com aquelle mesmo que chamamos mau despacho! O que nos está bem ou mal só Deus o sabe, todos os mais o ignoramos. E esta sciencia de Deus e esta ignorancia nossa, são os dous polos em que ha de estribar toda a indifferença de nossas petições, e tambem a resignação dos despachos. As petições havemol-as de fazer, como quem não sabe o que pede; e os despachos havemol-os de acceitar, como de Quem só sabe o que dá. Cuidamos que os homens são os que nos despacham; e por isso murmuramos e nos queixamos d'elles; e não advertimos que em todos os conselhos assiste invisivelmente Deus como presidente supremo; e que elle é o que nos dá ou nega o que pedimos, como Quem só sabe o que nos está bem ou mal. As sortes, diz Salomão, não dependem da mão do homem que as tira, senão da mão de Deus que as governa: *Sortes mittuntur in sinum, sed a Domino temperantur.* Se vos saiu a sorte em branco, se vos não responderam como pedieis, consolae-vos e acceitae esse despacho como da mão de Deus, que só sabe o que vos convem. Os homens só fazem mercê quando dão: Deus não só faz mercê quando dá, senão tambem quando nega.

Deus é que nos dá ou nega o que pedimos, como quem só sabe o que nos está bem ou mal.

Prov. 16.

Petite et dabitur vobis: Pedi e recebereis, diz Christo. E para maior confirmação d'esta promessa accrescenta: *Omnis enim qui petit, accipit;* porque todo o que pede, recebe. A proposição não póde ser mais universal, nem mais clara, mas tem a replica e a instancia muito á flôr da terra; e apenas haverá n'este mesmo auditorio, quem não possa testimunhar n'ella com a propria experiencia. Quantos senhores de ricas e grandes casas pediram a Deus um herdeiro, e não o alcançaram. Quantos pobres carregados de filhos pediram para elles o sustento, e não teem com que lhes matar a fome? Quantos na infermidade fizeram votos pela saude, e morreram sem remedio? Quantos na tempestade, bradando ao céu, foram comidos das ondas? Quantos no captiveiro, orando continuamente pela liberdade, acabaram a miseravel vida nos ferros e nas masmorras? E para que não vamos mais longe, no mesmo caso do nosso texto temos a mãe dos filhos de Zebedeu pedindo e pedindo de joelhos: *Adorans et petens aliquid ab eo.* E a resposta da sua petição (sendo o mesmo Christo a quem pediam) foi um *não* muito desenganado e muito lizo: *Non est meum dare vobis.* Pois se é verdade certa e evangelica, experimentada, ordinaria e manifesta que muitos pedem a Deus e não alcançam o que pedem, como diz Christo: Pedi e recebereis? E como affirma absoluta e universalmente que todos os que pedem, recebem? A duvida não póde ser mais apertada;

Como se intende a sentença de Christo: Todo o que pede recebe.

Luc. 11.

mas é da casta d'aquellas que se fundam na falsa intelligencia ou errada apprehensão do texto. Ponderae e reparae bem no que dizem as palavras e no que não dizem: *Petite, et accipietis: omnis enim qui petit, accipit*. Não diz Christo: Pedi e recebereis o que pedis: senão; Pedi e recebereis. Não diz; Todo o que pede, recebe o que pede; senão: Todo o que pede, recebe. E que é o que recebe? O que Deus sabe que lhe está melhor. Se pedis o que vos convem, recebeis o que pedis: mas se pedis o que vos não convem, recebeis o não se vos dar o que pedieis. D'este modo todo o que pede, recebe: *Omnis qui petit, accipit:* porque ou recebe o que pede; ou recebe o que havia de pedir, se soubera o que pedia. Quando um homem pede o que lhe não convem, se soubera o que pedia, havia de pedir que lh'o negassem; e porque só Deus sabe o que nos convem, suppre com a sua sciencia a nossa ignorancia, e por isso nos responde como aos Zebedeus com um *não* e nos nega o que pedimos.

Exemplos com que o Divino Mestre confirma a sua sentença.

O mesmo Christo declarou a sua proposição e a fez evidente com tres exemplos familiares e caseiros, que se eu os trouxera havieis de dizer que eram baixos. Tão altiva é a nossa rudeza, e tão humana a sabedoria divina! Se um filho (diz Christo) pedir pão a seu pae, dar-lhe-ha uma pedra? Se lhe pedir peixe, dar-lhe-ha uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-ha um escorpião? Pois esta é a razão, porque Deus, que nos tracta como filhos, nos diz muitas vezes um *não* e nos nega o que pedimos: porque pedimos pedras, porque pedimos serpentes, porque pedimos escorpiões. Cuidamos que pedimos o necessario e pedimos o inutil: cuidamos que pedimos o proveitoso e pedimos o nocivo; e isto é pedir pedras. Cuidamos que pedimos sustento, e pedimos veneno: cuidamos que pedimos o que havemos de comer, e pedimos o que nos ha de comer: cuidamos que pedimos com que viver, e pedimos o que nos ha de matar; e isto é pedir serpentes e escorpiões. Quando somos tão nescios ou tão meninos que não distinguimos o escorpião do ovo, nem a serpente do peixe, nem o pão da pedra, Deus, que é pae e tão bom pae, porque nos não ha de negar o que tão ignorante e tão perigosamente pedimos? Oh ditosos aquelles a quem Deus assim despacha, porque não sabem o que pedem: *Nescitis quid petatis*.

Os despachos algumas vezes são para castigo, como aconteceu aos israelitas no deserto.

E porque vos consoleis dobradamente não tendo nenhumas invejas aos que o mundo chama bem despachados, sabei e saibam elles que Deus assim como tem um *não* para as mercês, tambem tem um *sim* para os castigos. Entre os homens o melhor despacho das petições é: *Como pede*. No tribunal de Deus muitas vezes é o contrario. Deus nos livre de um *como pede*,

quando os homens não sabem o que pedem. Caminhavam pelo deserto os filhos de Israel, e enfastiados do manná e lembrados das olhas do Egypto pediram carne. Levou Moysés a Deus a petição, não porque elle a approvasse, mas importunado do povo. E que responderia Deus? Pedem carne? Sou muito contente: faça-se assim como pedem. Não só lhes darei carne, senão muita e muito regalada. No mesmo poncto á maneira de chuva começaram a caír sobre os arraiaes infinitas aves de penna, que assim falla o texto. Ora grande é a paciencia e liberalidade de Deus! A uns homens tão ingratos, desprezadores do manná do céu, assim lhes concede o que pedem? A um appetite desordenado tanto favor? A uma petição tão descommedida tanta mercê? Esperae um pouco pelo fim, e logo vereis. Muito contente o povo com a chuva nunca vista de aves de penna, começam a matar, a depennar, a guizar de varios modos: assentam-se ás mezas com grande festa; e que succedeu? Ainda tinham o comer na bocca, quando veio a ira de Deus sobre elles. Comiam das aves, e como se foram serpentes ou escorpiões cada boccado era outro tanto veneno, e caíam mortos. Eis-aqui o fim do *Como pedem*. Parecia favor, e era castigo; parecia mercê de Deus, e era ira de Deus: *Et ira Dei ascendit super eos*. Por este e outros exemplos, diz altamente Sancto Agostinho, que Deus irado concede muitas cousas as quaes havia de negar se estivera propicio: *Multa Deus concedit iratus, quae negaret propitius*. Se Deus estivera propicio ao povo, havia-lhe de negar o que pedia: concedeu-lh'o, porque estava irado contra elle. Cuidais que esse despacho tão venturoso e tão invejado é mercê? Esperae-lhe pelo fim e vereis que é castigo.

Ps. 99.

E se Deus concede por peccados, para que os bem despachados se não desvaneçam; tambem nega por merecimentos, para que os mal despachados se consolem. Ouvi um grande reparo sobre o nosso evangelho. Pedem os Zebedeus as cadeiras: não lh'as quer Christo conceder; porque não sabiam o que pediam, como pouco ha dissemos: mas antes de lh'as negar, pergunta-lhes se se atreviam a beber o calix, isto é se se atreviam a morrer por elle e como elle. Responderam ambos animosamente que sim. E porque o testimunho d'este valor e serviço não ficasse só na fé dos pretendentes, o mesmo Christo o qualificou e justificou e lhes deu certidão authentica de que assim era ou havia de ser: *Calicem quidem meum bibetis;* e depois d'estas provanças tão miudas e tão exactas, então lhes respondeu: *Non est meum dare vobis*. Pois se o Senhor lhes havia de negar o que pediam, para que lhes examina merecimentos? Para que lhes prova o valor? Para que lhes certifica a morte e o san-

Outras vezes o despacho é negado por merecimentos. Assim aconteceu aos filhos de Zebedeu.

gue do calix? Se todas estas diligencias foram feitas para sobre ellas lhes fazer a mercê, bem estava. Mas para lhes negar o que pediam? Sim: porque tambem o negar é mercê. E porque mercês, e mais se são grandes, senão devem fazer senão por grandes serviços e muito justificados, por isso Christo lhes pediu primeiro os serviços e os justificou por verdadeiros, para lhes fazer a mercê de lhes negar o que pediam. De maneira que aos filhos de Israel concedeu-lhes Deus a sua petição por peccados, e aos filhos de Zebedeu negou-lhes Christo a sua por merecimentos: porque no primeiro caso o conceder era castigo, e no segundo «conforme veremos d'aqui a pouco» o negar era mercê. E como o despacho dos que se teem por bem despachados pode ser castigo e grande castigo, e pelo contrario o dos que se teem por mal despachados pode ser mercê e grande mercê, tão pouca razão teem uns de se desvanecer, como outros de se consolar; pois uns e outros não sabem o que lhes deram, assim como não sabem o que pedem: *Nescitis quid petatis*.

Até os philosophos pagãos intenderam estas verdades. Outras razões proprias dos christãos.

VI. Estou vendo, senhores, que já me haveis por desempenhado do que ao principio prometti: intendendo que na primeira parte d'este discurso vos préguei como a homens e na segunda como a christãos. Não é assim; posto que n'esta segunda parte fallei tantas vezes em Deus, attribuindo á sua justiça e providencia os vossos bons ou máus despachos. Até os gentios fallaram d'este modo e conheceram isto mesmo, só pelo lume da razão, por serem homens posto que sem fé. Socrates, aquelle grande philosopho da Grecia, dizia que nenhuma cousa em particular se havia de pedir aos deuses, senão em geral o que estivesse bem a cada um; porque isto só elles o sabem, e os homens ordinariamente appetecemos o que nos fôra melhor não alcançar. E Platão para ensinar o methodo com que haviamos de pedir a Deus compoz esta oração: Jupiter, dae-me o bem ainda que vol-o não peça, e livrae-me do mal ainda que vol-o peça. Sabiamente por certo. Não «adoravam» a Deus aquelles philosophos, mas sabiam o que se deve pedir e como se deve pedir a Deus. Pedir-lhe que nos dê o bem, ainda que lh'o não peçamos; porque muitas vezes pedimos o mal, cuidando que é bem; e não pedimos o bem, cuidando que é mal; e só Deus, que sabe o que nos está bem ou mal, nos pode dar o que nos convém. Assim que atégora sómente préguei como a homens; e por isso todos os bens ou males de que fallei foram do céu abaixo: agora subamos mais acima, e dae-me attenção como christãos ao que brevemente me resta por dizer, que é o que sobre tudo importa.

Nescitis quid petatis. São tão nescias, christãos, as nossas petições, são tão arriscadas e tão perigosas muitas vezes, que cuidando que pedimos os bens temporaes, pedimos os males eternos; cuidando que pedimos nossas conveniencias, pedimos a nossa condemnação. Não é consequencia ou consideração minha, senão doutrina expressa do mesmo Christo: *Sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Notavel e profunda resposta! Os dous discipulos e sua mãe, pediam as duas primeiras cadeiras do reino temporal de Christo, intendendo erradamente que o Senhor havia de reinar temporalmente n'este mundo, assim como David, Salomão e os outros reis seus primogenitos. Este era o seu pensamento e esta a sua petição, conforme a esperança vulgar a que todos estavam persuadidos, ainda depois da Resurreição de Christo, quando perguntaram: *Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel.* Pois, se pediam logares e dignidades temporaes, como lhes responde Christo, quando lh'as nega, com os decretos da predestinação do Padre: *Sed quibus paratum est a Patre?* Por duas razões o fez: a primeira para mostrar-lhes que os despachos das nossas petições, ainda que sejam de cousas temporaes, são effeitos da predestinação eterna. Muitas vezes sái despachado o pretendente, porque é prescito; e não sái despachado, porque é predestinado. Pediu o demonio a Deus que lhe désse poder sobre os bens e pessôa de Job; e concedeu Deus ao demonio o que pedia o demonio. Pediu S. Paulo a Deus e pediu-lhe tres vezes que o livrasse de uma tentação; e negou Deus a S. Paulo o que pedia S. Paulo. Pois a S. Paulo se nega o que pede, e ao demonio se concede? Sim, diz Sancto Agostinho. Ao demonio para maior confusão, a S. Paulo para maior gloria; a S. Paulo como a predestinado, ao demonio como a prescito. Quantos prescitos estão hoje no inferno arrenegando dos seus despachos! E quantos predestinados estão no céu dando eternas graças a Deus, porque os não despacharam!

Sentido errado da petição dos dous discipulos.

«A segunda razão porque Christo respondendo aos dous apostolos citou os decretos da predestinação, foi para lhes provar com o facto» que não sabiam o que pediam. Cuidavam que pediam dignidades e honras do mundo, e pediam, sem saber o que pediam, a sua condemnação: *Unus ad dexteram et unus ad sinistram.* A mão direita de Christo, como se verá no dia de juizo, é o logar dos que se hão de salvar, a mão esquerda é o logar dos que se hão de condemnar. E como cada um dos dous apostolos pedia indifferentemente a mão direita ou esquerda, ambos se expunham e se offereciam (sem o saberem) ao logar

Sem o saberem offereciam-se á condemnação.

da condemnação. É observação de S. João Chrysostomo: Eu (diz Christo) escolhi-vos para a mão direita, e vós por vosso juizo e por vossa vontade (sem saber o que pedís) pedís e fazeis instancia pela mão esquerda. Oh quantos requerentes da mão esquerda, oh quantos pretendentes da condemnação andam hoje em todas as côrtes da christandade, sem saberem o que pedem e o que requerem! Andam requerendo e sollicitando e contendendo sobre quem ha de levar o inferno. E os que o alcançam ficam muito contentes, e os que o não conseguem, muito tristes.

Para a predestinação tanto se serve Deus de ministros justos como de injustos.

Então tudo é queixar e infamar os ministros, e talvez com tanto excesso e atrevimento, que ainda sobem as queixas mais acima. Eu não tenho tanta opinião dos nossos tribunaes na justiça distributiva, como n'outras especies d'esta virtude: mas para o fim da predestinação e salvação (que é o ultimo despacho e o que só importa) tanto se serve Deus de ministros justos, como dos injustos; e tanto da sua justiça, se a observam, como da sua injustiça. Quiz Deus salvar o genero humano n'aquelle dia fatal em que deu a vida por elle; e de que ministros se serviu sua Providencia? Caso estupendo! Serviu-se de Judas, de Annás, de Caiphás, de Pilatos, de Herodes; e por meio da injustiça e impiedade de homens tão abominaveis, se conseguiu a salvação dos predestinados. Se esperais ser um d'elles, não vos queixeis; e se me dizeis que foram injustos os ministros comvosco, tambem vôl-o concedo, posto que o não creio. Mas que importa que, ou n'este conselho fossem Judas, ou n'aquelle Annases e Caiphases, ou no outro Herodes e Pilatos, se por meio da sua injustiça tinha Deus predestinado a vossa salvação? Elles irão ao inferno pela injustiça que vos fizeram, e vós por occasião da mesma injustiça ireis ao céu.

Prova-se com o concurso de Christo com Barabbás e de Dimas com Gestas.

Notae n'este mesmo dia dous concursos dignos de toda a ponderação, para que vos não queixeis de vêr preferidos os que concorreram comvosco. O primeiro concurso foi de Christo com Barabbás, e ambos foram julgados com summa injustiça; porque Barabbás ladrão, adultero, homicida e traidor saíu absolto; o Christo summamente innocente e summamente benemerito, condemnado. O segundo concurso foi de Dimas e Gestas, o bom e o máu ladrão; e ambos foram condemnados com egual justiça, porque ambos como ladrões mereciam a forca. E que tirou Deus d'estes dous concursos e d'estes dous juizos tão encontrados? O primeiro foi por ambas as partes injusto, o segundo por ambas as partes justo, e de ambos tirou Deus egualmente a condemnação dos prescitos e a salvação dos predestinados. Do primeiro tirou a condemnação de Barabbás e a gloria de Christo:

do segundo tirou a gloria do bom ladrão e o inferno do máu; porque para salvar ou não salvar tanto se serve Deus da justiça dos homens como da sua injustiça. Concedo-vos que podeis ser consultado, julgado e despachado, ou injustamente como vós dizeis, ou justamente como não confessais: mas nem da justiça, nem da injustiça dos ministros vos deveis queixar, se tendes fé; porque tanto pode pender d'essa justiça a vossa condemnação saindo bem despachados para o inferno, como depender d'essa injustiça a vossa salvação saindo mal despachados para o céu.

Os corações dos reis estão nas mãos de Deus, como se viu em Cyro e Pharaó.

E se não tendes razão para vos queixar dos ministros, muito menos a tem a vossa temeridade para subirem talvez as queixas até o sagrado, onde se decretam as resoluções. E porque? Porque, ainda que os reis são homens, Deus é o que tem nas suas mãos os corações dos reis: *Cor regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud.* O coração do rei (diz Salomão) está na mão de Deus; e a mão de Deus é a que o move e inclina a uma ou a outra parte, segundo a disposição da sua providencia. Como o coração de rei está na mão de Deus, se Deus abre e alarga a mão, alarga-se tambem o coração do rei e faz-vos mercê com grande liberalidade; e se Deus aperta e estreita a mão, estreita-se do mesmo modo o coração do rei, e, ou vos dá muito menos, ou nada do que pedieis. De maneira que, ainda que o rei é o senhor que dá ou não dá, tem sobre si outro senhor maior, que é o que lhe alarga ou estreita o coração para que dê ou não dê. Rei era Cyro e rei era Pharaó: Cyro dominava os hebreus no captiveiro de Babylonia, e Pharaó dominava os mesmos hebreus no captiveiro do Egypto; mas a causa superior de serem tão differentemente tractados, não foi Cyro nem Pharaó, senão Deus. Como Deus tinha na mão o coração d'aquelles reis, alargou a mão ao coração de Cyro, e deu Cyro liberdade aos hebreus; e estreitou a mão ao coração de Pharaó, e não só os não libertou Pharaó, antes lhes apertou mais o captiveiro. Advertí porém para consolação vossa, que este mesmo aperto e esta mesma estreiteza e dureza do coração de Pharaó foi a ultima disposição que Deus traçava para levar os hebreus (como levou) á terra de promissão. Se o coração do rei, tão largo e tão liberal com outros, é para comvosco estreito e ainda duro, alargae vós o vosso coração e consolae-vos; e intendei que por esse meio vos quer Deus levar á terra de promissão do céu, para que vos tem predestinado. Pode haver maior consolação que esta? Não pode.

Prov. 21.

A intercessão dos sanctos nos maus despachos. Exemplo de S. Francisco Xavier.

Agora acabaremos de intender a providencia que está escondida em uma desegualdade que cada dia experimentamos, e não

sei se advertimos bem n'ella. Requere um pretendente; sollicíta, negocêa, insta e talvez peita e suborna; e sái despachado. O outro seu competidor encommenda o seu negocio a Deus, mette a sua petição na mão de Sancto Antonio, manda dizer missas a Nossa Senhora do Bom Despacho, e sái escusado. Pois este é o fructo de negociar com Deus? Estes são os poderes da oração? Esta é a valia e a intercessão dos sanctos? Sim! esta é. Porque elles intercederam por vós, por isso não saistes despachado. Um sancto que prégou n'este mesmo pulpito, nos ha de dar a prova. Havia na India um fidalgo muito devoto de S. Francisco Xavier: tinha suas pretenções com o senhor rei D. João o terceiro; pediu uma carta de favor ao sancto para seu companheiro o padre mestre Simão, que era mestre do principe e muito bem visto d'el-rei. Escreveu S. Francisco Xavier, e dizia assim o capitulo da carta: Dom fulano é muito amigo da Companhia: tem requerimentos com sua alteza: peço a vossa reverencia, pelas obrigações que devemos a este fidalgo, que procure desviar os seus despachos quanto fôr possivel: porque todo o que vem bem despachado para a India, vai bem despachado para o inferno. Eis aqui as intercessões dos sanctos.

Como o Espirito Sancto emenda as petições dos justos.

Sabeis porque saiu o outro despachado e vós não! Porque elle teve a valia dos homens, e vós a intercessão dos sanctos. Esperaveis que vos despachassem bem para o inferno, quando tinheis encommendado o vosso requerimento á Senhora do Bom Despacho? Dae graças a Deus e a sua mãe; e ouvi tudo o que tenho dicto e tudo o que se póde dizer n'esta materia em um texto estupendo de S. Paulo: *Quid oremus sicut oportet, nescimus: ipse autem Spiritus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus*. Nós não sabemos pedir o que nos convém. E que faz Deus auctor da nossa predestinação e salvação, quando pedimos o que é contrario a ella? O mesmo Espirito Sancto (diz S. Paulo) por sua infinita bondade e misericordia troca, emenda e ordena as nossas petições, e elle mesmo pede por nós a si mesmo com gemidos que se não pódem declarar. De sorte que quando pretendemos o que encontra a nossa salvação, nós pedimos na terra e o Espirito Sancto geme no céu: nós fazemos instancias, e elle dá ais. Ai homem cego que não sabes o perigo em que te mettes! Ai que se quer perder aquella alma! Ai que anda sollicitando a sua condemnação! Ai que pretende aquelle officio! que pretende aquella judicatura! que pretende aquelle governo! e se alcança o que pretende se vai ao inferno! Pretende o Brazil; se vai ao Brazil, perde-se. Pretende Angola: se vai a Angola, condemna-se. Pretende a India: se passa o Cabo de Boa Esperança, lá vai a esperança da sua salvação. As-

sim geme o Espirito Sancto por nos desviar do que pretendemos com tantas ancias, porque não sabemos o que pedimos. *Quid oremus sicut oportet, nescimus.*

Conclusão. Quem requerer, ponha o despacho nas mãos de Deus e tema de sair despachado.

VIII. Pois que ha de fazer um homem depois de servir tantos annos? Não ha de pretender? Não ha de requerer? Póde ser que esse fôra o melhor conselho. Mas não digo tanto, porque não vejo tanto espirito. O que só digo é, pelo que cada um deve a sua salvação, que o nosso modo de requerer seja este. Ponde a petição na mão do ministro e o despacho nas mãos de Deus. Senhor, eu não sei o que peço: o que mais convém a minha salvação, só vós o sabeis; vós o encaminhae, vós o disponde, vós o resolvei. Com isto ou saireis despachado, ou não. Se sairdes despachado, acceitae embora a vossa portaria ou a vossa provisão; e começae a temer e tremer: porque póde ser que aquella folha de papel seja uma carta de Urias. Urias levava no seio a sua carta, cuidando que era um grande despacho, e era a sentença da sua morte. Cuidais que levais no vosso despacho o vosso remedio e o vosso augmento, e póde ser que leveis n'elle a sentença de vossa condemnação. Não lhe fôra melhor a Pilatos não ser julgador? Não lhe fôra melhor a Caiphás não ser pontifice? Não lhe fôra melhor a Herodes não ser rei? Todos estes se condemnaram pelo officio; e mais com Christo deante dos olhos. Mas se fôrdes tão venturosamente desgraçado que não consigais o despacho, consolae-vos com estes exemplos e com o de S. João e Sanct'-Iago. Se Christo não despacha a dous vassallos tão benemeritos, folgae de ser assim benemerito. Se Christo não despacha a dous creados tão familiares de sua casa, folgae de ser assim da casa de Christo. Se Christo não despacha os dous discipulos tão amados, folgae de ser assim amado seu; e intendei que vos não despachou Deus, nem quiz que vos despachassem, porque não sabieis o que pedieis, e porque sois predestinado. Lá na outra vida haveis de viver mais que n'esta. Se aqui tiverdes trabalhos, lá tereis descanço: se aqui não tiverdes grandes logares, lá tereis o logar que só é grande; e se aqui vos faltar a graça dos homens, lá tereis a graça de Deus e o premio d'esta graça, que é a gloria.

(Ed. ant. tom. 1.º, columna 299, ed. mod. tom. 1.º pag. 225.)

II. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1670

Observação do Compilador.—Este discurso é na forma d'aquelles que hoje se chamam conferencias moraes, muito uteis para instruir os ouvintes nos principios da religião ou nos deveres de seu estado. O assumpto é ensinar aos que governam qual é segundo o Evangelho a politica com que devem promover a observancia das leis. Maravilhoso sermão! que deveria ser bem estudado por todos os que no ecclesiastico ou no civil teem que governar. Os pensamentos são muito nobres, o estylo elegantissimo. O ultimo numero, attendendo ás circumstancias em que o orador fallava, julgar-se-ha superior a todos os elogios.

Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

S. Matth. 70.

Quão dura cousa é receber uma negativa.

Terrivel palavra é um «Não» *Non*. Não tem direito nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre sôa e diz o mesmo. Qando a vara de Moysés se converteu n'aquella serpente tão feroz, que fugia d'ella, porque o não mordesse; disse-lhe Deus que a tomasse ao revés, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O *non* não é assim: por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que confeiteis um *não* sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é feio; por mais que o doureis, sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um *não?* A mais dura cousa que tem a vida é chegar a pedir; e depois de chegar a pedir ouvir um *não*, vêde o que será!

A lingua hebraica que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assim disse Bersabé a Salomão: *Petitionem unam precor a te, ne confundas faciem meam:* trago-vos, senhor, uma petição; não me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não*. Para a necessidade dura, para a honra affrontosa e para o merecimento insoffrivel.

3 Reg. 2.

E não menos dura é dal-o. O que um rei ha de fazer a este respeito.

E se um *não* é tão duro para quem o ouve, creio eu que não é menor a sua dureza para quem o diz; e tanto mais, quanto mais generoso fôr o coração e mais soberano o animo que o houver de pronunciar. Os reis e principes soberanos não podem deixar de ouvir petições e ser importunados de requerimentos a que não devem deferir. E porque dizer *não* aos pretendentes é cousa tão dura para elles, como para o principe, será materia mui propria d'este logar e d'este evangelho pôr hoje em questão e averiguar duas cousas. Primeira: se é conveniente e decente a um rei dizer *não*. Segunda: qual é o modo com que o deve dizer no caso que convenha. Uma e outra resolução nos darão as palavras do thema: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.*

Os politicos dizem que um rei nunca a deve dar abertamente.

II. Dos imperadores que precederam ao imperio de Trajano, diz o seu panegyrista Plinio, que desejavam muito ser rogados e que todos lhe pedissem, só pelo gosto que tinham de dizer *não*. Mas como estes, que elle chama principes, verdadeiramente eram tyrannos e mais monstros da natureza humana, que homens; excluido sem controversia este escandalo da razão e da humanidade, e começando a nossa questão pelas razões provaveis de duvidar, parece («dizem os politicos») que não é conveniente nem decente á majestade e auctoridade de um rei que pronuncie de palavra ou firme com a penna um *não*. Ou o rei diz *não*, porque não quer ou porque não póde («argumentam elles»): se é porque não quer, offende o amor; se porque não pode, desacredita a grandeza. E se as petições e requerimentos são taes que se não devem conceder, intendam os pretendentes o *não*, mas não o ouçam; seja discurso seu, e não resposta ou resolução real. Mais decente negativa é para o governo e menos descoberta desconsolação para os que requerem que elles tomem por si o desengano. Desengane-os a dilação, desengane-os o tempo; e se de dia não cuidam, nem de noite sonham mais que no seu despacho, os mesmos dias e noites lhes digam o que se lhes não diz, e por ellas saibam o que não querem intender. Sustentem-se na sua esperança, posto que

falsa; e fique sempre inteiro ao principe o pundonor de que não negou. Se por este modo se extendem os requerimentos e se entreteem e multiplicam os que veem requerer, isso mesmo é um certo genero de grandeza e auctoridade haver muitos pretendentes. O que elles gastam e despendem sustenta a majestade da côrte e tambem as côrtes dos que não são majestades. Já que pretendem sem merecimento, paguem as custas da sua ambição; e sirva-lhes a elles de castigo e aos mais de exemplo.

Porém enganam-se: porque a primeira virtude do throno é a verdade ou sinceridade.

Contra o sophistico d'estas razões (que verdadeiramente teem muito de vaidade) parece que são mais solidas as do dictame contrario. Tão vil é na mentira o *sim*, como honrado na verdade o *não*. A verdade (que por isso se pinta despida) não sabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem córar e muito menos enganar; e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça, ou da graça, é a verdade. Todo o artificio é cousa mechanica e não nobre, quanto mais real. O sol abranda a cêra e endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos sujeitos; mas em todos e com todos descobertamente: por isso o calor é inseparavel da luz. Importa distinguir o bastão do sceptro: os estratagemas não são para o despacho; sejam embora para a campanha, mas não para a côrte; para os inimigos e não para os vassallos. Saibam os pretendentes se podem esperar ou não; para que ao fim não desesperem. Quem diz que é arte de não desgostar, não diz, nem cuida bem. Melhor é dar um desgosto que muitos. Queixem-se de que os não satisfizeram; mas não possam dizer justamente que os enganaram. Se é dura palavra um *não;* mais duras são as boas palavras que suspendem e encobrem o mesmo *não*, até que o descobre o effeito.

Resposta laconica e franca que o governo de Athenas deu a Philippe rei de Macedonia, quão diversa das que costuma dar o governo de Lisboa.

Pediu Philippe rei de Macedonia á republica de Athenas o deixasse passar com exercito pelas suas terras, o que o senado lhe não quiz conceder; e porque o estylo dos Athenienses (que ainda hoje se chama estylo laconico) era resumir tudo o que se havia de dizer ás palavras mais breves; tomaram um grande pergaminho (que era o papel d'aquelle tempo), e escreveram n'elle um *não* com tamanhas lettras que o enchia todo; e cerrado e sellado, esta foi a resposta que deram aos embaixadores de Philippe. É mui celebre nas historias gregas este breve e grandissimo *não;* mas na nossa Athenas ainda os ha maiores. Tantas petições, tantas remissões, tantas provisões, tantas patentes, tantas certidões, tantas justificações, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informações pedidas muitas vezes á Asia e á America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas e tantas outras cerimonias e mysterios por escripto, a que se não sabe o numero nem o nome; e ao cabo de

quatro, de seis e de dez annos, ou o despacho ou o que significa o despacho, em meia resma de papel, é um *não*. Não fôra melhor este desengano ao principio? E as despezas d'este injusto intertenimento que se devem restituir n'esta vida, ou se hão de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que não haveis de fazer ao pretendente a mercê que pede; porque não lh'a fareis ao menos do que ha de gastar inutilmente na pretenção?

Prompta negativa d'el-rei D. João II tomada por mercê.

Ao outro que presentava o seu memorial, disse el-rei D. João II na primeira audiencia, que não tinha logar o que pedia; e elle beijou-lhe a mão. Intendestes-me? (Replicou el-rei)—Senhor, sim—Porque me beijais logo a mão?—Porque me fez vossa alteza mercê do dinheiro que trazia para gastar na côrte; e agora o torno a levar para minha casa. Estas são as mercês do desengano e os despachos do *não* dicto a seu tempo. Não o dizer será maior politica, maior auctoridade e decencia: mas dizel-o em muitos casos é obrigação e consciencia.

Meios para não descontentar com negativas.

III. Disputada assim problematicamente a nossa questão; de umas e outras razões de duvidar se conclúi com certeza que o *não* é como as outras cousas d'este mundo, que todas teem seus bens e seus males, suas utilidades e seus inconvenientes. Para não cair ou tropeçar n'estes que a cada passo se offerecem, ou atravessam, em tanta multidão de requerimentos, o primeiro cuidado ou cautela do prudente principe deve ser evitar, quanto fôr possivel, as occasiões de dizer *não*. Mas como se podem evitar ou atalhar estas occasiões, sendo os pretendentes e as pretenções, os requerentes e os requerimentos tantos? Digo que fazendo com destreza e constancia que sejam menos e muito menos, e usando para isso dos meios que agora apontarei e nos ensina o evangelho.

O primeiro é negar aos validos o que não se póde conceder a outros. Exemplo de Christo.

O primeiro meio é que os validos ou privados, por mais junctos que estejam á pessoa real e por mais dentro que estejam na graça, sejam os primeiros a que se não conceda o que pretenderem. A razão ou consequencia é manifesta. Porque se os que estão de fóra virem que os que estão de dentro, e tão de dentro, não alcançam o que pretendem, como se atreverão elles a pretender nem pedir? No nosso texto o temos. Os apostolos, antes de descer sobre elles o Espirito Sancto, eram muito tocados da ambição e appetite de ser, como homens alfim levantados do pó da terra ou das areias da praia. D'aqui nasceu aquella contenda tão indigna do sagrado collegio: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major*. Descobertamente disputaram e altercaram entre si sobre a preferencia, cuidando e defendendo cada um que elle era o maior. E tão

Luc. 22.

aferrados estavam todos á propria opinião, que ainda consultando a seu divino Mestre sobre a materia, não se sujeitaram a que elle absolutamente a definisse: circumstancia digna de grande ponderação: *Quis putas major est in regno coelorum.* Não disseram: Quem de nós é maior? Senão: Quem vos parece que o é? Para que ainda depois da resposta ficasse a maioria em opinião, e cada um seguisse a sua e se não descesse d'ella. Pois se esta ambição era de todos, e não só de João e Diogo; como foram só estes dous os que pretenderam e pediram as primeiras cadeiras; e nenhum dos outros, que tanto como elles o desejavam, intentou tal cousa? Por isso mesmo. Diogo e João eram conhecidamente os maiores validos de Christo e os mais entrados na sua graça, e os que a tinham mais bem fundada ainda n'aquella razão natural que corre pelas veias. E como os outros apostolos viram que os logares que todos appeteciam se negaram aos validos, todos amainaram as velas e recolheram os remos da sua ambição, e nenhum teve confiança nem atrevimento para pretender nem pedir, quando a elles se tinha negado. Vêde a virtude de um *não* para evitar muitos. Com o Senhor dizer uma vez *Não: Non est meum dare vobis,* se livrou de o dizer oitenta e duas vezes. Se Christo concedera ou condescendera com esta petição dos dous apostolos, logo os outros dez haviam de vir com as suas; e após os dez apostolos os septenta e dous discipulos, que todos se haviam de querer aproveitar de tão boa maré. Mas com um *não* que disse aos validos, se livrou o Senhor de dizer dez *nãos* e septenta e dous *nãos*. Porque os reis não imitam este exemplo do Rei dos reis, por isso se vêem tão perseguidos de petições e tão atribulados de requerimentos, de que se não pódem desembaraçar, mais constrangidos da consequencia que obrigados da razão; devendo e querendo negar a muitos, e não o podendo fazer pelo que teem concedido a poucos. Diga-se um *não* a João e Diogo, ainda que sejam validos; e logo, não só se poderá dizer com liberdade aos mais, mas cessarão as occasiões de ser necessario dizer-se.

Contentem-se os validos com a graça de estarem ao lado da pessoa real.

Dirão, porém, os mesmos validos, ou alguem por elles, que não parece nem é justiça nem ainda bom exemplo e credito do mesmo rei, que os que servem e trabalham juncto da sua pessoa e sustentam o peso da monarchia, devendo ser os primeiros e mais remunerados, fiquem sem mercê e sem premio. E é pouca mercê e pouco premio o ser validos? É pouca mercê e pouco premio estar sempre juncto da pessoa real? O premio que Christo prometteu a seus ministros foi que estariam onde elle está: *Ubi ego sum, illic et minister meus erit:* nem o rei póde dar maior premio, nem o ministro desejar mais avantajada mercê.

É verdade que isto mesmo se concedeu a um ladrão venturoso: *Hodie mecum eris in paradiso;* o que tambem póde ter sua propriedade e sua applicação: «como, porém, este ladrão foi um só, a lei não póde ser, e não é (louvado Deus) lei geral».

Joan. 12.

Petição de S. Paulo não despachada por Christo.

Mas ouçamos o que succedeu a S. Paulo, e como Christo o tractou em uma só petição que lhe fez, sendo o ministro que mais trabalhou que todos em seu serviço. Pedia S. Paulo a Christo que o isentasse de certa pensão que pagava por conta de uma pouca de terra que herdara de seus paes e nossos, cujo exactor o apertava e molestava muito; e fazendo tres vezes esta petição: *Propter quod ter Dominum rogavi,* nem á primeira, nem á segunda, nem á terceira se serviu o Senhor de lhe deferir; sempre saiu escusado. Pois a Paulo, que se não era o primeiro valido, não era o segundo, porque dos dous primeiros ministros da casa e reino de Christo elle era um: a Paulo, que só para o metter em seu serviço desceu o mesmo Christo segunda vez do céu á terra e o levou em vida ao céu para lhe communicar seus segredos; a este ministro, a este valido, a este que tanto privava com o seu principe, nega o Senhor uma pretenção tão justa e tão facil; e não uma só vez na petição, senão outra vez na nova instancia, e terceira na replica? Sim: para que nem os validos extranhem as negativas, nem os principes se encolham e desanimem, ou cuidem que os aggravam e faltam á sua obrigação em lhes negar o que pedirem. Não era Paulo ministro que servisse em palacio á sombra de tectos dourados, sem molhar o pé no mar, nem o metter na campanha; mas era um ministro que em serviço e honra de seu principe peregrinava e corria o mundo em roda viva desde levante até poente, sempre com o montante na mão em perpetuas batalhas e conquistas por mar e por terra, e supportando no mar taes tempestades e naufragios que tal vez passou um dia e uma noite debaixo das ondas: *Die ac nocte in profundo maris fui.* E com que rosto (para que o digamos assim) ou com que palavras negou Christo a um tal ministro o que pedia? O mesmo S. Paulo as referiu e são dignissimas de Quem as disse: *Et dixit mihi: sufficit tibi gratia mea:* Nego-te, Paulo, o que me pedes; porque te basta a minha graça. «Bem sei que a graça do principe, a qual é uma simples benevolencia ou favor externo, é mui differente da de Christo, a qual inflúi internamente na alma e lhe communica o seu poder. Mas, ainda supposta a infinita differença que vai de graça a graça, é certo que aos validos e que logram a graça do principe, basta-lhes a mercê da mesma graça; e todas as outras se lhe podem negar confiadamente. Confiadamente, digo, e podera dizer que com resábios

2. Cor. 12.

Ibid. 11.

de desconfiança; porque o ministro que se não contenta com a graça, e além da graça quer outra mercê, não só é indigno da mercê, senão tambem da graça.

Lembrem-se os validos de quanto devem á graça do principe.

Mas ha muitos que não conhecem o preço d'ella; e por isso com injuria da mesma graça e do principe fazem da graça degráu para outros interesses, que é o mesmo que pizal-a. Todo o ser que tenho, o devo á graça de meu Senhor, dizia S. Paulo da sua graça: *Gratia Dei sum id quod sum*. Assim o devem dizer e confessar ainda os que por merecimentos seus, e não por nossos peccados, estiverem na graça «do principe»; porque o contrario seria muita soberba e maior ingratidão. «E como S. Paulo continuou dizendo»: *Gratia ejus in me vacua non fuit*, a sua graça não foi em mim vazia; e o modo com que a encheu foi trabalhando e servindo, não só muito, senão mais que todos; «assim os validos do principe» não hão de encher a graça com mercês, senão com novos e maiores serviços. E segundo esta obrigação bem lhes póde o principe negar o que pedirem; e elles prezarem-se muito d'essas negações.

1. *Cor*. 15.

Ha negativas que são honras para quem as recebe.

Os philosophos distinguem dous generos de negações: umas que se chamam puras negações, e outras a que deram nome de privações. A pura negação nega o acto e mais a aptidão: a privação suppõi a aptidão e nega o acto. O silencio é negação de fallar; mas com grande differença no homem e na estatua. Na estatua é pura negação; porque a estatua não falla, nem é apta para fallar, senão inepta. Porém no homem é privação; porque ainda que o homem não falle é apto e capaz de fallar. D'aqui se segue que assim como o silencio na estatua é incapacidade e no homem virtude; assim o que se nega ao indigno é pura negação, a qual o affronta; e o que se nega ao digno, é privação, que o honra e acredita; e tanto mais quanto fôr mais digno. Taes são as negações que o principe fizer e deve fazer aos seus validos. São privações com que não só se acredita a si, senão tambem a elles; porque o maior credito do valido é que a sua privança seja privação. Por isso os validos com mais nobre e heroica etymologia se chamam privados. E quando elles folgarem de o ser, ou o principe fizer que o sejam, ainda que não folguem, as privações dos privados farão mais toleraveis as negações dos que o não são. E desenganados os demais com este exemplo, nem elles se atreverão a pedir o que se lhes deve negar, nem o principe será forçado a negar o que lhe pedirem, ficando livre por este meio de muitas e molestas occasiões em que contra o decoro e agrado da majestade seja obrigado a dizer *Não*.

O segundo meio é a justiça e inteireza do mesmo rei conhecida por tal. Louvor dado a Catão

IV. O segundo meio ou industria de prevenir e atalhar o

não e as occasiões de o dizer, é que o principe em todos seus despachos e resoluções seja inteiro, justo e recto, e conhecido por tal. D'esta justiça e inteireza (que por outra parte é a sua primeira obrigação) se seguirão dous effeitos notaveis. O primeiro que ninguem se atreverá a pedir, senão o que fôr justo, o segundo que pedindo todos sómente o justo, a todos concederá o principe o que pedirem; e nunca dirá *não*. O mais justo, recto, inteiro e constante homem que houve entre os romanos foi Marco Porcio Catão. E que conseguiu com esta inteireza e constancia de sua justiça inflexivel? Conseguiu, como refere Plinio, que ninguem no seu consulado se atreveu a lhe pedir cousa que não fosse justa. Assim lh'o disse com admiração a eloquencia de Tullio: *O te felicem, Marce Porci, a quo rem improbam petere nemo audet!* Tal será a reverencia do governo e tal a felicidade do rei, que em todas suas resoluções e despachos observar constantemente a justiça. A justiça, como a definem os theologos e juristas, não é outra cousa que uma perpetua e constante vontade de dar a cada um o que merece. Se esta vontade (que ordinariamente é tão mudavel nos affectos humanos) fôr constante e perpetua no principe, todos se desenganarão, que não hão de alcançar d'elle senão o que fôr devido a seus serviços e proporcionado a seus merecimentos. E por meio d'este desengano conseguirá a felicidade de que ninguem se atreva a lhe pedir, senão o que fôr justo: *O te felicem, a quo rem improbam petere nemo audet.* Feliz! porque não se atrevendo ninguem a pedir senão o justo, serão muito menos as petições e requerimentos. Feliz! porque não pedindo ninguem senão o que lhe é devido, haverá com que satisfazer a todos. Feliz! porque sendo as petições e requerimentos justificados, sempre o principe concederá o que se lhe pedir, e nunca dirá *não*. Não é melhor e mais decente e mais breve e mais util, que o *não* o digam a si mesmo aquelles que haviam de pedir, do que dizer-lh'o a elles o principe depois de pedirem? Pois isso é o que succederá, se ninguem se atrever a pedir senão o que merecer.

Petições que bem interpretadas são libellos infamatorios.

Seja o principe justo; e tão constantemente justo, que por nenhum outro motivo nem respeito dê a ninguem, senão o que merecer e lhe fôr devido, e logo os vassallos se não atreverão a pretender as sem-razões e exorbitancias que vemos, e se benzerão de pedir como de tentação. Oh se os reis tantas vezes e tão injuriosamente tentados, ao menos não consentissem na tentação! Não digo que castiguem severamente algumas petições; posto que imitariam n'isso a Salomão, o qual por uma petiçãozinha (que assim lhe chamou a intercessora *Petitionem parvu-*

lam) mandou cortar a cabeça a Adonias. E verdadeiramente ha petições que bem interpretadas são libellos infamatorios dos mesmos principes em cujas mãos se mettem. Porque, se são dolosas, como era esta de Adonias, suppôem que são nescios: se são exorbitantes, suppôem que são prodigos: se são contra os canones apostolicos (como são muitos) suppôem que não são catholicos; e de qualquer modo que peçam o que não é justo, suppôem que são injustos. Mas se antes de fazerem as petições suppozerem e se desengarem que nenhuma cousa hão de conseguir, senão o que dictar a inteira e recta justiça, elles se comporão com a sua ambição e tomarão por partido o não pedir. Este «partido» é mais conveniente para o vassallo, porque melhor lhe está «prevenir a negativa que recebel-a.» E' mais expediente para o governo; porque cessando o tumulto e inundação dos requerimentos, que verdadeiramente o afogam, terão mais facil expedição os negocios. E finalmente é mais decente e decoroso para o rei; porque nenhum que vier buscar o premio ou o remedio aos pés da majestade, se apartará d'elles descontente.

3. *Reg.* 2

Mas que fará o rei para adquirir este credito e reputação universal de justo e por meio d'ella evitar as petições e requerimentos injustos? Digo que só o poderá conseguir applicando o *não* tambem a si e primeiro a si que aos subditos. É um grande documento do nosso texto e digno de se reparar muito n'elle. *Non est meum dare vobis:* diz o Senhor que o dar não é seu: o *não* primeiro cái sobre elle, que sobre os dous a quem negou o que pretendiam. Assim ha de fazer o rei que quer ser justo e ter opinião de tal. Cuidam os reis que o dar é seu; e o Rei dos reis diz que não é seu o dar. Pois Christo, em quanto Deus e em quanto homem, não é senhor de tudo? Sim é. Logo póde-o dar a quem quizer e como quizer. Distingo: com justiça sim, sem justiça não. Sancto Ambrosio: *Non est meum, qui iustitiam servo, non gratiam.* Eu dou por justiça e não por graça. Os logares da mão direita e esquerda, que pretendiam os dous irmãos, eram do reino de Christo: *Ad dexteram et sinistram in regno tuo.* O modo por que pediam, não era por merecimento e por justiça, senão por graça e por parentesco: *Dic ut sedeant hi duo filii mei;* e por isso respondeu o Senhor, que não era seu o dar: *Non est meum dare vobis.*

Para o rei adquirir fama de justo não seja facil em dar por graça.

Matth. 20.

Nenhuma cousa anda mais mal intendida e peior practicada nas côrtes que a distincção entre a justiça e a graça. D'onde se segue que apenas ha mercê das que se chamam graça, que não seja injustiça e contenha muitas injustiças. Não nego que os reis podem fazer graças, e que o fazel-as é muito proprio da

As graças só se devem fazer depois de satisfeitas as obrigações da justiça.

beneficencia e magnificencia real: mas isso ha de ser depois de satisfeitas as obrigações da justiça. Zacheu disse que daria a metade da sua fazenda aos pobres e que da outra ametade pagaria as suas dividas e os damnos d'ellas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus; et, si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum*. Disse bem, mas «com este modo de fallar» perverteu e trocou a ordem: porque em primeiro logar estava o pagar as dividas, que é obrigação de justiça, e depois o dar as esmolas, que é acto de liberalidade. E que desordem seria se se tomasse aos pobres e não se pagasse aos acredores? Que desordem seria (por lhe não dar outro nome) se a uns se tomasse violentamente o necessario, para se dar a outros prodigamente o superfluo? Como o pagar é especie de sujeição, e o dar é soberania e grandeza, gostam mais os principes de dar que de pagar. Dêem; mas dêem do seu, se o tiverem; que dar e não pagar é dar o alheio. E se os Zebedeus (que são os que levam as graças) os importunarem que dêem, respondam como Christo: *Non est meum dare vobis*. O que perde não só o governo, mas as consciencias e almas dos principes, é cuidarem que pódem tudo, porque pódem tudo. Se assim lh'o dizem, é lisonja; e se o crêem, é engano. O rei póde tudo o que é justo; para o que fôr injusto nenhum poder tem. Esta é a verdadeira e maior lisonja que se póde dizer aos reis; porque é fazel-os poderosos como Deus. Deus é omnipotente; e poderá Deus fazer uma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem intender os reis que são poderosos. E se os subditos se persuadirem que o rei assim o intende e assim o observa, nem elles desenganados pedirão, senão o que fôr justo, nem o rei importunado terá occasiões de dizer *não*.

Luc. 19.

O terceiro meio é a observancia inviolavel das leis.

V. O terceiro meio de se cortarem as occasiões de dizer *não*, é a observancia inviolavel das leis. Se as leis se conservarem em todo seu vigor sem dispensação, sem privilegio, sem excepção de pessoa, «conforme pede a commum utilidade», o *não* dil-o-ha a lei e não o rei. Houve algum homem até hoje, por atrevido e insolente que seja, que fizesse petição a Deus para adulterar, para furtar, para levantar falso testimunho? Nenhum; porque estas leis são inviolaveis e indispensaveis. Pois o mesmo succederá ao principe, se conservar e mantiver as suas inviolavel e indispensavelmente. E por este modo tão decoroso e tão facil se livrará de muitas occasiões de dizer *não*; porque já o tem dicto a lei.

Todo o genero humano expulso do paraiso terreal onde havia a arvore da vida; e para que? Doutrina de S. Thomás e Hugo.

Pronunciou Deus depois do primeiro peccado a lei universal da morte, á qual quiz que ficasse sujeito Adão e todo o genero humano; e no mesmo poncto em que fez a lei, fez tambem que

fosse inviolavel. A lei da morte parece inviolavel de sua mesma natureza: mas n'aquelle tempo podia-se violar facilmente; porque comendo Adão e qualquer outro homem do fructo da arvore da vida, ficava isento de morrer. «Tal era a virtude da arvore da vida ainda depois do peccado, como notam Sancto Thomás e Hugo citados por Cornelio a Lapide. E para o impedir» que fez Deus? Poz á porta do paraiso um cherubim com uma espada de fogo, para que sem excepção defendesse a entrada a todos, e se algum intentasse eximir-se da lei de morrer, morresse primeiro. Esta foi a ordem cerrada do cherubim, e este o rigor indispensavel da lei, da qual não quiz Deus que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chama-se em direito ferida da lei, *vulnus legis;* e o poder e espada do legislador não ha de ser para ferir as leis, senão para ferir a quem intentar quebral-as, que por isso a espada do cherubim era espada e de fogo. Bem podéra Deus cortar ou seccar a arvore da vida, com que se escusavam todos aquelles apparatos de horror: quiz porém que a arvore ficasse em pé, e a lei se guardasse comtudo inviolavelmente, para que intendessem os legisladores que ainda que elles possam dispensar as leis, e o modo da dispensação seja facil, nem por isso o hão de permittir «como costumam, a não ser em casos tão raros que de razão se intenda não os abranger a lei.» Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos; uns nascem, outros caem, e todos se perdem, podendo-se aproveitar com tanta utilidade. Oh maldictas utilidades! Este é o engano que perde aos principes. Dispensam-se as leis por utilidades (que ordinariamente são dos particulares e não suas); e abre-se a porta á ruina universal, que só se póde evitar com a observancia inviolavel das leis. Percam-se os fructos da arvore da vida, que são a mais preciosa cousa que Deus creou; percam-se as mesmas vidas, morra e sepulte-se o mundo todo: mas a lei não se quebre, nem se dispense.

Para desengano universal ácerca da morte. *Ps.* 88.

E que se seguiu d'este rigor indispensavel da lei? Seguiu-se aquelle desengano universal que prégou David: *Quis est homo qui vivet et non videbit mortem?* Que homem ha que viva e não haja de morrer? E desenganados uma vez os homens de que a lei era inviolavel; sendo a morte a cousa mais abhorrecida e a vida a mais amada, ninguem houve jámais que se atrevesse nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para não morrer. Guardem-se as leis tão severa e inviolavelmente, que se desenganem todos que se não hão de dispensar; e com o *não* que ellas dizem, se livrarão os principes de o dizer. Mas porque alguns principes são de tão bom coração, ou

de tão pouco, que nem á mãe dos Zebedeus, nem a seus filhos se atrevem a dizer *Nescitis quid petatis*, elles tomam a confiança para pedir: as petições são despachadas; e o *não* das leis cái sobre ellas e não sobre o que prohibem. Tanto que o prohibido se dispensa, logo a lei não é lei; não só porque o que se concede a um, não se póde negar aos outros; senão tambem, e muito mais, porque o que se concede a um que o pede, tambem se ha de conceder aos outros, ainda que o não peçam.

O que se concede a um que pede, se deve conceder aos outros ainda que o não peçam. Parabola do filho Prodigo. *Luc.* 15.

Pediu o filho Prodigo a seu pae, que lhe désse em vida a parte da herança que lhe pertencia: *Pater, da mihi portionem substantiae quae me contingit*. Bem mostrou na petição o que havia de ser, ou o que já era. Vem cá, moço louco e atrevido; não sabes que os filhos não herdam de seus paes, senão depois da morte? Pois como te atreves a pedir a teu pae, que te dê a tua herança estando vivo; e como se te mette em cabeça que elle te ha-de conceder uma cousa tão alheia de toda a razão e de toda a lei? Fiou-se no grande amor que o pae lhe tinha; e o amor assim como é cego para conceder, assim é fraco para negar. Emfim, o bom velho dispensou na lei commum e deu-lhe a parte da herança que lhe pertencia: mas com uma circumstancia notavel; porque os filhos eram dous; e quando deu a sua parte a este, deu tambem a sua ao outro: *Divisit illis substantiam*. Repara muito no nosso caso S. Pedro Chrysologo; e admira-se com razão de que sendo um só filho o que pediu esta dispensação, o pae a concedeu logo a ambos: *Uno petente, ambobus totam substantiam mox divisit*. Que o pae em sua vida dê a parte da herança a um filho porque a pede, muito tinha que duvidar; mas passe. Porém ao outro filho, que não teve tal desejo, nem pediu tal cousa, porque lhe dá tambem logo a sua parte e não o deixa esperar pelo fim de seus dias? Porque procedeu coherentemente: a dispensação que se concede a um porque a pede, não se pode negar a outro, ainda que a não peça: *Uno petente, ambobus totam substantiam mox divisit*.

Por isso Christo não despachou os filhos de Zebedeu.

É o caso do nosso evangelho, mas decidido mais attentamente por Christo. Os apostolos eram doze; dous pediram; dez não pediram; e se o Senhor concedesse aos dous o que pediam, tambem o havia de conceder aos dez, posto que não pedissem. Pois assim como o pae do Prodigo obrou coherentemente em conceder ao filho que não pediu o que tinha concedido ao que pedira; assim o Senhor com mais alta coherencia negou aos dous que pediram o que se não devia conceder nem a elles, nem aos dez que não tinham pedido. O pae pela petição de um despachou a ambos; e Christo pelo despacho de dous respondeu a todos.

Persuada-se o principe que o que se concede a um, porque o pede, tambem se ha de conceder aos outros ainda que o não peçam, «sendo a lei egual para todos e nos casos que se oppõem ao fim da mesma lei, não admittindo excepção». Intenda que as dispensações e privilegios não só são feridas da lei, mas feridas mortaes; e que a lei morta não pode dar vida á republica. Considere que as leis são os muros d'ella, e que, se hoje se abriu a brecha por onde possa entrar um só homem, ámanhã será tão larga que entre um exercito inteiro. Olhe para as leis politicas, para as ordenanças militares e para tantas pragmaticas economicas, que sendo instituidas para remedio, vieram por esta causa a ser descredito. E seja a ultima e unica resolução do principe justo tractar as suas leis como suas, sustentando-as e mantendo-as em seu vigor inviolavel e indispensavelmente: porque o que a lei nega a todos sem injuria, depois que se concede a um (ainda que seja com razão), não se pode «em eguaes circumstancias» negar a outro sem aggravo; e é melhor, mais facil e mais decente que as mesmas leis digam o *não* conservando-se, do que quebral-as o principe pelo não dizer.

As dispensações são feridas mortaes da lei.

VI. O quarto e ultimo meio ou industria de evitar o *não* é anticipar os provimentos e não ter logares vagos; porque tanto que o logar está provido, cessam as pretenções. Admiravel é a diligencia e cuidado («hypothese de physicos antigos») que a natureza pôi em impedir o vacuo e que em todo o universo não haja logar vazio. A este fim («segundo tal theoria») vemos subir a agua, e descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. D'aqui nascem os frequentes terramotos, e os extraordinarios e horrendos que não poucas vezes derribaram e destruiram cidades inteiras. O mesmo que «segundo a opinião d'estes physicos» faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambição pelo occupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns a outros) mas por occupar o vacuo. E quaes sejam os terramotos e perturbações que d'ahi se levantam, basta que o digam as batalhas interiores de Roma no concurso dos consulados. No governo monarchico é muito facil atalhar todos estes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo que se pode pretender ou pedir, com prevenir vigilantemente que não haja logares vagos. E assim o deve fazer todo o prudente principe.

Ultimo meio é anticipar os provimentos e não ter logares vagos. Explica-se com uma hypothese de physicos antigos.

Partindo-se Christo para o céu mandou a seus apostolos e discipulos que se recolhessem a Jerusalem e que alli esperas-

S. Pedro provê o logar vago pela morte de Judas.

sem a vinda do Espirito Sancto, que não tardaria muitos dias. Fizeram-n'o assim recolhidos ao cenaculo; e S. Pedro que já tinha recebido a investidura de principe da Egreja, sem esperar que o Espirito Sancto viesse, a primeira e unica cousa que logo fez, foi provêr, como proveu em S. Mathias o logar que estava vago pela morte de Judas. Ninguem haverá que se não admire d'esta notavel resolução e acção de S. Pedro em tal logar e tal tempo. O tempo em que os apostolos se haviam de repartir pelo mundo não era chegado, nem havia de ser, como não foi, senão d'ahi a alguns annos, depois de compostos e bem assentados os fundamentos de um tão grande edificio, como era o da nova e universal Egreja. Pois, porque não dilata S. Pedro este provimento ao menos por alguns dias; e porque não espera que desça o Espirito Sancto sobre elle para fazer com mais infallivel acerto a eleição d'aquelle logar? Porque tanto importa, e tanto intendeu S. Pedro que importava que os logares não estejam vagos nem por um momento. *Oportet* foi a primeira palavra com que começou a sua proposta o grande principe do apostolado; e as ultimas com que concluiu a sua oração: *Accipere locum ministerii hujus et apostolatus, de quo praevaricatus est Judas, ut abiret in locum suum.* (Act. 1.) Os que alli se achavam, como nota o evangelista, eram cento e vinte homens, (que bastava serem homens para se temer algum inconveniente): *Erat autem turba hominum simul fere centum viginti*. Os que se converteram e se lhe aggregaram no mesmo dia em que desceu o Espirito Sancto foram tres mil: *Et appositae sunt in die illa animae circiter tria millia.* (Ibid. 2.) O numero que depois accresceu foi muito maior; e com tanta multidão de gente, toda capaz de aspirar e pretender aquelle logar se estivesse vago, bem se vê quão perigosa occasião podia ser de perturbar a paz e esfriar a união dos que convinha que fossem, como verdadeiramente diz o Evangelista que eram, *Cor unum et anima una.* (Ibid. 4.) Pois para prevenir este perigo e os inconvenientes que d'elle humanamente se podiam temer, proveja-se logo o logar, diz S. Pedro e não esteja um momento vago; d'onde se seguirá que, vendo-o os presentes e achando-o os que vierem provido, a todos se tire a occasião de o pretender ou pedir. Nem se pode duvidar que o provimento, que parecia anticipado, e a eleição d'elle seria acertada. Porque, como S. Pedro «pela» razão do seu officio tinha segura a assistencia do Espirito Sancto; posto que o mesmo Espirito desceu sobre todos visivelmente ao decimo dia, n'aquelle mesmo dia desceu invisivelmente sobre S. Pedro, como já tinha descido quando efficazmente lhe inspirou que não dilatasse o provimento.

Exemplo de David no provimento da successão ao seu throno.

Se assim o fizerem os principes seculares, a quem tambem por seu modo não falta a assistencia do Espirito Sancto, esta será uma discreta politica com que livrem aos pretendentes do trabalho ou tentação de pedir e a si mesmos das occasiões de negar. A maior e mais difficultosa occasião que tem havido n'este genero foi o provimento da successão de David. Queria David, e sabía que era conveniente ao bem do reino, que o seu successor fosse Salomão, e que assim o tinha Deus decretado. Contra isto estava ser Salomão menor, e Adonias seu competidor, de todos os filhos de David que então viviam o primogenito, e como tal assistido do sequito commum do ecclesiastico e popular e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos que em um banquete, que n'aquelle dia tinha dado Adonias a todos os principes e senhores da sua parcialidade, já se lhe faziam os brindes á saude d'el-rei. Teve noticia d'isto n'aquella mesma hora David; e que resolução tomaria? Selle-se, diz, a minha mula (que eram os cavallos de que então usavam os reis); monte n'ella Salomão; e ungido pelo propheta Nathan sáia por Jerusalem com trombetas e atabales deante, e digam todos: Viva el-rei. Assim se executou no mesmo poncto. Ouviu-se no banquete com assombro o som das trombetas: soube-se o que passava; retiraram-se cheios de medo os convidados e todos no mesmo dia beijaram a mão a Salomão. Mas que razão deu de si David, e do que tinha mandado? Como respondeu ao direito e pretenção de Adonias? E como enfeitou ou adoçou o *não* de o não ter nomeado a elle? Nenhuma cousa lhe disse, nem teve necessidade de lh'a dizer: porque vendo Adonias o logar provido, compoz-se com a sua fortuna, foi beijar a mão a Salomão; e nem a elle, nem a seu pae replicou uma só palavra. Tanto importa o prompto provimento dos logares para pôr silencio á ambição dos pretendentes.

Exemplo d'el-rei D. João o segundo.

A praxe d'esta politica exercitou gloriosamente no nosso reino el-rei D. João o segundo, digno de ser chamado D. João o de bom memorial, assim como D. João o primeiro se chamou o de boa memoria. Tinha este prudentissimo rei um memorial secreto, no qual trazia apontados todos os que se avantajavam em seu serviço, ou fossem ministros do estado, ou da justiça, ou da fazenda, ou da guerra; e segundo o merecimento de cada um lhes tinha destinado os logares e os premios, assim como fossem vagando. Era proverbio dos hebreus, de que tambem usou Christo: *Ubicumque fuerit corpus, illuc congregabuntur et aquilae:* onde houver corpo morto, logo ahi correrão as aguias. Falla das aguias vulturinas, que são aves de rapina, as quaes teem agudissima vista e subtilissimo olfacto; e, em vendo ou

Luc. 17.

cheirando corpo morto, logo correm a empolgar e cevar-se n'elle. Assim succede com a ambição dos pretendentes a todos aquelles por cuja morte vaga officio, commenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util e pingue, em que empregar (não digo as unhas) as mãos. Mas que fazia n'estes casos quotidianos o rei do bom memorial? Como n'elle tinha já destinadas as pessoas a quem havia de fazer o provimento, respondia que já o logar, officio ou beneficio estava provido; e as aguias que corriam famintas aos despojos do morto, encolhiam as azas, embainhavam as unhas e, ainda que queriam grasnar, tapavam o bico.

Exemplo, que Christo allega, do Pae celeste na predestinação eterna.

É o que aconteceu hoje aos nossos dous pretendentes. A razão com que Christo lhes tapou a bocca, foi com dizer que aquelles logares já estavam destinados a outrem: *Non vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Se vós soubereis que para se proverem os logares do meu reino não se espera que concorram os pretendentes a pedil-os, senão que muito antes d'isso estão já destinados, é certo que os não pretendêreis, nem pedireis: mas porque não sabeis este estylo do meu governo, por isso pedís e não sabeis o que pedís: *Nescitis quid petatis.* Podem replicar a isto os nossos pretendentes, que os logares que pediam não eram vacantes, senão creados ou que se haviam de crear de novo. Mas tambem esta instancia se desfaz com o *quibus paratum est* e com a prevenção ou predestinação dos providos. Deus quando cria officios de novo, primeiro cria os officiaes que os officios; e assim já nascem providos sem terem instante de vagos. Houve de crear de novo o officio de restaurador do mundo; e primeiro, e cem annos primeiro, nomeou a Noé e lhe mandou fabricar a arca, do que lhe desse e exercitasse o officio. Houve de crear de novo o reino de Israel; e primeiro creou o rei e mandou ungir a Saul por Samuel, do que creasse e lhe desse o reino. Assim o fez tambem Christo: muito antes de morrer nomeou a S. Pedro e depois de resuscitar lhe entregou a barca «ou governo da Egreja.» Não posso deixar de me lembrar n'este passo de quantas vezes se teem visto as náos da India de vergas de alto sem se saber nem estar nomeado quem as ha de governar. Nós começamos as nossas náus pela quilha, «Christo» começou a sua pelo piloto. Imitem esta politica do céu os principes da terra: nos officios que se crearem façam primeiro os officiaes que os officios, e nos ordinarios e de successão tenham-lhes prevenidos os successores; e d'esta sorte, activa e passivamente, cessará em grande parte o desagrado do *não.*

Modos de negar mais vantajosos.

VII. Temos apontado os meios com que anticipadamente se

podem atalhar ou diminuir as occasiões de se dizer nem ouvir este tão duro adverbio. Mas porque se podem offerecer comtudo algumas em que seja forçoso negar, vejamos agora o modo ou modos com que nos taes casos, com menos sentimento dos vassallos e menor mortificação do principe, se ha de dizer o *não*.

Anecdota da côrte de D. João IV.

El-rei que está no céu disse a um seu confidente que tinha vinte e quatro modos de negar. Teve esta noticia um embaixador, que havia tempos requeria certo despacho; e com a confiança de creado antigo, que tinha sido de sua majestade, começou uma nova instancia com estas palavras: Cá ouço que vossa majestade tem vinte e quatro modos de negar. Senhor, se vossa majestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o não sei, nem me occorrem. Mas como são e podem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pretendentes repulsal-os talvez com um *não*, mais ou menos desenganado, segundo o que pedir a materia.

1.º A certo genero de alvitreiros negar redondamente o que pedem. A parabola da zizania. *Matth.* 13.

Primeiramente me parece que são merecedores de um *não* muito claro e muito secco, certo genero de alvitreiros que inventando e offerecendo novos arbitrios e industrias de accrescentar o erario ou fazenda real, junctamente dizem (e aqui bate o poncto) que elles hão de ser tambem os executores, e para isso pedem meios e jurisdicções. Nasceu zizania, diz Christo, entre a seara de um pae de familias; o que vendo os creados, vieram logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo; offerecendo-se a ir mondar a seara e arrancar a zizania: *Vis, imus et colligimus ea?* Quereis, senhor, que a vamos colher? Colher disseram, «com muita propriedade» e não arrancar, porque estes zelos e offerecimentos sempre se encaminham a colheita. Respondeu o pae de familias sem lhes agradecer o cuidado. E que respondeu? *Ait illis: Non.* Disse-lhes *não*. Assim se ha de responder com um *não* muito secco e muito resoluto a similhantes propostas. O pae de familias intendia melhor da lavoura, que os creados. Os creados representavam a utilidade, e o amo reconhecia os inconvenientes: elles diziam que queriam mondar a seara, e elle reconheceu que haviam de arrancar o trigo: *Ne colligentes zizania eradicetis simul et triticum.* Nem se ha de fazer o que quereis, nem o haveis de fazer vós: far-se-ha a seu tempo e fal-o-hão os segadores, que é seu officio e o entendem: *In tempore messis dicam messoribus.* Quando os que não intendem as cousas, nem teem experiencia d'ellas, offerecem alvitres e se offerecem para os executar, sendo as utilidades só apparentes, as occasiões intempestivas e os damnos certos (como ordinariamente acontece), despida-os o pae de familias a elles e

ás suas propostas; e diga-lhes um *não* muito resumido e muito claro. *Ait illis: Non.*

Desculpar negativas com o costume é cousa barbara. A casa de Labão e a côrte de Portugal.

Em outras occasiões de negar se costuma escusar um *não* com outro; e porque é modo muito ordinario e usado, não é bem que passe sem exame e sem censura. Negou Labão a Jacob o premio de septe annos de serviço, em que se concertaram; e em logar de Rachel (que foi peior que negar), como quem paga com moeda falsa, lhe introduziu a Lia. Descobriu a luz o engano: queixou-se Jacob a Labão de lhe não ter dado a Rachel. E que satisfação lhe daria Labão? Disse que não era costume da sua terra casarem em primeiro logar as filhas segundas: *Non est in loco nostro consuetudinis ut minores ante tradamus ad nuptias*. E é costume da vossa terra não cumprir o promettido? É costume da vossa terra faltar á justiça e á razão e dar por escusa que não é costume? Passemos da terra de Labão á nossa. Em toda a terra, como demonstra Aristoteles, é lei natural que os sabios governem e mandem, e os que menos sabem obedeçam e sirvam. Em toda a terra é lei natural, confirmada com as civis, que os que forem mais eminentes em cada genero subam aos maiores logares e tenham os primeiros premios. Mas tira-se por excepção a nossa terra, na qual para alcançar estes premios e para subir a estes logares não basta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, se falta certo gráu de qualidade; bastando só esta qualidade, sem outro merecimento nem talento, para pretender e alcançar, ou alcançar sem pretender, os mesmos logares. E se os extrangeiros se admiram e pasmam de vêr que os homens, que elles e o mundo venera, não occupem aquelles postos, responde-se: *Non est in loco nostro consuetudinis*. Se um dos nossos pretendentes do evangelho (e seja Sanct'-Iago, que veio a Portugal) viera hoje, e em logar da cadeira que pedia, pretendera a de qualquer bispado do reino, haviam-lhe de responder que no reino não; porque era filho de um pescador: que o maior favor que se lhe podia fazer era dar-lhe um bispado ultramarino; e logo lhe nomeariam satyricamente o de Meliapor por ser na costa da Pescaria. Se Josué, conquistador de trinta e tres reinos, quizesse ser capitão general: tambem lhe haviam de oppôr que tinha sido creado de Moysés. E José, o qual teve maior industria que todos os homens para adquirir fazenda a seu rei e maior fidelidade para a conservar, se quizesse ser vêdôr da fazenda; vêde se lh'o consentiriam as ovelhas que tinha guardado seu pae! Não fallo em Bartolo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da justiça, ou a Navarro a da consciencia: porque o segundo tendo ensinado em Portugal, com assombro de todas as univer-

Gen. 29.

sidades, o que apprendeu na de Coimbra, foi a tomar por si o *não* e ir morrer em terras extranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis*. A censura d'este que se chama costume, é que não é costume, senão abuso contrario á natureza, á razão, á virtude, e prejudicial á republica; e que os principes que se excusam com este modo de *não*, elle não só os não excusa, mas accusa e condemna mais; fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo e ao mesmo Deus; o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo pae e da mesma mãe.

2.º Temperar as negativas allegando com os seus conselhos. Exemplo d'el-rei Achis.

Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo que em todas e todos approvam e os melhores politicos ensinam como mais decente, é que nas occasiões de negar, para abrandar a dureza do *não*, depois de mandar consultar as materias, se excuse o sabio principe com os seus conselhos. É necessario porém advertir n'este meio que deve ser applicado com tal moderação e cautela, que por enfeitar o *não* não se afeie a auctoridade do rei, nem o credito dos conselhos, nem as mesmas razões da excusa. Negou el-rei Achis a David a licença que lhe pedia para o servir em certa guerra como aventureiro entre suas mesmas tropas, e excusou o *não* com os seus conselheiros: *Non places satrapis*. Porém antes de chegar a pronunciar este não, e depois d'elle, fez com juramento um protesto mais honrado para quem o ouvia, que para quem o jurava: *Vivit Dominus, quia rectus es tu et bonus in conspectu meo; sed non places satrapis: scio quia bonus es tu in oculis meis sicut angelus Domini*. Juro-vos, David, que no meu conceito sois recto e bom; e me pareceis tão bom e tão recto como um anjo de Deus: mas não contentais aos do meu conselho. Quantas cousas se negam aos grandes sujeitos, como David, não porque não sejam dignos e dignissimos d'ellas, mas porque não contentam aos do conselho dos reis. Se dissera que lhes não contentavam os offerecimentos de David, motivos podia ter para isso: mas que lhes não contentava a pessoa! E se o conceito do rei era tão diverso, que o tem por homem justo e bom e que mais lhe parece anjo que homem; porque se não conforma o rei antes com o seu parecer e com o seu juizo, que com o descontentamento dos conselheiros? E já que se conforma com elles na resolução; porque a intima a David floreada de tantos louvores, que os mesmos louvores confutam e condemnam a negativa? Tudo isto disse Achis para enfeitar o *não* com que negava a David o que lhe pedia. Mas com estes mesmos enfeites afeiou primeiramente a auctoridade e soberania de rei; porque, seguindo o voto dos conselheiros contra o

1. *Reg.* 29.

juizo e experiencia propria, mostrou que era subdito dos seus conselhos e não superior e senhor. Afeiou tambem o credito dos mesmos conselhos; porque dizendo que David lhes não contentava, mostrou que se governavam mais pelo affecto das pessoas que pelo merecimento das cousas. Afeiou finalmente a mesma razão com que se excusava; porque sendo os procedimentos de David tão rectos como elle reconhecia, jurava e tinha experimentado, elles mesmos desfaziam toda a chamada razão da excusa e convenciam ser pretexto. Havendo pois o principe de se escusar ou escudar com os seus conselhos, diga que mandou considerar a materia e que se conformou com elles, e não diga mais.

3.º Imitar ao Filho de Deus que allegou as disposições de seu Pae.

VIII. Isto é, Senhor, o que prudentemente ensina a politica humana, confirmada mais altamente com os documentos da sagrada que tenho referido. O meio, porém, que sobre todos represento e offereço a vossa Alteza para a feliz administração do sceptro, que com tão particular providencia poz nas reaes mãos de vossa Alteza a Divina, é o exemplo do Filho de Deus nas palavras que tomei por thema, tão proprias do tempo, circumstancias e occasião presente, que parecem dictadas e escriptas só por ella. Negou Christo aos dous irmãos os logares que pediam; e o meio com que lhes adoçou a elles o *não* e com que o fez decoroso e decentissimo para si, foi com allegar os decretos e disposições de seu Pae: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Não é meu, diz o Senhor, conceder-vos o que pedis; porque esses logares, já meu Pae os decretou para outros; e assim como d'elle herdei o poder, assim d'elle hei de seguir e confirmar os decretos. Isto é o que devem imitar os principes herdeiros; e tanto mais gloriosamente, quanto filhos de paes mais gloriosos. É consequencia natural que com o sol que se põi se escureçam uns logares, e com o que nasce se alumiem outros; e esta é a alva, ou alvo, das pretenções no oriente dos reis que começam e occaso dos que acabam. Mas o principe que teve a fortuna de succeder a um pae tão digno das saudades dos vassallos, como da imitação dos filhos, com se referir ás eleições de seu pae se livra de innovar outras. Se João e Diogo, ou por si ou por outrem, fizerem instancias, responda com o formulario dos Rei dos reis: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo;* ser-lhe-ha tão facil o *Não* como decoroso e reverente.

Infausto reinado de Roboão por não seguir esta politica.

Haverá, não duvido, (como sempre ha nos novos reinados) ambições desejosas de se introduzir, que aconselhem e persuadam o contrario. Mas quaes sejam os effeitos d'estas novidades que tão docemente se ouvem e tão facilmente se abraçam, bem o podem vêr os conselheiros e os aconselhados e es-

carmentar (se quizerem) no novo e infausto reinado de Roboão, filho d'el-rei Salomão, por cuja morte o juraram todas as doze tribus de Israel nas côrtes de Sichem. Assentaram tambem nas côrtes pedir ao novo rei os alliviasse dos tributos, que pagavam no tempo de seu pae; os quaes por occasião das fabricas, assim do templo como dos palacios reaes, e muito mais pela excessiva despeza com que Salomão sustentava tanto numero de rainhas, chegaram a ser insupportaveis. Feita esta petição, diz o texto sagrado, que chamou Roboão a conselho os velhos do tempo de seu pae, e que todos lhe aconselharam concedesse benignamente aos povos o que tão justamente pediam; porque assim lhes ganharia as vontades e se conservaria no reino. Não se aquietando porém Roboão com este conselho, diz o mesmo texto, que consultou o negocio com os moços com quem se tinha creado, e o assistiam; e que aconselhado por elles respondeu ao povo que o seu dedo meminho era mais grosso que seu pae pela cinctura; e que, conforme esta differença da sua grandeza, não só lhes não havia de moderar o açoute dos tributos; mas que se as correias no tempo de seu pae eram de couro, no seu haviam de ser de ferro: *Pater meus cecidit vos flagellis, ego autem caedam vos scorpionibus.* Este foi o conselho, esta a resposta; e o successo, em summa, qual se podia esperar de tal resposta e de tal conselho. Porque das doze tribus que juraram a Roboão, as dez lhe negaram logo a obediencia, e a deram a Jeroboão, creado que tinha sido de seu pae; querendo antes ser vassallos de um creado de Salomão, que de um tal filho de Salomão.

3. *Reg.* 12.

A origem da sua ruina foi deixar os conselheiros de seu pae.

E se buscarmos a origem de tão infeliz e desastrado successo, em que um rei sem batalha perdeu as dez partes do seu reino para si e para todos seus discendentes em uma hora, acharemos que foi por não querer conservar os ministros antigos que assistiam ao lado de seu pae, e tomar outros. Assim o diz e pondera a Escriptura: *Reliquit consilium senum, qui assistebant coram Salomone patre ejus cum adhuc viveret; et adhibuit adolescentes, qui nutriti fuerant cum eo et assistebant illi.* Notae este e aquelle *assistebant*. A causa proxima da ruina de Roboão foi deixar o maduro conselho dos velhos experimentados e tomar o dos moços orgulhosos e sem experiencia. Mas a origem d'essa mesma causa esteve um passo mais atraz, que foi mudar os ministros que assistiam ao lado de seu pae. *Qui assistebant coram Salomone, patre ejus;* e «nomear» de novo aquelles com que se tinha creado, para que o assistissem a elle: *Qui nutriti fuerant cum eo et assistebant illi.* A ultima decocção dos negocios faz-se entre os ministros que estão ao lado

dos reis, como se viu n'este mesmo caso; e se os mesmos que assistiam a Salomão, assistissem a seu filho, o voto d'estes havia de ser o que prevalecesse, e os povos ficariam contentes, o reino inteiro, o rei obedecido e amado; e Roboão, que dizia que era maior que seu pae, tão grande como elle.

Os filhos devem herdar os amigos de seu pae.

Nem deve passar sem advertencia a repetição emphatica com que o texto sagrado depois de dizer: *Assistebant coram Salomone*, accrescenta *Patre ejus*. Parece desnecessaria esta nova expressão; pois de toda a narração da historia constava ser Salomão pae de Roboão. Mas foi nota e ponderação dignissima de se não dissimular, como de uma maior circumstancia que notavelmente aggrava o caso. Porque, ainda que os ministros de quem Salomão em sua vida se tinha servido juncto a sua pessoa, por serem ministros do rei mais sabio que teve o mundo, mereciam ser estimados, honrados e conservados no logar que com elle tinham; só por serem ministros de seu pae (ainda que esse pae não fôra Salomão) se devia Roboão servir d'elles e tel-os sempre juncto a si e fazer maior confiança da sua fidelidade, da sua verdade, do seu zelo e do seu amor, que do de todos os outros: *Amicum tuum et amicum patris tui ne dimiseris*, diz o Espirito Sancto por bocca do mesmo Salomão: o teu amigo e o amigo de teu pae não o apartes de ti. E que mais teem os amigos que foram amigos dos paes, do que os amigos novos que os filhos elegem? Teem de mais aquella differença que ha entre o certo e o duvidoso. Os amigos novos que os filhos elegem poderá ser que sejam bons e fieis amigos: mas os que foram amigos dos paes, já é certo que o são; porque estes já estão experimentados e provados; aquelles ainda não. Por isso disse sabiamente Socrates, que os mais seguros amigos são os que se herdaram. A amizade dos que se fazem de novo é duvidosa, a dos que se herdaram, e vem de paes a filhos, certa. E d'aqui conclúi este famosissimo philosopho, que os filhos não só são e devem ser herdeiros da fazenda dos paes, senão tambem dos amigos. Se Roboão, assim como herdou a corôa, herdara tambem os amigos de seu pae, elle não perdera o reino: mas porque herdando o reino quiz fazer novos amigos, elles o perderam. Quando estes se quizeram introduzir á assistencia da pessoa e logares do lado de Roboão, facilmente e sem os escandalizar lhe podera elle dizer, que estavam deante os que tinham servido a seu pae e de quem elle tinha feito eleição. Mas o erro de Roboão esteve em que os que se tinham creado com elle, a primeira cousa que lhe persuadiram foi que as suas eleições haviam de ser melhores. Porque, se poderam tanto com as suas lisonjas e se cegou tanto

Prov. 27.

com ellas o pobre moço, que se persuadiu e se atreveu a dizer que o seu annel tinha maior roda que o cincto de seu pae; como lhe não metteriam tambem em cabeça que, sendo seu pae Salomão, sabia mais que elle?

Em materia de prover logares, em geral os paes sabem mais que os filhos. Benção de Jacob aos dous filhos de José.

Esta é a cegueira em que ordinariamente caem os filhos dos reis; e por isso em succedendo no governo, mudam creados e officios e quanto seus paes tinham ordenado: não advertindo que em materia de prover logares, sabem mais os paes com os olhos fechados, que os filhos, por mais sabios que sejam, com elles abertos. Estava Jacob já cego com a velhice, quando seu filho José lhe apresentou os dous netos Manassés e Ephraim, para que lhes lançasse a benção. Era Manassés o maior e por isso lh'o poz José á mão direita, como a Ephraim, porque era menor, á esquerda. Porém Jacob cruzou e trocou as mãos, e poz a direita sobre a cabeça de Ephraim e a esquerda sobre a de Manassés. Não, senhor, replicou José; que este, sobre que pondes a mão direita, é menor, e o maior fica á esquerda. E que responderia Jacob? Que responderia o pae cego? *Scio, fili mi, scio:* Bem sei, filho meu, qual é o maior e o menor, e bem sei tambem o que faço; porque sei o que não vêdes. Vós vêdes só as edades d'esses dous meninos, eu vejo-lhes as edades e mais as fortunas. E porque a fortuna de Ephraim ha de ser muito maior que a de Manassés; por isso ponho a mão direita sobre o que vós tendes por menor, e a esquerda sobre o outro. José era tão sabio, como todos sabem e como experimentou e admirou o Egypto, onde succedeu este caso: e comtudo Jacob estando cego via duas vezes mais que José, e sabia duas vezes mais que elle: porque mais sabe, como dizia, um pae com os olhos fechados, que o mais sabio filho com elles abertos. Cuidem os filhos, e não desconfiem de que se cuide, que seus paes sabem mais que elles.

Gen. 48.

Todo o filho christão, á imitação do Divino Mestre, não se envergonhe de confessar que sabe menos que seu pae, e será feliz.

Uma vez perguntaram os discipulos a Christo quando havia de restituir o reino de Israel; e outra vez se escusou o Senhor com responder que esses segredos só os sabia seu Pae. Pois, Mestre Divino, em quem o mesmo Pae tem depositado os thesouros de sua sabedoria, não sabeis vós tambem estes dous segredos? Sim, sei: mas sei-os para os guardar, não os sei para os dizer. Excellente solução; e esta é a verdadeira d'estes dous textos. Será bem comtudo, Senhor, que cuidem vossos discipulos que não sabeis tudo? Como a comparação não é mais que entre meu Pae e mim, cuidem embora. Nenhum filho deve desconfiar de que se cuide que seu pae sabe mais que elle; e assim o ha de intender e suppor, como tambem Christo o suppunha em quanto homem. E se alguem me replicar que este, ou

outro mal maior, é o de peccado e mudo. O mais desventurado homem de que Christo nos quiz deixar um temeroso exemplo foi aquelle da parabola das vodas, a quem o rei, atado de pés e mãos, mandou lançar para sempre no carcere das trévas. O rei era Deus, o carcere o inferno, e o homem foi o mais desventurado de todos os homens; porque no dia e no logar em que todos se salvaram, só elle se condemnou. E em que esteve a sua desgraça? Só em peccar? Não; porque muitos depois de peccar se salvaram. Pois em que esteve? Em emmudecer depois do peccado. Extranhou-lhe o rei o descommedimento de se assentar á sua mesa e em tal dia com vestido indecente; e elle em vez de sollicitar o perdão da sua culpa confessando-a, confirmou a sua condemnação emmudecendo: *At ille obmutuit;* e elle, diz o evangelista, emmudeceu. Aqui esteve o remate da desgraça. Mais mofino em emmudecer que em peccar; porque, commettido o peccado, tinha ainda o remedio da confissão; mas, emmudecida a confissão, nenhum remedio lhe ficava ao peccado. Peccar é infermar mortalmente: peccar e emmudecer é cair na infermidade e renunciar o remedio. Peccar é fazer naufragio o navegante: peccar e emmudecer, é ir-se com o peso ao fundo e não lançar mão da tábua em que se póde salvar. Peccar é apagarem-se as alampadas ás virgens nescias: peccar e emmudecer é apagar-se-lhes as alampadas e fechar-se-lhes a porta. O peccado tem muitas portas para entrar e uma só para sair, que é a confissão. Peccar é abrir as portas ao demonio para que entre á alma: peccar e emmudecer, é abrir-lhe as portas para que entre e cerrar-lhe a porta para que não possa sair. Isto é o que em allegoria commum temos hoje no evangelho: um homem endemoninhado e mudo: endemoninhado, porque abriu o homem as portas ao peccado; mudo, porque fechou o demonio a porta á confissão.

O evangelho do endemoninhado mudo.

E que fez Christo n'este caso? Maior caso ainda! *Erat ejiciens.* Não diz o evangelista que lançou Christo o demonio fóra, senão que o estava lançando. Achava Christo repugnancia, achava força, achava resistencia; porque não ha cousa que resista a Deus n'este mundo, senão um peccador mudo. Tantas vozes de Deus aos ouvidos, e o peccador mudo. Tantos raios e tantas luzes aos olhos, e o peccador mudo. Tantas razões ao intendimento, tantos motivos á vontade, tantos exemplos, e tão desastrados, e tão repetidos á memoria; e o peccador mudo. Que fez alfim Christo? Applicou a virtude de seu poder efficaz: bateu á porta: porque não bastou bater á porta, insistiu, apertou, venceu, saiu rendido o demonio, e fallou o mudo: *Cum ejecisset daemonium, locutus est mutus.* Este foi o fim da batalha, glorioso para Christo,

venturoso para o homem, affrontoso para o demonio, maravilhoso para os circumstantes; e só para o nosso intento parece que menos proprio e menos airoso: «porque, como temos ouvido» primeiro saiu o demonio, e depois fallou o mudo; e n'esta circumstancia parece que se encontra a ordem do milagre com a essencia do mysterio.

N'este evangelho é figurada a confissão perfeita.

Na confissão primeiro falla o mudo e depois sai o demonio; primeiro se confessa o peccador e depois se absolve o peccado. Logo, se n'este milagre se representa o mysterio da confissão, primeiro havia de fallar o mudo e depois havia de sair o demonio. Antes não; e por isso mesmo: porque aqui não só se representa a confissão, senão a confissão perfeita; e a confissão perfeita não é aquella em que primeiro se confessa o peccado e depois se perdôa; senão aquella em que primeiro se perdoa e depois se confessa.

Qual a confissão das côrtes. É o assumpto do sermão.

Se não houvera no mundo mais modos de confissões que estes dous que tenho dicto, não me ficava a mim para fazer hoje mais que seguir (como dizia) as pizadas dos nossos prégadores antepassados e exhortar á frequencia d'este Sacramento e á confissão e arrependimento dos peccados. Mas, se me não engano, ainda ha outro modo de confissão e mui propria da côrte. Deve ser como os trajos, confissão *alamoda*. Dissemos que havia confissão em que primeiro sai o demonio e depois falla o mudo, e confissão em que primeiro falla o mudo e depois sai o demonio. Ainda ha mais confissão; e qual é? Confissão em que o mudo falla e o demonio não sai. «E que confissão é esta? E' a confissão não como se deve, mas como se costuma fazer, não como Christo a instituiu, mas como o demonio a transtornou; emfim é a confissão mal feita.» A razão é manifesta. A confissão bem feita é sacramento, a mal feita é sacrilegio: a confissão bem feita tira todos os peccados, a mal feita accrescenta mais um peccado; e «assim» a confissão bem feita lança o demonio fóra e a mal feita mette-o mais dentro. Ora eu hoje hei de tractar da confissão, como prometti. Mas porque o remedio se deve applicar conforme a chaga, não hei de tractar da confissão «como se deve fazer, mas da confissão como se faz; isto é tractarei da confissão mal feita». Eis aqui a velhice e novidade do assumpto;» e assim como hoje as turbas se admiraram, porque no milagre de Christo saiu o demonio e o mudo fallou; nós tambem teremos muita materia de admiração; e não porque o demonio sai e o mudo falla, senão porque o mudo falla e o demonio não sai.»

Como se fazem os peccados e como se confessam.

II. Admiravel cousa é vêr muitos peccados como se fazem e ouvir como se confessam! Vistos fóra da confissão e em si mes-

mos são peccados e graves peccados: ouvidos na confissão e com as côres de que alli se revestem, ou não parecem peccados, ou parecem virtudes. Seja exemplo (para que nos accommodemos ao logar) o peccado e a confissão de um grande ministro.

Historia de Arão na adoração do bezerro.

Tractaram os hebreus de ter um deus, ou um idolo, que em logar de Moysés os guiasse pelo deserto. Vão-se ter com Arão e dizem-lhe: Arão, fazei-nos um deus, ou uns deuses, que vão deante de nós. Arão n'este tempo era supremo ministro ecclesiastico e secular: porque em ausencia de Moysés ficara com o governo do povo; e como cabeça espiritual e temporal tinha dobrada obrigação de não consentir com os intentos impios dos idolatras e de os reprehender e castigar, como um atrevimento tão sacrilego merecia, e de defender e sustentar a fé, a religião, o culto divino; e quando mais não podesse, dar a vida e mil vidas em sua defensa. Isto é o que Arão tinha obrigação em consciencia de fazer. Mas que é o que fez? Ide advertindo as palavras e acções todas, porque todas importam muito para o caso. Respondeu Arão, em consequencia da proposta d'aquella gente, que fossem a suas casas, que tirassem as arrecadas das orelhas a suas mulheres, a suas filhas e a seus filhos (conforme o uso da Asia) e que lh'as trouxessem todas: *Tollite inaures aureas, de uxorum filiorumque et filiarum vestrarum auribus, et afferte ad me.* Trazidas as arrecadas, tomou-as Arão, derreteu o ouro e, feitas suas fôrmas segundo a arte, fundiu e fez um bezerro: *Quas cum ille accepisset, formavit opere fusorio, fecitque eis vitulum conflatilem.* Tanto que appareceu acabada a nova imagem, acclamaram logo todos, em presença de Arão, que aquelle era o deus que os tinha livrado do captiveiro do Egypto. E por se não mostrar menos religioso o sacerdote supremo, *Aedificavit altare coram eo, et praeconis voce clamavit dicens: Cras solemnitas Domini est:* edificou Arão um altar, poz sobre elle o idolo; e mandou lançar pregão por todos os arraiaes que no dia seguinte se celebrava a festa do Senhor; chamando Senhor ao bezerro. Ha ainda mais blasphemias e mais indignidades? Ainda. Amanheceu o dia solemnissimo, fizeram os sacerdotes muitos sacrificios, seguiram-se aos sacrificios banquetes e aos banquetes festas e danças: tudo em honra e louvor do novo deus. Atéqui ao pé da letra a primeira parte da historia.

Exod. 32.

Como Arão peccou e como confessou o peccado.

Pergunto agora: E se Arão houvesse de confessar este peccado, parece-vos que tinha bem que confessar? Pois assim aconteceu. Houve de confessar seu peccado Arão: confessou-o: mas vêde como o confessou, que é muito para ver e para apprender.

Desceu Moysés do monte no mesmo poncto em que se estavam fazendo as festas: vê o idolo, accende-se em zelo, abomina o caso, argúi a Arão de tudo o succedido «bradando:» Que te fez este pobre povo para o fazeres réu deante de Deus do maior de todos os crimes? Confessou Arão a sua culpa e confessou-a por estes termos: Vós, senhor, bem sabeis que este povo é inclinado ao mal: disseram-me que lhes fizesse deuses a quem seguissem (agora vai a confissão. Ide-vos lembrando de tudo o que temos dicto.) Perguntei quem tinha ouro? Foram-no buscar e trouxeram-m'o, e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro: *Quibus ego dixi: Quis vestrum habet aurum? Tulerunt et dederunt mihi, et projeci illud in ignem, egressusque est hic vitulus.* Ha tal confissão? Ha tal verdade? Ha tal caso no mundo? Vinde cá, Arão; estae a contas commigo deante de Deus. Vós não mandastes a todos estes homens que fossem buscar as arrecadas de ouro de suas mulheres, de suas filhas e de seus filhos, e que lh'as tirassem das orelhas e vol-as trouxessem? Pois como agora na confissão dizeis que perguntastes sómente: Quem tinha ouro? Mais. Vós não tomastes o ouro e não o derretestes, não o fundistes, não formastes e fizestes o bezerro? Pois como dizeis agora na confissão que lançastes ouro no fogo, e que o idolo se fez a si mesmo, e não vós a elle? Mais ainda. Vós não fabricastes o altar? Não pozestes n'elle o idolo? Não lhe dedicastes dia sancto? Não lhe chamastes Senhor? Não lhe fizestes ou mandastes fazer sacrificios, holocaustos, banquetes, jogos, festas? Pois como na confissão agora calais tudo isto, e não se vos ouve nem uma só palavra em materias de tanto peso? Eis aqui como dizem os peccados com as confissões e as confissões com os peccados. E assim confessou os seus o maior ministro ecclesiastico e secular do povo de Deus.

Do seu peccado [illegible] fez quasi virtude.

Fallou Arão no que disse e foi mudo no que calou. Mas notae que, se fez grande injuria á pureza da confissão no que calou, muito maior injuria lhe fez no que disse pelo modo com que o disse. Porque, no que calou, calou peccados; no que disse, fez de peccados virtudes. Que é o que calou Arão? Calou o altar que levantara ao idolo, a adoração que lhe dera, o nome de Senhor com que o honrara, os pregões, o dia solemne, as offertas, os sacrificios, as festas; e sobre tudo abrir a primeira porta e dar principio ás idolatrias do povo de Israel, que duraram com infinitos castigos por mais de dous mil annos. São boas venialidades estas para se calarem na confissão? Pois isto é o que calou Arão. E que é o que confessou, e como o confessou? O que confessou foi o seu peccado; mas o modo com que o confessou foi tão diverso, que sendo o maior pec-

cado parecia a maior virtude. O que Arão disse a Moysés foram estas palavras formaes: Pediram-me que lhes fizesse um idolo, perguntei-lhes se tinham ouro; trouxeram-m'o e eu arremessei-o no fogo. Olhae como referiu a historia! Olhae como despintou a acção! Olhae como enfeitou o peccado! Pedir o ouro para fazer o idolo e derretel-o e fundil-o e formal-o e expol-o para ser adorado; isso não era só concorrer para a idolatria, mas ser auctor e dogmatista d'ella; e isto é o que fez Arão. Pelo contrario pedir o ouro de que o povo cego queria se formasse o idolo e arremessal-o no fogo, era pôr o fogo á idolatria, era abrazal-a, era queimal-a, era fazel-a em pó e em cinza; e isto é o que Arão confessou que fizera. Julgae agora se similhantes confissões são boas para lançar o demonio fóra da alma, ou para o metter mais dentro. Fallo da confissão de Arão: cada um examine as suas. Se as vossas confissões são como a de Arão, teem muito que condemnar: bem será que desçamos a fazer um exame particular d'ellas, para que cada um conheça melhor os defeitos das suas.

A confissão de um ministro e septe circumstancias de seu exame.

E para que o exame se accommode ao auditorio, não será das consciencias de todos, senão só dos que teem o estado á sua conta. Será um confessionario geral de um ministro. Os theologos reduzem ordinariamente este modo de exame a septe titulos: *Quis, quid, ubi, quibus, auxiliis, cur, quomodo, quando*; «que abrangem todas as circumstancias de pessoa, materia, logar, meios, motivos, modo e tempo». A mesma ordem seguiremos, eu para maior clareza do discurso, vós para maior firmeza da memoria. Deus nos ajude.

Circumstancia da pessoa que se confessa. Ministros universaes.

III. *Quis*. Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo um ministro, ou seja secular ou seja ecclesiastico. Eu sou um desembargador da casa da supplicação, dos aggravos, do paço: sou um procurador da corôa: sou um chanceller-mór: sou um regedor da justiça: sou um conselheiro d'estado, de guerra, do ultramar, dos tres estados: sou um vêdôr da fazenda: sou um presidente da camara do paço, da mesa da consciencia: sou um secretario d'estado, das mercês, do expediente: sou um inquisidor: sou um deputado: sou um bispo: sou um governador de um bispado, etc. Bem está, já temos o officio: mas o meu escrupulo ou a minha admiração não está no officio, senão no *um*. Tendes um só d'esses officios, ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa côrte que teem logar em tres ou quatro tribunaes; que teem seis, que teem oito, que teem dez officios. Este ministro universal não pergunto como vive, nem quando vive: não pergunto como accode a suas obrigações, nem quando accode a ellas. Só pergunto como se confessa?

A presidencia do sol e da lua.

Quando Deus deu fórma ao governo do mundo poz no céu aquelles dous grandes planetas, o sol e a lua, e deu a cada um d'elles uma presidencia: ao sol a presidencia do dia: *Luminare majus, ut praeesset diei;* e á lua a presidencia da noite: *Luminare minus, ut praeesset nocti.* E porque fez Deus esta repartição? Por ventura porque se não queixasse a lua e as estrellas? Não, porque com o sol ninguem tinha competencia, nem podia ter justa queixa. Pois, se o sol tão conhecidamente excedia a tudo quanto havia no céu, porque não proveu Deus n'elle ambas as presidencias? Porque lhe não deu ambos os officios? Porque ninguem pode fazer bem dous officios, ainda que seja o mesmo sol. O mesmo sol, quando allumia um hemispherio, deixa o outro ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemispherios! E que cuide e se cuide que em todos pode allumiar! Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia sim.

Gen. 1.

A presidencia de Adão, e a conta que deu dos seus officios.

Dir-me-heis (como doutos que deveis ser) que no mesmo tempo em que Deus deu uma só presidencia e um só hemispherio ao sol, deu tres presidencias e tres hemispherios a Adão. Uma presidencia no mar para que governasse os peixes, outra presidencia no ar para que governasse as aves, outra presidencia na terra para que governasse os outros animaes: *Et praesit piscibus maris, et volatilibus coeli, et bestiis, universaeque terrae.* E o mesmo é governar a animaes que governar a homens? E o mesmo é o estado da innocencia em que então estava Adão, e o estado da natureza corrupta e corruptissima em que estamos hoje? Mas quando tudo fôra egual, o exemplo nem faz por vós, nem contra mim. Por vós não: porque n'aquelle tempo não havia mais que um homem no mundo, e era força que elle tivesse muitos officios. Contra mim não, antes muito por mim: porque Adão com esses officios bem se vê a bôa conta que d'elles deu. Não eram passadas vinte e quatro horas em que Adão servia os tres officios, quando já tinha perdido os officios, e perdido a si e perdidos a nós. «Que prevaricou tão cedo, dizem-no Sancto Ireneu, S. Cyrillo, Sancto Epiphanio, Sancto Ephrem e outros Padres.» Se isto aconteceu a um homem que saía flammante das mãos de Deus, com justiça original e com sciencia infusa; que será aos que não são tão justos, nem tão scientes, e aos que teem outros originaes e outras infusões?

Ninguem pode fazer bem muitos officios.

Não era christão Platão e mandava na sua Republica que nenhum official podesse apprender duas artes. E a razão que dava era: porque nenhum homem pode fazer bem dous officios. Se a capacidade humana é tão limitada que para fazer este barrete são necessarios oito homens de artes e officios differentes; um

que crie a lan, outro que a trosquie, outro que a carde, outro que a fie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a tose e outro que a corte e cosa; se nas cidades bem ordenadas o official que molda o ouro não pode lavrar a prata, se o que lavra a prata não pode bater o ferro, se o que bate o ferro não pode fundir o cobre; se o que funde o cobre não pode moldar o chumbo nem tornear o estanho; no governo dos homens que é a arte das artes, como se hão de ajunctar em um só homem, ou se hão de confundir n'elle, tantos officios? Se um mestre com carta de examinação dá má conta d'um officio mechanico, um homem (que muitas vezes não chegou a ser obreiro) como ha de dar boa conta de tantos officios politicos? E que não faça d'isto consciencia este homem! Que se confesse pela quaresma e que continue a servir os mesmos officios, ou a servir-se d'elles depois da paschoa! Isto me admira.

Moysés assustado pela difficuldade de desempenhar bem uma presidencia. *Num.* 11.

Moysés, aquelle gran ministro de Deus e da sua republica, mettendo-lhe o mesmo Deus na mão a vara e mandando-o que fosse libertar o povo, respondeu: E quem sou eu, Senhor, ou que capacidade ha em mim para essa commissão? Mandae a a quem vos possa servir como convém. Oh ministro verdadeiramente de Deus! Antes de acceitar o cargo, representou a insufficiencia; e para que se visse que esta representação era consciencia e não cortezia, repugnou uma e outra vez, e não acceitou senão depois que Deus lhe deu Arão por adjuncto. Tinha já Moysés muitos annos de governo do povo, muitas cans e muita experiencia; tornou a fazer outra proposta a Deus; e quero referir os termos do memorial, para que se veja quão apertados foram: *Non possum solus sustinere hunc populum. Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me, et inveniam gratiam in oculis tuis.* Eu, Senhor, não posso só com o peso do governo d'este povo; e quando vossa Divina Majestade nao fôr servido de me alliviar, peço e protesto a vossa Divina Majestade me tire a vida, e receberei n'isso muito grande mercê. Não pediu o officio para toda a vida, nem para muitas vidas, senão que lhe tirasse a vida só para não ter o officio. E com muita razão, porque melhor é perder o officio e a vida, que reter o officio e perder a consciencia. E que fez Deus n'este caso? Mandou a Moysés que escolhesse septenta anciãos dos mais prudentes e auctorizados do povo; e diz o texto que tirou Deus do espirito de Moysés e repartiu d'elle por todos os septenta. Eis aqui quem era aquelle homem que se escusou do officio. De maneira que um homem que val por septenta homens não se atreve a servir um só officio! E vós, que vos fará Deus muita mercê que sejais um homem, atreveis-vos a servir septenta offi-

cios! «E que entretanto vos confesseis, e que no serviço dos vossos septenta officios continueis a viver com o maior socego! Pasmo da vossa consciencia».

Circumstancia da materia.

IV. Depois de o ministro examinar que ministro ou que ministros é; segue-se vêr o que faz. *Quid?* Um dia do juizo inteiro era necessario para este exame, «a confrontar-se o que faz com o que accusa em confissão.» Que sentenças! Que despachos! que votos! que consultas! que eleições! Mas paremos n'esta ultima palavra, que é a de maiores escrupulos.

A obra do esculptor em Isaias e as de um ministro.

Não me atrevo a fallar n'esta materia senão por uma parabola, e ainda essa não ha de ser minha, senão do propheta Isaias. Foi um homem ao mato diz Isaias (ou fosse esculptor de officio, ou imaginario de devoção): levava o seu machado ou a sua acha ás costas; e o seu intento era ir buscar um madeiro para fazer um idolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os cyprestes: cortou d'onde lhe pareceu um tronco, e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes, ou em dous cepos, a um d'estes cepos metteu-lhe o machado e a cunha, fendeu-o em achas, fez fogo com ellas e aquentou-se e cosinhou o que havia de comer. O outro cepo, poz-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o, e tomando já o maço e o escôpro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçoando em forma humana. Alizou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, afilou-lhe um nariz, abriu-lhe uma bocca, ondeou-lhe uns cabellos no rosto, foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até aos pés. E feito em tudo uma figura de homem, pôl-o sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaias da cegueira d'este esculptor; e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. Um cepo, conhecido por cepo, feito homem e posto em logar onde ha de ser adorado! *Medietatem ejus combussi igni, et de reliquo eius idolum faciam?* Duas ametades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar! Se são dous cepos, porque os não haveis de tractar ambos como cepos? Mas que um cepo haja de ter a fortuna de cepo e vá em achas ao fogo, e que outro cepo, tão madeiro, tão tronco, tão informe e tão cepo como o o outro, o haveis de fazer á força homem e lhe haveis de dar auctoridade, respeito, adoração, divindade? Dir-me-heis que este segundo cepo, que está muito bem feito e que tem «tudo o que é necessario.» Sim, tem: mas «tudo» o que vós fizestes n'elle. Tem bocca, porque vós lhe fizestes bocca; tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos, tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés e mãos. E senão dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que falle com essa bocca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cepo é agora, como era d'an-

Isai. 44.

tes; porque não vai tambem este para o fogo? ou porque não vem tambem o outro para o altar? Ha quem se confesse dos que fez e dos que desfez? A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis restituição egualmente. Ao que queimastes deveis restituição do mal que lhe fizestes: ao que fizestes deveis restituição dos males que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de ver; restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizestes-lhe bocca, não sendo capaz de fallar; restituireis os damnos das suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar; restituireis os damnos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juizo; restituireis os damnos dos seus desgovernos. Eis aqui o encargo de ter feituras. Então prezais-vos de poder fazer e desfazer homens? Quanto melhor fora fazer consciencia dos que fizestes e desfizestes! Deus tem duas acções que reservou para si: crear e predestinar. A acção de crear já os poderosos a teem tomado a Deus, fazendo creaturas de nada: a de predestinar tambem lh'a vejo tomada n'este caso. Um para o fogo e outro para o altar. Basta que tambem haveis de ter prescitos e predestinados! Se fostes prescito (não sei de quem), fostes mofino, haveis de arder: se fostes seu predestinado, fostes ditoso, haveis de reinar.

Este é um Arão ao pé da lettra.

E haverá algum d'estes omnipotentes que se tenha occupado alguma hora d'este peccado de predestinação. Occupado não, excusado sim, e por galante modo. Saíu fulano com tal despacho: Saíu fulano com tal mercê. E o que fez a mercê e o que fez o despacho e o que fez o fulano, é o mesmo que isto diz. Se vós o fizestes para que dizeis que saíu? O nosso Arão ao pé da letra. Que fez Arão e que disse no caso do outro idolo? O que Arão fez foi que fundiu e forjou e formou o bezerro: *Formavit fecitque vitulum conflatilem;* e o que o mesmo Arão disse foi que o bezerro saíra: *Egressusque est hic vitulus.* Saíu! Pois se vós o fizestes, e se vós o fundistes, e se vós o forjastes e vós o limastes: se é certo que vós pedistes o ouro das arrecadas, porque dizeis que saíu? Porque assim dizem os que fazem bezerros. São taes as vossas feituras, que vos affrontais de dizer que vós as fizestes.

Suas funestas consequencias.

Mas já que as negais aos olhos dos homens, porque as não confessareis aos pés de Deus? Pois crêde-me que o bezerro de ouro tem muito mais que confessar que ouro e bezerro. E que tem mais que confessar? Os damnos particulares e publicos que d'alli se seguiram. Seguiu-se d'este peccado quebrar Moysés as tábuas da lei escripta pela mão de Deus. Seguiu-se ficar o povo pobre e despojado das suas joias, que eram o preço de quatrocentos annos de serviço seu e dos seus antepassados no

Egypto. Seguiu-se morrerem n'aquelle dia á espada de Moysés e dos levitas vinte e tres mil homens. Seguiu-se deixar Deus o povo, e não o querer acompanhar, nem assistir com sua presença, como até alli fizera. Seguiu-se querer Deus acabar para sempre o mesmo povo, como sem duvida fizera se as orações de Moysés não aplacaram sua justa ira. Seguiu-se finalmente, e seguiram-se todos os outros castigos que Deus então lhes ameaçou e reservou para seu tempo, de que em muitas centenas de annos e de horrendas calamidades se não viram livres os hebreus. Que vos parecem as consequencias d'aquelle peccado? Cuidais que não ha mais que fazer um bezerro? Cuidais que não ha mais que enthronizar um bruto, ou seja cepo de páu ou cepo de ouro? As mesmas consequencias se seguem dos indignos que vós fazeis e pondes nos logares supremos. E se não olhae para ellas. As leis divinas e humanas quebradas, os povos despojados e empobrecidos; as mortes de homens a milhares, uns na guerra por falta de governo, outros na paz por falta de justiça, outros nos hospitaes por falta de cuidado: sobre tudo a ira de Deus provocada, a assistencia da sua protecção desmerecida; as provincias, o reino, e a mesma nação inteira arriscada a uma extrema ruina: que, se não fôra pelas orações de alguns justos, já estivera acabada; mas não estão ainda acabados os castigos. E sobre quem carrega o peso de todas estas consequencias? Sobre aquelles que fazem e que sustentam os auctores e causadores d'ellas. Vós o fizestes, vós o pagareis. E que com esta carga ás costas andem tão leves como andam! Que lhes não pese este peso na consciencia? Que os não morda este escrupulo na alma! Que os não inquiete, que os não assombre, que os não traga fóra de si esta conta que hão de dar a Deus! E que sejam christãos! E que se confessem! «Quem não pasma ou não se admira d'isto, não sabe o que é pasmo e admiração.»

Circumstancia do logar quão dilatada e grave para os ministros de Portugal.

V. «A terceira circumstancia que é a do onde, *Ubi*» tem muito que reparar em toda a parte, mas no reino de Portugal muito mais; porque ainda que os seus ondes dentro em si podem comprehender-se facilmente, os que tem fóra de si são os mais diversos, os mais differentes e os mais dilatados de todas as monarchias do mundo. Tantos reinos, tantas nações, tantas provincias, tantas cidades, tantas fortalezas, tantas egrejas cathedraes, tantas particulares na Africa, na Asia, na America; onde põi Portugal vice-reis, onde põi governadores, onde põi generaes, onde põi capitães, onde põi justiças, onde põi bispos e arcebispos, onde põi todos os outros ministros da fé, da doutrina, das almas.

Perigos de errar nesta circumstancia.

E quanto juizo, quanta verdade, quanta inteireza, quanta consciencia é necessaria para considerar e distribuir bem estes «logares»; e para vêr onde se põi cada um? Se pondes o cubiçoso onde ha occasião de roubar, e o fraco onde ha occasião de defender, e o infiel onde ha occasião de renegar, e o pobre onde ha occasião de desempobrecer; que ha de ser das conquistas e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam? Oh que os sujeitos que se põem n'estes lugares são pessoas de grande qualidade e de grande auctoridade: fidalgos, senhores, titulos! Por isso mais. «Um fidalgo, um senhor, um titulo deve-se pôr» onde obre proezas dignas de seus antepassados, onde despenda liberalmente o seu com os soldados e benemeritos, onde peleje, ondo defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adeante a fé e a christandade, onde se honre a si e á patria e ao principe que fez eleição de sua pessoa; e não onde se aproveite, e nos arruine; onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado; onde perca as victorias, e venha carregado dos despojos.

Quanto mais longe o logar tanto maior o perigo. Parabola dos talentos.

E quanto este onde fôr mais longe, tanto hão de ser os sujeitos de maior confiança e de maiores virtudes. Quem ha de governar e mandar, tres e quatro mil leguas longe do rei, onde em tres annos não póde haver recurso de seus procedimentos, nem ainda noticias; que verdade, que justiça, que fé, que zelo deve ser o seu! Na parabola dos talentos diz Christo que os repartiu o rei a cada um conforme a sua virtude, e que se partiu para outra região d'alli muito longe a tomar posse de um reino. Se isto fôra historia, podéra ter succedido assim: mas se não era historia senão parabola, porque não introduz Christo ao rei e aos creados dos talentos na mesma terra, senão ao rei em uma região muito longe e aos creados dos talentos em outra? Porque os creados dos talentos ao longe do rei é que melhor se experimentam; e ao longe do rei é que são mais necessarios. Nos Brazis, nas Angolas, nas Goas, nas Malacas, nos Macáus, onde o rei se conhece só por fama e se obedece só por nome: ahi são necessarios os creados de maior fé e os talentos de maiores virtudes. Se em Portugal, se em Lisboa onde os olhos do rei se vêem e os brados do rei se ouvem, faltam «aos seus deveres» homens de grandes obrigações, que será em uma região muito longe? Que será n'aquellas regiões remotissimas, onde o rei, onde as leis, onde a justiça, onde a verdade, onde a razão, e onde até o mesmo Deus parece que está longe?

Escrupulo dos que devem acceitar estes logares.

Este é o escrupulo dos que assignalam «o logar»; e qual será o dos que o acceitam? Que me mandem onde não convem,

culpa será ou desgraça de quem me manda; mas que eu não repare aonde vou? Ou eu sei aonde vou, ou o não sei. Se o não sei, como vou onde não sei? E se o sei, como vou onde não posso fazer o que devo? Tudo temos em um propheta, não em prophecia, senão em historia. Ia o propheta Habacuc com uma cesta de pão no braço, em que levava de comer para os seus segadores, quando lhe sái ao caminho um anjo, e diz-lhe que leve aquelle comer a Babylonia, e que o dê a Daniel que estava no lago dos leões. Que vos parece que responderia o propheta n'este caso? Senhor, se eu nunca vi Babylonia, nem sei onde está tal lago, como hei de levar de comer a Daniel ao lago de Babylonia? Eu digo que o propheta respondeu prudente: vós direis que não respondeu bizarro; e segundo os vossos brios assim é. Se os segadores andaram aqui nas lezirias e o recado se vos dera a vós, como havieis de acceitar sem replica! Como vos havieis de arrojar ao lago, a Babylonia e aos leões! Avisam-vos para a armada, para capitão de mar e guerra, para almirante, para general; e sendo o lagosinho o mar oceano, na costa onde elle é mais soberbo e mais indomito, vêr como vos arrojais ao lago! Acenam-vos com o governo do Brazil, de Angola, da India, com a embaixada de Roma, de Paris, de Inglaterra, de Hollanda; e sendo estas as Babylonias das quatro partes do mundo, vêr como vos arrojais á Babylonia! Ha de se provêr a gineta, a bengala, o bastão para as fronteiras mais empenhadas do reino; e sendo a guerra contra os leões de Hispanha, tanto valor, tanta sciencia, tanto exercicio; vêr como vos arremessais aos leões! Se vós não vistes o mar mais que no Tejo; se não vistes o mundo mais que no mappa; se não vistes a guerra mais que nos pannos de Tunes; como vos arrojais ao governo da guerra, do mar, do mundo?

O propheta Habacuc mandado a Babylonia com a cesta de pão. *Dan.* 14.

Mas não é ainda este o mais escandaloso reparo. Habacuc levava no braço a sua cesta de pão; mas elle não reparou no pão, nem na cesta, reparou sómente na Babylonia e no lago. Vós ás avessas: na Babylonia e no lago, nenhum reparo: no pão e na cesta, ahi está toda a duvida, toda a difficuldade, toda a demanda. Babylonia, Daniel, lago, leões, tudo isso é mui conforme ao meu espirito, ao meu talento, ao meu valor. Eu irei a Babylonia, eu libertarei a Daniel, eu desqueixarei os leões, se fôr necessario: não é esta a difficuldade; mas ha de ser com as conveniencias de minha casa. Não está a duvida na Babylonia, está a duvida e a Babylonia na cesta. O pão d'esta cesta é para os meus segadores: ir e vir a Babylonia e sustentar a Daniel á custa do meu pão, não é possivel, nem justo. Os meus segadores estão no campo, a minha casa fica sem mim, Baby-

Nos que acceitam qualquer commissão qual o mais escandaloso reparo.

lonia está d'aqui tantos centos de leguas: tudo isto se ha de compôr primeiro: hão me de dar pão para os segadores, e pão para a minha casa, e pão para a ida, e pão para a volta, e para se acaso lá me comer um leão (que só «n'esta contingencia» se suppõi o acaso) e por se acaso eu morrer na jornada, esse pão ha-me de ficar de juro e quando menos em tres ou quatro vidas. Não é isto assim? O poncto está em encher a cesta e segurar o pão; e o demais? Succeda o que succeder: confunda-se Babylonia, pereça Daniel, fartem-se os leões, e leve o peccado tudo. Por isso leva tudo o peccado. E quantos peccados vos parece que vão n'esta envolta de que nem vós nem outros fazem escrupulo?

Como se deve imitar o propheta Habacuc.

Mas dir-me-heis (se acaso vos quereis salvar): Pois, padre, como me hei de haver n'este caso? Como se houve o propheta. Primeiro escusar, como se elle escusou; e se não valer a escusa, ir como elle foi. E como foi Habacuc? Tomou-o o anjo pelos cabellos e pôl-o em Babylonia. Se vos não aproveitar uma e outra escusa, ide, mas com anjo e pelos cabellos: com anjo que vos guie, que vos encaminhe, que vos allumie, que vos guarde, que vos ensine, que vos tenha mão; e ainda assim muito contra vossa vontade, pelos cabellos. Mas que seria se em vez de ir pelos cabellos, fosseis por muito gosto, por muito desejo e por muita negociação? E em vez de vos levar da mão um anjo, vos levassem da mão dous demonios, um da ambição, outro da cubiça? Se estes dous espiritos infernaes são os que vos levam a toda a parte onde ides, como não quereis que vos levem ao inferno? E que n'estes mesmos caminhos seja uma das alfaias d'elles o confessor! E que vos confesseis quando ides assim, e quando estais assim, e quando tornais assim! «Isto não só me causa admiração, mas pena e horror do vosso estado.»

Circumstancia dos meios. O que fazem tres dedos com uma pennada. Escriptura fatal na céa de Balthazar.

VI. E *com que meios* se fazem e se conseguem todas estas cousas que temos dicto? *Quibus auxiliis?* «Quarta circumstancia do nosso exame. Os meios são papel e muitos papeis, com que todas estas cousas se fazem e se conseguem:» com certidões, com informações, com decretos, com consultas, com despachos, com portarias, com provisões. Não ha cousa mais escrupulosa no mundo que papel e penna. Tres dedos com uma penna na mão é o officio mais arriscado que tem o governo humano. Aquella escriptura fatal que appareceu a el-rei Balthazar na parede, diz o texto que a formaram uns dedos como de mão de homem. E estes dedos quem os movia? Dizem todos os interpretes com S. Jeronymo que os movia um anjo. De maneira que quem escrevia era um anjo e não tinha de homem mais que tres dedos. Tão puro como isto ha de ser quem escreve. Não ha de

ser mais que dedos. Com estes dedos não ha de haver mão, não ha de haver braço, não ha de haver ouvidos, não ha de haver bocca, não ha de haver olhos, não ha de haver coração, não ha de haver homem. Não ha de haver mão para a dadiva, nem braço para o poder, nem ouvidos para a lisonja, nem olhos para o respeito, nem bocca para a promessa, nem coração para o affecto; nem finalmente ha de haver homem, porque não ha de haver carne nem sangue? A razão d'isto é, porque, se os dedos não forem muito seguros, com qualquer geito da penna podem fazer grandes damnos.

As parteiras do Egypto e os nossos ministros.

Quiz Pharaó destruir e acabar os filhos de Israel no Egypto e que meio tomou para isso? Mandou chamar às parteiras egypcianas, e encommendou-lhes, que quando assistissem ao parto das hebreas, se fosse homem o que nascesse, lhe torcessem o pescoço e o matassem sem que ninguem o intendesse. Eis aqui quão occasionado officio é o d'aquelles em cujas mãos nascem os negocios. O parto dos negocios são as resoluções; e aquelles em cujas mãos nascem estes partos, ou seja escrevendo ao tribunal ou seja escrevendo ao principe, são os ministros de penna. E é tal o poder, a occasião e a subtileza d'este officio, que com um geito de mão e com um torcer de penna podem dar vida e tirar vida. Com um geito podem-vos dar com que vivais, e com outro geito podem-vos tirar o com que viveis. Vêde se é necessario que tenham muito escrupulosas consciencias. Quantos delictos se enfeitam com uma pennada! Quantos merecimentos se apagam com uma risca! Quantas famas se escurecem com um borrão! Para que vejam os que escrevem, de quantos damnos podem ser causa, se a mão não fôr muito certa, se a penna não fôr muito aparada, se a tinta não fôr muito fina, se a regra não fôr muito direita, se o papel não fôr muito limpo.

Consequencias das suas cifras, riscas, informações e relatorios.

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de penna, e muito mais áquelles que sobre um joelho, aos pés do rei, recebem os seus oraculos e os interpretam e extendem. Elles são os que com um adverbio pódem limitar ou ampliar as fortunas: elles os que com uma cifra pódem adeantar direitos e atrazar preferencias: elles os que com uma palavra pódem dar ou tirar peso á balança da justiça: elles os que com uma clausula equivoca ou menos clara, pódem deixar duvidoso e em questão o que havia de ser certo e effectivo: elles os que com metter ou não metter um papel, pódem chegar e introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem: elles finalmente os que dão a ultima forma ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo. Póde haver officio mais para gloriar por uma parte e mais para tremer por

todas? «Até no serviço de Deus» quantas emprezas de grande honra «sua» poderam estar muito adeantadas, se estas pennas, sem as quaes se não póde dar passo, as zelaram e assistiram como era justo! E quantas pelo contrario se perdem e se sepultam, ou porque falta o zelo e diligencia, ou porque sobeja o esquecimento e o descuido, quando não seja talvez a opposição. Julguem as consciencias sobre que carregam estes escrupulos se teem muito que examinar e muito que confessar e muito que restituir em negocios e materias tantas e de tanto peso. «Mas examinam-se elles? confessam tudo isto? restituem o que devem por tantas injustiças? E acham quem os absolva sem restituirem? Nova e dolorosa materia de admiração!»

Circumstancia das causas. Muito se faz por dinheiro e mais por motivo de respeito humano.

VII. E de todas estas sem-razões que temos referido ou admirado quaes são as causas? Quaes são os motivos? Quaes são os porquês? «Eis a quinta circumstancia.» *Cur?* Não ha cousa no mundo, porque um homem deva ir ao inferno: comtudo ninguem vai ao inferno sem seu porquê. Que porquês são logo estes que tanto pódem, que tanto cegam, que tanto arrastam, que tanto precipitam aos maiores homens do mundo? Já vejo que a primeira cousa que occorre a todos é o dinheiro. *Cur?* Porquê? Por dinheiro que tudo póde, por dinheiro que tudo vence, por dinheiro que tudo acaba. Não nego ao dinheiro os seus poderes; nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos: mas o meu não é tão vulgar, nem tão grosseiro, como este. Não me temo tanto do que se furta, como do que se não furta. Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitareis com dinheiro. Mas estes mesmos deixam-se peitar da amizade, deixam-se peitar da recommendação, deixam-se peitar da dependencia, deixam-se peitar do respeito. E não sendo nada d'isto ouro nem prata, são os porquês de toda a injustiça do mundo.

A sem-justiça que fez Pilatos não por dinheiro, mas por um respeito.

A maior sem-justiça que se commetteu no mundo foi a que fez Pilatos a Christo condemnando á morte a mesma Innocencia. E qual foi o porquê d'esta grande injustiça? Peitaram-no? Deram-lhe grandes sommas de dinheiro os principes e os sacerdotes? Não. Um respeito, uma dependencia foi a que condemnou a Christo: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris:* se não condemnais a este, não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amizade e graça de Cesar, perdeu a graça e amizade de Deus, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos; e no mesmo tempo pediu agua e lavou as mãos. Que importa qne as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa que o ministro seja limpo

19.

de mãos, se não é limpo de respeitos? A maior peita de todas é o respeito.

O respeito humano perde mais consciencias que o dinheiro. Os juizes de Samaria na causa da vinha de Naboth.

Se se pozer em questão qual tem perdido mais consciencias e condemnado mais almas se o respeito, se o dinheiro; eu sempre dissera que o respeito: por duas razões. Primeira porque as tentações do respeito são mais e maiores que as do dinheiro. São mais; porque o dinheiro é pouco, e os respeitos muitos. São maiores; porque em animos generosos mais facil é desprezar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda e principal, porque o que se fez «por algum respeito humano» tem muito mais difficultosa restituição que o que se fez por dinheiro. Na injustiça que se fez ou se vendeu por dinheiro, como o dinheiro é cousa que se vê e que se apalpa, o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituição. A luz do diamante dá-vos nos olhos: a cadeia tira por vós: o contador lembra-vos a conta: a lamina e o quadro peregrino, ainda que seja com figuras mudas, dá brados á consciencia. Mas no que se fez por «algum» respeito, por amizade, por dependencia; como estas apprehensões são cousas que se não vêem; como são cousas que vos não armam a casa, nem se penduram pelas paredes; não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma. Sobre tudo, se eu vendi a justiça por dinheiro, quando quero restituir (se quero), dou o que me deram, pago o que recebi, desembolso o que embolsei; que não é tão dificultoso. Mas se eu vendi a justiça, ou a dei de graça pelo respeito, haver de restituir sem ter adquirido, haver de pagar sem ter recebido, haver de desembolsar sem ter embolsado, oh que difficuldade tão terrivel! Quem restitúi o dinheiro, paga com o alheio; quem restitúi o respeito, ha de pagar com o proprio; e para o tirar de minha casa, para o arrancar de meus filhos, para o sangrar de minhas veias, oh quanto valor, oh quanta resolução, oh quanto poder da graça divina é necessario! Os juizes de Samaria «pelo» respeito de Jezabel condemnaram innocente a Naboth; e foi-lhe confiscada a vinha para Acab que a desejava. Assim Acab como os juizes deviam restituição da vinha: porque assim elle como elles a tinham roubada. E a quem era mais facil esta restituição? A Acab era muito facil, e aos juizes muito difficultosa: porque Acab restituia a vinha, tendo recebido a vinha; e os juizes haviam de restituir a vinha, não a tendo recebido. Acab restituia tanto por tanto; porque pagava a vinha pela vinha: os juizes restituiam tudo por nada; porque haviam de pagar a vinha por um respeito. Quasi estou para vos dizer, que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro que por

«algum respeito humano»; porque ainda que o dinheiro se restitúi poucas vezes, «o que se fez por motivo de respeito humano quasi nunca tem restituição». Torne Pilatos.

Judas e Pilatos mostram que é mais facil a restituição nos roubos que nos respeitos humanos.

Entregou Pilatos a Christo; e Judas tambem o entregou. Conheceu Pilatos e confessou a innocencia de Christo; e Judas tambem a conheceu e a confessou. Fez mais alguma cousa Pilatos? Fez mais alguma cousa Judas? Judas, sim; Pilatos, não. Judas restituiu o dinheiro, lançando-o no templo: Pilatos não fez restituição alguma. Pois porque restitúi Judas, e não restitúi Pilatos? Porque Judas entregou a Christo por dinheiro: Pilatos entregou-o por «um respeito humano». As restituições de dinheiro algumas vezes se fazem; as dos respeitos «ou nenhuma ou quasi» nenhuma. E senão dizei-o vós. Fazem-se n'esta côrte muitas cousas por «estes» respeitos? Não perguntei bem. Faz-se alguma cousa n'esta côrte que não seja por «estes» respeitos? Ou nenhuma ou muito poucas. E ha alguem na vida ou na morte que faz restituição d'isto? Nem o vemos, nem o ouvimos. Pois como se confessam d'isto os que o fazem, ou como os absolvem os que os confessam? Se eu estivera no confessionario, eu vos prometto que os não houvera de absolver: mas como estou no pulpito «não posso fazer outra cousa senão pasmar de tanta cegueira e lastimar tão desditosa condição»!

Circumstancia dos modos. O maior labyrintho da consciencia de um ministro.

VIII. «Somos chegados á sexta circumstancia dos peccados que se confessam; e entramos» no labyrintho mais intricado das consciencias, que são os modos, as traças, as artes, as invenções de negociar, de entremetter, de insinuar, de persuadir, de negar, de annullar, de provar, de desviar, de encontrar, de preferir, de prevalecer: finalmente de conseguir para si ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dicto. *Quomodo?* por que modo ou por que modos? Para eu me admirar e nos assombrarmos todos do artificio e subtileza do ingenho com que estes modos se fiam, com que estes teares se armam, com que estes enredos se tramam, com que estas negociações se tecem, «não será necessario um largo discurso»; porque nas historias sagradas temos uma tal tecedeira que na casa de um pastor honrado nos mostrará quanto d'isto se tece na côrte mais côrte do mundo.

Jacob e Esaú quanto ao merecimento do morgado.

O maior morgado que houve no mundo foi o de Jacob, em que succedeu Christo. Sobre este morgado pleitearam desde o ventre da mãe os dous irmãos Jacob e Esaú. Esaú tinha por si a natureza e a edade, tinha por si o talento e o merecimento, tinha por si o favor, o amor, a vontade, e o decreto e a promessa do pae que lhe havia de dar a benção ou a investidura. De maneira que de irmão a irmão, de homem a homem e de

favorecido a favorecido, tudo estava da parte de Esaú e contra Jacob. Tinha da sua parte Esaú a edade e a natureza, porque ainda que eram gemios e batalharam no ventre da mãe sobre o logar, Esaú nasceu primeiro. Tinha mais da sua parte Esaú o talento e o valor; porque era forte, robusto, valente, animoso, inclinado ao campo e ás armas; e que com a aljava pendente do hombro, e o arco e settas na mão, se fazia temer do leão no monte, do usso e javali no bosque. Pelo contrario Jacob nunca saía do estrado da mãe; mais para a almofada, que para a lança; mais para as «luvas», que para a espada. Finalmente Esaú tinha da sua parte o favor, o amor e o agrado, porque era as delicias da velhice de Isaac seu pae, a quem elle sabia muito bem merecer a vontade: porque, quando vinha do campo ou da montaria, com a caça miuda lhe fazia o prato, e da maior enramada lhe dedicava os despojos. Este era Esaú, este era o competidor de Jacob, estes eram os seus serviços, este era o seu merecimento, estas eram as suas vantagens com que a natureza o tinha feito herdeiro da casa de Isaac. E comtudo (quem tal cuidara?) Jacob foi o que venceu a demanda, Jacob o que levou a benção, Jacob o que ficou com o morgado. Pois se o morgado por lei da natureza se deve ao primogenito, e Esaú nasceu primeiro; se o primeiro logar por lei da razão se deve ao de melhor talento, e o talento e valor de Esaú era tão avantajado; se a vantagem e a maioria do premio por lei de justiça se deve ao maior merecimento, e os serviços de Esaú eram tão conhecidamente maiores; se finalmente a benção e a investidura do morgado dependia do pae, e o pae era tão affeiçoado a Esaú, e lh'o tinha promettido, e com effeito lh'o queria dar; como foi possivel que prevalecesse Jacob sem talento, Jacob sem serviços, Jacob sem favor? Porque tudo isto pode a traça, a arte, a manha, o engano, o enredo, a negociação.

Rebecca não faz valer a revelação que tivera, mas a intriga e o engano. *Gen.* 25.

«Bem sei que Deus tinha revelado a Rebecca o ter elle assentado nos seus decretos que o maior havia de servir ao menor: *Major serviet minori*. Mas não foi esta a razão que Rebecca fez valer para tirar a seu filho primogenito o que segundo todo o direito natural lhe competia.» N'aquelle mesmo dia tinha determinado Isaac de dar a benção a Esaú; e porque esta solemnidade havia de ser sobre mesa, quiz o bom velho, para mais sazonar o gosto, que se lhe fizesse um guizado do que matasse na caça o mesmo filho. Parte ao campo alegre e alvoroçado Esaú: porém Rebecca, que queria o morgado para Jacob a quem mais amava, aproveitando-se da ausencia do «outro filho» e da cegueira do «marido», já sabeis o que traçou. Manda a Jacob ao rebanho; veem cabritos em vez de lebres: da carne faz o gui-

zado, das pelles guiza o engano. E vestido Jacob das roupas de Esaú, e calçado (que é mais) de mãos tambem de Esaú, apparece em presença do cego pae, e põi-lhe o prato deante. Perguntou Isaac quem era? E respondeu mui bem ensaiado Jacob, que era seu primogenito Esaú. Admirou-se de que tão depressa podesse ter achado a caça; e respondeu, com singeleza sancta, que fôra vontade de Deus. E com estas duas respostas, depois de lhe tentar as mãos, lhe lançou Isaac a benção e ficou o bemdicto Jacob com o morgado e casa de seu pae, e Esaú com o que tivesse no cincto. Ha tal engano? Ha tal fingimento? Ha tal «enredo?» Pois estes são os modos de negociar e vencer. Septe enganos fingiu Rebecca para tirar a casa a cuja era. Fingiu o nome a Jacob, porque disse que era Esaú. Fingiu-lhe a edade, porque disse que era o primogenito. Fingiu-lhe os vestidos, porque eram os do irmão. Fingiu-lhe as mãos, porque a pelle e o pello era das luvas. Fingiu-lhe o guizado, porque era do rebanho e não do mato. Fingiu-lhe a diligencia, porque Jacob não tinha ido á caça. E para que nem a summa Verdade ficasse fóra do fingimento, fingiu que fôra vontade de Deus, sendo duas vontades de Rebecca: uma com que queria a Jacob, e outra com que desqueria a Esaú. E com nome fingido, com edade fingida, com vestidos fingidos, com mãos fingidas, com obras e serviços fingidos, e até com «vontade de» Deus fingida, se tirou a fazenda, a honra, a successão a quem a tinha dado o nascimento uma vez e o merecimento muitas.

O mesmo se vê nas côrtes.

Parece-vos grande sem-razão esta? Tendes muita razão. Mas esta tragedia, que uma vez se ensaiou em Hebron, quantas vezes se representa na nossa côrte? Quantas vezes com nomes suppostos, com merecimentos fingidos e com bençãos falsificadas se roubam os premios ao benemerito e triompha com elles o indigno? Quantas vezes alcança mais Jacob com as luvas calçadas, que Esaú com as armas nas mãos? Se no ocio da paz se medra mais que nos trabalhos da guerra, quem não ha de trocar os soes da campanha pela sombra d'estas paredes? Não o experimentou assim David; e mais servia a um rei injusto e inimigo. David serviu em palacio e serviu na guerra: em palacio com a harpa, na guerra com a funda. E onde lhe foi melhor? Em palacio medrou tão pouco, que da harpa tornou ao cajado: na guerra montou tanto, que da funda subiu á corôa. Se se visse que David crescia mais á sombra das paredes de palacio, que com o sol da campanha; se se visse que medrava mais lisonjeando as orelhas com a harpa, que defendendo e honrando o rei com a funda; se se visse que merecia mais galanteando a Michol, que servindo a Saul, não seria uma grande

injustiça e um escandalo mais que grande? Pois isto é o que padecem os Esaús nas preferencias dos Jacobs.

Mas eu não me «admiro» tanto de Jacob e de Rebecca que fizeram o engano quanto de Isaac, que o não desfez depois de conhecido. Que Esaú padeça, que Jacob possua, Rebecca triumphe e que Isaac dissimule? Que esteja tão poderosa a arte de furtar benções, que tire Jacob a benção da algibeira de Esaú, não só depois de promettida e decretada, senão depois de firmada e passada pela chancellaria? E que haja tanta paciencia em Isaac, que lhe não troque a benção em maldição? O mesmo Jacob o temeu assim. Quando a mãe o quiz metter n'estes enredos, disse elle que temia que seu pae descobrisse o engano; e que em logar da benção lhe deitaria alguma maldição. Mas Rebecca não fez caso do reparo; porque conhecia bem a Isaac e sabia que não tinha o velho cholera para tanto. Se Isaac tivera outro valor, Rebecca sentira o fingimento, e Jacob amargar ao engano. Mas nem Isaac era pae para aquelle Jacob, nem marido para aquella Rebecca. E que Esaú fique privado do seu morgado para sempre, e que nem Rebecca que lh'o tira, nem Jacob que lh'o possúi, nem Isaac que lh'o consente façam escrupulo d'este caso! Doutores ha que condemnam tudo isto; e outros ha que o excusam. Eu não excuso nem condemno: «só pasmo do mysterio e do exemplo.»

E o que mais admira é que Isaac não desfizesse o engano.

IX. «Temos finalmente» a ultima circumstancia do nosso exame: *Quando*. Quando fazem os ministros o que fazem? e quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem? Quando despacham? Quando ouvem? Que até para a audiencia são necessarios muitos quandos. Se fazer-se hoje o que se podera fazer hontem: se fazer-se ámanhã o que se devêra fazer hoje: é materia em um reino de tantos escrupulos e de damnos muitas vezes irremediaveis; aquelles quandos tão dilatados, aquelles quandos tão desattendidos, aquelles quandos tão eternos, quanto devem inquietar as consciencias de quem tiver consciencia!

Circumstancia do tempo.

Antigamente na republica hebrea, e em muitas outras, os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades. Isso quer dizer nos Proverbios: *Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terrae.* Para qualificar a nobreza do marido da mulher forte, diz que tinha assento nas portas com os senadores e conselheiros da terra. Mas que razão tiveram aquelles legisladores para situarem este logar aos tribunaes e para pôrem ás portas das cidades os seus ministros? Varias razões apontam os historiadores e politicos; mas a principal, em que todos conveem, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o

Antigamente os ministros estavam ás portas das cidades. Prov. 31.

soldado, vinha o extrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento, e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro.

Hoje as cidades estão ás portas dos ministros.

Não saibam os requerentes a differença d'aquella éra á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades: agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de a pé não fazem conto, nem d'elles se faz conta); as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente; e o ministro encantado, sem se saber se está em casa ou se o ha no mundo, sendo necessaria muita valia só para alcançar de um creado a revelação d'este mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater: todos a esperar, e todos a desesperar. Sái finalmente o ministro quatro horas depois do sol, apparece e desapparece de corrida: olham os requerentes para o céu e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade que esperava juncta. E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se confessam, quando procediam com tanta razão homens sem fé nem sacramentos!

Com perda do dinheiro, do tempo e das passadas.

Aquelles ministros ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhes tres mercês. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos tres damnos. O do dinheiro, porque o gastais; o do tempo porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicais. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas que não póde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? Oh tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se podera concluir em oito dias. Dilata o ministro oito annos o requerimento que se devêra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis?

Damnos publicos que se seguem.

O que mais se deve sentir n'estas desattenções dos que teem officio de responder, são os damnos publicos que d'ellas se seguem. Vai um soldado servir na guerra e leva tres cousas; leva vontade, leva animo, leva alegria. Torna da guerra a requerer, e todas estas tres cousas se lhe trocam. A vontade troca-se em fastio: o animo troca-se em temor: a alegria troca-se em tristeza. E quem tem a culpa de toda esta mudança tão damnosa

ao bem publico? As dilações, as suspensões, as irresoluções, o hoje, o ámanhã, o outro dia, o nunca dos vossos quandos. E faz consciencia d'estes damnos algum dos causadores d'elles? Pois saibam, ainda que o não queiram saber, e desenganem-se, ainda que se queiram enganar, que a restituição que devem não é só uma, senão dobrada. Uma restituição ao particular e outra restituição á republica. Ao particular, porque serviu; á republica, porque não terá quem a sirva.

Mais desconsola a dilação e a suspensão que o desengano.

Dir-me-heis que não ha com que despachar e com que premiar a tantos. Por essa excusa esperava. Primeiramente, elles dizem que ha para quem quereis e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso, porque o não creio. Mas se não ha com que, porque lhes não dizeis que não ha? Porque os trazeis suspensos? Porque os trazeis enganados? Porque os trazeis consumidos e consumindo-se? Esta pergunta não tem resposta: porque, ainda que pareça meio de não desconsolar os pretendentes, muito mais os desconsola a dilação e a suspensão, do que os havia de desconsolar o desengano. A dilação sem despacho são dous males; o desengano sem dilação é um mal temperado com um bem: porque se me não dais o que peço, ao menos livrais-me do que padeço. Livrais-me da suspensão, livrais-me do cuidado, livrais-me do engano, livrais-me da ausencia de minha casa; livrais-me da côrte e das despezas d'ella, livrais-me do nome e das indignidades de requerente, livrais-me do vosso tribunal, livrais-me das vossas escadas, livrais-me dos vossos creados, emfim livrais-me de vós. E é pouco? Pois se com um desengano dado a tempo os homens ficam menos queixosos, o governo mais reputado, o rei mais amado e o reino mais servido; porque se ha de entreter, porque se ha de dilatar, porque se não ha de desenganar o pobre pretendente, que tanto mais o empobreceis, quanto mais o dilatais? Se não ha cabedal de fazenda para o despacho, não haverá um *não* de tres letras para o desengano? Será melhor que este se desengane depois de perdido? E que seja o vosso engano a causa de se perder? Quereis que se cuide que o sustentais na falsa esperança, porque são mais rendosos os que esperam que os desenganados? Se lhes não podeis dar o que lhes negais; quem lhes ha de restituir o que lhes perdeis? Oh restituições! Oh consciencias! Oh almas! Oh exames! Oh confissões!

Conclusão. Devem-se reformar as confissões com uma boa confissão.

X. De todo este discurso se colhe (se eu me não engano) com evidencia, que ha muitos «peccados» no mundo de que se faz pouco escrupulo; que ha confissões em que falla o mudo e o demonio não sái; e que supposta a obrigação de se confessarem todos os peccados «é necessario reformar estas confissões».

Grande mal é não sarar com os remedios; mas adoecer dos remedios, ainda é mal maior. E quando se adoece dos remedios, que remedio? O remedio é curar-se o homem dos remedios, assim como se cura das infermidades. Este é o caso em que estamos. O remedio do peccado é a confissão. Mas se as minhas confissões em logar de me tirarem os peccados, por minha desgraça m'os accrescentam mais, não ha outro remedio senão dobrar o remedio sobre si mesmo e confessar as confissões «mal feitas», assim como se confessam «todos os outros» peccados. D'aquelles que tornam a recair nos peccados passados, dizia Tertulliano, que faziam penitencia da penitencia e que se arrependiam dos arrependimentos. Se os maus se arrependem dos arrependimentos, os que devem e querem ser bons porque se não confessarão das confissões? Uns o devem fazer pela certeza, outros o devem fazer pela duvida; e todos é bem que o façam pela maior segurança.

Para ella é necessario um bom exame.

Para que esta nova confissão sáia tal que não seja necessario tornar a ser confessada, devemos seguir em tudo o exemplo presente de Christo na expulsão d'este diabo mudo. Primeiramente *Erat ejiciens*. Todos os outros milagres fazia-os Christo em um instante: este de lançar fóra o demonio não o fez em instante, nem com essa pressa, senão devagar e em tempo. É necessario, primeiro que tudo, a quem houver de reconfessar as suas confissões tomar tempo competente, livre e desembargado de todos os outros cuidados, para o occupar só n'este; pois é o maior de todos. Como poderão os que governam julgar as suas consciencias e examinar os seus «peccados», se não tomarem tempo para isso? Dirá algum que é tão occupado que não tem esse tempo. E ha tempo para o jogo? E ha tempo para a quinta? E ha tempo para a conversação? E ha tempo e tantos tempos para outros divertimentos de tão pouca importancia, e só para a confissão não ha tempo? Se não houver outro tempo, tome-se o do officio, tome-se o do tribunal, tome-se o do conselho. O tempo que se toma para fazer melhor o officio, não se tira ao officio. Mas para acurtar de razões, pergunto: Se agora vos déra a febre maligna (como póde dar), havieis de cortar por tudo para accudir a vossa alma, para tractar de vossa consciencia? Sim. Pois o que havia de fazer a febre, porque o não fará a razão? O que havia de fazer o medo e a falsa contrição na infermidade, porque o não fará a verdadeira resolução na saude.

E um bom confessor.

Tomado o tempo (e tomado a qualquer força e qualquer preço), segue-se a eleição do confessor. Quem aqui obrou o milagre foi Christo. O confessor está em logar de Christo; e

quem ha de estar em logar de Deus Homem é necessario que seja muito homem e que tenha muito de Deus. *Non confundaris confiteri peccata; et ne subjicias te omni homini pro peccato.* Não vos corrais de confessar os vossos peccados (diz o Espirito Sancto); mas adverti que na confissão d'elles não vos sujeiteis a qualquer homem. Se a saude do corpo (que alfim é mortal) a não fiais de qualquer medico, a saude da alma, de que depende a eternidade, porque a haveis de fiar de qualquer confessor? Indouto, claro está que não deve ser; mas não basta só que seja douto, senão douto e timorato. Confessor que saiba guiar a vossa alma e que tema perder a sua. Confessou Judas o seu peccado aos principes dos sacerdotes: *Peccavi tradens sanguinem justum.* E elles que lhe responderam? *Quid ad nos? Tu videris:* e a nós que se nos dá d'isso? Lá te avem. Vêde que sacerdotes que nem se lhes dava da sua consciencia, nem da do penitente que se lhes ia confessar!

Eccl. 4.

Matth. 27.

O confessor ha de ser franco como o sangrador de Philippe II.

Haveis de escolher confessor que se lhe dê tanto da vossa consciencia, como da sua. E basta que seja douto e timorato? Não basta. Ha de ser douto e timorato e de valor. É tal a fraqueza humana, que atè no tribunal de Christo se olha para os grandes, como grandes; e se lhes guardam respeitos, quando se lhes não faça lisonja. Andando Philippe segundo á caça, foi-lhe necessario sangrar-se logo, e chamaram o sangrador de uma aldeia, porque não havia outro. Perguntou-lhe o rei se sabia a quem havia de sangrar? Respondeu: Sim; a um homem. Estimou o grande rei este homem, como merecia, e serviu-se d'elle d'alli em deante. Com similhantes homens se hão de curar no corpo e na alma os grandes homens. Com homens que sangrem a um rei como a um homem.

Confissão verbal e contricção.

Posto aos pés d'este homem e n'elle aos pés de Deus, falle o mudo com tal verdade, com tal inteireza e com tal distincção do que confessou ou não confessou, dos propositos que teve ou não teve, da satisfacção que fez ou deixou de fazer, que de uma vez e por uma vez acabe de sair o demonio fóra. E seja com tão viva detestação de todos os peccados passados, com tão firme resolução da emenda de todos elles e com tão verdadeira e intima dôr de haver offendido a um Deus infinitamente amavel e sobre todas as cousas amado, que não só sáia o demonio para sempre e para nunca mais tornar, mas que já esteja lançado da alma quando fallar o mudo. *Et cum ejecisset daemonium, locutus est mutus.*

(Ed. ant. tom. 1.º col. 450; ed. mod. tom. 2.º, pag. 291.)

I. SERMÃO DO QUARTO SABBADO *

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DA BAHIA NO ANNO DE 1640

Pede o auctor a todos que tomarem este livro nas mãos, que por amor de si leiam este sermão do peccador resoluto a nunca mais peccar, com a attenção e paciencia que a materia requer.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Se todos os sermões de Vieira foram, como este e o precedente, isentos de gongorismo, era escusado o meu trabalho. O sermão e o pedido que precede indicam bastantemente o juizo do auctor sobre o modo de prégar e o como prégava, quando seguia o genio e dictado proprio, não o uso e gosto alheio.

Iam amplius noli peccare.
S. JOAN. 8.

Só o peccado é mal summo, e mais o peccado futuro.

O maior mal de todos os males; (não digo bem) o mal que só é mal e summo mal, é o peccado: porque assim como Deus por essencia é o summo bem, assim o peccado por ser offensa de Deus é o summo mal. Mas se entre peccado e peccado, pelo que toca a nós, póde haver comparação e differença, o peccado futuro é o peior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é peccado, é a summa miseria; mas o futuro, porque ainda ha de ser, sobre ser a summa miseria é o summo perigo.

Prova-se com as palavras que Christo disse a uma peccadora achada em flagrante delicto.

Esta é, fieis, a importantissima doutrina que Christo, soberano Mestre e Senhor nosso, nos deixou recommendada como documento final na ultima clausula do presente evangelho. Trouxeram uma peccadora a Christo achada em flagrante delicto, para que o Senhor, como interprete da lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquella que se podia esperar da piedade e misericordia de um Deus feito homem por amor dos homens. Confundiu os accusadores com lhes mostrar escriptos seus peccados (que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros); e depois de absolver a peccadora do peccado de que era

accusada e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino com que a despediu consolada, foram as palavras que propuz: *Iam amplius noli peccare:* não queiras mais peccar.

Este facto é figura do sacramento da confissão.

Isto é o que encommendou Christo áquella venturosa peccadora, em cuja maravilhosa historia se nos representa com grande propriedade o juizo sacramental, a que todos somos chamados ou citados no termo peremptorio d'estes quarenta dias. Todos somos peccadores e todos temos obrigação n'este sancto tempo de nos presentar em pessoa, e não por outrem, n'aquelle sagrado tribunal onde o mesmo Christo é o juiz e preside invisivelmente. Alli sendo nós mesmos os réus e os accusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas; e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom e infinitamente offendido, o mesmo Senhor que hoje escreveu peccados manda riscar os nossos dos seus livros, e totalmente perdoados e absoltos nos recolhe entre os braços de sua misericordia e nos recebe em sua graça. Tal é o felicissimo estado a que por virtude do sacramento da penitencia se restituem todos aquelles que dignamente o recebem; bem assim como a peccadora do evangelho, quando ouviu da bocca do Redemptor: *Nec ego te condemnabo.* Mas porque a absolvição e a graça, posto que livre dos peccados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de sãos e a caír depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oraculo, exhortando-nos a todos e a cada um, como á mesma peccadora, a nunca mais peccar: *Iam amplius noli peccare.*

Assumpto: O peccador resoluto a nunca mais peccar.

Este foi o poncto unico da doutrina de Christo, (que não só é conselho, mas preceito); e n'este mesmo determino tambem insistir unicamente, hoje; pois sendo sua a eleição do assumpto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A materia, pois, de todo o sermão, summamente necessaria e summamente util, será esta: O peccador resoluto a nunca mais peccar. Na primeira parte do discurso lhe descobrirei a falsidade e o engano de todas as razões ou pretextos com que o demonio o facilita a continuar os peccados. Na segunda lhe inculcarei um motivo «que eu julgo» o mais efficaz, o mais forte, o mais terrivel, que pode haver para nunca jámais peccar: *Iam amplius noli peccare.* Á Virgem Sanctissima, em quem nunca houve peccado, peçamos muito de coração, que, como Mãe e Advogada de peccadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. *Ave Maria.*

Força do amor e temor de Deus para não peccar.

II. *Iam amplius noli peccare.* Para não peccar mais, nem ter

peccado jámais, bastava ser o peccado offensa de Deus e ser Deus quem é: infinita e ineffavel bondade, infinita e immensa grandeza, infinita e incomprehensivel majestade, infinita sabedoria, infinita omnipotencia; infinito, increado, eterno e immutavel Ser, que só elle é de si mesmo; e por tudo isto digno de ser infinitamente amado, como elle, que só se comprehende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas como a vileza do nosso barro para subir tão alto é muito pesada e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, accommodando-se o Espirito Sancto á incapacidade de nossa fraca natureza e á corrupção em que a deixou o primeiro peccado, nos ensinou para não peccar aquelles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal applicados: *Memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis:* lembra-te, homem, dos teus novissimos; e não peccarás jámais. E verdadeiramente que homem haverá, se não tem perdido o juizo e uso da razão, que sabendo de certo que ha de morrer, sem levar d'esta vida mais que as suas boas ou más obras, e que com ellas se ha de presentar deante do tribunal da Divina Justiça para ser severissimamente julgado, e que, dada a sentença, de que não ha appellação nem embargos, ou ha de gozar de Deus para sempre na gloria, ou carecer de Deus para sempre e penar sem remissão no fogo do inferno—que homem haverá torno a dizer, se não tem perdido o juizo e uso da razão, que com a fé e consideração viva d'estes quatro motivos seja tão temerario e cego que se atreva a commetter um peccado?

Eccl. 7.

Quatro motivos do Espirito Sancto para não peccarmos e quatro motivos do demonio para facilitar o peccado.

Sendo pois esta verdade tão certa e infallivel, e a consequencia d'ella tão racional, tão util, e tão conforme por uma parte ao temor e por outra ao desejo e esperança humana; qual é ou póde ser a causa, porque a experiencia de cada dia nos mostre o contrario e seja cousa tão ordinaria nos homens, que isto mesmo crêem e confessam, o peccar, o ter peccado e o tornar a peccar? A causa ou occasião não é outra, senão que assim como o Espirito Sancto nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o demonio inventou e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento, aquelles espertam o intendimento para que sempre vigilante e com os olhos abertos nos não consinta peccar; e estes adormentam a vontade para que frouxa, descuidada e cega, nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais infernaes, vão todos fundados «com falso discurso» na verdade da fé e experiencia. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade e promptidão do reme-

dio. Como o Espirito Sancto nos refreia do peccado com a memoria e consideração dos quatro novissimos, diz assim o demonio ao peccador e o peccador a si mesmo: Os novissimos da gloria e do inferno não hão de vir senão depois do juizo; o novissimo do juizo não ha de vir senão depois da morte; o novissimo da morte não vem senão no fim da vida: logo, em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade e viver a meu gosto. E para que seja sem perigo da salvação, d'esse me asseguram quatro motivos e fundamentos, tão certos (diz o peccador) como as verdades de fé; e são os que já referimos e agora veremos.

Estes são: 1.º a dilação do castigo. Desejos de David para tirar os peccados do mundo. Ps. 115, 100, 7.

III. Anima-se primeiramente o homem e facilita-se a peccar pela dilação do castigo: porque, ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o peccado, vê comtudo pela experiencia ordinaria que Deus não castiga logo. D'aqui nasceu um notavel pensamento em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o sancto rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus e os homens não reparavam em peccar, que este sentimento quasi lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam*. O primeiro pensamento com que accordava e a sua primeira meditação era cuidar e excogitar como se podiam tirar do mundo todos os peccadores: *In matutino interficiebam omnes peccatores terrae;* e finalmente veio a dar em um meio, o mais efficaz e effectivo que podia haver, e como tal o presentou a Deus em uma proposta. Senhor, diz David, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita Sabedoria o ha mister. Mas não pode o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado, para que não haja peccados, nem vossa divina Majestade seja offendido. Que differente alvitre era este dos que ordinariamente se costumam inventar e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos principes e para destruição dos vassallos! Porém este de David tão util era para Deus, como para os homens, e mais ainda para os homens que para Deus; porque Deus não seria offendido, se os homens não fossem peccadores. Mas que meio era ou podia ser este, que tirasse os peccados do mundo e não houvesse n'elle quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o dizem: *Exurge, Domine, in ira tua: exurge in praecepto quod mandasti; et synagoga populorum circumdabit te*. Mostre-se vossa Majestade irado todas as vezes que for offendido; e assim como a comminação da pena anda juncta com o preceito, ande tambem a execução do castigo juncta com o peccado. Porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão promptamente e servirão a Deus, e nenhum haverá que se atreva a peccar. Esta foi a proposta e o

alvitre de David. E que respondeu Deus? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coração de David era similhante ao coração de Deus, o de David era tão pequeno que cabia no seu peito; e o de Deus era tão grande como a sua immensidade. Respondeu Deus aquillo mesmo que dizem os que fiados na dilação do castigo se animam a continuar no peccado: *Deus judex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Deus (diz o peccador usando das palavras divinas a sabor de seu appetite) Deus ainda que é justo Juiz e tão forte, que nenhum culpado ou rèu lhe pode escapar das mãos: comtudo o seu coração é muito largo e a sua paciencia muito soffrida; e ainda que os nossos peccados são quotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

Texto de Tertulliano sobre o abuso que fazemos da paciencia divina. Por isso Adão imitou Eva no peccado.

Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertulliano que Deus padece na sua mesma paciencia: *Deus sua sibi patientia detrahit:* porque dá occasião o seu soffrimento a que se perca o temor de sua justiça e o respeito á sua auctoridade. Atreveu-se Oza, posto que com bôa tenção, a tocar na arca do testamento, e no mesmo poncto pagou aquella temeridade, caindo de repente morto. Oh se Deus o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, e os peccados se pagassem logo e de contado, como haviam os homens de ir atento em peccar e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidais que peccou Adão em comer da fructa vedada, tendo-lhe Deus comminado a morte se comesse? Porque viu que Eva tinha comido e não morreu. O preceito e a pena do preceito foi posta a ambos: pois se Eva comeu e não morreu, tambem eu (diz Adão) não morrerei, ainda que coma. Isto é que fez Adão; e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o texto sagrado, com que depois de ter peccado se animam os homens a tornar a peccar é este: *Peccavi, et quid mihi accidit triste?* Eu pequei e nem por isso me succedeu mal ou desgraça alguma: estava vivo e estou vivo: estava são e tenho a mesma saude: tornei para casa e nem por isso a achei caida e meus filhos mortos debaixo d'ella, como Job: os gados não m'os roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos: ás lavouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse: se metti os fructos no celleiro, conservaram-se: se os naveguei, chegaram a salvamento: tudo me succedeu tão prosperamente, que no mesmo dia em que pequei, se fui á casa do jogo, ganhei; se pleiteava, tive sentença por mim; se tinha algum requerimento, saí despachado; e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empéceu o peccado, porque

Eccl. 5.

não hei de tornar a peccar? Quero peccar como d'antes e mais ainda.

Porém Deus quanto mais dilata, menos perdôa. Textos de Tertulliano e S. Gregorio.

Este é o discurso, ou mais ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no peccado. Mas vêde o que lhes diz o Espirito Sancto: *Ne dixeris: Peccavi et quid mihi accidit triste? Altissimus est enim patiens redditor:* não digas: Pequei e não me succedeu nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital e mais pelos redditos. Redditos lhe chamou Tertulliano: *Peccati censum*. E S. Gregorio, declarando quão grandes e quão custosos serão estes redditos, diz que será tão estreita e insoffrivel a execução do juizo, quão larga foi a paciencia e soffrimento de Deus na dilação do castigo: *Tanto strictiorem justitiam in judicio exiget, quanto largiorem patientiam ante judicium prorogavit*. Oh como nos enganamos os homens com a paciencia e soffrimentos de Deus, que quanto mais dilata menos perdôa!

Exemplos da Escriptura.

Soffreu Deus o fratricidio de Caim e não o castigou logo com a morte: mas depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo e abhorrecido de todos, com summa confusão e miseria, veio a morrer desastradamente em um bosque a mãos de seu proprio neto Lamech. Soffreu Deus as desobediencias de Saul e a usurpação do officio sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a innocencia e pagou os merecimentos de David, a quem devia a honra, a vida e a corôa. Mas perguntae aos montes de Gelboé qual foi o triste fim do mesmo Saul, affrontosamente vencido, morto com sua propria espada e depois pendurado de uma ameia nos muros de seus inimigos. Soffreu Deus as ambições e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e seu pae, e as politicas impias de Achitophel, alheias de toda a lei divina e humana. Mas a um vereis enforcado por suas proprias mãos em uma trave de sua casa; e ao outro preso por seus proprios cabellos nos braços de uma enzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com tres lanças. Soffreu Deus as idolatrias d'el-rei Acab e de sua mulher Jezabel, as perseguições dos prophetas, e os falsos testimunhos levantados contra Naboth e o roubo perjuro da sua herdade. Mas no cabo, elle e ella infamemente privados do reino, elle foi ferido e morto de uma setta perdida e ella precipitada de uma janella do seu palacio: a ella lhe roeram os cães os ossos, e a elle lhe lamberam o sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antiocho sacrilego e de Judas traidor; um convertido em bruto, outro comido vivo dos bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma junctamente com as entra-

nhas: todos tres longamente soffridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguem se fie na dilação do castigo; que, se tarda, sempre chega e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

2.º Motivo que facilita o peccado: a confiança na misericordia de Deus mal intendida. Texto de Sancto Agostinho.

IV. O segundo motivo que facilita e quasi parece que convida os homens a perseverar na continuação do peccado é a confiança na misericordia divina. Nenhum attributo prégam e apregoam mais em Deus todas as Escripturas que a sua misericordia, grande, infinita, immensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordiador: *Misericors et miserator*. E como se Deus se multiplicara a si mesmo para multiplicar as misericordias, dizem que é *Multus ad ignoscendum*. Á mesma misericordia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum*. E finalmente, porque a multidão se compõi de numeros, accrescenta «a Egreja» que a misericordia de Deus não tem numero: *Cujus misericordiae non est numerus*. Que muito logo que, se Deus se multiplica para perdoar, multipliquem tambem os homens materia do perdão, que são os peccados, e que não reparem em accumular uns peccados sobre outros! Pois ainda que o numero e multidão d'elles seja grande, o numero innumeravel e a multidão sem conto das misericordias de Deus sempre é maior. Tão assentado está este desprezo do peccado na confiança da misericordia divina, que se eu (diz Sancto Agostinho fallando de si) se eu quizer persuadir aos homens que temam a Deus e o rigor de sua justiça para que se abstenham de peccar, haverá algum que fundado nas Escripturas se levante contra mim e não duvide dizer-me na cara: *Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est et miserator et multum misericors*. Que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis metter com o nosso Deus? Elle é misericordioso e mais misericordioso e muito mais misericordioso; e sendo tanta e tal a sua misericordia, como é de fé, ainda que nós pequemos, e mais pequemos e tornemos a peccar, sempre seremos perdoados. Isto dizem muitos peccadores e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é cousa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deus o céu e a bemaventurança e não podendo o demonio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom e o demonio tão mau, Deus tão formoso e o demonio tão feio, haja comtudo tantas almas enganadas e cegas que deixando a Deus se amiguem com o demonio.

Ps. 110, Isai. 55. Ps. 50.

Porém a misericordia e a justiça estão muito perto uma da outra.

Ouçam agora estes enganados com a misericordia o que lhes diz o mesmo Pae das misericordias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est, multitu-*

dinis peccatorum meorum miserebitur: não accrescentes peccados sobre peccados, e não digas que a misericordia de Deus é grande e perdoará todos os peccados ainda que sejam muitos. E porque razão, Senhor? Se os nossos peccados foram muitos e a vossa misericordia pouca ou pequena, então tinhamos fundamento para desconfiar do perdão: mas se a misericordia é grande e sempre maior que os nossos peccados, por mais e mais que os accrescentemos; porque não havemos de confiar e estar muito seguros que sempre nos perdoará vossa misericordia? O mesmo Deus dá a razão, e é tão divina, como sua: *Misericordia enim et ira ab illo cito proximant.* Não vos fieis demasiadamente da minha misericordia, diz Deus, porque a misericordia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. Admiravel sentença! Em Deus, cuja natureza e essencia é simplicissima, tudo é a mesma cousa; porque tudo é Deus. Mas nenhuma cousa ha em Deus mais unida entre si, nem mais identificada e mais uma e mais a mesma, que a misericordia e a justiça. Em Deus o Pae é Deus, o Filho é Deus, o Espirito Sancto é Deus, a misericordia é Deus e a justiça é Deus. Mas o Padre, o Filho e o Espirito Sancto, ainda que sejam Deus e o mesmo Deus, distinguem-se realmente; porém a misericordia e a justiça não tem distincção alguma. O Padre é Deus, mas não é Filho, o Filho é Deus, mas não é Padre, o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espirito Sancto, o Espirito Sancto é Deus, mas não é Padre nem Filho. Porém a misericordia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericordia e a mesma misericordia é justiça, «distinctas entre si no conceito, mas não distinctas na realidade.»

Eccl. 5.

Por isso nos devemos lembrar nas tentações mais da justiça que da misericordia.

Sendo, pois, tão inseparavel e tão intima, não digo a união, senão a unidade d'estes dous attributos divinos, dos quaes depende o perdão ou condemnação de todos os que peccam, vêde agora se é bom conselho e digno de Deus aquelle com que o mesmo Deus tanto nos exhorta e admoesta, que não accrescentemos peccados sobre peccados, fiados na sua misericordia: porque a misericordia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra. *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est. Misericordia enim et ira ab illo cito proximant.* É comtudo tal a cegueira e malicia humana, que estando a misericordia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os herejes, senão tambem os catholicos teem achado invenção com que as dividir. Os herejes marcionitas diziam que Deus tinha misericordia e não tinha justiça, por ser cousa alheia da sua bondade o castigar, como se Deus fôra bom para que os homens fossem máus, como bem os argúi Tertulliano. E os catholicos

ainda com maior incoherencia, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo, que fizeram e que fazem? Partem Deus pelo meio, diz S. Basilio. D'onde vem que peccando facilmente contra a ametade de Deus que reconhecem por misericordioso, da outra ametade não fazem caso, como se não creram que é justo. Oh que sisudos seriam os homens, já que «nas occasiões de peccado» fazem esta divisão, se a fizessem ás avessas. Assim a fazia David, depois que o seu mesmo peccado o fez sisudo: *Domine, memorabor justitiae tuae solius.* Senhor, eu d'aqui por deante só me hei de lembrar de vossa justiça. E da sua misericordia porque não, tendo vós recebido tantos favores da misericordia divina? Por isso mesmo: para não abusar d'ella. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericordia, teme de peccar e salva-se. Pelo contrario os que se lembram da misericordia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em peccar e condemnam-se. E isto é o que acontece a todos os que peccam em confiança da misericordia divina.

Ps. 70.

V. O terceiro motivo com que o homem se facilita a peccar mais e a continuar ou multiplicar os peccados é o proposito do arrependimento. Eu, diz o peccador, pecco e peccarei agora, sim; mas não com resolução de perseverar sempre no peccado, senão com intento e proposito firme de me arrepender depois e de me pezar e doer de todo coração d'isto mesmo que agora faço. Este é o modo e a supposição com que se delibera a peccar todo o homem que tem fé da outra vida: primeiro faz conceito do arrependimento futuro e propõi de se doer e arrepender do mesmo peccado que está deliberado a commetter; e sobre este proposito de dôr e arrependimento que já tem concebido, como sobre carta de seguro e immunidade da pena, então pecca confiadamente e sem receio. Bem conhece o peccador christão, que o peccado mata a alma e a condemna ao inferno. Mas lisonjeado e vencido do appetite, como se tomara a salva e se desculpara com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: Alma minha, eu bem sei que te mato e te condemno: mas se agora te mato e te condemno com o peccado, eu te resuscitarei depois e te livrarei com a dôr.

3.º O demonio facilita o peccar com propositos de arrependimento.

Este é aquelle concerto ou pacto mal considerado e peior intendido que o propheta Isaias diz fazem os homens com a morte e com o inferno: *Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Aos que assim pacteam com o demonio e se deliberam a peccar, chama-lhes Deus não illusos, senão *illusores;* porque não só o demonio os engana a elles, mas elles cuidam que en-

Contracto que os peccadores fazem com o demonio.
Isai. 28.

ganam o demonio. Dão-lhe agora a alma pelo peccado para depois lh'a tornarem a tirar pela dôr e arrependimento. E d'esta maneira, ou por esta traça, o demonio é o que ficaria illuso e não elles. Mas vamos ás condições. O que os homens podem temer e o que temem todos os timoratos é que pelo peccado, morrendo n'elle, vão ao inferno; e por isso o contracto e pacto que fazem com o demonio é sobre a morte e sobre o inferno: *Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Pelo contracto sobre a morte, promette-lhes o demonio que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propositos e se doer e arrepender do peccado; e pelo contracto sobre o inferno assegura-os o mesmo demonio que de nenhum modo poderão ir lá: porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus peccados antes da morte, é certo que não vai ao inferno. Pois se estas condições assim practicadas são tão uteis ao homem e o demonio n'ellas fica perdido; como o mesmo demonio, que é tão sabio e astuto, pacteia tão facilmente com taes condições? Porque debaixo d'ellas, o que vai enganado e totalmente perdido, não é elle, senão o homem.

Dão ao demonio o presente e recebem uma vã promessa do futuro. Sentença de S. Basilio.

A razão de estado do demonio nos seus contractos com os homens, diz S. Basilio, é com condição da nossa parte que nós lhe demos o presente, e com promessa da sua que elle nos dará o futuro: pecca agora, e depois te arrependerás; e como o presente é o facil e o certo, e o futuro o contingente e difficultoso; d'aqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos peccam; e depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo peccado, poucos ou nenhum se arrepende. D'esta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, são de condemnação; e os mesmos peccados que em confiança d'elles nos deliberamos a commetter, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou esses propositos são falsos, ou são verdadeiros. Se são falsos, porque nos fiamos d'elles? E se são verdadeiros e são propositos de arrependimento, porque nos não arrependemos logo, em quanto temos tempo de não peccar? O certo é que nem são propositos, nem hão de ser arrependimentos.

Os que estão no inferno todos fizeram este contracto, e ficaram illusos.

Mas supposto que este pacto é feito com o inferno, desçamos ao mesmo inferno e vejamos como lá se guarda. Ha n'este carcere infernal, ha n'esta masmorra escurissima, algum homem que fosse christão? Muitos. Responda-me algum homem desventurado. Quem quer que sejas, se foste christão, ainda hoje o és, porque o caracter do baptismo imposto na alma nunca se perde. Pois se és e foste christão, e crias tudo o que crê a Sancta Madre Egreja, como te não aproveitaste da fé e dos Sacramen-

tos; como te não aproveitaste da doutrina e exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouviste: e como em fim te condemnaste? Por meus peccados. E sabias tu que os peccados e um só peccado basta para levar ao inferno? Bem sabia tudo isso: mas tambem sabia que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deus os perdoar: e por este conhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a peccar era com grandes propositos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propositos de arrependimento, porque te não arrependeste? Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dous que aqui estão ardendo juncto de mim, foram os dous irmãos Ophni e Phinees, filhos do summo sacerdote Heli e como taes muito bem doutrinados e instruidos em todos os mysterios da fé e da salvação. Reprehendia-os seu pae, e dizia-lhes que se emendassem e arrependessem de seus peccados: e elles respondiam, que eram moços e queriam viver com liberdade, que depois se arrependeriam: mas veio a morte, os arrependimentos e os propositos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo ha dous mil e septecentos annos: e arderão, e eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deus for Deus.

Proposito de arrependimento com resolução de peccar, não é arrependimento, nem proposito. Peccado de S. Pedro depois de tantos propositos.

Christãos, tomemos exemplo n'este e não nos fiemos de similhantes propositos. Quando o proposito do arrependimento se ajuncta com a resolução do peccado, nem é arrependimento nem é proposito: porque a resolução do peccado contradiz o proposito da emenda e o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propositos de não peccar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros: os propositos de arrepender do peccado, que se fazem querendo peccar e peccando actualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propositos que se fizeram n'este mundo foram os de S. Pedro: valentes não só na bocca, mas, o que poucas vezes se ajuncta, na bocca e mais na espada. E que disse Pedro? *Etsi omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor.* Ainda que todos, Senhor, faltem á fidelidade e amor que vos devem, eu nunca hei de faltar. Que mais disse? *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* E quando seja necessario dar a vida e morrer comvosco, primeiro morrerei que negar-vos. Podia haver mais animosos e mais resolutos propositos, que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos, como verdadeiramente eram, de todo coração; não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro caindo, recaindo e tornando a caír, tinha negado a seu Mestre não menos que tres vezes. E se os propositos de não peccar acabam negando a Christo, os que começam peccando

Matth. 26.

e negando a Christo, que se pode esperar d'elles? Ao peccado de Pedro seguiu se depois o arrependimento; porque foram propositos de não peccar estando em graça. Mas a quem pecca com propositos de se arrepender depois, d'onde lhe ha de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo peccado? Peccareis como peccais; mas não vos arrependereis, como prometteis.

4.º O demonio incita ao peccado fazendo confiar na facilidade do remedio, que é a confissão.

VI. O quarto e ultimo motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no peccado, posto que conheçam ser infermidade mortal, é a facilidade e promptidão do remedio. O remedio que Christo Senhor Nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados que depois do baptismo se commettessem, foi a confissão dos mesmos peccados. Por isto o sacramento da penitencia se chama segunda tábua em que o homem depois do naufragio se póde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a d'aquelle que voluntariamente se lançasse ao mar mui seguro de chegar ao porto sobre uma tábua, e maior temeridade ainda se em confiança da mesma tábua se fosse sempre engolfando mais e mais; assim o fazem os que debaixo do pretexto da confissão se precipitam a peccar, e dizendo eu me confessarei, multiplicam peccados sobre peccados.

Não se nega que a confissão é remedio prompto e facil. Texto de Oséas.

Não pretendo negar com isto que o remedio da confissão não seja muito prompto e muito facil. Não é muito facil remedio o de curar só com palavras, ou fosse inventado pela superstição, ou pela arte? Pois d'este genero é, e com muito grandes vantagens, o remedio da confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortaes; não só de poucas ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis; e de tal maneira cura de todas quantas padece o infermo, que, se uma só se lhe exceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem óutra applicação da nossa parte mais que palavras. O propheta Oseas exhortando aos homens a que se convertam a Deus diz assim: *Convertimini ad Dominum, et dicite ei: Omnem aufer iniquitatem:* convertei-vos a Deus e dizei-lhe que vos tire todos vossos peccados. Pois não ha mais, que dizer a Deus que nos tire nossos peccados, e não alguns senão todos: *Omnem aufer iniquitatem?* E se Deus da sua parte nos ha de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle nol-os tire? O mesmo propheta o diz e é cousa bem notavel: *Tollite vobiscum verba:* levae comvosco palavras. Bem differentemente fallavam os outros prophetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da lei velha. O que diziam

Os. 14.

Ibid.

os outros prophetas era: *Tollite hostias*: levae a Deus sacrificios, para que por meio d'elles aplaqueis sua justa ira e vos perdôe os peccados. Pois se os outros prophetas diziam: *Tollite hostias*, porque diz Oseas, *Tollite veroa?* Porque Oseas n'este texto, como diz a Glossa com Ruperto, fallava propheticamente do sacramento da confissão, que Christo havia de instituir na lei da graça; e para conseguir o perdão dos peccados por meio da confissão não são necessarias da nossa parte mais que as palavras (não informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto, «commentando o mesmo texto de Oseas»: Não vos digo que tragais comvosco ao sacrificio multidão de bezerros ou de cordeiros, senão sómente palavras, para as quaes todos tendes cabedal, sem dispendio da fazenda ou necessidade d'ella; porque virá tempo em que bastem para Deus as palavras da vossa confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos peccados. Póde haver maior facilidade que esta?

Ps. 95.

É tão grande, que, como refere Sancto Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos christãos, dizendo que não podia ser boa aquella lei em que tão facilmente se perdoavam os peccados; pois era dar licença para peccar. Assim o diziam ignorantemente os barbaros; e poderam provar a blasphemia do seu pensamento com o exemplo ou escandalo de muitos christãos os quaes de tal modo abusam da facilidade da confissão, como se fôra licença ou immunidade dada por Deus para poderem peccar quanto quizessem. Mas o mesmo Sancto Agostinho ensinou aos gentios que tão fóra está a confissão de facilitar o peccado, que antes é um novo freio com que mais se difficulta; porque, como na confissão só se perdoam os peccados de quem leva resolução de nunca mais peccar, se no peccado se quebra a lei, com que Deus nos manda que não pequemos, na confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir n'aquelle peccado, nem commetter algum outro. Foi tão ingenhosa a traça da confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas casas teem as entradas junctas, com a mesma porta com que se abre uma, se pode fechar a outra. E isto é o que fez Deus no sacramento da confissão. E como a confissão verdadeira inclúi essencialmente detestação dos peccados commettidos e resolução firme de nunca mais peccar, com a detestação abriu a porta ao perdão dos peccados passados e com a resolução fechou a porta á continuação dos futuros.

Porém a confissão não facilita, mas difficulta o peccado. Resposta de Sancto Agostinho aos gentios.

A confissão verdadeira e effectiva ha-de levar comsigo ao confessado e entregal-o a Deus para sempre.

Já d'aqui começarão a entender os que tanto se confiam no remedio da confissão, quão enganada e enganosa é esta confiança. A confissão verdadeira e effectiva ha de levar comsigo ao confessado e pôl-o todo e para sempre aos pés de Deus. Se não leva comsigo ao confessado, não é confissão. Olhae o que dizia Oséas e ainda não notastes: *Tollite vobiscum verba et dicite: Omnem aufer iniquitatem.* Para que Deus vos perdôe os peccados, não só diz que leveis as palavras á confissão senão que as leveis comvosco. Porque se vós não levais as palavras da confissão comvosco e ellas vos não levam comsigo, a confissão não é confissão, são palavras. O sacrificio de Abel porque contentou a Deus? Porque levou comsigo ao mesmo Abel. E o de Caim porque lhe não contentou? Porque não levou comsigo a Caim. David disse a Nathan: *Peccavi;* e Saul tambem disse a Samuel: *Peccavi;* e sendo as palavras as mesmas, David ficou absolto do seu peccado e Saul não; porque a David levou-o comsigo a sua confissão e a Saul não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a confissão para a hora da morte, se as suas palavras os podem levar comsigo, quando elles já não estão em si? Eis-aqui porque vemos morrer tantos sem confissão, ou com confissões que não são confissões. Porque é justo castigo de Deus que a quem peccou em confiança da confissão, essa mesma confissão lhe falte ou lhe não aproveite.

II *Reg.* 12.
I *Reg.* 15

É justo castigo de Deus que não aproveite a confissão aos que peccam fiados na confissão.

Os moradores de Jerusalem peccavam dissoluta e desaforadamente, como se para elles não houvera lei, nem castigo; e toda a sua confiança se fundava em que Deus tinha o seu templo na mesma Jerusalem. Deus, diziam elles, tem o seu templo na nossa cidade? Pois elle defenderá as nossas casas por não perder a sua. Mas vêde o que lhes disse então o propheta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacii dicentes: Templum Domini, templum Domini, templum Domini est.* Vós fiados no templo de Deus, matais, roubais, adulterais, como se no mesmo templo tivereis licença e immunidade de Deus para peccar livremente? Pois sabei que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa e que no cabo vos ha de mentir; porque a quem pecca em confiança do templo não lhe val o templo. E assim succedeu. O mesmo digo da confissão; porque Deus e sua justiça sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não val o templo a quem pecca em confiança do templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a confissão aos que peccam fiados na confissão. Deus fez a confissão para remedio da fraqueza e não para estimulo da malicia. É medicina para sarar e não carta de seguro para adoecer. Por isso permitte Deus justissimamente que ou falte a confissão, ou não aproveite a muitos; porque não

Jer. 7.

é razão que o remedio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remedio.

Para ir ao céu não basta ter dinheiro e confessor. Caso de Ananias e Saphira.

Aqui parara eu já e me dera por satisfeito, se não tivera noticia que anda mui valida pela terra uma nova proposição ou theologia, a qual eu não posso crer senão que o norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco e o nordeste de Pernambuco á Bahia. E que proposição é esta? Que para um christão ir ao céu basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os peccados, o dinheiro para os suffragios: o confessor para as culpas com que vos livrais do inferno, e o dinheiro para as penas com que vos livrais do purgatorio. Ainda agradeço aos que isto dizem, crêrem que ha purgatorio e inferno: mas assim começam as heresias. Eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro; e deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado que com dinheiro e confessor podem morrer sem confissão. No tempo da primitiva egreja todos os christãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos apostolos, porque viviam em communidade, como hoje os religiosos. Houve comtudo dous casados, Ananias e Saphira, que vendendo uma sua herdade, contra o voto que tinham feito reservaram escondidamente parte do preço. Chamou S. Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu peccado e de ter mentido ao Espirito Sancto, quando estava em sua mão lograr o que tinha: e no mesmo poncto, sem dizer palavra, caiu Ananias morto. Veio depois, do mesmo modo, Saphira chamada a juizo: arguiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeira da mesma fazenda e cumplice na reserva do dinheiro; e tambem caiu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dous desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra cousa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, summo pontifice da Egreja: tiveram tambem dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram. E confessou-se algum d'elles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro; ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor; e ambos morreram sem confissão. Levae lá as novas aos da nova theologia; porque não quero affrontar a nenhum dos presentes com presumir d'elle tal ignorancia.

Act. 5.

Nem ainda com o confessor á cabeceira.

Não basta ter confesssor na hora da morte para a alma se salvar: porque, com o confessor á cabeceira, a uns falta a confissão e outros faltam a ella. Aos que falta a vida, a falla e o juizo, falta a confissão; e os que teem vida, falla e juizo, faltam á confissão muitas vezes: porque, em pena de a guardarem para aquella hora e peccarem em confiança d'ella, permitte justissimamente Deus que por falta de verdadeira disposição (que pode ser de muitos modos) lhes não aproveite a confissão. Dizei-me

se um homem por suas proprias mãos se dêra uma estocada penetrante e sobre esta outras e outras, não o terieis por doido? E se elle respondesse que fazia tudo aquillo, porque tinha uma redoma de oleo de ouro muito provado, com que facilmente se curaria, não o terieis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que fiados na facilidade da confissão continuam a peccar. E a doidice e loucura d'estes é muito mais rematada; porque nem a confissão nem o effeito d'ella está na sua mão. Por isso ha tantos que se condemnam sem confissão, e tantos que se condemnam confessados, para que ninguem finalmente se fie na facilidade d'este remedio.

O meio mais efficaz para não peccar mais: que é o poncto principal do sermão.

VII. Temos visto mais largamente do que eu quizera, posto que com a maior brevidade que me foi possivel, quão enganosos são os motivos e quão falsos os pretextos do nosso appetite, com que o demonio nos anima a peccar e a continuar nos peccados, contra o preceito e conselho de quem tanto nos deseja salvar que deu por isso a vida: *Iam amplius noli peccare.* Vimos que todos são falsos e enganosos; porque nem a dilação do castigo o diminúi, antes o accrescenta; nem a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça, antes a provoca; nem os propositos do arrependimento teem firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade; nem finalmente a facilidade do remedio é tão desembaraçada e prompta, que não tenha tantas difficuldades, como perigos; bastando o menor d'elles para que a alma se perca e se condemne. Mas porque este poncto de não haver de peccar mais é tão arduo, a natureza tão corrupta e o habito de cair e tornar a cair tão commum na cegueira humana; desejando eu algum meio que vos propôr mais poderoso que tudo isto, foi Deus servido por sua bondade de me descobrir e inspirar um tão forte, tão efficaz e ainda tão terrivel, que depois de ouvido e sabido, como é em si mesmo, nenhum homem haverá que se atreva a commetter um peccado mortal, se não fôr tão obstinado e tão prescito que se queira condemnar sem remedio. Este é o meio que ao principio prometti; e agora torno a pedir de novo áquelle Senhor crucificado, pelo preço infinito de seu sangue e pela intercessão de sua santissima Mãe, me assista e nos assista a todos n'este poncto, com a efficacia e força de sua graça, que a importancia d'elle requer. Se em algum discurso me déstes attenção, seja n'este; que, para que o leveis na memoria, todo será substancia e muito breve.

Suppor que Deus tem certa medida para os peccados de cada um. Castigo dos amorrheus.

Por primeiro fundamento de tudo havemos de saber e suppor que Deus na sua mente divina tem certa medida destinada aos peccados de cada um, a qual medida em quanto não está cheia, teem remedio e podem ter perdão os peccados; mas tanto

que se encheu não tem nenhum remedio. A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua providencia e justiça foi nos peccados dos reinos, das republicas e das cidades, que tambem é muita boa supposição e doutrina para o tempo, estado e contingencias em que se acha o Brazil. Prometteu Deus a Abrahão que a elle e a seus descendentes daria as terras dos amorrheus, por isso chamadas da promissão: mas que não seria logo senão d'ahi a muitos annos; porque (disse) os amorrheus até o tempo presente não encheram ainda a medida dos peccados que eu tenho decretado e taxado para seu castigo. E essa foi uma das razões, porque os filhos de Israel andaram tanto tempo aos bordos pelo deserto, até tomarem porto no rio Jordão; para que entretanto se acabasse de encher a medida dos peccados dos amorrheus. Este mesmo foi o sentido em que Christo Senhor Nosso disse aos escribas e phariseus, depois de reprehender suas impiedades e injustiças, que enchessem a medida de seus paes: *Implete mensuram patrum vestrorum*. Porque nos corpos politicos, quaes são as republicas, que duram em muitas vidas, os peccados dos paes, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida.

Gen. 15.

A amphora na visão de Zacharias.

No propheta Zacharias temos uma illustre representação d'esta verdade por todas suas circumstancias. Appareceu um anjo a Zacharias: disse-lhe que levantasse os olhos e visse o que saía pelas portas de Jerusalem. Olhou e viu que saía uma amphora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavam n'aquelle tempo assim hebreus como latinos. Após a amphora saíu uma grossa pasta de chumbo, a qual pesava um talento, que do nosso peso vem a ser tres arrobas; e atraz d'estes dous instrumentos ou figuras inanimadas viu o propheta que saía pela mesma porta uma mulher, a qual encaminhando-se para a amphora se assentou sobre ella; porém o anjo, declarando que aquella mulher era a Impiedade, a lançou e metteu dentro da mesma amphora e a fechou e tapou com a pasta de chumbo, que como cortada para o mesmo effeito se ajustou naturalmente com ella. Feito isto tornei a olhar, diz o propheta, e vi saír da cidade outras duas mulheres, voando com azas de minhoto, as quaes levantaram a amphora por uma e por outra parte e a levaram pelos ares á terra de Sennaar. Atéqui, palavra por palavra e letra por letra, a visão de Zacharias, na qual lhe representou Deus a destruição de Jerusalem e reino de Judá, quando sitiada e devastada a cidade pelos exercitos de Nabucodonosor, todos presos e captivos foram levados a Babylonia. Isso quer dizer a terra de Sennaar, porque n'esta terra foi edificada a torre de Babel d'onde Babylonia tomou o nome. Mas se todo

Zach. 5.

o intento d'esta visão era significar Deus a Zacharias o captiveiro e transmigração do seu povo, que se podia declarar em tão poucas palavras, como eu o digo; para que o fez a divina sabedoria com tantas ceremonias, tantos apparatos, tantas figuras, e com tal ordem e successão de umas depois das outras, e com tão notaveis circumstancias em cada acto ou scena da mesma representação? Porque assim quiz revelar Deus ao seu propheta e n'elle a todos nós, quaes são os estylos occultos de sua justiça e as causas da assolação das cidades, reinos e nações, quando contra ellas se procede ao extremo castigo.

Explica-se a visão.

A primeira cousa que apparece em juizo é a amphora ou medida que Deus tem destinado aos peccados, a qual em quanto não está cheia, dilata-se e suspende-se o castigo; mas tanto que se encheu, executa-se sem remedio. Este foi o mysterio com que o anjo metteu dentro da amphora a mulher chamada Impiedade, em que eram significados os peccados de Jerusalem e de toda a nação, impia contra Deus nas idolatrias e sacrilegios e impia contra o proximo nos roubos, nos homicidios, nos adulterios e em todo o genero de injustiças e crueldades. E porque estes peccados tinham já cheia a medida de sorte que não podia levar mais, por isso o anjo, como cheia e arrasada, a tapou logo com aquella cobertura de chumbo, tão pesada e tão justa que nem para diminuir nem para accrescentar se podia abrir. Cheia assim até cima a medida, o que só restava era a execução do castigo, sem demora ou momento de dilação; e essa foi a consequencia com que no mesmo poncto saíram as duas mulheres com azas, as quaes não por terra e andando, senão pelo ar e voando, tomando sobre os hombros a amphora, a passaram de Jerusalem a Babylonia. E se perguntarmos que duas mulheres eram estas que não tocaram a terra; respondem os melhores interpretes, fundados nos oraculos dos prophetas, que eram a misericordia e a justiça divina: a misericordia para justificar o castigo e a justiça para o executar. Porque se os homens suspendessem o curso e multiplicação dos peccados, sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos prophetas, esteve prompta para os perdoar. Mas porque elles não quizeram desistir e chegaram a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber, porque as azas d'estas duas executoras eram de minhoto. Mas isso declarou admiravelmente o mesmo successo: porque minhoto foi Nabuzardão, general dos exercitos de Nabuco, o qual dando um e outro cerco á cidade de Jerusalem, como fazem as aves de rapina, finalmente empolgou em todo o povo e o levou nas unhas a Babylonia.

Advertencia a respeito dos peccados da nação judaica e da Bahia.

De maneira que por esta e as outras revelações allegadas nos consta (o que d'outro modo se não podia saber) que Deus na sua mente divina, como diziamos, e nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada cidade, reino, provincia e nação certa medida de peccados, aos quaes infallivelmente se segue o castigo, tanto que se encheu; e antes de estar cheia, não. E n'este caso do captiveiro de Babylonia notam graves auctores e fazem uma advertencia, a qual eu não devo passar em silencio pelo muito que nos pode importar. Durou aquelle captiveiro setenta annos, depois dos quaes foram os judeus restituidos á patria; mas tão pouco emendados e lembrados do primeiro castigo que d'alli a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso, que depois de estar cheia de todo, os castigou Deus com outro captiveiro e transmigração universal não de septenta nem de septecentos annos, mas dos que ainda hoje vão continuando e são já mil e quinhentos e septenta e septe, sem se saber quantos serão ainda. Disse que esta advertencia nos podia tambem importar a nós e já creio me tereis entendido. No anno de 1624 castigou Deus a Bahia com a entregar aos hollandezes, posto que não passou o captiveiro de um anno, como já passou de nove o de Pernambuco. De então para cá é certo (ainda mal) que os peccados começaram outra vez a encher a segunda medida e se dão tanta pressa que não sei como não está já cheia. Na nossa mão está fazer que se não encha de todo, porque as azas de minhoto andam já tão perto que não será necessario á divina justiça mandal-as vir de Amsterdão.

Textos de Sancto Agostinho, Sancto Ambrosio e Cornelio á Lapide a respeito dos peccados de cada homem.

VIII. Mas passando da medida dos peccados communs á dos particulares de cada um, assim como Deus tem signalado certa medida aos peccados de cada cidade ou reino, assim a tem signalada tambem aos peccados de cada homem. Quanto seja mais para temer esta segunda medida, ninguem o pode duvidar; por que as cidades e os reinos não vão ao inferno, os homens, sim; e que Deus o tenha determinado e taxado a cada um de nós é cousa não só manifesta, senão manifestissima, diz Sancto Agostinho. Traz o Sancto os exemplos da Escriptura já allegados e outros e conclúi assim no livro *de Vita christiana: Manifestissime instruimur et docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, et tandiu ut convertantur sustineri, quandiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum.* Manifestissimamente nos ensina e declara Deus, diz Agostinho, que a cada homem tem signalado certa medida ou numero de peccados, o qual emquanto não está cheio e cousummado, nos espera para que nos convertamos; mas tanto que a dicta medida

se encheu e o numero ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, então não espera Deus mais e se segue sem remedio a condemnação. O mesmo affirma Sancto Ambrosio. E porque este é o commum sentir dos expositores da Escriptura sagrada, contento-me com referir o mais practico e versado em todos, o doutissimo e diligentissimo Cornelio á Lapide. Sobre a amphora de Zacharias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cujusque tum hominis tum populi; qua impleta, Dei vindicta prosilit ad ultionem.* E o mesmo commento e declaração faz sobre outros logares, assim do velho como do novo Testamento, colhendo sempre das revelações divinas expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deus signalada certa medida e taxado certo numero de peccados, o qual quando se acaba de encher pelo ultimo, já não ha logar de perdão, senão de castigo.

Esta medida não é alheia da justiça e misericordia divina.

Nem deve parecer nova ou admiravel, e muito menos alheia da justiça ou misericordia divina, a determinação antecedente d'esta medida decretada aos peccados de cada homem; porque se nos castigos dos reinos e das cidades se ajunctam os peccados dos presentes e vivos que acabaram de encher a medida, com os dos passados e mortos que a começaram a encher, que muito é que cada homem com os seus, que elle mesmo commetteu e ultimamente commette, encha tambem a sua? Nem accrescenta a difficuldade que a medida dos peccados seja maior para uns homens e menor e de menos numero para outros; porque esta mesma que a nosso fraco entender pode parecer desegualdade, no arbitrio da Providencia Divina é summa justiça. E senão respondei-me: Deus tambem pôi medida aos dias da vida de cada homem; e esta medida é tão certa e determinada, que chegado ao ultimo dia não tem remedio. Pois, assim como ninguem se queixa de Deus, nem lhe extranha que a medida dos dias em uns e outros homens seja tão desegual, muito menos se deve admirar que a dos peccados o seja tambem, principalmente bastando um só e o primeiro peccado para ter Deus justissimo direito de lançar logo no inferno a quem o commetteu. E a razão fundamental de uma e outra justiça e providencia é o supremo dominio de Deus egualmente auctor da graça e da natureza; e assim como em quanto auctor da natureza póde limitar á vida certo numero de dias sem injuria do homem, assim sem injuria do mesmo homem póde limitar ao perdão certo numero de peccados: d'onde se segue, que assim como aquelle dia que encheu o numero dos vossos dias necessariamente é o ultimo, e chegado a elle não podeis deixar de morrer; assim aquelle peccado que encheu o numero dos peccados, tambem é o ultimo e, commettido elle, não podeis dei-

xar de vos condemnar, porque se cerrou a medida e já não ha logar de perdão.

Ouvi ao mesmo Deus por bocca do propheta Amós: *Haec dicit Dominus: Super tribus sceleribus Juda, et super quatuor non convertam eum.* E o mesmo annuncia a «Israel», a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom e a outros. E quer dizer: Commetteram o primeiro peccado e perdoei-lhes: commetteram o segundo e perdoei-lhes: commetteram o terceiro e tambem lhes perdoei: mas porque commetteram o quarto, não lhes hei de perdoar. Pois Deus infinitamente misericordioso não perdoa mais que tres peccados? Sim perdoa. Perdoa trezentos e perdoa trez mil e, se o peccador se arrepende de todo o coração, perdoa tres milhões. Mas n'estas sentenças põi-se o numero certo pelo incerto, para que por este exemplo e supposição se intenda melhor o que se quer dizer. Reduzida pois a medida ou numero de peccados a quatro, diz Deus que perdoará o primeiro e perdoará o segundo e perdoará o terceiro, e que para perdoar todos estes peccados converterá em todos, o peccador: Porém que se elle commetter o quarto, que o não ha de converter, nem lhe ha de perdoar; porque o quarto peccado n'este caso é o que acaba de encher a medida; e o peccado que acaba de encher a medida é peccado sem remedio e sem perdão, porque nem Deus o ha de perdoar, nem o peccador se ha de converter.

Texto do propheta Amós, c. 2, sobre a medida dos peccados de varios povos.

D'aqui se intenderá facilmente um difficultosissimo logar da primeira epistola de S. João, em grande prova do que dizemos. As palavras do sancto apostolo, entre todos por antonomasia o theologo, no capitulo quinto são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat et dabitur ei vita peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis.* Se algum christão souber que seu proximo pecca, rogue por elle e dar-se-lhe-ha a vida, se o peccado não fôr peccado *ad mortem:* mas se for peccado *ad mortem*, não digo que rogue por elle pessoa alguma. A difficuldade d'este texto é tão grande que os expositores e theologos na intelligencia d'elle se dividem em mais de quinze opiniões, não concordando em que peccado seja o que S. João chama peccado *ad mortem* e pelo qual se não deve orar, como incapaz de perdão, irremissivel e sem remedio. Alguns dizem que é o peccado de homicidio, outros o de adulterio; e Sancto Agostinho e Beda não duvidaram dizer que era o da inveja. E porque estes delictos não parecem tão enormes, outros subindo mais alto, dizem que é o peccado da blasphemia, outros o da infidelidade, outros o da apostasia, outros o da obstinação e outros sem nomearem a

E de S. João quanto ao peccado de que não se pode implorar perdão. 1. *Joan.* 5.

especie, dizem em geral, que é algum peccado gravissimo. Mas contra todas estas sentencias está, que não ha peccado algum, por grave e gravissimo que seja, que Deus não perdoe. Que peccado é logo este, incapaz de perdão e irremissivel, que S. João chama peccado *ad mortem?* Respondo, que não é nenhum peccado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer peccado mortal, ainda de muito inferior malicia aos referidos, com tanto que seja o ultimo e o que acaba de encher a medida que Deus tem taxado a cada homem: porque tanto que a medida se encheu com qualquer peccado que seja, já não tem logar de perdão nem de conversão. E essa é a propriedade com que S. João lhe chama *peccatum ad mortem,* peccado que leva sem remedio á morte eterna; porque, ainda que todo o peccado mortal mata a alma, dos outros pode a alma resuscitar e tornar a viver; e d'este não, como claramente distingue o mesmo texto: *Et dabitur ei vita peccanti non ad mortem.*

O peccado que se quer commetter, pode ser o que encha a medida.

IX. Supposta esta verdade tão assentada e este estylo da providencia e justiça divina tantas vezes revelado pelo mesmo Deus, veja agora cada um de nós se pode haver, como no principio prometti, meio ou motivo algum, nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que um homem que tem juizo e um christão que tem fé, não só se resolva firmissimamente, mas nem tenha, nem possa ter atrevimento para jámais peccar: *Iam amplius noli peccare.* Os outros motivos ou pretextos sempre deixam alguma esperança depois do peccado; porém este de tal modo a jarrêta e corta totalmente, que só quem se quizer condemnar de contado e ir resolutamente ao inferno, se atreverá a peccar. Porque, se eu sei que Deus me tem taxado certo numero e talhado certa medida aos peccados e sei que, cerrado este numero e cheia esta medida, já não ha logar de perdão, senão de condemnação sem remedio; quem me diz a mim, ou me pode assegurar que aquelle peccado que quero commetter não seja o ultimo e o que só falta á medida para se encher de todo? Direis que, assim como pode ser o ultimo, pode tambem não ser. E se for? E se for? Quasi estive deliberado a acabar aqui o sermão e vos despedir com esta pergunta. Mas é bem que saibais para maior assombro o que Deus faz n'aquelle mesmo poncto em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

Neste poncto ou Deus mata o peccador ou abre mão d'elle.

O que Deus faz no poncto em que o peccador acabou de encher a medida, ou é matal-o logo, ou abrir d'elle a mão e deixal-o para sempre. Vêde que disjunctiva esta egualmente terrivel por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns

dias depois; mas ir infallivelmente. Quanto á primeira parte, de que Deus tira logo a vida aos que acabaram de encher a medida de seus peccados, é sentença expressa de Sancto Agostinho, que Deus, como consta por seu proprio e divino testimunho, tem determinado aos peccados de cada homem certo numero e medida, a qual em quanto não está cheia, o soffre com sua infinita paciencia: porém tanto que elle a encheu, logo no mesmo poncto lhe tira a vida, sem mais remedio, nem logar de perdão. Assim aconteceu a el-rei Balthazar, cuja sentença de morte estando á mesa lhe appareceu escripta na parede em tres palavras. Quando Balthazar se assentou á mesa tinha menos um só peccado dos que eram necessarios para encher o numero; e como elle na mesma mesa mandou vir a ella os vasos sagrados do templo, para que fossem profanados: este peccado de sacrilegio foi o que acabou de cerrar o numero e encher a medida; e tanto que ella esteve cheia, foi morto violentamente.

Prova-se com a experiencia, com a auctoridade de Dionysio Carthusiano e com exemplos da Escriptura.

Quantas vezes se vê isto no mundo sem se intender! Mataram esta noite a fulano, vindo de tal parte. E quantas noites tinha elle ido e vindo d'essa mesma parte? Muitas. Pois porque o não mataram então, senão agora? A offensa de Deus e o aggravo dos homens era o mesmo e muitas vezes publico: pois porque o dissimulou Deus e o não vingaram os homens, senão n'este dia e n'esta hora? Porque os peccados antecedentes iam enchendo a medida, o d'este dia e d'esta hora foi o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes e accidentes repentinos, ainda que pareçam naturaes, e em outros desastres e casos que parecem fortuitos e as mais das vezes são effeito e execução do peccado ultimo e decretorio, que ajunctando-se aos outros e accrescendo sobre elles, acabou de encher a medida. Tanto assim (diz o grande Diónysio Carthusiano, tão alluminado no espirito, como insigne em todo genero de letras) tanto assim que aquelle mesmo homem que, segundo as leis da natureza e disposição da saude e da edade, havia de viver ainda muitos annos, só porque acabou de encher a medida dos peccados, acabou junctamente e sem remedio os dias da vida. Diz Job que o peccador morrerá antes de encher os seus dias; e a causa não é outra senão porque, antes de encher o numero dos dias, encheu o numero dos peccados. E quem assegurou aos que n'este dia e n'esta hora estão vivos e sãos, que o primeiro peccado que se deliberarem a commetter não seja tambem o ultimo? Aquelle hebreu e aquella madianita aos quaes matou o zelo de Phinees no peccado actual, bem mal cuidavam que no mesmo acto se lhes havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas, como só aquelle peccado faltava a

ambos para encherem a medida dos peccados, a vida e o peccado tudo se acabou junctamente, para que temam e tremam todos de se resolver mais a peccar; pois não sabem se aquelle peccado será o ultimo.

Como é que Deus abre mão do peccador.

Mas quando com o ultimo peccado se não acabe junctamente a vida (que era a segunda parte da nossa disjunctiva) nem por isso ficam de melhor condição os que já encheram a medida dos peccados: porque, deixados da mão de Deus, só lhes servirão esses dias que viverem de maior inferno. *Vae eis cum recessero ab eis:* ai d'elles, diz Deus pelo propheta Oseas, ai d'elles quando eu me apartar d'elles! Oh se os homens podessem alcançar e comprehender a significação de um ai de Deus! Oh que alto e que profundo ai! Tão alto que chega ao céu empyreo, d'onde o peccador é lançado e desherdado para sempre: tão profundo que penetra até os abysmos do inferno, onde o peccador será mettido e aferrolhado para arder em quanto Deus fôr Deus. A este ai responderão por toda a eternidade infinitos ais; mas ais de dôr sem arrependimento, ais de tormento sem allivio, ais de desesperação sem remedio.

Os. 9.

Texto de Isaias c. 5 e explicação dos theologos.

Os theologos vindo a declarar rigorosamente em que consiste deixar Deus uma alma, alguns disseram que em a privar totalmente dos auxilios ainda ordinarios em pena dos peccados antecedentes. E verdadeiramente, deixados outros logares da Escriptura, um do capitulo quinto de Isaias parece que o diz assim á lettra: Deixarei a minha vinha (diz Deus) por me responder com labruscas em logar de uvas: *Ponam eam desertam.* E que lhe farei então? Arrancar-lhe-hei as seves e derribar-lhe-hei o muro, para que homens e animaes entrem por ella e a pizem: não a podarei, nem cavarei, nem lhe farei outro beneficio ou cultura: já não será vinha, senão mato; e em logar de brotarem n'ella as vides, crescerão abrolhos e espinhos; e sobretudo mandarei ao céu e ás nuvens que não chovam sobre ella: *Et nubibus mandabo ne pluant super eam imbrem.* Se isto não é privar a alma de todo o auxilio, ninguem negará que o parece. E para Deus no tal caso justificar a sua Providencia basta a definição do concilio tridentino: *Nunquam Deus deserit hominem, nisi prius ab homine deseratur:* que nunca Deus deixa o homem, se o homem não deixa primeiro a Deus. Mas porque a sentença mais pia, mais recebida e approvada communmente por certa, é que Deus em nenhum estado d'esta vida falta ao homem com os auxilios sufficientes; que se segue d'aqui, depois de cheia a medida dos peccados, senão, como dizia, maior inferno? Ou o peccador encheu a medida dos peccados, ou não. Se a não encheu, salvou-se; se a encheu, con-

demnou-se. E que importa que se condemnasse com auxilios, se não usou bem d'elles?

Por isso ha muitos que vivem e já estão condemnados, deixados de Deus como Samsão. Texto de Sancto Isidoro.

Este é o estado infelicissimo da impenitencia final, a qual se consumma na outra vida, mas começa n'esta. Oh! quantos condemnados vivem ainda e andam entre nós, não porque absolutamente não podessem, mas porque se não hão de converter. Estão atados aos peccados de que já encheram a medida. Cuidam que se hão de desatar do ultimo, como por ventura se desataram dos outros; mas engana-os seu pensamento, como enganou a Samsão. Tres vezes rompeu Samsão as ataduras com que os philisteus o queriam prender; mas quando veio a quarta, depois de cortados os cabellos, nota a Escriptura que accordando disse comsigo: tambem d'esta vez me desatarei como das outras: porque não sabia que Deus o tinha deixado. Tinha Deus deixado a Samsão; e porque o tinha deixado, não se desatou como d'antes: prenderam-no os philisteus, tiraram-lhe os olhos e levaram-no a moer em uma atafona. O mesmo acontece á alma deixada de Deus. Prendem-na os demonios e tomam posse d'ella, como dizia Sancto Isidoro, *Quem Deus deserit, daemones suscipiunt:* tiram-lhe os olhos com que fica cega, obstinada e impenitente; e levam-na a moer e arder na atafona do inferno, cuja roda em qualquer parte póde ter principio e em nenhum tem fim, porque é a roda da eternidade. E se isto faz ou acaba de fazer o ultimo peccado que enche a medida e ninguem sabe qual seja, nem ha peccado que o não possa ser; quem haverá que se atreva a commetter qualquer peccado e se não resolva firmemente a nunca mais peccar?

Ainda os peccados confessados entram na medida.

X. Por fim quero responder a duas duvidas que pódem occorrer, para que nos não enganemos com ellas. A primeira é se os peccados já confessados e perdoados entram tambem na conta para encher a medida. Respondo que sim: porque, ainda que estejam perdoados quanto á culpa e satisfeitos quanto á pena, para encherem o numero e perfazerem a conta basta haverem sido. Assim como os dias, que todos passam ou fossem bem ou mal gastados, enchem a conta e a medida da vida; assim os peccados, ou perdoados ou não, enchem a sua, a qual se determinou e compoz de todos os que cada um commettesse: *De propitiato peccato noli esse sine metu.* O peccado já perdoado (diz o Espirito Sancto) não deixes de o temer. E porque, se já está perdoado? Porque ainda que o peccado perdoado já não é quanto á culpa, e póde tambem ser que já não seja quanto á pena; quanto ao numero e á somma com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se

Eccl. 5.

encher é cousa tão temerosa e de summo perigo; por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certa estar já perdoado, nos deve causar temor: *De propitiato peccato noli esse sine metu.*

Pode-se encher a mesma medida ainda com um peccado inferior aos commettidos.

A outra duvida ainda nos póde enganar mais apparentemente; porque a materia com que o demonio nos tentar, póde ser muito menos grave que a de outros peccados que já tenhamos commettido; e se aquelles, sendo muito maiores, não encheram a medida, muito menos parece que a póde encher este com que agora sou tentado, sendo muito mais leve ou menos grave. Tambem isto é engano; e se demostra com auctoridade de fé e com o maior e mais evidente exemplo que se podia excogitar. Falla S. Paulo dos judeus que o perseguiam e impediam a prégação do Evangelho; e sendo esta perseguição vinte annos depois da morte de Christo, diz o Apostolo que com ella enchiam os judeus a medida dos peccados pelos quaes totalmente haviam de ser destruidos com castigo, assolação e exterminio final. A morte de Christo foi o maior peccado que nunca se commetteu nem podia commetter; e a perseguição de S. Paulo e o impedimento que com ella se punha á prégação do Evangelho, ainda que grande peccado, era sem comparação muito menor. Pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de Christo pelos judeus, que elles com a perseguição que lhe faziam enchiam a medida dos seus peccados: *Ut impleant peccata sua?* Porque para encher a medida dos peccados não é necessario que o peccado que acaba de encher, seja maior, nem egual aos peccados já commettidos; e basta que seja muito menor. Nas cousas seccas o ultimo grão e nas liquidas a ultima gotta são as que acabam de encher a medida, e não pela grandeza ou quantidade de cada uma, senão porque é a ultima. O mesmo passa em qualquer peccado, com tanto que de sua natureza seja mortal: para que temamos a todos e a cada um, e nos não fiemos em ser ou parecer menor para nos arriscarmos a o commetter.

1. Thess. 2.

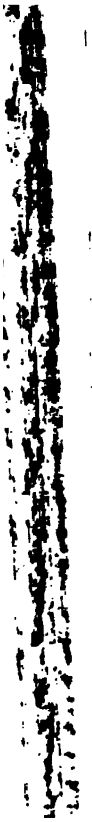
Quem é que nos diz que pequemos e quem nos diz que não pequemos.

XI. Oh! praza á majestade e misericordia divina que esta lição do céu se nos imprima dentro na alma; e nol-a penetre de tal sorte que d'esta hora e d'este momento em deante nos resolvamos constantissimamente a nunca mais peccar por nenhum interesse, por nenhum gosto, por nenhum receio, por nenhum caso ou successo da vida, nem da morte. Vêde quem vos diz que pequeis e quem vos diz que não pequeis. Quem vos diz que pequeis, póde ser o mundo, póde ser o demonio, póde ser a carne, tres inimigos capitaes que só pretendem e machinam vossa eterna condemnação. E quem vos diz que não pequeis é

aquelle mesmo Deus que, depois de vos dar o ser, se fez homem por amor de vós; é aquelle Deus e Homem que só por vos salvar e vos fazer eternamente bemaventurado não duvidou padecer tantos tormentos e affrontas e morrer pregado em uma cruz. Este Senhor tão poderoso, este conselheiro tão sabio, este amigo tão verdadeiro e tão fiel é o que vos diz que não pequeis: *Iam amplius noli peccare.*

Analyse de texto que serviu de thema, e conclusão.

Considerae bem estas palavras do amorosissimo Jesus, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coração: *Iam amplius:* já não mais. Baste já, christão remido com o meu sangue, baste já o que tens peccado, baste já o que tens vivido sem lei, sem razão, sem consciencia, sem alma: baste o que me tens offendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadece-te ao menos de ti; que a ti e por amor de ti o digo. Se não basta que eu te mande que não peques, eu t'o peço, eu t'o rogo; e não só te represento a minha vontade, mas me valho e invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare.* Que não queiras peccar te advirto uma vez e outra; porque não cuides que não pódes. Na tua mão, no teu alvedrio, na tua vontade está o salvar-te, se quizeres: para que vejas, que cegueira, que loucura, que infelicidade, que miseria e que eterna confusão e dôr irremediavel será a tua, se por tua propria vontade e por não resistires a um peccado te condemnares. Se já estiveras no inferno, para onde corrias tão precipitadamente, e onde já havias de estar ardendo, se eu não tivera mão na minha justiça; que havia de ser de ti a esta hora? E se n'esta mesma hora eu te offerecesse o partido de te livrar do inferno e te dar o céu, só com a condição de não quereres mais peccar; que havias de fazer e que graças me havias de dar? Pois, se por mercê e misericordia minha ainda estás em tempo, porque não tomarás muito devéras e para sempre a mesma resolução? Porque te não livrarás dos males eternos e segurarás os eternos bens? Porque não ganharás a corôa e reino do céu e te farás para sempre bemaventurado? E tudo isto só por ter uma vontade tão honesta, tão util e ainda tão deleitavel, como é o não querer peccar. Acaba, acaba já de ser inimigo de ti mesmo: acaba já de offender a quem tanto te ama: acaba já de querer antes o inferno sem mim que a gloria commigo; «filho meu, acaba de peccar:» *Iam amplius noli peccare.*

(Ed. ant. tom. 4.° pag. 1, ed. mod. tom. 3.° pag. 1).

II. SERMÃO DO QUARTO SABBADO

PRÉGADO EM LISBOA NO ANNO DE 1652

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Tudo é admiravel n'este discurso; mas principalmente o exordio e a conclusão. Note-se a agudeza, variedade e elegancia com que no exordio se apostilla todo o evangelho do dia. Ainda que Vieira sempre é coherente ao seu principio de tirar toda a materia do sermão de algum texto ou trecho da Escriptura; com tanta variedade o faz, que é difficultoso achar dous sermões que se pareçam inteiramente na disposição.

Hoc autem dicebant tentantes eum, ut possent accusare eum.
S. JOAN. 8.

Christo outra vez tentado; e tentado por homens.

Outra vez (quem tal imaginara?) outra vez temos tentado a Christo. Não ha que fiar em victorias. A mais estabelecida paz é tregua. Quando cessam as baterias, então se fabricam as machinas. A machina da tentação que hoje temos é admiravel junctamente e formidavel; e não foi o machinador, nem o tentador o demonio: foram os homens. D'estes tentadores e d'estas tentações hei de tractar. Ouçamos primeiro o caso.

Tentam-no os phariseus accusando uma mulher achada em adulterio. Moralidade das circumstancias do caso.

Tal dia, ou tal noite, como a d'este dia, diz S. João que foi Christo orar ao Monte Olivete. Sabía que havia de ser tentado; foi-se armar para a batalha com a oração. Em Christo foi exemplo; em nós é necessidade. Não tem armas a fraqueza humana, se as não pede a Deus. Até aqui não houve perigo. Do monte e muito de madrugada veio o Senhor ao templo a prégar, como costumava; e diz o evangelista que concorreu todo o povo a ouvil-o: *Et omnis populus venit ad eum.* Tanto concurso, Prégador divino? Já temo que vos hão de tentar. Veio o povo todo áquella hora; porque os que não são povo não madrugam tanto: põi-se-lhe o sol á meia noite, e amanhece-lhes ao meio dia.

Estava o Senhor ensinando (diz o texto) quando chegaram os escribas e phariseus a perguntar um caso. Traziam uma pobre mulher atada e disseram assim: *Magister, haec mulier modo deprehensa est in adulterio*: esta mulher n'esta mesma hora foi achada em adulterio. Esta mulher? E o complice? Foram dous os peccadores, e é uma só a culpada? Sempre a justiça é zelosa contra os que podem menos. Moysés (dizem) manda na lei, que os que commetterem adulterio sejam apedrejados; e vós, Mestre, que dizeis? Os escribas e phariseus eram os doutores d'aquelle tempo. Bem me parecia a mim, que quando os doutos e presumidos perguntam, não é para saber, senão para tentar. Assim o diz o evangelista nas palavras que propuz: *Hoc autem dicebant tentantes eum*. Em que consistia a tentação e onde estava armado o caso, diremos depois. E que respondeu o Senhor? Levantou-se da cadeira sem fallar palavra e inclinando-se: *Inclinans se...* Alviçaras, peccadora, enxuga as lagrimas. Christo começa inclinando-se? Tu sairás perdoada: «esse acto bem indica que» a sua inclinação não é de condemnar. Deus nos livre «porém» de juizes inclinados, se não são Deus: aonde vai a inclinação, lá vai a sentença. Não quiz o Senhor responder por palavra; quiçá porque lh'as não trocassem: respondeu por escripto: *Digito scribebat in terra:* escrevia com o dedo na terra. Não vos espanteis que no templo lageado de marmores houvesse terra: litteralmente; porque era muito o concurso e pouco o cuidado: moralmente; porque não ha logar tão sancto e tão sagrado, ainda que seja a mesma egreja, em que não haja terra. O que Christo escrevesse não se sabe de certo. Intendem commummente os padres que foram os peccados dos accusadores. Que accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão, o adultero ao adultero? Homem, accusa-te a ti: olha que quando accusas os peccados alheios, te condemnas nos proprios. Assim succedeu. Depois que o Senhor escreveu o processo, não da accusada, senão dos accusadores, levantou-se e não lhes disse mais que estas palavras: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat:* aquelle de vós que se achar sem peccado, seja o primeiro que atire as pedras. Aqui me lembram as de S. Jeronymo. As pedras que traziam apparelhadas contra a delinquente, «as havia de converter» cada um contra o seu peito; «mas não lh'o consentiu a sua consciencia de phariseus. Então vendo que o Senhor os conhecia a todos tão intimamente,» os que tinham entrado tão zelosos, começaram a se sair confusos. Sairam-se «todos»; e nota o evangelista que os que sairam primeiro, foram os mais velhos: *incipientes a senioribus*. Miseravel condição da vida humana! Quantos mais annos, mais cul-

pas. Todos se devem arrepender das suas; mas com mais razão e mais depressa, os que estão mais perto da conta. Ficou só Christo e a delinquente; isto é a misericordia e a miseria. Perguntou-lhe: Onde estão os que te accusavam? Condemnou-te alguem? *Nemo, Domine:* Ninguem, Senhor. Pois se ninguem te condemnou, nem eu te condemnarei; vae-te e não peques mais. Este foi o fim da historia, admiravel na justiça, admiravel na misericordia, admiravel na sabedoria, admiravel na omnipotencia. A lei ficou em pé, os accusadores confusos, a delinquente perdoada; e Christo livre dos que o vieram tentar. Esta tentação, como dizia, será a materia do nosso discurso. Peçamos a graça a Quem a dá tão facilmente até aos que a não merecem «e peçamol-a por intercessão de sua Mãe». *Ave Maria.*

O odio dos homens é mais para temer que o dos demonios. O que fizeram a Christo as feras, os homens e o demonio.

II. *Hoc autem dicebant tentantes eum.* «Que seja mais para temer o odio dos homens» que o dos demonios, é verdade que eu tenho muito averiguada. Busque cada um os exemplos em si e achal-os-ha: por agora baste-nos a todos o de Christo. Depois de trinta annos de retiro houve Christo de sair a tractar com os homens, ou a lidar com elles. E porque não basta sciencia sem experiencia, nem ha victoria sem batalha, nem se peleja bem sem exercicio; antes de entrar n'esta tão perigosa campanha, quiz-se exercitar primeiro com outros inimigos. Parte-se o Senhor, depois de baptizado, ao deserto; e diz S. Marcos que estava e vivia alli com as feras: *Eratque cum bestiis.* Passados assim quarenta dias, seguiram-se as tentações do demonio: *Et accedens tentator.* Tentado Christo no mesmo deserto, tentado no templo, tentado no monte. E depois d'estas duas experiencias então finalmente saiu, e appareceu no mundo, e começou a tractar com os homens, entre os quaes havia de encontrar tantos inimigos: *Exinde coepit praedicare.* Não sei se reparastes na ordem d'estes ensaios. Parece que primeiro se havia de exercitar o Senhor com os homens, como racionaes e humanos; depois com as feras, como racionaes e indomitas; e ultimamente com os demonios, como tão deshumanos, tão crueis e tão horrendos. Mas não foi assim, senão ao contrario. Primeiro com as feras, depois com o demonio e ultimamente com os homens; e porque? Porque o exercicio e o ensaio ha-de ser do menor inimigo para o maior, e os homens, «se estão possuidos de odio contra outros homens», não só são inimigos mais feros que as feras, senão mais diabolicos que os mesmos demonios. Vêde-o na experiencia. Que aconteceu a Christo com as feras, com o demonio e com os homens? As feras nem lhe quizeram fazer mal, nem lh'o fizeram; o demonio quiz-lhe fazer mal, mas não lh'o fez; os homens quizeram-lhe fazer mal e fizeram-lh'o.

Marc. 1.

Matth. 4.

Olhae para aquella cruz. As feras não o comeram, o demonio não o despenhou: os que lhe tiraram a vida foram os homens. Julgae se «quando vos perseguem» são peiores inimigos que o demonio! Do demonio defendeis-vos com a cruz: os homens põem-vos n'ella.

Tambem são mais para temer as tentações dos homens. Prova-se com esta tentação dos phariseus.

De maneira que não ha duvida que o «odio dos homens é mais para temer que o do demonio». A minha duvida hoje é se «quando os homens tentam, são tambem mais para temer as suas tentações». Os demonios tentam, os homens tentam; o demonio tentou a Christo, os homens tentaram a Christo: quaes são as maiores e peiores «tentações, as dos homens ou as dos demonios?» A questão é muito alta e muito util; e para que não gastemos o tempo em esperar pela conclusão, digo que comparadas (como se devem comparar) tentações com tentações, «peiores e mais para temer são as tentações dos homens, que as dos demonios». Comecemos pelo evangelho, com o qual tambem havemos de continuar e acabar.

Accusam a peccadora para condemnar o justo. O demonio não faz isto.

Lev. 20.

III. *Hoc autem dicebant tentantes eum.* Vieram os escribas e phariseus (como diziamos) ao templo; que contra o odio e inveja humana não lhe val sagrado á innocencia. Presentaram deante de Christo a adultera tomada em flagrante delicto; e allegaram o texto, que é do capitulo vinte do Levitico, em que a lei mandava que fosse apedrejada: *Moyses mandavit nobis hujusmodi lapidare.* Pois se a lei era expressa e o delicto notorio, se no caso não havia duvida de feito, nem de direito; porque não executam elles a lei? Se é delinquente, castiguem-n'a: se a pena é de morte, tirem-lhe a vida; se o genero da pena são pedras, apedrejem-na; levem-n'a ao campo e não ao templo. E se aguardam a sentença, requeiram aos juizes e não a Christo. Isto era o que pedia a justiça, o zelo e a razão. Mas não o fizeram assim, diz o evangelista; porque o seu intento não era castigar a accusada, senão accusar a Christo: *Ut possent accusare eum.* Traziam uma accusação para levar outra. Vêde a maldade mais que infernal e a astucia mais que diabolica. O demonio no juizo universal e no particular ha-me de accusar a mim, para me condemnar a mim; e ha-vos de accusar a vós, para vos condemnar a vós; porém estes tentadores não só accusavam um para condemnar outro; mas accusavam a peccadora para condemnar o justo, accusavam a delinquente para condemnar o innocente.

Sancto Agostinho descobriu um dilemma em que vinha escondida a tentação.

Mas como havia isto de ser, ou como queriam que fosse? Como tinham ordido a trama? Onde estava armado o laço? Onde vinha escondida a tentação? Descobriu-a maravilhosamente Sancto Agostinho: *Ut si diceret, non lapidetur adultera, injustus con-*

vinceretur; si diceret, lapidetur, mansuetus non videretur. Ou Christo havia de dizer que fosse apedrejada a adultera, ou não: se dizia que não fosse apedrejada, convenciam-no de injusto; se dizia que a apedrejassem, parecia que não era misericordioso; e ou faltasse á justiça, ou á misericordia, concluiam que não era o Messias. Christo (como Deus e humanado) era todo mansidão, todo benignidade, todo misericordia; as suas entranhas e as suas acções todas eram de fazer bem, de remediar, de consolar e de perdoar, de livrar a todos; e por isso todos o amavam, todos o veneravam, todos o acclamavam; todos o seguiam, que era o que mais lhe doía aos escribas e phariseus. Accrescentava-se a isto o que o mesmo Senhor dizia de si, do seu espirito e das causas que o trouxeram ao mundo. Aos discipulos que queriam que descesse fogo do céu sobre os samaritanos, disse: *Filius hominis non venit animas perdere, sed salvare:* que não tinha vindo a matar homens, senão a salval-os. Sobretudo n'aquelle mesmo templo, abrindo o Senhor a Escriptura, ensinou publicamente, que d'elle se intendia o famoso logar do capitulo sessenta e um de Isaias: *Ad annuntiandum mansuetis misit me, ut mederer contritis corde, et praedicare captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes*. Quer dizer: mandou-me Deus ao mundo para curar corações, para remediar affligidos, para consolar os que choram e dar liberdade e perdão aos que estão presos. Parece que tinha o propheta deante dos olhos tudo o que concorria no estado e fortuna d'esta pobre mulher. Assim a apresentaram deante de Christo presa, affligida, angustiada, chorando irremediavelmente sua miseria; e aqui, e mais na lei, vinha armada a tentação. Se diz que não seja apedrejada a adultera, é transgressor da lei; se diz (o que não dirá) que a apedrejem, perde a opinião de misericordioso e a estimação do povo; e sobretudo, contradiz-se a si mesmo e ás escripturas do Messias, que interpreta de si. Logo, ou diga que se execute a lei, ou que se não execute; ou que seja apedrejada a delinquente, ou que não seja, sempre o temos colhido, porque não pode escapar de um laço sem cair no outro. A este modo de arguir, que é fortissimo e apertadissimo, chamam os dialecticos dilemma ou argumento «de duas pontas», porque vai n'elle uma contradictoria com tal artificio dividida «em proposições oppostas como» duas pontas; que se escapais de uma, necessariamente haveis de cair na outra. Assim investiram hoje a Christo os escribas e phariseus: ia disposta «a sua tentação» e dividida em duas pontas tão bem armadas, que ou Christo dissesse sim, ou dissesse não, se escapasse de uma, levavam-n'o na outra. De maneira que as pedras de que vinham prevenidos os es-

Luc. 9.

Isai. 61.

cribas e phariseus, não eram para apedrejar a adultera, senão para que Christo tropeçasse e caisse n'ellas e no laço que alli lhe tinham armado.

Isaias no c. 8.º prophetizou este laço armado em pedras.

D'este modo de laços armados em pedras faz elegante menção Isaias no capitulo oitavo: *Et erit in lapidem offensionis, et in petram scandali, in laqueum, et in ruinam. Et offendent, et cadent, et conterentur, et irretientur, et capientur.* Allude o propheta ao uso dos caçadores d'aquelle tempo, os quaes armavam as suas redes e laços cercados de pedras; para que tropeçando n'ellas a caça caisse incautamente e ficasse enredada e presa. Tal era o laço que os escribas e phariseus traziam hoje armado debaixo das pedras da lei, para que tropeçando Christo nas pedras caisse e o tomassem no laço.

Foi a Christo mais difficil livrar-se d'esta tentação que da do demonio.

Lembrados estareis que o demonio no deserto tambem armou o laço a Christo com pedras. Mas, com os laços e as tentações parecerem tão similhantes, vêde quanto mais astutos tentadores foram os homens que o demonio. Da tentação do demonio livrou-se Christo com um *não*. Porém da tentação que hoje lhe armaram os homens, não bastava dizer não, para se livrar; porque ou dissesse não, ou dissesse sim, sempre ficava no laço. Ou Christo havia de dizer: sim, apedrejae; ou havia de dizer: não; não apedrejeis. Se dizia não, ia contra a justiça; se dizia sim, ia contra a piedade; se dizia não, ia contra a lei; se dizia sim, ia contra si mesmo. Se dizia não, offendia o magistrado; se dizia sim, offendia o povo. De sorte que lhe armaram os páus, ou as pedras, em tal forma, que ou quizesse observar a lei, ou não quizesse, sempre ficava réu. Se se mostra rigoroso, falta á piedade: se se mostra piedoso, falta á justiça; e se falta á justiça, ou piedade, não é Messias.

A tentação sobre o tributo de Cesar foi similhante a esta. *Matth.* 22.

Outra tentação similhante ordiram os mesmos escribas e phariseus contra Christo sobre o tributo de Cesar, quando o Senhor lhes disse: *Quid me tentatis?* Mandaram junctas duas escholas, a sua e a dos herodianos; e depois de uma longa prefação de louvores falsos, propozeram esta questão: *Licet censum dare Caesari, an non?* Mestre, é licito dar o tributo a Cesar, ou não? Notae a apertura dos termos. O que pediam era um sim, ou um não: é licito, ou não é licito? E porque com tanta formalidade e com tanto aperto? O evangelista o disse: *Ut caperent eum in sermone.* Porque com qualquer d'estas duas respostas, ou Christo dissesse sim, ou dissesse não, sempre ficava encravado. Se dizia não, era contra a regalia do imperador; se dizia sim, era contra a liberdade e immunidade da nação. Se dizia não, crucificava-o Cesar; se dizia sim, apedrejava-o o povo. E de qualquer modo (diziam elles) se perde, e o temos apanhado

e destruido. Isto é o que se machinou e resolveu n'aquelle conselho injusto, impio e tyrannico: *Consilium inierunt, ut caperent eum in sermone*. Houve algum dia demonio que ordisse tal tentação e mettesse um homem em taes talas? «Dos demonios não o leio na Escriptura; dos homens sim, e duas vezes contra Christo.»

Como Christo se livrou d'ella.

E Christo que fez no caso «que hoje examinamos»? Viu que os cordeis com que traziam presa a adultera, eram laços com que o pretendiam atar: viu que as pedras da lei que allegavam, vinham cheias de fogo por dentro, e que ao toque de qualquer resposta sua, não só haviam de brotar faiscas, mas um incendio de calumnias: viu que, supposta a tenção e astucia dos tentadores, tanto se condemnava condemnando, como absolvendo, e que um e outro perigo era inevitavel; que conselho tomaria para se livrar de uma tal tentação? Agora o veremos.

Fez com o dedo novas escripturas. As do antigo Testamento, que lhe bastaram contra o demonio, não lhe bastaram contra os homens.

IV. Levantou-se o divino Mestre da cadeira sem responder palavra. Não havia alli outro papel senão a terra, inclina-se e começa a escrever n'ella: *Digito scribebat in terra*. Esta foi a unica vez que sabemos da historia sagrada que Christo escrevesse de seu punho. Mas, em quanto Christo escreve e estes tentadores esperam, tornemos ao deserto e ás tentações do demonio. Tentou o demonio a primeira vez a Christo; e rebateu o Senhor a tentação com as palavras do capitulo oitavo do Deuteronomio: *Non in solo pane vivit homo*. Tentou a segunda vez; e foi rebatido com as palavras do capitulo sexto do mesmo livro: *Non tentabis Dominum Deum tuum*. Instou a terceira vez; e a terceira vez o lançou Christo de si com outras palavras do mesmo capitulo: *Dominum Deum tuum timebis et illi soli servies*. Quem haverá que se não admire á vista d'estas tres tentações e da que temos presente? Estes homens eram lettrados de profissão, eram lidos e versados nas Escripturas e actualmente estavam allegando textos da lei de Moysés. Pois se Christo se defendeu das tentações do demonio com as escripturas sagradas e com os textos da mesma lei; porque se não defende tambem d'estes tentadores com as mesmas escripturas? Nas escripturas que então havia, que são todas as do Testamento velho, ha trinta e nove livros com mais de mil capitulos. Pois se Christo tinha tantas armas, tão fortes, tão diversas e tão prevenidas, porque se não defende com ellas d'esta tentação? Aqui vereis quanto mais terriveis tentadores são os homens que o demonio. Para Christo se defender das tres tentações do demonio, bastaram-lhe as escripturas antigas; para se defender de uma tentação dos homens, não lhe bastaram todas quantas escripturas havia; «jul-

gou» necessario fazer escripturas de novo: *Digito scribebat in terra.*

Os phariseus peiores que Balthazar nem a esta escriptura se renderam.

Mas qual foi o effeito d'esta escriptura. Escreveu e escrevia a Mão omnipotente; e os tentadores com «tal» escriptura deante dos olhos não se rendem, nem desistem, nem fazem caso d'ella, nem da mão que a escreve; ainda insistem e apertam que responda á pergunta: *Cum perseverarent interrogantes.* Oh escriptura! Oh Balthazar! Oh Babylonia! Appareceram tres dedos em uma parede, sem mão, sem braço, sem corpo; e com tres palavras que escreveram, sem saber o que significavam, começa Balthazar a tremer de pés e mãos, sem côr, sem coração, sem alento. Treme o mais poderoso rei do mundo; e quatro homens, sem mais poder que a sua malicia, não tremem. Agora acabareis de intender quanto mais dura é a pertinacia dos homens quando tentam, que a do demonio. Viam os dedos, viam o braço que escrevia; sabiam, e tinham obrigação de saber pelas maravilhas que obrava e de que elles tanto se doiam, que era Homem e Deus junctamente; e á vista de uma escriptura tão larga de sua mão, em que se viam processados a si mesmos, não tremem, nem se movem, antes perseveram obstinados a perguntar e tentar: *Cum perseverarent.* Digam agora os escribas e phariseus, se é o gentio Balthazar, ou elles? Mas o meu intento não é comparar homens com homens; senão homens com o demonio.

Tres circumstancias d'esta escriptura.

Tres circumstancias particulares notou o evangelista n'esta acção de Christo. Notou que escrevia, e com que escrevia, e onde escrevia: *Digito scribebat in terra.* Escrevia Christo, e escrevia com o dedo, e escrevia na terra. E em todas estas circumstancias venceram os homens ao demonio na pertinacia de tentadores.

1.º Escrevia. Porque não diz em voz o que escreveu? Porque a palavra de Deus tem mais força escripta que fallada.

Primeiramente: *Scribebat*, escrevia. E porque quiz escrever? As mesmas cousas, que Christo escrevia, podia dizer em voz e mais facilmente. Pois porque as não quiz dizer em voz, senão por escripto? Porque as mesmas palavras divinas teem mais efficacia, para vencer as tentações, escriptas que dictas. Na morte de Christo tentou o demonio aos discipulos na fé da resurreição; e todos ou foram vencidos, ou fraquearam na tentação, como o mesmo Senhor lhes tinha predicto. E dando a causa d'esta fraqueza S. João, diz que foi porque ignoravam as Escripturas da resurreição: *Nondum enim sciebant scripturam, quia oportebat eum a mortuis resurgere.* Contra, Evangelista sagrado. Christo tinha dicto por muitas vezes que havia de resuscitar, e particularmente o disse ao mesmo S. João e a S. Pedro e a Sanct-'Iago no monte Thabor: *Nemini dixeritis visionem, donec Filius ho-*

Joan. 20.

minis a mortuis resurgat. Porque excusa logo o evangelista a fraqueza de não resistirem á tentação com a ignorancia das Escripturas? Porque ainda que as palavras divinas, ou dictas ou escriptas, tenham «em si» a mesma auctoridade; escriptas «teem mais auctoridade para nós» e maior efficacia para resistir ás tentações. Vêde-o no modo com que Christo resistiu ao demonio em todas as suas.

Matth. 17.

Em todas as tres tentações se defendeu Christo do demonio com a palavra divina: mas não sei se tendes reparado que em todas e em cada uma advertiu que era palavra escripta. Na primeira tentação *Scriptum est: Non in solo pane vivit homo.* Na segunda: *Scriptum: Nest on tentabis Dominum Deum tuum.* Na terceira: *Scriptum est: Dominum Deum tuum timebis.* Parece que para resistir á tentação e rebater ao demonio bastava referir as sentenças e palavras sagradas; porque accrescenta logo o Senhor e deita deante de cada uma d'ellas a declaração de que eram escriptas, repetindo uma, duas, tres vezes: *Scriptum est, scriptum est, scriptum est?* Porque, sendo palavras de Deus e escriptas, tinham não só a virtude e efficacia das palavras, senão tambem a das lettras «que lhes dão maior authenticidade. Notae. S. Pedro na epistola 2.ª cap. 1.º chama a palavra dos prophetas mais firme que a voz que vinha do céu e que elle ouviu estando com Christo no monte sancto: *Et hanc vocem nos audivimus de coelo allatam, cum essemus cum ipso in monte sancto. Et habemus firmiorem propheticum sermonem.* Mas como podia ser que a palavra dos prophetas fosse mais firme que a voz do céu, a qual era a mesma voz do Padre Eterno? Mais firme, porque mais certa e mais authentica, responde Agostinho; não porque mais digna de respeito e mais conforme á verdade: *Certiorem sane dicit, non meliorem non veriorem. Quid est ergo certiorem nisi in quo magis confirmatur auditor?* O que se escreve é por si mesmo mais authentico que o que se diz; porque, emfim, *verba volant, scripta manent.*» Por isso Christo n'este caso vendo-se tão apertadamente tentado dos homens não tractou de se defender d'elles dizendo, senão escrevendo: *Scribebat.*

Por isso Christo contra o demonio allegou sempre a Escriptura.

S. Pedro (*ep.* 2 *c.* 1) commentado por Sancto Agostinho (*Serm.* 43 *olim.* 27 *de verbis Ap.*)

Mas se tanta é a força e efficacia de um *Scriptum est*, e Christo hoje escrevia, *Scribebat*, e os seus tentadores o estavam vendo escrever, e viam e liam a escriptura; porque persistem ainda e perseveram na tentação *Cum perseverarent?* Não persiste o demonio, e persistem os homens? Sim: porque o demonio é demonio, e os homens são homens, e por isso mais teimosos e mais pertinazes tentadores. Onde muito se deve advertir a differença d'esta escriptura de Christo ás escripturas com que resistiu ao demonio. As escripturas que o Senhor referiu ao de-

Novas circumstancias da obstinação dos phariseus maior que a do demonio.

monio eram escripturas geraes. As escripturas que hoje escreveu eram particulares, e escriptas sómente para os que o estavam tentando e dirigidas ao coração e á consciencia de cada um. Bastou «ao demonio» serem as escripturas de Deus para ou as reverenciar, ou as temer, posto que não fallassem «de modo particular» com elle. Os homens pelo contrario, fallando com todos e com cada um d'elles a escriptura de Christo, nem a reverencia os refreia, nem a força os quebranta, nem a consciencia os intimida, nem a certeza com que se vêem feridos os rende; continuam, instam e perseveram obstinados. *Cum perseverarent.* Que mais?

2.º Escrevia com o dedo. Só esta escriptura foi feita com o dedo do Homem-Deus.

Digito. Escrevia Christo com o dedo. As escripturas com que o Senhor rebateu as tentações do demonio não eram escriptas com o dedo de Deus, «porque ainda não tinha tomado carne humana»: mas bastou serem escripturas sagradas e canonicas, para que o demonio se não atrevesse a lhes resistir. Vêde se se podia e devia esperar hoje que os tentadores de Christo se rendessem ás suas escripturas; pois eram escripturas não só de Deus, mas escriptas com o seu dedo. Claro está que se haviam de render, se os tentadores fossem demonios; mas não se renderam, porque eram homens: *Cum perseverarent.* Que mais?

3.º Escrevia na terra. Opinião de Carthusiano. Outras circumstancias da mesma obstinação.

In terra. Nota finalmente o evangelista que escrevia Christo na terra. E porque na terra? Para que os que esquecidos da propria fragilidade accusavam tão rigorosamente uma fraqueza no sexo mais fraco, considerassem e advertissem que ella era terra e elles terra. É tão propria do caso e tão natural esta consideração, que d'aqui veio a ter para si Carthusiano que as palavras que Christo escreveu foram estas: *Terra terram judicat:* a terra accusa a terra. Se os accusadores foram céu, não era de extranhar que accusassem a terra; mas que a terra accuse a terra! Ainda faziam mais estes tentadores. A terra accusava a terra para condemnar o céu; porque accusava a adultera para condemnar a Christo. Pois se a terra muda, e por si mesma, estava dando brados contra estes accusadores formados da mesma terra; agora que já não é muda, com as palavras e vozes de Christo que tem escriptas e estampadas em si, porque os não confunde, porque os não convence, porque os não rende? Já me canço de dizer: porque eram homens. E senão, tornemos a comparar esta tentação com a do demonio. S. Paulo chamou aos demonios potestades do ar: *Secundum principem potestatis aëris hujus.* As palavras com que Christo se defendeu do demonio foram pronunciadas no ar, que é incapaz de escriptura: as com que se quiz defender d'estes homens, foram escriptas e impressas na terra. As palavras pronunciadas passam, as escri-

Ephes. 2.

ptas permanecem: as pronunciadas entram pelos ouvidos, as escriptas pelos olhos. E sendo aquellas só pronunciadas, e estas escriptas; aquellas successivas, e estas permanentes; aquellas ouvidas, e estas vistas; aquellas breves e poucas, e estas muitas e continuadas, que isso quer dizer *Scribebat*; aquellas formadas no ar bastaram para vencer as potestades do ar; e estas impressas na terra não bastaram para render os homens formados de terra: *Digito scribebat in terra.*

Rendem-se alfim os phariseus ouvindo o commento de Christo.

V. Assim resistido Christo, e assim rebatida, por não dizer affrontada, a força de sua mão e da sua escriptura, que novo meio buscaria a sabedoria omnipotente para se defender de tão pertinazes tentadores? Assim como elles perseveraram em tentar, assim elle perseverou em escrever; porque a pertinacia da tentação só se vence com a constancia da resistencia. Torna Christo a inclinar-se e a escrever outra vez: *Iterum inclinans se digito scribebat in terra:* «mas antes d'esta segunda escriptura dá em voz a explicação ou commento da primeira dizendo: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat.* E foi tal a efficacia «da sua palavra juncta com as duas escripturas» que alfim se renderam a ella «os mesmos escribas e phariseus.» Então se foram retirando uns após outros, «sendo os mais velhos os primeiros: *Audientes autem unus post unum exibant, incipientes a senioribus:*» mas se vencidos de Christo na retirada, vencedores comtudo do demonio na arte e pertinacia da tentação.

Porém mostraram-se ainda n'isto mais obstinados que o demonio.

Ainda quando desistem, são peiores tentadores os homens que o demonio. O demonio tentou a Christo tres vezes: mas notae que respondendo o Senhor a cada tentação com a Escriptura, nunca o demonio esperou «nem commento da primeira, nem allegação da» segunda. Em o demonio ouvindo «a simples allegação de» uma escriptura, calava, desistia, não resistia nem replicava, mudava logo de tentação e ainda de logar. Vencido de Christo ainda presumia e esperava vencer a Christo: refutado «porém» com uma escriptura, nunca teve atrevimento para persistir, nem esperar outra escriptura. E os homens? Olhae para elles. Os homens mais pertinazes, mais impudentes, mais duros e mais feros tentadores, que o mesmo demonio, vêem uma vez escrever a Christo, e não se movem: vêem e intendem o que escreve, e não se rendem. É necessario que a sabedoria divina «faça commentos,» multiplique escripturas sobre escripturas e que tendo escripto uma vez torne outra vez a escrever: *Iterum scribebat*; não já para persuadir aos tentadores, mas para se defender e se livrar a si mesmo de suas tentações.

Mais obstinados são os hereges, e porque.

Mas que direi eu n'este passo tirando os olhos dos ministros

da Synagoga e pondo-os em muitos que se chamam christãos? Já me não queixo dos escribas e phariseus, nem Christo se podia queixar tanto; porque haviam de vir ao mundo taes homens que com a sua pertinacia os haviam de fazer menos duros e com as suas tentações menos tentadores. Os escribas e phariseus não se renderam ás primeiras escripturas do dedo de Christo, mas «depois do commento que lhes deu em voz» renderam-se ás segundas e largaram as pedras. Os herejes com nome de christãos nem ás primeiras nem ás segundas escripturas se rendem, «nem a todos os commentos ou declarações que Christo lhes está fazendo por bocca da sua Egreja;» antes das mesmas Escripturas adulteradas fazem pedras com que atirar a Christo.

As escripturas do novo Testamento mais ferteis que as do velho. *S. Aug. tract. 33 in Joan. S. Ambr. ep. 76 ad Stud.*

Sancto Agostinho e Sancto Ambrosio dizem que escreveu Christo duas vezes para mostrar que elle era o auctor e legislador de ambas as escripturas: das escripturas do velho Testamento e das escripturas do novo; e que as primeiras escripturas foram escriptas em pedra, porque haviam de ser estereis; as segundas escriptas na terra, porque haviam de ser fecundas; e haviam de dar fructo, como alfim deram hoje. Mas estou vendo, Senhor meu, que essa terra em que escreveis e escrevestes, arada duas vezes pela vossa mão e semeada duas vezes com a vossa palavra, em logar de dar fructo ha de produzir espinhas. Esta foi a maldição que lançastes a Adão, que não só se cumpriu e extendeu, mas cresceu e crescerá sempre em seus filhos. Os escribas e phariseus foram peiores que o demonio: virão homens que sejam peiores que os escribas e phariseus. O demonio rendeu-se a uma escriptura: os escribas e phariseus renderam-se a duas «com um brevissimo commento:» virão homens que nem a «todas as escripturas largamente commentadas» se rendam, e pertinazes contra ambos os Testamentos com ambos vos façam guerra. Dae-me licença para que vos repita a minha dôr parte do que está antevendo vossa sabedoria.

Herejes que se obstinaram contra todas estas escripturas.

Escrevestes em ambos os Testamentos e «explicastes por bocca da Egreja» a verdade e fé de vossa divindade, tão expressa no Testamento novo e tão convencida por vós mesmo no velho; e virá um Ebion, um Cerintho, um Paulo samosateno, um Photino que impudentemente neguem que fostes e sois Deus. Escrevestes e «explicastes» (e não era necessario que se escrevesse «nem explicasse») a verdade de vossa humanidade em tudo similhante á nossa; e virá um Manicheu, um Priscilliano, um Valentino, que contra a evidencia dos olhos e das mesmas mãos que a tocaram, digam que a vossa carne não foi verda-

deira, senão phantastica, celeste e não humana. Escrevestes e «explicastes» a unidade de vossa Pessoa uma em duas naturezas, humana e divina; e virá um Nestorio, que reconhecendo as duas naturezas diga pertinazmente que tambem houve em vós duas pessoas; e um Eutyches e um Dioscoro, que confessando a vossa humanidade e a vossa divindade, digam que de ambas se formou ou transformou uma só, convertendo-se uma na outra. Escrevestes e «explicastes» a perfeição e inteireza de vosso ser humano, composto de corpo e alma; e virá um Arrío e um Apollinar, que digam que tivestes sómente corpo de homem e que a alma d'esse corpo era a divindade. Escrevestes e demonstrastes «por vossa bocca» contra os saduceus a futura resurreição nossa e de todos os mortaes; e virá um Simão Mago, um Basilides, um Hymeneu, um Phileto, que, merecedores de morrer para sempre como os brutos, neguem a esperança e a fé da resurreição. Escrevestes «e explicastes» (bastando só a experiencia) a verdade e absoluto dominio do livre alvedrio humano; e virá um Bardesanes, um Pedro Abaylardo, e modernamente um Oecolampadio, um Melanchthon, que dizendo uma liberdade tão inaudita, neguem que ha liberdade. Escrevestes e «explicastes» que sem graça não ha merito e que do concurso de vossa graça e do nosso alvedrio procedem as obras dignas e só ellas dignas da vida eterna; e virá um Pelagio, um Celestino, um Juliano, que impotentemente concedam todo este poder ao alvedrio; accrescentando as forças do primeiro beneficio com que nos creastes, para vos negarem ingratissimamente o maior e segundo com que nos justificais. Escrevestes e «explicastes» a necessidade e merecimento das boas obras; e virá um Luthero, que não só negue serem necessarias as boas obras para a salvação, mas se atreva a dizer que todas as boas obras são peccado. Assim o ensinaram elle e Calvino (aquelles dous monstros mais que infernaes do nosso seculo) para tirar do mundo a oração, o jejum, a esmola, a castidade, a penitencia, os suffragios, os sacramentos. «Assim estes e outros homens» prégaram contra o que Christo prégou, escreveram contra o que Christo escreveu; formando novas tentações contra o mesmo Christo das mesmas escripturas com que elle se defendeu: para que se veja quanto se adeantaram nas artes de tentar e quanto atraz deixaram ao mesmo demonio.

O demonio tenta como sabio, e os homens como nescios.

O demonio vendo na primeira tentação que Christo se defendia com a Escriptura, para o tentar pelos mesmos fios, allegou na segunda tentação outra escriptura. Mas o que é muito para admirar, e ainda para reverenciar, foi que nem contra o primeiro, nem contra o segundo, nem contra o terceiro texto

allegado por Christo arguisse nem instasse o demonio uma só palavra. O demonio é mais lettrado, mais theologo, mais philosopho, mais agudo e mais subtil que todos os homens. Pois se os homens, e tantos homens, teem arguido tanto e por tantos modos contra umas e outras escripturas de Christo, antes se atreveram a lhe fazer guerra com ellas, voltando as mesmas escripturas contra o mesmo Christo, e interpretando-as não só em sentido falso, mas totalmente contrario; porque não fez tambem isto o demonio? Porque era demonio e não homem. Porque era demonio, tentou como sabio; porque não era homem, não tentou como nescio e impudente. Tentar, e arguir, e teimar contra a verdade conhecida das Escripturas não é insolencia que se ache na maldade do demonio; na do homem sim. Ao menos eu, se houvera de escolher tentador, antes havia de querer ser tentado pelo demonio, que pelos homens. «Não vedes que com maior difficuldade arredou Christo a tentação dos homens, que a do demonio?» *Digito scribebat in terra. Cum perseverarent interrogantes eum.*

Devemo-nos guardar das tentações uns dos outros. Nas côrtes tentam mais os homens que os demonios.

VI. Supposto isto, senhores, supposto que os homens são maiores e peiores tentadores que o demonio, que havemos de fazer? Se eu prégara no deserto a anachoretas, dir-lhes-ia que se guardassem «das tentações do demonio»; mas como prégo no povoado e a cortezãos, digo-vos que vos guardeis «das tentações» uns dos outros. O demonio, «ao que parece», já não tenta no povoado, porque os homens lhe tomaram o officio, e o fazem muito melhor que elle. Christo (como, pouco ha, diziamos) quiz ser tentado do demonio e foi-o buscar ao deserto. Senhor, se quereis ser tentado do demonio, porque o não ides buscar á cidade, á côrte? Porque nas cidades e nas côrtes já não ha demonios. E não se sairam por força de exorcismos, senão porque o seu talento não tem exercicio. Se á côrte veem alguns artifices extrangeiros mais insignes e de obra mais prima, os officiaes da terra ficam á pá, vão-se fazer lavradores. Assim lhe aconteceu ao demonio. Elle era o que tinha por officio ser tentador; mas como sobrevieram os homens, mais industriosos, mais astutos, mais subtís e mais primos na arte, ficou o demonio ocioso: se tenta por si mesmo, é lá a um ermitão solitario, onde não ha homens; por isso se anda pelos desertos, onde Christo o foi buscar. Não digo que vos não guardeis «das tentações» do demonio, que alguma vez dará cá um salto: o que vos digo é, que vos guardeis muito mais «das» dos homens; e vêde se tenho razão.

S. Basilio de Seleucia a respeito de Saul.

Depois que a inveja entrou na alma de Saul (indigna mancha de um rei), entrou-lhe tambem o demonio no corpo. Fôra

causa da inveja a funda de David; e não havia outro remedio contra aquelle demonio, senão a sua harpa. Vinha David, tocava a harpa em presença de Saul, e deixava-o o demonio. Fel-o assim uma vez; e depois que o demonio se saiu, deita mão Saul a uma lança, e fez tiro a David (diz o texto) para o pregar com ella a uma parede. Que um rei commettesse tal excesso de ingratidão contra um vassallo, a quem devia a honra e a corôa, não me admira. Assim se pagam os serviços que são maiores que todo o premio. O que me admirou sempre, e o que pondera muito S. Basilio de Seleucia, é que não tentasse Saul esta aleivosia em quanto tinha o demonio no corpo, senão depois que saiu d'elle. Quando Saul tem o demonio no corpo, modera a inveja, o odio, a furia; e depois que o demonio o deixa, agora commette uma traição e uma aleivosia tão enorme? Sim: agora. Porque agora está Saul em si; d'antes estava o demonio n'elle; d'antes obrava como endemoninhado; agora «tenta» como homem. Se Saul intentara esta infame acção em quanto estava possuido do demonio, haviamos de dizer que obrava o demonio n'elle: mas quiz a Providencia do céu que o não fizesse Saul senão depois que esteve livre, para que soubessemos que «n'esta tentação» obrava como homem, e nos guardassemos dos homens mais ainda que do demonio. *O novum injuriumque facinus!* (exclama Basilio) *Daemon pellitur, et daemone liberatus arma capiebat. Daemon vincebatur, et hominis mores plus sumebant audaciae.* Era peior Saul livre do demonio, que possuido d'elle; porque possuido, obrava pelos impulsos do demonio; livre, obrava pelos seus, pelos de homem «tentador e malvado:» *et hominis mores plus sumebant audaciae.* «Parece» que o demonio, vendo tão feiamente inclinado a Saul, se saiu fóra, envergonhando-se que podesse o mundo cuidar que aquella tentação era sua. Oh que bem lhe estivera ao mundo, que entrasse o demonio em alguns homens, para que fossem menos máus e menos tentadores! Compadeço-me de David, honrado, valoroso, fiel; mas enganado com o seu amor e com o seu principe. Se não sabes, ó David, a quem serves, vê ao teu rei no espelho da tua harpa: emmudece-a, destempera-lhe as cordas, faze-a em pedaços. Em quanto Saul estiver endemoninhado, estarás seguro; se tornar em si, olha por ti. Não é Saul homem que queira juncto a si tamanho homem.

Não só os inimigos, mas tambem os amigos tentam.

Bem provado cuido que está com o horror d'este exemplo, que nos devemos guardar e recatar «das tentações» dos homens mais ainda que «das do demonio.» Mas vejo que me dizeis que Saul era inimigo capitalissimo de David; e que dos ho-

mens que são inimigos bem é que nos guardemos com toda a cautela; porém dos amigos parece que não. São elles homens? Pois ainda que sejam amigos, vos «pódem tentar» e de mais perto; e se vos tentarem, crede-me, hão de fazer e poder mais que o demonio para vos derrubar.

Como Job foi tentado por seus amigos. *Job* 1.

Nunca o demonio teve mais ampla jurisdicção para tentar com todas suas artes e com todo seu poder, que quando tentou a Job. Tentou-o na fazenda, tirando-lh'a toda em um momento; tentou-o nos filhos, matando-lh'os todos de um golpe; tentou-o na propria carne, cobrindo-a de lepra e cancer, e fazendo-o todo uma chaga viva. E que fez ou que disse Job? *Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum.* Paciencia, humildade, resignação na vontade divina, graças e mais graças a Deus; dando testimunho a mesma Escriptura que em todas estas tentações não lhe pôde tirar da bocca o demonio uma palavra que não fosse de um animo muito constante, muito recto, muito pio, muito timorato, muito sancto: *In omnibus his non peccavit Job labiis suis, neque stultum quid locutus est contra Deum.* N'este estado de tanta miseria e de tanta virtude, vieram os amigos de Job a visital-o e consolal-o. Eram estes amigos tres, todos principes, todos sabios e que todos professavam estreita amizade com Job.

A sua paciencia não se abalou pelas tentações do demonio e pelas dos amigos sim. (*Vide Calmet in h. l.*)

Ao principio estiveram mudos por espaço de septe dias; depois fallaram e fallaram muito. E que lhe succedeu a Job com estes amigos? O que não pôde o demonio com todas as suas tentações. «Parece incrivel; mas é testimunho authentico da mesma Escriptura.» Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade, e até «o respeito devido a Deus» lhe fizeram perder. Porque se pozeram a altercar contra elle, e o arguiram, e o calumniaram, e o apertaram de tal sorte, que deixou Job de ser Job. Não só amaldiçoou a sua vida e a sua fortuna; mas ainda em respeito da Justiça e da Providencia divina disse cousas muito indignas da sabedoria e muito alheias da piedade de um homem sancto, pelas quaes foi asperamente reprehendido de Deus. O mesmo Job as confessou depois, e se arrependeu e fez penitencia d'ellas coberto de cinza: *Insipienter locutus sum; idcirco ipse me reprehendo, et ago poenitentiam in favilla et cinere.* Eis aqui quão pouco lustroso saiu das mãos dos homens o espelho da paciencia, tendo saido das tentações dos demonios vencedor, glorioso, triumphante. O demonio era demonio e inimigo: os homens eram amigos, mas homens; e bastou que fossem homens, para que tentassem mais fortemente a Job que o mesmo demonio. As tentações do demonio foram para elle corôa, e as

consolações dos amigos não só tentação, mas «caida.» E se isto fazem os amigos sabios e zelosos da honra de Deus e da alma de seu amigo (como aquelles eram), quando o veem consolar em seus trabalhos; que farão amigos perdidos e loucos, que só se buscam a si e não a vós, que estimam mais a vossa fortuna que a vossa alma, e que fazem d'ella tão pouco caso como da sua?

As tentações de concupiscencia devem-se temer muito mais que as da ira.

«Accresce que os amigos de Job tiveram este poder contra elle em tentações de ira, mas quanto mais facil é que vos derrubem os vossos nas da concupiscencia! Diga-o ás mulheres Thamar, infeliz irmã de Salomão, vituperada com a maior infamia por um homem que lhe devia o maior respeito e pouco antes lh'o protestava. Diga-o aos homens o mesmo Salomão já velho e mais infeliz que sua irmã, porque se despenhou na idolatria impellido por mulheres que lhe professavam amor e acatamento. E Adão a quem o demonio não se atreveu a tentar, porque não esperava vencer, tentado e vencido por Eva, não caíu, arrastando na sua ruina todo o genero humano? Tal foi o fructo da primeira amizade, que houve no mundo, amizade tão sancta que tinha raizes na justiça original; para que saibamos inferir que fructo se deve esperar das outras que estão arraigadas na concupiscencia desordenada. Emfim é cousa tão usual que a amizade dos filhos de Adão acabe como a de seu pae, que, por muito experimentado, já ninguem o ignora, e por muito commum, ninguem o extranha; havendo-se por grande milagre da graça do Redemptor poderem-se amar os homens sem ser uns aos outros laço de tentação e pedra de escandalo.

N'estas tentações é perigosa até a victoria. Exemplos de Susanna e José, filho de Jacob.

E ainda quando por este milagre vence alguem as tentações dos que lhe professam amizade, que penosas não são muitas vezes as consequencias da victoria! Vêdes em Babylonia aquella matrona que banhada em pranto é levada ao mesmo supplicio e pela mesma accusação que a peccadora do nosso evangelho? Pois essa é Susanna, espelho de fidelidade conjugal; e seus falsos accusadores são dous anciãos que ainda ha pouco a tentavam com protestações do mais extremoso affecto. Ainda bem, que um menino propheta faz conhecer a innocencia da calumniada e virar as pedras contra os calumniadores! Mas bem claro tendes o perigo que se corre até vencendo as tentações dos que vos admiram e talvez adoram. E aquelle mancebo que está gemendo nas prisões do Egypto entre dous criminosos, d'onde em breve a Providencia o tirará para sentar-se ao lado de Pharaó, não o conheceis? Pois esse é José, que não quiz satisfazer aos peccaminosos desejos da mulher de seu senhor, a qual

tambem lhe protestava extremos da mais sincera benevolencia; mas logo com requintes de aleivosa lhe assacou deante do marido a sua mesma tentação. Dizei lá que as tentações dos homens, quaesquer que sejam, não são peiores que as do demonio. O demonio vencido, foge: os homens vencidos não só vos não deixam, mas teem ainda traças para provar que vós os tentastes e que elles sairam vencedores.

O maior tentador do homem é para cada um o seu appetite.

Ha mais tentações de homens? Ha entre elles mais algum tentador» de que nos devamos guardar? Sim: o maior tentador de todos. E quem é este? Cada um de si mesmo. «O tentador» de quem mais nos devemos guardar é eu de mim e vós de vós: *Unusquisque tentatur a concupiscentia sua abstractus et illectus.* Sabeis (diz Sanctiago apostolo) quem vos tenta? Sabeis quem vos faz cair? Vós a vós: cada um a si: *Unusquisque tentatur.* Nós, como filhos de Eva, tudo é dizer *Serpens decepit me:* tentou-me o diabo, enganou-me o diabo; e vós sois o que vos tentais e vos enganais, porque quereis enganar-vos. O vosso diabo é o vosso appetite, a vossa vaidade, a vossa ambição, o vosso esquecimento de Deus, do inferno, do céu, da alma. Guardae-vos de vós, se vos quereis guardado. Sois homem? guardae-vos d'esse homem: guardae-vos do seu intendimento, que vos ha de enganar; guardae-vos da sua vontade, que vos ha de trair; guardae-vos dos seus olhos e dos seus ouvidos e de todos os seus sentidos, que vos hão de entregar. Guardou-se David de Saul; e caiu, porque se não guardou de David. Guardou-se Samsão dos philisteus; e perdeu-se, porque se não guardou de Samsão. Guarde-se David de David; guarde-se Samsão de Samsão; guarde-se cada um de si mesmo. De todos os homens nos havemos de guardar, porque todos tentam: mas d'este homem mais que de todos, porque é o maior tentador. Por isso dizia Sancto Agostinho, como sancto, como douto e como experimentado: *Liberet te Deus a te ipso:* livre-te Deus de ti. Christo livrou-se hoje dos homens que o tentaram: mas elles não se livraram de si; porque quando vieram a tentar, já vinham tentados; quando vieram a derribar, já vinham caidos. Para si e para Christo homens; e por isso contra si e contra Christo tentadores: *Tentantes eum.*

Jacob 1.

Emfim só com Christo podemos tractar com toda a confiança.

VII. Ninguem me póde negar que é muito verdadeira e muito certa esta doutrina: mas parece que eu tambem não posso negar que é muito triste e mui desconsolada. O homem é animal sociavel; n'isso nos distinguimos dos brutos; e parece cousa dura que havendo necessariamente um homem de tractar com homens se haja de guardar «das tentações de todos.» Não haverá um homem, com quem outro homem possa tractar sem te-

mor, sem cautela e sem se guardar d'elle? Sim, ha. E que homem é este? Aquelle Homem a quem hoje vieram tentar os homens; aquelle Homem que é junctamente Deus e Homem; aquelle Homem em quem só achou refugio e remedio aquella miseravel mulher, de quem se não se compadeceram e a quem accusavam os homens.

Observação de Sancto Agostinho n'este logar do Evangelho.

Arguiu subtilissimamente Sancto Agostinho que esta mulher, depois que se viu livre de seus accusadores, parece que devia fugir de Christo. A razão é manifesta; porque Christo tinha dicto na sua sentença que quem não tivesse peccado lhe atirasse as pedras, logo só de Christo se podia temer; porque só Christo não tinha peccado. Mas porque só elle não tinha peccado, por isso mesmo se não temeu de tal Homem; e por isso só d'aquelle Homem e n'aquelle Homem se devia fiar e confiar. Primeiramente Christo na sua sentença já se tinha exceptuado a si: *Qui sine peccato est vestrum:* quem de vós não tem peccado, esse atire as pedras. Não disse *quem* absolutamente, senão *quem de vós* para se exceptuar a si, que é a excepção de todos os homens. E o mesmo não haver em Christo peccado era a maior segurança da peccadora.

Christo é misericordioso e sem peccado, por isso se compadeceu d'aquella mulher. Texto notavel de S. Paulo. *Hebr.* 5.

Duas condições concorriam em Christo n'este caso para se compadecer e usar de misericordia com aquella pobre mulher. A primeira e universal o ser isento de peccado; verificando-se só n'elle o *Qui sine peccato est*. A segunda e particular o estar n'aquella occasião tentado pelos homens: *Tentantes eum*. Como tentado não podia deixar de se compadecer: como isento de peccado não podia deixar de perdoar. A tentação o fazia compassivo, e a isenção de peccado misericordioso. Tudo disse admiravelmente S. Paulo fallando de Christo: *Non enim habemus pontificem qui non possit compati infirmitatibus nostris, tentatum per omnia pro similitudine absque peccato. Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiae, ut misericordiam consequamur*. Notae todas as palavras e particularmente aquellas, *tentatum*, e *absque peccato*. Como tentado não podia deixar de se compadecer: *Qui non possit compati:* como isento de peccado não podia deixar de ser misericordioso: *Adeamus ergo cum fiducia ut misericordiam consequanur*. Na verdade n'este *ergo* de S. Paulo esteve toda a confiança da delinquente; e por isso não quiz fugir. Como se interpretara a sentença de Christo e dissera: Se só me ha de atirar as pedras quem não tem peccado; ninguem m'as ha de atirar. Os phariseus que teem peccado, não; porque teem peccado. Christo que não tem peccado, tambem não; porque o não tem: quem não tem peccado não atira pedras.

Palavras com que Christo a absolveu.

Assim foi e assim lh'o disse Christo: *Nemo te condemnavit,*

mulier? Neque ego te condemnabo: se ninguem te condemnou, nem eu te condemnarei. Elles não te condemnaram, porque tinham peccado: eu não te condemnarei, porque o não tenho. Eis aqui porque este Homem é tão differente dos outros homens. Os homens que tinham peccados, tentavam, accusavam, perseguiam: o Homem que não tinha peccado, accusou, defendeu, compadeceu-se, perdoou, livrou; e de tal modo condemnou o peccado, que absolveu a peccadora: *Vade et noli amplius peccare.*

Conclusão. Christo se fez homem para que tivessemos um verdadeiro amigo de quem nos podessemos fiar.

Senhores meus, conclusão. Pois que os homens são peiores tentadores que o demonio, guardemo-nos dos homens; e pois que entre todos os homens não ha outro homem de quem seguramente nos possamos fiar senão este Homem que junctamente é Deus; tractemos só d'Elle e tractemos muito familiarmente com Elle. Toda a fortuna d'aquella tão desgraçada creatura esteve em a trazerem deante do «Homem-Deus»; e a primeira mercê que lhe fez foi livral-a dos homens «tentadores.» Porque cuidais que Deus se fez homem? Não só para remir os homens, senão para que tivessem um Homem de quem se podessem fiar, a quem podessem accudir e com quem podessem tractar sem receio, sem cautela, com segurança. Só n'este Homem-Deus se acha a verdadeira amizade, só n'este Homem-Deus se acha o verdadeiro remedio; e nós a buscar homens, a comprar homens, a pôr confiança em homens! *Maledictus homo qui confidit in homine:* maldicto o homem que confia em homem; e bemdicto o homem que confia «no Homem Deus» e só «n'Elle», e muito só por só com «Elle» tracta do que lhe convem. Levae este poncto para casa, e não quero outro fructo do sermão.

Jerem. 17.

A mulher ficando só por só com Christo remediou o passado e mais o futuro.

Depois que se apartaram aquelles máus homens, diz o evangelista que ficou só Christo e deante d'elle a venturosa peccadora: *Remansit Jesus solus et mulier in medio stans.* Esta foi a maior ventura d'aquella alma e esta a melhor hora d'aquelle dia: aquelle breve tempo em que esteve só por só com Christo. N'este breve tempo remediou o passado e mais o futuro: o passado, *Neque ego te condemnabo;* o futuro, *Noli amplius peccare.* Já que os homens nos levam tanta parte do dia, tomemos todos os dias, sequer, um breve espaço em que a nossa alma se recolha com Deus e comsigo, e esteja só por só com Christo. Oh se o fizermos assim, quão verdadeiramente nos converteramos a elle!

O mesmo aconteceu á Samaritana. Consolação de Christo n'aquella conversão.

Chegado Christo á fonte de Sichar mandou todos os apostolos que fossem á cidade buscar de comer, porque era (diz o evangelista) a hora do meio dia. Veio n'este tempo a Samari-

tana, converteu-a o Senhor; e tornando os apostolos e pondo-lhe deante o que traziam, não quiz comer. Duas grandes duvidas tem este logar. Primeira, porque mandou Christo á cidade os apostolos todos, sendo que para trazer de comer bastava um ou dous? Segunda, se os mandou buscar de comer, e o traziam e lh'o offereceram, e era meio dia, porque não comeu? Primeiramente não comeu, porque «outra pessoa lhe tinha trazido um comer que elles não sabiam.» Assim o suspeitaram os discipulos, dizendo entre si: *Nunquid aliquis attulit ei manducare?* Mas não intenderam que quem lhe tinha trazido de comer era a mesma Samaritana. Aquella alma convertida foi para Christo não só a mais regalada iguaria; mas o melhor e o mais esplendido banquete que lhe podia dar o céu, quanto mais a terra. Tal foi o que tambem hoje lhe deu na conversão d'esta peccadora. Notae. Quando Christo venceu no deserto as tentações do demonio, banqueteou o céu a Christo vencedor com iguarias da terra; porém hoje, como as tentações foram maiores e maiores os tentadores e a victoria maior, foi tambem maior e melhor o banquete. Lá a Christo vencedor das tentações do demonio serviram-no os anjos com manjares do corpo, e a Christo vencedor das tentações dos homens banqueteou-o a convertida com a sua alma, que é para Christo o prato mais regalado e aquelle que só lhe podem dar os homens e não os anjos. Esta foi a razão, porque o Senhor disse que tinha ainda «para comer um manjar que elles não sabiam:» *Ego cibum habeo manducare, quem vos nescitis.*

Tambem a esta peccadora foi necessario tractar só por só com Christo. A solidão necessaria para se converter e reformar.

E a razão, porque mandou ir á cidade não parte dos apostolos senão todos, foi porque havia de converter alli a Samaritana; e para uma alma se converter verdadeiramente a Christo é necessario que estejam muito a solas, Christo só por só com a alma, a alma só por só com Christo: *Remansit Jesus solus et mulier in medio stans.* Jesus e alma sós: esta é a solidão que Deus quer para fallar ás almas e ao coração: *Ducam eam in solitudinem; et loquar ad cor ejus:* não é a solidão dos ermos e dos desertos; é a solidão em que a alma está só por só com Jesus. N'esta solidão só por só lhe falla; n'esta solidão só por só o ouve: n'esta solidão só por só lhe representa as suas miserias e lhe pede e alcança o remedio d'ellas; e ainda sem o pedir, o alcança só com o silencio e conhecimento humilde de suas culpas, como aconteceu a esta solitaria peccadora.

Como a podemos e devemos procurar cada dia.

Façamol-o assim, christãos, por amor de Christo que tanto o deseja e por amor de nossas almas, que tão arriscadas andam e tão esquecidas de si. Não digo que deixeis o mundo e que vos vades metter em um deserto: só digo que façais o deserto

dentro no mesmo mundo e dentro de vós mesmos, tomando cada dia algum espaço de solidão só por só com Christo; e vereis quanto vos aproveita. Alli se lembra um homem de Deus e de si: alli se faz rezenha dos peccados e da vida passada: alli se delibera e se compõi a futura: alli se contam os annos que não hão de tornar: alli se mede a eternidade que ha de durar para sempre: alli diz Christo á alma efficazmente e a alma a si mesma um *Nunca mais*, muito firme e muito resoluto: *Noli amplius peccare:* alli emfim se segura aquella tão duvidosa sentença do ultimo juiz: *Neque ego te condemnabo:* nem eu te condemnarei. Esta é a absolução das absolvições: esta é a indulgencia das indulgencias, e esta a graça das graças, sem a qual é infallivel o inferno e com a qual é certa a gloria.

(Ed. ant. tom. 1.º col. 759, ed. mod. tom. 2.º pag. 261.)

I. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL

Este sermão prégou o auctor no anno de 1655, na occasião em que tendo feito a primeira retirada da côrte para o Maranhão, dispunha a segunda que tambem executou.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Prégando Vieira na côrte, á primeira vista causa estranheza que fizesse um sermão tão largo e tão eloquente sobre os beneficios do retiro e vida religiosa. A este reparo responde elle cabalmente no ultimo numero. Mas ha tambem outra razão que elle não produz, e todos a deviam intender. Porque, andando já para despedir-se da côrte, quiz mostrar a el-rei D. João IV que o não queria deixar partir, até onde chegavam as suas saudades do retiro e quietação da vida religiosa, e quão resoluto estava para vencer todas as difficuldades, que podessem impedir-lhe a retirada.

Fugit iterum in montem ipse solus.
S. JOAN. 6

Nosso Senhor foge só para o monte depois de fartar com cinco pães a cinco mil pessoas.

Não foge uma só vez quem foge de coração. Já o evangelista S. João tinha dicto que o Senhor e Salvador dos homens fugira dos mesmos homens uma vez; e agora nos diz que fugiu outra: *Fugit iterum*. Quando Herodes quiz matar a Christo para que não fosse rei, fugiu para o Egypto; agora que o querem fazer rei foge para o monte: *In montem*. Os amigos e os inimigos todos por seu modo perseguem; e quem conhece que o amor de uns e o odio de outros tudo é perseguição, foge de todos. Não só fugiu o Senhor hoje das turbas que o seguiam; mas tambem dos mesmos discipulos que o acompanhavam; e por isso fugiu só: *Ipse solus*.

Vantagens d'este retiro para elle e os discipulos.

Os apostolos recolheram das sobras do banquete doze alcofas, uma para cada um; e parece que haviam de ser treze, para

que ao obrador do milagre coubesse tambem a sua. Comtudo muito mais recolheu do banquete o Mestre que os discipulos. Elles recolheram o pão, elle recolheu «a opportunidade de fugir dos homens e retirar-se a um monte a tractar com Deus». Oh se o mundo conhecera quanto se tira de um «tal fugir; e quanto colhe quem assim se accolhe! O evangelista «S. Marcos» diz que os discipulos não intenderam o milagre dos pães: *Non enim intellexerunt de panibus*; e «não é menos difficultoso de intender o retiro de Christo que o milagre. Se depois, muitos de seus discipulos ouvindo fallar do pão eucharistico, escandalizados por não terem intendido o milagre dos pães, tornaram atraz e o deixaram; que fariam quando o mesmo Senhor os deixou a elles para se recolher ao monte? Quanto maior escandalo não tomariam do seu retiro? Assim o podia temer a prudencia humana; mas foi tanto pelo contrario, que precisamente n'aquelle tempo estiveram por affecto mais unidos com elle. Tão necessario é o fugir dos homens para tractar com Deus, e tão proveitoso não só para quem foge, senão tambem para os mesmos de quem se foge! Mas quem intende esta verdade?»

Marc. 6.

Não é fóra de logar prégar na côrte as vantagens da solidão.

Ora eu que n'este logar fiz antigamente alguns sermões de côrte, quizera fazer hoje um sermão de deserto, «explicando aos cortezãos os bens que logram os solitarios». Bem creio que será prégar em deserto; mas será prégar. Vós, Senhor, que tentado do demonio o vencestes em um deserto e applaudido dos homens fugistes d'elles para outro, sêde servido de me assistir n'este assumpto «pelos merecimentos da» vossa mesma soledade, para que haja quem queira fugir de si para vós; e n'esse monte, onde estais tão só, viver só por só comvosco.

Este retiro de Christo foi como a sobremesa do seu banquete.

II. *Fugit iterum in montem ipse solus.* Não é cousa nova em Christo Mestre divino e Senhor nosso depois de dar o mantimento ao corpo dar tambem o seu á alma. Assim o fez na mesa do phariseu, assim nas bodas de Caná, assim quando foi hospede de Martha; e sobre tudo na ultima ceia, em que ensinou e revelou aos discipulos os mysterios mais altos da sua divindade. A sobremesa pois do famoso banquete de hoje qual cuidamos que seria? Foi o exemplo com que o Senhor fugiu dos mesmos que lhe queriam dar o que elle não queria, nem havia mister; e a doutrina não de palavra, mas de obra com que se foi metter só comsigo na soledade de um monte: *Fugit in montem ipse solus.* Deixar o povoado pelo deserto, trocar as cidades pelos montes, fugir do tracto e frequencia das gentes para viver com Deus e comsigo; grande poncto de doutrina em Christo e grande resolução de prudencia em quem o imitar.

Bem sei que dizem os defensores das côrtes, ou os enfeitiçados d'ellas, que tambem se pode ser ermitão em Mexico, como respondeu em nossos dias um varão de mui celebrado espirito, a quem se queria retirar d'aquella grande cidade e lhe pedia conselho. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os infermos. Bem sei que dizem (e por modo de affronta) que o fugir é fraqueza. Como se quem foge se quizera acreditar de valente; e como se não fôra valor quebrar as cadeias de que tantos se não desatam! Catão com Cesar e Pompeo á vista dizia: Sei de quem devo fugir, mas não sei para onde. E quem sabe e tem para onde, porque se envergonhará de que lhe chamem fraco? Dizem que a natureza fez ao homem animal sociavel, e que trocar a sociedade e communicação dos homens pela solidão dos desertos é querer accusar ou emendar a natureza e como arrepender-se de ser racional. «Como se fôra um» crime emendar a natureza quando ella está tão corrupta, «e fôra um arrependimento de ser racional apartar-se dos homens para mais se chegar a Deus e trocar a sociedade e communicação dos homens pela sociedade e communicação de Deus»! Dizem «tambem» que deixar a côrte, o serviço dos principes e a benevolencia e a graça dos amigos é falta de juizo e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lh'o ouvi dizer. Mas a esta censura, que mais pertence aos medicos que aos theologos, responderá Hippocrates.

Varias replicas ao documento do retiro. Dicto de Greg. Lopes.

Democrito, aquelle famoso philosopho que de tudo se ria e fez chorar a Alexandre Magno por dizer que havia mais mundos, cançado de zombar dos despropositos d'este que tão mal conhecemos, deixou a patria e todo o povoado e foi-se metter em um deserto. Correu logo fama que Democrito endoudecera; e compadecidos os seus naturaes, que eram os abderitas, mandaram rogar por uma embaixada a Hippocrates, que pelo amor que tinha e honra que fazia ás sciencias, se dignasse de querer ir curar um sujeito tão notavel e tão benemerito d'ellas. E que vos parece que responderia Hippocrates? Respondeu, como refere Laercio, que se a infermidade fosse outra, elle iria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes e ir-se viver nos desertos, o que elles reputavam por doudice, mais era para invejar que para curar: porque nunca Democrito estivera mais sisudo nem tivera o juizo mais são, que quando fugia dos homens.

Auctoridade de Hippocrates.

Isto é o que faziam e isto é o que ensinavam os philosophos (já que começamos por elles), e a razão ou razões que para isso tiveram dá em varios logares Seneca, mais venturoso se os imitara. «São ellas tres; e porque mostram com a maior eviden-

Seneca dá tres razões. A primeira, o tractar com os homens nos torna mais viciosos

cia, que basta o lume da razão natural para conhecer as vantagens da soledade, dae-me licença que as refira com alguma extensão.» Escreve a seu amigo e discipulo Lucilio o qual lhe tinha perguntado, de que se havia de guardar para viver quieta e felizmente; e o primeiro documento que lhe dá é que fuja da multidão e frequencia da gente: *Quid tibi vitandum maxime existimem, quaeris? Turbam.* Oh quanto resumiu o grande philosopho em uma só palavra! E a razão é, diz elle, porque o tracto e conversação dos homens é uma especie de contagio, com que sem querer nem sentir, nos pegamos uns a outros cada um a sua doença; e assim como nos maiores logares se accende mais a peste, assim nas cidades mais populosas é maior o perigo. Já eu d'aqui podera inferir que, assim como no tempo da peste deixam os que podem as cidades e se retiram aos campos, assim é prudente cautela em qualquer tempo, pois todo é de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso philosopho e a bandeira da saude que elle nos levantou. Prova Seneca o seu documento e allega a Lucilio um exemplo não alheio senão domestico e experimentado em si mesmo. Confesso-te (diz o estoico) a minha fraqueza. Nunca saí a tractar com os homens, que não tornasse peior do que fui. Sempre se me descompoz alguma das paixões que já tinha composto; e sempre tornei a trazer commigo algum dos vicios que já tinha desterrado. Cuidarás por ventura que te hei de dizer que torno só mais avarento, mais ambicioso, mais incontinente? Pois sabe (o que não imaginas) que tambem torno mais cruel e mais deshumano, só porque estive entre homens: *Imo vero et crudelior et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Não se podera mais altamente encarecer o perigo de tractar com homens! Se dissera que nos pegavam outros achaques, miseria é de seculo tão infermo: mas pegarem os homens deshumanidade? As feras com o tracto do homem não se humanam? Assim é, ou assim era: mas tem degenerado tanto a natureza humana de seu proprio ser, que em logar de se tirar humanidade do tracto com os homens, o que se bebe d'estas fontes é deshumanidade. Ereis humano antes de tractar com elles; depois que os tractastes, sem o sentir nem saber como, achais-vos deshumano: *Inhumanior quoniam inter homines fui.* Já se não contentam os homens com fazer deshumanidades; mas chegam a fazer deshumanos, que é muito peior. Fazer deshumanidades é ser cruel, fazer deshumanos é não ser homem; antes ser o contrario de homem. Se vissemos que o sol, devendo allumiar, escurecia, e que o fogo, devendo aquentar, esfriava, e que um homem em logar de gerar homens, gerava tigres e serpentes,

Epist. 7.

não seria uma horrenda monstruosidade? Pois isso é o que fazem os homens. Não só teem deshumanado a sua, mas deshumanam a humanidade d'aquelles que os tractam. Vêde se é prudencia fugir dos homens quem quizer conservar o ser homem.

A segunda, porque é difficil resistir á multidão.

A segunda razão que dá Seneca para isto, é serem muitos aquelles de que se deve fugir. Nas facções ou parcialidades é muito natural seguir o partido dos mais: *Facile transitur ad plures*. E como a multidão dos homens toda propende para os vicios, que virtude haverá tão forte que possa resistir ao impeto e torrente de tantos? Até Socrates, até Catão, até Lelio, que entre gregos e romanos foram os athlantes da virtude, se não poderiam («argumenta o estoico») sustentar firmes contra o peso e bateria dos vicios, acompanhados de tão numeroso exercito. E se estes, perdidas as côres da propria vida e costumes, se revestiriam das contrarias, posto que tão dissimilhantes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza de nossa imperfeição e só temos o estudo de a enfeitar? Forçados pois da violencia do exemplo commum e quasi necessitados entre os homens a ser como elles, que remedio pode haver em partido tão desegual senão fugir? Assim o resolve o mesmo Seneca com um argumento muito do seu ingenho. Sendo esta a condição dos que enchem o mundo e por ventura tambem a dos que o mandam, que pode fazer um homem entre taes homens? Ou os ha de imitar, sendo taes, ou os ha de abhorrecer, porque são taes; e na duvida de os imitar ou abhorrecer, nem a imitação nem o odio lhe pode estar bem: porque para imitados são máus e para inimigos são muitos: *Vel similis malis, vel inimicus multis*. Logo o que convem é fugir; e queira Deus que baste.

A terceira, porque seremos perseguidos da inveja.

A terceira razão e que no mesmo Seneca tinha grande logar, e o pode ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do numero dos muitos e por fazer alguma obra notavel, a qual me servisse de dote para o credito e estimação do mundo. E que tirei d'este meu trabalho? O que tirei foi provocar contra mim e expôr o peito ás lanças e dar materia á malevolencia em que empregasse os dentes e tivesse que morder; e porque? Dá a razão apontando-a com o dedo. Vês tu estes que louvam a eloquencia, que seguem a cubiça, que adulam a graça, que adoram a potencia? Pois sabe que todos ou são inimigos ou o podem ser, que vale o mesmo. Quão grande é o povo dos que te admiram, tão grande é o numero dos que te invejam. A admiração estará por algum tempo suspensa e muda, como costuma: mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina; e o que foram applausos serão estragos.

Antes nos tenham inveja que compaixão, sentença foi nascida na gentilidade, que depois fez christã S. Gregorio Nazianzeno. Mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experiencia «até onde pode chegar a inveja»; porque a de seus emulos o perseguiu de tal modo (ou tão sem modo) que, obrigado a se lançar ao mar como Jonas, a mesma inveja lhe veio a ter compaixão. Em quanto ella não chega a se despicar assim, não descança. Por isso Seneca conclúi, que arrependido do primeiro instituto da sua vida e de se ter mostrado ao mundo, tomára por ultimo conselho recolher-se comsigo dentro em si mesmo, e cultivar a propria alma com taes exercicios que elle só os podesse sentir e nenhum homem os podesse vêr.

Saber viver só comsigo é argumento de sabedoria.

Estas, «senhores», foram as razões, por que se retiravam aos desertos e fugiam da communicação dos homens aquelles grandes philosophos: um dos quaes, perguntado que fructo tinha colhido de todos seus estudos, respondeu: Saber viver só commigo. O primeiro argumento não de se ter alienado o juizo, como ao principio se dizia, mas de estar muito em seu logar e bem composto, é saber um homem morar comsigo: *Secum morari:* assim o disse o mesmo Seneca. Mas passemos da philosophia á christandade, e dos documentos da razão sem fé aos da fé e razão, que são os dos sanctos.

Documentos de christãos. Retiro de Arsenio mestre de Arcadio.

III. Arsenio, aquelle insigne varão em todos os estados, pedido pelo imperador Theodosio e nomeado pelo papa S. Damaso para mestre de Arcadio já declarado successor do imperio, era tão estimado do mesmo imperador que entrando úma vez a ouvir dar licção a seu filho e vendo que Arsenio estava em pé e Arcadio assentado, reprehendeu a ambos d'aquella que elles não tinham por indecencia; e mandou que d'alli por deante Arsenio ensinasse assentado e Arcadio ouvisse em pé e com a cabeça descoberta. Com este credito e favor de um tão grande monarcha e com o applauso de todo o paço e côrte, que por lisonja ou reverencia sempre seguem ou mostram seguir o affecto dos principes, vivia comtudo inquieto e descontente Arsenio, não se fiando nem do que era, nem do que lhe promettia aquella fortuna. Duvidoso pois da resolução que devia tomar, não pediu conselho aos amigos de maior auctoridade e mais fieis, nem menos se quiz aconselhar comsigo; mas recorrendo a Deus que só é o norte seguro nas bonanças ou tempestades de um mar tão incerto, ouviu uma voz do céu que lhe dizia: Arsenio foge dos homens e salvar-te-has. Com este aviso, que não era necessario ser em voz para se intender, sem pedir licença ao imperador (porque sabia que lh'a não havia de dar) se embarcou occultamente Arsenio de Constantinopla para o

Eygpto; e mettendo-se pelo mais interior do deserto, alli escolheu para perpetua morada uma cova; na qual, porque se soube enterrar em vida, tanto verificou o oraculo do céu em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens.

O seu exemplo é para todos.

Oh se tomassemos este aviso, como feito a todos, e se intendesse cada um que falla com elle! Quando Christo disse a Martha: *Mariam optimam partem elegit*: quando disse ao outro moço rico: *Vende quae habes et da pauperibus*: quando disse ao que tinha sarado na piscina: *Jam noli peccare;* as palavras eram dictas a um só, mas o documento fallava com todos. Tire cada um o nome de Arsenio e ponha no mesmo logar o seu; e desengane-se que no deserto e no povoado, quem de coração se quer salvar hade fugir dos homens. Assim o fez elle constantemente e vêde como.

Luc. 10.
Matth. 19.
Joan. 5.

Arsenio recusa visitas de grandes personagens.

Tanto que se soube que Arsenio era passado a Africa, informados do logar onde se tinha recolhido, vieram logo a visital-o Theophilo bispo de Alexandria e o presidente d'aquella real cidade; e como Arsenio os recebesse, não com as cortezias que tinha deixado no paço, mas com as que são proprias do deserto, modestia e silencio; rogaram-lhe os hospedes que os não quizesse despedir tão seccamente, e ao menos lhes dissesse algumas palavras de edificação, com que tornassem consolados. E que responderia Arsenio? Respondeu que assim o faria, se ambos tambem lhe promettessem de fazer o que elle lhes dissesse. Acceitaram facilmente a condição e o que disse Arsenio, como refere Metaphrastes, foram estas palavras: Se ouvirdes dizer onde está Arsenio, o que haveis de observar é que não torneis mais ao logar onde elle estiver. Este foi o sermão que fez áquelles tão auctorizados ouvintes, com o qual elles se partiram tão edificados, como compungidos; e como prudentes que eram e verdadeiros amigos que tinham sido de Arsenio, de tal sorte cumpriram o que tinham promettido e se conformaram com a sua resolução, que nem esperaram d'elle outra correspondencia, nem inquietaram mais o seu silencio.

Diz que não é possivel viver junctamente com os homens e mais com Deus.

Viviam no mesmo deserto, não junctos mas apartados cada um na sua cova ou choupana, outros anachoretas; e com estes fallava algumas vezes Arsenio ouvindo-os como a mestres da disciplina monacal e vida eremitica. E como um dos mais anciãos lhe perguntasse qual fôra o motivo d'aquella sua retirada tão extranha, a resposta que deu foi esta: Que o motivo que tivera para fugir do mundo, fôra ter experimentado no mesmo mundo, que viver junctamente com os homens e mais com Deus não é possivel. E declarando a razão d'esta impossibilidade, dizia que era, porque as vontades dos homens raramente se

ajustam com a vontade de Deus; e porque sendo a vontade de Deus uma só e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario são tantas tão diversas e tão encontradas, quantos são os mesmos homens e seus interesses e appetites; e porque ainda no mesmo homem não dura muito a mesma vontade por ser inconstante e varia. Assim provava e concluia a sua razão Arsenio; e d'esta demonstração infallivel se tira uma de tres conclusões egualmente certas: ou que os que cuidam que vivem com Deus e com os homens, se enganam: ou que os que vivem com Deus e com os homens, não vivem com Deus: ou que quem quizer viver com Deus, ha de deixar os homens.

Nem o mesmo Deus concorda as vontades humanas com a sua. Peccado de David.

Se o mesmo Deus não concorda as vontades dos homens com a sua, como poderá um homem, por mais que faça ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deus? De David disse Deus que tinha achado um homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David, virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* E com ser este homem singular entre todos os homens e este rei a excepção de todos os reis, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua propria morte em uma carta aleivosa, e quando no primeiro acto d'esta tragedia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar que o mesmo Urias o estava servindo na campanha com tanto valor e lealdade; haveria algum adulador tão sabio ou tão sem pejo que podesse concordar estas vontades com a de Deus? Mal podiam logo caber similhantes concordatas em um animo tão amigo da verdade, tão recto, tão inteiro e tão constante como o de Arsenio. As experiencias a que elle se referia, eram as de Roma e Constantinopla, as duas maiores côrtes do mundo; das quaes costumava dizer que os tres mais fortes inimigos que n'ellas lhe faziam guerra, um se chamava vêr, outro ouvir, outro fallar; e que de todos estes o livrara o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem falla. E em um mundo, onde se vêem tantas cousas que se não pódem vêr, e se ouvem as que se não pódem ouvir, e se fallam e são falladas as que se não pódem dizer, como póde viver um homem que não fôr cego, surdo, nem mudo, senão fugindo dos homens?

Act. 13.

Exemplo de Sancto Antão.

Assim o tinha já intendido quasi um seculo antes de Arsenio o primeiro fundador depois de Paulo e o segundo habitador d'aquelle mesmo deserto. Movido o imperador Constantino Magno da fama de Antonio, tambem por antonomasia o Magno (que só os grandes homens sabem estimar e não desconfiam de ter juncto a si os grandes), mandou-lhe rogar ao Egypto que se quizesse passar a Roma, porque o queria ter comsigo

e ajudar-se de seu conselho e exemplos. Porém o sancto anachoreta que estimava mais as faias e cyprestes de seu ermo que os palacios e torres da cabeça do mundo, dando as graças á majestade cesárea da mercê e honra que lhe desejava fazer, se escusou de a receber com os termos geraes de religião e modestia, como convinha ao retiro da sua profissão e humildade do seu estado. Esta foi a resposta publica. Mas em particular e privadamente aos seus deu Antonio outra razão de não acceitar, tão emphatica e discreta, que mais parece de algum politico da mesma Roma, que de um ermitão da Thebaida; e foi esta: Se eu fôr ao imperador, serei Antonio; se não fôr, serei Antonio o Abbade. Até nos desertos ha razão de estado. Pesou o grande varão na balança da propria conveniencia o que perdia com o que ganhava, e o que era com o que havia de ser; pesou a Antonio no paço com Antonio no deserto; e porque no paço *inventus est minus habens*, quiz antes ser no deserto Antonio abbade, que no paço só Antonio sem este sobrenome.

Cornelius in c. 3 Exod.

Mas dae-me licença, politico sancto; que nem como sancto, nem como politico, me parece bem fundada a vossa resolução. Se chamado do imperador não ides por não deixar de ser Antonio abbade, ide e sereis muito mais. Se não fordes Antonio abbade, sereis Antonio bispo, sereis Antonio arcebispo, sereis Antonio presidente, sereis Antonio conselheiro de estado, sobretudo sereis Antonio o valido, que sem nome é a maior dignidade e sem jurisdicção o maior poder: emfim sereis «juncto de» Constantino o que foi José «juncto de» Pharaó e o que foi Daniel «juncto de» Nabuco: elle terá o nome de imperador e vós o imperio da monarchia. E se acaso, como politico do deserto vos não movem estas ambições cá do mundo; ao menos, como sancto, deveis lançar mão de uma occasião de serviço e gloria de Deus, tão grande e tão opportuna, como o imperador e o tempo vos offerecem. Ainda Roma não está de todo sujeita a Christo: ainda no capitolio é invocado e adorado Jupiter: ainda o anno acaba e começa com as festas e duas caras de Jano: ainda no redondo pantheon se ouvem os nomes e se vêem em pé as estatuas de todos os falsos deuses. Se até agora servistes a Deus no deserto com o silencio, tempo é já de o servir tambem com a voz. Ide a Roma, prégae, confundi, convertei; e se o zelo de Constantino começa a edificar templos, acabe o vosso de derribar os idolos. Lembrae-vos que viu Esdras sair dos bosques um leão o qual só com o bramido de sua voz derribava uma aguia que tinha usurpado a potencia do mundo. E pois esta aguia é a romana, sêde vós o leão africano, que saindo

Não se deixou mover por motivos nem de honra nem de zelo.

Esdr. 4.

das brenhas d'esse deserto lhe tireis o sceptro das mãos e o passeis ás de Christo. Pois se Antonio tinha tantas razões humanas e divinas de deixar o deserto e vir a Roma, porque se escusa, porque não vem?

Teve medo de perder o espirito religioso e não ganhar a conversão dos peccadores.

É certo que não recusou a jornada o grande Antonio «senão» porque temeu vir metter-se outra vez entre os homens, quem, tantos annos havia, tinha fugido d'elles. Por isso diz que se viesse, tornaria a ser o Antonio que d'antes tinha sido e não o abbade Antonio que ao presente era. O que temia perder não era o nome da dignidade, senão o espirito da profissão. A profissão dos anachoretas era viver longe da communicação dos homens; e isto é o que significa o mesmo nome, como escreveu S. Jeronymo que visitou pessoalmente aquelles desertos. E se a profissão de Antonio era viver longe dos homens, como podia conservar-se na sua profissão, nem conserval-a na sua inteireza, se se viesse metter não só na mais populosa cidade, mas na mesma cabeça do mundo, onde concorriam todas as gentes d'elle? Se Ambrosio com o seu exemplo de fugir dos homens tinha povoado os desertos, como agora os não tornaria a despovoar com o exemplo de tornar para elles? A mesma razão porque era chamado do imperador se desfazia se viesse; e só não vindo, nem deixando o seu deserto, se conservava. Bem sabia Antonio que maior opinião grangeou ao Baptista o seu deserto sem milagres, que a Christo os seus milagres no povoado. Quanto mais que se viesse á côrte de Roma, muito mais era o que devia temer, que o que podia esperar. Que fizeram a David os satrapas d'el-rei Achis, e como tractaram a Daniel os conselheiros de Nabuco e de Dario? Se Constantino acaso se cansasse da austeridade de Antonio, logo os lisonjeiros de palacio haviam de seguir o mesmo dictame; e desacreditado o prégador, que fructo podia fazer a sua doutrina? Se pelo contrario o imperador o tivesse na sua graça e essa graça fosse crescendo, que laços lhe não armaria a inveja para o derribar e destruir? Finalmente, se o mesmo Constantino era de tão inconstante condição e tão facilmente suspeitoso, que a seu sobrinho Licinio e a Crispo seu proprio filho e a sua mulher Fausta tirou a vida sem causa; que podia não receiar de tal homem qualquer outro homem? Fez muito como homem Antonio, e muito como politico, e muito como sancto, em se conservar no seu deserto longe dos homens.

Não presumiu vencer aos homens, como vencera aos demonios. Obstinação de Judas.

Só resta n'esta materia um escrupulo muito bem fundado, porque se funda nas forças da graça e poderes do céu, com que o mesmo céu assistia e defendia a este grande varão. Ninguem alcançou maiores victorias do inferno, ninguem desafiou a todos

os demonios junctos e os venceu em todas as batalhas, como Antonio: os leões, os ursos, os tygres, as serpentes e os outros monstros da Africa não só não offendiam a Antonio, mas o obedeciam e reverenciavam. Pois se nos dentes e peçonha das feras, se no poder e astucias dos demonios não tem que temer Antonio, porque teme e foge dos homens? Porque «os homens de que fugia Antonio» eram peiores que os demonios do «inferno, sendo» demonios com carne e sangue; eram peiores que as feras «do mato, sendo» feras com intendimento e vontade. Para reduzir demonios com carne e sangue não bastam razões, nem bastam exemplos, nem bastam milagres, nem bastam ameaças, nem bastam terrores, nem ha diligencia alguma que baste. Cousa admiravel é que sujeitando Christo em um momento e com uma só palavra uma legião de seis mil e seiscentos demonios, como lhe succedeu em Genezareth; a Judas com tantos beneficios, com tantos exemplos, com tantas exhortações e com tantas ameaças, o não abrandasse nem reduzisse em um anno inteiro! Assim consta da chronologia evangelica; porque, um anno antes de Judas consummar a traição, tinha o Senhor dicto d'elle: *Ex vobis unus diabolus est:* um de vós é demonio. Pois se Christo sujeitou tão facilmente a tantos mil demonios, ao demonio Judas porque o não pôde reduzir? Porque os outros demonios eram puramente espiritos, o demonio Judas era demonio com carne e sangue. E esta foi a razão porque o grande Antonio, depois de vencedor de todos os outros demonios, não se quiz tomar com demonios de carne e sangue.

Joan. 6.

E para se não tomar com feras de intendimento teve a mesma razão. Sendo assim que Deus desde o principio da creação deu logo a todas as feras as suas armas naturaes e só ao homem creou desarmado; comtudo não só no estado da innocencia, senão tambem depois do diluvio, disse que o homem seria o terror das feras: *Terror vester ac tremor sit super cuncta animalia terrae.* Parece que antes as feras armadas haviam de ser terror do homem e não o homem desarmado terror das feras. Porque diz logo o Auctor e Legislador da natureza que todos os animaes, por bravos e feros que sejam, temerão e tremerão do homem? Porque ao homem, ainda que desarmado, deu-lhe intendimento, e ás feras não; e mais para temer é um homem desarmado com intendimento, que qualquer fera armada sem elle. Mas se o intendimento dos homens se passasse e se unissse ás feras, ou a fereza das feras se unisse ao intendimento dos homens, estas feras com intendimento quem as poderia domar, ou quem escaparia d'ellas? Uma e outra cousa advertiu excellentemente S. Lourenço Justiniano: *Deserta sunt castra Dei et refu-*

Os homens perversos são feras com intendimento.

Gen. 9.

Laur. Justin. l. 17 c. 8

gia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum valde secura. Sabeis, diz o grande Patriarcha (que como pastor d'este gado o conhecia bem), sabeis o que são os homens «perversos de que abunda a sociedade?» São umas feras intellectuaes; e o unico refugio que Deus deixou ao mundo para escapar d'estas feras não é outro mais que os desertos. É verdade que esses mesmos desertos estão habitados por outras que vulgarmente se chamam feras; mas essas, ainda que sejam leões e tigres, «muitas vezes» reverenciam, como no primeiro Adão, a innocencia, e respeitam a sanctidade dos que vivem entre ellas: porém das feras intellectuaes, das feras que são feras com intendimento e por isso com vontade e má vontade, não ha outro remedio seguro, senão fugir e fugir para os desertos: *Deserta sunt refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum*. Muita razão teve logo o grande Antonio, posto que domador das feras do deserto, de não querer provar forças com as feras do povoado, nem arriscar-se a perder com as feras intellectuaes o que tinha ganhado com as feras sem intendimento; e mais em Roma, onde os homens de tal modo eram feros e intendidos, que por jogo e recreação lançavam os homens ás feras.

Intendeu que a conversão de Roma pagã era para outro tempo. Texto notavel de Amós, c. 5.

Mas aqui replicará alguem ou replicarão todos, e com maior fundamento, que por isso mesmo devia Antonio vir a Roma. Venha como pedra de David á cabeça do mundo e da idolatria; prégue livremente a fé de uma só divindade; confute a falsidade dos que ainda são chamados deuses immortaes; e se por esta causa o lançarem aos leões dos amphitheatros, deixe-se comer vivo, e será o segundo Ignacio: ou se os leões o respeitarem, como costumam, deixe-se cortar a cabeça, e será o segundo Baptista. Confesso que esta ultima instancia parece que tem difficultosa saida. Mas assim como foi prudencia em Constantino dissimular por então e não conquistar a idolatria com as armas, assim foi prudencia em Antonio não a impugnar com a prégação. É doutrina expressa de Deus pelo propheta Amós; a qual, como servia para aquelles tempos, pode tambem servir para outros: *Odio habuerunt corripientem in porta, et loquentem perfecte abominati sunt: ideo prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est*. Chegou a corrupção dos costumes a tal estado (diz o propheta) que os poderosos teem odio a quem reprehende suas injustiças e abominam a quem lhes falla verdade; e nos taes casos o que deve fazer o prudente prégador é calar; porque, ainda que a doutrina seja bôa, o tempo é mau: *Prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est*. Prudentemente fez logo o grande Antonio em antepor o silencio do seu

deserto á prégação da cabeça do mundo: porque no mundo não podia colher fructo para os outros e no deserto podia fructificar para si. Emfim fez Antonio então como Christo hoje, que podendc prégar ás turbas, fugiu d'ellas: *Fugit*.

Christo fugiu de maneira que não podessem saber aonde se tinha recolhido.

IV. *Fugit in montem*. Diz o evangelista que fugiu o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte para que fugiu. Mas até o fugir para monte sem nome é circumstancia que acredita o fugir. Fugiu como quem buscava o retiro e não a fama; fugiu como quem queria que não soubessem d'elle, nem onde estava. Assim sepultou Deus a Moysés sem se saber jámais aonde; e assim se deve enterrar e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os echos do deserto aos que não sabem viver sós; ainda teve maior mysterio o evangelista em não dizer o nome do monte. Tinha dicto que era deserto e por isso lhe calou o nome proprio: porque todas as prerogativas que fizeram celebrados os montes de grande nome se encerram n'este nome *deserto*. Ora vamos vendo estas mesmas prerogativas de monte em monte e de deserto em deserto, para que lhe percamos o medo.

O deserto e o monte Horeb.

Appareceu Deus a Moysés no deserto de Madian para que fosse libertado o povo do captiveiro do Egypto; e porque elle difficultava a empreza, o signal com que o Senhor o assegurou do successo d'ella, foi que n'aquelle mesmo monte lhe faria sacrificio em acção de graças. Este monte era o monte Horeb sito no mais interior d'aquelle deserto. E que quer dizer Horeb? Horeb em hebreu é o mesmo que deserto; e n'este monte que tinha por nome deserto e se levantava no mais interior do deserto, aqui é que os filhos de Israel deram as primeiras graças a Deus de se verem livres do captiveiro do Egypto: porque a primeira prerogativa de que gozam os que habitam o deserto é livrarem-se do captiveiro do povoado.

E os Rechabitas no Ps. 70 commentado por S. Jeronymo.

Ouvi um logar admiravel em confirmação d'esta figura. O psalmo septenta tem este titulo: Psalmo de David, o qual cantaram os filhos de Jonadab que foram os primeiros captivos: *Psalmus David, filiorum Jonadab et priorum captivorum*. Os filhos de Jonadab, por outro nome, os Rechabitas eram uns como monges ou anachoretas da lei velha, os quaes viviam solitarios nos ermos de Jerusalem. E o captiveiro, de que falla a Escriptura, é aquelle com que, sitiada a mesma Jerusalem e conquistada pelos exercitos dos chaldeus, todos os hebreus que então estavam, foram levados captivos a Babylonia. Isto supposto, entra agora a duvida: porque razão os filhos de Jonadab que eram aquelles habitadores do ermo se chamam os primeiros captivos?

Porventura foram os primeiros captivos, porque quando chegaram os exercitos dos chaldeus, como elles estavam retirados no deserto, foram os primeiros que vieram ás mãos dos inimigos? Não: porque os que governavam e defendiam a cidade de Jerusalem, tanto que tiveram novas do exercito dos chaldeus, a primeira diligencia que fizeram, foi obrigar aos mesmos eremitas que todos se retirassem dos seus desertos e se viessem metter na cidade. Pois se, rendida a mesma cidade e com ella todo o reino, o captiveiro foi um só e commum a todos e todos junctamente foram levados a Babylonia; como diz a Escriptura que estes habitadores do deserto foram os primeiros captivos? Dá a razão ou distincção S. Jeronymo, digna verdadeiramente da sua erudição e juizo. A razão (diz o doutor Maximo), porque n'aquelle captiveiro e transmigração geral os filhos de Jonadab se chamam os primeiros captivos, não foi porque os chaldeus os captivassem a elles primeiro que aos demais: mas porque sendo habitadores do deserto, os mesmos hebreus os obrigaram a se vir metter na cidade; e virem-se metter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos, este é o que para elles foi o primeiro captiveiro: porque nos desertos se tinham por livres e no povoado por captivos. Os outros foram captivos, quando de Jerusalem os levaram para Babylonia: mas elles quando do seu deserto os trouxeram para Jerusalem, então começaram a padecer a sua Babylonia e o seu captiveiro. *Filii Jonadab.... primi captivitatem sustinuisse dicuntur, quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi.* Fallou S. Jeronymo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto e as perturbações do povoado. Tinha gastado a vida alternadamente já em Roma e nas cidades da Grecia, já nos desertos da Thebaida e da Palestina; e assim escrevendo a Rustico dizia: *Mihi oppidum carcer est, solitudo paradisus:* para mim o povoado é carcere e o deserto paraiso. Livrar-se pois de tal carcere, de tal Babylonia e de tal captiveiro, esta é, como dizia, a primeira prerogativa dos que se deliberam a deixar o povoado e fugir com Christo ao monte; onde por isso, como Moysés, lhe devem offerecer sacrificios e dar infinitas graças.

O deserto e o monte Sinai.

Do monte Horeb passemos ao monte Sinai, ambos desertos e ambos no deserto. Cousa notavel e muito digna de reparar é que, havendo Deus de escrever e dar lei aos homens, escolhesse para isso um monte no meio de um deserto, qual foi o monte Sinai nos desertos da Arabia. As leis não se fizeram para os desertos, senão para o povoado e para as cidades. As partes de que se compunha a mesma lei, todas se ordenam a povo,

a cidade, a congregação de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira tábua e os septe da segunda, todos estão fundados na justiça e caridade do proximo, sem lesão nem offensa do tracto humano: a parte cerimonial que pertencia ao culto divino expiações e sacrificios, tambem tinha todo o seu exercicio não fóra, senão dentro da cidade: porque o templo era um só e na cidade de Jerusalem, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno: finalmente a parte civil e forense no mesmo nome está dizendo cidade, communidade, republica, tribunaes, juizes, partes. Pois se as leis se fizeram para os povos, porque as dá Deus no despovoado? Se para as cidades e republicas, porque as dá em um monte e no meio de um deserto? Porque «fóra dos montes e dos desertos, difficilmente se acham» homens capazes de receber em suas almas como convém os preceitos e dictames da sabedoria divina. Para receber e perceber a sanctidade e espirito das leis divinas é necessario que os animos estejam puros e sem mistura nem mancha dos affectos e cuidados terrenos, que os descompõem e alteram; e esta pureza, tranquillidade e serenidade do animo não a pode haver entre a perturbação e tumulto dos povos e labyrintho das cidades, senão no retiro dos montes e na quietação e silencio dos desertos. As leis de Deus são as regras da vida, os espelhos da alma e as balanças da consciencia; e no meio dos embaraços, encontros e batalhas continuas do povoado, as regras perdem a rectidão, os espelhos a pureza, as balanças a egualdade; e tudo se descompõi e perturba: com que não é possivel, diz Philo, que nem o que Deus manda se perceba, nem o que mal se percebe se guarde. «Eu bem sei que nunca faltaram nem faltam os que no meio das perturbações do seculo vencem com a graça de Deus esta impossibilidade e observam fielmente a sua lei. Mas estes quantos são e quaes? Os pouquissimos que, como Moysés, quer ás fraldas do Horeb, quer sobre o Sinai, tractando só por só com Deus, no povoado sabem achar o deserto».

Tambem a nova lei foi publicada em um deserto.

Mas porque não pareça que só na lei antiga nos deu Deus este documento, venhamos á lei nova. Publicou Christo, Senhor e Reparador nosso, a lei nova e mais propriamente sua; e onde a publicou? Tambem em um deserto e em um monte: *Ascendit in montem et cum sedisset accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos.* Era este monte na sentença commum de todos os padres, o monte Thabor, alto sobre as campinas de Galilea trinta estádios e distante da côrte de Jerusalem quarenta leguas como descreve Egesippo; e n'este monte por todas as partes deserto assentou o Mestre Divino a sua cadeira: *Cum*

Matth. 5.

sedisset; aqui ajunctou seus discipulos: *Accesserunt ad eum discipuli ejus;* e aqui lhes começou a ler as primeiras licções de sua celestial doutrina: *Et aperiens os suum docebat eos*. Bem podera o Senhor escolher outro logar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meio de Jerusalem), para assentar n'elle a sua eschola: mas elegeu este tão distante da mesma cidade e tão apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo que a eschola da sabedoria do céu é a vida solitaria e do deserto.

Textos de S. Pedro Damião e S. Bernardo.

Assim o diz S. Pedro Damião, aquelle que pelo deserto trocou a Roma e pelo saial a purpura: *Solitaria vita coelestis doctrinae schola est et divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum quod discitur*. A vida solitaria é a eschola da doutrina do céu e as artes que n'ella se professam todas são divinas, porque tudo o que alli se apprende é Deus: *Illic enim Deus est totum quod discitur*. Oh quem levantara uma d'estas cadeiras sem emulação nem opposição em todas as universidades do mundo! Aqui se graduaram os já nomeados Antonios e Arsenios, aqui os Paulos, os Hilariões, os Pacomios e todos aquelles doutissimos idiotas laureados na eternidade, que, ou de ignorantes se fizeram sabios, ou de sabios ignorantes por Christo. Os livros por que estudavam sem especulação, e mais com o esquecimento que com a memoria, são aquelles tão approvados por S. Bernardo e tão alheios de toda a inveja como de toda a censura. Escrevia S. Bernardo a um desejoso de saber, a quem elle desejava fazer mais sabio; e diz assim: *Experto crede, aliquid amplius invenies in silvis quam in libris*: crêde-me como a experimentado, que mais haveis de apprender nos bosques que nos livros. Que arvore ha em um bosque, ou mais alta ou mais humilde, que não cresça sempre para o céu? E se tanto anhelam ao céu as que teem raizes na terra; que devem fazer as que não teem raizes? As do povoado e cultivadas, dependem da industria dos homens; as do deserto e sem cultura, dependem só do céu e de Deus; e nem por isso crescem ou duram menos. As que despe o hinverno ensinam a esperar pelo verão, e as que veste e enriquece o verão, a não fiar da presente fortuna, porque lhe hade succeder o hinverno. As que se dobram ao vento, ensinam a conservação propria; e as que antes querem quebrar que torcer, a rectidão e a constancia. Emfim cada arvore é um livro, cada folha uma licção, cada flôr um desengano e cada fructo tres fructos: os verdes ainda não são, os maduros duram pouco e os passados já foram. Esta é a eschola muda do deserto, em que S. Bernardo estudou no seu valle; e esta a que Christo assentou no mesmo monte, onde disse a voz do

céu: *Ipsum audite.* Mas deixemos o Thabor e pare o nosso discurso no Olivete.

O deserto e o monte Olivete.

O monte Olivete, deshabitado de homens e povoado só das arvores que lhe deram o nome, foi o logar deserto d'onde Christo, e por onde, subiu ao céu, mostrando-nos com sua subida que o caminho mais direito e estrada mais segura para nós tambem subirmos é o deserto. Duas vezes viram os anjos subir para o céu a alma sancta: mas d'onde e por onde subia? Uma e outra cousa é bem notavel. A primeira vez viram que subia pelo deserto: *Quae est ista quae ascendit per desertum;* e a segunda vez que subia do deserto: *Quae est ista quae ascendit de deserto.* Quem sobe, aparta-se de um logar e sobe por outro. Pois se esta alma subia do deserto para o céu, *ascendit de deserto;* como subia pelo deserto, *per desertum?* O deserto era o logar d'onde subia, e o deserto tambem o logar por onde subia? Sim: porque isso é ser deserto o monte Olivete. Christo com sua ascensão primeiro subiu pelo monte acima e depois subiu do monte; e este é o modo com que tambem se sobe do deserto. Por isso os anjos primeiro viram que a alma subia pelo deserto e depois viram que subia do deserto. De sorte que o deserto é o d'onde e o por onde se sobe ao céu.

Cant. 3. Ibid. 8.

O deserto e o logar d'onde, por onde e para onde se sobe ao céu. Parabola das noventa e nove ovelhas deixadas no deserto.

E se eu disser que não só é o d'onde e o por onde, senão tambem o para onde, não direi cousa nova, posto que grande. Disse o mesmo Christo em uma parabola que a certo pastor o qual guardava cem ovelhas, se lhe perdera uma, e que para achar esta ovelha perdida deixou as noventa e nove no deserto: *Nonne dimittit nonaginta novem in deserto?* O pastor é Christo, a ovelha perdida o homem, as noventa e nove os nove córos dos anjos e o deserto o céu. Mas se esse mesmo céu o deixou o Senhor povoado com tantas jerarchias e tantos córos de anjos, como lhe chama deserto? Porque fallava por comparação ás cousas da terra; e na terra não ha cousa que se pareça «tanto» com o céu e mereça «tanto» o nome de céu «como» o deserto. Logo o deserto é o d'onde, o deserto o por onde e o deserto o para onde sobe quem sobe ao céu.

Luc. 15.

Os bemaventurados se podessem trocariam o céu pelo deserto.

E para que este encarecimento da summa verdade ajunctemos outro ainda maior, digo que se depois de um bemaventurado subir ao céu, lhe fôra licito descer de lá, por nenhum outro logar trocára o céu senão por um deserto. O estado do céu excede á vida do deserto em lá se gozar a Deus com maior claridade: mas o deserto excede ao céu em cá se gozar a Deus com o merecimento que lá não tem logar, e por isso sem aggravo antes com lisonja do amor de Deus se pode trocar o céu por um deserto. E como estas prerogativas do deserto excedem

ás do monte Horeb, ás do monte Sinai e ás do monte Thabor e do mesmo monte Olivete; grande razão teve o evangelista em calar o nome proprio do monte onde o Senhor se retirou; e por isso tendo já declarado que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem.*

Quem está só com Deus não teme os perigos da soledade. Exemplo de Christo e textos de S. João Chrysostomo e S. Bernardo.

V. *Ipse solus.* Esta é a ultima clausula que só resta do nosso texto e peza-me de chegarmos a ella tão tarde. Retirou-se o Senhor ou fugiu para o monte, e retirou-se elle só: *Ipse solus.* N'esta palavra estão recopilados ou feiamente pintados todos os horrores e medos da soledade. E quantos d'estes medrosos, cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos, estarão allegando com Salomão e dizendo com elle: *Vae soli*: ai do só. «Mas» na soledade tomada por Deus «o homem» nunca está só. Está só, assim como Christo esteve só quando hoje se retirou ao monte: *Ipse solus.* Prophetizando o mesmo Senhor aos discipulos que todos haviam de fugir e o haviam de deixar disse-lhes assim: *Venit hora ut me solum relinquatis, sed non sum solus*: virá hora em que todos me haveis de deixar só, mas eu nunca estou só. E porque razão quando todos deixam a Christo só, não está Christo só? Porque como Christo é Deus e homem junctamente, nem em quanto Deus está só, porque está com o homem, nem em quanto homem está só, porque está com Deus; e isto que faz em Christo a união da pessoa, «proporcionadamente» faz na soledade a união do logar. O «homem» na soledade nunca está só, porque Deus está com elle e elle com Deus. Profundamente S. João Chrysostomo. Sendo este facundissimo varão o mais eloquente de quantos escreveram e tendo composto um livro inteiro em louvor da soledade, conclúi o seu discurso com esta protestação: Confesso, ó soledade bemdicta, que eu e tudo quanto tenho dicto é muito desegual a teu merecimento e muito inferior a teus louvores: mas uma só cousa sei de ti, a qual affirmo constantemente. E que cousa é ou será esta? O que affirmo indubitavelmente, diz Chrysostomo, é que todo aquelle que te habitar, ó soledade, será junctamente habitador e mais habitado: habitador porque habitará em ti; e habitado, porque habitará n'elle Deus. E como Deus habita no solitario, porque o solitario habita na soledade, d'aqui se segue que o mesmo solitario, nunca está, nem pode estar só; porque mais é morar Deus n'elle, que morar elle «com todos os homens». Por isso dizia S. Bernardo: *Nunquam minus solus, quam cum solus*: nunca estou menos só, que quando estou só: porque quando não estou só, estou com os homens; e quando estou só, estou com Deus. E é demonstração evidente que quem está com Deus, está menos só, que quem está com os homens: por-

Eccl. 4.

Joan. 16.

que a companhia dos homens, ainda que sejam muitos, é limitada; a companhia de Deus, ainda que seja um só, é immensa.

Observação de Gerson ácerca de Adão, quando estava só. Outros exemplos da Escriptura.

Oh se acabassem de intender os homens quanto perdem de si e de tudo em não saberem estar sós com Deus e comsigo! Em quanto Adão esteve só, conservou-se no paraiso, na graça de Deus e na monarchia do mundo: depois que esteve acompanhado, perdeu o paraiso, perdeu a graça, perdeu o imperio, perdeu-se a si, perdeu-nos a nós, perdeu tudo. E esta differença de Adão não só a não notou algum ermitão ou anachoreta do deserto, senão um cortezão de Paris, o grande cancellario Gerson: *Adam tamdiu salvus mansit, quandiu solus.* Só saiu Jacob da casa de seus paes; e gloriava-se elle depois, que, tendo passado o Jordão só com a companhia do seu cajado, quando da volta que fez para a patria o tornou a passar, era tão accrescentado de familia, que os filhos, creados, carros, cavallos e grossos rebanhos formavam duas grandes esquadras. Para bem vos sejam, Jacob, todas essas boas fortunas e todos esses grandes augmentos de casa e fazenda. Mas fazei-me graça de ajunctar com essa tão notavel differença, outra em que vós não reparais, e eu sim. Quando viestes só, vistes a escada; mas agora, quando ides tão acompanhado, não a vistes. Quando vos fazem corpo de guarda estes dous esquadrões, não ides seguro dos temores de Esaú: mas quando jazieis só com uma pedra por cabeceira, Deus e os anjos vos guardavam o somno. Só para os sós falta a terra; mas só para os sós se abre o céu. Só estava Abrahão e só Moysés, quando lhes appareceu Deus. Só estava Josué, só Gedeão e só Elias, quando lhes accudiram os anjos. Só estava Isaias, quando viu o throno da majestade divina cercado de seraphins; e só Ezechiel, quando viu o carro triumphal de suas glorias. Só tambem S. Pedro, quando lhe foi mostrado em um painel todo o mundo gentilico convertido, que descia e se tornava a recolher ao céu; e só finalmente João o amado, quando se lhe abriram os septe sigillos do seu Apocalypse, e os mysterios sacratissimos de todos os tempos futuros lhe foram só a elle revelados.

Tranquillidade dos solitarios á preferencia dos seculares. Texto de S. Cypriano.

E porque não pareça que ponho a felicidade da solidão em revelações interiores occultas aos sentidos humanos; outras visões teem os solitarios manifestas e que todos vêem, sendo elles porém mais ditosos que todos, porque as vêem de longe e em logar seguro. N'esta mesma occasião em que Christo Senhor nosso se retirou do monte, os discipulos, que se tinham embarcado padeceram uma terrivel tempestade; na qual, já desconfiados de remedio, faltou pouco que o mar os não comesse; e no mesmo tempo nota o evangelista, que o Senhor estava só

Marc. 6.

em terra: *Et ipse solus in terra.* O mesmo succede a quem vive só no seu deserto. Os outros que andam no mar d'este mundo luctam com os ventos e com as ondas: uns se perdem e se afogam, outros se salvam mal a nado, e todos correm fortuna: e o só vê tudo isto de longe, porque está em terra. *Et ipse solus in terra.* Arde o mundo em guerras: uns vencem, outros são vencidos, combatem-se cidades, conquistam-se reinos, morrem os homens a milhares; e o só, se lá lhe chegam os echos, tudo isto ouve sem temer, porque a sua paz é segura: *Et ipse solus in terra.* Volta-se o mesmo mundo em perpetua roda; a uns derriba, a outros levanta: uns crescem até ás nuvens, outros descem até os abysmos; e o só, que está fóra da jurisdicção da fortuna, nem á prospera tem inveja, nem da adversa tem medo; porque o seu estado é incapaz de mudança: *Et ipse solus in terra.* Por isso disse altamente Cypriano: *Una placita et fida tranquillitas, una sola et perpetua securitas est, si quis ab inquietantis saeculi turbinibus extractus, Deo suo mente proximus, quidquid apud caeteros in rebus humanis sublime et magnum videtur, intra suam jacere conscientiam gloriatur.* N'esta vida, diz o Sancto, não ha mais que uma só tranquillidade fiel e uma só segurança perpetua; e esta só a goza aquelle que apartado das perturbações do mundo sempre inquieto, e unido só a Deus; quando olha para as cousas que os outros estimam e teem por grandes, elle as vê todas abaixo de si; e como todas lhe ficam abaixo, nenhuma o altera, nem lhe dá cuidado.

A solidão logar dos escolhidos de Deus e retrato do céu.

E para reduzir a breve compendio tudo o que os outros sanctos disseram das excellencias da solidão e felicidade sem egual dos que a habitam; os que habitam a solidão são aquelles a quem Deus escolheu de entre os outros homens e os chamou e levou comsigo a viver sós nos desertos, não porque elles não fossem dignos de illustrar o mundo; mas, como diz o Espirito Sancto, porque o mundo não era digno de os ter a elles: *In solitudinibus errantes, quibus dignus non erat mundus.* E a solidão é aquella que, não tendo similhante na terra, só a tem na bemaventurança do céu; sendo tão parecidas reciprocamente uma com outra, que a solidão só se pode retratar pela bemaventurança como por seu original; e a bemaventurança só se pode vêr na solidão como em seu espelho. E assim acabo com aquella famosa exclamação, que todos quizera levasseis na memoria. *O beata solitudo! O sola beatitudo!*

Este discurso não é inopportuno para a côrte.

VI. Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas breve e diminuto para o merecimento da causa. Veja porem que não faltaria em todo elle quem extranhasse a materia, como impropria do logar e do auditorio e mais accommo-

dada para os desertos do Bussaco ou para as serras da Arrabida, que para a capella real e côrte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das historias: como se não fossem as côrtes catholicas em todas as edades as que mais illustremente povoaram os ermos; e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) d'esse pavimento e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas, livres ainda d'aquellas cadeias, que se não podem quebrar, as quaes se trocassem a vaidade pela verdade, a côrte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilicio e o captiveiro do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé e de si mesmas com o intendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida; mas tambem de que se não arrepender n'esta.

Partir os dias e a vida com o deserto.

Mas vindo aos que por estudo, profissão e officio teem para si que se não podem retirar do povoado e deixar o tracto das gentes; saibam que para satisfazer ás obrigações do mesmo estado, da mesma profissão e do mesmo officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro e partir os dias e a vida com o deserto: não sempre (que isso é alternar), mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio ou são ecclesiasticas ou seculares; e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convem ou no espiritual ou no politico, se não fôr aprender na eschola do deserto o modo justo e acertado com que as ha de exercitar.

É necessario para os ecclesiasticos. Exemplos dos sanctos.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta que Deus lhes ha de pedir d'ellas, que os supremos? Mas esses, se retirados ao deserto com Deus e comsigo se não tomarem a si mesmos a mesma conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes, que bispos e arcebispos mais doutos e sanctos, que um Chrysostomo em Constantinopla, um Basilio em Cesarea, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Agostinho em Hippona? E todos, se lerdes as suas vidas, já os vereis na cadeira, já no deserto, já anachoretas e sós, e já cercados de infinito povo convertendo gentios, confortando hereges e aperfeiçoando christãos; e cultivando de tal modo as suas egrejas e dioceses, que as casas pareciam religiões e as cidades paraisos. E d'onde nasciam esses effeitos tão maravilhosos, senão porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça e na solidão o espirito e fervor, com que no povoado accendiam as almas, arrancavam os vicios e plantavam as virtudes?

Exemplo de Samuel notado por S. Gregorio.

Quando Saul foi a Ramá e perguntou por Samuel, responderam-lhe que chegara a bom tempo; porque n'aquelle dia havia

de vir á cidade a offerecer sacrificio: *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso*. E porque disseram que n'aquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo em tal forma tinha repartido os dias, que parte d'elles gastava com Deus no deserto e parte com os homens na cidade. E nota S. Gregorio papa, sobre as mesmas palavras, que n'essa repartição do tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus: porque tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios e governo espiritual das almas, logo, sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto: *Quia raro videbatur in civitate: videlicet tarde veniens et cito recedens*. E se isto fazia Samuel, antes da vinda, antes da doutrina e antes do exemplo de Christo, vejam os successores do mesmo Christo o que devem fazer e o que podem.

1. *Reg.* 9.

No estado secular e politico parece que tem menos logar este retiro, pela frequencia e multidão dos negocios e pela maior necessidade da assistencia das pessoas publicas em materias tantas e de tanto peso, como as que ordinariamente occorrem no governo de uma monarchia. Assim o propõi a politica humana ou mais verdadeiramente gentilica, como se o acerto dos negocios por muitos e grandes, necessitara menos da providencia de Deus, e a vista das cousas da terra, ou no claro, ou no escuro, não dependera toda das luzes do céu! Rei era e de populosissimo reino David: gravissimos foram os ponctos de estado que em quarenta annos do seu reinado, assim dentro como fóra de casa, lhe puzeram em perigo e contingencia a corôa; e aonde ia elle buscar a luz e consultar as resoluções senão ao deserto? Ouçamol-o de sua mesma bocca: *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me: timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebrae*. Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e horrores mortaes que o faziam palpitar e tremer; e sobre tudo cercado e coberto de escuridades sem o menor raio de luz, que me mostrasse o caminho por onde escapar! E n'esse tempo e n'essas angustias qual era o meu refugio? *Ecce elongavi fugiens et mansi in soliditudine: expectabam eum qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus et tempestate*. O meu refugio e remedio nos taes casos não era outro, senão fugir muito longe das cidades e metter-me na solidão dos desertos; e alli só por só com Deus esperar d'elle que me illuminasse e me levasse a salvamento d'aquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado e com a nau quasi perdida, me não sabia, nem podia livrar. E se isso fazia um cora-

Tambem os leigos teem esta necessidade. Exemplo de David.

Ps. 54.

ção tão animoso e intrepido e um juizo tão sabio, tão experimentado e tão prudente como o de Davíd, porque cuidarão os outros principes (e mais sobre a experiencia de muitos erros), que sem se retirar a seus tempos das côrtes e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si e por seus ministros conseguir os acertos do bem publico, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

E não ha desculpa na falta de tempo.

E se disserem que não ha tempo para esses tempos e para esses retiros, ninguem me negará que ha dias e semanas e mezes para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das côrtes, senão muito longe d'ellas; sendo certo que o trabalho (chamado recreação) que se toma para cercar e ferir um javali e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montear outras feras que se tornam a trazer da caça tão vivas como se levam. Aos vicios coroados chamou a Egreja *vitiorum monstra:* não vicios de qualquer modo, senão monstros; e a montaria d'esses monstros e tambem a altaneria d'elles é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as azas á vaidade, alli se dá em terra com a soberba, alli se atalham os golpes á cubiça, alli se quebram as mãos á vingança, alli caem em si a injustiça e a semrazão, alli morre e se desfaz escumando a ira: e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. E estas caçadas que se fazem deante de Deus, são as recreações que devem tomar os principes e as valentias de que mais se devem prezar; pois são as verdadeiras valentias. E se no tempo que tomam para a caça ausentando-se das côrtes não temem perder a benção e o morgado, como o perdeu Esaú; muito menos devem temer esta perda, ou outro detrimento da monarchia, no tempo em que se retirarem a tractar com Deus e receber d'elle a luz com que só a podem conservar e reger.

Emfim o exemplo de Christo é para todos.

Emfim (para «concluirmos e» convencermos com o maior de todos os exemplos assim o estado ecclesiastico como o politico), Christo Redemptor e Senhor nosso que junctamente era Supremo Rei e Summo Sacerdote, não só nos tres annos em que exercitou no mundo uma e outra dignidade repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto, mas n'este mesmo dia, em que com as obras provou o que era e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

(Ed. ant. tom. 3.º pag. 179, ed. mod. tom. 6.º pag. 5.)

II. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA *

PRÉGADO NA MATRIZ DA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO
NO ANNO DE 1657

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão que se segue é um dos melhores e mais practicos, com tal nobreza de estylo e de pensamentos, que não só na capital do Maranhão, mas em qualquer outra se podéra prégar, menos algumas particularidades proprias do Brazil.

Ut autem impleti sunt, collegerunt, et impleverunt duodecim cophinos fragmentorum.

S. JOAN. 6.

Sermão agradavel porque todo do corpo e para o corpo.

I. Bem me podeis ouvir hoje desassustadamente, porque vos hei de prégar muito á vontade. E justo é que entre tantos discursos tristes, mettamos tambem algum menos funesto para desenfastiar a quaresma. Queixa-se de mim o corpo que todos os domingos passados préguei sómente da alma. Deus assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primeiro. Pois porque se não tractará tambem do corpo alguma vez? Sou contente. O sermão de hoje todo será do corpo e para o corpo. Nos passados tractámos de como havemos de alcançar os bens espirituaes, hoje ensinaremos como se hão de alcançar e ainda accrescentar os temporaes.

Todos buscam pão.

A maior pensão com que Deus creou o homem é o comer. Lançae os olhos por todo o mundo e vereis que todo elle se vem a resolver «mediata ou immediatamente» em buscar o pão para a bocca. Que faz o lavrador na terra cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas

e com os ventos? Busca pão. O mercador nas casas de contractação, passando lettras, ajustando contas, formando companhias; os estudantes nas universidades, tomando postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas; o requerente nos tribunaes pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Buscam pão. Em buscar pão se resolve tudo e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho: os ricos dão pelo pão a fazenda: os de espiritos generosos dão pelo pão a vida: os de espiritos baixos dão pelo pão a honra: os de nenhum espirito dão pelo pão a alma; e nenhum homem ha que não dê pelo pão e ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dicto muito? Pois ainda não está discorrido tudo.

Occupação de toda a natureza.

Tirae o pensamento dos homens e lançae-o por todas as outras cousas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo a este fim ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florescem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim nascem os mansos no campo, a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas aguas; emfim tudo o que nasce e vive n'este mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive e nasce? Os elementos não são viventes; e a este mesmo fim cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos. O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azenhas, o ar nas velas e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o sol e a lua e as estrellas não deixamos estar ociosas d'esta pensão: porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda e voltando sem nunca descançar, é produzir e temperar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do céu acima até o mesmo Deus e achareis que elle é o que mais occupado está que todos em nosso sustento: porque todas as outras cousas cada uma trabalha em si; e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas.

Dous alvitres para ter pão e muito pão.

De maneira, senhores, que a occupação do céu e da terra e de todo este mundo, a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens é buscar o pão para a bocca. Pois isto porque todos trabalham, hei de ensinar hoje o modo com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter pão e muito pão: dois alvitres lhes trago hoje para isso: um para terem pão, outro para terem muito. Esta será a materia do sermão. Peçamos a graça ao Espirito Sancto por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

É o que faz Christo no milagre da multiplicação dos cinco pães.

II. Propõi-nos hoje a Egreja aquelle famoso milagre, tão famoso como sabido, em que com cinco pães e dous peixes em um deserto deu Christo de comer a cinco mil homens afóra mulheres e meninos, e sobejaram doze alcofas de pão. Duas cousas fez Christo n'este milagre: deu pão e deu muito. Deu pão, porque todos comeram á vontade: *Manducaverunt et saturati sunt;* e deu muito, porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cophinos fragmentorum*. Estas duas cousas qne Christo fez n'aquelle milagre são as que vos prometti sem milagre: alvitre para ter pão: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

Alvitre para ter pão é seguir a Christo. Prova-se com o evangelho do dia.

Mas que alvitre vos parece que será este? Que meio vos parece que se póde dar para um homem em toda a sua vida ter o pão certo sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajunctar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Desvellar mais? Poupar mais? Mentir mais? Adular mais? Alguns cuidam que estes são os meios de ter pão; mas enganam-se. Sabeis qual é o meio seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? É seguir a Christo. Assim lhes aconteceu a estes cinco mil homens; porque seguiam a Christo, tiveram pão no deserto. Se cinco mil homens com mulheres e filhos entrassem de repente em uma grande cidade, não haveria promptamente que lhes dar a comer, quanto mais em um deserto! Em um deserto porém se achavam estes homens, sem casa, sem venda, e sem dinheiro para comprar o mantimento ainda que o houvesse, e sobre tudo com fome de tres dias. Mas porque seguiam a Christo tiveram que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que tão desvellados andais todos e tão esfaimados por ter de comer e por deixar de comer a vossos filhos; segui e servi a Christo; e eu vos seguro de sua parte que nem a vós nem a elles lhes faltará pão.

Com todas as outras Escripturas e com a experiencia.

Ora porque este poncto em que estamos, assim como é muito para desejar e para acceitar, não é facil de persuadir, eu vol-o quero mostrar evidente por todos os meios por que se póde uma cousa fazer certa. A Escriptura Sagrada divide-se em livros historiaes, sapienciaes, psalmos, prophetas, evangelhos, epistolas canonicas. Com textos de todas estas Escripturas hei de provar primeiramente o que digo, logo com figuras do Testamento velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia. Dae-me attenção.

Livros historiaes.

III. Começando pelos livros historiaes no capitulo vinte e seis do Levitico diz Deus: Se guardardes a minha lei e os meus preceitos dar-vos-hei a chuva a seu tempo, e os fructos de todo genero serão tantos, que quando colherdes os novos, para os

recolher lançareis fóra dos celleiros e das adegas os velhos. Pelo contrario se me não ouvirdes nem guardardes meus mandamentos, o céu será para vós de ferro e a terra de bronze: aral-a-heis e trabalhareis debalde; porque as sementeiras não nascerão e as arvores não darão fructo. Isto mesmo repete Deus no livro do Deuteronomio e em outros muitos logares dos historiaes.

Sapienciaes.

Nos sapienciaes (capitulo decimo dos Proverbios): Não affligirá Deus com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma: porque a fome e a pobreza afflige o corpo e mais a alma, ao corpo com a falta de comer e á alma com o cuidado d'onde ha de vir. E Deus tem tanto cuidado e providencia com os que o servem, que não só os sustenta com tal abundancia que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza que lhes livra a alma do cuidado.

Psalmos.

Nos psalmos diz assim (psalmo trinta e tres): Temei a Deus todos os que o servis, porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerão e padecerão fome; porém os que servem e temem a Deus e o buscam não sentirão falta de bem algum. No psalmo trinta e seis: Esperae em Deus e fazei boas obras; e elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razão no psalmo trinta e dous: Porque os seus olhos estão postos sobre os que o temem para os livrarem da morte e os sustentarem no tempo da fome.

Prophetas.

Nos prophetas, Isaias, primeiro: Se quizerdes servir-me, comereis os bens da terra; e se não quizerdes e me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notae «as palavras» *Vos comerá a vós*. Se me servirdes, comereis; se não me servirdes, sereis comidos. Quantos ha que não teem que comer e se andam comendo? Pelo propheta Oseas «no capitulo decimo»: Semeae boas obras e colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela bocca, que isso quer dizer «o texto latino» *in ore misericordiae*. Vamos aos evangelhos.

Evangelhos.

S. Mattheus «no capitulo sexto»: Buscae primeiro o reino de Deus e tudo o que vos fôr necessario vos buscará a vós. «Dizei: Seja feita, Senhor, a vossa vontade assim na terra como no céu: o pão nosso de cada dia nos dae hoje.» Quão errados vão os que para o ter andam esfaimados após as riquezas. Façamos nós a vontade de Deus, e elle nos não faltará com o pão de cada dia; porque a disposição para ter o pão é «fazer a vontade de Deus.»

Epistolas canonicas.

Finalmente nas epistolas canonicas: S. Paulo na primeira *ad Corinthios*, capitulo terceiro: *Omnia vestra sunt: vos autem Christi,*

Christus autem Dei: Christo é de Deus: vós sois de Christo: logo todas as cousas são vossas: porque quem serve a Christo, não lhe póde faltar cousa alguma.

Que vergonha que tantos christãos não fiem de tantas lettras de Deus o que fiam de lettras de homens.

Eis-aqui como todas as Escripturas conformemente estão dizendo que o meio mais certo e mais seguro de ter pão e de nos não faltarem os bens temporaes, é seguir a Christo e servir a Deus. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça á vossa fé e pela vossa fé á vossa cubiça. Se tendes fé e tendes cubiça, porque não encaminhais a vossa cubiça pelos caminhos que vos ensina a fé para assegurar os interesses que pretendeis? Nem christãos nem cubiçosos sabemos ser. Mas é que não temos fé. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguae cartulae obligatione constringitur: Deus tantis ac tantis voluminibus cavet; et debitor non tenetur.* Ides d'aqui para Portugal: não embarcais nada comvosco, que haveis de comer? Respondeis: Levo uma lettra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos póde faltar pão, porque levais a lettra de um mercador; e não tendes por certo com tantas Escripturas de Deus que vos não ha de faltar nada? Apertemos mais este poncto. Na praça de Londres quereis ir para Liorne, levais lettra de um hereje: na de Amsterdão para Allemanha, levais lettra de um judeu: na de Veneza para Constantinopla, levais lettra de um turco; e ides seguro de que vos não ha de faltar pão. Pois com as lettras de um hereje, de um judeu, de um turco, cuidais que ides muito seguro; e com as de Deus não? «Ah que escandalosa mingua de fé!»

Porque Deus não deu aos judeus o manná quando estavam no Egypto?

IV. Vamos ás figuras do Testamento velho. O manná deu-o Deus aos filhos de Israel, quando caminhavam para a terra de Promissão; e não quando estavam no Egypto. Parece que no Egypto fôra mais razão que Deus os soccorresse por afflictos. Ora vêde. A terra de Promissão significava o céu; o captiveiro do Egypto significava o peccado; pois por isso lhes não dá Deus o manná, senão depois que sairam do Egypto e quando caminhavam para a terra de Promissão; porque aos que se tiram do peccado e aos que caminham para o céu, a esses tem Deus promettido de sustentar e de lhes não faltar em nenhum tempo e em nenhum logar com o necessario. Oh quantos e quantas ha n'este mundo, que quando vão ao confessionario choram mais as suas pobrezas que os seus peccados, devendo ser ás avessas! Saí vós do peccado em que estais, resolvei-vos a caminhar para o céu, e vereis como vos chovem os bens de Deus e vos não falta nada. E se estiverdes em logar ou em estado que não possais buscar de comer, o mesmo comer vos buscará a vós, como buscava aos filhos de Israel todos os dias.

Mas vós quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem captivo e captiva ha tanto tempo, quereis caminhar para o inferno a vélas tendidas; e no cabo que vos faça Deus a matalotagem? Isso não póde ser: dar volta á vida, deixar o caminho do inferno e tomar o do céu, e vereis como vos não falta cousa alguma.

A benção trocada que Isaac deu a Jacob.

Segunda figura. Quiz Isaac dar a bènção a Esaú seu primogenito e disse-lhe que fosse primeiro caçar e que lhe trouxesse alguma cousa. Em quanto Esaú foi ao monte veio Jacob e fingindo ser Esaú, como Isaac era cégo, furtou-lhe a benção. Abendiçoou pois Isaac a Jacob e disse d'esta maneira: *Det tibi Deus de rore coeli et de pinguedine terrae.* Dê-te Deus das influencias do céu e da abundancia da terra. Levada assim a benção, veio Esaú com a caça e conhecendo o engano pediu ao pae que ao menos lhe desse outra benção: ao que respondeu o velho, que outra benção lh'a não podia dar; mas para o consolar o abendiçoou tambem com estas palavras: *In pinguedine terrae et in rore coeli erit benedictio tua.* A vossa benção será da abundancia da terra e das influencias do céu. Notavel caso! As mesmas palavras que Isaac disse a Jacob disse tambem a Esaú. Pois se em Jacob foram «a benção promettida e o seguro do morgado», como em Esaú o não foram? Ora notae: ainda que as palavras foram as mesmas: a ordem d'ellas foi trocada. Na benção de Jacob pôz em primeiro logar os bens do céu e no segundo os da terra; e na benção de Esaú pôz primeiro os bens da terra e depois os do céu. E eis aqui em que esteve ser benção «de morgado» a de Jacob e não ser tal benção a de Esaú.

Gen. 27.

A benção dos filhos de Deus faz procurar primeiro os bens da outra vida.

Senhores meus, todos havemos mister os bens da terra e mais os do céu: os da terra para esta vida e os do céu para a outra; e ainda que esta vida é primeiro que a outra, o buscar os bens d'ellas ha de ser ás avessas. Os bens da outra hão-se de buscar no primeiro logar e os d'esta no segundo; porque n'isso consiste termos benção «de filhos de Deus.» Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra, que isso de os deixar e de os desprezar é espirito que Deus dá só a quem é servido: não vos digo que os não busqueis; só vos digo que os busqueis por caminho em que seguramente os possais achar, que é buscando em primeiro logar os do céu e servindo a Deus. Servi a Deus e estae seguros que é impossivel faltar o necessario. E senão vamos aos exemplos.

Exemplos de Abrahão, Jacob, José e David.

V. Quem parece que tinha menos fundamento para ter, que Abrahão, a quem Deus mandou sair de sua patria e viver desterrado d'ella? E comtudo, porque tractou de servir a Deus e particularmente porque teve tanta fé e obediencia que chegou

a lhe sacrificar seu filho, veio a ser tão rico e poderoso, que sendo necessario soccorrer a seu sobrinho Loth levou só de sua casa trezentos e dezoito criados. Jacob, desamparado e fugitivo da casa de seu pae; e comtudo, porque serviu a Deus e particularmente porque foi tão dado á oração e contemplação, que chegava a andar a braços com os anjos, veio a ter tanta fazenda, como elle mesmo disse, que saindo da patria só com seu bordão, depois se recolheu a ella com a familia de gente e gados dividida em duas esquadras. José, vendido para o Egypto e lá escravo; comtudo porque foi casto que resistiu aos requerimentos e violencias de sua má senhora, veio a ter tanto pão, que não só sustentou a seus irmãos e a toda a casa de seu pae, senão a todo o Egypto e a todo o mundo. David, da menor familia e o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; e comtudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceu a tanta opulencia, que os thesouros de que testou não se contavam por mil cruzados, nem por contos, senão por milhões. Eis aqui o que fez Deus a estes; e se acaso vol-o não faz a vós, não é porque Deus não seja o mesmo que era; mas porque vós não sois quaes elles foram. Seja o soldado como foi David; seja o lavrador como foi Jacob; seja o desterrado como foi Abrahão; seja o desamparado e perseguido como foi José; e eu vos prometto que lhes não falte Deus com muitos bens. Mas concluamos com a nossa prova e vamos á experiencia.

Prova da experiencia. Texto notavel de David ps. 36.

VI. A experiencia verdadeiramente parece que a tenho contra mim: porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas que padecem grandes necessidades; logo não é verdade que o caminho de ter pão é servir a Deus. Primeiramente eu hei de crer mais ao testimunho de David que ao vosso. Olhae o que diz David: *Junior fui, etenim senui, et non vidi justum derelictum, nec semen ejus quaerens panem*. Eu fui moço e tambem fui velho, e nunca vi um justo desamparado e a sua familia sem o pão para a bocca. Se vós tivereis os olhos tão alumiados como David, póde ser que dissereis o mesmo. Ás vezes os que nós cuidamos que são justos, não são justos: ás vezes os que nós cuidamos que servem verdadeiramente a Deus, não o servem verdadeiramente; e por isso lhes falta Deus com os bens. Serem os homens uma cousa e parecerem outra é facil: faltar a palavra de Deus é impossivel. Em resolução: todos aquelles que parecem bons e padecem necessidades, é uma de duas: ou é que o não são, ou é que quer Deus provar se o são.

Deus antes de prover costuma provar.

Faz um criado d'el-rei uma petição a sua majestade e diz

d'esta maneira: Diz fulano que elle é creado da casa de vossa majestade; e porque ha tanto tempo que serve e não se lhe paga sua moradia: Pede a vossa majestade seja servido de lh'a mandar pagar com effeito: e receberá mercê. Responde el-rei pelo seu mordomo-mór: Prove o fôro e deferir-se-lhe-ha. O mesmo passa no nosso caso. Serve um homem ou uma mulher a Deus: vê-se em necessidade, recorre áquelle Senhor, allega-lhe com suas palavras e com suas promessas e pede-lhe que o soccorra; e com tudo vemos que o não soccorre Deus logo, e que padece. Que é isto? É que o mandou Deus provar os serviços, e está fazendo as suas provanças; e como tiver provado, logo se lhe deferirá com grande abundancia.

Assim o fez com os sanctos patriarchas e com todo o povo que seguiu a Christo no deserto.

Christãos e christãs da minha alma; se servis a Deus e sentis falta do necessario, tende mão, que vos prova Deus: *Expecta Dominum viriliter age*, diz o mesmo David, *et confortetur cor tuum et sustine Dominum*. É estylo este da casa de Deus. Vêde-o nos mesmos exemplos. Abrahão rico por servir a Deus; mas provado primeiro com o desterro. José rico por servir a Deus; mas provado primeiro com o captiveiro; David rico por servir a Deus; mas provado primeiro com as perseguições; Jacob rico por servir a Deus; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do evangelho lhes succedeu o mesmo. Não lhes deu Christo de comer ao primeiro dia nem ao segundo, senão ao terceiro: *Quia iam triduo sustinent me.*. Depois que provou a constancia e paciencia com que o seguiam, então lhes deu o pão milagroso. Primeiro os provou; depois os proveu. Em Deus não ha prover sem provar.

Desservir a Deus é caminho certo de empobrecer.

Sabeis, senhores e senhoras, porque Deus nos não provê bem? Porque nós provamos mal; e a quem o não serve verdadeira e constantemente não tem elle obrigação de sustentar. Somos christãos, servimos a Deus, vemo-nos em pobreza e necessidade: em logar de então o servirmos melhor para que nos soccorra, tomamos por meio de nos remediar o offendel-o. Quantos e quantas ha que, tanto que se vêem em necessidade, vendem a consciencia, vendem a alma e ás vezes o corpo? E que faz Deus então? Como justissimo Juiz, em logar de lhes dar a abundancia que lhes havia de dar se perseverassem constantemente, tira-lhes esse pouco remedio que tinham, com que fiquem perdidos de todo. Porque assim como o caminho certo de ter pão é servir a Deus, assim o caminho certo de se perder o pão que se tem, é desservil-o. Não vos quero trazer d'isto mais que dous exemplos em dous mandamentos: um da primeira tábua, outro da segunda. Da primeira tábua o terceiro, da segunda o septimo.

Prova-se com as quebras do septimo mandamento.

Diz Deus no septimo mandamento: Não furtarás; e vós com cubiça de accrescentar fazenda, ajunctais a alheia á vossa por todas as partes que podeis. E que se segue d'aqui? Que pelo mesmo caso vos tira Deus a que tinheis e mais a que lhe ajunctastes. Dos thesouros do céu dizia Christo, taxando os da terra, que não os come a ferrugem nem a traça, nem os roubam os ladrões. Quaes sejam os ladrões, já o sabemos: mas qual é a ferrugem e a traça dos bens d'este mundo? A ferrugem é o alheio. Assim como a ferrugem come e consome os metaes; assim o alheio come o proprio, se se lhe ajuncta. E qual é a traça que tambem o rói e o come? A «peior» traça são as traças. Buscais mil traças e invenções para ajunctar o alheio ao vosso; e essas são as que em logar de vol-o accrescentar, vol-o roem e vol-o desbaratam. Achab era rei, tomou a Naboth uma vinha; e tanto que a vinha se ajunctou ao reino, perdeu o reino e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho, vomitou-a Achab e com ella tudo o mais. Assim é o alheio: guardae-vos de o metter no estomago; porque primeiramente não vol-o ha de lograr, e ha-vos de puxar e levar comsigo o mais que tiverdes n'elle.

A caveira do principe dos piezenigos.

Conta Tito Livio de um principe dos piezenigos chamado Cures, que, querendo-lhe tomar suas terras Suatislao principe dos ruthenos, elle o houve ás mãos em uma emboscada e mandando-lhe tirar a cabeça fez da sua caveira uma taça encastoada em ouro, por onde bebia, com esta lettra: *Quaerendo aliena, propria amisit:* buscando o alheio, perdeu o proprio. «Horrorosa barbaridade, sem duvida, mas» boa lembrança para as mesas dos principes e dos que o não são! Se em todas as mesas se «lembrasse» esta taça, não se comeria em tantas o pão alheio; e se no Brazil deramos em desenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma lettra! Cuja é esta caveira? É de fulano. Viveu rico e morreu pobre; testou de muitos mil cruzados e seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? Que ar máu deu por esta fazenda? *Quaerendo aliena, propria amisit.* Misturou a sua fazenda com a alhêa, perdeu a alhêa e mais a sua. Fazenda acquirida com desserviço de Deus e contra seus mandamentos? Deus nos livre. O servil-o é o verdadeiro caminho de a acquirir e de a conservar.

Prova-se com as culpas contra o terceiro.

Vamos ao segundo exemplo da primeira tábua. Diz Deus no terceiro mandamento: Guardarás os domingos e as festas; e vós, porque aquelle dia vos não fique sem grangear fazenda, não mandais á missa os vossos escravos, antes mandais ou, quando menos, permittis que trabalhem. Pois sabei e desenganae-vos que tudo quanto se trabalha ao domingo é destruição de tudo o que se acquire pela semana. Dir-vos-hei agora um logar que, ha

muitos annos, tenho notado para os homens do Brazil: Se fizerdes trabalhar a terra aos dias sanctos («diz Deus no capitulo vinte e seis do Levitico») eu a entregarei aos inimigos; e então guardará os dias sanctos a terra. Perguntemos aos nossos vizinhos da Parahiba e da Guayana, quanto ha que se não cultivam as suas cannas e que não moem os seus ingenhos? Pois que é isto? É que estão agora as terras e os ingenhos guardando os dias sanctos que seus donos antigamente lhes não deixavam guardar.

Peccado geral do Brazil.

É peccado geral do Brazil deitar a moer ao dia sancto. Deus deu á terra um dia na semana para descançar: vós não quizestes que descançasse e louvasse a Deus um dia. Pois descançará agora toda a semana e todo o mez e todo o anno, e tantos annos! Senhores, porque cuidais que vos morrem as peças? Porque cuidais que vos fogem e desapparecem? Porque cuidais que se arruinam e desfabricam e estão feitos táperas tantos ingenhos? Eu vol-o direi: por descuido e pouco zelo d'esta capitania. Não mandais o vosso escravo ao domingo á egreja? Pois que faz Deus? Já que vós não obedeceis ao meu preceito e não quereis que o vosso escravo venha um dia na semana á egreja, eu vol-o matarei e virá estar toda a semana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos? Estão para ouvirem as missas que vós lhes não fizestes ouvir. Por cubiça de lavrar e grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia sancto: que faz Deus? Deixa-o fugir para o mato e que nunca mais appareça; e agora anda folgando septe dias da semana, porque vós não quizestes que descançasse um só. Por fazer as seis tarefas redondas mandastes deitar a moer ao domingo á tarde; e Deus que faz? Dispõi que tenhais taes perdas no mar e na terra que não possais sustentar a fabrica e que não moais nem uma só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do ingenho? Está guardando os dias sanctos, que seu dono lhe não deixou guardar.

Como Deus confunde a cubiça humana.

Eis aqui, senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que póde avançar fazenda, quebrando os mandamentos de Deus; e é tanto pelo contrario, que não só se não acquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava acquirida. O caminho certo e seguro de ter fazenda é fazer o que Deus manda; o caminho certo e seguro de ter pão é seguir a Christo como experimentaram os do nosso evangelho: *Manducaverunt et saturati sunt.*

Qual o alvitre para ter muito pão. Não é negociar.

VII. Temos dicto o primeiro alvitre que promettemos, que é como havemos de alcançar o pão: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que poncto este para os cubi-

çosos e para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para accrescentar pão, para multiplicar fazenda; uns haviam de dizer que negociar; e melhor que tudo, negociar para o Maranhão: porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meio será muito bom, quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver pechelingues: quando em Argel não houver turcos: quando na agulha de marear não houver suestes; e quando na costa do Maranhão não houver baixios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, é muito arriscado modo de ganhar esse.

Não é estar muito longe ou muito perto do rei.

Outros dirão que é bom meio servir a el-rei em algum posto grande ou muito juncto a elle, ou muito afastado d'elle: que estes são os postos em que os homens se aproveitam. Dizem que o rei não se ha de tractar como o fogo: nem tão perto que queime, nem tão longe que não aquente: ás avessas deve ser. Do rei ou muito perto ou muito longe. Se tendes posto muito perto do rei, tudo se vos sujeita, tudo vos vem ás mãos; e se tendes posto muito longe do rei, tudo vós sujeitais e em tudo vós metteis a mão. Este modo de accrescentar fazenda não ha duvida que é muito prompto e muito effectivo; e tambem me atrevera eu a dizer que era bom, se n'este mundo não houvera uma conta e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno e n'este mundo não houvera justiça, era muito bom. Mas n'esta vida Limoeiro e na outra vida fogo eterno, n'esta vida confiscado e na outra vida queimado; não é bom modo de ganhar.

Não é poupar muito.

Outros dirão que para ter muito o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome e matar á fome: porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajunctar muito. Este meio eu confesso que é muito bom: mas bom para ajunctar á fazenda para outros e não para si: porque o que eu poupo e o que não gasto não é meu, é d'aquelles a quem o hei de deixar, e depois o hão de gastar muito alegremente. E poupar e morrer de fome para que outros vivam e alardeiem, é uma avareza mui louca.

Mas é fazer esmola.

Pois que remedio para accrescentar a fazenda, util, discreta e muito seguramente? O remedio é muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deus. Quereis ter pão? Servi a Deus. Quereis ter muito? Dae por amor de Deus. Pois o dar, o tirar de mim, é caminho de accrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se fôra dar por amor dos homens ou por outro respeito, sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deus não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajunctar fazenda.

Prova-se com o evangelho do dia.

Vêde-o no nosso evangelho. Perguntou o Senhor onde achariam o pão para que comessem todos. Respondeu Sancto André que todos os pães que havia não passavam de cinco; e com estes, sendo cinco, quiz Christo dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vêdes que tendes doze discipulos que sustentar e que os pães não são mais que cinco? Se tivesseis muito pão, então estavam bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? Antes por isso mesmo. Se os apostolos tiveram doze pães, então não era necessario mais. Porém como não tinham mais que cinco, era força buscar algum modo de os accrescentar; e não podia haver meio mais breve nem mais certo, que dal-os aos pobres. E assim foi: que os apostolos, porque deram cinco pães, não só receberam doze pães, senão doze alcofas. Se os apostolos foram de animo avarento e acanhado e quizeram comer os seus cinco pães, saira menos de meio pão a cada um. Mas porque cada um deu o seu pedaço de pão, ficou com uma alcofa cheia. Quando abris uma mão para dar por amor de Deus, é necessario abrir duas para receber: quando o que dais cabe n'uma mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceu hoje aos apostolos. O pão que deram (que era o que tocava a cada um) cabia em tres dedos; e o que recolheu cada um, não cabia em duas mãos; por isso foi necessario tomarem alcofas.

Com o sacrificio que Noé fez depois do diluvio.

Tudo temos em um caso do Testamento velho. Acabado o diluvio saiu Noé em terra com seus filhos e todos os animaes e lançou-lhes Deus a benção dizendo: Crescei e multiplicae sobre a terra. E que fez Noé? Levantou um altar e começou a degollar de todos os animaes de que era licito fazer sacrificio e queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceu aqui Noé do que Deus tinha dicto e mandado. Não tinha dicto Deus que crescessem e multiplicassem sobre a terra todos os animaes? Pois como os degolla Noé e queima e sacrifica sobre o altar? Olhae: Noé não matou as rezes para as comer: matou-as para as offerecer e sacrificar a Deus; e para as cousas crescerem e multiplicarem, o meio mais certo e mais seguro é dal-as a Deus.

O que se dá aos pobres, dá-se a Deus.

E de que modo as daremos a Deus? Bemdicta seja sua infinita Majestade e Bondade, pois se serviu ensinar-nos por sua propria bocca o que nem imaginar nos atreviamos: *Quandiu fecistis uni ex fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Tudo o que dais ao pobre, dail-o a mim. Vêdes, christãos, como podemos dar a Deus tudo? Tudo o que damos ao pobre, damol-o a Deus; e se quereis que as vossas cousas cresçam e se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dous modos ha no mundo com que

as cousas crescem e se multiplicam muito: um natural ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais um alqueire de pão; colheis quinze, colheis vinte, e se a terra é muito boa, colheis trinta. Na mercancia empregastes cincoenta; ganhastes cento, ganhastes duzentos e ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas é semear e é negociar, mas com grandes vantagens. Para semear não ha melhor terra que as mãos do pobre e para negociar não ha melhor correspondente que Deus. Não são considerações minhas, tudo é fé e sagrada Escriptura.

VIII. Nos Proverbios, capitulo dezenove, diz assim o Espirito Sancto: *Foeneratur Deo qui miseretur pauperis*. Sabeis que cousa é dar esmola? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deus. Cuida o outro que quando dá esmola que a dá para a perder; e engana-se, porque a dá a cambio; e dar a cambio não é perder o que se dá, antes é accrescental-o. Quem dá a cambio sempre tem o seu capital seguro e sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola: segura tudo o que deu e sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias? Não como as dos homens, porque Deus paga muito melhor. Os homens, se lhes dais dinheiro a cambio, dão-vos, quando muito, a seis e quarto por cento; e Deus não dá a seis por cento, senão a cento por um: *Centuplum accipiet et vitam aeternam possidebit:* no outro mundo a vida eterna e n'este cento por um.

Fazer esmola é negociar com Deus.

Matth. 19.

Quereil-o vêr por experiencia? Ora ouvi um gran'caso. S. João Esmoler mandou dar a um homem pobre e honrado quinze livras: deram os criados sómente cinco. Ao outro dia veio uma mulher com um escripto de quinhentas livras. Extranhou o sancto o escripto: chamou o thesoureiro, perguntou-lhe quanto déra: Disse que quinze livras; mas replicou o sancto: Não póde ser: que Deus paga cento por um, e por quinze livras haviam de vir mil e quinhentas e aqui não veem mais que quinhentas. Confessou então o criado a sua avareza. Ficaram todos admirados; mas muito mais quando ouviram o que accrescentou a mulher: Eu, senhor bispo, tinha intenção de trazer mil e quinhentas livras e assim o escrevi hontem n'este papel; mas esta manhã não achei mais que quinhentas com grande admiração minha, porque não sabia a causa, e agora sei. Dizei-me: se no monte de piedade de Roma ou no banco de Veneza se dera a cento por um, houvera quem alli não mettera o seu dinheiro? Pois os pobres são os banqueiros de Deus. Dá-se n'aquelle banco a cento por um; e sendo nós tão amigos de accrescentar, não mettemos todo o nosso cabedal n'aquelle banco. Pois crêde-me que o banco de Veneza póde quebrar, como está hoje

Caso de S. João Esmoler.

menos seguro com a guerra do turco; e o de Deus não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

Fazer esmola é semear.

É boa mercancia a esmola? Pois ainda é melhor lavoura. O Ecclesiastico no capitulo onze: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum:* semeae o vosso pão em terra regada com agua; e eu vos prometto que, ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra é esta regada com aguas, diz S. Basilio, senão as mãos dos pobres? Estão os pobres chorando a sua miseria e regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pés de Christo. Pois n'esta terra assim regada semeae o vosso pão e vereis quão abundantemente o recolheis. Está a viuva, a donzella honrada padecendo necessidade: póde chorar, porque padece; mas não póde pedir, porque é nobre: estão-lhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo. Pois semeae alli a vossa esmola, semeae alli o vosso pão; e vereis quão bem vos rende a seara, porque não ha terra mais fertil. Semeae o vosso pão n'esta terra; e vereis que vos rende mais de cento por um.

Facto de S. Paulino bispo.

S. Paulino bispo, antes de o ser, foi casado: pediu-lhe esmola um pobre: disse á mulher que lhe desse dous pães que havia em casa; mas ella não deu mais que um. Ao outro dia chegou uma barca de pão mandada ao sancto, e junctamente nova que outra, que vinha com ella, se perdera. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdera: a mulher então confessou que não dera os dous pães, senão um só. Pois esse que destes nos trouxe a barca de pão que chegou a salvamento; e o que deixastes de dar metteu no fundo a que se perdeu. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não dais um pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui ás barcadas.

Deve-se imitar o exemplo de S. Joaquim.

Pois, senhores, se tendes tão boa terra em que semear, porque a deixais estar muitas vezes erma e devoluta? S. Joaquim, cujo dia celebramos hoje, repartia a sua fazenda em tres partes e uma era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes: nas pedras, nos espinhos, no caminho e na terra boa. Já que se semeia tanto nos espinhos, que são os vicios; já que se semeia tanto na rua, que é a vaidade; já que se semeia tanto nas pedras, que é o que levam os ingratos; porque se não semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? Porque se não semeará alguma parte dos bens n'esta terra boa que multiplica cento por um?

A quaresma é tempo de semeiar com a esmola.

IX. Ora, senhores, o tempo em que se faz esta lavoura é este da quaresma. Este é o tempo de semear. Não faltam pobres. Para que cuidais que se fez a quaresma? Para duas cousas: para

jejuar e para dar esmola. O que agora direi é de Sancto Agostinho, de Sancto Ambrosio e de todos os doutores. Nos dias que são de jejum comemos uma só vez: jantamos e não ceamos. E para quê? Para que demos aos pobres o que haviamos de cear. Jejuar e guardar pão, não é abstinencia, é avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lh'o accrescenta. Dêmos esmola, e todos; que todos a podem dar: os que teem muito, dêem do muito, os que teem pouco, do pouco; e os que não teem que dar, tenham paciencia de não ter e desejo de poder dar por amor de Deus.

Necessidade de um hospital para S. Luiz do Maranhão.

Bem sei que ha muita caridade n'esta terra: mas não posso deixar de extranhar uma muito grande falta que aqui ha. É possivel que n'uma cidade tão nobre e cabeça de um estado não haja um hospital e que a misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vêde o que ha de dizer Christo no dia do juizo. Vinde, bemdictos de meu Pae, e possui o reino que vos está apparelhado desde o principio do mundo: «porque tive fome e destes-me de comer, tive sêde e destes-me de beber; era peregrino e recolhestes-me: estava nú e cobristes-me: estava enfermo e visitastes-me.» Notae «n'estas palavras de Christo» primeiro que não fez menção do enterro dos mortos: porque a principal misericordia é com os corpos vivos. Segundo, que fez menção da casa de hospitalidade para os peregrinos e infermos. Terceiro, que não disse: foram infermos os outros, senão, fui infermo eu: não disse foram peregrinos os outros, senão, fui peregrino eu e hospedastes-me e visitastes-me. Pois seria bem que viesse Christo a esta cidade com fome, com sede, despido, peregrino, infermo e não haver casa onde o hospedar? «Quasi estou para vos dizer» que melhor fôra não haver na Misericordia egreja que não haver hospital: porque a imagem de Christo que está na egreja é imagem morta, que não padece; as imagens de Christo que são os pobres, são imagens vivas que padecem. Fazei casa aos pobres; que Deus vos fará casa a vós: tirae das vossas casas com que a fazer; que Deus vos lançará sobre ellas uma benção, como a que hoje lançou sobre o pão dos apostolos, com que tudo se accrescente e multiplique com grandes augmentos de bens temporaes e da graça penhor da gloria. *Ad quam*, etc.

(Ed. ant. tom. 12.º, pag. 299, ed. mod. tom. 1.º, pag. 205.)

III. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA **

PRÉGADO NA EGREJA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA DA BAHIA
NO ANNO DE 1633

O primeiro que prégou na cidade o auctor antes de ser sacerdote

---

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Tinha então Vieira 25 annos de edade; e bem mostrou n'este primeiro passo aonde havia de chegar na carreira da eloquencia. Fallando em tempo de guerra, a soldados e sobre assumpto dado pelo mesmo general, não podia desempenhar-se com maior felicidade. Notem-se em modo particular os numeros II, III, V.

Colligite quae superaverunt fragmenta, ne pereant.
S. JOAN. 6

Os fragmentos dos pães no milagre da multiplicação. Pensamento de Eusebio Emisseno.

Como é uso antigo e sempre practicado na guerra, depois das batalhas, principalmente victoriosas, tocar a recolher os exercitos, para que descancem os soldados, e sejam vistos como em triumpho e conhecidos os vencedores, assim o General Supremo da Egreja militante, «sob cujas bandeiras militam não menos as creaturas insensiveis que as racionaes, manda hoje a seus apostolos que toquem a recolher para que sejam conhecidos e levados em triumpho os vencedores de um combate de novo genero, qual nol-o deixa suppor o presente evangelho nas palavras citadas: *Colligite quae superaverunt fragmenta, ne pereant.* «O pensamento não é meu, mas de um tão grande e judicioso interprete, como é entre os antigos padres o subtilissimo Eusebio Emisseno. As palavras do seu novo e maravilhoso commento são estas: *Non sunt panes nisi quinque; manducantes autem plus millibus quinque*: os pães são sómente cinco; os que comem são mais de cinco mil: *Illi manducant, panes crescunt:* os homens comem, os pães crescem: *Certamen fit inter panes et homines:* que é isto, senão uma batalha campal entre pães e homens? E qual o fim d'ella? Milagroso, e que de ne-

nhum modo se podia esperar: *Vincunt panes, superantur homines:* os pães vencem, e os homens são vencidos. Isto disse com tão maravilhosa novidade, como é a do caso, o grande Emisseno: e isto é o que nós «vemos nas» reliquias e fragmentos dos cinco pães «vencedores, que o Senhor manda recolher, e levar em triumpho para que se não perca no esquecimento a memoria de tão illustre combate «e se celebre publicamente tão gloriosa victoria».

Circumstancias bellicas d'este sermão.

Uma das maiores escholas de guerra, que hoje tem o mundo, é a nossa Bahia; e porque o mestre unico d'esta bem exercitada milicia, sobre querer auctorizar com a sua illustrissima presença o auditorio, advertiu que sendo o dia de banquete fossem proporcionadas as iguarias; que outra proposição lhe podia eu achar mais accommodada aos ouvidos tão acostumados ao som das caixas e trombetas, senão fazel-as tambem bellicas, marciaes e de guerra? Taes foram as vozes com que o propheta Isaias, tendo el-rei Balthazar convidado a mil principes do seu imperio, lhes tocou não esperadamente a rebate, e que trocassem os pratos com os escudos: *Comedentes et bibentes: surgite, principes; arripite clypeum.*

Isai. 21.

Applica-se o thema ás circumstancias.

Esta é a razão com que não pôde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offerecimento, que em todas as leis da cortezia devia eu acceitar como mandado. «Seguindo, pois, o sublime pensamento de Emisseno, accommodarei o evangelho ás circumstancias do tempo, logar e auditorio» e desde o principio até o fim mostrarei em toda a narração do milagre os verdadeiros preceitos «da guerra» e o que desde o tomar das armas até o recolher os despojos devem desejar os vencedores soldados. *Ave Maria.*

Christo, como bom capitão, pede conselho, posto que não precise d'elle. Resposta de S. Philippe. *Prov.* 20.

II. Altamente disse Salomão que as guerras se hão de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* E qual será, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres o leme? Não ha duvida que é o conselho. Por isso os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se dão na campanha, mas as victorias se alcançam no gabinete. Christo, Redemptor nosso, não perguntava para saber, senão para ensinar; e para ensinar que nos casos similhantes ao presente se ha de tomar conselho e de quem, apontando primeiro para a grande multidão dos que o seguiam, perguntou a Philippe: *Unde ememus panes, ut manducent hi?* D'onde compraremos pão para dar de comer no deserto a tanta gente? Antes de ouvir a resposta, é muito de notar a quem Christo fez a pergunta e a quem a não fez. Parece que o consultado em primeiro logar havia de ser Judas, como aquelle que tinha cuidado do pro-

vimento e sustento do collegio e era o thesoureiro das esmolas, de que a sua pobreza se valia. Mas assim na pessoa perguntada, como na que não perguntou, nos deu Christo dous soberanos documentos. Não perguntou a Judas, porque era traidor; e de um ministro de pouca fé e verdade talvez se podem dissimular os furtos da fazenda: mas os segredos da guerra, de que depende a conservação do estado, por nenhum modo se lhe deviam fiar. Consultou, porém, e perguntou a Phillippe, porque era natural de Bethsaida e practico d'aquelle paiz, de cuja experiencia em qualquer lavrador ou pastor rustico depende muitas vezes o acerto das resoluções mais que da agudeza e discurso dos sabios, que intendem, mas não adivinham. Porém Philippe, como se viu chamado a conselho, vendo que só se lhe perguntava o logar d'onde se podia comprar pão, *Unde ememus panes;* metteu-se a ministro, difficultando e impossibilitando a compra e exaggerando a somma de dinheiro necessaria para ella: *Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat.* E se o seu voto se seguira, sem duvida morreria á fome toda aquella multidão de homens, como outras vezes acontece pelo mal intendido zelo de ministros tão acanhados no animo, como Philippe o era na fé. Não ha votos mais perniciosos na paz e na guerra, nem mais bem acceitos commummente aos que governam o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitam as acções; com que o que havia de ser trabalho, é ociosidade, e o que havia de importar muito, se resolve em nada.

Resposta de Sancto André.

De Philippe passou o Senhor a sancto André, o mais antigo de todo o apostolado e por isso com a principal qualidade de conselheiro. Mas tambem aqui se póde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro. Direi: S. Pedro era tão destemido e arrojado, que elle só se atreveu tirar pela espada e investir com um esquadrão armado de soldados romanos; e homens de espiritos tão alentados são mais para desfazer as difficuldades na execução, que para consultar se se devem ou não emprehender. Duas partes teve o voto de Sancto André, e a primeira de grande juizo e acerto. Aqui ha, disse, um moço que tem cinco pães: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes.* O voto verdadeiro ha se de fundar no que é e no que ha, ou seja muito ou pouco: e não votos mui elegantes e discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fôra bom haver e não ha, e fôra bom ser e não é. Na segunda parte reconheceu André a difficuldade e desproporção dos cinco pães para sustentar a tantos mil: *Sed haec quid inter tantos?* E tambem aqui acertou como bom conselheiro de guerra, sem ad-

vertir porém qual era o general debaixo do qual militava.

Ainda que se deve attender ao numero dos soldados, a victoria não segue o maior numero.

Luc. 14.
1. Machab. 3.

Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que ha de haver dos combatentes de uma e outra parte, disse assim: Que rei ha, o qual sabendo que vem outro a accommettel-o com um exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro muito de vagar se pode sair só com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa consolação, e tão necessaria como animosa, para os capitães mais versados na arithmetica que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deus sempre se costuma pôr da parte onde ha mais mosqueteiros. Heresia muitas vezes condemnada na Sagrada Escriptura, onde se diz, que tão facil é a Deus vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei coeli liberare in multis vel in paucis.*

Muito mais quando a guerra não é na campanha.

D'esta sentença de Christo póde inferir não digo o nosso temor, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos que nos infestam, tenham dobradas boccas de fogo, nem por isso devemos receiar ou desconfiar da victoria. Mas não é isso só o que aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que póde um rei esperar que com dez mil combatentes resista e prevaleça côntra o que o accommette com vinte mil, falla expressamente da batalha campal e guerra em campanha, como se colhe das palavras: *Si possit cum decem millibus occurrere ei;* e a nossa guerra nas circumstancias presentes póde com dez mil resistir e defender-se não só de vinte, senão de cem mil: porque na campanha peleja um homem contra outro homem de peito a peito; porém os que se defendem cobertos e armados das suas fortificações, com uma muralha deante, ainda que sejam pygmeus, em respeito de outros homens são gigantes. Assim o diz o propheta Ezechiel da confiança ou desprezo com que os soldados da cidade de Tyro zombavam, sendo pygmeus, de todos os seus sitiadores, mostrando-lhes os arcos e as aljavas penduradas da altura dos muros, d'onde comparados com os outros homens eram gigantes.

Ezech. 27.

Christo dá graças antes do combate, porque está certo da victoria.

III. Mas que é o que ouço? São as trombetas e caixas da nossa guerra, do nosso evangelho, que tocam a arma. Pede Christo os cinco pães e com elles nas mãos, e os olhos nos cinco mil homens, diz o evangelista que levantando-os ao céu deu as graças a Deus antes de partir nem distribuir os pães: *Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus.* Esta anticipada acção nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar n'ella e a não passar em silencio, sendo tão nova e ainda encontrada com a razão. As graças dão-se depois da guerra, da batalha e da victoria: então se canta o *Te-Deum* e

se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento que seguimos de Emisseno, era uma batalha entre os pães e os homens: *Certamen fit inter panes et homines;* como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro é o vencer que o pelejar, «porque antes da peleja é certa a victoria.»

Prova-se com a visão do cap. 6.º do apoc.

Arrebatado S. João nas visões do Apocalypse ouviu uma voz que lhe dizia: *Veni et vide:* vem e vê. Abriu os olhos e viu sobre um cavallo branco um mancebo de gentil disposição, armado de arco e aljava; e não tinha bem admirado o ar e bizarria com que o cavalleiro do céu vinha saindo, quando viu que lhe punham uma coroa na cabeça: *Ecce equus albus, et qui sedebat super eum habebat arcum; et data est ei corona.* Coroa? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido, se só trazia na mão o arco e ainda não tinha disparado as settas? Porque este galhardo mancebo, como diz Sancto Agostinho, era o Verbo Eterno que saia do céu a conquistar o mundo; e nas conquistas e batalhas de Christo, primeiro é o vencer que o pelejar: primeiro a victoria que a batalha. O mesmo texto o diz expressamente: *Et exivit vincens ut vinceret:* saiu vencedor para vencer. Se vencedor, já tinha vencido; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo: que só elle, antes de pelejar, vence; e, antes de dar a batalha, já é senhor da victoria. Por isso estando ainda com os cinco pães nas mãos, antes do famoso e nunca visto combate, pondo os olhos na multidão que havia de ser vencida e levantando-os junctamente com as mãos ao céu, dá as graças a Deus, como vencedor «n'aquellas creaturas insensiveis que trazia a seu soldo.»

Como Christo dispoz a nova batalha dos pães. Na ordem está a belleza e força de um exercito.

Marc. 6.
Cant. 6.

Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze apostolos, como a outros tantos sargentos maiores de batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras cada uma de cincoenta; e ao uso com que se punham á mesa os hebreus, os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito n'aquelle deserto. Se o pão se houvesse de dar junctamente a tanta multidão de homens famintos de tres dias, qual seria o tumulto e labyrintho? Por isso mandou que se dividissem e pozessem primeiro em ordem. Multidão desordenada é confusão; com ordem é exercito. Desordenada só serve de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordem e em si leva já segura a victoria. Esse é o respeito por que Salomão, pintando um exercito formidavel e terrivel, não o encareceu pelo numeroso dos combatentes ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Ordenada e disposta assim a campanha, então repartiu Christo aos doze apo-

stolos os cinco pães, lançando-lhes primeiro a sua benção; e divididos em egual proporção com os homens, sairam os pães ao combate por todos os modos novo; elles cinco e estes cinco mil.

Difficuldade da victoria, e como esta se alcançou.

Agora se verá a muita razão que teve sancto André e a pouca fé com que disse: *Quid haec inter tantos?* Quanto á razão: os mesmos que haviam de comer se podiam rir dos poucos boccados de pão com que os apostolos queriam tapar tantas boccas. Quando Josué e Caleb tornaram de explorar a terra de promissão, disseram que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israel aos amorrheus os podiam comer a boccados como pão: *Neque timeatis populum terrae hujus, quia sicut panem, ita eos possumus devorare.* Devorar, disseram, e engulir, que é muito mais facil que comer, zombando da difficuldade do pão, em que não ha osso nem espinha. O mesmo podiam dizer n'este caso os cinco mil «homens» não havendo para a sua fome pão, senão tão pouco para tantos; e cuidando todos que «um combate d'aquella natureza» havia de acabar em um momento, sendo tantos os gastadores e tão pouco o que se havia de desbastar. Mas depois que os apostolos, começando pela primeira, acabaram pela ultima das cem esquadras, então comendo todos passou a admiração a espanto; e a primeira e mais que admirada foi a natureza. Eu, dizia a natureza, tambem sei e posso fazer do pouco pão muito pão: mas isto quando mais apressadamente em tres mezes. Ha-se de arar a terra, ha-se de semear e gradar o trigo, ha-de regal-o o céu, ha-de amadurecel-o o sol, hão de colhel-o suando os segadores; posto em paveias na eira, depois de calcado e limpo, ha de ser moido, depois amassado e levedado, depois finalmente cozido, até que se possa comer. Mas isto quando menos, como dizia, em trez mezes; e ordinariamente desde as neves de dezembro até ás calmas de agosto. Mas em um momento crescer das mãos á bocca!? Sancto Agostinho diz que crescia nas mãos de Christo: S. Chrysostomo, que nas dos apostolos: Sancto Hilario, que nas dos que comiam, e tudo era, mas principalmente n'estes ultimos: porque, partido o pão que a cada um coube, em quanto a mão direita o partia e levava á bocca, já na esquerda ficava outro tanto que se podia tornar a partir; e d'esta maneira quanto mais partiam os comedores, tanto mais cresciam os pães comidos.

Num. 14.

O modo de multiplicar o pão é repartil-o aos pobres, sobretudo em tempo de guerra.

Oh se o mundo soubesse intender e aprender esta traça de multiplicar o pão! *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis,* diz Jeremias: pediram pão os pequenos, e não havia quem lh'o partisse. Partisse, diz, porque a falta de não haver pão, é porque não ha quem o parta e reparta. Grande prova no mesmo evangelho. N'este milagre, como veremos, so-

Thren. 4.

bejaram doze alcofas; em outro similhante septe; e porque menos pão n'aquelle, que n'este? N'aquelle eram mais os pães e menos os comedores; porque os pães eram septe, e quatro mil os comedores: n'este os pães eram cinco, e os comedores cinco mil: logo, lá onde os pães eram mais e os comedores menos, haviam os pães de crescer mais; e cá, onde os pães eram menos e os comedores mais, haviam os pães de crescer menos. E porque não foi assim, senão pelo contrario? Pela razão expressa e infallivel que tenho dicto. Onde os pães eram septe e os comedores quatro mil, foi necessario que os pães se partissem e repartissem menos; e onde se partiram e repartiram menos, tambem cresceram menos: porém no nosso caso, em que os pães eram menos e os homens mais, foi necessario e forçoso que os pães se partissem e repartissem mais, e por isso cresceram mais. Não vos cresce o pão em casa, porque o não sabeis partir e repartir com os que carecem d'elle. «Boa consideração e melhor experiencia pelas vantagens da esmola, que em tempo de guerra se torna tanto mais necessaria, quanto maior é o numero dos necessitados e mais forçosas as miserias que após a devastação dos campos, o incendio e ruina das habitações e o desamparo das familias, fazem parecer pequenas estas primeiras calamidades!

A sabedoria e providencia do capitão multiplica os soldados.

Mas a milagrosa multiplicação dos pães lembra tambem que a sabedoria e providencia do capitão póde multiplicar soldados para os levar comsigo ás mais heroicas emprezas. Que outra força arrojava Grecia e Asia após Alexandre de Macedonia, senão a persuasão de que militavam debaixo das bandeiras de quem os conduzia á victoria? Este foi o secreto poder ou condão de fazer valentes, que tiveram os mais celebres capitães da historia antiga e moderna; pela mesma razão que ouvistes pouco antes n'aquelle dictame do mais sabio rei: *Gubernaculis tractanda sunt bella*. Como o piloto governa o baixel com os acertados movimentos do leme, assim o capitão supremo maneja a guerra com os acertados alvitres da sua providencia».

O desinteresse de Christo n'este milagre e o que devem ter os generaes.

IV. Vencida a batalha mandam os generaes tocar a recolher os soldados vencedores; e assim mandou Christo a seus discipulos, que em signal da victoria recolhessem as reliquias e fragmentos d'ella para que se não perdessem: *Colligite quae superaverunt fragmenta ne pereant*. Fizeram-no assim os apostolos; e admira-se com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheias doze alcofas, nem mais nem menos. Doze e só doze! Bem: porque eram doze os apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse tambem a Christo a sua? Porque era Christo o general; e o general de sublimes pensamentos, qual Christo,

da victoria só quer a honra: dos interesses d'ella, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeram generosamente sem conhecimento do verdadeiro Deus um Agesilau, um Alexandre, um Vespasiano; e dos que o conheceram antes de ser homem, David, Josué, Jephte, Gedeão, Samsão e Judas Machabeu; dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria.* «E se homens que não viram os exemplos e as façanhas do nosso divino General se assignalaram com obras tão desinteressadas, que devem fazer os que estão vendo com os olhos da fé este e tantos outros milagres da sua divina liberalidade?

Fugindo dos que queriam fazel-o rei, ensina que devemos merecer as honras e depois fugir d'ellas.

Ainda mais, que esta prodigiosa acção segundou Christo com outra não menos admiravel, que faz subir de poncto este seu desinteresse.» Vendo os cinco mil homens o milagre, e parecendo-lhes acção verdadeiramente real «aquella providencia e sabedoria com que accudira á necessidade de povo tão numeroso,» que resolveram entre si? Resolvem e determinam todos de acclamar rei a Christo, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum et facerent eum regem.* «Fazel-o rei e por força? *Raperent eum?* Sim: porque bem persuadidos estavam todos de que elle por vontade não acceitaria jámais as proprias honras devidas a seus beneficios. E senão, vede qual foi a conclusão.» Intendeu-lhe o Senhor os pensamentos e deixando-os com o titulo de Rei quasi na bocca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.* «Tão illustre exemplo, não sei se de maior modestia ou desinteresse, não pode ser commentado; considerado sim, e muito considerado, sobretudo por aquelles que nenhuma recompensa acham proporcionada a seus serviços. Vêdes aquelle fugitivo que se apressa a ganhar os esconderijos de um monte da Palestina para occultar-se a uma multidão de gente que o vai buscando? Não é a malevolencia, mas a honra que o persegue, e a honra da realeza que por muitos titulos se lhe deve. Bem sabeis que elle é o Redemptor dos homens e que foge para nos ensinar com o exemplo de que devamos fugir. Se o que fizestes em serviço da patria merecesse não só bastão de general, mas coroa de rei; ainda então devêreis olhar para Christo e apprender que o verdadeiro merecimento não requer honras, mas foge e se esconde.» *Fugit iterum in montem ipse solus.*

Observação de Sancto Agostinho. Recapitulação e conclusão.

V. Aqui acaba o evangelho, e eu tambem tenho acabado o sermão. Mas se é verdade, como é, o que diz Sancto Agostinho, que os milagres depois de intendidos fallam: *Habent miracula, si intelligantur, linguam suam;* ainda que o evangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Ouçamos-lhe duas

palavras. Em Christo, sabedoria eterna, pedir conselho, *Unde ememus panes*, diz que sem conselho nenhuma cousa façamos; porque nenhum homem é tão sabio que não esteja sujeito a errar. Em ser errado o dos apostolos por não recorrerem aos poderes de Christo, *Sed haec quid inter tantos*, diz que elle deve ser o oráculo a que em todas as nossas duvidas e difficuldades devemos recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercê recebida, *Et cum gratias egisset*, diz que ao menos depois de as receber não sejamos desconhecidos e ingratos. Em partir e repartir o pão para o multiplicar, *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de accrescentar os nossos bens é soccorrer com elles aos pobres. Em, finalmente, não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus, *Collegerunt duodecim cophinos;* que é o que diz? Sem duvida que nos diz o Senhor «com mais nobre sentido» o que lá disse a Abrahão «o rei de Sodoma» sobre os despojos de uma victoria: *Da mihi animas, caetera tolle tibi:* tudo o mais vos dou, dae-me as almas. Exhortar este só poncto é o que aqui cabia; mas porque fio mais do bom juizo com que os que me ouvem o poderão considerar, do que das razões com que eu o posso persuadir, acabo «com rogar, que assim como Christo fugindo das honras da realeza se recolheu ao monte para, só por só, segundo nota S. Mattheus, fazer oração: *Ascendit in montem solus orare;* assim nos recolhamos, á sua imitação, de quando em quando a orar meditando a caducidade dos bens d'este mundo, pelos quaes se emprehendem tantas guerras, e a preciosidade das nossas almas que n'estas guerras estão tão expostas a perigo de se perder; e o fructo d'esta oração será que, desprendidos do amor desordenado dos bens terrenos, logremos «todos n'esta vida a graça e na outra a gloria: *Ad quam nos perducat etc.*

Gen. 14.

(Ed. ant. tom. 12.º pag. 133, ed. mod. tom. 11.º pag. 124).

SERMÃO DA QUINTA QUARTA FEIRA **

PRÉGADO NA MISERICORDIA DE LISBOA NO ANNO DE 1669

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O fundamento d'este discurso é tirado de um tropo mui frequente na Escriptura: a cegueira dos olhos corporeos é transferida a significar o erro e ignorancia do intendimento. Por isso a anatomia e declaração das varias especies de cegueira são cousas tão uteis, quão util é a explicação dos varios textos e factos do antigo e novo testamento aqui citados, e das consequencias que se deduzem. O discurso não é menos practico do que ingenhoso e erudito; a peroração é eloquentissima.

Vidit hominem caecum.
S. JOAN. 9.

O cego de nascimento e a cegueira dos phariseus.

Um cego e muitos cegos: um cego curado e muitos cegos incuraveis: um cego que não tendo olhos viu e muitos que tendo olhos não viram, é a substancia resumida de todo este largo evangelho. Deu Christo vista milagrosa em Jerusalem a um cego de seu nascimento: examinaram o caso os escribas e phariseus, como cousa nunca vista, nem ouvida até áquelles tempos: convenceu-os o mesmo cego com argumentos, com razões, e muito mais com a evidencia do milagre. E quando elles haviam de reconhecer e adorar ao obrador de tamanha maravilha por verdadeiro Filho de Deus e Messias promettido, como fez o cego; cegos da inveja, obstinados na perfidia e rebeldes contra a mesma omnipotencia, negaram, blasphemaram e condemnaram a Christo. De maneira que a mesma luz manifesta da Divindade a um homem deu olhos, aos outros deu nos olhos: para um foi luz, e para os outros foi raio: a um allumiou, aos outros feriu: a um sarou, aos outros adoeceu: ao cego fez ver, e aos que tinham vista cegou. Não é a ponderação minha nem de alguma auctoridade humana, senão toda do mesmo Christo. Vendo o milagroso Senhor os effeitos tão encontrados d'aquella sua maravilha, concluiu assim: *Ego in hunc mundum veni, ut qui non vident videant, et qui vident caeci fiant.* Ora o caso é, diz Christo, que eu vim a este mundo para que os cegos ve-

jam, e os que teem olhos ceguem. Não porque este fosse o fim de sua vinda; senão porque estes foram os effeitos d'ella. Os cegos viram, porque o cego recebeu a vista; e os que tinham os olhos cegaram, porque os escribas e phariseus ficaram cegos.

Tracta-se da segunda cegueira.

Suppostas estas duas partes do evangelho, deixando a primeira tractarei só da segunda. O homem que não tinha olhos e viu, já está remediado: os que teem olhos e não vêem, estes são os que hão mister o remedio, e com elles se empregará todo o meu discurso: *Vidit hominem caecum.* Christo viu um homem cego sem olhos, nós havemos de ver muitos homens cegos com olhos. Christo viu um homem sem olhos que não via, e logo viu. Nós havemos de ver muitos homens com olhos que não vêem, e tambem poderão ver se quizerem. Deus me é testimunha que fiz eleição d'este assumpto para ver se se póde curar hoje alguma cegueira. Bem conheço a fraqueza é a desproporção do instrumento: mas o mesmo com que Christo obrou o milagre me anima a esta esperança. Inclinou-se o Senhor á terra, fez com a mão omnipotente um pouco de lodo, applicou-o aos olhos do cego; e quando parece que lh'os havia de escurecer e cegar mais com o lodo, com o lodo lh'os abriu e allumiou. Se Christo com lodo dá vista, que cego haverá tão cego e que instrumento tão fraco e inhabil, que da efficacia e poderes de sua graça não possa esperar similhantes effeitos? Prostremonos, como fez o cego, a seus divinos pés, e peçamos para nossos olhos um raio da mesma luz, por intercessão da Mãe de misericordia, em cuja casa estamos. *Ave Maria.*

Não é esta padecida mas gozada.

II. *Vidit hominem caecum.* O cego que hoje viu Christo padecia uma só cegueira: os cegos que nós havemos de ver, sendo as suas cegueiras muitas, não as padecem, antes as gozam e amam: d'ellas vivem, d'ellas se alimentam, por ellas morrem e com ellas. Estas cegueiras irá descobrindo o nosso discurso. Assim o ajude Deus, como elle é importante.

É cegueira de homens que teem olhos; e por isso maior. Texto de Isaias c. 29. O que Christo mandou dizer ao Baptista.

O maior desconcerto da natureza, ou a maior circumstancia de malicia, que Christo ponderou na cegueira dos escribas e phariseus, que será o triste exemplar da nossa, foi ser cegueira de homens que tinham os olhos abertos: *Ut videntes caeci fiant.* Os escribas e phariseus eram sabios e letrados da lei: eram os que liam as Escripturas, eram os que interpretavam os prophetas; e por isso mesmo eram mais obrigados que todos a conhecer o Messias, e nunca tão obrigados como no caso presente. Isaias no capitulo trinta e cinco, fallando da divindade do Messias e de sua vinda ao mundo, diz assim (ouçam este texto os incredulos): *Deus ipse veniet et salvabit vos. Tunc aperientur*

oculi caecorum. Virá Deus em pessoa a salvar-vos; e em signal de sua vinda e prova de sua divindade dará vista a cegos. O mesmo tinha já dicto no capitulo vinte e nove e o mesmo tornou a dizer no capitulo quarenta e dous. Por isso quando o Baptista mandou perguntar a Christo, se era elle o Messias; querendo o Senhor antes responder com obras que com palavras, o primeiro milagre que obrou deante dos que trouxeram a embaixada, foi dar vista a cegos: *Renunciate Joanni quae audistis et vidistis: caeci vident*. Pois se o primeiro e mais evidente signal da vinda do Messias, se a primeira e mais evidente prova de sua divindade e omnipotencia era dar vista a cegos; e se entre todos os «homens» a que Christo deu vista, nenhum era mais cego que este, e nenhuma vista mais milagrosa, por ser cego de seu nascimento, e a vista não restituida, senão creada de novo; como se allucinaram tanto os escribas e phariseus, que vendo o milagre, não viam nem conheciam o milagroso? Aqui vereis qual era a cegueira d'estes homens. A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a «maior» de todas, e tal era a dos escribas e phariseus. Homens com os olhos abertos e cegos! Com olhos abertos, porque, como letrados, liam as Escripturas e intendiam os prophetas; e cegos, porque vendo cumpridas as prophecias, não viam nem conheciam o prophetizado.

Matth. 11.

Um d'estes letrados cegos era Saulo antes de ser Paulo, e vede como lhe mostrou o céu qual era a sua cegueira. Ia Saulo caminhando para Damasco, armado de provisões e de ira contra os discipulos de Christo; quando, ao entrar já da cidade, eis que fulminado da mão do mesmo Senhor, cái do cavallo em terra, assombrado, attonito e subitamente cego. Mas qual foi o modo d'esta cegueira? *Apertis oculis* (diz o Texto) *nihil videbat:* Com os olhos abertos sem ver nenhuma cousa d'estas, nem se ver a si! Aqui esteve o maravilhoso da cegueira. Se o raio lhe tirára os olhos ou lh'os fechára, não era maravilha que não visse. Mas não ver nada estando com os olhos abertos: *Apertis oculis nihil videbat!* «Assim se lhe mostrou milagrosamente qual fôra a sua» cegueira quando perseguia a Christo. Tal era a dos escribas e phariseus, quando o não criam, e tal a nossa (que é mais) depois de o crermos. Muito mais maravilhosa é esta nossa cegueira, que a mesma vista do cego do evangelho. Aquelle quando não tinha olhos, não via; depois que teve olhos, viu: nós temos olhos e não vemos. N'aquelle houve cegueira e vista; mas em diversos tempos: em nós no mesmo tempo está juncta a vista com a cegueira, porque somos cegos com os olhos abertos, e por isso mais cegos que todos.

A cegueira de S. Paulo quando era Saulo e a dos phariseus.

O mundo está cheio d'estes cegos. Os mais cegos são os maus christãos.

Se lançarmos os olhos por todo o mundo, acharemos que todo ou quasi todo é habitado de gente cega. O gentio cego, o judeu cego, o herege cego, e o catholico (que não devera ser) tambem cego. Mas de todos estes, quaes vos parece que são os mais cegos? Não ha duvida que nós os catholicos: porque os outros são cegos com os olhos fechados, nós somos cegos com os olhos abertos. Que o gentio corra sem freio após os appetites da carne, que o gentio siga as leis depravadas da natureza corrupta, cegueira é; mas cegueira de olhos fechados: não lhe abriu a fé os olhos. Porém o christão que tem fé, que conhece que ha Deus, que ha céu, que ha inferno, que ha eternidade, e que viva como gentio? É cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo gentio. Que o judeu tenha por escandalo a cruz, e por não confessar que crucificou a Deus não queira adorar a um Deus crucificado; cegueira é manifesta: mas cegueira de olhos fechados. Por isso mordidos das serpentes no deserto só saravam os que viam a serpente de Moysés exaltada; e os que não tinham olhos para ver, não saravam. Porém que um christão, (como chorava S. Paulo) seja inimigo da cruz; e que adorando as chagas do crucificado, não sare das suas; é cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo judeu. Que o hereje, sendo baptizado e chamando-se christão, se não conforme com a lei de Christo e despreze a observancia de seus mandamentos, cegueira é, mas cegueira tambem de olhos fechados: crê erradamente que basta para a salvação o sangue de Christo e que não são necessarias obras proprias. Porém o catholico, que crê e conhece evidentemente pelo lume da fé e da razão que fé sem obras é morta e que sem obrar e viver bem ninguem se póde salvar, que viva nos costumes como Luthero e Calvino, é cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo hereje. Logo nós somos mais cegos que todos os cegos.

Auctoridade de Isaias c. 42 e 43.

E se a alguem parecer que me alargo muito em dizer que a nossa cegueira dos catholicos é maior que a do hereje e a do judeu e a do gentio, «ouça» ao mesmo Deus por bocca de Isaias: *Quis caecus nisi servus meus? Quis caecus nisi qui venumdatus est? Quis caecus nisi servus Domini?* Falla Deus com o povo de Israel, o qual n'aquelle tempo, como nós hoje, era o que só tinha a verdadeira fé; e diz não uma, senão tres vezes, que elle era o cego. Porque todos os outros povos eram cegos com os olhos fechados; só o povo de Israel era cego com os olhos abertos. O mesmo propheta o disse: *Populum caecum et oculos habentem:* povo cego e com olhos. Triste e temerosa cousa é que se diga, mas é forçosa consequencia dizer-se, que nós os ca-

tholicos «merecemos a mesma reprehensão.» Porque o gentio, o judeu, o herege são cegos sem fé e com os olhos fechados; e só nós os catholicos somos cegos com a verdadeira fé e com os olhos abertos. Grande miseria e confusão para todos os que dentro do gremio da Egreja professamos a unica e verdadeira religião catholica, e para nós os portuguezes (se bem olharmos para nós) ainda maior!

E de David no ps. 113.

No psalmo cento e treze zomba David dos idolos da gentilidade, e uma das cousas de que principalmente os moteja é, que teem olhos e não vêem: *Oculos habent et non videbunt.* Bem podera dizer que não tinham olhos: porque olhos abertos em pedra, ou fundidos em metal, ou coloridos em pintura, verdadeiramente não são olhos. Tambem podera dizer, e mais brevemente, que eram cegos. Mas disse com maior ponderação e energia que tinham olhos e não viam: porque o encarecimento de uma grande cegueira não consiste em não ter olhos ou em não ver, senão em não ver tendo olhos: *Oculos habent et non videbunt.* Depois d'isto volta-se o propheta com a mesma galantaria contra os fabricadores e adoradores dos dictos idolos, e a benção que lhes deita, ou a maldicção que lhes roga, é que sejam similhantes a elles os que os fazem: *Similes illis fiant qui faciunt ea.* Porque assim como a maior benção que se pode desejar aos que adoram o verdadeiro Deus, é serem similhantes ao Deus que os fez, assim a maior praga e maldicção que se póde rogar aos que adoram os deuses falsos, é serem similhantes aos deuses que elles fazem: *Similes illis fiant qui faciunt ea.* Agora dizei-me. E não seria muito maior desgraça; não seria muito maior miseria e sem-razão nunca imaginada, se esta maldicção caisse não já sobre os adoradores dos idolos, senão sobre os que crêem e adoram o verdadeiro Deus? Pois isso é o que com effeito nos tem succedido. Que cousa são pela maior parte hoje os christãos, senão umas estatuas mortas do christianismo, e umas similhanças vivas dos idolos da gentilidade, com os olhos abertos e cegos?

Christãos cegos como os idolos da gentilidade.

Miseria é grande que sejam similhantes aos idolos os que os fazem; mas muito maior miseria é, e muito mais extranha, que sejam similhantes aos idolos os que os desfazem: e estes somos nós. Estes somos nós (torno a dizer) por christãos, por catholicos, e muito particularmente por portuguezes. Para que fez Deus Portugal e para que levantou no mundo esta monarchia, senão para desfazer idolos, para converter idolatras, para desterrar idolatrias? Assim o fizemos e fazemos com gloria singular do nome christão nas Asias, nas Africas, nas Americas. Mas, como se os mesmos idolos se vingaram de nós, nós

derribámos as suas estatuas e elles pegaram-nos as suas cegueiras. Cegos e com olhos abertos como idolos: cegos e com olhos abertos como o povo de Israel: cegos e com olhos abertos como Saulo: e cegos finalmente e com os olhos abertos como os escribas e phariseus.

Tres especies de cegueira.

III. Está dicto em commum o que basta; agora para maior distincção e clareza desçamos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos divide-se em tres especies de cegueira, ou, fallando medicamente, em cegueira da primeira, da segunda e da terceira especie. A primeira é de cegos que vêem e não vêem junctamente: a segunda de cegos que vêem uma cousa por outra: a terceira de cegos que, vendo o demais, só a sua cegueira não vêem. Todas estas cegueiras se acharam hoje nos escribas e phariseus; e todas, por egual ou maior desgraça nossa, se acham tambem em nós. Vamos discorrendo por cada uma e «descobriremos» no nosso ver muita cousa que não vêmos.

A primeira é ver e não ver.

Começando pela cegueira da primeira especie digo que os olhos abertos dos escribas e phariseus eram olhos que junctamente viam e não viam. Bem sei que ver e não ver «parece que» implica contradicção; mas assim o disse Christo fallando d'estes mesmos homens no capitulo quarto de S. Marcos: *Ut videntes videant et non videant:* para que vendo vejam e não vejam. Agora esperaveis que eu saisse com grandes espantos. Se viam, como não viam? E se não viam, como viam?! Difficultar sobre tal auctoridade seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta. Eu porém não me quero escusar por isso de dar a razão d'este que parece impossivel; mas antes que lá cheguemos, vejamos esta mesma implicação de vêr e não vêr practicada em dous casos famosos, ambos da historia sagrada.

Deu-se o caso nos soldados que queriam prender a Eliseu.
4. *Reg.* 6.

Estando el-rei de Syria em campanha sobre o reino de Israel, experimentou por muitas vezes que quanto deliberava no seu exercito, se sabia no do inimigo. E imaginando ao principio que devia de haver no seu conselho alguma espia comprada que fazia estes avisos, soube dos capitães e dos soldados mais practicos d'aquella terra que o propheta Eliseu era o que revelava e descobria tudo ao seu rei. (Oh se os reis tiveram ao seu lado prophetas!) Achava-se n'este tempo Eliseu na cidade de Dotán: resolve o rei mandal-o tomar dentro n'ella por uma entrepresa; e marchando a cavallaria secretamente em uma madrugada, eis que sái o mesmo Eliseu a encontrar-se com elles: diz-lhes que não era aquelle o caminho de Dotán: leva-os á cidade fortissima de Samaria, mette-os dentro dos muros, fecham-se as portas, e ficaram todos tomados e perdidos. É certo que estes soldados d'el-rei de Syria conheciam muito bem a cidade de Do-

tán e a de Samaria, e as estradas que iam a uma e a outra, e muitos d'elles ao mesmo propheta Eliseu. Pois, se conheciam tudo isto e viam as cidades e os caminhos e ao mesmo propheta, como se deixaram levar onde não pretendiam ir? Como não prenderam Elyseu, quando se lhes veio metter nas mãos? E como consentiram que elle os mettesse dentro dos muros e debaixo das espadas dos inimigos? Diz o texto sagrado que toda esta comedia foi effeito da oração de Eliseu, o qual pediu a Deus que cegasse aquella gente: *Percute, oro, gentem hanc caecitate.* E foi cegueira tão nova, tão extraordinaria e tão maravilhosa, que junctamente viam e não viam. Viam a Eliseu, e não viam a Eliseu: viam a Samaria, e não viam a Samaria: viam os caminhos, e não viam os caminhos: viam tudo, e nada viam. Póde haver cegueira mais implicada, e de homens com os olhos abertos? Tal foi por vontade de Deus a d'aquelles barbaros, e tal é contra a vontade de Deus a nossa, sendo christãos. Eliseu quer dizer *saude de Deus:* Samaria quer dizer *carcere e diamante.* E que é a saude de Deus, senão a salvação? Que é o carcere de diamante, senão o inferno? Pois assim como os assyrios indo buscar a Eliseu se acharam em Samaria, assim nós buscando a salvação nos achamos no inferno. E se buscarmos a razão d'este erro e d'esta cegueira, é porque elles e nós vêmos e não vêmos. Não vês christão, que este é o caminho do inferno? Sim. Não vês que est'outro é o caminho da salvação? Sim. Pois como vais buscar a salvação pelo caminho do inferno? Porque vêmos os caminhos, e não vêmos os caminhos: vêmos onde vão parar, e não vêmos onde. Tanta é com os olhos abertos a nossa cegueira!

E nos habitantes de Sodoma juncto da casa de Loth.

Segundo caso e maior. Mandou Deus dous anjos á cidade de Sodoma para que salvassem a Loth e abrazassem a seus habitadores; e eram elles tão merecedores do fogo, que lhes foi necessario aos mesmos anjos defenderem a casa onde se tinham recolhido. Mas como a defenderam? Diz o texto sagrado que o modo que tomaram para defender a casa foi cegarem toda aquella gente desde o maior até o mais pequeno: *Percusserunt eos caecitate a maximo usque ad minorem.* Quando eu li que os anjos cegaram a todos, cuidei que lhes fecharam os olhos e que ficaram totalmente cegos e sem vista; e que a razão de cegarem não só os homens, senão tambem os meninos, fôra, porque os meninos não podessem guiar os homens. Mas não foi assim. Ficaram todos com os seus olhos abertos e inteiros como d'antes. Viam a cidade, viam as ruas, viam as casas; e só com a casa e com a porta de Loth, que era o que buscavam, nenhum d'elles atinava. Buscavam na cidade

Gen. 19.

a rua de Loth; viam a rua, e não atinavam com a rua. Buscavam na rua a casa de Loth; viam a casa, e não atinavam com a casa. Buscavam na casa a porta de Loth; viam a porta, e não atinavam com a porta: *Ita ut ostium invenire non possent,* diz o Texto. E para que cesse a admiração de um caso tão prodigioso, isto que fizeram n'aquelles olhos os anjos bons, fazem nos nossos os anjos maus. Estamos na quaresma, tempo de rigor e de penitencia; e sendo que a penitencia é a rua estreita por onde se vái ao céu; vêmos a rua, e não atinamos com a rua. Entramos e frequentamos agora mais as egrejas: pomos os pés por cima d'essas sepulturas; e sendo que a sepultura é a casa onde havemos de morar para sempre, vêmos a casa, e não atinamos com a casa. Sobem os prègadores ao pulpito, põem-nos deante dos olhos tantas vezes a lei de Deus esquecida e desprezada; e sendo que a lei de Deus é a porta por onde se póde entrar á bemaventurança, vêmos a porta, e não atinamos com a porta.

É facto de todos os dias.

Paremos a esta porta ainda das telhas abaixo. Andam os homens cruzando as côrtes, revolvendo os reinos, dando voltas ao mundo; cada um em demanda das suas pretenções, cada um para se introduzir ao fim dos seus desejos; todos aos encontrões uns sobre os outros: os olhos abertos, a porta á vista, e ninguem atina com a porta. Andais buscando a honra com olhos de lynce; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta, que é a virtude, ninguem atina com a porta. Andais-vos desvellando pela riqueza com «cem» olhos; e sendo que a porta certa da riqueza não é accrescentar fazenda, senão diminuir cubiça, ninguem atina com a porta. Andais-vos matando por achar a boa vida; e sendo que a porta direita por onde se entra á boa vida, é «viver bem», ninguem atina com a porta. Andais-vos cançando por achar o descanço, e sendo que não ha nem póde haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanço, senão accommodar com o estado presente e conformar com o que Deus é servido, não ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo que está vendo: porque todos, desde o maior ao menor, somos como aquelles cegos: *Percusserunt eos caecitate a maximo usque ad minorem.*

A causa d'esta cegueira é falta de advertencia.

Sobre estes dous exemplos tão notaveis entre agora a razão, por que estais esperando. Que seja possivel ver e não ver junctamente, já o tendes visto. Direis que sim, mas por milagre. Eu digo que tambem sem milagre e muito facil e naturalmente. Não vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos e fixos em uma parte e, porque no mesmo tempo estais com o pensa-

mento divertido ou na conversação ou em algum cuidado, não dar fé das mesmas cousas que estais vendo? Pois esse é o modo e a razão por que naturalmente e sem milagre podemos vêr e não vêr junctamente. Vêmos as cousas, porque as vêmos; e não vêmos essas mesmas cousas, porque as vêmos divertidos.

Acconteceu aos discipulos de Emmaús como nota Sancto Agostinho n.º 16.

Iam para Emmaús os dous discipulos, practicando com grande tristeza na morte de seu Mestre; e foi cousa maravilhosa que apparecendo-lhes o mesmo Christo e indo caminhando e conversando com elles, não o conhecessem. Alguns quizeram dizer que a razão d'este engano, ou d'esta cegueira, foi, porque o Senhor mudou as feições do rosto e ainda a voz ou tom da falla. Mas esta exposição, como bem notou Sancto Agostinho, é contra a propriedade do texto, o qual diz expressamente que o engano não foi da parte do objecto, senão da potencia: não da parte do visto, senão da vista: *Oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*. Como é possivel logo que não conhecessem a quem tão bem conheciam, e que não vissem a quem estavam vendo? Na palavra *tenebantur* está a solução da duvida. Diz o evangelista que não conheceram os discipulos ao mesmo Senhor que estavam vendo, porque tinham os olhos presos. Isto quer dizer *tenebantur*. Mas se os olhos estavam presos, como viam? E se viam como estavam presos? Não estavam presos pela parte da vista; estavam presos pela parte da advertencia. Iam os discipulos divertidos na sua practica, e muito mais divertidos na sua tristeza; e esta diversão do pensamento era a que lhes prendia a advertencia dos olhos. Como tinham livre a vista, viam a Christo: como tinham presa a advertencia, não conheciam que era elle. Vêde a força que tem o pensamento para a diversão da vista! Os olhos estavam no caminho com Christo vivo, o pensamento estava na sepultura com Christo morto; e póde tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente em que cuidavam, os divertia do mesmo Christo presente que estavam vendo. Tanto vai de vêr com attenção e advertencia, ou vêr com desattenção e divertimento.

Por isso Jeremias c. 1 e Isaias c. 42 inculcavam tanto esta advertencia.

Por isso Jeremias bradava: *Attendite et videte:* attendei e vêde: não só pede o propheta a vista; mas a vista e a attenção, e primeiro a attenção que a vista: porque vêr sem attenção é vêr e não vêr. Ainda é mais proprio este vêr e não vêr, do que o modo com que viam e não viam aquelles cegos nos dous casos milagrosos que referimos. Elles não viam o que viam: porque lhes confundiu Deus as especies. Nós sem confusão nem variedade das especies, não vêmos o que vêmos, só por desattenção e divertimento da vista. Agora intendereis a energia mysteriosa e discreta com que o propheta Isaias nos manda olhar para vêr:

Intuemini ad videndum. Quem ha que olhe, senão para vêr? E quem ha que veja, senão olhando? Porque diz logo o propheta, como se nos inculcára um documento particular: Olhae para vêr? Porque assim como ha muitos que olham para cegar, que são os que olham sem tento, assim ha muitos que vêem sem olhar, porque vêem sem attenção. Não basta vêr para vêr, é necessario olhar para o que se vê. Não vêmos as cousas que vêmos; porque não olhamos para ellas. Vêmol-as sem advertencia e sem attenção; e a mesma desattenção é a cegueira da vista. Divertem-nos a attenção os pensamentos; suspendem-nos a attenção os cuidados; prendem-nos a attenção os desejos; roubam-nos a attenção os affectos; e por isso vendo a vaidade do mundo, imos após ella, como se fôra muito solida. Vendo o engano da esperança, confiamos n'ella, como se fôra muito certa. Vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella castellos, como se fôra muito firme. Vendo a inconstancia da fortuna, seguimos suas promessas, como se foram muito seguras. Vendo a mentira de todas as cousas humanas, crêmos n'ellas como se foram muito verdadeiras. E que seria se os affectos que nos divertem a attenção da vista fossem da casta d'aquelles que tanto divertiram e perturbaram hoje a dos escribas e phariseus? Divertia-os o odio: divertia-os a inveja: divertia-os a ambição: divertia-os o interesse: divertia-os a soberba: divertia-os a auctoridade e ostentação propria; e como estava a attenção tão divertida, tão embaraçada, tão perturbada, tão presa; por isso não viam o que estavam vendo: *Ut videntes caeci fiant*.

A segunda especie de cegueira é vêr as cousas como não são. *Joan. 9.*

IV. A cegueira da segunda especie, ou a segunda especie da cegueira dos escribas e phariseus, era serem taes os seus olhos, que não viam as cousas ás direitas, senão ás avessas: não viam as cousas como eram, senão como não eram. Viam os olhos milagrosos, e diziam que era engano. Viam a virtude sobrenatural, e diziam que era peccado. Viam uma obra que só podia ser do braço de Deus, e diziam que não era de Deus, senão contra Deus: *Non est hic homo a Deo*. De maneira que não só não viam as cousas como eram, mas viam-nas como não eram; e por isso muito mais cegos, que se totalmente as não viram: «emfim, dignos filhos dos primeiros paes».

Tal foi a dos primeiros paes. *Gen. 3.*

Os mais cegos homens que houve no mundo foram os primeiros homens. Disse-lhes Deus, não por terceira pessoa senão por si mesmo; e não por enigmas ou metaphoras, senão por palavras expressas: que aquella fructa da arvore que lhes prohibia, era venenosa; e que no mesmo dia em que a comessem, haviam de perder a immortalidade em que foram creados, não só para si, senão para todos seus filhos e descendentes; e com-

tudo comeram. Ha homem tão cego que coma o veneno, conhecido como veneno, para se matar? Ha homem tão cego que dê o veneno, conhecido como veneno, a seus filhos, para os vêr morrer deante de seus olhos? Tal foi a cegueira dos primeiros homens. Pois como cairam em uma cegueira tão extranha? Como foram ou poderam ser tão cegos? Não foram cegos, porque não viam, que tudo viam muito mais clara e muito mais evidentemente do que nós o vemos e admiramos: mas foram cegos, porque viram uma cousa por outra. O mesmo texto o diz: *Vidit mulier quod bonum esset lignum ad vescendum.* Viu a mulher que aquella fructa era boa para comer. Mulher cega «que viste as cousas ás avessas!» A fructa vedada era má para comer e boa para não comer. Má para comer, porque comida era veneno e morte. Boa para não comer, porque não comida era vida e immortalidade. Pois se a fructa só para não comer era boa, e para comer não era boa, senão muito má, como viu Eva que era boa para comer? Porque era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fructa não via o que era, e via o que não era. Não via que era má para comer, sendo má; e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vidit quod bonum esset.*

E é de quasi todos os seus filhos. Isai. 5.

Esta foi a cegueira de Eva; e esta é a dos filhos de Eva: *Vae qui dicitis malum bonum, et bonum malum.* Andam equivocados dentro em nós o mal com o bem e o bem com o mal; não por falta de olhos, mas por erro e engano da vista. No paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que veda a lei natural, a divina e as humanas, tudo o que prohibe a razão e condemna a experiencia, são arvores e fructas vedadas; e é tal o engano e illusão da nossa vista, equivocada nas côres com que se disfarça o veneno, que em vez de vermos o mal certo para o fugir, vemos o bem que não ha para o appetecer. D'aqui nasce, como da vista de Eva, a ruina original do mundo, não só nas consciencias e almas particulares; mas muito mais no commum dos estados e das republicas.

Por ella caiu a republica dos hebreus seguindo os falsos prophetas. Thren. 2.

Caiu a mais florente e bem fundada republica que houve no mundo, qual era antigamente a dos hebreus, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deus. Qual vos parece que foi a origem ou causa principal de sua ruina? Não foi outra senão a cegueira dos que tinham por officio ser olhos da republica. E não porque fossem olhos de tal maneira cegos que não vissem; mas porque viam trocadamente uma cousa por outra, e em vez de verem o que era, viam o que não era. Assim o lamentou o propheta Jeremias nas lagrimas que chorou em tempo do captiveiro de Babylonia sobre a destruição e ruina de

Jerusalem: *Prophetae tui viderunt tibi falsa*. Os olhos d'aquella republica, que não só tinham por officio vêr o presente, senão tambem o futuro, eram os prophetas que por isso se chamavam *Videntes*. E diz Jeremias á enganada e já desenganada Jerusalem, que os seus prophetas lhe viam as cousas falsas. Notae muito a palavra *viderunt*. Se dissera que prophetizavam, ou prègavam, ou aconselhavam, ou finalmente diziam cousas falsas; bem estava: mas dizer que as viam? Se as cousas eram falsas, não eram; e se não eram, como as viam? Porque essa era a cegueira dos olhos da triste republica. Olhos que não viam o que era, e viam o que não era, nem havia de ser. Os prophetas verdadeiros viam o que era: os prophetas falsos viam o que não era; e porque a cega republica se deixou governar por estes olhos, por isso se perdeu. Jeremias, propheta verdadeiro, dizia que se sujeitassem a Nabucodonosor; porque, se assim o não fizessem, havia de tornar segunda vez sobre Jerusalem e destruil-a de todo. Pelo contrario Hananias, propheta falso, prègava e promettia que Nabuco não havia de tornar, antes havia de restituir os vasos sagrados do templo que tinha saqueado. E porque estes oraculos falsos, como mais plausiveis, foram os cridos, foi Jerusalem de todo destruida e assolada e as reliquias de sua ruina levadas a Babylonia.

Caso do voto de Micheas contra o de Sedecias e outros 400 prophetas.

Micheas, propheta verdadeiro, consultado sobre a guerra de Ramoth Galaad disse que via o exercito de Israel derramado pelos campos, como ovelhas sem pastor. Pelo contrario Sedecias com outros quatrocentos prophetas falsos, persuadiam a guerra e asseguravam a victoria. E porque el-rei Achab quiz antes seguir a falsidade lisonjeira dos muitos, que a verdade provada e conhecida de um, posto que entrou na batalha sem corôa e disfarçado para não ser conhecido, um só tiro de uma setta perdida matou o rei, desbaratou o exercito e sentenciou a victoria pelos inimigos. Assim viram Micheas e Jeremias o que havia de ser, e os demais o que não foi. Para que abram os olhos os principes e vejam quaes são os olhos por cuja vista se guiam. Guiem-se pelos olhos dos poucos que vêem as cousas como são, e não pelos dos muitos e cegos que vêem uma cousa por outra.

Causa d'esta segunda cegueira é a paixão com que se vê.

Mas como póde ser (para que demos a razão d'esta segunda cegueira, como a dêmos da primeira) como póde ser que haja homens tão cegos que com os olhos abertos não vejam as cousas como são? Dirá alguem que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico, porque é ignorante, vê que a lua é maior que as estrellas: mas o philosopho, porque é sabio e mede as quantidades pelas distancias, vê que as estrellas são

maiores que a lua. O rustico, porque é ignorante, vê que o céu é azul: mas o philosopho, porque é sabio e distingue o verdadeiro do apparente, vê que aquillo que parece céu azul, nem é azul nem é céu. O rustico, porque é ignorante, vê muita variedade de côres no que elle chama arco da velha: mas o philosopho, porque é sabio e conhece que até a luz engana quando se dobra, vê que alli não ha côres, senão enganos corados, e illusões da vista. Eu não pretendo negar á ignorancia os seus erros. Mas os que do céu abaixo padecem commummente os olhos dos homens e com que fazem padecer a muitos, digo que não são da ignorancia, senão da paixão. A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as especies para que vejam umas cousas por outras. E esta é a verdadeira razão ou semrazão de uma tão notavel cegueira. Os olhos vêem pelo coração; e assim como quem vê por vidros de diversas côres, todas as cousas lhe parecem d'aquella côr, assim as vistas se tingem dos mesmos humores de que estão bem ou mal affectos os corações.

Caso dos moabitas

Tinham os moabitas assentado seus arraiaes de fronte a fronte com os de Josaphat e Jorão reis de Israel e de Judá; e vendo ao amanhecer que por entre elles corria uma ribeira, julgaram que a agua, ferida dos raios do sol, era sangue, e persuadiram-se que os dous reis amigos por alguma subita discordia tinham voltado as armas um contra o outro.

De Assuero.

Caido da graça d'el-rei Assuero seu grande valído Aman e condemnado á morte, lançou-se aos pés da rainha Esther no throno onde estava, pedindo perdão e misericordia; e como Assuero o visse n'aquella postura, foi tal o juizo que formou e tão alheio de sua propria honra, que não ha palavras decentes com que se possa declarar.

Dos discipulos de Christo no mar de Tiberiades

Corria fortuna a barca de S. Pedro no mar de Tiberiades, derrotada da furia dos ventos e quasi sossobrada do peso das ondas, quando appareceu sobre ellas Christo caminhando a grandes passos a soccorrel-a. Viram-no os apostolos; e então tiveram o naufragio por certo e se deram por totalmente perdidos, julgando, diz o texto, que era algum phantasma.

Estes tres casos explicam o que é a segunda especie de cegueira.

Voltemos agora sobre estes tres casos tão notaveis e saibamos a causa de tantos enganos da vista. Os apostolos, Assuero, os moabitas, todos estavam com os olhos abertos, todos viram o que viam e todos julgaram uma cousa por outra. Pois se os apostolos viam a Christo, como julgaram que era phantasma? Se Assuero viu a Aman em acto de pedir misericordia, como julgou que «desacatava a rainha»? Se os moabitas viam a agua da ribeira, como julgaram que era sangue? Porque assim con-

fundem e trocam as especies da vista os olhos perturbados com alguma paixão. Os apostolos estavam perturbados com a paixão do temor: Assuero com a paixão da ira: os moabitas com a paixão da vingança; e como os moabitas desejavam verter o sangue dos dous exercitos inimigos, a agua lhes pareceu sangue: como Assuero queria tirar a vida a Aman, a contrição lhe parecia peccado: como os apostolos estavam medrosos com o perigo, o remedio e o mesmo Christo lhes parecia phantasma. Fiae-vos lá de olhos que vêem com paixão.

O amor e o odio transformam os objectos da vista.

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes: amor e odio. E estes dous affectos cegos são os dous polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juizo que abhorrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro: se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio: se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu: se com amor, o que não é tem ser; se com odio, o que tem ser e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados e as dignidades abatidas; os talentos ociosos e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada e a sciencia sem honra; a fraqueza com bastão e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares e a virtude sem culto; os milagres accusados e os milagrosos réus. Póde haver maior violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos, cegos quando se fecham e cegos quando se abrem; cegos quando amam e cegos quando abhorrecem; cegos quando approvam e cegos quando condemnam; cegos quando não vêem e quando vêem muito mais cegos: *Ut videntes caeci fiant*.

A terceira especie de cegueira é não se conhecer a si mesma.

V. Temos chegado á cegueira da terceira especie, na qual estavam confirmados os escribas e phariseus; porque sendo tão cegos, como temos visto, não viam nem conheciam a sua propria cegueira. O cego que conhece a sua cegueira não é de todo cego; porque, quando menos, vê o que lhe falta: o ultimo extremo da cegueira é padecel-a e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego d'estes homens, dos quaes disse aguda-

mente Origenes, que chegaram a perder o sentido da cegueira. A natureza quando tira o sentido da vista deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios. Porém os escribas e phariseus estavam tão pagos dos seus e tão rematadamente cegos, que não só tinham perdido o sentido da vista, senão tambem o sentido da cegueira: o da vista, porque não viam, o da cegueira, porque a não «sentiam». Arguiu-os Christo hoje tacitamente d'ella; e elles, que intenderam o remoque, responderam: *Nunquid et nos caeci sumus?* Por ventura somos nós tambem cegos? Como se disseram: Os outros são os cegos; porém nós que somos os olhos da republica, nós que somos as sentinellas da casa de Deus, nós que temos por officio vigiar sobre a observancia da fé e da lei, só nós temos luz, só nós temos vista, só nós somos os que vemos. Mas por isso mesmo era maior a sua cegueira que todas as cegueiras, e elles mais cegos que todos os cegos: porque não póde haver maior cegueira, nem mais cego, que ser um homem cego e cuidar que o não é.

Joan. 9.

Na parabola do cego que guia a outro cego, qual o mais cego?

Introduz Christo em uma parabola um cego que ia guiando a outro cego: *Si caecus caecum ducat.* O que ia guiado era cego, o que ia guiando tambem era cego. Mas qual d'estes dous cegos vos parece que era mais cego, o guia ou o guiado? Muito mais cego era o guia. Porque o cego que se deixava guiar conhecia que era cego, mas o que se fez guia do outro tão fóra estava de conhecer que era cego, que cuidava que podia emprestar olhos. O primeiro era cego uma vez; o segundo duas vezes cego: uma vez, porque o era; outra vez, porque o não conhecia.

Math. 15.

S. João ao bispo de Laodicea

S. João no seu apocalypse escreve uma carta de reprehensão ao bispo de Laodicea e diz n'ella assim: *Nescis quia miser es et miserabilis et caecus?* Não sabes que és miseravel e miseravel e cego? No *miser et miserabilis* reparo. Que lhe chame miseravel, porque era cego, bem clara está a miseria: mas porque lhe chama não só uma senão duas vezes miseravel? Chama-lhe duas vezes miseravel, porque era duas vezes cego: uma vez cego, porque o era; e outra vez cego, porque o não conhecia. Ser cego era miseria, porque era cegueira: mas ser cego e não o conhecer, era miseria dobrada. A primeira cegueira tirava-lhe a vista das outras cousas, a segunda cegueira tirava-lhe a vista da mesma cegueira; e por isso era cego sobre cego e miseravel: *Miser et miserabilis et caecus.*

Seneca refere um caso que figura os cegos dos nossos dias

Oh quantos miseraveis sobre miseraveis e quantos cegos sobre cegos ha como este no mundo! Refere Seneca um caso notavel succedido na sua familia; e diz a seu discipulo Lucilio, que

lhe contará uma cousa incrivel, mas verdadeira. Tinha uma creada chamada Harpastes, a qual, sendo fatua do seu nascimento, perdeu subitamente a vista. E que vos parece que faria Harpastes cega e sem juizo? Aqui entra a cousa incrivel. Era cega e não o sabia: quando o que tinha cuidado d'ella lhe dava a mão para a guiar, lançava-o de si: dizia que estava a casa ás escuras; que abrissem as janellas; e as janellas que tinha fechadas não eram as da casa, eram as dos olhos. Póde haver cegueira mais fatua e mais digna de riso? Pois d'esta maneira somos todos: cegos e fatuos: cegos, porque não vemos; e fatuos, porque não conhecemos a nossa cegueira. Não é cegueira a soberba? Não é cegueira a inveja? Não é cegueira a cubiça? Não é cegueira a ambição, a pompa, o luxo? Não é cegueira a lisonja e a mentira? Sim. Mas a nossa fatuidade é tanta como a de Harpastes, que sendo a cegueira e a escuridade nossa, attribuimol-a á casa e dizemos que não se póde viver de outro modo n'este mundo e muito menos na côrte. Se somos cegos, porque o não conhecemos? Isaac era cego; mas conhecia a sua cegueira; por isso tocou as mãos de Jacob para supprir a falta da vista com o tacto. O mendigo de Jericó era cego; mas conhecia que o era; por isso a esmola que pediu a Christo não foi outra, senão a da vista. Como havemos nós de supprir as nossas cegueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio, se as não conhecemos?

As nossas caidas provam que estamos cegos.

Pois por certo que não nos faltam experiencias muito claras e muito caras para as conhecer, se não foramos cegos sobre cegos. Olhae para as vossas quedas; e vereis as vossas cegueiras. Quando Tobias ouviu que vinha chegando seu filho, de cuja vinda e vida já quasi desesperava, foi tal o seu alvoroço, que, levantando-se, remetteu a correr para o ir encontrar e receber nos braços. Tende mão, velho enganado: não vêdes que sois cego? Não vêdes que não podeis andar por vós mesmo, quanto mais correr? Não vêdes que podeis cair, e que póde ser tal a queda, que funeste um dia tão alegre e entristeça todo este prazer vosso e de vossa casa? Assim foi em parte; porque a poucos passos titubantes e mal seguros tropeçou Tobias e deu comsigo em terra, diz o texto grego. Levantado porém em braços alheios deu a mão a um creado, e com este arrimo sem novo risco chegou a receber o filho. De maneira que o alvoroço, a alegria subita e o amor cegaram de tal sorte a Tobias, que não viu nem reparou na sua cegueira; porém depois que caiu, a mesma queda o fez conhecer que era cego, e que como cego se devia pôr nas mãos de quem o sustentasse e guiasse. Todas as cousas se vêem com os olhos abertos, e só a propria

cegueira se póde vêr com elles fechados. Mas quando ella é tão cega que não se vê a si mesma, as quedas lhe abrem os olhos para que se veja. Cairam os primeiros paes tão cegamente como vimos; e quando se lhes abriram os olhos para verem a sua cegueira? Depois que se viram caidos: *Et aperti sunt oculi amborum*. O appetite os cegou e a caida lhes abriu os olhos. Que filho ha de Adão qne não seja cego? E que cego que não tenha caido uma e muitas vezes? E que não bastem tantas caidas e recaidas para conhecermos a nossa cegueira! Se caís em tantos tropeços quantas são as vaidades e loucuras do mundo, porque não acabais de «intender» que sois cego e porque não buscais quem vos levante e vos guie? Só vos digo que se derdes a mão para isso a algum creado, como fez Tobias, que seja tão seguro creado e de tão boa vista, que saiba por onde põi os pés, e que vos possa guiar e suster. E quando ainda assim lhe derdes a mão, adverti que não seja tanta, que se cegue tambem elle com a vossa graça e vos leve a maiores precipicios.

Gen. 3.

Mas já é tempo que demos a razão d'esta ultima cegueira como das demais. Parece cousa incrivel e impossivel que um cego não conheça que é cego. Mas como já temos visto que ha muitos cegos d'esta especie, resta saber a causa de tão extranha cegueira. Se algum cego podéra haver que se não conhecesse, era o nosso cego do evangelho: porque era cego de seu nascimento; e quem não conhecia a vista, não é muito que não conhecesse a cegueira. Elle, porém, é certo, que a conhecia; e nós fallamos de cegos com os olhos abertos, que sabem o que é vêr e não vêr. Qual é logo ou qual póde ser a causa, porque estes cegos se ceguem tanto com a sua cegueira que a não conheçam? Outros darão outras causas (que para errar ha muitas): a que eu tenho por certa e infallivel é a muita presumpção dos mesmos cegos. A causa da primeira cegueira, como vimos, é a desattenção: a da segunda a paixão; e a d'esta terceira e maior de todas, a presumpção. Nos mesmos escribas e phariseus temos a prova. D'elles disse Christo n'outra occasião a seus discipulos: *Sinite eos: caeci sunt et duces caecorum:* deixae-os, que são cegos e guias dos cegos. Mas por isso mesmo é bem que nós os não deixemos agora. Se eram cegos e não viam, como eram e se faziam guias de cegos? Porque tanto como isto era a sua presumpção. Para um cego guiar cegos é necessario que tenha dous conhecimentos contrarios: um com que conheça os outros por cegos; e outro com que conheça e tenha para si que elle o não é. E tal era a presumpção dos escribas e phariseus. Nos outros conheciam que a cegueira era cegueira: em si affirmavam que a sua cegueira era vista. Por

Causa d'esta ultima cegueira é a presumpção.

Matth. 5.

peccados publicos, vêdes os escandalos, vêdes as simonias, vêdes os sacrilegios, vêdes a falta da doutrina sã, vêdes a condemnação e perda de tantas almas dentro e fóra da christandade? Se o vêdes, como o não remediais? e se o não remediais, como o vêdes? Estais cegos. Ministros da republica, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra; vêdes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vêdes o peso que carrega sobre vossas consciencias, vêdes as desattenções do governo, vêdes as injustiças, vêdes os roubos, vêdes os descaminhos, vêdes os enredos, vedes as dilações, vêdes os subornos, vêdes os respeitos, vêdes as potencias dos grandes e as vexações dos pequenos, vêdes as lagrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Se o vêdes, como o não remediais? e se o não remediais, como o vêdes? Estais cegos. Paes de familias que tendes casa, mulher, filhos, creados; vêdes o desconcerto e descaminho de vossas familias, vêdes a vaidade da mulher, vêdes o pouco recolhimento das filhas, vêdes a liberdade e más companhias dos filhos, vêdes a soltura e descommedimento dos creados, vêdes como vivem, vêdes o que fazem e o que se atrevem a fazer fiados muitas vezes na vossa dissimulação e no vosso consentimento e na sombra do vosso poder? Se o vêdes, como o não remediais? e se o não remediais, como o vêdes? Estais cegos. Finalmente, homem christão, de qualquer estado e de qualquer condição que sejas; vês a fé e o caracter que recebeste no baptismo, vês a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives ha tantos annos, vês os encargos de tua consciencia, vês as restituições que deves, vês a occasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em peccado mortal, vês que se te toma a morte n'esse estado, que te condemnas sem remedio; vês que se te condemnas, has de arder no inferno emquanto Deus fôr Deus, e que has de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? Ou vemos tudo isto, christãos, ou não o vemos. Se o não vemos, como somos tão cegos? e se o vemos, como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou não? Ninguem haverá tão impio, tão barbaro, tão blasphemo, que diga que não. Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa é a conta que lhe fizeram todos os que estão no inferno; e lá estão e estarão para sempre. E será bem que façamos nós tambem a mesma conta e que nós vamos após elles? Não, não; não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver, porque não será n'este dia?

Só Deus póde fazer o milagre de allumiar a nossa cegueira.

Ah! Senhor, que não quero persuadir aos homens nem a mim, pois somos tão cegos; a vós me quero tornar. Não olheis, Senhor, para as nossas cegueiras, lembrae-vos dos vossos olhos, lembrae-vos do que elles fizeram hoje em Jerusalem. Ao menos um cego sáia hoje d'aqui allumiado. Ponde em nós esses olhos piedosos, ponde em nós esses olhos misericordiosos; ponde em nós esses olhos omnipotentes. Penetrae e abrandae com elles a dureza d'estes corações: rasgae e allumiae a cegueira d'estes olhos, para que vejam o estado miseravel de suas almas; para que vejam quanto lhes merece essa cruz e essas chagas; e para que, lançando-nos todos a vossos pés, como hoje fez o cego, arrependidos com uma firmissima resolução de nossos peccados, nos façamos dignos de ser allumiados com vossa graça e de vos vêr eternamente na gloria.

(Ed. ant. tom. 1.°, pag. 609; ed. mod. tom. 3.°, pag. 295).

I. SERMÃO DA QUINTA DOMINGA **

PRÉGADO NA CATHEDRAL DE LISBOA NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — Tambem este é um dos melhores e mais proveitosos sermões do grande Vieira. Note-se a facilidade, evidencia e naturalidade da argumentação e a harmonia de todas suas partes: dotes que o fazem um modelo de arte oratoria.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

S. JOAN. 8.

Christo queixava-se dos judeus porque o não criam: parece que a mesma queixa se póde fazer de muitos christãos.

Estas palavras que hoje nos propõi a Egreja e nos manda prégar ao povo christão são as mesmas que Christo antigamente prégou contra os escribas e phariseus; e porque são as mesmas, parece que não é razão se nos préguem a nós. Christo n'estas palavras queixa-se dos judeus, porque o não criam: *Quare non creditis mihi?* E não seria grande impropriedade, e ainda affronta da nossa fé, se em um auditorio tão catholico fizesse eu a mesma queixa e affirmasse ou suppozesse de nós que, sendo christãos, não crêmos a Christo? Este foi o primeiro reparo; e me pareceu, conforme a elle, que as palavras do evangelho que propuz, só as mandava referir a Egreja como historia do tempo passado e não como doutrina necessaria aos tempos e costumes presentes. Dei um passo mais avante com a consideração e comecei a duvidar d'isto mesmo. Olhei para a fé que se usa: olhei para a vida e obras que correspondem á mesma fé; olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes; olhei para os leigos e tambem para os ecclesiasticos; e achei, e me persuadi, com grande confusão minha, que tão necessaria é hoje esta prégação, como foi no tempo de Christo. E porque? O dia é de verdades; hei de dizer o porque muito claramente. Porque se os escribas e phariseus não criam a Christo; tambem os christãos

e catholicos não crêmos a Christo. Iramo-nos muito e dizemos grandes injurias contra os judeus d'aquelle tempo; e nós somos como elles. Contra elles prégou Christo: contra nós préga o evangelho. E se Christo fallara d'aquelle sacrario, assim como então disse aos judeus *Quare non creditis mihi*, assim haviamos de ouvir que nos dizia a nós: Christãos porque me não crêdes? Se sois e vos chamais christãos, porque não crêdes a Christo?

Isto não é calumnia.

Parece-me, senhores, que vos vejo inquietos e ainda indignados contra mim por esta proposta; e que cada um dentro de si não só me está arguindo e condemnando, mas cuida que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deus somos christãos; e o Christo em que crêmos e por cuja fé daremos a vida, é o mesmo Christo que os judeus hoje negaram. Elles crucificaram-no, nós adoramol-o: elles não creram que era o verdadeiro Messias, nós cremos que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem; que encarnou, que nasceu, que morreu, que resuscitou, que salvou e remiu o mundo. Logo grande injuria é a que faz á nossa fé e á nossa christandade, quem diz que somos como os judeus em não crêr a Christo. E que seria se eu dissesse que n'esta parte ainda somos peiores?

Porque muitos ha que crêem em Christo, mas não crêem a Christo.

Intendei bem o que diz o texto de Christo; e logo vereis como a vossa instancia nem desfaz a minha proposta, nem é argumento contra ella. Dizeis que sois christãos? Assim é. Dizeis que crêdes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o concedo. Mas Christo não se queixa de não crerem n'elle; queixa-se de o não crerem a elle. Notae as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Porque não credes em mim? O que diz é: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Uma cousa é crer em Christo, que é o que vós provais e eu vos concedo: outra cousa é crer a Christo, que é o que não podeis provar e em que eu vos hei de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo Senhor muitas vezes. Aos discipulos: *Creditis in Deum et in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte á Samaritana: *Mulier, crede mihi;* e aos mesmos judeus: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* De maneira que ha crer em Christo, e crer a Christo; e uma crença é muito differente da outra. Crer em Christo é crer o que elle é: crer a Christo é crer o que elle diz. Crer em Christo é crer n'elle: crer a Christo é crel-o a elle. Os judeus nem criam em Christo, nem criam a Christo. Não criam em Christo, porque não criam a sua divindade; e não criam a Christo, porque não criam a sua verdade. E n'esta segunda parte é que a nossa fé ou a nossa incredulidade se parece com a sua e ainda a excede mais feiamente. O judeu não crê em

Joan. 14, 11, 4, 10.

Christo, nem crê a Christo; e que não creia a Christo quem não crê em Christo, é proceder coherentemente. Pelo contrario nós cremos em Christo, e não cremos a Christo; e não crer a Christo, quem crê em Christo; não crer a sua verdade, quem crê na sua divindade; é uma contradicção tão alheia de todo o intendimento, que só se pode presumir de quem tenha perdido o uso da razão; e por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ella: *Quare non creditis mihi?* Por que razão me não crêdes?

Será este o assumpto do sermão.

Isto que já tenho dicto é o que resta declarar e provar. Mostrarei que a queixa de Christo Senhor Nosso, feita contra os escribas e phariseus, «a julgarmos das obras de grande numero de christãos», tambem pertence a este auditorio e que, se condemna a parte secular d'elle, tambem fere a ecclesiastica. As palavras dizem: *Non creditis mihi;* e nós veremos debaixo de toda a sua propriedade, e com grande confusão nossa, que por mais que nos prezemos tanto de christãos, cremos em Christo, mas não cremos a Christo. Esta é a verdade que trago para prégar hoje. Se vos parecer nova, será por ignorada ou mal advertida: se amargosa e de pouco gosto, esse è o sabor da verdade: se finalmente difficultosa de crer, isso fica por conta do que haveis de ouvir. A materia não pode ser nem mais christã, nem mais importante, nem mais util. Assista-nos Deus com sua graça. *Ave Maria.*

No effeito do milagre das vodas de Caná se prova a differença de crer em Christo e crer a Christo.

II. De maneira, senhores catholicos, que, as nossas obras estão dizendo que somos christãos por metade: temos uma parte da fé e falta-nos outra: cremos em Christo, mas não cremos a Christo. Quando Christo saíu ao mundo com a primeira prova da sua omnipotencia e divindade, convertendo uma creatura em outra nas vodas da Caná de Galilea, conclúi o evangelista S. João a narração do milagre com esta notavel advertencia: *Hoc fecit initium signorum Jesus in Cana Galilaeae, et crediderunt in eum discipuli ejus*: este foi o primeiro milagre que fez o Senhor Jesus; e creram n'elle os seus discipulos. Segue-se que antes do milagre não criam n'elle; e se ainda não criam n'elle, como eram já seus discipulos? Eram já seus discipulos, porque criam a sua doutrina; mas ainda não criam n'elle, porque não conheciam a sua divindade. Criam-no a elle, mas não criam n'elle: criam-no a elle como Mestre, mas não criam n'elle como Deus. De sorte que crer em Christo e crer a Christo não são crenças que andem sempre junctas. Os discipulos n'aquelle tempo e n'aquelle estado criam Christo, mas não criam em Christo; e nós agora ás avessas d'elles cremos em Christo, mas não cremos a Christo: cremos em Christo, porque cremos o que é; não cremos a Christo, porque não cremos o que diz.

Joan. 2.

29

Tambem nos acontecimentos da ultima ceia.

Isto mesmo que a nós, succedeu aos mesmos discipulos, quando já tinham não menos que tres annos de eschola divina e no dia em que acabaram o curso d'ella. N'este dia (que foi a vespera da Paixão de Christo) disse o Senhor a todos os discipulos que todos n'aquella noite deviam padecer escandalo, faltando á fé e amor que lhe deviam. Respondeu Pedro, que ainda que todos faltassem, elle não havia de faltar; e replicando o Senhor que, antes que o gallo cantasse, o negaria trez vezes; tornou Pedro a dizer que, se fosse necessario dar a vida, primeiro a daria e se deixaria matar, do que negar a seu Mestre; e o mesmo disseram todos os mais discipulos. Se, antes de Christo ter dicto o que acabava de affirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si e o mesmo presumissem e dissessem os outros discipulos, não me admirara: porque fallavam pela bocca do coração, o qual de longe e antes das occasiões sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dicto a Pedro e aos demais que elle nomeadamente o havia de negar e todos os outros o haviam de desamparar e fugir; como não deram credito a um oraculo tão expresso de Christo? Pedro e os demais não criam que Christo era Deus? Sim, criam; que assim o tinha confessado o mesmo Pedro e todos com elle. Pois se criam a divindade de Christo; se criam que Christo era Deus, como não creram o que lhes dizia? Porque a sua fé n'aquelle tempo era como a nossa; e todos criam então como nós cremos hoje. Criam em Christo, mas não criam a Christo. Os apostolos e discipulos antes de descer sobre elles o Espirito Sancto, eram sujeitos como homens a defeitos e talvez padeciam os mesmos em que nós incorremos. No principio e no fim criam «por metade»; e em um e outro caso só chegou a sua fé a ser meia fé, diversamente repartida. No principio «pela sua» rudeza e imperfeição criam a Christo e não criam em Christo: no fim por fraqueza e tentação criam em Christo, mas não creram a Christo. E porque este modo de crer era muito mais arriscado e perigoso; por isso accrescentou o Senhor que o demonio n'aquella occasião os havia de crivar: *Ecce Satanas expetivit vos, ut cribraret sicut triticum.*

Luc. 22.

E no peccado de Eva.

Tenta e engana o demonio aos filhos de Eva com a mesma traça e com a mesma astucia com que a enganou a ella. Como a fé é o fundamento da graça, contra a fé vomitou a serpente o primeiro veneno e na fé armou o laço á primeira mulher. Mas como? Por ventura intentou persuadir-lhe que não crêsse em Deus, ou duvidasse da sua divindade? Tão fora esteve d'isto o demonio, que antes elle ratificou a Eva essa mesma crença de Deus uma e outra vez, suppondo sempre que o que lhe po-

zera o preceito era Deus: *Cur praecepit vobis Deus?* e o que lhe ameaçara a morte tambem era Deus: *Scit enim Deus quod in quocunque die comedetis ex eo, etc.* Pois em que esteve logo a tentação contra a fé? Não esteve em que Eva não cresse o que Deus era; esteve em que não cresse o que Deus dizia. Deus disse a Eva e a Adão, que no poncto em que comessem da arvore vedada haviam de morrer; e isto que Deus lhes tinha dicto é o que o demonio procurou que não cressem: *Nequaquam morte moriemini.* Deus disse-vos que haveis de morrer se comerdes da arvore? Não creais tal cousa. Elle é o Deus que vos creou, elle é o Deus que vos deu o paraiso, elle é o Deus que vos poz o preceito, isso crede vós: mas crer que depois de vos crear, e crear tanta diversidade de fructos para que sustenteis a vida, vos haja de tirar a mesma vida. *Nequaquam*: de nenhum modo: não creais tal, ainda que elle vol-o tenha dicto. Crede n'elle, sim: mas não creais a elle. Isto é o que pretendeu o demonio, isto é o que conseguiu; e como enganou a nossos paes, assim nos engana a nós. Dá-nos de barato ametade da fé para nos ganhar a outra ametade. Crer em Deus, quanto nós quizermos; mas crer a Deus, isso não quer o demonio. Por isso cremos em Christo e não cremos a Christo.

Gen. 3.

Mas vejo que ainda ha quem repugne; ou quando menos duvide e pergunte como póde ser e se póde dizer com verdade que nós os christãos catholicos não crêmos a Christo? Para nós não ha outra fé, nem outra auctoridade, nem outro oraculo infallivel, senão o da palavra divina «interpretada pela Egreja». Logo como não crêmos a Deus? O mesmo Deus respondeu a esta duvida e nos deu uma regra certa por onde conheçamos sem engano se o crêmos a elle ou não. Cuidamos que crêmos a Deus e enganamo-nos. Mas qual é a regra? *Qui credit Deo, attendit mandatis.* Sabeis quem crê a Deus, diz o Espirito Sancto? Quem faz o que Deus lhe manda. Se fazeis o que Deus manda, crêdes a Deus: se não fazeis o que elle manda, não o crêdes a elle; crêdes-vos a vós, crêdes ao vosso appetite, crêdes ao diabo, como crêu Eva: Por isso dizia David: *Quia mandatis tuis credidi:* Eu, Senhor, cri aos vossos mandamentos. Isto é só o que é crêr a Deus. A nossa fé pára no credo, não passa aos mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio: se nos diz que são tres Pessoas, creio: se nos diz que é Creador do céu e da terra, creio: se nos diz que se fez homem, que nos remiu e que ha de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não crêmos. Esta é a nossa fé, esta a nossa christandade. Somos catholicos do *credo* e herejes dos *mandamentos*. Vêde se se deve

Em conclusão somos catholicos do credo e herejes dos mandamentos.

Eccl. 32.

Ps. 118.

contentar Christo com tal invenção de crêr; e se tenho eu razão de prégar que cremos em Christo, mas não cremos a Christo.

Prova-se a mesma verdade com exemplos particulares.

III E para que esta verdade, que só está provada em commum, se veja com os olhos e se apalpe com as mãos, desçamos a exemplos particulares e ponhamol-os para maior clareza nas materias mais familiares e usuaes ainda da conveniencia, do interesse e do gosto.

Os homens buscam o descanço e não o acham, como a pomba de Noé.

Que homem ha, senhores, que não busque o descanço? Este é o fim que se busca e se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado pelos perigos da guerra busca o descanço da paz. O mareante por meio das ondas e das tempestades busca o descanço do porto. O lavrador pelo suor do arado, o estudante queimando as pestanas, o mercador arriscando a fazenda, todos, como diversos rios ao mar, correm a buscar o descanço, que é o centro do desejo e do cuidado. E houve algum homem tão mimoso da fortuna n'este mundo, que em alguma ou em todas as cousas d'elle achasse o descanço que buscava? Nenhum. Saiu a pomba da arca: diz o texto sagrado que já ia, já tornava, já tomava para uma parte, já para outra, e que não achava onde descançar: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus.* Primeiro lhe cançaram as azas do que achasse onde descançar os pés. E porque não achava a pomba onde descançar? Porque buscava o descanço onde o não havia. As cidades, os campos, os valles, os montes, tudo era mar. Este é o mundo em que vivemos. Antes e depois de Noé sempre foi diluvio. Uns para uma parte, outros para outra: todos cançando-se em buscar o descanço e todos cançados de o não achar.

Gen. 8.

Mas não o buscam onde só está. Explicação de Sancto Agostinho e auctoridade de Christo.

A razão deu Sancto Agostinho no livro quarto dos seus desenganos a que elle chamou confissões: *Non est requies ubi quaeritis eam: quaerite quod quaeritis: sed ibi non est ubi quaeritis.* A razão porque não achamos o descanço é porque o buscamos onde não está. Não vos digo (diz Agostinho) que o não busqueis: buscae-o: só vos digo que não está ahi onde o buscais. Pois se é bem que busquemos o descanço e elle não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Christo disse que o buscassemos, porque só ahi está e só ahi o acharemos: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos. Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris.* Todos os que andais cançados (que sois todos) vinde a mim, diz Christo; e eu vos alliviarei. Tomae sobre vós o jugo da minha lei e achareis o descanço. Crêdes que são estas palavras de Christo? Sim. Agora respondei-me: é certo que todos desejais o descanço: é certo que todos o buscais com grande trabalho por diversos caminhos, e que o

Matth. 11.

não achais. Pois porque o não buscais na observancia da lei de Christo? Christo diz que na sua lei está o allivio de todo o trabalho: Christo diz que na sua lei, e só na sua lei, se acha o descanço. Logo se não buscais o descanço na lei de Christo, é certo que não crêdes a Christo: porque se vós buscais o descanço, onde o não ha, com trabalho, claro está, que antes o haveis de buscar, onde o ha, sem trabalho. Mas a verdade é (e vós o sabeis muito bem) que a razão por que não buscais o descanço na lei de Christo é porque a não tendes por descançada, senão por muito trabalhosa. Vós tendel-a por trabalhosa, dizendo Christo que só ella vos póde alliviar do trabalho? Vós tendel-a por cançada, dizendo Christo que só n'ella está o descanço? Logo crêdes o que vós imaginais e não o que Christo diz: crêdes em Christo, mas não crêdes a Christo.

Todos querem chegar ao céu fazendo-se grandes, quando se deviam fazer pequeninos. *Gen.* 11.

Do descanço d'esta vida passemos ao da outra. Todos dizemos que queremos ir ao céu, e não ha duvida que todos queremos. Mas noto eu que parece que queremos chegar lá com a cabeça. Os castellos que formamos nas nossas são como o zimborio da torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad coelum.* Subir e mais subir: crescer e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei nem elles sabem o que querem ser. Ninguem se contenta com a estatura que Deus lhe deu; e não ha homem tão pygmeu ou tão formiga, que não aspire a ser gigante para conquistar o céu. Assim o dizem as fabulas: mas não são estes os textos do evangelho: olhae o que diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum.* Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no reino do céu. Notae muito a palavra *non intrabitis*, que é muito para notar e para tremer. Se a duvida estivera em ser pequeno ou grande no céu, bem creio eu da nossa devoção que não fizeramos muito escrupulo de ser pequenos no céu, com tanto que foramos grandes na terra. Grandes digo, porque fallo pela vossa linguagem. Um gentio (Seneca) que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande, posto que tivesse dominado a terra; porque ninguem póde ser grande em um elemento tão pequeno. Grandes só no céu os póde haver.

Matth. 18.

Contenda dos apostolos na ultima ceia. Proporção das portas do céu. *Luc.* 22.

Mas a duvida (como dizia) não está em ser grande ou pequeno no céu, está em entrar lá ou não entrar: *Non intrabitis.* A occasião que deram a esta doutrina os discipulos foi a ambição com que todos e cada um, esquecidos de haverem sido pescadores, pretendiam ser o maior: *Quis eorum videretur esse major.* Então lhes descobriu o mestre celestial este segredo; e

lhes ensinou que a architectura do céu não é como a da terra. Uma cidade tão grande como o céu, parece que havia de ter umas portas muito altas e muito largas; e não é assim. Como são fabricadas á proporção dos que hão de entrar por ellas, traçou o supremo Artifice que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque tambem tinha decretado que não entrassem no céu senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum*. Isto é o que diz Christo: isto é o que repete uma e muitas vezes. Vejam agora os que todo o seu cuidado e toda a sua industria e todas as suas artes empregam em subir, em crescer, em se fazer grandes (ainda que seja desfazendo grandes e pequenos) vejam que fé ou que esperança podem ter de entrar no céu. Se querem ir ao céu, como cuidam que podem entrar lá por onde Christo diz que não podem entrar. O certo é que todos estes grandes christãos, ou todos estes christãos que querem ser grandes, crêem em Christo, mas não crêem a Christo.

Servir a Christo e ao dinheiro, o mesmo Christo diz que é impossivel.

IV. Mas porque esta altiveza de ser grande, é ambição de que a natureza ou a fortuna tem excluido a muitos, ponhamos o caso em materia universal e que toque a todos. Diz Christo universalmente sem excluir a ninguem, que ninguem póde servir a dous senhores: *Nemo potest duobus dominis servire*. Isto se intende junctamente e no mesmo tempo; porque em diversos tempos bem póde ser. E querendo o mesmo Christo pôr um exemplo muito claro de dous senhores a quem se não póde servir junctamente, que dous senhores vos parece que serão estes? Deus e o mundo? Deus e o diabo? Deus e a carne? Não: Deus e o dinheiro: *Non potestis Deo servire et mammonae*. Se ha cousa no mundo que podéra competir no senhorio com Deus é o idolo universal do ouro e prata. Muitas nações ha no mundo que não conhecem a Deus; nenhuma que não adore e obedeça a este idolo. E ainda dos que professam servir a Deus quem ha que o não sirva? Pois, assim como ninguem póde servir a dous senhores, assim diz Christo que não póde servir a Deus e mais ao dinheiro. Servir a Deus com o dinheiro bem póde ser, e é bem que seja; mas servir a Deus e ao dinheiro junctamente, é impossivel.

Matth. 6.

Exemplos de Zacheu e de Judas. Texto de Isaias c. 43.

Quando Zacheu se resolveu a servir a Christo, logo renunciou o dinheiro; e quando Judas se resolveu a servir ao dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no templo, e os ministros do templo resolveram que não se podiam metter na bolsa. Mofino dinheiro que nem roubado, nem restituido, nem no templo, nem na bolsa teve logar com Deus; e assim é

todo. Se o roubais, perdeis a Deus: se o restituis, perdeis o dinheiro. Se quereis servir a Deus e ao dinheiro, o dinheiro e Deus não cabem na mesma bolsa: ou haveis de renunciar o dinheiro se amais e prezais a Christo, como fez Zacheu; ou haveis de renunciar a Christo, se amais e prezais o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas e quão poucos Zacheus ha no mundo! Se Deus tivera tantos servos e tão diligentes, como tem o dinheiro, que bem servido fôra! Mas quantos desserviços se fazem a Deus em serviço d'este mau idolo! O maior sacrilegio de todos é que em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deus, chegam a se servir de Deus para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis*. Quantas vezes os bens ecclesiasticos, que são de Deus, os vemos applicados e consumidos em usos profanos; e os vasos do templo de Jerusalem ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mesas de Balthazar. Quando jámais se encontrou Deus com o interesse, que o desprezado não fosse Deus? Ou quem seguiu os idolos de ouro de Jeroboão, que não virasse as costas á arca do Testamento? O ouro que os hebreus roubaram no Egypto, adoraram-no no deserto. E quantos ha que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa que não adoreis a fórma, se adorais a materia? Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro? E no mesmo tempo, como os de Azoto, pondes a Deus e o idolo sobre o mesmo altar; e crêdes com affectada hypocrisia que podeis servir junctamente a um e a outro? Se Christo diz sem excepção que isto é impossivel, como cuidais vós que póde ser? Mas é que crêdes em Christo e não crêdes a Christo.

E não se acredita que a esmola grangeia cento por um.

E já que fallámos em materia de interesse, que é o peccado original d'este seculo, com o mesmo interesse vos quero convencer e fazer-vos confessar sem replica, que nem como desinteressados que devêreis ser, nem como interesseiros que sois, crêdes a Christo. A fineza e ventura do interesse consiste em grangear muito com pouco; e quanto o muito que adquiris é mais e o pouco que dispendeis menos, tanto é maior a ganancia e a ventura. Agora vamos ao poncto. Todos sabeis que diz e promette Christo no Evangelho que quem deixar ou der por elle alguma cousa, receberá cento por um e a vida eterna: *Centuplum accipiet et vitam aeternam possidebit*. A circumstancia de dar a ganancia e mais a vida, ainda que não fôra eterna, é condição que nenhum assegurador, senão Deus, póde metter nos seus contractos. E para que ninguem se defenda com as esperas e tardanças do outro mundo, posto que tão breves, declara o mesmo Christo por S. Lucas e S. Marcos que a vida eterna

ha de ser no outro mundo e o cento por um n'este: *Centies tantum nunc in tempore hoc, et in saeculo futuro vitam aeternam.* Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Christo, e mais que real, porque é divino. Se o crêdes ou não, digam-no agora os vossos contractos e os vossos interesses.

Parabola dos talentos.

Aquelles dous creados do rei, a quem elle entregou os talentos para que negociassem, fizeram-no com tanta limpeza, com tanta diligencia e com tanta ventura, que ambos, diz o Texto, dobraram o cabedal. O que negociou com dous talentos, grangeou outros dous; e o que negociou com cinco, grangeou outros cinco. Ditoso rei! Honrados creados! Se a similhantes creados entregaram os reis a sua fazenda, ella se vira mais accrescentada. Mas não fallo agora com os creados nem com os reis: fallo com todos. Grangear com dous talentos outros dous e com cinco talentos outros cinco é ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interesseiro e tão cubiçoso que se não contente e dê muitas graças a Deus por tão avantajada ganancia, e mais sem risco? Pois se Christo nos promette não cento por cento, senão cento por um, que são dez mil por cento em que se perdem os algarismos, porque não negociamos com elle, nem acceitamos este contracto? E se não acceitamos um tal contracto com Deus, porque fazemos outros com os homens de tanto menores conveniencias e tão differentes em tudo?

Os homens fiam menos de Deus que de um banqueiro. Texto de S. Pedro Chrysologo.

Dais o vosso dinheiro (fallemos claro e familiarmente) dais o vosso dinheiro a juro; e por quanto? A cinco por cento e por menos; e se achais a seis e quarto, é dispensação da lei e por grande favor. Pois se a um mercante, que póde quebrar, dais o vosso dinheiro a cinco por cento, a Deus, que tem por fiador a sua palavra e por seguro a sua omnipotencia, porque a não dais a cento por um? Se fiais de um homem o vosso dinheiro por uma escriptura feita no paço dos tabelliães, porque a não fiais de Deus por tres escripturas debaixo do signal raso de S. Mattheus, de S. Marcos e de S. Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguae cartulae obligatione constringitur: Deus tot ac tantis voluminibus cavet, et tamen debitor non tenetur?* Estais seguro que um homem vos não ha de faltar com o lucro promettido, porque se obrigou por uma folha de papel, e temeis que vos falte Deus, tendo-se obrigado em tantos livros sagrados e com tantas escripturas? O certo é que se crêreis o cento por um, que promette Christo, havieis de dar o vosso dinheiro a Deus de muito boa vontade por ametade menos. Mas porque quereis e acceitais antes o cinco por cento que vos promette um homem? Porque não dais credito ás palavras de Deus, porque não vos fiais das promes-

sas dos seus evangelhos; emfim porque crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo.

Outros exemplos em prova do mesmo assumpto.

Infinita materia era esta, se a houveramos de proseguir com ponderações tão largas. Mas não é bem que sendo tão importante não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevissimos. Que mais diz Christo? Diz Christo (e esta foi a primeira cousa que disse) que são bemaventurados os pobres e que d'elles é o reino do céu. Todos queremos ser bemaventurados, todos queremos ir ao céu; e sendo tão facil o ser pobre e tão difficultoso o ser rico, ninguem quer ser pobre: porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que se nos derem uma bofetada na face direita, offereçamos a esquerda; e sendo mais nobre a paciencia que a vingança, nós temos a vingança por honra e a paciencia por affronta: porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado; e nós cuidamos que sendo humildes nos abatemos, e sendo altivos e soberbos nos levantamos; porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que deixemos aos mortos sepultar os seus mortos; e nós desenterramos os mortos para sepultar os vivos. Diz Christo que amemos e façamos bem a nossos inimigos; e quem ha que ame verdadeiramente e guarde inteira fé aos amigos? Diz Christo que se amarmos os inimigos, seremos filhos de Deus; e nós dizemos: Não serei eu filho de meu pae, se m'o não pagar o meu inimigo. Diz Christo que se por demanda nos quizerem tirar a capa, larguemos tambem a roupeta; e nós não fazemos já demandas para defender o vestido proprio, senão para despir o alheio. Diz Christo que vigiemos e estejamos sempre apparelhados, porque não sabemos o dia nem a hora em que virá a morte; e cada um vive e dorme tão sem cuidado, como se foramos immortaes. Diz Christo que quem ouve os prelados, o ouve a elle, e quem os despreza, o despreza; e nós ainda que o prelado seja o supremo, desprezamo-nos de o ouvir; e ouvimos e ajudamos os que o desprezam. Diz Christo que é mais facil entrar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um avarento no reino do céu; e nós em vez de desfiar o calabre, todo o nosso cuidado é como o faremos mais grosso. Diz Christo que se dermos esmola, não saiba a nossa mão esquerda o que faz a direita; e nós queremos se apregôe com trombetas, que damos com ambas as mãos o que recebemos com ambas. Diz Christo que, se o olho direito nos escandaliza, o arranquemos, e que, se a mão ou o pé direito nos fôr tambem de escandalo, o cortemos e lancemos fóra; e quem ha que queira cortar ou apartar de si nem a cousa que ama como

os olhos, nem aquella de que se serve como dos pés e mãos? Finalmente diz Christo que elle é o caminho, a verdade e a vida; e nós vivemos taes vidas, e andamos por taes caminhos, como se tudo isto fôra mentira: porquê? Porque não crêmos a Christo. Fique pois por conclusão certa e infallivel, ainda que seja com grande confusão nossa e affronta do nome christão, que todos ou quasi todos «segundo testificam nossas obras» cremos em Christo, mas não cremos a Christo.

Qual a razão d'este crer e não crer.

V. Admirado Christo de que sendo a summa Verdade o não creiamos, pede-nos a razão d'esta incredulidade; e diz que lhe digamos o porquê d'ella: *Quare non creditis mihi?* Não ha cousa mais difficultosa que dar a razão de uma sem-razão. E isto é o que só resta ao nosso discurso. Não para responder a Christo, a quem não podemos satisfazer; mas para doutrina e emenda nossa e para que intendamos e conheçamos a raiz de tamanho mal. Qual é pois, ou qual póde ser a razão, por que crendo todos nós em Christo haja tão poucos que creiam a Christo? A fé com que se crê em Christo, a fé com que se crê que é Deus um homem crucificado, tem todas aquellas difficuldades que nos dous povos, de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo, quando disse: *Praedicamus Christum crucifixum, judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* (1. Cor. 1.) Pois se crêr como se deve em Christo é um poncto no qual acha tanta difficuldade e ainda horror o intendimento humano, em quanto Deus sobrenaturalmente o não alumia, nós que tão facilmente e sem repugnancia crêmos todos em Christo, porque não crêmos tambem todos a Christo?

Crêr em Christo não dóe como crer a Christo.

A razão é, porque as difficuldades de crêr em Christo estão da parte do objecto; as repugnancias de crêr a Christo estão da parte do sujeito, aquellas estão longe de nós; estas estão dentro em nós. A fé que não doe, é muito facil de crêr: a fé que se não póde practicar sem dôr, é muito difficultosa de admittir. A fé com que creio em Christo, manda-me que creia a sua paixão: a fé com que creio a Christo, manda-me que mortifique «os meus appetites;» e aqui está a difficuldade. Para crêr em Christo, basta fazer um acto sobrenatural; para crêr a Christo é necessario fazer muitos actos contra a natureza; e é mais facil excedel-a uma vez, que batalhar continuamente contra ella e vencel-a. O mesmo S. Paulo definindo a fé diz que é *Argumentum non apparentium.* (Hebr. 11.) Entre as cousas que não apparecem e as cousas que não se appetecem ha grande differença. Para crer as cousas que não apparecem, póde não ter difficuldade o intendimento: para querer as cousas que não se appetecem, sempre tem repugnancia a vontade. Com a vontade fal-

lou Christo qnando admiravelmente declarou ou suppoz esta mesma differença: *Si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam:* se alguem me quer seguir, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz ás costas. Notae. Não diz Christo: Quem me quizer seguir, confesse-me a mim; senão: Negue-se a si; nem diz: Adore a minha cruz; senão: Leve a sua. Confessar a Christo e adorar a sua cruz, é crer n'elle; negar-me a mim e levar a minha cruz, é crel-o a elle. E porque isto é o difficultoso á humanidade fraca e corrupta, esta mesma apprehensão de dôr, este receio de mortificação, esta contrariedade da natureza, que traz comsigo a doutrina de Christo nas cousas que nos manda ou aconselha, esta é a razão que entibia e acovarda a segunda parte da nossa fé e nos aparta de crer a Christo.

Matth. 16,

O homem de todos os seculos mais afamado e celebrado em crer, e por isso chamado nas Escripturas pae dos crentes, foi Abrahão. Celebram esta sua fé no Testamento velho Moysés, no novo S. Paulo e Sanct'-Iago; e todos pelas mesmas palavras dizem que Abrahão creu a Deus: *Credidit Abraham Deo.* Abrahão antes de crer a Deus, creu em Deus, e não creu em Deus como nós, que recebemos a fé de nossos paes; senão com maior merecimento e por propria eleição, sendo filho de paes idolatras e elle tambem idolatra. Pois se Abrahão creu no verdadeiro Deus, abjurando os idolos; porque se não louva e encarece n'elle a fé com que creu em Deus, senão a fé com que creu a Deus? Porque crer em um Deus e não crer em muitos, crer no Deus verdadeiro e não crer nos deuses falsos, crer no Creador do céu e da terra e não crer em páus e pedras, é crença que não tem difficuldade. O lume natural o mostra, a razão o dicta, o intendimento o alcança. Porém crer a Deus (que não é crer especulativamente o que elle é, senão practicamente o que elle manda ou aconselha) mandando muitas cousas repugnantes á natureza e contrarias á vontade, e aconselhando outras ainda mais contrarias e repugnantes, isto é o que se louva, porque isto é o que doe: isto é o que se encarece, porque isto é o que custa: isto é o grande e heroico, porque isto é o arduo e difficultoso. E senão vêde-o no mesmo Abrahão e no que Deus lhe mandou obrar.

Porque a Escriptura louva tanto a fé de Abrahão?

Gen. 15, Jacob, 2, Rom. 4.

Depois que Abrahão creu em Deus, disse-lhe Deus já crido, que saisse da sua patria e da casa de seu pae e de entre seus parentes e amigos, e se fosse peregrino a outra terra, a qual elle lhe mostraria. E crer eu a Deus quando me manda trocar a patria pelo desterro, o descanço pela peregrinação, a casa propria e grande por uma choupana, a companhia dos que são meu sangue pela de gente extranha de costumes e lingua d

Provas da sua fé.

[illegible] em saber para [illegible] prova esta fé [illegible] certeza! Mas não parou aqui. Promette[illegible] e deu-lhe Isaac, promettendo-lhe [illegible] e grandes [illegible] como se Deus tirara a [illegible] d'estas esperanças, como se [illegible] arrependera do que tinha promettido, manda a Abrahão que [illegible] espada, fogo e lenha, e que vá [illegible] sacrifique em um monte [illegible] crer um pae a Deus, quando lhe manda sacrificar [illegible] filho unico e [illegible] amado [illegible] motivos de [illegible] e lastima, que o mesmo Deus [illegible] e que seja o mesmo Abrahão com suas proprias mãos o executor do sacrificio: e que o sacrificio não seja outro, senão holocausto, de que não ficasse parte ou prenda mais que a dôr, a saudade e as cinzas! Aqui pasmou a natureza, aqui triumphou o valor, aqui batalhou a fé contra a fé e se venceu a si mesma. Por isso não se celebra em Abrahão o crer em Deus, senão o crer a Deus: *Credidit Abraham Deo.*

Mas antes que feche o discurso, quero satisfazer a uma grande objecção, com que podem replicar ao que tenho dicto os versados na Escriptura. Quando a Escriptura disse de Abrahão: *Credidit Abraham Deo*, ainda Isaac não era nascido, quanto mais sacrificado; porque o caso do sacrificio succedeu d'ahi a vinte e seis annos, tendo Isaac vinte e cinco de edade. Como logo podia cair e referir-se a esta acção o testimunho e elogio da sua fé? Que o mesmo testimunho se refira ao desterro da patria, posto que passado, como dizem os commentadores, seja: porém ao sacrificio futuro e tão distante que nem era, nem fôra, nem havia de ser, senão d'ahi a tantos annos, como póde ser? Agradecei a solução d'esta nova e fortissima instancia a um notavel texto do apostolo Sanct'-Iago no cap. 2 da sua catholica: *Abraham pater noster nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? Et suppleta est scriptura dicens: Credidit Abraham Deo.* Notae muito esta ultima clausula, que é milagrosa. Diz pois Sanct'-Iago que n'aquella occasião famosa em que Abrahão sacrificou a seu filho, então suppriu a Escriptura o illustre testimunho que tinha dado de sua fé, quando disse. Abrahão crêu a Deus. De maneira que o testimunho da Escriptura tinha sido antes, o sacrificio de Isaac foi tantos annos depois; e comtudo o testimunho passado refere-se ao sacrificio futuro: porque em quanto não chegava o acto do sacrificio, esteve a Escriptura como suspensa e embargada esperando aquella maior prova da fé de Abrahão para supplemento do que tinha

dicto. Em quanto Abrahão não sacrificou, nem o seu valor estava bastantemente qualificado, nem o testimunho da Escriptura cabalmente completo. Mas quando elle se arrojou ao sacrificio, então acabaram ambos de supprir e desempenhar, Abrahão a sua fé, a Escriptura a sua verdade: para que se veja quão certa é a razão que assignamos de differença entre o crêr em Deus e o crêr a Deus; entre o crêr em Christo e o crêr a Christo; e que só crê a Deus e a Christo, como deve, quem contra as repugnancias da natureza e sobre todas as leis do proprio amor prompta e constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução e valor, e nas cousas que Christo nos manda ou aconselha nos deixamos enfraquecer do receio e vencer da difficuldade, por isso crendo em Christo, não crêmos a Christo. Esta é a verdadeira resposta d'aquella pergunta, este o verdadeiro porquê d'aquelle *quare: Quare non creditis mihi.*

Não cremos a Christo e cremos ao nosso inimigo. *Eccl. 12.*

VI. Agora que tenho satisfeito ao thema, acabado o discurso, e, se me não engano, provado o que prometti, quizera perguntar por fim a todo o christão, ou que cada um se perguntasse a si mesmo: Supposto que não crêmos a Christo, a quem crêmos? Se não crêmos a Christo no que nos manda como verdadeiro Senhor, no que nos ensina como verdadeiro Mestre e no que nos aconselha como verdadeiro Amigo, a quem crêmos ou a quem podemos crêr, senão a um tyranno que nos violente, a um traidor que nos engane, a um lisonjeiro que nos perca? *Non credas inimico tuo in aeternum:* diz o Espirito Sancto: a teu inimigo não o creias jámais. E quem são estes a quem cremos, senão os tres inimigos da nossa alma? O tyranno que nos violenta e captiva é o mundo: o traidor que nos mente e engana é o demonio: o lisongeiro que fallando sempre ao sabor dos sentidos nos precipita e perde é a carne. Ó carne, ó natureza corrupta, ó appetite depravado, ó fraqueza e miseria humana que facilmente te rendes ao apparente bem deleitavel e que cega e poderosamente resistes ao honesto e util! Não crês a quem te promette e abre o céu; e crês a quem t'o fecha? Não crês a quem com amor te ameaça o inferno, e crês a quem com falsa doçura te arrebata e leva a elle? Tal é a nossa cegueira, tal a nossa loucura, tal a nossa pusillanimidade e covardia!

Quão longe estamos de Abrahão.

Creu Abrahão a Deus antes de ser homem, creu a Deus antes de incarnar e morrer por elle; e nós, rebeldes aos exemptos de sua vida e ingratos ás finezas de sua morte, não cremos a Christo! Não nos manda Christo depois de deixar o céu, que deixemos a patria, como Abrahão. Não nos manda Christo, que depois de se pôr em uma cruz por nós lhe sacrifiquemos os filhos; e não nos envergonhamos que um homem que não

tinha mais lei que a da natureza, contra as maiores repugnancias da mesma natureza tivesse fé e valor para crer a Deus, quando lhe punha tão duras leis? Então vivemos muito confiados que nos havemos de salvar não crendo a Christo, só porque cremos em Christo. Olhae o que accrescenta o Texto á fé de Abrahão: *Credidit Abraham Deo et reputatum est illi ad justitiam*. Creu Abrahão a Deus e então foi reputado e canonizado por justo. Porque creu a Deus (diz) e não porque creu em Deus. A fé com que se crê em Deus e em Christo, é fé de justos e peccadores: a fé com que se crê a Deus e a Christo, essa só é a fé dos justos: porque só essa sobre a outra é a que justifica e salva. Muitos que creram em Deus e em Christo estão no inferno; e dos que chegam a uso de razão, só os que crêem a Deus e a Christo, se salvam.

Assim nos expomos ao perigo de perder inteiramente a fé.

E porque nos não lisonjeemos com a fé de christãos e catholicos que nos distingue dos gentios e dos herejes, quero acabar estas verdades com uma verdade em que não cuidamos os portuguezes e nos devêra dar a todos grande cuidado. Fiamo-nos muito em que cremos firmemente em Christo como fieis catholicos? Pois eu vos digo da parte do mesmo Christo e vos desengano, que, se faltarmos á segunda parte da fé, tambem nos faltará a primeira; e que, se não cremos a Christo, estamos muito arriscados a não crer em Christo. Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia e tantas outras provincias e nações da Europa ou totalmente perdidas, ou inficionadas de heresia, tambem foram catholicas como nós, tambem floresceram na fé, tambem deram muitos e grandes sanctos á Egreja. E porque cuidais que apostataram da mesma Egreja e da verdadeira fé que só ella ensina? Diga-o a sua doutrina e os seus mestres. Luthero e Calvino, e os outros que elles levaram após seus erros, tambem criam em Christo; mas porque não creram a Christo, já não crêem n'elle. Impugnam e negam o Evangelho, porque não creram ao Evangelho. Deram-se soltamente aos vicios e peccados; e porque os não quizeram confessar, negaram o sacramento da confissão. Largaram a redea á torpeza e sensualidade; e porque não quizeram guardar continencia, negaram a castidade. Entregaram-se ás demasias e intemperancias da gula; e porque não quizeram ser sobrios, negaram o jejum e a penitencia. Seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida; e porque não quizeram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Emfim, deixada a lei de Deus como fieis e a razão como homens, fizeram outra que elles chamam religião, na qual só se crê o interesse e se obedece o appetite. Vêde que fé se podia conservar entre costumes de brutos! Con-

servam o baptismo e nome de christãos: mas verdadeiramente são atheus; e porque não creram a Christo, passaram a não crer em Christo. Estas são as disposições por onde se introduziu e se ateou em tantos reinos a peste da heresia. E praza a Deus que do septentrião não passe tambem ao occidente! Ainda cá não chegou, mas já está em caminho; e segundo os vicios lhe teem aberto as estradas, não será difficultosa a passagem.

De não crer a Christo é facil passar a não crer em Christo.

VII. Não lhe será (torno a dizer) difficultosa a passagem; porque assim como os que crêem a Deus, passam facilmente a crer em Deus, assim de não crer a Christo é facil passar a não crer em Christo. Ninive era a maior cidade que houve no mundo, a gente infinita, os moradores todos gentios sem fé nem conhecimento de Deus, os costumes corruptissimos e abominaveis e em tudo similhantes aos do rei, que então era o infame Sardanapalo. E comtudo diz a Escriptura que todos os ninivitas em um dia creram em Deus. Pois se estes homens eram gentios e tantos milhares, e tão habituados nos vicios, que são os que mais escurecem os intendimentos e mais endurecem as vontades, como creram em Deus tão facilmente? Creram em Deus, porque creram a Deus. Mandou-lhes Deus annunciar pelo propheta Jonas, que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra e subverter a cidade; e assombrados do pregão e atemorizados do castigo, creu o rei e creu o povo o que Deus pelo propheta lhes dizia; e como creram a Deus, logo tambem creram em Deus: *Crediderunt viri ninivitae in Deum*. Desenganemo-nos, pois, que se de crer a Deus se passa tão facilmente a crer em Deus; tambem de não crer a Christo se passará com facilidade a não crer em Christo.

Jon. 3.

Auctoridade de S. Paulo. *1. Tim. 1.*

Não sou eu o que o digo, é S. Paulo. E fallava S. Paulo com Timotheo, melhor christão que nós e de cuja fé se podia temer menos similhante ruina. Era Timotheo discipulo do Apostolo, era tão provecto na fé de Christo, que no sobrescripto d'esta mesma epistola lhe chama dilecto filho na fé; era tão sancto e favorecido do céu, que tinha mui altas illustrações e revelações divinas; e comtudo o grande mestre das gentes logo no primeiro capitulo o admoesta e compunge assim: Encommendo-te, filho meu Timotheo, que te não fies nas tuas revelações para te descuidar da vida: traze sempre unidas ao coração e nas obras a boa consciencia com a fé e a fé com a boa consciencia; porque muitos, já n'este principio da Egreja, porque não fizeram caso da consciencia, fizeram naufragio na fé. Oh quanto se póde temer á vista d'estes naufragios, que tambem o faça esta náu em que imos embarcados! Ella leva nas bandeiras a cruz e chagas de Christo: mas quando as costuras da conscien-

cia se vêem tão rotas e tão abertas, quando cremos tão pouco a Christo e sua doutrina; que se póde esperar, senão o que aconteceu a tantos? Os nossos peccados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pesados; e se os seus os levaram ao fundo e chegaram a naufragar na fé; porque não temeremos nós similhante desgraça e que tambem se diga algum dia dos portuguezes (o que a divina misericordia não permitta) *Circa fidem naufragaverunt?*

Exemplo do sacerdote Saprício, contado por Baronio. *Spond. ann.* 260.

S. Paulo pôi por exemplo a Timotheo dous christãos mui nomeados da primitiva egreja, Hymeneu e Alexandre, que por não se accommodarem ás leis e conselhos do Evangelho, depois de receber a fé, apostataram d'ella. Eu em logar de peroração quero deixar-vos na memoria outro exemplo, tambem vizinho áquelles tempos, mas muito mais temeroso e verdadeiramente horrendo. No anno de Christo duzentos e sessenta, na cidade de Antiochia (onde primeiro esteve a cadeira da fé e de S. Pedro, que em Roma) foi preso pela confissão de Christo um presbytero chamado Saprício. Padeceu constantemente o carcere e outros tormentos: foi levado finalmente com a mesma constancia ao logar do martyrio; e quando estava já como Isaac sobre a lenha, e o tyranno com o golpe armado para lhe cortar a cabeça, chega Nicéphoro, que tinha sido seu inimigo, e lançado a seus pés lhe pede que ao menos n'aquella hora o receba em sua graça e lhe deite a sua benção. Que vos parece, senhores, que responderia Saprício e que faria em tal acto? Claro está que se lhe não pudesse lançar os braços por ter as mãos atadas, com todo o affecto do coração e com a maior doçura de palavras o metteria dentro na alma, que tão gloriosamente partia para o céu e dava por Christo. Caso porém inaudito e sobre toda a imaginação estupendo! Respondeu Saprício irado, que se tirasse de sua presença: que se não havia de reconciliar com tal homem; que ainda era tão inimigo seu, como sempre fôra; e que na occasião em que estava mostraria ao mundo que o havia de ser até á morte. Parece que excede toda a fé humana uma tal resposta, de tal pessoa e em tal hora. Mas quiz a Providencia divina que as actas e testimunhos authenticos de todo o successo existem ainda hoje, como refere Baronio, para que não vacillasse o credito de tamanho caso, que ainda é maior.

Como este indigno sacerdote se esqueceu do preceito de perdoar aos inimigos. *Matth.* 5.

Mas antes que vá por deante, ouça-me Saprício, já que não quer ouvir a Nicephoro. Homem, sacerdote, monstro, vês onde estás? Lembras-te do que és? Conheces o que queres ser? Estás debaixo do alfange do tyranno, queres ser martyr de Christo; e não te lembras que és christão? Não te lembras que diz Christo

(e com advertencia de que elle o diz): *Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros?* Pois como não amas a este, que se foi teu inimigo, já o não é, e mais quando elle rendido aos teus pés te pede perdão? Não te lembras que diz o mesmo Christo que se fores offerecer sacrificio sobre o altar, deixes ahi o sacrificio e te vás primeiro reconciliar com teu proximo, se tiver de ti alguma offensa? Pois se Nicephoro se vem reconciliar comtigo, estando tu offerecendo o sacrificio de tua vida e sangue por Christo, como não acceitas sua amizade e queres morrer como viveste em odio? Aqui vereis, christãos, como é certo o que vos préguei: que nem todos os que crêem em Christo, crêem a Christo. Sapricio cria tão firmemente em Christo, que por confessar a sua fé estava dando a sua vida; e no mesmo tempo cria tão pouco a Christo, que contra dous preceitos tão expressos de sua doutrina nem amava seu inimigo, nem se quiz reconciliar com elle.

E como apostatou.

E para que vejais tambem no mesmo caso quão certo é o que eu acabava de vos dizer, que quem não crê a Christo, facilmente passa a não crêr em Christo, ouvi com maior assombro o que se seguiu áquella resposta. Tanto que Sapricio respondeu a Nicephoro que ainda era seu inimigo e não se queria reconciliar com elle, volta-se ao tyranno, que ia para descarregar o golpe, manda-lhe que suspenda a espada. E para quê, ou porquê? Porque eu (diz Sapricio) já não sou christão, renego de Christo e quero offerecer incenso aos idolos. Assim o disse e assim o fez o falso catholico, passando em um momento de sacerdote a sacrilego, de martyr a renegado e de christão a idolatra, conclúi o mesmo Baronio. Póde haver mais temeroso exemplo e mais para fazer temer a todo o christão? Mas assim veem a não crer em Christo os que não crêem a doutrina de Christo. E ainda mal, porque não é só Sapricio o christão e o sacerdote em que se representam os actos de similhante tragedia: *Confitentur se nosse Deum factis autem negant.* Não renegam de Christo com a bocca, mas renegam-no com as obras: não offerecem incenso aos idolos, mas teem idolos a quem sacrificam os corações: não professam publicamente o gentilismo, mas publica ou secretamente vivem como atheus. Creiamos, creiamos a Christo, e teremos segura a fé com que crêmos em Christo. E se fôr necessario dar por elle a vida, tambem a daremos constantemente e sem mudança.

Como Nicéphoro lhe tomou o logar e foi martyr.

Tal foi (ainda continúo a historia) tal foi o maravilhoso catastrophe com que a fortuna não merecida de Sapricio, no mesmo theatro, no mesmo momento e na continuação do mesmo acto se passou a Nicephoro. Já o tyranno ia embainhando sem san-

emida espada, contentando-se com a fraqueza e re- apostata, quando Nicephoro levantando-se de seus he pedira e não alcançára o perdão) e substituin- samente no seu logar: Aqui estou (disse em alta christão: este posto é meu. Nem á fé de Christo lhe em faltar defensores, nem a seus altares victima. Aqui está ito aberto e a garganta núa. O sacrificio que começaste acaba-o como quizeres em mim. Não soffreu a raiva do mais palavras, nem teve paciencia para mais dilatados ; começou pelo ultimo. Esperou o novo e melhor com a mesma constancia e alegria a ferida mortal: le- m-lhe a cabeça e recebeu a corôa. Tal foi o fim de Nice- ro, tal o de Sapricio: digno um e outro da fé de ambos. cio creu em Christo, mas não creu a Christo, e perdeu sto para sempre. Nicephoro creu em Christo, e creu a sto, e goza e gozará de Christo nas eternidades.

(Ed. ant., tom. 2.º, pag. 242; ed. mod., tom. 4.º, pag. 79).

II. SERMÃO DA QUINTA DOMINGA **

PRÉGADO EM LISBOA NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1655

Observação do compilador.—O assumpto d'este discurso tem muita affinidade com o precedente; mas no desenvolvimento não se nota a mesma facilidade. Comtudo as consequencias practicas são clarissimas, muito uteis e expostas com liberdade apostolica: é primorosa a conclusão.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

S. Joan. 8

J. Christo préga a uma côrte, provando quão rebeldes eram á verdade os que não lhe criam.

A uma côrte e seus principes, á côrte de Jerusalem e aos principes dos sacerdotes prégou Christo hoje um sermão, cujo exordio em duas clausulas é o que eu tomei por thema. O sermão já n'aquelle tempo, accomodando-se ao logar e aos ouvintes, foi de um famoso acto de fé contra os judeus. Na primeira clausula provou-lhes o Senhor que era o Messias: na segunda convenceu-os e condemnou-os de o não crerem: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Quem de vós me arguirá de peccado? N'esta pergunta a que não podiam responder, nem replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias: porque homem sem peccado «e que não se podesse em nenhum caso arguir de peccado,» ninguem o foi nem podia ser, senão um homem que fosse junctamente Deus, qual era o Messias promettido na lei. E se eu (continúa a segunda clausula) se eu sou o Messias e como verdadeiro Messias vos digo a verdade, porque me não crêdes a mim? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu sou o esperado, porque não sou crido? Se a vossa esperança é esta, porque não concordais a vossa fé com a vossa esperança? Dae a razão: *Quare?*

Este sermão nas circumstancias será diverso; mas no assumpto o mesmo.

A minha obrigação hoje, como sempre, é seguir o exemplo de Christo e o texto do evangelho. E sendo o tempo, o logar e o auditorio tão diverso, qual será o sermão? Nas circumstancias

será tambem diverso; mas no assumpto o mesmo. O assumpto e sermão de Christo foi de um acto de fé contra os judeus: o meu será de um outro acto de fé não contra os judeus, senão contra os christãos. Praza á bondade e misericordia divina, que se não verifique tambem em nós a maldicção do povo judaico, que tendo olhos não vejam, tendo ouvidos não ouçam, e tendo e devendo ter intendimento não intendam: *Excaeca cor populi hujus, et aures ejus aggrava, et oculos ejus claude: ne forte videat oculis suis, et auribus suis audiat, et corde suo intelligat.*

Isai. 6.

O erro dos judeus e o dos christãos. A pergunta de Christo aperta mais aos segundos.

II. Deixados os judeus que não crêem a Christo como verdadeiro Messias e fallando com os christãos que o cremos, confessamos e adoramos, com as mesmas palavras convence o divino Prégador a uns e a outros: mas muito mais forte e muito mais efficazmente aos christãos: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos judeus? Se vos digo a verdade, porque me não crêdes? Que diz Christo aos christãos? Se crêdes a verdade que vos digo, porque a não obrais? Os judeus erram em não concordar a sua fé com a sua esperança: os christãos erram em não concordar a sua vida com a sua fé; e qual é maior erro e maior cegueira? Não ha duvida que a dos christãos. Porque? Porque a fé é das cousas que não se vêem: *Argumentum non apparentium*; e o não crer pode ter alguma desculpa nos olhos: porem crer uma cousa e obrar a contraria, nenhuma desculpa pode ter, nem apparencia de razão ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais que aos judeus aquelle *Quare. Quare?* Por que razão? Dae-a cá. Todos os que aqui estamos por mercê de Deus somos homens, somos obrigados a dar razão; e se eu tenho razão para crer o que Christo diz; que razão posso ter para não fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela fé, que razão posso ter para não concordar a fé com a vida?

Hebr. 11.

Na christandade não havia de haver mais que duas prisões. Os judeus se mostraram dignos de ambas.

Dicto é antigo, e como verdadeiro e discreto muito celebrado, que na christandade não havia de haver mais que duas prisões: a dos carceres do santo officio e a da casa dos orates. Porque um homem, qualquer que seja, ou tem fé, ou não tem fé: se não tem fé, é hereje, e pertence aos carceres do sancto officio: se tem fé e crê que ha Deus, céu e inferno, e comtudo vive, como se o não crera; é rematadamente doido, e pertence á casa dos orates. Os judeus do nosso evangelho de uma e outra censura de uma e outra pena se mostraram bem merecedores. Quanto á fé, não só renegaram a fé de Christo, mas á sua infidelidade accrescentaram blasphemias. *Nonne bene dicimus nos quia samaritanus es tu, et daemonium habes?* De sorte que no mesmo acto da fé e no mesmo cadafalso se pela infidelidade mereciam a fogueira, pela blasphemia me-

reciam a mordaça. E quanto ao juizo e ao uso da razão, diz o Texto que tomaram pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum*. No sagrado do templo nem as pedras eram tão miudas, nem tão soltas, que as podessem tomar alli: signal é logo que já as traziam comsigo «ou que enfurecidos as foram buscar fóra.» Vêde se mereciam ser levados á casa dos orates: pois não só eram doidos, senão doidos de pedras!

Crer uma cousa e obrar outra o que é? Explica-se com um caso.

Passemos agora de Jerusalem á christandade. Por ventura é melhor a nossa fé? Não crêr é ter o intendimento cego e obstinado: crêr uma cousa e obrar outra «é desdizer com os factos o que se crê; e por este modo ir com os olhos abertos contra a razão e renegar a racionalidade. E somos homens com uso de razão; e o que é mais, christãos e catholicos com fé? Direi que» quando menos somos herejes. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivesse experimentado ambas estas consequencias e visto ambas com os olhos. N'esta ultima viagem (seja-me licita a narração do caso, que por «tão» raro e proprio do intento é bem notavel): n'esta ultima viagem minha, que foi das ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no hinverno é uma das mais trabalhosas, o navio era de herejes, e herejes o piloto e marinheiros. Os passageiros eramos alguns religiosos de differentes religiões; e grande quantidade d'aquelles musicos insulanos que com os nossos rouxinoes e pintasilgos veem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios e melros. As tempestades foram mais que ordinarias; mas os effeitos que n'ellas notei verdadeiramente admiraveis. Os religiosos todos estavamos occupados em orações e ladainhas, em fazer votos ao céu e exorcismos ás ondas, em lançar reliquias ao mar; e sobretudo em actos de contrição, confessando-nos como para morrer uma e muitas vezes. Os marinheiros, como herejes, com as machadinhas ao pé dos mastos, comiam e bebiam alegremente mais que nunca; e zombavam das nossas que elles chamavam ceremonias. Os passarinhos ao mesmo tempo, com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas fossem de instrumentos magicos, desfaziam-se em cantar. Oh valha-me Deus! Se o trabalho e o temor não levasse toda a attenção, quem se não admiraria n'este passo de effeitos tão varios e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo; e uns a cantar, outros a zombar, outros a orar e chorar? Sim. Os passarinhos cantavam, porque não tinham intendimento: os herejes zombavam, porque não tinham fé; e nós, que tinhamos fé e intendimento, bradavamos ao céu, batiamos nos peitos, choravamos nossos peccados. Isto é o que eu vi e passei; e isto mesmo o

que nós não vemos, estando no mesmo e em peior e mais perigoso estado. A travessa é da terra para o céu e da vida mortal para a eternidade: o mar é este mundo; os navegantes somos todos; o navio o corpo de cada um, tão fraco e de tão pouca resistencia por todos os costados; e a tempestade e as ondas muito maiores: *Exaltati sunt fluctus ejus: ascendunt usque ad coelos et descendunt usque ad abyssos.* São tão grandes ou tão immensas as ondas, diz David, que umas sobem até ao céu; e outras descem aos abysmos. Isto que nos poetas é hyperbole, no propheta é verdade pura e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos afoga, estais em graça, põi-vos no céu: se quando vos sossobra e tolhe a respiração, estais em peccado, mette-vos no inferno. E que no meio de um perigo mais que horrivel e tremendo, em que o menos que se perde é a vida «corporal», uns não temam e cantem, outros zombem e não façam caso; e sejam tão poucos os que se compunjam e tractem da salvação? Sim, outra vez: porque os menos são os que teem intendimento e fé: os demais «ou não» tem fé, «ou não teem» intendimento. Ora já que todos imos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada um a si mesmo, a qual d'estas partes pertence. Sou dos que cantam? Sou dos que zombam, ou sou dos que choram? Sou dos christãos e catholicos, ou sou dos herejes? Sou dos homens com uso de razão, ou dos irracionaes? Que as avesinhas não reconheçam o perigo da vida; não alcança mais o seu instincto. Que os herejes não temam a estreiteza da conta; esta é a cegueira da sua infidelidade. Mas que um homem christão no meio d'estes dous perigos, com a morte e a conta deante dos olhos, n'este mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos e zombando ao balanço das ondas! Christão, aonde está a tua fé? Homem, aonde está o teu intendimento? Se tens uso de razão, dá cá a razão: *Quare?*

Ps. 106.

Todos reconhecem que a vida ha de concordar com a fé.

III. É tão difficultosa e tão impossivel esta razão, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas que dê ao intendimento a possa dar, não digo verdadeira e solida; mas nem ainda «com alguma apparencia de verdade.» Se consultardes os bons e os justos, que caminham pela estrada real da verdade e da virtude, todos hão de dizer e dizem constantemente que a vida se ha de concordar com a fé. E se fizerdes a mesma pergunta aos maus e aos pessimos, que seguem os caminhos do erro e os precipicios da infidelidade; até estes, se não responderem que a vida se ha de conformar com a fé, ao menos hão de dizer que a fé se ha de conformar com a vida. Ouvi agora uma notavel ponderação; e tão certa como admiravel. Sendo a fé uma só fé, assim como Deus é um só

Deus: *Unus Deus, una fides;* qual é o fundamento ou motivos por que os homens se dividiram em tantas seitas? Não ha duvida que se lhe cavarmos ao pé e lhe buscarmos as raizes, acharemos que todas se semearam nos vicios e d'elles brotaram e nasceram. Primeiro se depravaram as vontades e depois se perverteram os intendimentos. Epicuro era delicioso, Mafoma era torpe, Luthero e Calvino eram relaxados da sua profissão; e depois depravados em tudo. Vinde cá, máus homens, sêde embora máus e viciosos; vivei embora, ou na má hora, á vossa vontade: largae a redea a vossos appetites; mas não façais, nem inventeis novas seitas. Epicuro seja quão delicioso quizer; mas não negue a Deus o attributo da justiça, para que os homens tenham por bemaventurança as delicias. Mafoma seja tão torpe e tão abominavel como foi; mas não faça tambem torpe o céu, para que os homens esperem na bemaventurança as torpezas. Luthero e Calvino vivam tão viciosa e depravadamente como viveram; mas não ensinem que o sangue de Christo nos ha de salvar sem cooperação nossa, para que os homens creiam que póde haver salvação e bemaventuraaça sem obras. Pois se estes homens podiam fartar a bruteza dos seus appetites sem aggravo nem mudança da fé; porque a mudaram tão cegamente e formaram seitas tão barbaras e tão novas?

Ephes. 4.

Aqui vereis como não ha intendimento tão depravado e tão cego, nem erro tão irracional e tão atrevido, que dictasse ou admittisse jámais que a vida não havia de concordar com a fé. A vida, diziam todos, necessariamente ha de concordar com a fé: nós não queremos mudar de vida, senão continuar em nossos vicios: que faremos logo? Não temos outro meio, senão trocar os nossos extremos e mudar a fé: porque d'esta maneira, já que a vida não concorda com a fé, ao menos a fé concordará com a vida. Não queremos fazer vida nova? Pois façamos fé nova; e assim o fizeram. Assim o fez na gentilidade Epicuro; assim o fez no paganismo Mafoma; assim o fizeram Luthero e Calvino; e se tornarmos ao acto da fé dos judeus, assim o tinham elles já feito muito antes de todos.

Os herejes mudaram a fé por não mudar a vida.

No cap. 32.° do Deuteronomio, parte referindo o passado e parte prophetizando o futuro, se queixa Moyses que viessem ao povo de Israel deuses novos que seus paes não tinham conhecido. O Deus antigo e verdadeiro, em que creram seus paes, era aquelle que pelos honrar e se honrar d'elles se chamava *Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob.* E d'onde aos filhos de Abrahão, Isaac e Jacob, deixado o Deus antigo e verdadeiro, lhes vieram estes deuses novos e falsos? Vieram-lhes do Egypto; vieram-lhes de Canaan; e vieram-lhes da mesma terra de

O mesmo fizeram os judeus.

Exod. 3

Israel. Vieram-lhes do Egypto: porque esquecidos da doutrina de José, imitaram as larguezas e intemperancias dos egypcios, e adoraram os deuses do Egypto. Vieram-lhes de Canaan, porque, desprezada a lei que já tinham recebido de Moyses, sem freio de lei nem razão, seguiram as cegueiras e vicios dos cananeus e adoraram os deuses de Canaan. Vieram-lhes da mesma terra de Israel: porque, abraçando os preceitos impiamente politicos de Jeroboão, deixavam o unico templo de Deus verdadeiro em Jerusalem; e em todos os montes e bosques levantavam altares aos idolos da gentilidade e se fartavam das torpezas e abominações dos seus sacrificios. De sorte que não foram os primeiros que vieram os deuses novos, senão os vicios novos: nem foi a fé, ou superstição, nova a que ensinou o modo de viver novo; mas a novidade das vidas e dos costumes foi a que introduziu a novidade dos deuses.

Estes continuam atégora a ser idolatras.

Aqui se deve notar de caminho uma advertencia de grande reparo e de grande doutrina e desengano para os que ainda não acabam de crêr em Christo; e é com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos judeus não só errar na fé, senão errar sempre: *Et dixi: Semper hi errant corde.* Vêde-o no tempo passado e no presente. De maneira, filhos de Abrahão, Isaac e Jacob, que no tempo da lei velha buscaveis deuses novos e no tempo da lei nova buscais e adorais o deus velho? Não é isto errar sempre? Respondem que não: porque dizem que os judeus d'este tempo não adoram os idolos. E se não adoram idolos como seus antepassados o que elles confessam e não podem negar, que é o que adoram? Dizem que adoram a unidade de Deus; que é a phrase com que se explicam em toda a parte. Agora torno eu a perguntar: E esse Deus cuja unidade adorais, confessais tambem que é trino? Não. E esse Deus cuja unidade adorais, confessais tambem que se fez homem? Não. Logo tão idolatras sois agora, como fostes antigamente: porque adorar o Deus verdadeiro, negando que é trino, e adorar o Deus verdadeiro, negando que se fez homem, é adorar um deus que não ha: é adorar um deus fingido e falso, que é a verdadeira idolatria.

Ps. 9.

O christão que vive mal é o mais desarrazoado dos homens.

IV. Mas continuemos o acto da fé dos christãos, com os quaes o juizo do meu discurso não ha de ser menos recto. Acabamos de dizer que os judeus tambem seguiram ou anticiparam os passos dos gentios, dos pagãos e dos herejes em trocar e mudar a fé para a concordar com a vida. Agora saibamos se os christãos procedem mais coherentemente e conforme á razão. Os outros mudam a fé; os christãos não a mudam: a fé dos outros mudada é falsa; a fé dos christãos conservada é a ver-

dadeira. Mas se olharmos para as vidas, as dos outros concordam com a sua fé: as de muitos christãos não concordam com a sua. Quaes vivem logo e procedem mais coherentemente e «nas consequencias dos seus principios» mais conformes com a razão? Não ha duvida (miseria e vergonha grande!) não ha duvida que «mais coherentemente e nas consequencias dos seus principios» mais conforme á razão procede o gentio, mais conforme á razão o pagão, mais conforme á razão o hereje e mais conforme á razão o judeu; que são todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos estes seguem com a vida o que crêem com a fé; e o máu christão com a fé crê uma cousa e com a vida segue outra.

Argumento que fez Elias ao povo de Israel.

3. *Reg.* 18.

Ouçamos n'este poncto ao homem mais zelador da verdadeira fé, Elias. Estava no seu tempo o povo de Israel, quasi no mesmo estado em que hoje vemos «a maior parte da» christandade. E que fez o grande propheta? Vendo a differença e confusão de adorações «com as quaes» por uma parte «se adorava» o Deus de Israel e por outra o idolo de Baal, convocou o povo e disse-lhe d'esta maneira: *Usquequo claudicatis in duas partes?* Até quando, ó povo insensato, haveis de manquejar na fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes? *Si Dominus est, sequimini eum: si autem Baal, sequimini illum:* se o Deus de Israel, a quem eu adoro, é o verdadeiro Deus, segui o Deus de Israel; e se Baal, a quem vós adorais, é o Deus verdadeiro, segui a Baal. Só a espada de Elias podia cortar tão direito e fallar tão resolutamente. Ouvida a galharda proposta, diz o texto sagrado que todo o povo emmudeceu, e não houve quem abrisse a bocca ou replicasse uma só palavra: *Et non respondit ei populus verbum.* E por que razão? Porque assim como não ha cousa mais coherente nem consequencia mais posta em razão que seguir um homem com a vida aquillo que adora e crê com a fé; assim não ha, nem pode haver dictame mais irracional e mais contrario a toda a razão, que crêr uma cousa com a fé e seguir outra com a vida.

Applica-se ao povo christão.

Christãos, (os que não obramos o que devemos) a quem adoramos? A quem cremos? A quem seguimos? *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos um pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcorão? Um em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusalem beijando a mão a Herodes? Um em Roma rezando a Sancta Maria maior, outro em Chypre offerecendo sacrificios «ao idolo da torpeza»? Um em Roma visitando as septe egrejas, outro em Londres ou Amsterdam profanando os altares e perdendo a reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o turco, o ju-

deu, o gentio, o hereje; e cada um conforme a sua fé. E sendo a nossa tão contraria, será bem que em nós, christãos e catholicos, se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a fé é um dictame tão barbaro e tão irracional, que não cabe no intendimento de Luthero, que não cabe no intendimento de Mafoma; como cabe no nosso intendimento? Pôr a bemaventurança nas delicias como Epicuro, é ser gentio; passe: pôr a bemaventurança nas torpezas como Mafoma, é ser turco; seja: esperar a bemaventurança sem obras, como Luthero e Calvino, é ser hereje; vá na má hora. Mas ser christão na fé, e a vida ser de Epicuro? Ser christão e catholico na fé, e a vida ser de Luthero e de Calvino; em que intendimento póde caber tão rematada loucura? Ha quem responda? Ha quem dê razão? Ha quem diga o *Quare?*

À imitação de Pharaó todos os atheus podem replicar a este argumento; não porém o mau christão.

O povo judaico juncto ficou tão convencido da proposta de Elias, que todo emmudeceu sem haver quem replicasse uma só palavra. E eu em toda a Escriptura Sagrada só acho um homem que satisfizesse á minha pergunta e respondesse a proposito. E que homem será este? Christão? Não. Judeu? Não. Gentio? Não. Turco? Não. Hereje? Não. Pois que casta de homem será, ou pode ser, o que só respondeu a proposito ao nosso *Quare?* Um atheu. Todos ess'outros, ou fieis ou infieis, conhecem a Deus; só o atheu o não conhece; e só este póde dar a verdadeira razão do que perguntamos. El-rei Pharaó tinha captivo o povo de Israel no Egyto, e com o mais duro e intoleravel captiveiro que se pode imaginar. Não lhe pagava o trabalho, antes lh'o acrescentava cada dia, para que não tivessem hora de descanço: punha-lhes por ministros que superintendessem ás obras em que serviam, os de condição aspera e cruel, para que mais os opprimissem: não lhes dava de comer com que sustentar a miseravel vida; e até os filhos lhes matava cautelosamente sem que os podessem esconder, nem livrar: emfim o summo da tyrannia. N'este estado de tanto aperto, em que se não ouviam mais que clamores ao céu, chegou Moysés ao Egypto e notificou a Pharaó da parte de Deus que désse liberdade ao seu povo para lhe ir sacrificar no deserto. E que vos parece que responderia Pharaó? *Quis est Dominus ut audiam vocem ejus? Nescio Dominum et Israel non dimittam.* Que Deus e que Senhor é esse, para que o eu obedeça? Não conheço tal Deus, nem tal Senhor; nem hei de dar tal liberdade ao povo. Ó barbaro! Ó rebelde! Ó insolente e brutal tyranno! Isto é o que estão dizendo todos; «e eu tambem o digo; porém ajuncto que fallando como atheu» respondeu Pharaó muito coherentemente. Não conheço a Deus e não hei de libertar o seu povo? Ruim fé: mas boa

Exod. 5.

Vide Corn. a Lapid.

consequencia. Na fé fallou como bruto: na consequencia respondeu como homem. Não obedecer a Deus e dar por «motivo» Não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deus, e dizer, conheço a Deus; e não querer fazer o que manda Deus, é consequencia e razão que não cabe em nenhum intendimento. Ó quantos Pharaós mais barbaros. Ó quantos atheus mais irracionaes ha na christandade! Opprimir os povos, captivar os livres, gemerem os pobres, triumpharem os poderosos, não se dar de comer a quem trabalha, não se pagar a quem serve, tirarem-se as vidas aos innocentes e viverem os que as tiram não só do seu suor, senão do seu sangue e dar por «motivo» de tudo isto *Nescio Dominum*, não conheço a Deus; é obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, captivar, destruir, roubar, assolar, affrontar, matar, tyrannizar; e sobre isto dizer, Conheço a Deus; sobre isto dizer, Sou christão; sobre isto dizer, Tenho fé; não ha juizo humano nem intendimento racional em que caiba tal cousa. E senão, dae cá a razão: *Quare? Quare?*

A este respeito não lhe vale replicar que a sua fé é boa, porque é negada pelas obras. Textos de S. João e S. Paulo.

V. Sou tão amigo e reverenciador da razão, que até as sombras d'ella ouço de boa vontade. Podem instar os christãos que não guardam a lei de Christo e argumentar por si n'esta fórma: É verdade que os infieis de todo o genero e ainda os mesmos atheus parece que procedem mais coherentemente e mais conforme á razão, porque elles concordam a sua fé com a sua vida; e nós não concordamos a nossa vida com a nossa fé. Mas n'esta mesma differença ha outra muito maior e melhor que faz pela nossa parte. É que n'elles a fé é má e a vida tambem má; porém em nós, ainda que a vida seja má, a fé é boa. Logo, ao menos em ametade dos procedimentos, são melhores os nossos que os seus. «Assim dizem e ponhamos por um momento que assim seja. Agora pergunto: Essa ametade de procedimentos valer-lhes-ha para a vida eterna? Claro está que não; e elles como catholicos não podem crêr o contrario. Mas pode haver mais rematada loucura, do que deixar-se a olhos vistos com ametade de bons procedimentos ir ao inferno? Pergunto em segundo logar: A bondade d'estes procedimentos será tal como elles dizem? Eu não o sei: o que sei é que S. João abertamente declara que» quem diz que conhece a Deus e não guarda seus mandamentos, mente: *Qui dicit se nosse Deum et mandata ejus non custodit, mendax est, et in eo veritas non est.* Má vida e boa fé é mentira: porque o que professa a fé, nega-o a vida: o que diz o som das palavras, nega-o a dissonancia das obras. «É observação de S. Paulo.» Vêde como elle concorda com S. João, os dous maiores theologos da eschola de Christo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant.* Com as vozes

1. *Joan.* 2.

Ad Tit. 1.

confessam a fé de Deus e com as obras negam o mesmo Deus e a mesma fé que confessam. Dizei-me: é boa a fé dos christãos que «por medo» a negam em Argel? Pois sabei que para ser «d'este modo» renegados não é necessario ir lá captivos. Ouvi a Salviano bispo de Marselha: *Christiani sine operibus nihil sibi per fidei supercilium usurpare debent*. Note-se muito o *Fidei supercilium*. Por uma parte, não só vasios de obras boas, senão cheios e carregados de obras más; e por outra, com as sobrancelhas levantadas, muito prezados e presumidos de christãos: por uma parte, com a voz e com os pensamentos blasonando que navegam na barca de Pedro; e por outra, com ambos os braços remando nas galés de Mafoma. É boa fé esta?

Idolatria pratica de tantos christãos.

Não faltará quem replique e diga que sim e com o mesmo exemplo. Porque os christãos forçados que remam nas galés de Mafoma debaixo das bandeiras turquescas, nem por isso perdem a fé de Christo. Agradeço a agudeza da replica: mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mesma galé ao porto de Chypre: salta Muley Amet no meio da coxia, desembainha a cimitarra e diz assim: Com esta, a todo o christão que não adorar aquella imagem de Venus, hei de cortar a cabeça. E que succederá n'este caso? O christão que não quiz adorar, perdeu a cabeça e ficou martyr: o que adorou, conservou a vida e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquelle christão que por força e contra sua vontade adorar a Venus em uma estatua de marmore é renegado; que diremos d'aquelles que não por força, senão muito por sua vontade e por seu gosto adoram o «mesmo idolo» em outras imagens que não são de pedra? Se aquelle que d'antes era christão e depois negou a fé é renegado; o que no mesmo tempo confessa a fé e a nega, que será? Peior que um turco: porque o turco não nega o que confessa; «este christão pelo contrario» nega o que confessa com manifesta contradicção. E ninguem se admire de eu «lhe» chamar peior que um turco: porque o mesmo S. Paulo, extranhando muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer que só pela omissão d'ellas era peior o christão que o infiel: *Si quis suorum et maxime domesticorum curam non habet, fidem negavit, et est infideli deterior*.

1. Tim. 5.

Fé viva e fé morta segundo o apostolo Sanct'-Iago c. 2.

VI. Supposto o muito que fica dicto, já eu me pudera contentar com estes dous grandes testimunhos de S. João e S. Paulo: mas quero accrescentar o terceiro do apostolo Sanct'Iago, o qual entre todos os doze foi o primeiro que provou a sua fé com a maior de todas as obras, que é o dar a vida. Tomou Sanct'Iago entre mãos este poncto da fé com obras (ás quaes chamou Salviano elegantemente *Testes fidei*); e porque o apertou mais

forte e efficazmente que todos, ouçamos o que diz. «A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma. Mas poderá alguem dizer: Vós tendes a fé e eu tenho as obras: mostrae-me vós a vossa fé sem obras, e eu vos mostrarei a minha fé pelas obras. Vós credes que ha um só Deus: fazeis bem: isso mesmo é o que os demonios crêem e estremecem.» Até aqui a força dos argumentos: ponderemos cada um de per si.

A fé sem obras é morta em si mesma.

Primeiramente diz Sanct'-Iago que a fé sem obras é fé morta «em si mesma»: *Fides sine operibus mortua est in semetipsa.* «Eis o que é a fé sem obras»: é fé morta em si mesma. Ainda que um homem não faça, nem tenha obra alguma boa, dirá: Eu creio tudo o que crê a sancta madre Egreja; logo a minha fé é a mesma que a do maior sancto? Assim é: a mesma, mas morta: *Mortua est in semetipsa.* No sancto é viva; porque é fé com obras; e em vós, porque carece de obras, é morta. O mesmo Sanct'-Iago tornou a declarar a sua sentença por outra phrase: *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita et fides sine operibus mortua est:* Assim como o corpo sem alma é morto, assim a fé sem obras é morta. Da maneira que as obras são a alma da fé, assim a fé com obras é fé viva, e sem obras é fé morta. *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate animatur* «explica» Sancto Agostinho. Assim como o corpo vive do comer com que se nutre e sustenta, assim a fé se anima e alimenta com as obras de caridade. E S. Bernardo chama homicida da propria fé ao que a mata com más obras: *Si munus mortuum offers Deo, sic Deum honoras et placas tuae fidei interfector?* Matador da fé, lhe chama; e verdadeiramente é mais cruel matador da fé, que os tyrannos mais crueis. Os Neros e Diocleciano não atormentavam os christãos para lhes tirarem a vida, senão para lhes matar a fé: por signal que se negavam a fé, logo lhes davam a vida. E que succedia então? Comparae-me christão com christão, e tyranno com tyranno. O bom christão soffria as catastas, os equuleos, as laminas ardentes, as grelhas, as rodas de navalhas; e deixava matar a vida para conservar viva a fé. E o máu christão hoje mata a fé por não perder um gosto, um appetite, um interesse vil da covarde e infame vida. O tyranno gentio por um dos deuses falsos procurava matar a tormentos a fé alheia; e o tyranno christão, mais cruel que todos os tyrannos, sem fazer caso do Deus verdadeiro, nem o temer, e por fartar a sua vontade, não duvida ser homicida e matador da fé propria: *Tuae interfector fidei.*

Aug. de cogn. ver. vitae c. 7.

Bern. serm. 24 in Cant.

Sanct'-Iago e Elias pedem que a fé se prove pelas obras.

VII. D'este primeiro argumento passa o apostolo Sanct'-Iago ao segundo tanto mais forte, quanto mais evidente, porque desce da especulação á practica, da razão á experiencia e do discurso

aos olhos. É um desafio de fé a fé, uma armada de obras, e outra sem ellas, confiada só em si mesma; e diz assim: *Tu fidem habes et ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, et ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui Sanct'-Iago o mesmo que fez Elias, que foram duas «das» melhores espadas da lei velha e da nova. Elias para mostrar aos olhos a verdadeira divindade de Deus e a falsa de Baal: Fazei vós, diz, sacrificio ao deus que adorais; e eu o farei tambem ao que adoro; e sobre qual descer fogo do céu, esse seja crido por verdadeiro Deus. Responderam todos: *Optima propositio:* bôa proposta. E tal é a de Sanct'-Iago. Vós, diz o apostolo, dizeis que tendes fé, eu digo que tenho obras: mostre agora cada um de nós a sua fé; vós sem obras a vossa, e eu com obras a minha, e seja tida por verdadeira fé a que mostrar que o é. A demonstração da fé, que é interior e invisivel, parece difficultosa e impossivel; e não é, senão muito facil. A fé é cega; mas assim como o cego me não vê a mim, e eu o vejo a elle, assim a fé não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente; e sem as obras como se pode vêr?

Quaes estas obras.

Olhe agora cada um para as suas «obras» e verá qual é a sua fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos e se aponcta com o dedo. Como estamos na côrte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem teem nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

Examina-se alguma casa de fidalgos.

O escudo d'esta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro as aguias, leões e castellos; sem duvida este deve ser o palacio em que mora a fé christã, catholica e christianissima. Entremos e vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras e coches; vejo creados de diversos calibres, uns com libré, outros sem ella; vejo galas, vejo joias, vejo baixellas; as paredes vejo-as cobertas de ricos tapizes; das janellas vejo ao perto jardins e ao longe quintas; emfim vejo todo o palacio e tambem o oratorio: mas não vejo a fé. E porque não apparece a fé n'esta casa? Eu o direi ao dono d'ella. Se os vossos cavallos comem á custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pizam, e as rodas e o coche que arrastam, são dos pobres officiaes que andam arrastados sem poder cobrar um real; como se ha de vêr a fé na vossa cavalheriça? Se o que vestem os lacaios e os pagens, e os soccorros do outro exercito domestico masculino e feminino, depende das mezadas do mercador que

vos assiste; e no principio do anno lhe pagais com esperanças e no fim com desesperações e risco de quebrar; como se ha de vêr a fé na vossa familia? Se as galas, as joias e as baixellas ou no reino ou fóra delle foram acquiridas com tanta injustiça e crueldade, que o ouro e a prata derretidos, e as pedras preciosas se se expremeram, haviam de verter sangue; como se ha de vêr a fé n'essa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseraveis, a quem despistes para as vestir a ellas, estão nús e morrendo de frio; como se ha de vêr a fé nem pintada nas vossas paredes? Se a primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viuva e orphãos, a quem nem por obrigação nem por esmola satisfazeis ou agradeceis o que seus paes vos serviram; como se ha de vêr a fé n'essas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria, e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendieis e obrigaveis por força; como se ha de vêr a fé, nem sombra d'ella, na vossa casa?

Desculpas frivolas.

Mas passemos do pulpito ao confessionario. Se o confessor, qnando com toda esta carga vos pondes a seus pés, puxa pelo *Quare* do nosso texto, e vos pergunta a razão por que não restituis devendo tanto; a resposta e a theologia que trazeis muito estudada, é que, sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, e que as rendas não dão para tanto. Bem. E os paes de quem herdastes esse mesmo estado, e eram tão honrados como vós, não sustentavam a honra e a decencia d'elle com menos pompa, com menos creados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa e da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A maior galanteria é que ao outro dia, depois da confissão e d'esta excusa, ouve o mesmo confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruzados e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou: porque é contra a ponctualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogais com os homens e assim com Deus, e esta é a vossa fé!

Tambem nas casas de Deus a fé está morta, porém embalsamada.

Dir-me-ha, porém, em contrario a nossa côrte, que se em algumas casas particulares está a fé tão morta e tão corrupta, que nas casas de Deus está mais viva e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê e demonstra em todos os templos de Lisboa, a qual muito á bocca cheia póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu te-

nho visto a maior parte da christandade da Europa; e em nenhuma, entrando tambem n'esta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior tão subido de poncto, e cada dia mais. Seria lastima grande vêr aqui desfazer e arruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de tanta formosura e preço, se depois se não vissem as mesmas ruinas gloriosamente resuscitadas com tanto maiores riquezas da materia e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo é tanto a cubiça de acquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deus. Que egreja ha n'esta multidão de tantas, em um dia de festa, que se não pareça com a que viu descer do céu S. João *Tanquam sponsam ornatam viro suo?* O ouro e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista; a harmonia dos coros, suspensão e elevação dos ouvidos; o ambar e almiscar e as outras especies aromaticas, que vaporam nas caçoilas, até pelas ruas rescendem muito ao longe e convocam pelo olfacto o concurso. É isto terra ou céu? Céu é, mas com muita mistura de terra. Porque no meio d'este culto celestial, exterior e sensivel, o desfazem e contradizem tambem sensivelmente, não só as muitas offensas que fóra dos templos se commettem, mas as publicas irreverencias com que dentro n'elles se perde o respeito á fé e ao mesmo Deus. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera, e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloría? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e tão cheirosa, não é fé viva: pois que é? É fé morta, mas embalsamada.

Apoc. 21.

A fé sem obras leva ao inferno. Os Magos no Oriente e os hebreus no deserto não só vêem, mas seguem a sua guia.

VIII. Passemos ao terceiro e ultimo argumento de Sanct'-Iago, que será tambem o ultimo do nosso discurso: *Tu credis quoniam unus est Deus; bene facis; et daemones credunt et contremiscunt.* Vós credes em um só Deus; fazeis bem: isso mesmo é o que nós cremos, e o que ensina e canta a Egreja depois do Evangelho, *Credo in unum Deum.* Mas não basta esse primeiro bem, que é bem crêr, se não for acompanhado do segundo que é bem obrar. Aquella estrella que appareceu aos Magos no oriente era muito resplandecente, muito formosa, e muito certa e segura no caminho que lhes mostrava, como é a fé: mas se elles se deixaram ficar nas suas terras e a não seguiram até Belem para onde os guiava, que importaria a sua vista intenderem o que significava? Tão magos e tão gentios ficariam, como d'antes eram. É necessario ajunctar o vêr com o vir: *Vidimus et venimus.* Melhor exemplo ainda. Quando os filhos de Israel, depois de sairem do captiveiro do Egypto e passarem o Mar Vermelho, caminhavam para a terra de Promissão, levavam por pharol d'aquella viagem uma columna, a qual de noite era de fogo, que os allu-

miava, e de dia de nuvem, que lhes fazia sombra. A esta columna seguia todo o exercito (que era de mais de seiscentas mil familias); de tal sorte que, quando a columna fazia alto e parava, todos paravam e fixavam as suas tendas no mesmo logar; e quando a columna abalava e se movia, tambem o exercito se punha em marcha; e ao mesmo passo e compasso iam caminhando, ou fossem montes ou valles, sem mudar ou variar a derrota. E que figurava ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura contingebant illis.* Tudo era figura n'aquelle tempo do que havia de ser n'este nosso. O captiveiro do Egypto significava o peccado: a passagem do Mar Vermelho, a agua do baptismo, que por virtude do sangue de Christo nos havia de pôr em graça: a terra de Promissão, a patria e bemaventurança do céu, para onde caminhamos; e a columna de fogo e nuvem, a fé, que vai deante e nos guia. Como columna, porque ella é a columna e firmeza da verdade: como de fogo, porque ella nos allumia; e como de nuvem, porque é luz junctamente clara e escura, em quanto nos manda crer muitas cousas que não vemos. Agora pergunto: E se quando a columna se movia e caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arraiaes, chegariam estes á terra de Promissão? Claro está que de nenhum modo. Mais e peior ainda. E se em logar de seguir a columna, lhe voltassem as costas e tornassem para o Egypto, conseguiriam o mesmo fim? Muito menos. Pois estes são os que não acompanham a fé com boas obras; e muito mais, e peior, os que a contrariam com obras más. Em logar de a fé os levar á terra de Promissão e ao céu, elles com a mesma fé se acharão no inferno. Em quanto negarem a fé só com as obras e não com a palavra, não bastará esta culpa para que a sancta Inquisição da terra os condemne «como herejes»; mas será não só bastante, senão certo e infallivel que por sentença do supremo tribunal da divina justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

1. Cor 0.1.

Isto é o que admiravel e tremendamente infere Sanct'-Iago: *Tu credis quoniam unus est Deus; et daemones credunt et contremiscunt.* Contentais-vos sómente com crer em Deus? Tambem os demonios crêem no mesmo Deus; e nem por isso deixam de ser demonios. Oh se Deus nos abrisse os olhos, como haviamos de ver todo este mundo, as ruas, as casas e as mesmas egrejas cheias de demonios, os quaes não vemos, assim como não vemos os anjos da guarda que nos assistem! E em que differem os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis e os maus homens são demonios que vemos. Primeiramente quanto á fé, o demonio não é gentio,

A fé sem obras é fé de demonios.

nem turco, nem hereje, nem atheu. Crê no mesmo Deus verdadeiro em que nós cremos: *Et daemones credunt.* Em que são logo peiores os demonios que os homens? Em que são peiores que muitos christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal, porque são tão similhantes. O demonio com a sua fé é soberbo; e tu christão com a tua «ės humilde?» O demonio sente mais os bens alheios, que as suas proprias penas; e tua inveja mais te atormenta e abraza com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo. O demonio procura derrubar e fazer cair a quantos quer mal; e tu com o poder do teu officio, ou com a malignidade da tua informação e do teu conselho, a quantos tens derrubado e destruido? O demonio favorece os maus e persegue os bons; e tu a quem persegues e a quem favoreces, se os peiores e os mais viciosos, porque servem e ajudam os teus vicios, são os teus validos? O demonio é pae da mentira; e a tua adulação, o teu odio e a tua ambição, quando fallou verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas machinas, os teus enredos, que demonio houve jámais que tão subtilmente os inventasse? Quantos peccados commettes tu em que o demonio nunca peccou nem póde? Elle não pecca nos excessos da gula, porque não come; nem no luxo e monstruosidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças e torpezas da sensualidade, porque é espirito; e tu, escravo d'esse corpo vil, a quantas baixezas abates a tua alma, que Deus te deu egual aos anjos?

Antes os maus christãos são peiores.

Mais. E não sou eu que o digo, senão o mesmo Sanct'-Iago na ultima clausula que nos resta por ponderar: *Daemones credunt et contremiscunt:* os demonios crêem em Deus e tremem d'elle; e tu, christão, com a tua fé crês em Deus, mas não tremes, nem temes. Grande lastima e miseria é que até os demonios te possam servir de exemplo não só n'este mundo, senão no mesmo inferno. Apertemos bem este poncto. Crês, christão, que has de morrer? Creio. Crês que no dia do juizo, e antes d'aquelle dia, te ha Deus de julgar na hora da morte? Creio. Crês que, se fizeres boas obras, has de ir ao céu e gozar de Deus por toda a eternidade; e se as fizeres más, por toda a mesma eternidade e sem fim has de arder no inferno? Creio. Pois se crês todas estas verdades e os demonios crêem e tremem, *Credunt et contremiscunt;* tu porque não temes e tremes de offender a Deus? Dá cá a razão: *Quare?*

É a sua fé sem obras, porque buscam o presente e não se importam do futuro. Razão de seu engano.

IX. A razão verdadeira nenhum intendimento a póde dar, porque a não ha. A falsa e apparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a vemos e experimentamos. O que crê a fé, é o futuro, o que leva após si a vida, é o presente;

da vista e um sonho dos olhos abertos, e que tanto o remontado dos longes, como o vizinho dos pertos, tudo tem a mesma distancia. Aquelle nescio do Evangelho, *Stulte*, por isso era nescio; porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos eram os bens com que o tinha enganado a fortuna, *Multa bona in annos plurimos;* nem os bens haviam de ser seus, senão alheios, nem os annos haviam de ser annos, ou dias, ou um só dia, senão os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hac nocte animam tuam repetunt a te.* Assim empresta as vidas o Senhor d'ellas até o preciso e occulto termo da sua providencia: para que acabemos de nos desenganar quão erradas são as contas dos que sommam os futuros pelos presentes; e que só são sisudos e sabios os que não medem a vida com a esperança, mas tractam só de a concordar com a fé, em que consiste a eterna.

Luc. 12.

(Ed. ant. tom 11.º, pag. 432; ed. mod. tom. 8.º, pag. 323).

SERMÃO DA QUINTA TERÇA FEIRA **

Prégado em Roma na lingua italiana á serenissima rainha de Suecia, em obsequio de um dictame d'aquelle sublime espirito, que, detestando as beatarias publicas, só reputava por verdadeiras virtudes as que se occultam aos olhos do mundo.

Observação do Compilador.—Christina rainha de Suecia foi uma das mulheres mais celebres da historia não só por seu ingenho, instrucção e arte de governar, mas muito mais por ter abdicado o reino e abjurado o protestantismo para professar a religião catholica. Estimou muito o grande orador portuguez a quem conheceu em Roma; e mais tarde o pediu encarecidamente por confessor ao P. Geral da Companhia: honra de que Vieira se escusou n'uma bellissima carta, por ser mais que septuagenario e cheio de achaques. Este sermão que recitou em presença da rainha responde ao ingenho e ao gosto, não menos de quem ouvia, que de quem fallava.

Nemo in occulto quid facit.
S. Joan. 9.

Quão perigosos são os olhos, maiormente os alheios, pelo appetite de ser visto. Texto de Job (c. 7) e uso das estatuas sepulcraes.

A maior graça da «nossa» natureza e o maior perigo da «salvação», são os olhos. São duas luzes do corpo, são dous laços da alma. Mas como os mesmos olhos, ou são os proprios com que vemos, ou os alheios com que somos vistos; questão póde ser não vulgar, e util curiosidade, saber quaes d'elles sejam o maior laço e o maior perigo. Eu em tanta estreiteza de tempo não o tenho para disputar; e assim digo resolutamente que o maior perigo e o maior laço são os olhos alheios; e porque? Porque sendo tão natural no homem o desejo de vêr, o appetite de ser visto é muito maior. Considerava Job a sua morte, e vêde a espinha que mais lhe picava o coração: *Nec aspiciet me visus hominis:* morrerei e não me verão mais os olhos dos homens. O uso de vêr tem fim com a vida; o appetite de ser visto não acaba com a morte. Esta foi a origem das estatuas romanas sepulcraes. Punha-se a estatua e imagem do defuncto sobre o se-

pulcro para que o homem, que dentro d'elle não podia vêr, sobre elle fosse visto. Já que me falta a vida propria, ao menos não me falte a vista alheia. De maneira que devendo os marmores da sepultura ser uns espelhos em que se vissem os vivos, são uma anticipada resurreição da arte, em que se vêem os defunctos. Tão immortal é nos mortaes o desejo de ser vistos!

Por isso diz o thema que ninguem faz occultamente cousa digna de louvor. Dous documentos contra este erro.

E se esta ambição vive nos mortos, nos vivos que será? Será o que diz o texto que propuz, com maior erro ainda e indignidade na vida, que ambição e vaidade depois da morte: *Nemo in occulto quid facit:* ninguem faz occultamente cousa digna de louvor; porque occulta não póde ser vista. Tirae do mundo (diz Seneca) os olhos alheios, e nada se fará do que o mesmo mundo admira e preza. Este era o uso de Roma no tempo do estoico. Mas porque então e depois, e ainda hoje «posto que menos geralmente», se usa o mesmo em tempo de Christo, que faremos? Para desterrar da Roma o *nemo*, e ajunctar n'ella o *facit* com o *occulto;* isto é, para que as boas obras se façam e junctamente se occultem, vos offerecerei brevemente n'este discurso «dous» documentos: um seguro, outro perfeito. O seguro, não obrar para os olhos dos homens: o perfeito, obrar só para os olhos de Deus. Este é o meu argumento. Bem vejo quanta dissonancia vos fará nos ouvidos a rudeza de uma voz tão pouco romana como a minha, no meio da harmonia d'estes coros reaes, pouco menos que celestes. Mas o mesmo auctor do nosso evangelho S. João diz que no tempo em que os anjos do céu estavam cantando os louvores de Deus, se fez lá pausa e silencio por espaço de meia hora para se ouvirem as vozes da terra: *Factum est silentium in coelo quasi media hora.* Eu farei por não exceder a meia, nem ainda o quasi.

Apoc. 7.

1.º documento: Não fazer nada para os olhos dos homens; porque é como se não se fizesse. Texto de S. Matth. c. 13.

II. *Nemo in occulto quid facit.* Contra o abuso tão geral como errado d'este dogma, ensina o nosso primeiro documento, a que chamei seguro, que nenhuma cousa se deve obrar para os olhos dos homens. E por que razão? Não só para justificar as mesmas obras, senão para as fazer: porque tudo aquillo que se faz para os olhos dos homens «é como se não se fizesse.» Parece paradoxo, mas é verdade divina. Ensinava Christo Senhor nosso aos homens do seu tempo que se guardassem de fazer o que faziam os escribas e phariseus; e signalando o divino Mestre o fundamento d'esta sua doutrina accrescenta: Porque dizem e não fazem: *Dicunt enim et non faciunt.* Senhor meu, dae-me licença para que vos apresente uma réplica a minha ignorancia, que o não parece, pois se funda nas vossas mesmas palavras. Vós não dizeis que estes mesmos homens não só jejuam, mas

andam pallidos e macilentos e com apparencia mais de cadaveres, que de vivos, de pura abstinencia? Vós não dizeis que não só fazem oração no templo, mas que nas praças e nas ruas publicas com as mãos e os olhos levantados ao céu estão orando? Vós não dizeis que não só dão esmola, mas que a som de trombetas chamam aos pobres, para que de perto e de longe venham todos? Como logo dizeis d'elles que não fazem, *Non faciunt?*

Compara-se o mesmo texto com outro de S. Paulo *ad Tit.* 2.

Apèrto mais a minha admiração. Estas obras signaladas por Christo são todas aquellas a que S. Paulo reduz as obrigações de um verdadeiro christão: *Sobrie, et pie, et juste vivamus in hoc saeculo: sobrie* para comsigo; *pie* para com Deus: *juste* para com o proximo. Tudo isto faziam os escribas e phariseus. *Sobrie* para comsigo; porque jejuavam: *pie* para com Deus; porque oravam: *juste* para com o proximo; porque davam esmola. Como logo diz Christo: *Et non faciunt*? Fazer tudo isto não é fazer? Sim; porque *Omnia opera sua faciunt, ut videantur ab hominibus* e tudo aquillo faziam para que os homens o vissem; e o que se faz para ser visto dos homens «é como se não se fizesse.» Jejuam «os escribas e phariseus como se não fizessem jejum: oram como se não fizessem oração: fazem esmolas como se não as fizessem.» Oh quantas cousas se fazem n'este mundo, «como se não se fizessem!» Discorrei vós por ellas; que eu não tenho tempo.

Faça a virtude por cautela o que faz o vicio por vergonha. *Joa.* 3.

Por isso a lucta de Jacob com o anjo acabou logo ao nascer da aurora. *Gen.* 17.

Senhores meus, as obras são a alma da fé: fazei-as, mas guardae-as dos olhos; que a mesma fé é cega. Faça a virtude por cautela o que faz o vicio por vergonha: *Qui male agit, odit lucem,* diz Christo: quem faz mal, foge da luz, e não quer que o vejam, porque faz mal. Quem faz bem, tenha mêdo da luz, porque lhe póde tirar todo o bem que faz. Toda uma noite tinha gastado ou empregado Jacob não rondando, não jogando, não em saráus ou festins, mas abraçado estreitissimamente com Deus. Começaram a se pintar os horizontes com as primeiras côres da manhã, e Basta, diz Deus, porque vem apparecendo a aurora: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.* E que importa que venha a aurora, o sol e o dia? Se Jacob fizera algum mal, fuja e esconda-se da luz, para que o não vejam: mas se está bem occupado e no maior bem a que póde aspirar um homem; tambem ha de fugir e ter mêdo da luz? Sim: porque a luz é o maior perigo das boas obras. Retire-se logo Jacob: não o veja a aurora; e pois tem vencido e triumphado de Deus, faça a retirada, para que não perca a victoria. Por isso os sanctos se retiravam aos desertos e se mettiam nas covas: sepultavam a virtude, «para que estivesse mais segura.

A obrigação de dar bom exemplo como se deve intender. *Matth.* 5.

Não ignoro a obrigação do bom exemplo imposta por Christo a todos os christãos, e muito mais aos que no civil e no ecclesiastico são luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Mas para que estes exemplos não dêem uma luz enganosa e fatua, advirta-se o que a mesma Verdade eterna ajuncta immediatamente: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.* Diz Christo que os seus discipulos devem resplandecer deante dos homens com a luz das boas obras; mas para quê? Para que a fama as apregoe de bocca em bocca e as guarde insculpidas em laminas de bronze, ou em tábuas de marmore, para noticia e pasmo da posteridade? Não por certo: mas para que n'essas obras, que necessariamente hão de ser vistas, seja Deus glorificado: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.* Este deve ser o alvo dos seus desejos; este o termo dos seus esforços; este o objecto das suas industrias; e não a vista e os louvores dos homens. O sol, para nós divisarmos os objectos que allumia, não quer ser contemplado. Vós que como o sol estais por divina Providencia resplandecendo no firmamento da Egreja, allumiae o mundo com a luz soberana dos vossos exemplos; mas dae-me licença de notar que quanto mais vivo é o resplandor das vossas obras, tanto maior ha de ser o vosso cuidado em declinar a nossa vista e não pretender as nossas admirações; se é que nos quereis manifestar a gloria de Deus e não a vossa. Assim provareis a sinceridade do vosso affecto áquelle que vê os corações e avalia as obras pelo que são deante de seus olhos, e não pelo que apparecem aos nossos.»

A Magdalena aos pés de Christo ensina-nos a declinar a vista dos homens. Observação de S. Pedro Chrysologo.

Da Magdalena disse Christo: *Quoniam dilexit multum.* Mas que teve de grande este amor? Lagrimas e de uma mulher? Muitos choram facilmente. Quebrar o alabastro? Os marmores se quebraram por si mesmos na morte de Christo. O preço do unguento? Só na avareza de Judas foi grande preço. Enxugar os pés do Senhor com os cabellos? Mais faria, se os cortara. Onde está logo a grandeza d'aquelle acto? Onde está o muito d'aquelle *dilexit multum?* S. Pedro Chrysologo o observou agudamente em duas palavras do Texto: *Stans retro.* Tudo o que a Magdalena fazia não era aos olhos senão ás espaldas de Christo, *retro;* e n'este modo de servir consistia o muito do amar. Christo com os olhos da divindade via a Magdalena; mas com os olhos da humanidade não a via; e como ella chorava e ungia, servia e amava «não pretendendo ser vista, o seu amor foi canonizado pela mesma Verdade infallivel, não só de sincero, mas de muito: *Stans retro: Dilexit multum.* Tão grande necessidade temos de nos furtar aos olhos dos homens para provar a since-

ridade das boas obras contra o: *Dicunt et non faciunt* tão reprovado nos phariseus.

2.º documento: Fazer as obras só para os olhos de Deus. Circumstancias da lucta de Jacob.

III. Este exemplo da Magdalena não sómente nos dá o documento seguro, que é não obrar para os olhos dos homens; senão tambem o perfeito, que é obrar só para os olhos de Deus. E porque vale mais este segundo?» Porque aquillo é o mais perfeito que mais une ao homem com Deus; e Deus só dá os seus braços a quem busca os seus olhos. Torne Jacob «a confirmal-o», já que o nosso theatro nos não dá logar de multiplicar figuras. Verdadeiramente é caso estupendo vêr a Deus abraçado com um homem, e quando Deus não era homem! Cresce o pasmo com saber que Jacob não era Hilarião, nem Macario. Era um homem leigo, e tão leigo que nenhum hoje o póde ser tanto por muitas circumstancias. Elle, com boa licença de Rachel e de Lia, não tinha voto de castidade. Elle não professava obediencia; porque era senhor independente de copiosa familia, não fallando na investidura do morgado universal. Elle não professava pobreza; porque os seus rebanhos de gados maiores e menores, que eram os thesouros d'aquelle tempo, não cabiam nos campos. Como logo mereceu Jacob uma união com Deus tão estreita, tão forte e tão singular e inaudita? O mesmo Texto *Traductis omnibus quae ad se pertinebant, mansit solus; et ecce vir luctabatur cum eo usque mane.* Jacob n'aquella jornada, passado da outra parte de um rio tudo o que levava e todos os que o acompanhavam; elle só em um deserto e de noite se deixou ficar orando, onde, quando e como só os olhos de Deus o podiam vêr. Onde, porque era um deserto: quando, porque era de noite; e como, porque estava só. De sorte que não uma só vez, nem por um só modo; senão tres vezes e por tres modos se retirou e escondeu Jacob dos olhos dos homens, para assim só, e mais só, e ainda mais só, buscar só os olhos de Deus. E se namorou tanto d'esta acção a divindade do Verbo, que não se podendo conter nem no céu, nem em si mesmo, como se anticipasse a incarnação se vestiu de homem para se abraçar e unir fortissimamente com elle: *Ecce vir luctabatur cum eo.*

Gen. 32.

Querer que as boas obras sejam vistas dos homens, sobre ser contradictorio é impossivel aos homens, porque só Deus póde vêr os corações.

Senhores cortezãos da cabeça do mundo, isto não é só para os desertos e para os anachoretas. Querer que as vossas obras sejam boas e sejam vistas é contradicção manifesta «porque se o quereis, o fim que vos leva é a vaidade; e obras feitas por vaidade não são boas. Isto é o que Christo reprovou tanto nos phariseus com o seu *dicunt et non faciunt*. E além d'isso, dizei-me: como é que os homens poderiam ver a bondade intrinseca e real das vossas obras? Os seus olhos não alcançam senão a

A obrigação de dar bom exemplo como se deve entender.
Matth. 5.

[illegible] vezes é mentirosa.»
[illegible] estado de Deus: *Homo* [illegible] *tur cor:* para os olhos [illegible] para os seus os corações. E [illegible] si a vista e conhecimento do [illegible] só Deus podesse ver «a bondade [illegible] homens pódem ver as obras; mas a [illegible] ainda que a tenham, não a pódem [illegible] corações. E como o coração é a fonte [illegible] as obras se baptizam e recebem o «ver- [illegible] boas; d'aqui é que reservou Deus só para [illegible] corações, para que o homem, ainda que qui- [illegible] dirigir as suas obras boas a outros olhos [illegible] Deus. Aos olhos de Deus sim e só a elles; porque [illegible] vêem; aos outros não, porque as não vêem. E que [illegible] verdadeiramente seria não consagrar as boas obras aos [illegible] Deus, que só as vê; e sacrifical-as ao idolo dos olhos [illegible] que as não póde vêr?

[illegible] d'esta cegueira os mesmos que se deixam levar d'ella, [illegible] tantos, a não sabem, nem eu a sabia; mas a agudeza de [illegible] Agostinho a descobriu subtilissimamente. Argumentava [illegible] Agostinho contra os idolatras e dizia assim: O idolo tem olhos, mas não vê; o verdadeiro Deus vê tudo: como offereceis logo os vossos sacrificios ao idolo que os não vê, e não a Deus que os vê? O mesmo argumento e a mesma pergunta faço eu aos olhos da christandade. É certo que estes idolatras, o fim por que dedicam as suas obras aos olhos dos homens é para que ellas, em quanto boas, lhes grangeiem reputação e nome de bons. Mas se a «verdadeira» bondade d'essas mesmas obras só a vêem os olhos de Deus, e os dos homens não; porque a não dedicais aos olhos que a vêem, senão aos que a não pódem vêr? Só a perspicacia da mesma aguia dos doutores podia penetrar o segredo d'esta cegueira: *Oculos habent et non videbunt:* os olhos do idolo (diz Agostinho) ainda que não vêem, vê-os o idolatra: os olhos de Deus ainda que vêem tudo, o idolatra não os vê; e é tal a propensão e inclinação humana a nos deixarmos levar só do que vêmos, que antes quer o idolatra dedicar os seus sacrificios aos olhos visiveis do idolo, porque elle os vê, ainda que elles o não vejam, do que aos olhos invisiveis de Deus, ainda que elles o vejam; porque elle os não vê. E d'aqui se colhe a dobrada perfeição dos que consagram visivelmente aos olhos que as vêem e invisivelmente aos que elles não pódem vêr.

O sacrificio de Abrahão devido a este documento.

A façanha ou fineza que viu e celebrou o mundo com nome

de maior entre as maiores foi o sacrificio de Abrahão, «e foi devida a este documento de obrar só para os olhos de Deus.» Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse o seu filho com expressão de todos aquelles motivos que faziam a novidade de tal acção ardua, difficil e quasi impossivel a um coração humano. É pois (dizia dentro de si o pae) que hei de sacrificar o meu filho? O meu primogenito? O meu amado? O meu Isaac? Eu sou, e outra e mil vezes eu o que lhe hei de metter o ferro pelas entranhas? Eu o que hei de derramar o sangue que me saiu das veias? Eu o que, morto, com estas mãos o hei de pôr na fogueira? Eu o que com estes olhos o hei de ver arder? «E que dirão os homens de mim depois de um caso tão horroroso e inaudito? Pae cruel, hão de dizer que te fizeste algoz de teu unico filho e filho tão innocente e filho tão amavel!» Mas em quanto o amor paterno estava suspenso e como irresoluto n'esta terrivel consideração, vêde o pensamento com que se resolveu e lhe deu animo e valor e coragem para executar valentemente o sacrificio! Quando Deus disse a Abrahão que lhe sacrificasse o filho, foi com estas palavras: *Vade in terram visionis, atque ibi offeres eum in holocaustum super unum montium quem monstravero tibi:* vae á terra da vista (notae muito o *in terram visionis*), vae á terra da vista e ahi sacrificarás o teu filho em um monte que eu te mostrarei. Se Deus me ha de mostrar o monte (diz o pae) ahi ha de estar Deus: se o monte ha de ser na terra da vista, ahi me ha de vêr. E é tão certo que foi este o pensamento de Abrahão, que elle deu por nome ao mesmo logar *Dominus videt;* e ao mesmo monte: *Dominus videbit.* De sorte que com certeza tres vezes repetida conheceu Abrahão que n'aquella terra, n'aquelle logar e n'aquelle monte o havia de vêr Deus: n'aquella terra, *in terram visionis:* n'aquelle logar, *Dominus videt:* n'aquelle monte *Dominus videbit;* e como Abrahão conheceu certamente que Deus o havia de vêr e os olhos de Deus o haviam de fazer o theatro d'aquella grande acção, este foi o pensamento e o motivo com que se resolveu a sacrificar o filho. E que se infere d'aqui conforme a verdade do nosso documento? Infere-se que «quanto mais viva for a fé da presença de Deus e mais ardente o desejo de lhe agradar obrando só para os seus olhos, tanto maior será o nosso animo e mais heroica a nossa coragem para vencer as difficuldades que se encontram na vida christã e no caminho da perfeição. *Ambula coram me et esto perfectus,* disse Deus a Abrahão quando a primeira vez lhe revelou que havia de ser na fé e na obediencia o exemplo das gerações vindouras e o pae de todos os crentes: o mesmo repete a todos os chris-

Gen. 22.

Ibid.

Gen. 17.

tãos que pela mesma fé são filhos d'este grande patriarcha.»

Conclusão. V. Tenho acabado, e não sei se persuadido o que prometti. E para que estes «dous» documentos sirvam a todos, digo só «duas» palavras conforme a generosidade de cada um. Vós almas que aspirais á perfeição, obrae só para os olhos de Deus, que isto é o perfeito. E vós os que vos contentais com menos, guardae-vos de obrar cousa alguma para os olhos dos homens, que isto é o seguro. No tempo de David havia alguns impios tão impios, que negavam os olhos a Deus: *Dixerunt: Non videbit Dominus*. E porque negavam estes olhos a Deus? Para o offenderem com maior liberdade, diz o propheta. Do mesmo modo, assim como a malicia consummada nega os olhos a Deus para o offender com maior liberdade, assim a virtude «perfeita» ha de attender aos olhos de Deus para o amar com maior fineza. «Eis aqui a perfeição do primeiro documento. E quanto á segurança do segundo, lembrae-vos que o servo fiel serve a seu senhor onde o mesmo senhor o não vê, como se o estivesse vendo: mas o infiel só o serve quando é visto, e por isso é infiel.» Divinamente S. Paulo: *Ad oculum servientes, quasi hominibus placentes*. «Logo quem não quer a censura e o castigo do servo infiel, não sirva aos olhos para agradar aos homens. Assim é que todos, uns mais, outros menos perfeitamente, imitareis a Christo e recebereis a corôa de gloria promettida aos seus imitadores.

Ps. 94.

Ephes. 6.

Exemplo de Christo nas circumstancias do Texto.

As palavras *Nemo in occulto quid facit* disseram-nas ao Divino Mestre os seus parentes para exhortal-o a fazer em publico deante dos Judeus e na mesma côrte de Jerusalem aquellas obras admiraveis que andava fazendo, como occultamente, em Galilea entre pobres pescadores. Mas nota o sancto evangelista que elles fallavam d'este modo, porque ainda não criam n'elle: *Neque enim fratres ejus credebant in eum*. Como se dissera: não eram estes os exemplos que o Filho de Deus nos havia de dar como redemptor. O mundo está perdido porque os homens se deixam levar por motivos de respeitos humanos. Por isso o salvador do mundo lhe havia de ensinar precisamente o contrario que seus parentes aconselhavam; obrando só para agradar a Deus e fugindo da publicidade. Mas elles fallavam tão erradamente, porque ainda não criam que era o Messias: *Neque enim fratres ejus credebant in eum*. Portanto para nós, que temos fé e vimos os seus exemplos, não ha nada mais dassarrazoado que esse» indigno epitaphio das obras humanas, «mortas, porque feitas sómente para agradar aos homens:» *Nemo in occulto quid facit*.

(Ed. ant. t. 7.º, pag. 131, ed. mod. tom. 8.º, pag. 157).

SERMÃO DA SEXTA SEXTA-FEIRA *

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1662

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— Já vimos sermões na fórma dos que hoje se chamam conferencias moraes: lá vai outro; e qual se podia esperar de Vieira. Veja-se nos dous ultimos numeros com que majestade e eloquencia se remonta no seu argumento, depois de ter conversado familiarmente com os ouvintes, consoante o seu genio e auctoridade lhe consentiam.

Collegerunt pontifices et pharisaei concilium.
S. JOAN. 2.

O conselho, se é bom, é o maior bem; se mau, é o maior mal. Conselho dos pontifices e phariseus.

I. A melhor e a peior cousa que ha no mundo qual será? A melhor e peior cousa que ha no mundo é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é máu é o peior mal. A maior maldade que commetteu n'este mundo a cegueira e obstinação dos homens, foi a morte de Christo: a maior misericordia que obrou n'este mundo a bondade e piedade de Deus, foi a redempção dos homens. E ambas estas cousas tão grandes e tão oppostas sairam hoje resolutas de um conselho: *Expedit vobis ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat*. Supposta esta primeira verdade de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos, a fonte dos maiores bens e dos maiores males, quizera eu hoje que fosse materia do nosso discurso a consideração dos bens e males que concorreram n'este conselho.

Em quanto bom e em quanto mau será a materia do discurso.

Este conselho, ou se póde considerar pela parte que teve de politico, ou pela parte que devia ter de christão. Pela parte que teve de politico mostrou alguns dictames acertados: pela parte que devia ter de christão commetteu o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros e dos acertos, como do aço

e do crystal, se compõem e formam os espelhos; dos acertos e dos erros d'este conselho determino formar hoje um espelho á nossa côrte. Será este espelho de tal maneira politico para os christãos e de tal modo christão para os politicos, que se possa vêr e compôr a elle um conselho e um conselheiro e tambem um aconselhado. Se fôr muito lizo e muito claro, isso é ser espelho.

Quatro propriedades de um conselho bem acertado.

II. *Collegerunt pontifices et pharisei concilium.* Quatro partes considero n'este conselho do evangelho, sem as quaes nenhum conselho póde ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleição dos conselheiros, a formalidade da proposta, a conveniencia dos pareceres e a efficacia da execução. A primeira contém os principios dos conselhos, a segunda o modo, a terceira os meios, a quarta o fim. Sem a primeira será o conselho imprudente, sem a segunda, confuso; sem a terceira, damnoso; sem a ultima, ocioso e inutil. Comecemos pela primeira.

1.ª Eleição de conselheiros practicos na materia que se deve tractar.

III. A primeira boa propriedade que teve este conselho do evangelho foi que a materia sobre que se havia de votar era da profissão dos conselheiros. A materia era de religião, e elles eram sacerdotes: a materia era de fé, e elles eram theologos: a materia era do Messias promettido pelos prophetas, e elles eram doutos nas Escripturas: em fim a materia era de lettras, e elles eram lettrados. A causa de se governar tão mal o mundo e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas lettras e o lettrado na navegação e o piloto nas armas, que conselho ha de haver, nem que successo? Haverá lettrados, e não se verá justiça: haverá pilotos, e não se fará viagem: haverá soldados e exercitos, e levarão a victoria os inimigos. Vote cada um no que professa e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos de religião vote Samuel e Heli: nos negocios da guerra vote Joab e Abner: nas importancias do estado vote Chusai e Achitophel; e nas occorrencias da navegação e do mar (ainda que não tenham nomes tão pomposos) vote Pedro e André.

Admittam-se tambem phariseus, se o pede a materia.

Indigna cousa parece, e ainda escandalosa, que os phariseus entrem no mesmo conselho com os pontifices: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium.* Tambem o phariseu ha de ter logar no conselho? Tambem o phariseu ha de dizer seu parecer? Tambem o phariseu ha de dar seu voto? Tambem; se a materia for da sua profissão. Ainda que o nome de phariseu n'aquelle tempo fôra tão vil e tão mal soante como é hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas materias da sua profissão:

porque o bom conselho e o bom conselheiro não o faz o nome nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. E porque vos não pareça esta doutrina de tão má eschola como a do nosso evangelho, vêde tudo o que tenho dicto no conselho de um principe melhor que os melhores pontifices e no voto de um conselheiro peior que os peiores phariseus.

Viu o propheta Micheas a Deus em conselho, assentado em um throno de grande majestade. Conta o caso o mesmo propheta no terceiro livro dos reis capitulo 22. Assistiam a Deus de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres jerarchias: os thronos, as potestades, as dominações, cherubins, seraphins, etc. E diz o propheta que tambem veio o demonio a achar-se no conselho. Se em um conselho do céu, onde o presidente é Deus e os conselheiros os anjos, «o propheta viu» entrar um demonio; nos conselhos da terra, onde os que presidem e os que aconselham são homens, e talvez homens de muita carne e sangue, quantos demonios entrarão? Fez Deus a proposta ao conselho em voz, e disse assim: Pelas injustiças de Acab, rei de Israel e pelas da rainha Jezabel, sua mulher, assim as que elles commettem, como as que consentem no reino, tenho resoluto de lhes tirar a vida e a corôa. E porque o estylo de minha justiça e providencia é castigar os reis permittindo que sejam enganados, para que sigam os caminhos de sua ruina cuidando que são os meios de sua conservação; quizera ouvir do meu conselho que modo haverá para que seja enganado el-rei Acab, e para que emprehenda a guerra de Ramoth e acabe n'ella. E tambem me diga o conselho a que pessoa ou pessoas será bem encarregar esta empreza? *Quis decipiet Achab regem Israel, ut ascendat et cadat in Ramoth?* Ouvida a proposta de Deus foram respondendo os anjos como lhes cabia; e diz o Texto que uns diziam de um modo e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius aliter:* porque até entre os anjos póde haver variedade de opiniões sem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua sanctidade; e para que acabe de intender o mundo que, ainda que algumas opiniões sejam angelicas, nem por isso são menos angelicas as contrarias.

A visão de M[illegible] cheas auct[illegible] risa esta d[illegible] trina.

No ultimo logar fallou o demonio; e fallou breve, resumido, substancial e resoluto: *Ego decipiam illum: egrediar et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum.* Supposto, Senhor, que vossa Majestade Divina tem resoluto ou permittido que seja enganado Acab para ser destruido, o meio mais a proposito para se enganar é que lhe mintam todos seus conselheiros, que são os prophetas a quem elle consulta; e a pessoa que sem duvida os fará mentir a todos (diz o demonio) serei eu, porque me

O demonio vo[illegible] em um conselho divino Deus se conforma com seu voto.

transformarei em espirito de mentira e me metterei nas suas linguas. Atéqui o demonio. Ouvi agora e pasmae. Não tinha bem acabado de dizer o demonio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto; e não só lhe commetteu a empreza, mas segurou a todos o successo d'ella: *Decipies et praevalebis: egredere, et fac ita.* «Bem sei que foi esta visão do propheta Micheas um facto allegorico e não historico: comtudo não vos posso dissimular que» ainda me estou benzendo depois que isto li. «E como se póde imaginar» que no seu conselho sacratissimo e secretissimo ha Deus de admittir o demonio, e não só o ha de admittir e ouvir, senão que ha de approvar o seu voto e se ha de conformar só com elle, deixando o parecer de tantos anjos e de tantos principes do céu? «Todavia um propheta por divina inspiração o imaginou, para nos ensinar que» a prudencia e obrigação «de quem governa» não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é sommar os votos, senão pesal-os. E porque o demonio n'este caso votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demonio.

Porque votou acertadamente em materia de sua profissão para enganar Acab.

Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o Texto: mas o demonio vêde que gentilmente votou. A gentileza de um voto consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim e em proporcionar o instrumento com o meio. E tudo fez o demonio escolhidamente. Proporcionou o meio com o fim, porque o fim do conselho era que Acab fosse enganado; e para ser enganado Acab não havia meio mais a proposito que mentirem-lhe todos os seus conselheiros. Proporcionou tambem o instrumento com o meio; porque para os conselheiros todos mentirem não havia instrumento mais subtil e accommodado, que o mesmo espirito da mentira, mettido nas linguas de todos. E sendo o voto do demonio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, porque o não havia de approvar Deus e porque o não havia de antepôr ao de todas as jerarchias? Olhar para a jerarchia de quem votou é querer venerar os votos, mas não acertal-os. Na eleição do voto não se ha de respeitar a dignidade da pessoa; que por isso Deus se não conformou com os thronos. Nem se ha de respeitar a nobreza; que por isso se não conformou com os principados. Nem se hão de respeitar os titulos; que por isso se não conformou com as dominações. Nem se ha de respeitar o poder; que por isso se não conformou com as potestades. Nem se ha de respeitar o amor; que por isso se não conformou com os seraphins. Nem se ha de

respeitar a sciencia; que por isso se não conformou com os cherubins. Nem se ha de respeitar a sanctidade; que por isso se não conformou com as virtudes. Finalmente não se ha de respeitar qualidade alguma, por angelica e mais angelica que seja: que por isso se não conformou com anjos nem com archanjos. Pois que se ha de respeitar no voto e por onde se ha de avaliar? Ha se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demonio, e ainda que seja o que está mais fóra da graça do principe, como o demonio estava, se o seu voto fôr melhor, ha se de preferir o seu voto. O principal nos falta por advertir. Conformou-se Deus com o voto do demonio e não com os dos anjos; porque o demonio votou melhor. Bem está. Mas porque votou melhor o demonio que os anjos? Porque tem mais sabedoria do que elles? Não. Porque tem mais delgado intendimento? Não. Porque ama «e respeita» mais a Deus e zela mais seu serviço? Não. Porque deseja mais dar-lhe gosto e fazer e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois porque vota melhor um demonio n'este conselho que todos os anjos junctos? Porque a proposta e a materia do conselho era da profissão do demonio e não era da profissão dos anjos. A proposta e a materia do conselho era enganar a Acab e fazel-o cair: *Quis decipiet Achab, ut cadat?* E como a profissão propria do demonio é enganar e fazer cair aos homens; por isso votou melhor e mais acertadamente que todos. Se a proposta fôra como se havia de guardar Acab e como se havia de guiar e encaminhar para que se defendesse e livrasse dos perigos d'aquella guerra, então venceria infallivelmente o voto dos anjos, porque essa é a sua profissão, guardar, guiar, encaminhar, livrar e defender aos homens. Mas como o negocio era tão alheio da profissão e officio dos anjos, e tão proprio da profissão e exercicio do demonio, por isso o demonio votou melhor que todos os anjos. Tanto importa que vote cada um no que exercita e que aconselhe no que professa! E seria grande desgraça que se não observasse esta maxima em conselhos christãos e catholicos, quando vemos que se fez hoje assim em um conselho de inimigos de Christo: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesum.*

2.ª Modo da proposta. Como foi acertado no conselho dos inimigos de Christo.

IV. A segunda boa propriedade, e excellentemente boa, que teve este conselho foi o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit.* Que fazemos, que este homem faz muitos milagres. Não sei se reparais no que dizem e no que não dizem. Não dizem: Que havemos de fazer, senão, Que fazemos? Ah que grande conselho e que grandes conselheiros!

Conselheiros de *que havemos de fazer* não são conselheiros. Os conselheiros hão de ser homens de *que fazemos?* E vêde que discretamente inferiram e contrapesaram a proposta. Elles eram inimigos de Christo e tinham a Christo por inimigo, e diziam: Que fazemos, que este homem faz muitos milagres? Notae o *faz* e o *que fazemos*. Basta, que nosso inimigo faz milagres, e nós não fazemos o que se póde fazer sem milagre? A razão, por que se perdeu tanta parte d'aquella tão honrada monarchia da Asia, ganhada com tão illustre sangue, qual foi? Porque o inimigo *fazia* e nós *haviamos de fazer*. Não vamos tão longe. Em quanto Portugal teve homens de *havemos de fazer* (que sempre os teve) não tivemos liberdade, não tivemos reino, não tivemos corôa. Mas tanto que tivemos homens de *que fazemos?* logo tivemos tudo.

Conselho para fabricar a torre de Babel.

Gen. I.

O primeiro conselho que «se lê na Escriptura sagrada» foi o da torre de Babel. Resolveram os homens em uma juncta de todos quantos então havia, que para eterna memoria de seu nome fabricassem uma torre, cujas ameias subissem até entestar com as estrellas: *Cujus culmen pertingat ad coelum.* «Ouvido no céu este conselho, parece» mandou Deus tocar a rebate; e assistido logo de todos os exercitos dos anjos, a falla que lhes fez foi esta: Estes homens resolveram em conselho de fazer uma torre que chegue até o céu, e não hão de desistir do seu pensamento até o levarem ao cabo. O que importa é que desçamos logo logo á terra e que lhes confundamos as linguas, para que não vão por deante com seu intento. Com o seu intento, Senhor? E que importam, ou que pódem importar os intentos dos homens contra o céu? Pois se o céu e os anjos, e muito mais Deus, estão tão seguros de todo o poder dos homens; se todas as machinas de seus pensamentos e de suas mãos, contra o céu, mais são desvanecimentos, que conselhos; de que se altera o empyreo, de que se receiam os anjos, de que se acautela Deus com tanto cuidado, com tanta prevenção, com tanto estrondo? Eu o direi, e o mesmo texto o diz.

Tambem acertado no modo da proposta.

Aquelles homens para tudo o que intentaram e resolveram não fizeram mais que dous conselhos: um dos meios, outro do fim. No primeiro conselho disseram: Eia, façamos tijolos: no segundo conselho disseram: Eia, façamos a torre. E homens que em todos os conselhos não dizem *faremos* nem *havemos de fazer*, se não *façamos, façamos:* estes homens, ainda que intentem o maior impossivel, hão de leval-o ao cabo. Homens que fazem conselhos, *fazendo;* homens que as suas resoluções são de pedra e cal, e que quando haviam de parecer conselhos, apparecem muralhas; guarde-se o mundo, guarde-se o céu, guar-

dem-se os anjos, e (se é licito dizel-o assim) guarde-se o mesmo Deus de taes homens. Não é o encarecimento meu, senão do mesmo Deus, o qual por isso se não dilatou um momento em accudir ao caso, nem se contentou com mandar, senão que desceu em pessoa: *Descendamus igitur et confundamus linguas eorum*. Tal foi o conselho que hoje fizeram «os pontifices e os phariseus» e taes foram tambem os effeitos d'elle. Tanto que Christo viu o que se tinha proposto e resoluto n'este conselho, que fez? Diz o evangelista que o Senhor se retirou logo de Jerusalem, e se passou escondidamente para a cidade de Ephrem, e se metteu n'um deserto. E retira-se Christo? Esconde-se Christo? Desapparece Christo? Sim: porque homens que nas suas propostas e nos seus conselhos não dizem que havemos de fazer, senão que fazemos, até ao «Homem-Deus» mettem em cuidado, até ao «Homem-Deus» põem em receios; até o «Homem-Deus» não está seguro de taes homens e de taes conselhos.

3.ª Conveniencia dos pareceres. 4.ª Efficacia e presteza da execução. Conselho sem execução é nada.

V. Pedia agora a ordem do conselho que depois da proposta se seguissem os pareceres e a resolução. Mas para maior clareza do discurso, fique esta terceira parte para o fim e passemos á ultima. A ultima propriedade boa, e melhor que todas, d'este conselho foi a efficacia e presteza da execução: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere*. No mesmo dia, e, como diz o texto grego, na mesma hora do conselho, se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuidado. A proposta do conselho foi: Que fazemos? e o fim do conselho na mesma hora foi fazer o que se resolveu que se fizesse. Cuidam os ministros que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo; e ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negocios é a execução: em quanto se não dão á execução, não se lhes tem dado principio. No principio creou Deus o céu e a terra: são as primeiras palavras da Escriptura. Pergunto: Antes de Deus crear o céu e a terra, a creação do mesmo céu e da mesma terra não estava decretada *ab aeterno* no conselho da sua sabedoria? Sim, estava. Pois então é que se deu principio á creação do céu e da terra? De nenhum modo. Quando Deus creou o céu e a terra, então é que lhe deu principio: porque em quanto os conselhos se não dão á execução, por mais conselhos e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado principio a nada. Que importa que haja conselhos e mais conselhos, que importa que haja decretos e mais decretos, se entre os decretos e a execução se passa uma eternidade? Os decretos serão divinos e divinissimos, como eram os de Deus; mas todas essas divindades decretadas sem execução que veem a ser? O que era o céu e a terra antes da creação do mundo?

Nada. Antes da creação estava decretado o céu, estava decretada a terra, estavam decretados os elementos: tudo estava decretado e assentado em conselho. Mas todas estas cousas decretadas que eram? O céu era nada, a terra outro nada, os elementos nada e toda essa infinitade de cousas uma infinidade de nadas. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda, se senão executa o arbitrio? Que importa a prevenção no conselho da guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mysterios no conselho do estado, se se não executam os mysterios? O mysterio altissimo e divinissimo da incarnação estava decretado, havia uma eternidade, e estava revelado, havia quatro mil annos; e que era este mysterio antes da execução? Nada.

O conselho das mãos. Prov. 31.

Pois que remedio para que estes nadas sejam alguma cousa e sejam tudo? O remedio é crear um conselho de novo. E que conselho ha de ser este? E como se ha de chamar? Salomão, cujo é o arbitrio, lhe deu tambem o nome: Um conselho de mãos: *Consilium manuum*. Todos os outros conselhos sem este «não são conselhos.» Os conselhos de intendimentos, discorrem, altercam, disputam, consultam, resolvem, decretam; e atéqui nada. O conselho das mãos é o que faz as cousas. O mesmo texto o diz: *Operata est consilio mannum suarum*. Os outros conselhos especulam, este conselho obra.

E seu intendimento.

Mas com licença de Salomão, se este chamado conselho é de mãos, parece que se não havia de chamar conselho; porque o conselho é acto de intendimento e as mãos não teem intendimento. Antes só as mãos teem o intendimento que é necessario. A cabeça tem intendimento especulativo: as mãos teem intendimento practico; e este é só o intendimento que faz as cousas. Assim o disse um rei que tinha muito bom intendimento e muito boas mãos, David: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos*. Falla David das felicidades d'aquella mesma republica em cujo conselho estamos; e conclúi que em todas as occasiões em que tiveram felizes successos, os governou Deus e elles se governaram com os intendimentos de suas mãos. Os mais felizes reinos não são aquelles que teem as mais bem intendidas cabeças, senão aquelles que teem as mais bem intendidas mãos. Dos intendimentos das mãos é que se fazem os prudentes conselhos; ou quando menos, nos intendimentos das mãos é que se qualificam de prudentes; porque os conselhos prudentes que não passam do intendimento ás mãos, fazem-se de prudentes nescios.

Ps. 77.

Temeu-o David em Achitophel.

Rebellou-se Absalão contra el-rei David. Seguiu a voz de

Absalão todo o reino, cujas vontades elle tinha ganhado. Chegou a nova ao rei n'estes mesmos termos; e como nos grandes casos se vêem os grandes corações, accomodou-se David á fortuna do tempo e retirou-se com os capitães de sua guarda, que só o acompanhavam. Tinha já caminhado um bom espaço do monte Olivete, quando recebeu segundo aviso, que tambem Achitophel, seu grande conselheiro, seguia as partes de Absalão; e aqui foi que o coração do rei sentiu os primeiros aballos. Pôz-se de joelhos, levantou as mãos ao céu e disse: *Infatua, quaeso, Domine, consilium Achitophel.* Nunca a nossa lingua me pareceu pobre de palavras, senão n'este texto. *Infatuare* significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer nescio, e ainda significa mais; e tudo isto pedia David que fizesse Deus ao conselho de Achitophel. Vêde o que pesava no juizo d'aquelle gran rei e o que deve pesar no de todos um grande conselheiro! Quando disseram a David que todo o reino unido seguia a Absalão, não fez oração a Deus para que o livrasse de suas armas: quando lhe disseram que tambem Achitophel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeu David a testa de um só homem, que os braços de infinitos homens. Bem tinha já experimentado o mesmo David na pedrada do gigante, que importa pouco que o corpo e os braços estejam armados se a testa está «desarmada». Houve-se David n'este caso contra Absalão, como já se houvera contra Golias. O tiro da sua oração não o aponctou contra o reino, que era o corpo, senão contra Achitophel, que era a testa. Um grande conselheiro no conselho do rei ha de ser a sua maior estimação; e no conselho do inimigo ha de ser o seu maior temor.

2. Reg. 15.

Como infatuou com suas orações o conselho de Aristophel.

Vamos agora ao successo em que a Escriptura diz duas cousas notaveis e que parecem totalmente encontradas. A primeira que Deus ouviu a oração de David contra o conselho de Achitophel; a segunda que Achitophel aconselhou a Absalão prudentemente o que lhe convinha: *Domini autem nutu dissipatum est consilium Achitophel utile.* Pois se Achitophel aconselhou util e prudentemente Absalão, como ouviu Deus a oração de David? A oração de David pediu a Deus que infatuasse o conselho de Achitophel: mas se o conselho de Achitophel foi prudente e util, como infatuou Deus o seu conselho? Quereis saber como o infatuou? Lêde por deante o texto. Ainda que a Escriptura diz que o conselho de Achitophel foi prudente, diz tambem que Absalão o não executou: e este foi o modo com que Deus infatuou aquelle conselho; porque conselhos prudentes sem execução, não são prudentes, são fatuos. De dous modos podia Deus infatuar o conselho de Achitophel: ou no intendimento

Nada. Antes da…
tada a ter…
cretado e…
tadas q…
mentos…
nadas…
não…
faz…
no…
P…

O conselho… mão…

Prov…

do mesmo Achitophel, fazendo que Achitophel votasse mal; ou *nas mãos de Absalão, fazendo que ainda* que o conselho fosse *bom, Absalão o não executasse? E Deus* para totalmente enfa*tuar o conselho de Achitophel, como* David lhe tinha pedido, *escolheu este segundo modo: porque* o conselho que se não *acerta com o intendimento, é* conselho errado: mas o conselho *que depois de acertado não* se executa, não só é errado, é fa*tuo. Errar um conselho é cousa* que cabe em homens pruden*tes: mas acertal-o e perdel-o* por falta de execução só em ho*mens fatuos se póde achar.* Oh quantos reinos se perdem por *conselhos prudentes* enfatuados! Vejam lá os principes se são *enfatuados nos* intendimentos dos Achitopheis ou nas mãos dos *Absalões. Por isso* eu desejara um conselho de mãos; e por *isso, sendo tão* máu, teve esta parte de bom o conselho do nosso *evangelho.* Começou extranhando o que se fazia: *Quid facimus?* *E acabou* começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.*

Com que pressa se executou o conselho dos inimigos de Christo, por não haver n'elle tinta nem papel.

Mas eu não acabo de intender como isto podia ser logo no mesmo dia e na mesma hora em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando se assignou? Quando subiu? Quando se resolveu? Quando baixou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registaram? Quando tornaram a subir? Quando se firmaram? Quando tornaram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se distribuiram! Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem em um dia, nem ainda em muitos. Se fôra no nosso tempo e na nossa terra, assim havia de ser. Mas, tudo se fez e tudo se pôde fazer. Porquê? Porque não houve tinta nem papel n'este conselho.

Duas peças escusadas em um conselho como se escusavam antigamente.

VI. Esta é a quarta e ultima propriedade boa que n'elle considero: ser um conselho em que não appareceu papel nem tinta. Dias ha que tenho para mim, que a tinta e o papel são duas peças ou escusadas ou quasi escusadas em um conselho. E porque isto parece querer condemnar o mundo, não hei de argumentar ao mundo senão comsigo mesmo. Qual é mais antigo no mundo o conselho ou o papel? Pois assim como n'aquelle tempo se faziam as consultas sem papel; porque se não poderão fazer agora? Dir-me-heis que estava ainda o mundo pouco polido e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira nação ou a primeira lingua que soube ler e escrever foi a dos hebreus. Primeiro se governaram por familias, depois em republica, depois em monarchia, ultimamente em reinos; e em todos estes estados não achareis tinta nem papel em seus conselhos. Chamava o principe deante de si os de seu conselho:

propunha a materia: ouvia os pareceres: resolvia o que se havia de fazer: nomeava a pessoa que o havia de executar: e acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado.

Quando juncto das pessoas reaes só havia um historiador e um secretario. Remedio e damno de votos escriptos.

É verdade que juncto ás pessoas reaes havia n'aquelle tempo dous officiaes de penna: um historiador e um secretario. Tira-se do segundo livro dos reis capitulo oitavo; onde se referem os officiaes de que se compunha a casa real e se nomeia entre elles Josaphath *a commentariis* e Saraias *scriba*. Mas porque eram o historiador e o secretario os dous officios de penna? Discretissimamente o ordenaram assim; porque o escrever foi inventado para remedio da ausencia e da memoria. O secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o historiador escrevia as memorias para os futuros. Por isso geralmente nas historias sagradas só achamos livros e epistolas: os livros para os vindouros, as epistolas para os ausentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zacharias pae do Baptista, que sendo consultado sobre o nome do filho e não tendo lingua para o declarar pediu a penna. Se os conselheiros fossem mudos e os reis surdos, então era necessario o papel: mas se os conselheiros fallam e os reis ouvem, para que são tantos papeis? Não é melhor ouvir um conselheiro que falla e responde, que ler um papel mudo que não sabe responder? E quantos conselheiros houveram de dizer de palavra o que se não atrevem a dizer e firmar por escripto? Entre a bocca do seu consultado e o ouvido do rei passa a verdade com segurança; e nem todos teem a liberdade e constancia para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel.

Tinta e papel fazem o tempo curto e os requerimentos longos

Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunaes foi traça de fazer o tempo curto e os requerimentos longos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida que os negocios. O maior exemplo que ha d'esta experiencia em todas as historias é a da execução d'este mesmo conselho em que estamos: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere*. A execução d'este conselho foi a morte de Christo; e é cousa que parece excede toda a fé (se o não disseram os evangelistas) considerar o muito que se fez e o pouco tempo que se gastou n'esta execução.

Quanto fizeram em doze horas os inimigos de Christo.

Foi Christo preso «e começado a julgar» ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez ou que se não fez n'estas doze horas? Foi levado o Senhor a quatro tribunaes mui distantes e a um d'elles duas vezes: ajunctaram-se e fizeram-se dous conselhos: presentaram-se em duas partes as accusações: tiraram-

se tres inquirições de testimunhas: expediu-se a causa incidente e perdão de Barabbás: deram-se dous libellos contra Christo: fizeram-se arrazoados por parte do réu e por parte dos auctores: allegaram-se leis: deram-se vistas: houve replicas e treplicas: representaram-se «dous espectaculos», um de Christo propheta com os olhos tapados, outro de Christo rei com sceptro «de canna» e corôa «de espinhos»: Foi tres vezes despido e tres vestidos: cinco vezes perguntado e examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido e affrontado tantas vezes com as mãos, tantas com a canna, cinco mil e tantas com açoites. Preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, columna, azorragues, varas, cadeias: uma roupa branca, outra de purpura: cannas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, myrrha, esponja, titulo com lettras hebraicas, gregas e latinas, não escriptas senão entalhadas, como se mostram hoje em Roma: ladrões que acompanhassem ao Senhor: cruzes para os mesmos ladrões: Cyreneu que o ajudasse a levar a sua. Prégou Christo tres vezes, uma a Caiphás, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalem. Finalmente, caindo e levantando, foi levado ao Calvario e crucificado n'elle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda d'estas doze horas sobejassem tres para descanço dos ministros, que foram as ultimas da madrugada? Grave caso! E como foi possivel que todas estas cousas, tantas, tão diversas e de tantas dependencias, se obrassem e se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo ametade d'ellas de noite? Tudo foi possivel e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções e execuções não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as cerimonias que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido. Só quatro palavras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da cruz; e logo houve sobre ellas embargos e requerimentos e teimas e descontentamentos; e se Pilatos não dissera resolutamente, que se não havia de escrever mais, o caso era de appellação para Cesar que estava em Roma d'alli a quinhentas leguas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

Castigo ou antes roubo do papel. Prova-se com a parabola do mordomo

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução; porque ao menos não pagou custas. É possivel que não ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim uma só historia de papel, ou de papeis, que se acha no Evangelho. Conta S. Lucas que

certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o creado que lhe tiravam o officio, toma muito depressa os papeis, vai-se ter com os que deviam ao amo; e que fez com elles? Ao que devia cem cantharos de azeite fazia-lhe escrever oitenta: ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta. Pois esta é a fé dos papeis tão acreditada? Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantharos fazer oitenta cantharos: para de cem fangas fazer cincoenta fangas. Vêde se merecia o creado as marcas do papel? Mas se não houvera papeis, não tiveram taes occasiões os creados.

Terrivel flagello que é o papel.

Terrivel flagello do mundo foi sempre o papel: mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel foi tomada das cascas das arvores que em latim se chamam *papyrus;* porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio. Depois deram em curtir as pelles; e se facilitou mais a escriptura com o uso de pergaminhos. Ultimamente se inventou a praga do papel de que hoje usamos. De maneira que «se o facto não fosse mais para chorar que para gracejar, dir-se-ia que» foi o papel desde seus principios materia de escrever e invenção de esfollar. Com o primeiro papel esfollavam-se as arvores: com o segundo esfollavam-se os animaes: com o de hoje esfollam-se os homens. Oh quanto papel se podera encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis. Estes soccorros que damos a Veneza, não seria melhor dal-os antes em dinheiro contra o turco em Candia, que dal-os por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubiça, é para mim o do papel sellado. Mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel. E por isso voaram tanto as resoluções d'este conselho.

Porém os conselhos dos inimigos de Christo foi em politica a ruina dos mesmos conselheiros.

VII. «Mas finalmente» sendo este conselho tão politico e sendo tão politicos os seus conselheiros, que se seguiu de todas estas politicas? O que se seguiu foi a destruição de Jerusalem, a destruição de toda a republica dos hebreus, a destruição dos mesmos pontifices e phariseus que fizeram o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de christão; antes todo elle foi contra Christo: *Collége-*

runt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesum. Estas palavras *adversus Jesum* não são do texto, senão da glossa da Egreja. Notae, diz a Egreja, que este conselho foi contra Christo, e de um conselho contra Christo que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos conselheiros e de toda a republica que por taes meios pretenderam defender e sustentar? E assim foi.

Para conservarem a republica mataram a Christo; e e porque mataram a Christo perderam a republica. Sancto Agostinho.

O fundamento politico de toda a resolução que tomaram de matar a Christo foi este: *Si dimittimus eum sic, venient romani et tollent locum nostrum et gentem:* Se deixamos este Homem assim, todos o hão de acclamar rei; e se se souber em Roma que nós temos rei contra a soberania e majestade do imperio romano, hão de vir contra nós os romanos, e hão de tirar-nos dos nossos logares, e hão de destruir a nossa gente e a nossa republica. Pois morra este Homem, para que nos não percamos todos. Mas vêde como lhes saiu errada esta sua politica. Matemos este Homem, porque nos não percamos todos; e perderam-se todos, porque mataram aquelle Homem. Matemos este Homem, porque não venham os romanos, e tomem Jerusalem; e porque mataram aquelle Homem, vieram os romanos, e tomaram Jerusalem, e não deixaram n'ella pedra sobre pedra. Que é de Jerusalem? Que é da republica hebrea? Quem a destruiu? Quem a dissipou? Quem a acabou? Os romanos. Eis aqui em que veem a parar os conselhos e as politicas quando as suas razões de estado são contra Christo. Sancto Agostinho: *In contrarium eis vertit malum consilium: ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, perdiderunt.* Vêde (diz Agostinho) o máu conselho como se converteu contra os mesmos que o tinham tomado. Para conservarem a republica mataram a Christo; e porque mataram a Christo, perderam a republica. Oh quantas vezes se perdem as republicas, porque se tomam por meios de sua conservação as offensas de Christo! Quem aconselha contra Deus, aconselha contra si. E os meios que os homens tomam para se conservar, se são contra Deus, esses mesmos toma Deus contra elles para os destruir.

Os romanos escolhidos para a destruição de Jerusalem.

Muitas vezes castigou Deus a republica hebrea em todos os estados e em todas as edades por differentes nações. Deixo os captiveiros particulares no tempo dos juizes pelos madianitas, e no tempo dos reis pelos philisteus: vamos aos captiveiros geraes. O primeiro captiveiro geral em tempo de Moysés foi pelos egypcios: o segundo captiveiro geral em tempo de Oséas foi pelos assyrios: o terceiro captiveiro geral em tempo de Jeconias foi pelos babylonios: o ultimo captiveiro geral depois de Christo que é o presente foi pelos romanos. E porque ordenou

Deus que os executores d'este ultimo captiveiro fossem os romanos e não outra nação? Não estavam ainda ahi os mesmos egypcios, os ethiopes, os arabes, os persas, os gregos e os macedonios, que eram as nações confinantes? Pois porque não ordenou Deus que os executores d'este captiveiro fossem estas, ou outra nação, senão os romanos? Para que visse o mundo todo que a causa d'este castigo foram as politicas d'este conselho. Ora vêde.

Observações dos Sanctos Gregorio, Basilio e Ambrosio.

Tres resoluções tomaram estes conselheiros para conservação da sua republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia e na amizade dos romanos. A primeira notou S. Gregorio: a segunda S. Basilio: a terceira Sancto Ambrosio. Deixo as palavras por não fazer o discurso mais largo. A primeira resolução foi que, se Christo continuasse com aquelle séquito e applauso e com as acclamações de rei que lhe dava o povo, viriam os romanos sobre Jerusalem: *Si dimittimus eum sic, venient romani*. A segunda resolução foi entregarem Christo aos soldados romanos, porque elles foram os que o prenderam no Horto e o crucificaram: *Judas vero cum accepisset cohortem*, que era uma das cohortes romanas. A terceira resolução foi persuadirem a Pilatos governador da Judéa, posto pelos romanos, que se livrava a Christo, perdia a amizade de Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris*. Ah sim! E vós temeis mais a potencia dos romanos que a justiça de Deus? Pois castigar-vos-ha a justiça de Deus com a mesma potencia dos romanos. E vós entregais a Christo aos soldados romanos, para que o prendam e crucifiquem? Pois Deus vos entregará aos soldados romanos, para que vos captivem, vos matem e vos assolem. E vós antepondes a amizade do imperador dos romanos á graça de Deus? Pois Deus fará que os imperadores romanos sejam os vossos mais crueis inimigos; e que venha Tito e Vespasiano a conquistar-vos e destruir-vos. De maneira que todas as politicas dos pontifices e phariseus se converteram contra elles; e das resoluções do seu mesmo conselho se formaram os instrumentos da sua ruina. D'isto lhes serviu o temor, o respeito, a dependencia e a amizade dos romanos. E este foi o desastrado fim d'aquelle conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meios.

A verdadeira arte de reinar é guardar a lei de Deus.

VIII. Senhor. A verdadeira politica é o temor de Deus, o respeito de Deus, a dependencia de Deus e a amizade de Deus; e a verdadeira arte de reinar é guardar sua lei. Os politicos antigos estudavam pelos preceitos de Aristoteles e Xenophonte: os politicos modernos estudam pelas malicias de Tacito e de outros, indignos de se pronunciarem seus nomes n'este logar.

Ouvi umas palavras de Deus no capitulo dezesepte do Deuteronomio, que todos os principes deviam trazer gravadas no coração: Tanto que o rei (diz Deus) se assentar no throno do seu reino, a primeira cousa que fará, será escrever por sua propria mão esta minha lei, e a lerá todos os dias de sua vida, para que apprenda a temer a Deus; e não se apartará d'ella um poncto nem para a mão direita, nem para a esquerda, e d'este modo conservará o seu reino para si e para seus descendentes.

As quatro partes da politica de um rei christão.

Esta é, «Senhor,» a arte de reinar, estes são os documentos politicos e estas as razões de estado que Deus dava ao rei do seu povo para a conservação e para a perpetuidade e estabelecimento do imperio: estas são e nenhumas outras. Saber a lei de Deus, temer a Deus, guardar a lei de Deus e não se apartar um poncto d'ella. Se Aristoteles sabe mais que Deus, sigam-se as politicas de Aristoteles. Se Xenophonte sabe mais que Deus, imitem-se as idéas de Xenophonte. Se Tacito falla mais certo que Deus, estudem-se as agudezas e as sentenças de Tacito. Mas se Deus sabe mais que elles, e é a verdadeira e unica sabedoria, estudem-se, apprendam-se e sigam-se as razões de estado de Deus. Não digo que se não leiam os livros; mas toda a politica sem a lei de Deus é ignorancia, é engano, é desacerto, é erro, é desgoverno, é ruina. Pelo contrario a lei de Deus, só, sem nenhuma outra politica, é politica, é sciencia, é acerto, é governo, é conservação, é seguridade. Toda a politica de um rei christão se reduz a quatro partes e a quatro respeitos: do rei para com Deus; do rei para comsigo; do rei para com os vassallos; do rei para com os extranhos. Tudo isto achará o rei na lei de Deus. De si para com Deus a religião; de si para comsigo a temperança; de si para com os vassallos a justiça; de si para com os extranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus e por leme a sua lei. *Conciliorum gubernaculum lex divina* disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da republica, e a lei de Deus ha de ser o governo dos conselhos. Conselho e republica que se não governa pela lei de Deus é nau sem leme. Por isso o reino de Jeroboão, de Baasa, de Jehú e de tantos outros fizeram tão miseraveis naufragios.

A politica de David. Ps. 118.

O mais politico e o mais prudente rei que temos nas historias sagradas foi David. E qual era o seu conselho? Elle o disse: *Consilium meum justificationes tuae.* O meu conselho, Senhor, são os vossos mandamentos. Oh que auctorizado conselho! Oh que prudentes conselheiros! O conselho a lei de Deus; os conselheiros os dez mandamentos. De Achitophel, aquelle famosissimo conselheiro, diz o Texto que eram os seus conselhos

como oraculos e resposta de Deus: *Tanquam si quis consuleret Dominum*. Os mandamentos de Deus, que eram os conselheiros de David, não são como oraculos, senão verdadeiramente oraculos de Deus. E quem se governar pelos oraculos de Deus como pode errar?

A que Christo ensinou a el-rei D. Affonso Henriques.

Quando Christo appareceu a el-rei D. Affonso Henriques e lhe certificou que queria fundar e estabelecer n'elle e na sua descendencia um novo imperio, assim como disse a Moysés: Eu sou o que sou; assim o disse áquelle primeiro rei: Eu sou o que edifico os reinos e os dissipo. N'estas duas maximas resumiu Christo todas as razões de estado por onde queria que se governasse um rei de Portugal. Deus é o que dá os reinos e Deus é o que os tira. O fim de toda a politica é a conservação e augmento dos reinos. E como se hão de conservar os reinos, se tiverem contra si a Deus que os tira? Como se hão de augmentar os reinos, se não tiverem por si a Deus que os dá? Se não tivermos contra nós a Deus, segura está a conservação: se tivermos por nós a Deus, seguro está o augmento. *Pone me juxta te; et cujusvis manus pugnet contra me:* dizia Job, que tambem era rei. Ponha-me Deus juncto a si, e venha todo o mundo contra mim. Se tivermos da nossa parte a Deus, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá offender. Mas se tivermos a Deus contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga com Deus offensiva e defensiva, e estamos seguros. Eis-aqui o erro fatal d'este «tão desacertado» conselho dos pontifices e phariseus: por se ligarem com os romanos, apartaram-se de Deus; e porque não repararam em perder a Deus por conservar a republica, perderam a republica e mais a Deus. Este homem, diziam, faz muitos signaes. Chamavam signaes aos milagres de Christo; e ainda que acertaram o numero aos milagres, erraram a conta aos signaes. Os milagres eram muitos; mas os signaes «em que deviam attentar» não eram mais que dous: se seguissem a Christo, signal de sua conservação; se o não seguissem, signal de sua ruina. E assim foi.

Job 17.

Em conclusão, seja a lei de Deus o fundamento de todos os conselhos.

Principes, reis, monarchas do mundo, se vos quereis conservar e a vossos estados, se não quereis perder vossos reinos e monarchias, seja o vosso conselho supremo a lei de Deus. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho e estejam sujeitos e subordinados a elle. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos e vossos conselheiros, ou como necessario á conservação, ou como util ao augmento, ou como honroso ao decoro, á grandeza e á majestade de vossas corôas, seja de-

baixo d'esta condição infallivel: se fôr conforme á lei de Deus, approve-se, confirme-se, decrete-se e execute-se logo. Mas se contiver cousa alguma contra Deus e sua lei, reprove-se, deteste-se, abomine-se; e de nenhum modo se admitta, nem con sinta, ainda que d'elle dependesse a vida, a corôa, a monarchia. O rei em cuja consciencia e em cuja estimação não pesa mais um peccado venial que todo o mundo, não é rei christão. *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* Que lhe aproveitará a qualquer homem, e que lhe aproveitou a Alexandre, ser senhor do mundo, se perdeu a sua alma? Perca-se o mundo, e não se arrisque a alma: perca-se a corôa e o sceptro, e não se manche a consciencia: perca-se o reino da terra, e não se ponha em contingencia o reino do céu. Mas o rei que, por não pôr em contingencia o reino do céu, não reparar nas contingencias do reino da terra; é certo, é infallivel que por esta resolução, por este valor, por esta verdade, por este zelo, por esta razão e por esta christandade, segurará o reino da terra e mais o do céu: porque Deus, que é o supremo senhor do céu e da terra, n'esta vida o estabelecerá no reino da terra pela firmeza da graça; e na outra vida o perpetuará no reino do céu pela eternidade da gloria.

(Ed. ant. t. 2.°, pag. 215, ed. mod. tom. 5.°, pag. 5).

SERMÃO DO SABBADO ANTES DA DOMINGA DE RAMOS *

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO NA BAHIA NO ANNO DE 1634

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **Para avaliar este bello e ingenhoso discurso com que o auctor, na edade de 26 annos, estreou a sua eloquencia, releva advertir que a homilia oratoria, não sendo uma lição de hermeneutica mas um sermão, ainda que em geral deve dar o sentido mais certo, e d'elle tirar reflexões practicas ou doutrinaes; comtudo pode seguir alguma vez outros sentidos menos provaveis, que sejam mais accomodados ao proprio assumpto. Ninguem por certo póde reprovar este uso, que é tão frequente nas homilias dos Padres e Doutores da Egreja, e em nada contrario aos principios da arte oratoria; a qual não pede sempre o certo, mas muitas vezes se contenta com o provavel.**

Cogitaverunt principes sacerdotum, ut et Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex judaeis et credebant in Jesum. In crastinum autem turba multa, quae venerat ad diem festum, cum audisset quia venit Jesus Jerosolymam, acceperunt ramos palmarum et processerunt obviam ei.

S. JOAN. 17.

A consulta dos principes dos sacerdotes. O que devia ser e o que foi.

O thema é grande, mas o sermão será pequeno. São as palavras do evangelista S. João aos doze capitulos de sua historia sagrada. Querem dizer: Fizeram consulta os principes dos sacerdotes. Quando logo encontrei com este principio, fiz esta consideração: Consulta! os principes dos sacerdotes! sem duvida que sairão d'ella grandes bens á republica; é gente ecclesiastica, e pelo conseguinte, douta e sancta; que se póde esperar de uma consulta sua, senão cousas de grande gloria de Deus e grandes bens dos homens? Assim o imaginava eu; mas enganei-me. Contra Deus e contra os homens, sim. O que saiu da

consulta foi que em todo o caso morresse Christo, como no dia d'antes se tinha decretado: isto quer dizer aquelle *Ut et Lazarum*, como interpretam os doutores; e não só que dessem a morte a Christo, senão que tambem tirassem a vida a Lazaro a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado. Ha juizos mais apaixonados? Ha sentença mais enorme? Ora ouçamos as causas que allegam; e admirar-nos-hemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá saude a infermos e vida a mortos, porque é amado, porque é estimado, porque é seguido; e morra Lazaro, porque sendo resuscitado por virtude de Christo é causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem: *Quia multi propter illum abibant ex judaeis et credebant in Jesum*. Honrado crime!

Uma causa crime sentenciada, appellada, revogada.

Tudo isto passou como hoje. *In crastinum autem:* porém ao outro dia, diz o evangelista que entrou o Principe da gloria a cavallo por Jerusalem triumphando (dentro porém dos limites de sua modestia e humildade), servindo-lhe de pomposo acompanhamento a multidão infinita do povo, que com palmas e acclamações devoto o seguia: *Turba multa, quae venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum et processerunt obviam ei.* Até aqui a lettra do nosso thema. O que temos que ver é uma causa crime sentenciada, appellada, revogada. Do primeiro tribunal sairam culpados os innocentes: do segundo sairam condemnados os juizes. Pouco d'isto parece que está no thema; mas tudo tiraremos d'elle. Não o mostro logo por não gastar dous tempos. Peçamos a graça.

Os principes dos sacerdotes condemnam a Christo por inveja.

II. Dizia Platão que os que julgam ou governam era bem que dormissem sobre as resoluções que tomassem. Parecia-lhe ao grande philosopho que o juizo consultado com os travesseiros era força que saisse mais repousado. Assim aconteceu aos nossos juizes do evangelho, os principes dos sacerdotes; dormiram sobre a resolução que hontem tomaram, de tirar a vida a Christo: porém hoje accordaram em conselho com «um juizo tão desarrazoado» como foi confirmarem uma sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega, que nunca se deu, nem ha de dar no mundo. Perguntara eu a suas senhorias dos principes dos sacerdotes: E bem, senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa é ou contra que lei? No Exodo, no Levitico, no Deuteronomio, que são os canones por onde vos governais, não ha texto que tal prohiba. Pois ignorancia? Seria affronta de um tribunal tão auctorizado, querer presumil-a n'elle. Deu a razão de tudo Euthymio em duas palavras: *Itaque tota res est invidia*. O caso é que tudo n'esta causa é inveja. Pois já me não espanto que achassem os principes dos

sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocencia culpas, no mesmo Christo peccados; porque nos tribunaes, ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as boas obras, ou boas qualidades, são crimes.

No tribunal da inveja as virtudes são culpas. Doég louva aleivosamente a David deante de Saul.

1. *Reg.* 16.

Estava Saul um dia muito melancholizado e triste; desejou que lhe buscassem algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Accudiu logo um dos cortezãos que o assistiam, dizendo que não podia sua majestade achar outro como David, porque além de grande musico, era mancebo muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortezão, avisado, gentilhomem, e sobretudo, muito virtuoso e temente a Deus: *Vidi filium Isai scientem psallere, et fortissimum robore et virum bellicosum et prudentem in verbis et virum pulchrum; et Dominus est cum eo.* Ha mais panegyrico que este? Parece-me que estão dizendo todos os que o ouviram, que é grande cousa ter um amigo em palacio; e que este o devia ser mui verdadeiro de David; pois sabia fazer tão bons officios para com elle deante d'el-rei. Tal é o mundo: que muitas vezes parecem finezas de amisade o que são odios refinadissimos. Dizem os doutores hebreus, como refere Nicolau de Lyra, que este cortezão que aqui fallou, era Doég, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, e gasta tanta rhetorica em seus louvores? Capital inimigo de David; e de um fundamento tão leve, como ser musico, toma occasião para fazer um aranzel tão largo de suas grandezas? Descobriu-lhe a tenção delicadamente um expositor grave, portuguez e de nossa Companhia: *Scieoat Saulem esse invidum et alienis laudibus incredibiliter cruciari. Laudat igitur Davidem apud Saulem, ut Saul invidiae stimulis agitatus interficiat Davidem.* Sabia Doég que era Saul grande emulo de David, que o invejava muito, e como no juizo dos invejosos os merecimentos são culpas e as excellentes qualidades delictos, louvou e engrandeceu a David deante de Saul, para que Saul, como fez, désse sentença de morte contra David. Disse que era prudente, guerreiro, esforçado, gentilhomem, virtuoso e dotado de tantas outras boas partes; e quem bem intendesse toda esta ladainha de encomios e louvores, bem podia dizer por David: *Orate pro eo.* Eram capitulos que contra elle se presentavam ao rei, não menos que de lesa majestade. Pareciam louvores e eram accusações: pareciam abonos e eram calumnias. Calumniado o innocente na sua virtude e accusado o benemerito nas suas boas obras, sem que á innocencia se lhe désse defesa, nem ao merecimento lhe valessem embargos; porque era o juiz a inveja. Que bem o intendeu assim o

mesmo David! Dê-nos a confirmação quem nos deu a prova.

O mesmo David foge da côrte de Achis quando ouve que são alli sabidas as suas façanhas.

1. Reg. 21.

Passou-se o perseguido mancebo para a côrte de Achis, rei e reino contrario ao de Saul, e que por isso parecia seguro. Ia só, desconhecido e disfarçado; mas como levava por companheira a sua fama e esta nunca sabe guardar silencio, começou a correr logo pela côrte que era chegado o valente de Israel, o matador de Golias; aquelle a quem as damas de Jerusalem compuzeram a lettra que então andava muito valída: *Percussit Saul mille; David decem millia.* Cousa maravilhosa a que se segue. Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a Escriptura que começou a receiar muito apparecer deante de Achis: *Posuit David sermones istos in corde suo; et extimuit valde a facie regis Achis*; e a ultima resolução que tomou foi fugir d'alli e ir-se metter em uma cova: *Fugit autem inde in speluncam Odollam.* Pois, David, que resolução é esta vossa? Que quer dizer irdes-vos fazer ermitão de um deserto, quando vos vêdes tão acreditado em uma côrte? Quando vos vêdes com tanta fama deante do rei, para que fugis de sua presença? Intendia-o como prudente, obrava como experimentado. São os louvores no tribunal da inveja accusações; e porque David se viu tão louvado, homiziou-se. O vêr-se louvado era vêr-se accusado: o vêr suas grandezas referidas, era vêr as suas culpas provadas; teve logo muita razão de se homiziar e fugir tanto de si, como de seus emulos. Os satrapas e primeiros ministros de Achis eram mui picados de inveja contra os hebreus; e como havia de escapar d'elles e viver na mesma côrte David, criminoso das suas victorias e réu da sua fama? Se dissera de David que era um falsario, um perjuro, um adultero, um homicida, um roubador do alheio e outras baixezas, se as ha ainda maiores, passeára David na côrte e entrara muito confiado no palacio do rei; porque alli teem estes serviços premio, ou quando menos, passam sem castigo. Porém dizendo-se d'elle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas excellencias, andou como prudente em se homiziar, em fugir; porque todas essas excellencias e grandezas eram crimes contra a pessoa e privados de Achis, e delictos sem perdão contra as leis da inveja.

Os mandamentos da lei da inveja.

Considero eu que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei de Deus. Os mandamentos da lei de Deus dizem: Não matarás, não furtarás, não alevantarás falso testemunho. Os mandamentos da lei da inveja dizem: Não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto, e tambem dizem, não serás bom prégador; e se acaso Deus vos fez mercê que soubesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada,

que fosseis discreto ou rico ou honrado; no mesmo poncto tivestes culpas no tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David; por estas foi hoje condemnado seu Filho Christo, que assim lhe chamaram as turbas no evangelho: *Hosanna Filio David*. Era grande prégador, fazia muitos milagres, dava saude a infermos, resuscitava mortos; e como estas excellencias, ou estas culpas, estavam provadas com os applausos, com as acclamações, com o amor e seguimento dos povos, *Multi abibant ex judaeis, et credebant in Jesum;* confirmou-se o primeiro decreto, e saiu a segunda sentença, que morra Christo: *Ut et Lazarum, id est Christum et Lazarum, interficerent*.

É condemnado Lazaro porque resuscitado por Christo. Questão dos Apostolos ácerca do moço cego.

III. Bem está, ou mal está: porém a Lazaro porque o condemnam? Não lhe neguemos sua defensa natural. Se o condemnam, como dizem, porque o resuscitou Christo, que culpa é ser um homem resuscitado? Tão longe esteve de culpa n'este caso, que nem a teve em acto, nem em potencia: nem a teve, nem a pôde ter. Curou Christo um moço cégo de seu nascimento; e perguntaram os discipulos cuidando que excitavam uma questão de grande habilidade: *Domine, quis peccavit; hic aut parentes ejus, ut caecus nasceretur?* Senhor, por cujos peccados nasceu este moço cégo; pelos seus, ou pelos de seus paes? Riem-se muito d'esta pergunta os expositores e em particular Theophylacto: porque se o moço nascera cégo por seus peccados, seguir-se-hia que peccára antes de nascer. E que maior disparate póde dizer-se ou imaginar, que ter um homem peccados antes de ter ser, ser peccador antes de ser homem? Não menos innocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou; e por beneficio do não ser estava impeccavel: assim que podemos dizer d'elle n'este caso: *Nihil iste nec ausus nec potuit:* nem teve culpa, nem a pôde ter: innocente em acto e em potencia. Mas com ser assim, são tão lynces os olhos da inveja, que n'estes impossiveis do peccado descobriram e acharam culpas dignas de morte: *Ut et Lazarum interficerent*. E porque? Eis aqui a culpa: *Quia multi propter illum credebant in Jesum:* porque muitos por causa ou por occasião d'elle criam em Jesus.

Joan. 9.

Virg. lib. 9.

Porque foi José perseguido por seus irmãos?

Fizeram conselho sobre José seus irmãos: saiu d'elle que morresse; e quasi com as mesmas palavras que temos no evangelho o refere a Escriptura: *Cogitaverunt eum occidere*. Sabida a causa; era porque o amára Jacob particularmente, e além da samarra ou pellote do campo com que ia guardar as ovelhas como os demais, fizera-lhe o pae uma tunica ou pellote não sei de que estofazinha melhor: *Tunicam polymitam* com que ap-

Gen. 37.

parecia os dias de festa na aldeia menos pastor que os outros. Ah quantos Josés d'estes ha hoje no mundo! Invejados, murmurados, perseguidos, porquê? Porque lhes deu a fortuna com que trazer uma capa melhor que a vossa. Assim estava condemnado o innocente moço, quando trouxe sua ventura por alli um mercador ismaelita que prometteu por elle vinte reales; e os cubiçosos irmãos, que eram dez, por quatro vintens que cabia a cada um, venderam a seu irmão e as suas consciencias.

E porque desafogam a sua raiva na tunica? Observação de Ruperto.

Tinham-lhe já despido a tunica, causa das invejas; e não tinha bem virado as costas José, quando os vendedores arremettem a ella e a começam a fazer ou desfazer em pedaços. Parae ahi, ingratos irmãos, parae e respondei-me; que quero arguir-vos: Não está já vendido José? Vossa cholera não está já vingada? Vossa fereza não está já satisfeita? Essa tunica que culpa tem, ou que culpa póde ter? Porque a fazeis em pedaços? Bem sei que não haveis de ter bocca para me responder; mas responderá por vós Ruperto Abbade: *Fraternae gloriae monumentum impeccabile laceratur: adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia*. Notae muito aquelle *Impeccabile*. Nenhuma culpa tinha a tunica de José; que mal a podia ter a sêda ou lã insensivel, sem vida, sem alma, sem vontade. Comtudo n'esta incapacidade natural e n'este impossivel de culpa, acharam uma os invejosos irmãos, e foi ser instrumento da gloria de José: *Fraternae gloriae monumentum*. Era prenda da particular affeição de Jacob, era gala com que José se auctorizava, com que luzia mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos extranhos; e isto lhe bastou por culpa para sem culpa a despedaçarem: *Monumentum impeccabile laceratur*. Não sei se podera achar em toda a Escriptura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhuma culpa tinha commettido Lazaro, antes nem a podia ter quando o resuscitou Christo, como vimos; e n'esta grande innocencia, antes n'esta impeccabilidade soube a inveja descobrir culpas e culpas dignas de morte; que foram ser instrumento das glorias de Christo: *Quia multi propter illum credebant in Jesum*. Fôra famosa e mais que todas a resurreição de Lazaro, admirando-se e pasmando a gente de ver passar pelas ruas de Jerusalem o que tinham visto de quatro dias morto na sepultura; e como toda esta admiração redundava em fama e gloria do Resuscitador, por ser instrumento da gloria d'esta fama condemnam a Lazaro a perder a vida: *Ut et Lazarum interficerent*. Bem assim como a inveja dos irmãos de José, não contente com se vingar n'elle, passou a executar a vingança na tunica innocente: *Adeo nec morte nec venditione satiatur invidia*.

A sentença d[...] da contra Christo e Laz[...] ro appellada ao tribunal [...] Deus e com[...] despachada.

IV. Pronunciada contra Christo e contra Lazaro esta tão injusta sentença; como a innocencia, quando mais cala, então allega melhor por si deante de Deus, serviu este silencio de appellação ante o seu tribunal. Não tardou muito o despacho (que no juizo do céu não ha dilações); e o que saiu n'elle foram dous decretos contra os dous dos pontifices n'esta maneira: o primeiro que a sentença dada contra Lazaro se não executasse, que ficasse só em intentos *Cogitaverunt:* o segundo que Christo entrasse ao outro dia por Jerusalem triumphando, recebido com palmas e acclamado do povo: *Acceperunt ramos palmarum et processerunt obviam ei.* Assim o diz o thema. Mas vejo que me argúem: Não tinha eu promettido ao principio que na revogação das sentenças ficariam os juizes condemnados? Onde estão as condemnações? Onde estão as penas? Esta é a graça: serem-no e não o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena: entrar Christo em Jerusalem triumphando foi a segunda. Vejamos a primeira: logo passaremos á outra.

A vida do L[...] zaro pena do[...] juizes que vêe[...] frustrados o[...] seus conselho[...] Achitophel que se enforc[...] por suas mão[...]

2. *Reg.* 17.

Deu Achitophel um conselho a Absalão, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pae David, contra quem o ingrato filho se levantara. Não o acceitou Absalão por permissão do céu, e tomou outro bem differente, que lhe deu Cusai. Tanto que Achitophel viu isto (ouvi um caso raro e espantoso) põi-se a cavallo, parte-se para sua casa, faz seu testamento, deita um laço a uma trave e enforca-se: *Abiit in domum suam et, disposita domo sua, suspendio interiit.* Agora entra a minha questão. Se estava em seu juizo Achitophel; como fez uma acção tão desasizada, como é enforcar-se um homem com suas proprias mãos? Disse-o a sagrada Escriptura; e é prova maravilhosa do nosso intento: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit in domum suam et suspendio interiit.* A unica e total razão, porque se enforcou Achitophel, diz o texto foi: *Videns quod non fuisset factum consilium suum:* porque viu que não fôra executado seu conselho. Quem dera credito a tal cousa, por mais doutores que o disseram, se o mesmo Espirito Sancto o não affirmara? Tão cruel executor é «sob o influxo de uma paixão violenta» um conselho não executado; taes dôres, taes penas, taes tormentos causa na alma de quem o considera; que estando um homem em seu inteiro juizo, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonizando em uma força, que viver padecendo os rigores de um tormento tão desesperado. Assim o experimentou Achitophel; e para que assim o experimentassem os invejosos pontifices, ordenou Deus que não chegasse a ter execução o conselho que entre si tomaram de tirar a vida a Lazaro, ficando n'elles esse mesmo conselho, não executado, por

executor «da pena que tinham merecido; de sorte que, se não tiveram a morte de Achitophel, não lhes faltou uma» d'aquellas que por mais penar não matam: uma morte interior que se sabe sentir, mas não se sabe explicar; tão rigorosa, tão cruel que se Deus mandara pendurar de um pau todos estes principes dos sacerdotes contra os foros de sua dignidade, mais benigna e piedosa fôra a sentença.

Job que reconhece por uma de suas maiores penas os intentos frustrados.

Job 17.

Estava Job coberto de lepra com as dôres e trabalhos que tantas vezes se teem repetido nos pulpitos e nunca assaz exaggerado: começa a queixar-se e dizer assim: *Dies mei transierunt, cogitationes meae dissipatae sunt torquentes cor meum.* Passaram-se meus dias e os contentamentos que n'elles tinha tambem se passaram: que para não durarem muito, bastava serem meus. Alguns intentos tive: abortou-m'os a fortuna, não chegaram a ter execução; e isto é a maior pena que padeço, porque quantos foram então esses intentos, tantos verdugos tenho agora que me atormentam a alma: *Cogitationes meae dissipatae sunt torquentes cor meum.* Não acabo de me admirar, que um homem que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos saisse com similhante queixa. E bem, exemplo da paciencia, tão mimoso andais vós da fortuna, que de cousas tão poucas vos queixais tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruina da casa e do estado, dôres, tristezas, desamparos, miserias, o corpo feito uma chaga viva? Que tem que ver com tudo isto os intentos não executados «ainda que fossem objectos do maior desejo», para só vos queixardes d'elles: *Cogitationes meae dissipatae sunt?* Fallou como grande mestre de paciencia. Tinha tomado Job os pulsos «quasi» a tudo o que é dôr, o que é pena, o que é tormento; e porque achou que «uma das dôres mais excessivas, uma das penas mais crueis e dos tormentos mais insoffriveis, é ver no maior desejo o seu pensamento frustrado e o intento sem execução; por isso tão vivamente» se queixa de se frustrarem seus pensamentos e de seus intentos se não executarem: *Cogitationes meae dissipatae sunt.* Como era tão difficultoso o credito d'este encarecimento, não o quiz fiar Job dos expositores: elle se fez commentador de si mesmo no verso seguinte: *Si sustinuero, infernus domus mea est.* Não cuide alguem, diz, que são hyperboles ou exaggerações phantasticas o que digo; porque de verdade é o tormento que padeço tão insoffrivel e tão desesperado, que se durar mais um pouco, bem me podem abrir a cova. O que os mortos sem padecer experimentam na sepultura, isto é o que executam em mim os meus pensamentos: porque não ha corrupção que tanto penetre e desfaça, não ha bichos que tanto comam e carcomam um ca-

daver, como os mesmos pensamentos me estão mordendo o coração e roendo a alma. «Consideremos agora que dor, que pena, que tormento havia de ser este para» os nossos juizes; e veremos se ficaram condemnados. Tiveram intentos de matar a Lazaro «pelo odio immenso que tinham a Christo»: *Cogitaverunt ut Lazarum interficerent.* Ficaram esses intentos no ar, não chegaram a ter execução; e assim não executados, foram os verdugos que lhes apertaram o garrote á alma, «obrigando-os a sentir e confessar» como Job: *Cogitationes meae dissipatae sunt torquentes cor meum.*

A entrada de Christo em Jerusalem maior supplicio dos juizes. Doeu-lhes mais que serem lançados do templo com azorragues. S. João Chrysostomo.

V. Condemnados temos os juizes pela primeira sentença injustamente dada contra Lazaro. A injustiça da segunda, dada contra Christo, era muito mais atroz; e para que o fosse tambem em a pena e o castigo mandou Deus, como diziamos, que entrasse o Senhor por Jerusalem triumphando: *Acceperunt ramos palmarum et processerunt obviam ei.* Funda-se o rigor d'esta pena em uma villania da condição natural dos invejosos, com que mais sentem os bens alheios e suas glorias que os males e tormentos proprios. Entrou Christo Senhor nosso um dia no templo de Jerusalem e vendo que estavam alli vendendo pombas, cabritos, cordeiros e ainda novilhos, indignado de tamanho desacato, toma as cordas com que vieram atados aquelles animaes, faz d'ellas uns como azorragues, começa a açoitar os que compravam e vendiam. Compras e vendas feitas na egreja castiga-as Deus por sua propria mão; e não commetteu a outrem a execução de similhantes delictos, sem reparar em sua auctoridade. Mas cuidava eu que se aggravariam muito estes homens de se verem tão aspera e tão baixamente tractados por Christo; e que quando não chegassem a lhe pôr as mãos, ao menos o blasphemassem. Fui porém vêr o texto e achei que nenhuma má palavra disseram contra o Senhor, não o reconhecendo por tal. Comparando, pois, este passo com outros de sua vida, mui differentes, faz esta ponderação S. João Chrysostomo. Se quando Christo sarou o mudo, o accusaram por endemoninhado; se quando Christo deu vista a um cégo, o queriam apedrejar; se quando resuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte; como agora que os açoita e os tracta como escravos, nem sequer uma só palavra dizem contra Christo? Como o não accusam? Como o não apedrejam? Como o não matam? Divinamente o sancto padre: Não vêdes, diz, a villania d'estes invejosos que mais se doiam dos bens alheios, que dos males proprios? Sarar Christo infermos, dar vida a mortos, eram bens alheios; por isso o sentiam tanto, que queriam apedrejar a Christo e tirar-lhe a vida: açoital-os Christo a elles e tractal-os como

escravos, eram males proprios; por isso o sentiam tão pouco, que nem uma só má palavra disseram contra o mesmo Christo. Mais. Os milagres que Christo obrava, eram fama e gloria para Christo; os açoites com que os castigava, eram pena e affronta para elles: mas como era gente invejosa, mais sentiam a fama e gloria de Christo, que as penas e affrontas suas. Excesso verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel! Parecerá encarecimento a confirmação que hei de dar a este passo: mas tem bom fiador.

Pensamento de S. Pedro Chrysologo a respeito da inveja do rico avarento condemnado ao inferno.

Ardia no inferno o rico avarento; e vendo d'alli o pobre Lazaro no seio de Abrahão, disse assim: Pae Abrahão, tende compaixão de mim: mandae a Lazaro que molhe a ponta do dedo na agua e me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferiu Abrahão o gosto; mas como da avareza é tão proprio o pedir como o não dar, tornou o avarento a fazer segunda petição: Rogo-vos muito, pae Abrahão, que ao menos mandeis a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhes diga o que por cá passo, para que não se condemnem. Ou eu me engano, ou estas petições dizem uma cousa e pretendem outra. Se as labaredas do inferno são tão grandes como sabemos, e o avarento o sabia por experiencia, como é possivel que tivesse para si que as podia refrigerar tão pouca agua, quanta pode levar a ponta de um dedo? Mais. Se no inferno não pode haver caridade nem amor, que se lá o houvera não fôra inferno; como é possivel que tivesse este condemnado tanto amor para com seus irmãos, que lhes queira mandar prégadores da outra vida para que se convertam? Quanto mais que, para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro; e para prégar a seus irmãos, muitos outros o podiam fazer melhor que elle. Qual é logo a razão, porque em uma e outra sempre insiste unicamente que vá Lazaro; em uma *Mitte Lazarum*, em outra *Rogo ut mittas eum?* O caso é que nenhuma d'estas cousas pretendia o avarento; e todo o seu intento e teima era tiral-o do seio de Abrahão, e fazer que ao menos por algum tempo não gozasse o descanço em que o via. É subtileza de S. Pedro Chrysologo; e a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives non est novelli doloris, sed livoris antiqui: zelo magis incenditur quam gehenna.* Sabeis, diz Chrysologo, porque busca o avarento tantas traças e invenções para que sáia Lazaro, sequer por um breve espaço, do seio de Abrahão? É porque se está comendo de inveja: porque vê agora em tanta felicidade o que n'outro tempo viu em tanta miseria: *Zelo magis incenditur quam gehenna.* Aqui vai o subtil pensamento. Pedia que saisse Lazaro do seu descanço e que trouxesse agua

para o refrigerar; e o refrigerio estava não na agua, que havia de trazer, senão no discanço de que havia de sair. Como era invejoso, mais o abrazavam as glorias alheias que via, que os infernos proprios em que penava: *Zelo magis incenditur quam gehenna.* Este foi o genero de castigo a que a divina justiça condemnou os injustos principes dos sacerdotes, mui conforme a quem elles eram. Eram invejosos, como vimos; e porque nenhuma pena os havia de atormentar tanto como as glorias de Christo, entra o Senhor deante de seus olhos em Jerusalem triumphando com uma universal acclamação de filho de David e rei de Israel, com um perpetuo victor nas boccas e nas mãos de todos: *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.* Que vos parece que foi para os invejosos pontifices entrar Christo por Jerusalem triumphante, que vos parece que foi, diz Agostinho, senão crucifical-os? *Quam crucem mentis invidentia judaeorum perpeti poterat, quando regem suum Christum tanta multitudo clamabat?* Aquellas acclamações do povo eram os pregões que iam deante publicando o delicto de sua injustiça: aquellas palmas que levavam nas mãos, eram as cruzes em que invisivelmente iam crucificados na alma, *Cruce mentis.* Elles no seu tribunal quizeram crucificar a Christo, porém o tribunal divino, em pena de sua injustiça, ordenou que «antes de tudo» fossem elles os crucificados, *cruce mentis,* nas palmas do triumpho de Christo: *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei.*

O evangelho applicado a Nossa Senhora do Desterro.

VI. Tenho concluido com o evangelho e satisfeito ao que prometti. Resta-me dar satisfação ao logar em que estou, que é o do Desterro, cuja devoção, n'este sabbado ferial convocou a elle tão grande auditorio. Considerei de vagar, que parte d'este discurso lhe accommodaria; e porque «em cada uma achava difficuldade», determinei fazer-me um acinte a mim mesmo e accommodar-lh'o todo. Tudo quanto atéqui tenho dicto, foi uma representação do que passou no desterro de Christo.

Herodes e o demonio são, a juizo de Chrysostomo, os principes de que falla David no ps. 2.

Para intelligencia d'esta consideração havemos de suppor o que diz S. João Chrysostomo «commentando o texto do Psalmista»: *Astiterunt reges terrae et principes convenerunt in unum adversus Dominum et adversus Christum ejus:* Ajunctaram-se os reis da terra e uniram-se em votos os principes contra Christo. E não é pequena a difficuldade d'esta prophecia. Se a intendemos da morte que Christo com effeito padeceu, não houve então mais que um rei, que foi Herodes. Se a intendemos da morte que lhe quizeram dar quando nascido, da mesma maneira não houve mais que um rei, que foi tambem Herodes (não já o mesmo, senão outro do mesmo nome; que um tyranno que perseguiu innocentes não havia de viver trinta e

tres annos). Diz agora S. João Chrysostomo: Por ventura Herodes é muitos reis: Herodes é muitos principes? Claro está que não. Pois se é um só rei e um só principe, como diz David que se ajunctaram e se uniram reis e principes contra Christo? A resposta do mesmo sancto padre é que: *In rege Herode peccati quoque regem attendit.* Olhava David com os olhos propheticos, que vêem o visivel e o invisivel; e por isso diz que se ajunctaram reis e principes contra Christo, porque os que o condemnaram á morte não foi só Herodes, senão Herodes e mais o demonio. Herodes rei da Judea, o demonio rei do peccado: Herodes principe da terra, o demonio principe do inferno. E se bem considerarmos o motivo que Herodes e o demonio tiveram para querer tirar a vida a Christo e aos innocentes na occasião do seu desterro, acharemos que é a mesma com que a inveja moveu os principes dos sacerdotes a querer matar não só ao Resuscitador, senão tambem ao resuscitado. Estes, porque viam a Christo reconhecido e acclamado por Messias e rei de Israel e que muitos criam n'elle: *Multi abibant ex judaeis et credebant in Jesum;* e Herodes e com elle o demonio, porque já o começavam a ver em seu nascimento buscado e venerado dos reis do Oriente, e dentro da côrte do mesmo Herodes acclamado por Messias e Rei dos judeus: *Ubi est qui natus est rex judaeorum.*

Matth. 2.

Tormento de Herodes por ver seus intentos frustrados. O mesmo doutor.

Vista a similhança da condemnação de Christo no tribunal dos homens, segue-se ver a condemnação dos juizes no tribunal de Deus com a mesma propriedade. A primeira pena a que Deus condemnou os principes dos sacerdotes, foi como vimos, que ficassem frustrados os seus intentos: e tal foi tambem a de Herodes. Disse Herodes aos magos: Ide, informae-vos d'onde está esse menino que dizeis; e como o achardes, avisae-me, para que eu tambem o vá adorar. Isto pronunciava Herodes com a bocca; e com o coração dizia: Ide, informae-me; que eu lhe tirarei a vida e mil vidas «se as tiver» (como tirou a tantos mil innocentes). Mas que fez Deus? Ou por um anjo ou por si mesmo avisou aos magos que voltassem por outro caminho. E quando o tyranno viu seus intentos frustrados, diga-nos o mesmo S. João Chrysostomo, qual ficou. São palavras que se as mandaramos fazer de encommenda, não vieram mais medidas com o intento: *Considera quaenam Herodem pati probabile fuerit; qui certe suffocari etiam prae indignationis magnitudine potuit, cum se ita illusum atque irrisum videret.* A pena que Herodes sentiu vendo suas traças desvanecidas e seus intentos frustrados, considere-o quem sabe que cousa é a inveja, que explicar-se com palavras não é possivel. Mil vezes quizera tomar o laço e enforcar-se

(digno castigo d'aquella cabeça tão indignamente coroada); e é maravilha, como a mesma dôr cholerica, que o fazia raivar, lhe não désse um nó na garganta e o affogasse. Lá disse a Escriptura de Achitophel: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit et suspendio interiit;* e da mesma maneira diz Chrysostomo de Herodes: *Videns quoniam illusus esset a magis, suffocari etiam prae indignationis magnitudine potuit.* E nós vejamos agora se é egual a condemnação de Herodes com a dos principes dos sacerdotes. Estes condemnados a ficarem os seus intentos só em intentos; e elle condemnado a ficarem frustrados os seus e zombarem d'elle os magos: «pode haver maior egualdade?»

Pena do demonio por ver entrar a Christo triumphante no Egypto.

Isai. 19.

A segunda pena coube ao segundo juiz, o demonio; e foi ver entrar a Christo triumphante no Egypto, como os principes dos sacerdotes vêrem o seu triumpho por meio de Jerusalem. Pinta-nos isto maravilhosamente o propheta Isaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, et ingredietur Aegyptum.* Subirá o Senhor e entrará pelo Egypto, levado como em carro triumphal em uma nuvem leve. Esta nuvem leve (diz Sancto Ambrosio) é a Virgem Sanctissima, mãe do mesmo Senhor menino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque Ella é a que nos defende dos raios do Sol de justiça; e leve, porque n'ella só entre todas as creaturas nunca houve peso de peccado. E que succedeu ao demonio á vista d'este triumpho? O mesmo propheta o diz: *Et commovebuntur a facie ejus simulacra Aegypti:* e á vista d'esta entrada triumphante cairão derribados por terra todos os idolos do Egypto. Assim foi; porque assim como o desterrado Menino, tendo escapado das mãos de Herodes ia entrando vivo e triumphante nos braços da Mãe pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos templos e derribadas dos altares, iam caindo as imagens dos falsos deuses em que o demonio era adorado, desfeitas em pó e cinza.

Os demonios que ficaram na região do ar, a que pena são condemnados segundo S. Bernardo.

É theologia certa que, quando Deus lançou do céu os anjos máus, uns foram parar ao inferno e outros ficaram n'esta região do ar; aos quaes por isso chama S. Paulo *aëreas potestates.* De sorte que n'este mesmo logar nos estão ouvindo muitos demonios; e queira Deus que sejam só os que se não vêem. Dá razão d'este conselho divino divinamente S. Bernardo: *Diabolus in poenam suam locum in aëre, medium inter coelum et terram sortitus est, ut videat et invideat, ipsaque invidia torqueatur.* Quer dizer: Para maior tormento do demonio lhe deu Deus este carcere livre do ar, elemento meio entre o céu e a terra; porque vendo subir os homens da terra ao céu, e d'esta Egreja militante, onde os persegue, ir gozar da gloria na triumphante,

a vista e inveja d'este triumpho lhe sirva de maior inferno. Já ouvimos a S. Pedro Chrysologo que menos pena davam ao rico avarento as labaredas do inferno em que padecia, que as glorias que Lazaro gozava no seio de Abrahão; e este foi o castigo a que Deus condemnou o demonio no mesmo Desterro com que livrou das suas mãos a seu Filho; para que, vendo-o entrar triumphante pelo Egypto, penasse mais e se desfizesse de inveja; assim como se desfizeram os marmores e bronzes das imagens e simulacros em que era adorado.

Christo, que triumpha em Jerusalem e no Egypto, deve tambem triumphar em nossos corações.

VII. Acabei. E supposto que tenho satisfeito ao evangelho e ao logar, alguma justiça parece que me fica para pedir ao auditorio a mesma satisfação. No evangelho temos a Christo triumphante em Jerusalem: n'aquelle altar temos a Christo triumphante no Egypto: justo é, senhores, que entre tambem Christo triumphando ou pelo Egypto ou pela Jerusalem de nossas almas. Que outra cousa é uma alma onde está levantado altar ao idolo da torpeza, onde se fazem sacrificios ao idolo da vingança, onde é adorado o idolo da vaidade; que cousa é, digo, uma alma d'estas senão um Egypto idolatra? Entre pois Christo triumphando pelo Egypto d'esta alma; e caiam e rendam-se a seus pés todos esses idolos. Cáia a torpeza, cáia a vingança, cáia a vaidade, e acabem-se idolatrias tão «horrorosas». Que cousa é por outro modo uma alma onde reina a ambição, onde dá leis a inveja, onde manda tudo o odio; que cousa é, torno a dizer, uma alma d'estas, senão uma Jerusalem depravada e perdida, e onde por odio, por ambição e por inveja se dá sentença de morte contra o mesmo Christo? Ora, pois, Jerusalem, Jerusalem, *Convertere ad Dominum Deum tuum:* acabem-se odios, acabem-se invejas, acabem-se ambições, caiam todos esses vicios aos pés de Christo e levantem-se palmas na mão em signal de victoria: *Acceperunt ramos palmarum et exierunt obviam ei.*

É o que pede o tempo de quaresma e o logar de Nossa Senhora do Desterro.

Não duvido que o façam assim todos os que teem nome de christãos, não movidos da efficacia de minhas razões, mas obrigados da sanctidade e do tempo. Entramos na semana sancta em que nenhum christão ha de tão fraca fé e de tão fria piedade, que se não lance rendido aos pés de Christo. O que porém quizera eu encommendar e saber persuadir a todos é, que nos não aconteça o que aconteceu aos que acompanharam a Christo no seu triumpho. É advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor ia passando pelas ruas de Jerusalem, tiravam muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima d'ellas; porém tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada um a levantar a sua capa e pôl-a outra vez aos hombros como d'antes. O mesmo nos acontece a nós n'esta semana.

Despimos, ou parece que despimos os maus habitos de nossos vicios; lançamol-os aos pés de Christo para que passe por cima d'elles com a cruz ás costas: porém tanto que passou, tanto que se acàbou a semana sancta e chegou a paschoa, torna cada um aos mesmos vicios e a revestir-se d'elles, como se já não foram peccados. Oh sepultemol-os para sempre com Christo morto e deixemos esses maus habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos deante d'aquella Senhora uns propositos e resoluções muito firmes de ser perpetuos escravos seus e de seu bemditissimo Filho, seguindo-o e servindo-o sempre e em qualquer parte: ou no Egypto, como desterrados d'este mundo, ou em Jerusalem, como mortos ao mesmo mundo: não havendo trabalho ou felicidade, nem fortuna tão prospera ou adversa, que nos aparte de seu serviço, de sua obediencia, de seu amor e de sua graça, para que, vivendo e morrendo com elle e por elle, o acompanhemos na vida onde não ha morte por toda a eternidade. Amen.

(Ed. ant., tom. 5.º, pag. 508; ed. mod., tom. 6.º, pag. 61).

I. SERMÃO DO MANDATO ***

PRÉGADO EM LISBOA NO HOSPITAL REAL NO ANNO DE 1643

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Ainda que estes cinco sermões do mandato incluam a mais alta philosophia natural e sobrenatural do coração adoravel do Homem-Deus; comtudo se devem ler mais com affecto que com o intendimento; e só quem tem fé e devoção pode sentir todo o gosto d'esta linguagem de amor.

Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

S. JOAN. 13.

O amor não dura muito. Por isso os antigos o pintaram menino.

Tudo «muda» o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba, «nada, porém está tão sujeito á jurisdicção do tempo como o amor.» São as affeições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco que terem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira: embota-lhe as settas, com que já não fere: abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda esta differença é, porque o tempo tira a novidade ás cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso quanto mais o amor? O mesmo ter amado é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

Este é o amor humano, por sua natureza fraco e inconstante.

Estes são os poderes do tempo sobre o amor: mas sobre qual amor? Sobre o amor humano que é fraco; sobre o amor humano que é inconstante; sobre o amor humano que não se governa «pela» razão se não «pelo» appetite; sobre o amor humano que ainda quando parece mais fino é grosseiro e imper-

feito. O amor a quem «mudou» o tempo bem podera ser que fosse doença, mas não é amor. O amor verdadeiro vive immortal sobre a esphera da mudança; e não chegam lá as jurisdicções do tempo. Nem os annos o diminuem, nem os seculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam: *Omni tempore diligit qui amicus est*, disse nos seus proverbios Salomão. Tão isento da jurisdicção do tempo é o verdadeiro amor.

Prov. 17.

Porém o amor de Christo é immutavel e eterno.

Porém um tal amor onde se achará? Só em vós, amante divino, só em vós. Isso querem dizer as palavras do vosso evangelista: *Sciens Jesus quia venit hora ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Sim, chegue e passe a vossa hora, desapparecei d'este mundo, tenha o tempo jurisdicção sobre os outros actos da vossa vida mortal, nunca a terá sobre o vosso amor. Como amastes sempre aos homens, assim os amais e amareis sempre.»

Vê-se no mesmo logar onde se está pregando.

Quem entrar hoje n'esta casa, todo poderoso e todo amoroso Senhor, quem entrar hoje n'esta casa, que é o refugio ultimo da pobreza e o remedio universal das infermidades, quem entrar digo a visitar-vos n'ella (como faz todo este concurso da piedade christã) «ha de reconhecer n'este mesmo logar que o vosso amor não está sujeito ás vicissitudes do tempo. Pobre estais aqui e infermo nos pobres e infermos que recolhe a misericordia d'este povo fiel; e para saude de nossas almas estais realmente n'esse sacramento de amor; mas ou pobre ou infermo ou sacramentado, mostrais-vos hoje como sempre vos mostrastes amante extremoso e sem mudança.» Accomodando-me, pois, ao dia, ao logar e ao evangelho sobre as palavras que tomei d'elle tractarei «da immutabilidade do vosso amor.» Este será amante divino, com licença do vosso coração o argumento do meu discurso.

O amor de Christo está fóra da jurisdicção do tempo, porque é eterno.

II. *Cum dilexisset suos in finem dilexit eos:* como tivesse amado os seus os amou até o fim. E quando, ou desde quando os amou? Desde o principio sem principio da eternidade: porque desde então começou o Verbo eterno a amar os homens, ou desde então os amou sem começar, como elle mesmo o disse a Jeremias: *In charitate perpetua dilexi te.* «E um amor que teve as raizes na eternidade como podia cair sob as jurisdições do tempo?» O tempo começou com a creação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo. E este tempo em Christo divide-se em duas partes: o tempo em que amou desde o principio do mundo com a vontade divina e o tempo em que amou desde o principio da vida, com vontade divina e humana. Desde o principio da vida passaram trinta e quatro annos; desde

Jerem. 31.

o principio do mundo passaram mais de quatro mil; e em tantos annos e tantos seculos de amor, nenhum poder teve sobre elle o tempo. Oh amor só verdadeiro! Oh amor só constante! Oh amor só amor! Que não desfez, que não acabou a continuação pertinaz de tantos annos quantos correram desde o principio do mundo até ao fim da vida de Christo! Que cidade tão forte que não arruinasse? Que marmore que não gastasse? Que bronze que não consumisse? Todas as cousas humanas em tão comprida continuação acabou o tempo e, o que é mais, até a memoria d'ellas. Só o amor de Jesus, apezar dos annos e dos seculos, sempre inteiro sem diminuição, sempre firme, sempre perseverante, sempre o mesmo: porque assim como tinha amado no principio; *Cum dilexisset*, assim amou e com a mesma intensão no fim *infinem dilexit*.

Antes o seu amor diminúi a extensão do tempo.

Tão fóra esteve o tempo (vêde o que digo) de poder diminuir o amor de Christo, que antes o amor de Christo diminuiu «a extensão» do tempo. No mesmo texto do nosso evangelho o temos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*: sabendo Jesus que era chegada a hora de passar d'este mundo ao Padre. Isto disse o evangelista fallando dos mysterios da ultima ceia em que Christo, com o maior prodigio de sua humildade e com o maior milagre da sua omnipotencia, manifestou aos homens qual era o extremo com que os amava. Mas a hora em que o Senhor passou d'este mundo ao Padre não foi n'este dia, senão no dia da sua ascensão, quarenta e dous dias depois d'este. Pois, se ainda lhe restavam a Christo quarenta e dous dias para estar no mundo antes de subir ao Padre, como diz o evangelista que já era chegada a hora: *Quia venit hora ejus?* Sim, porque todos estes dias em que o Senhor se havia de deter no mundo, eram dias de estar com os seus amados; e ainda que pela medida do tempo eram muitos dias, pela conta de seu amor eram «momentos». Notae muito agora o computo d'estes mesmos dias, e reparae no que «talvez» nunca reparastes. Desde a hora da ceia até á hora em que Christo subiu ao céu, passaram-se ponctualmente mil horas sem faltar nem sobejar uma só. E todos estes dias, que medidos pelas rodas do tempo faziam cabalmente mil horas, contadas pelo relogio do amor que Christo tinha «no coração, eram momentos.» *Sciens Jesus quia venit hora ejus*. Vêde quão certo é o que eu dizia, que em vez do tempo diminuir o amor, o amor diminuiu «a extensão do» tempo.

O amor de Jacob figura do amor de Christo.

De Jacob diz a Escriptura que sendo septe annos que serviu por amor de Rachel, lhe pareciam poucos dias; porque era grande o amor com que amava: *Videbantur illi pauci dies prae amo-*

Gen. 17. *ris magnitudine.* Não seria Jacob tão celebrada figura de Christo, se tambem o seu amor não tivesse a propriedade de diminuir o tempo. Mas n'esta mesma diminuição é necessario advertir que os annos que a Jacob lhe pareciam poucos dias, não foram só septe, senão muitos mais ou muito maiores. Assim como o gosto faz os dias breves, assim o trabalho os faz longos. O trabalho dobra e redobra o tempo. «Se Jacob serviu septe annos» de dia e de noite, não sendo os enganos e trapaças de Labão a menor parte do seu grande trabalho, «segue-se que» assim como o amor de Jacob diminuia os annos por uma parte, assim o trabalho os accrescentava por outra; e concorrendo junctamente o amor a diminuir e o trabalho a accrescentar os mesmos annos, já que elles se não multiplicassem tanto que fossem tres vezes dobrados, ao menos haviam de ficar inteiros. Como podia logo ser que a Jacob lhe não parecessem annos senão dias, e esses poucos? Não ha duvida que esta mesma que parece implicação é o maior encarecimento do amor de Jacob. O tempo fazia os annos, o trabalho multiplicava o tempo: mas o amor de Jacob, maior que o trabalho e maior que o tempo, não só diminuia os annos que fazia o tempo, senão tambem os que multiplicava o trabalho. Com o gosto de servir diminuia o amor uns annos, com o gosto de padecer diminuia os outros, e por isso, ainda que fossem annos sobre annos e muitos sobre muitos, todos elles lhe pareciam dias e poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.*

Sobretudo no tempo da Paixão.

Muito estimava eu que estes dias do amor de Jacob, que a Escriptura chama poucos, nos dissesse tambem a mesma Escriptura quantos eram. Mas dado (impossivelmente) que cada anno lhe parecesse um só dia, ainda o amor do figurado excede infinitamente ao da figura e o de Jesus ao de Jacob. No tempo que diminuiu o amor de Christo, entra tambem o tempo da sua paixão; e se o trabalho accrescenta e multiplica o tempo á medida do que se padece, quem poderá medir n'este caso o tempo com o trabalho e a duração do que o Senhor padecia com o excesso do que padeceu? Padeceu Christo na sua paixão, como provam todos os theologos com sancto Thomás, mais do que padeceram nem hão de padecer todos os homens desde o principio até o fim do mundo. Os tormentos em si mesmos eram acerbissimos, e fazia-os incomparavelmente maiores a delicadeza do sujeito, a viveza da apprehensão, a tristeza summa, bastante ella só a tirar a vida; e sobre tudo o conhecimento comprehensivo da injuria infinita commettida contra Deus n'aquelle e em todos os peccados do genero humano. E quantos seculos de padecer vos parece que caberiam n'aquellas cumpridissimas horas? Foram tão cumpridas, que bastou a duração d'ellas para

satisfazer pela eternidade das penas do inferno, que com a mesma duração se pagavam. E que sendo tão cumpridas, ou tão eternas, aquellas horas, as reduzisse o amor de Christo «a poucos momentos» *Hora ejus*? Oh amor verdadeiramente immenso! Que as outras horas e dias lhe parecessem ao amorosissimo Senhor muito breves, não é tão grande maravilha; porque eram horas de estar com os que tanto amava. Mas que tambem as da paixão, sendo de tão excessivas penas as abbreviasse egualmente o seu amor?! Sim e pela mesma causa. As outras eram breves, porque eram horas de estar comnosco; e estas eram tambem breves, porque eram horas de padecer por nós. Não soffreu o amor que podesse menos contra o tempo o gosto da paciencia que o da presença; e por isso diminuiu egualmente as horas tanto o gosto de padecer pelos homens, como o gosto de estar com elles.

Por isso se diz (*Hebr.* 2) que Christo gostou a morte. Sancto Anselmo.

Uma e outra cousa comprehendeu e declarou S. Paulo em uma só palavra quando disse fallando da morte de Christo: *Ut pro omnibus gustaret mortem*. Não diz que padeceu o Senhor a morte por todos, senão que a gostou: *Ut gustaret*. Esta palavra quer dizer gostar e provar. E por isso disse com grande energia que Christo gostou a morte; porque o gosto com que a padeceu, a abbreviou de tal sorte, como se sómente a provara. Excellentemente sancto Anselmo commentando as mesmas palavras: *Ut gustaret, idest horariam et non longam, quasi aliquid gustando transiret*. Quer dizer o apostolo, diz Anselmo, que padeceu o Senhor a morte com tanto gosto, como se a não padecera toda e sómente a tocara e passara por ella; e por isso, sendo de tantas horas e tão longas, lhe pareceu de poucos momentos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*. «E se é assim, conclui-se evidentemente, que para o coração do amorosissimo Jesus, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor foi que diminuiu o tempo; e como nos tinha amado desde a eternidade, immutavelmente nos amou até ao fim: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*.

Tres vicissitudes do tempo. 1.º Ausentar-se.

III. Não o cançou o tempo com a sua duração; mas nem o alterou com as suas vicissitudes, que tanto influem no coração de quem ama. Tres são as principaes: a ausencia, a ingratidão, e o melhorar de objecto. A ausencia diminúi o amor, a ingratidão o esfria, o melhorar de objecto apaga-o inteiramente. Comtudo no coração de Christo estas tres vicissitudes do tempo tão longe estiveram de causar os seus effeitos, que antes produziram os contrarios. Estae commigo.»

A ausencia é morte e sepultura do amor. *Ps.* 89.

Á sepultura chamou David discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis*. E que terra ha que não seja a terra do esquecimento, se vós passastes a outra terra? Se os mortos

são tão esquecidos havendo tão pouca terra entre elles e os vivos, que podem esperar o que se póde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam taes effeitos; tantas leguas que farão? Em os longes passando de tiro de setta, não chegam lá as forças do amor. Os philosophos definiram a morte pela ausencia. *Mors est ausentia animae a corpore;* e a ausencia tambem se ha de definir pela morte: posto que seja uma morte de que mais vezes se resuscita. Vêde-o nos effeitos naturaes de uma e outra. Os dous primeiros effeitos da morte são dividir e esfriar. Morreu um homem; apartou-se a alma do corpo. Se o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calor; se tornastes d'ahi a um pouco, tocastes um cadaver frio, uma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos ou poderes tem a vice-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto os que muito se amavam; apartaram-se emfim; e se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpitam no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas e que saem da bocca alguns suspiros, que são as ultimas respirações do amor. Mas, se tornardes «d'ahi a pouco,» que achareis? Os olhos enxutos, a bocca muda, o coração socegado, tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio como a morte: apartou e depois de apartar esfriou.

Mas não em Christo. Doutrina de S. Bernardo.

Estes costumam ser os effeitos da ausencia, ainda nos corações mais finos, «em que o amor é qualidade accidental; mas não podia a ausencia causar estes effeitos no coração de Christo, em que o amor é natureza. É doutrina de S. Bernardo:» *Nunquam et nusquam potuit non amare, qui amor est.* O fogo póde-se apartar, mas não se póde esfriar. Ao perto e ao longe, ou presente ou ausente, sempre arde egualmente, porque é fogo. Poderá ser tão distante a ausencia que o tire da vista, mas nenhuma tão poderosa que lhe arrede a natureza. Tal o amor de Christo, diz S. Bernardo. Assim como não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno; assim não póde deixar de amar em nenhum logar ou distancia, porque é amor. O amor não é união de logares senão de virtudes: se fôra união de logares, o podera desfazer a distancia; mas como é união de vontades, não o póde esfriar a ausencia. A ausencia mais distante que se póde imaginar é a que hoje fez Christo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* ausencia d'este para o outro mundo. Todas as outras ausencias, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausencia de Christo era tão distante, que excedia a esphera de todos os elementos e passava da terra até ao céu. Mas com a distancia e ausencia serem tão excessivas

pôde a distancia apartar os corpos, mas não pôde dividir os corações: pôde a ausencia impedir a vista, mas não pôde esfriar o amor! Que digo dividir e esfriar? Antes a distancia, em vez de dividir, uniu; e a ausencia, em vez de esfriar, accendeu. A distancia, em vez de dividir, uniu as pessoas; e a ausencia, em vez de esfriar, accendeu o amor.

Antes o acrescentou. Prova-se com as palavras da ultima ceia.

Depois da ceia d'este dia despediu-se o divino Mestre amorosamente de seus discipulos, e vendo-os tristes por sua partida consolou-os com estas palavras: *Expedit vobis ut ego vadam; si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos: si autem abiero, mittam eum ad vos.* (Joan. 16.) Discipulos meus, não vos desconsole a minha partida. Ausento-me de vós; mas adverti que a vós vos convem e importa muito esta mesma ausencia: porque se eu não fôr para o céu, não virá o Espirito Sancto; porém, se fôr, como vou, eu vol-o mandarei de lá. Todos os theologos concordam, e é sem duvida, que tanto podia vir o Espirito Sancto ausentando-se Christo da terra, como não se ausentando. Que consequencia tem logo haver de vir, se Christo se ausentasse e se fosse para o céu; e não haver de vir, se se não ausentasse? Ninguem ignora que o Espirito Sancto essencialmente é amor: mas em que amor se viu jamais tal consequencia? Ir-se o amor, quando se vai o amante, essa é a consequencia ordinaria do que cá chamamos amor. Mas haver-se de ir o amante para que venha o amor, e não haver de vir o amor, se não se fôr e se não se ausentar o amante?! Só na ausencia e no amor de Christo se acha tal consequencia. Assim o prometteu o Senhor e assim o cumpriu. Partiu e foi-se para o céu; e dentro em poucos dias, ficando lá a Pessoa do amante, veio cá em Pessoa o seu amor: mas como veio? Não menos intenso, não menos ardente, não menos abrazado, que em forma de fogo. Bem dizia eu, logo, que em vez da ausencia lhe esfriar o amor, o havia de accender mais. O mesmo Christo o tinha já dicto muito tempo antes. Fallava d'este fogo de seu amor, e disse que elle viéra pôr fogo á terra e que nenhuma cousa mais desejava senão que se accendesse: *Ignem veni mittere in terram; et quid volo nisi ut accendatur?* (Luc. 12.) Pois se o Senhor desejava tanto que o fogo do seu amor se accendesse na terra, porque o não accendeu em quanto esteve n'ella? Porque é propriedade maravilhosa d'este fogo divino aguardar pela ausencia para se accender. E isto é o que disse aos discipulos em proprios termos: *Si autem abiero, mittam eum ad vos:* Se eu me fôr, se eu me ausentar de vós, então vos mandarei o fogo do meu amor, ou o meu amor em fogo: para que vejais quanto vos convem esta minha ausencia; e para que não receeis que ella, como costuma, me haja de es-

friar o amor: porque antes o ha de intender e accender mais.

Observações de Origenes acerca da Magdalena voltando ao sepulchro do Salvador.

Foi a Magdalena ao sepulchro de Christo na madrugada da resurreição olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistiu, chorou. E qual cuidais, que era a causa de todas estas diligencias tão sollicitas? Diz com notavel pensamento Origenes que era pelo que a Magdalena temia de si: «pois» sabia, como experimentada, que a ausencia tem os effeitos da morte, apartar e depois esfriar; e como se via apartada de seu amado, que é o primeiro effeito, temia que se lhe esfriasse o amor no coração, que é o segundo. Pois o amor da Magdalena tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente; o amor da Magdalena canonizado de grande, engrandecido de muito, tão pouco fiava de si mesmo que temesse esfriar-se? Sim: que taes são os poderes da ausencia contra o mais qualificado amor «humano». E como o coração se aquenta pelos olhos, por isso procurava com tanta diligencia achar o corpo de seu Senhor; para que com a sua vista se tornasse a aquentar o amor, ou se não esfriasse sem ella.

O amor de Christo não depende da vista.

Estes costumam ser os effeitos da ausencia, ainda nos corações mais finos, qual era o da Magdalena: coração humano em fim. Porém o amor perfeitissimo, qual era o do coração de Christo (humano e divino junctamente,) não depende de ver para amar: antes quando a ausencia e distancia lhe impedem a vista, então se reconcentra e arde mais. «Dizem poetas que» os olhos são as frestas do coração por onde respira; e d'aqui vem que o coração na presença, em que tem abertos os olhos, por elles evapora e exhala os affectos: porém na ausencia, em que os tem tapados pela distancia, que lhe succede? Assim como o vaso sobre o fogo, que tapado e não tendo por onde respirar, concebe maior calor e o reconcentra todo em si e talvez rebenta; assim o coração ausente, faltando-lhe a respiração da vista, e não tendo por onde dar saida ao incendio, recolhe dentro em si toda a força e impeto do amor; o qual cresce naturalmente e se accende e adelgaça de sorte que, não cabendo no mesmo coração, rebenta em maiores e mais extraordinarios effeitos. «Mas encareça muito embora a imaginação dos poetas o decantado poder do amor humano; que não passará de um poder imaginario. Só no coração de Christo produziu o amor effeitos tão maravilhosos e reaes.»

E com a ausencia obra maiores prodigios. Declara-o o Salvador aos apostolos. Joan. 14.

Tudo o que acabo de dizer é philosophia não minha, senão do mesmo Christo e n'esta mesma hora, declarando aos mesmos discipulos quaes haviam de ser os effeitos da sua ausencia. Na presença do seu Soberano Mestre obravam os discipulos aquellas prodigiosas maravilhas com que assombravam o mundo; e cuidavam agora entristecidos que com a ausencia do sol ficariam destituidos

de todas estas influencias. Mas não ha de ser assim, diz o Senhor; cada um de vós não só ha de fazer as mesmas obras que d'antes fazia, não só tão grandes como as minhas, senão ainda maiores; e isto não por outra razão, senão porque me ausento: *Opera quae ego facio, et ipse faciet et majora horum faciet; quia ego ad Patrem vado.* Esta ultima clausula *Quia ego ad Patrem vado* é digna de summo reparo. De maneira, Senhor, que porque ides para o Padre e porque vos ausentais de vossos discipulos, por isso hão elles de fazer maiores obras que as suas e maiores tambem que as vossas? Por ventura haveis de ser mais poderoso no céu do que ereis na terra? Não: responde o Divino Amante. Não hão de experimentar esta differença meus discipulos, porque lá hajam de ser maiores as jurisdicções do meu poder, senão porque hão de ser maiores os effeitos do meu amor. Porque me vou, por isso hão de ver o que pode commigo a ausencia; e porque vou para tão longe, por isso hão de ver o que obram commigo as distancias. Os longes só hão de servir de mais os favorecer, de mais os honrar, de mais os estimar: porque o meu amor todo é estimação. Quando a lua está mais longe do sol, então se vê mais allumiada; porque «tão fora está o sol de lhe diminuir a luz por causa da distancia» que antes á medida d'esta mesma distancia lh'a communica maior. E se estes são os effeitos ou os primores do sol quando se ausenta, «sendo eu o creador do sol, quaes serão os meus?» Cuidais que eu sou Deus de perto e não Deus de longe? Enganais-vos. De perto sou Deus e de longe Deus: antes, do modo que pode ser, mais Deus ainda de longe, do que de perto; porque de perto mostro a minha presença e de longe a minha immensidade. Tal o amor do nosso Deus, ou o nosso Deus de amor. Aparta-se, ausenta-se de nós n'esta hora: a distancia é tão grande quanto vai da terra ao céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* mas as gages da sua presença não se diminuem, antes crescem; porque quanto são mais remotas as distancias de sua ausencia, tanto são maiores e mais intensos os affectos e effeitos de seu amor: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

2.º A ingrat[...] esfria o a[...] humano; não o am[...] de Chris[...]

IV. «Outra vicissitude do tempo é a ingratidão.» Esfriar o amor a ausencia é sem-razão de que todos se queixam: mas que a ingratidão mude o amor e o converta em abhorrecimento, a mesma razão «quasi» o approva, o persuade e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? A ausencia pode ser força, a ingratidão sempre é delicto. Se ponderarmos os effeitos de cada um d'estes contrarios, acharemos que a ingratidão é o mais forte. A ausencia tira ao amor a communicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que

o amigo por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa. Porém se foi ingrato, ficou indigno de amor. Finalmente a ausencia combate o amor pela memoria, a ingratidão pelo intendimento e pela vontade; e ferido o amor no cerebro e ferido no coração, como pode viver? «Assim o ensina a experiencia no amor humano.» É a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, accende-o mais. «E tal foi o amor de Christo.» Quantas ingratidões usaram com elle os homens! Mas nenhuma, nem todas junctas foram bastantes para lhe remittirem um poncto o amor, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Prova-se com as palavras do thema.

Aquellas palavras *qui erant in mundo*, os seus que estavam no mundo, parecem superfluas e que antes limitam do que encarecem o amor. «Mas não é assim». Christo Senhor e Redemptor Nosso, como Senhor e Redemptor de todos os homens, não só amou aos que estavam no mundo, senão tambem aos que não estavam. Não só amou os presentes, senão os passados e futuros; porque por todos os que eram, foram e haviam de ser deu o preço de seu sangue. Fez porém expressa menção o evangelista dos presentes e dos que então estavam no mundo: porque estes foram os mais ingratos. Os futuros ainda não eram; os passados pela maior parte não conheceram a Christo: os presentes conheceram-no, ouviram a sua doutrina, viram seus milagres, receberam seus beneficios; e como lhe pagaram? Deixando-o, negando-o, vendendo-o, crucificando-o.

Antes o abraza cada vez mais.

Pode haver correspondencias mais deseguaes, mais contrarias, mais ingratas? Não póde. Mas não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amor de Christo que (assim como dissemos «da ausencia») em vez de as ingratidões o diminuirem, o accrescentaram; e em vez de serem motivo para abhorrecer, foram «incentivo» para mais amar.

Os dous golpes dados na pedra do deserto e a ingratidão dos dous discipulos.

Quando os filhos de Israel caminhavam pelo deserto para a terra de Promissão, «deu Moysés com a vara» em uma penha, da qual milagrosamente sairam ribeiras de agua com que o povo matou a sede. Falla d'este milagre S. Paulo e diz assim: *Bibebant de consequente eos petra: petra autem erat Christus.* Bebiam da pedra que os seguia e esta pedra era Christo. Mas que achou S. Paulo n'esta pedra milagrosa para dizer que era Christo? O mesmo texto que conta a historia, nol-o dirá: *Percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae.* Aquella pedra era pederneira: feriu-a Moysés duas vezes com a vara, e o que a pedra ferida brotou de si foi grande copia de agua. D'aqui

1. ad Cor. 10.

Num. 20.

«parece que» tirou a sua consequencia o apostolo. O natural da pederneira, quando lhe dão golpes, é lançar de si faiscas de fogo; e pedra que ferida uma e outra vez, em «logar» de responder com fogo, se desfaz em agua, esta pedra não «pode ser senão figura de» Christo: *Petra autem erat Christus*. Ponhamo-nos agora com o pensamento no cenaculo de Jerusalem; e veremos este mesmo milagre não só repetido, mas verificado. Dois golpes deram hoje n'aquella pedra divina, com dous golpes feriram hoje o coração de Christo dous homens de quem elle devera esperar e a quem merecia bem differente tractamento. Um golpe lhe deu Judas, que o vendeu; outro golpe lhe deu Pedro, que o negou. E que aconteceu? Oh milagre de amor verdadeiramente divino! Em logar de sair da pedra fogo, saiu agua: em logar de sair fogo (castigo proprio de infieis) com que os abrazasse, o que saiu foi «grande copia de agua, isto é as maiores demonstrações de amor para com elles. E senão, vêde o que faz o amorosissimo Redemptor prostrado a seus pés.» *Mittit aquam in pelvim et coepit lavare pedes discipulorum.*

Joan. 13.

E figura dos pés de Pedro e dos de Judas.

Lavando o Senhor os pés a todos os discipulos, só de Judas e de Pedro faz menção n'este acto o evangelista. De Judas: *Cum diabolus jam misisset in cor ut traderet eum Judas; surgit a coena et ponit vestimenta sua.* De Pedro: *Coepit lavare pedes discipulorum: venit ergo ad Simonem Petrum.* Pois, Senhor, vós que tudo sabeis e estais vendo, vós aos pés de Pedro, e «o que é mais para admirar» vós aos pés de Judas? Os pés de Judas não são aquelles pés infieis que d'este mesmo logar hão de partir para vender-vos? Os pés de Judas não são aquelles pés traidores que hão de guiar vossos inimigos a vos prender no Horto? Pois deante de pés tão indignos estais vós prostrado de joelhos? Estes pés lavais com vossas proprias mãos e com «as lagrimas» que sobre essa agua estão derramando vossos olhos? Sim: que não foreis vós, Deus e Senhor meu, quem sois, nem o vosso amor fora vosso, se o podessem mudar ingratidões ou diminuir aggravos. Porque n'esses dous homens andou a ingratidão mais refinada, por isso com elles se mostra o vosso amor mais fino. E não só mais fino no acto de lavatorio dos pés, que foi commum a todos os discipulos, senão mais fino tambem nos favores particulares, com que a estes dous ingratos singularizou entre todos o vosso amor.

Apostolos favorecidos mais que os outros.

Se bem repararmos, antes e depois da morte de Christo, acharemos que o mais favorecido na ceia foi Judas e o mais favorecido na resurreição foi Pedro. Na ceia todos os discipulos comeram egualmente e só a Judas fez o Senhor um mimo particular: *Et cum intinxisset panem, dedit Judae.* Na resurreição a

todos egualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular: *Dicite discipulis ejus et Petro.* E porque só a Judas e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na ceia o que mais offendeu a Christo foi Judas: na paixão o que mais o offendeu foi Pedro. E como o amor de Christo das maiores ingratidões faz «incentivos» de mais amar, foram estes os dous mais favorecidos, porque foram estes dous os mais ingratos. Se o amor de Christo fôra como o nosso, haviam de ser as ingratidões motivos de abhorrecer; mas como o seu amor era o seu, foram incentivos de mais amar e razões sobre toda a razão de mais bem fazer.

Marc. 16.

Em Christo as ingratidões são motivos de fazer mais favores e beneficios.

Ora eu buscando a causa d'estes contrarios effeitos (que todos creio desejam saber) e philosophando sobre a differença d'elles, acho que toda procedia da qualidade singular do coração de Christo. Era tal a qualidade d'aquelle soberanissimo coração, que mettidas n'elle as ingratidões dos homens e estilladas com o fogo do seu amor, o estillado das mesmas ingratidões vinham a ser favores e beneficios. O mesmo Christo se queixava por bocca de David de que semeando beneficios nos corações dos homens, de grandes beneficios colhia maiores ingratidões. Porém o seu amor (que é o que agora digo), estillando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandissimas ingratidões tirava maiores beneficios. Já o vimos nos exemplos de Christo vivo e de Christo resuscitado, vejamol-o agora com maior assombro no de Christo morto.

Prova-o o mysterio da lançada.

Morto o Redemptor na cruz, abriram-lhe com uma lança o peito e saiu d'elle sangue e agua. Tertulliano, S. Chrysostomo, Sancto Agostinho e o commum sentir dos padres concordam em que o sangue era o sacramento da Eucharistia e a agua o sacramento do baptismo; dos quaes se formou a Egreja, saindo do lado de Christo, como Eva do lado de Adão. Mas qual foi o motivo que teve o mesmo amor para sair com este prodigio? «Foi pagar com o maior dos beneficios a maior das ingratidões». A maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Christo, é sem controversia que foi a lançada. Porque as outras foram commettidas contra Christo vivo, e a lançada não só contra Christo morto, mas morto pela salvação dos mesmos homens, que assim lhe pagaram o morrer por elles. Por isso o mesmo Senhor n'aquelle psalmo em que se referem todos os tormentos da paixão, só da lançada pediu a Deus que o livrasse: *Erue a framea, Deus, animam meam;* não pela dôr que houvesse de sentir o corpo, que já estava morto, mas pelo horror que já lhe feria e penetrava a alma na apprehensão de

Ps. 21.

uma atrocidade tão feia e ingrata. Sendo pois esta a mais cruel e deshumana ingratidão que jámais se commetteu, nem podia commetter no mundo; que não só a convertesse o coração de Christo no maior e mais consummado beneficio, mas que esperasse com o peito fechado até que a lança, como diz S. Chrysostomo, fosse ac have que lho abrisse, porque pela mesma ferida nos communicasse sem nenhuma reserva os ultimos thesouros de sua graça?! Não ha duvida que assim como da parte da ingratidão foi o maior excesso a que podia chegar a fereza humana, assim da parte do amor foi o maior extremo com que a podia corresponder a benignidade divina. E se este é o modo com que Christo vinga os aggravos, e esta a moeda com que paga as ingratidões; «que prova queremos mais evidente para concluir que a ingratidão, sendo o maior contrario do amor e tão penosa ao coração do amante, em vez de diminuir, ainda accrescentou o seu amor? *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

O melhorar do objecto apaga o amor.

Tarde chego á terceira e ultima vicissitude que trouxe o melhorar de objecto, e sinto vivamente que não posso ponderar como convem este ultimo e maior triumpho do amor de Christo». Dizem que um amor com outro se paga; o mais certo é que um amor com outro se apaga. Ora grande cousa deve de ser o amor: pois, sendo assim que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dous amores. D'aqui vem que se acaso se encontram e pleiteiam sobre o logar, sempre fica a victoria pelo melhor objecto. É o amor entre os affectos, como a luz entre as qualidades. «Uma luz apaga-se por outra maior; e assim vemos que em apparecendo o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas. O mesmo lhe succede ao amor, por grande e extremado que seja. Em apparecendo maior e melhor objecto, logo se desamou o menor.

Muito mais o devia apagar em Christo; mas accendeu-o mais.

E se a melhoria do objecto é «motivo» tão poderoso e efficaz para mudar de amor; não digo eu quão poderoso seria, senão quão omnipotente no nosso caso, em que a differença ou a competencia não era de homem a homem, se não de homens a Deus: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Comparae-me o Creador do céu e da terra com os pescadores de Tiberiades, o adorado dos anjos com os desprezados do mundo, o infinito, o immenso, o incomprehensivel, o que só é e dá tudo, com os que verdadeiramente eram nada, como somos todos; e vereis quão temeraria esperança seria e quão louco pensamento o de quem cuidasse que á vista de tal objecto podia ter logar, não digo o amor, mas nem a memoria dos homens. Comtudo o evangelista, depois de referir esta differença e de ponderar a

mesma dignidade dizendo: *Ex hoc mundo ad Patrem;* ainda persiste em affirmar, que os homens foram não os amantes senão os amados: *In finem dilexit eos.* Cuidava eu, e tinha infinita razão para cuidar e para crêr, que quando o evangelista disse que Christo se partia para o Padre, o que havia de continuar a dizer em bôa consequencia, era, que em quanto esteve no mundo amou aos homens; porém no fim em que se partiu do mundo para o Padre, com a mudança e a melhoria do objecto e tal objecto tambem mudou e melhorou o amor, e não os amou a elles, senão a elle: *In finem dilexit eum.* Assim o cuidava eu e sem injuria nem aggravo do amor dos homens. Mas o evangelista, fallando da despedida dos homens e da partida para o Padre, o que diz, com assombro da razão e pasmo do nosso mesmo juizo, é que o Padre foi o fim da jornada, porém os homens o fim do amor. O Padre o fim da jornada: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e os homens o fim do amor: *In finem dilexit eos.* Sem embargo de ser o Padre tão infinitamente maior e melhor objecto, tão fóra esteve o objecto de render e levar a si o amor, que antes o amor rendeu e levou a si o objecto. E de que modo? Fazendo que o mesmo Padre que havia de ser o objecto só amado, fosse elle tambem amante dos homens. E quando os homens parece que haviam de perder o amor do Filho que se partia, não só conservaram inteiro o amor do mesmo Filho; mas acquiriram de novo o amor do Padre. Ouvi e pasmae.

Accrescentou ao seu amor o amor do Pae.

O amor com que o Padre e o Filho se amam é de tal qualidade, que assim como são a mesma cousa por natureza, são tambem a mesma cousa por amor. E quando o Filho se partia dos homens para o Padre, que succedeu? Cresceu esta mesma união de amor e se multiplicou de tal sorte, que não só Christo e o Padre entre si, senão Christo, o Padre e os homens todos ficaram a mesma cousa. Nem crer, nem imaginar se podera tal extremo de união, se o mesmo Christo o não declarara como declarou na mesma hora. Despedindo-se o Senhor dos discipulos, estando ainda á mesa depois da sagrada ceia, fez este oração a seu Padre: *Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me, ut omnes unum sint, sicut, tu Pater in me et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint.* (Joan. 17.) Quer dizer: Não só vos rogo, Pae meu, por estes poucos discipulos que tenho presentes, senão por todos aquelles que por meio da sua doutrina hão de crer em mim (que são todos os christãos); e o que vos peço, é, que assim como nós por união de amor somos uma mesma cousa, vós em mim e eu em vós; assim elles em vós e em mim sejam tambem uma cousa pela

mesma união. Quem não pasma, tendo ouvido taes palavras, ou não tem juizo ou não tem fé. E porque não parecesse que esta união de amor era só pedida por Christo em duvida de o Padre a conceder ou não, o mesmo Senhor testificou logo que elle em nome seu e no do Padre a tinha já concedido aos homens: *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus. Ego in eis et tu in me, ut sint consummati in unum.*

Profundidade d'este mysterio.

Oh se alcançassemos a comprehender quão alto, quão divino, quão inestimavel foi este ultimo e supremo invento do amor de Christo; o qual antes de se obrar excedia toda a imaginação; e depois de obrado, excede toda a capacidade humana! O Padre no Filho, o Filho no Padre, o Padre e o Filho no homem e o homem no Padre e no Filho, com uma trindade de pessoas e uma unidade de amor tão perfeita que o mesmo Christo lhe chamou consummada. Mas até os mesmos apostolos então não poderam comprehender tal extremo de união e amor; e por isso lhes disse o mesmo Christo que depois de allumiados pelo Espirito Sancto o conheceriam: *In illo die vos cognoscetis quia ego sum in Patre meo, et vos in me et ego in vobis.* Fique logo por ultima conclusão que mal podia a melhoria do objecto mudar o amor de Christo para com os homens: pois, em vez de o mudar n'esta mesma partida para o Padre, o melhorou de maneira que até o mesmo amor com que Christo ama ao Padre e o amor com que o Padre ama a Christo se uniram em um amor para mais e mais amar. *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Joan. 14.

Devemos imitar o amor de Christo.

VI. Eis aqui, fieis, como «o amor de Christo para comnosco triumphou do tempo e das suas maiores vicissitudes» Nenhum dos «motivos» que costumam acabar ou diminuir o amor, nenhum dos contrarios que o costumam contrastar e vencer, foi bastante para que o intensissimo amor com que Jesus nos amou e ama não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remittisse um poncto; servindo só o poder dos «motivos» para mais o accender e a força dos contrarios para mais fortemente os triumphar. Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amor todos os contrarios será justo que lhe resistam os «nossos affectos»; e se na hora em que morre de amor o mesmo Amante, será bem que lhe faltem os corações d'aquelles por quem morre! Amemos a quem tanto nos amou; e não haja contrario tão poderoso que nos vença para que não perseveremos em seu amor. Se elle nos amou por toda uma eternidade; porque o não amaremos nós por tão poucos dias e tão

breves, como são os da nossa vida? Apprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constancia de nossos vicios; e pois não basta o tempo a nos mudar dos peccados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento d'elles. Não tem o nosso amor o contrario da ausencia que vencer, porque sempre temos ao mesmo Christo, em quanto Deus e em quanto homem, presente; e se a sua presença se não deixa ver de nossos olhos, não seja motivo de diminuir o amor, o que foi traça de accrescentar as saudades. Lembremo-nos todas as horas de quem hoje a esta hora se nos deu a si mesmo e ámanhã antes d'esta hora estará morrendo por nós em uma cruz. Elle de tantas ingratidões fez motivos de mais nos amar; e nós porque o não faremos de tantos e tão immensos beneficios? Que nos fez tão bom Senhor para o offendermos? Oh que ingratidão tão deshumana! Oh que ingratidão tão indigna de feras, quanto mais de creaturas com uso de razão! A quem te creou, a quem te remiu, a quem tanto te amou, não amas? A quem te comprou com o sangue o céu e te tirou do inferno, quantas vezes o offendeste, tens ainda coração para o tornar a offender? Que amamos christãos, se não amamos a Jesus? Que objecto mais digno de ser amado? Que objecto que compita com elle, não digo na egualdade, senão na similhança? Toda a outra formosura em comparação da sua, não é fealdade? Toda a outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Christo por um malfeitor e do que o vendeu por tão vil preço; e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e affrontosamente?

Acto de arrependimento.

Ah, Senhor que só o vosso amor pode ser o remedio das loucuras do nosso. Remediae tantas cegueiras, remediae tantos desatinos, remediae tantas perdições. E pelo amor com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amor que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê que por despedida vos pedimos n'esta ultima hora vossa. Lembrae-vos, Amante divino, que estais nos ultimos trances da vida. Não vos esqueçais de nós em vosso testamento. A esmola que pedimos a vossa misericordia como pobres, é que nos deixeis alguma parte do vosso amor, para que de todo o coração vos amemos. Oh quanto nos peza n'esta hora e para sempre de vos não ter amado como deviamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais. Só a vós havemos de amar de hoje em deante; e posto que em vós concorram tantos motivos de amor e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o promettemos firmemente a vosso amor, e assim o confessamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na gloria.

(Ed. ant. tom 3.º, pag. 355; ed. mod. tom. 7.º, pag. 55).

II. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1645

Observação do compilador.—**Este sermão está dividido em dous ponctos não parallelos, mas subordinados de maneira que o primeiro serve de degrau para o segundo. Só o desenvolvimento do primeiro poncto podia dar largo campo a todo o discurso com unidade e divisão de assumpto muito bem deduzidas e conformes aos preceitos da oratoria. Comtudo o alto ingenho de Vieira não se contentou com isto e remontou-se com vôo mais sublime a novos encarecimentos do mesmo assumpto, considerando-o sob outro respeito. Parece porem que n'esta segunda parte podia ser mais practico e popular, como o está pedindo o seu thema.**

Sciens Jesus quia venit hora eius ut transeat ex hec mundo ad patrem cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

S. Joan. 13.

Consideração dos mysterios da ceia.

Considerando eu com alguma attenção os termos tão singulares d'este amoroso evangelho e ponderando a harmonia e correspondencia de todo o seu discurso, tantas vezes e por tão ingenhosos modos deduzido, vim a reparar «no estudo e na diligencia com que nos mysterios da ultima ceia o evangelista vai notando a sciencia de Christo, e Christo faz notar a ignorancia dos homens.»

Sciencia de Christo e ignorancia dos homens.

Sabía Christo (diz S. João) que era chegada a sua hora de passar d'este mundo ao Padre: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Sabía que tinha depositados em sua mão os thesouros da omnipotencia, e que de Deus viera e para Deus tornava: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo exivit et ad Deum vadit.* Sabía que entre os doze que tinha assentados á sua mesa estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.* Atéqui mostrou o evangelista a sabedoria de Christo «nos amorosos mysterios da ultima ceia.» D'aqui a deante continúa Christo a mostrar a ignorancia dos homens «nas apreciação dos mesmos mysterios.» Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés,

declarou-lhe o divino Mestre a sua ignorancia, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis «modo»:* o que eu faço, Pedro, tu não o sabes «agora». Depois de acabado aquelle tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor e voltando-se para os discipulos disse-lhes: *Scitis quid fecerim vobis?* Sabeis por ventura o que acabei agora de vos fazer? Aquella interrogação emphatica tinha força de affirmação; e perguntar *sabeis?* foi dizer que não sabiam. De maneira que na primeira parte do evangelho o evangelista attendeu a mostrar a sabedoria de Christo, e Christo na segunda a mostrar a ignorancia dos homens.

Na mesma sciencia e ignorancia se afinou o amor de Christo.

Mas se o fim e o intento de ambos era o mesmo: se o fim e o intento de Christo e do evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amor; porque razão o evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Christo e Christo em advertir a ignorancia dos homens? A razão que a mim me occorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas supposições em que mais apuradamente se afinou o amor de Christo hoje, foram, da parte de Christo a sua sciencia e da parte dos homens a nossa ignorancia. Para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir altamente das finezas do amor de Christo, como ellas merecem, advirta-se (diz o evangelho) que Christo amou, sabendo «o que fazia em amar aos homens;» e advirta-se (diz Christo) que os homens foram amados, ignorando o que pretendia o meu amor» *Sciens Jesus quia venit hora ejus. Scitis quid fecerim vobis?* Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação d'elle pretendo hoje mostrar «quaes foram as finezas do amor de Christo, supposta a sua sciencia e a nossa ignorancia. Dae-me attenção; porque nunca houve argumento que a merecesse mais.

O amor que ha entre os homens é mais ignorancia que amor.

II. «Digo primeiramente que só Christo amou em amor verdadeiro, porque amou sabendo o que fazia em amar aos homens.» Para intelligencia d'esta amorosa verdade havemos de suppor outra não menos certa; e é que, no mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorancia. Pintavam os antigos ao amor menino; e a razão, dizia eu o anno passado, que era, porque nenhum amor dura tanto que chega a ser velho. «Mas deve-se accrescentar que» o amor se pinta sempre menino, porque ainda que passe dos septe annos, nunca chega a uso de razão. Usar de razão e amar são «vulgarmente» duas cousas que não se ajunctam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com affectos e um intendimento sem uso. Tal é amor vulgar. Tudo conquista amor quando conquista uma alma; porém o primeiro a ren-

der-se» é o intendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que não tivesse o intendimento phrenetico. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo não cegasse o intendimento. Nunca houve infermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendavam os olhos. E como o primeiro effeito, ou a ultima disposição do amor é cegar o intendimento, d'aqui vem que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia; e quantas partes tem de ignorancia tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece, é amante: quem ama porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminúi o delicto, assim no amor diminúi o merecimento. Quem ignorando offendeu, em rigor não é delinquente; quem ignorando amou, em rigor não é amante. E como a sciencia ou ignorancia é a que dá ou tira o ser, e a que diminúi ou accrescenta a perfeição do amor, por isso o evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Christo sabía para provar o que amava: *Sciens quia venit hora ejus... in finem dilexit eos.*

Quatro ignorancias que nos outros amantes diminuem o amor e quatro sciencias que em Christo o augmentaram.

Quatro ignorancias podem concorrer em um amante que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amor: ou porque não se conhece a si, ou porque não conhece a quem ama, ou porque não conhece o amor, ou porque não conhece o fim onde ha de parar amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecera. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas a quem havia de abhorrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de emprehender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar amando, talvez chegaria a padecer os damnos a que não havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorancias que se acham nos homens, em Christo foram sciencias; e em todas e em cada uma crescem os quilates de seu extremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, e conhecia o fim onde havia de parar amando. Tudo notou o evangelista. Conhecia-se a si, porque sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre. *Sciens quia a Deo exivit*: Conhecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens e quão crueis haviam de ser para com elle: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.* Conhecia o amor e bem á custa do seu coração pela larga experiencia do que tinha amado: *Cum dilexisset suos.* Conhecia finalmente o fim em que havia de parar amando, que era de morte e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus.* E que conhecendo-se Christo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor e

Joan. 13.

conhecendo o fim cruel em que havia de parar amando; amasse comtudo? Grande excesso de amor: *In finem dilexit!* Para que conheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamol-o ponderando por partes em cada uma d'estas circumstancias de sciencia.

1.ª Christo conhecia-se a si.

III. Primeiramente foi grande o amor de Christo, porque nos amou conhecendo-se: *Sciens quia a Deo exivit.* Que conhecendo-se Christo a si nos amasse a nós, grande e desusado amor. Em quanto «aquelle celebre troiano,» ignorante de si e da fortuna de seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as historias humanas que era objecto dos seus cuidados uma formosura rustica d'aquelles valles. Mas quando o encoberto principe se conheceu e soube que era filho do rei de Troia; como deixou o cajado e o surrão, trocou tambem de pensamento. Amava humildemente em quanto se teve por humilde: tanto que conheceu quem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorancia de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorancia, acabou tambem o amor. Desamou principe o que tinha amado pastor: porque, como é falta de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah Principe da gloria, que assim parece vos havia de succeder comvosco; mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em duvida se o Senhor se conhecia, ou vivia ignorante de quem era? Pois para que a verdade de nossa fé não perigue nos extremos de seu amor, e para que o mundo não cáia em tal engano, saibam todos (diz o evangelista) que Christo amou e amou tanto, *In finem dilexit;* mas saibam tambem que junctamente conhecia quem era: *Sciens quia a Deo exivit.*

Como é que conhecendo-se nos póde amar? Similhança do c. 1 dos cantares.

Se Christo não se conhecera, não fôra muito que nos amasse: mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos foi desconhecer-se. Disse uma vez «uma» esposa a seu esposo, que o amava muito. E que lhe responderia o esposo? Formosissima de todas as mulheres, desconhecei-vos? *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres.* Notavel resposta! De maneira que quando a esposa affirma ao esposo que o ama, este lhe pergunta se se desconhece. Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse; e que consequencia tem esta vossa resposta? Quando a esposa vos assegura o seu amor, vós duvidais-lhe o seu conhecimento; e quando affirma que vos ama, perguntais-lhe se se desconhece? Sim: porque conforme a alta estimação que o esposo fazia dos merecimentos da esposa, affirmar ella que o amava tanto, era grande razão para du-

Cant. 1.

vidar se se não conhecia. Como se dissera o esposo: Vós dizeis que me amais? Pois eu digo que vos não conheceis: porque se vos conheceis a vós, como é possivel que me ameis a mim? Foi necessario que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura. O amor da minha indignidade vem a parecer ignorancia de vossa grandeza: porque se não deixáreis de vos conhecer, como vos abaterieis a me amar?

Applicada a Christo.

Isto que antigamente disse Salomão á princeza do Egypto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Christo, á vista dos extremos de seu amor: *Si ignoras te.* É isto amor, Deus meu, ou ignorancia? Amais-nos ou desconheceis-vos? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tirais da memoria para vos metter na vontade. Oh que alta e profundamente considerou hoje S. Pedro estes dous extremos, quando com assombro do céu, vos viu deante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi!* Vós a mim? Vós a Pedro? Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos conheceis e a mim amais. E é tão grande vossa sabedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajunctar estas distancias. Mas em amor infinito bem podem caber distancias infinitas. Assim o provam as mãos de Deus «lavando» os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus... coepit lavare pedes discipulorum.*

2.ª Christo nos conhecia tambem a nós. Não nos ama por engano como Jacob amou a Rachel.

IV. A segunda ignorancia que tira o merecimento ao amor é não conhecer quem ama a quem ama. Quantas cousas ha no mundo muito amadas, que, se as conhecera quem as ama, haviam de ser muito abhorrecidas! Graças logo ao engano e não ao amor. Serviu Jacob os primeiros septe annos a Labão, e ao cabo d'elles em vez de lhe darem a Rachel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais enganado amante! Se perguntarmos á imaginação de Jacob por quem servia? responderá que «pela sua» Rachel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão que sabe o que é e o que ha de ser, dirá com toda a certeza que serve por Lia, e assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvellos são por «uma» Rachel amada, e amais e trabalhais e desvellai-vos por «uma» Lia abhorrecida. Se Jacob soubera que servia por Lia, não servira septe annos, nem septe dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão com a mesma! A mesma que na imaginação é Rachel, na realidade é Lia: e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que

se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Christo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Rachel; mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorancia lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e padeceu por todos e por cada um, não como era bem que elles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo sabendo que era inimigo, pelo ingrato sabendo que era ingrato, e pelo traidor sabendo que era traidor: *Sciebat quisnam esset qui traderet eum.*

Em geral os homens não sabem o que amam.

D'este discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada, e é que os homens não amam aquillo que cuidam que amam. Porque? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros: quem ama defeitos cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angelicas, e amais imperfeições humanas. Logo os homens não amam o que cuidam que amam. D'onde tambem se segue que amam o que verdadeiramente não ha; porque amam as cousas não como são, senão como as imaginam; e o que se imagina e não é, não o ha no mundo.

Só o amor de Christo é sabio.

Não assim o amor de Christo, sabio sem engano, *Cum dilexisset suos qui erant in mundo.* Notae o texto e a ultima clausula d'elle, que parece superflua e ociosa: Como amasse os seus que havia no mundo. Os homens amam as cousas como as imaginam; e as cousas como elles as imaginam, havel-as-ha na imaginação; mas no mundo não as ha. Pelo contrario Christo amou os homens como verdadeiramente eram no mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação. Não amou Christo os seus, como vós amais os vossos. Vós amail-os, como são na vossa imaginação e não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos: no mundo são traidores, na vossa imaginação são leaes: no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo cuidando que é amigo, e ao traidor cuidando que é leal, e ao ingrato cuidando que é agradecido, não é fineza, é ignorancia. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem é senão engano. Só o de Christo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza; porque amou os seus como eram e com inteira sciencia do que eram: ao inimigo sabendo o seu odio, ao ingrato sabendo a sua ingratidão e ao traidor sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.*

Maior fineza do amor de Christo a respeito de Judas.

Mas se esta sciencia de Christo era universal em respeito de

todos os discipulos (que eram os seus que havia no mundo), porque nota mais particularmente o evangelista o conhecimento d'esta mesma sciencia em respeito de Judas, advertindo que sabía o Senhor qual era o que o havia de entregar? Tão inteiramente conhecia Christo a Judas como a Pedro e aos demais. Mas notou o evangelista com especialidade a sciencia do Senhor em respeito de Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Os outros discipulos sabía Christo que o amavam e sabía que o haviam de amar até dar a vida por elle. Porque o amavam, tinha o seu amor causa; e porque o haviam de amar, tinha fructo. Pelo contrario Judas nem amava a Christo, porque o vendia; nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até á morte; e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, é amar sem causa e sem fructo, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, cousa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguem amou uma ingratidão sabida, que ahi mesmo não amasse um agradecimento esperado. Só Christo foi tão fino e tão amante, que amou sem correspondencia, porque amou a quem sabia que o não amava, e sem esperança, porque amou a quem sabía que o não havia de amar. Amar com razões de amar, isso fazem todos: mas amar com razões de abhorrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigações e dos aggravos motivos; porque era obrigação do seu amor chegar á maior fineza: *In finem dilexit.*

3.ª Christo conhecia o que é amor.

V. A terceira circumstancia de sciencia que grandemente subiu de poncto o amor de Christo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Christo conhecia todas as cousas com tres sciencias altissimas: com a sciencia divina, como Deus; com a sciencia beata, como bemaventurado; com a sciencia infusa, como cabeça do genero humano e redemptor do mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta sciencia que foi experimental e adquirida; porque, assim como diz S. Paulo, que apprendeu a obedecer, padecendo, assim apprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo que amou, tendo amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Qual amor é mais precioso, o primeiro ou o segundo?

Questão é curiosa n'esta philosophia qual seja mais precioso e de maiores quilates; se o primeiro amor ou o segundo? Ao primeiro ninguem pode negar que é o primogenito do coração, o morgado dos affectos, a flôr do desejo e as primicias da vontade. Comtudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bizonho, o segundo é experimentado: o primeiro é apprendiz, o segundo é mestre: o primeiro pode ser impeto, o segundo não pode ser senão amor. Emfim o segundo

Ps. 103.

occasum suum. O sol conheceu o seu occaso. Poucas palavras, mas difficultosas. O sol é uma creatura irracional e insensivel. Pois se o sol não tem intendimentos, nem sentidos, como diz o propheta que o sol conheceu o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metaphora do sol material, fallou David do Sol divino, Christo, que só é o sol com intendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu occaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do sol fôra verdadeira luz de conhecimento; e o occidente, onde se vai pôr o sol, fôra verdadeira morte; não nos causara grande admiração vêr que o sol, conhecendo o logar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zenith se precipitasse ao occidente? Pois isto foi o que fez aquelle Sol divino: *Sol cognovit occasum suum.* Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu occaso; porque sabía determinadamente a hora em que, chegando aos ultimos horizontes da vida, havia de passar d'este ao outro hemispherio: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo.* E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse, sem fazer pé atraz, tão animoso ao verdadeiro e conhecido occaso, como o mesmo sol material que não morre nem conhece; grande resolução e valentia de amor! Não só conhecer a morte e ir a morrer; mas ir a morrer conhecendo-a, como se a ignorara.

Porque permittiu nosso Senhor que na Paixão lhe cobrissem o rosto?

Luc. 22.

Este é o segredo que encobria aquelle véu, ou aquelle mysterioso eclipse, com que o amor hoje cobriu os olhos a Christo por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum et percutiebant faciem eus.* Que soffresse o Senhor outros tormentos, não me espanto; que a tudo se offerece quem sobre tudo ama. Mas de permittir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia offender a sua paciencia, senão muito mais seu amor. Pois porque permitte o Senhor que lhe cubram e vendem os olhos? Porque esta foi a destreza com que o amor de Christo soube equivocar a sciencia com a ignorancia. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amara com os olhos fechados: que amasse de tal maneira sabendo, como se amara ignorando: *Velaverunt eum.* Conhecia-se Christo a si, e amou como se o não soubera: tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentára: previu o fim a que havia de chegar amando, e amou como se o não previra. E porque amou sabendo, como se amara ignorando, por isso só elle amou e soube amar finamente: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

O amor de Christo se afina mais na ignorancia dos homens.

Temos considerado o amor de Christo pelas adverten- [illegible] S. João. Consideremol-o agora pelas advertencias do [illegible]isto, que, como quem o conhecia melhor, serão as [illegible]deradas e mais profundas. Parece que hoje o maior [illegible]ior amado, Christo e S. João, apostaram em en- [illegible]mos do mesmo amor; e depois que S. João [illegible], advertindo que Christo amára sabendo: [illegible]não é essa a maior circumstancia que sobe [illegible]mor. Se os homens querem saber a fineza [illegible]uei, não a ponderem «sómente» pela minha sa- [illegible]nderem-na «tambem» pela sua ignorancia. Amei [illegible] homens, porque os amei sabendo eu tudo: mas muito [illegible] foi meu amor, porque os amei ignorando elles quanto eu os amava. Por mais que os homens façam discursos e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Christo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem. E que se resolva Christo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor não só a satisfação de pago, mas nem ainda o allivio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Christo; e esta a maior difficuldade por que rompeu a força do seu amor.

Todo o amor deseja ser conhecido.

E senão façamos esta questão: Que é o que mais deseja e mais estima o amor, vêr-se conhecido, ou vêr-se pago? É certo que o amor não póde ser pago sem ser primeiro conhecido: mas pode ser conhecido sem ser pago; e considerando divididos estes dous termos, não ha duvida que mais estima o amor e melhor lhe está vêr-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende é obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha: o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-os: logo muito melhor lhe está ao amor vêr-se conhecido que pago. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o affecto interessado: na satisfação do que communica, não pode ser senão liberal: logo mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que vêr duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro credito de quem ama é a confissão da divida no amado. Mas como ha de confessar a divida, quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento que a paga: porque a sua maior riqueza é ter sempre individado a quem ama. Quando o amor deixa de ser acrédôr só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor que se não possa pagar, é a maior gloria de quem ama: se esta grandeza se conhece, é gloria manifesta; se não se conhece, fica escurecida, e

não é gloria. Logo muito mais estima o amor e muito mais deseja e muito mais lhe convem a gloria de conhecido, que a satisfação de pago. Baste de razões: vamos á Escriptura.

Isto foi o que Abrahão mais desejou no seu sacrificio.

Gen. 22.

A maior façanha do amor humano foi aquella animosa resolução com que o patriarcha Abrahão, antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu proprio filho. Teve Deus mão na espada ao «fiel» e amorissimo servo seu; e o que lhe disse immediatamente foi: *Nunc cognovi quod timeas Deum.* Agora conheço Abrahão que me amas. Isto quer dizer aquelle *timeas* em phrase da Escriptura, e assim o trasladam muitos e interpretam todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* Depois d'isto appareceu alli um cordeiro grande, embaraçado entre umas sarças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrificio: o qual acabado, tornou Deus a fallar a Abrahão e disse-lhe: *Quia fecisti hanc rem benedicam tibi et multiplicado semen tuum sicut stellas coeli:* em premio d'esta acção que fizeste, será tua geração bemdicta, multiplicarei teus descendentes como as estrellas, nascerá de ti o Messias. Este foi historialmente o caso: reparemos agora n'elle. Duas vezes fallou Deus aqui com Abrahão e duas cousas lhe disse: uma logo quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo foi, que conhecia que o amava. O que lhe disse depois foi, que lhe premiaria liberalmente aquella acção. Pois pergunto: Porque diz Deus a Abrahão em primeiro logar que conhecia o seu amor e no segundo que o premiaria? E já que dilatou para depois a promessa do premio, porque não dilatou tambem as certificações do conhecimento? Fallou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro certificou a Abrahão de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar, porque como Abrahão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava vêr o seu amor conhecido que pago. As promessas do premio dilatem-se embora; mas as certificações do conhecimento dêem-se logo e no mesmo instante: porque mais facilmente soffrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as duvidas de conhecido. E que estimando o amor sobre tudo ver-se conhecido; e não conhecendo os homens o amor de Christo (antes sendo impossivel conhecel-o como elle é); vencesse seu amor esta difficuldade e atropellasse este impossivel, e apezar d'elle e de si mesmo amasse? Estupenda resolução de amor!

Isto mesmo desejou a Esposa dos cantares.

Muito custou a Christo amar-nos, muito padeceu amando-nos: porém a mais rigorosa pena, a que o condemnou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que mais lastima a quem ama. Dous desmaios

ou dous accidentes grandes padeceu a Esposa dos cantares, causados ambos de seu amor. Houve-se porém n'estes dous accidentes com differença mui digna de consideração e reparo. No primeiro accidente disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo:* accudi-me com confortativos, trazei-me rosas e flores; porque estou inferma de amor. No segundo diz: *Adjuro vos, filiae Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei quia amore langueo:* pelo que vos mereço, filhas de Jerusalem, que busqueis a meu amado e lhe façais a saber que estou inferma de amor. Notavel differença! Se a Esposa em ambos os casos estava egualmente inferma de amor; porque razão no primeiro accidente pedia remedios e confortativos, e no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de pedir remedios; porque encommenda com tanto encarecimento ás amigas e lhe pede juramento de que o façam a saber a seu Esposo? Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeiro accidente «a Esposa não tinha razão de duvidar que o Esposo conhecesse o seu amor, e no segundo sim. Foi o Esposo uma noite bater á porta da Esposa em quanto estava recolhida: e porque esta lhe respondeu com esquivanças e não lhe abriu logo, o Esposo se retirou e passou a outra parte: *Pessulum ostii mei aperui dilecto meo; at ille declinaverat atque transierat.* Esta era a magua da Esposa: estar inferma de amor e parecer-lhe que o Esposo a julgava desamorada. Por isso» em vez de dizer, no segundo accidente, que accudam com remedios a seu mal; diz que accudam com noticias a seu Amado; porque não lhe doia tanto a sua dor porque ella a padecia, quanto porque «parecia» que elle a ignorava. O mesmo foi em Christo.

Cant. 2.

Ibid. 5.

Ibid.

No psalmo 34 conforme o texto grego «e algumas versões latinas» diz assim o Filho de Deus: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* cairam sobre mim tantos açoites, e ignoravam. Para intelligencia d'este affecto havemos de suppôr que «um dos maiores e mais sentidos tormentos de sua paixão foi» o dos açoites. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discipulos o que havia de padecer: *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur; et postquam flagellaverint, occident.* Em todos os outros tormentos e na mesma morte fallou só uma vez: porém o tormento dos açoites repetiu-o duas vezes; porque o que mais sente o coração, naturalmente sái mais vezes á bocca. Diz pois o Senhor: Cairam sobre mim tantos açoites, e ignoravam: *congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt.* Affligido Jesus, que termos de fallar são estes? Se foram os açoites o tormento de vós mais sentido, parece que havieis de dizer: Cairam sobre

Queixa de Christo no psalmo 34 relativa a esta ignorancia.

Vide Calmet.

mim os açoites: oh como os senti! oh como me atormentaram! Mas em vez de dizer que os sentiu, queixa-se o Senhor de que os ignoravam: porque no meio dos maiores excessos de seu amor o que mais atormentava o coração de Christo não era o que elle padecia, senão o que os homens ignoravam: *Et ignoraverunt*. Não se queixa dos açoites e queixa-se da ignorancia, porque os açoites affrontavam a pessoa, a ignorancia desacreditava o amor. E quem ama com tanto extremo que quiz comprar os creditos de seu amor á custa das affrontas de sua pessoa, que visse emfim a pessoa affrontada e o amor não conhecido, oh que insoffrivel dôr! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Christo a fineza de seu amor não «sómente» pela circumstancia da sua sciencia, senão «tambem» pela da nossa ignorancia: *Quod ego facio, tu nescis «modo. Scitis quid fecerim vobis?»*

Comtudo toma na cruz as nossas ignorancias por desculpa da nossa ingratidão.

VIII. Mas sendo assim que as ignorancias dos homens eram por uma parte o maior sentimento e por outra o maior credito do amor de Christo, usou o mesmo amor tão finamente d'ellas que tomou estas mesmas ignorancias por «desculpa da nossa ingratidão.» Subindo Christo á cruz, isto é, ao throno de seu amor, no mais publico theatro d'elle, que foi o calvario, a primeira palavra que fallou foi esta: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Eterno Pae, perdoae aos homens, porque não sabem o que fazem. Porque não sabem o que fazem, Perdoador amoroso? E sabe o vosso amor o que vos obriga «a parecer» n'esta razão que allegais? Se a nossa ignorancia «desculpa a nossa ingratidão,» tambem vos faz «parecer» menos amante; porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas settas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afina. Como formais logo desculpas a nossas ingratidões, d'onde podieis crescer motivos a vossas finezas? Cuidei que tinha dicto a maior de todas: mas esta foi a maior. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amor para dissimular e descobrir os defeitos do nosso; e quiz parecer menos amante, só para que nós parecessemos menos ingratos. Mas por isso mesmo veio a não ser assim; e onde arriscou o amor de Christo a sua opinião, d'ali saiu com ella mais acreditada; porque não póde chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amor.

Luc. 23.

E tambem no presepio.

«Outro» exemplo d'este primor «tão inaudito.» Nasceu Christo em um presepio; e diz por bocca do evangelista que nasceu alli, porque não havia logar na cidade: *Quia non erat ei locus in diversorio.* Evangelista sagrado, não digais tal cousa: seria

Ibid. 2.

essa a occasião; mas não foi essa a causa. Nasceu Christo em um presepio, porque foi tão amante dos homens, que logo quiz padecer por elles aquelle desamparo; e nasceu fóra da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quizeram dar abrigo dentro em Belem. Pois se o amor de Christo e a ingratidão dos homens foram a causa; porque se cala o merecimento de Christo, e a culpa que era dos homens se attribúi á occasião e ao tempo: *Quia non erat ei locus in diversorio?* O certo é que mais amante se mostrou Christo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua, quiz que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quiz que parecesse contingencia; para que na contingencia ficasse dissimulada a ingratidão e na necessidade o amor. Assim amou no principio da vida e assim acabou no fim d'ella. Quiz parecer menos amante, para que os homens parecessem menos ingratos.

A sciencia de Christo e a nossa ignorancia nos devem mover a amal-o cada vez mais.

IX. Este foi, christãos, o amor de Christo, esta a sciencia com que nos amou e a ignorancia sobre que somos amados. Tragamos sempre deante dos olhos «este mysterio»: tenhamos sempre na memoria (que o mesmo Senhor tanto nos recommendou n'este dia) a sua sciencia e a nossa ignorancia. Sirva-nos a sua sciencia de espertador para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa ignorancia de estimulo para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jámais o poderemos alcançar nem conhecer? Oh que confusão tão grande será a nossa se bem considerarmos a força e a correspondencia d'esta «sua sciencia e d'esta nossa ignorancia!» Quando Christo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu elle attonito da pergunta: Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo: *Domine, tu scis quia amo te.* Comparae agora este *tu scis* de Pedro, dicto a Christo, com o *tu nescis* de Christo, dicto a Pedro. Quando Christo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Christo: *Tu nescis.* Mas quando Pedro ama a Christo, sabe Christo quanto o ama Pedro: *Tu scis.* Oh que desproporção tão notavel de amor e de sciencia! O amor de Pedro, sabido; o amor de Christo, ignorado. Se Christo não conhecera o amor dos homens, tivera o nosso amor essa «desculpa» nas suas tibiezas, e se os homens conheceram o amor de Christo tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Christo tão excessivo, não o conheçam os homens?! E que sendo o amor dos homens tão imperfeito, o conheça Christo?! Mui desegual a sorte é de ambos.

Joan. 21.

Conclusão. Acto de caridade.

O remedio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocassemos os corações. Se vós nos amasseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento; e se nós vos amassemos com o vosso, amar-vos-hiamos quanto mereceis. Mas já que isto não póde ser, vós, que só vos conheceis, vos amae; vós, que só conheceis vosso amor, o pagae; e seja unica gloria vossa e sua, saber-se que só de vós póde ser pago e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e prostrados aos pés de vosso amor lhe offerecemos uma eterna corôa tecida «de confissões das nossas ignorancias e da nossa ingratidão, com louvores da vossa sciencia e das vossas finezas.» *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

(Ed. ant. tom. 2.º pag. 371, ed. mod. tom. 6.º, pag. 139).

III. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO NA MISERICORDIA DE LISBOA ÁS 11 DA MANHÃ

Concorrendo no mesmo dia o da Incarnação. Anno de 1655

Observação do compilador.—Vê-se em todos estes sermões do Mandato que o orador, seguindo o estylo dos sermões de festa, insiste mais na consideração do mysterio que na sua applicação; e abunda mais de pensamentos delicados, ingenhosos e por vezes poéticos, que de reflexões practicas. A razão é porque os mysterios que declara, fallam bastante ao coração dos ouvintes, para que por si mesmos com a uncção do Espirito Sancto tirem as conclusões de que precisam.

Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit; cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.

S. Joan. 13.

O dia da Incarnação e o da Instituição do SS. Sacramento.

Grande dia! Grande amor! Depois que o Eterno se fez temporal tambem o amor divino tem dias. O evangelista João querendo-nos declarar a grandeza e grandezas do mesmo amor n'este dia, a primeira cousa que ponderou, com tão alto juizo como o seu, foi ser um dia antes «da Paschoa»: *Ante diem festum Paschae*. Tanto póde accrescentar quilates ao amor a reflexão ou circumstancias dos dias! E que farei eu? Dous dias hei de combinar tambem hoje, e não livremente ou por eleição propria e minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias. Assim como depois de longo circulo de annos se encontram e ajunctam dous planetas a fazer uma conjuncção magna, assim no anno presente concorrem e se ajunctam hoje no mesmo dia os dous maiores mysterios e os dous maiores dias, o dia da Incarnação do Verbo e o dia da partida do mesmo Verbo incarnado. O dia da Incarnação do Verbo: *Sciens quia a Deo exivit*, que foi o principio do seu amor para com os homens, *Cum dilexisset suos;* e a partida do mesmo Verbo incarnado, *Et ad Deum vadit*, que foi o fim «e o remate» do mesmo amor, *In fi-*

nem dilexit eos. «Tão breve, sublime e elegantemente soube o sagrado evangelista resumir no texto citado o amor de um e outro dia.»

O psalmo 18 interpretado por Sancto Agostinho (*Serm. 20 de Nat.*)

O real propheta David, antevendo em espirito estes dous dias, diz que o dia de hoje falla com o dia da Incarnação e o dia da Incarnação com o dia de hoje, e que ambos se intendem entre si e se respondem um ao outro: *Dies diei eructat Verbum.* Assim explica este famoso texto Sancto Agostinho. E se perguntarmos que é o que fallam estes dias, que devem de ser cousas muito dignas de se ouvir e saber, responde o mesmo David, que as noites dos mesmos dias nos dirão e declararão o que elles fallam: *Dies diei eructat Verbum; et nox nocti indicat scientiam.* Pois as noites hão de declarar o que dizem os dias? Sim: porque os mysterios do dia de hoje e do dia da Incarnação ambos se celebraram nas noites dos mesmos dias. Tanto silencio e reverencia era devido á majestade de tão divinos mysterios! Os do dia da Incarnação de noite: *Cum quietum silentium contineret omnia et nox in suo cursu medium iter haberet, «omnipotens sermo tuus de coelo a regalibus sedibus prosilivit»;* e os do dia de hoje tambem de noite: «*Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit, surgit a coena... et coepit lavare pedes discipulorum.*» As luzes a que se ha de vêr toda esta famosa representação são as da fé: os logares um cenaculo grande em Jerusalem e uma casa humilde, mas real, em Nazareth. E a questão ou problema qual será? Se foi maior «a manifestação do» amor de Christo no dia da Incarnação, ou no dia de hoje.

Sap. 18.

Qual dos mysterios foi maior demonstração de amor.

Posto pois um dia defronte do outro dia e um mysterio á vista de outro mysterio, e «uma manifestação» de amor competindo com outra «manifestação», é certo, que nunca o amor divino se viu em mais glorioso theatro; pois sái a competir comsigo mesmo. Nas outras comparações do amor divino com o amor dos homens, ou seja com o amor dos irmãos, ou com o amor dos paes, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos amigos, ainda que saia vencedor o amor de Christo, sempre fica aggravado na victoria, porque entra affrontado na competencia. Só hoje se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor egual, e se venceu a si mesmo. Quando o seu amor se compara com outro amor «é gigante que compete com pygmeu»; mas quando se compara o amor de Christo com o amor do mesmo Cristo, como fazemos hoje, é competir gigante com gigante. Assim o disse ou cantou o mesmo David: *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* Entrou «o amor de» Christo na estacada como gigante; e que fez? Justou comsigo mesmo. A primeira carreira foi do céu para a terra: *A summo*

Ps. 18.

coelo egressio eius: a segunda carreira foi da terra para o céu: *Et occursus eius usque ad summum eius:* e n'este encontro se cerrou a justa e se quebraram as lanças. É o mesmo que diz o nosso evangelho. A primeira carreira foi no dia da Incarnação, quando Verbo saiu do Padre, *A Deo exivit*: a segunda carreira foi no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre, *Et ad Deum vadit*: na primeira carreira, «manifestação» de amor, *Cum dilexisset suos:* na segunda, «outra e final manifestação de amor», *In finem dilexit eos*. «Estas duas manifestações havemos de considerar e comparar hoje». Assistir-nos-ha com a graça quem foi presente em um e outro dia, e quem teve a maior parte em um e outro mysterio, que foi a Mãe do mesmo amor: *Mater pulchrae dilectionis*. Mas como invocaremos seu favor e patrocinio? Com as mesmas palavras com que tambem hoje a invocou o anjo: *Ave gratia plena*.

Eccl. 24.

Como é que Deus ama a uns mais a outros menos.

II. *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Fallou S. João como divino theologo, e não só como quem tecia a historia, mas como quem compunha o panegyrico do amor de Christo. Quanto á substancia do amor, Christo Senhor nosso tanto nos amou no dia da incarnação, como no dia de hoje, e em todos os da sua vida; porque o seu amor é amor perfeito e não fôra seu, se assim não fôra. O amor dos homens ou mingúa, ou cresce, ou pára: o de Christo não pode minguar, nem crescer, nem parar; porque é, foi e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo e sem alteração nem mudança. Ama Christo em quanto homem, como ama em quanto Deus. Perguntam os theologos, como amou Deus a uns mais e a outros menos, se o seu amor (o qual senão distingue da sua essencia) é sempre um só e o mesmo, infinito, simplicissimo, inmutavel? E respondem que a differença ou desegualdade não está no amor, senão nos effeitos, porque a uns sujeitos faz Deus maiores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que teem: Deus ama-os pelo bem que lhes faz. E assim como julgamos a maioria do amor de Deus pelos effeitos, assim havemos de julgar tambem a do amor de Christo. Este é o fundamento solido e certo sobre que excitamos a nossa questão, e estes os termos de egual certeza com que a havemos de resolver. Nem d'aqui deve inferir ou cuidar a rudeza do nosso intendimento, que seria menos affectuoso, ou menos amoroso este modo de amar de Christo; porque assim como em Deus o fazer o bem se chama amor effectivo, e o querel-o fazer amor affectivo; assim no amor de Christo os affectos fôram a causa dos effeitos que veremos, e os effeitos a demonstração dos affectos. Vindo pois aos effeitos e demons-

trações de um e outro amor no dia de hoje e no dia da Incarnação, parece que assim no numero como no modo os esteve medindo e proporcionando o mesmo amor, que n'elles se quiz egualar e vencer.

Lavar os pés e deixar-se no Sanctissimo Sacramento foram maiores provas de amor que incarnar.

O concilio Nisseno no symbolo da fé, ponderando o amor de Christo na Incarnação, reduz os effeitos d'elle a dous extremos: descer do cêu e fazer-se homem: *Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelo; et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine; et homo factus est*. Isto diz o Espirito Sancto no concilio fallando do dia da Incarnação. E fallando do dia de hoje, que è o que diz e pondera o mesmo Espirito Sancto no evangelho? Outros dous effeitos e outros dous extremos: lavar os pés aos homens e deixar-se no Sanctissimo Sacramento. *Surgit a coena... et caepit levare pedes discipulorum*. Suppostos de uma e outra parte este par de extremos, uns e outros não só admiraveis, mas estupendos, comparando-se «as manifestações do» amor de Christo e competindo-se n'ellas o mesmo amor, que diremos ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor digo e affirmo, que maiores foram «as manifestações» do dia de hoje, que as do dia da Incarnação. E porque? Perque se no dia da Incarnação foi grande extremo do amor descer Deus do céu á terra: muito maior extremo foi no dia de hoje lavar Christo os pés aos homens; e se fez grande extremo de amor no dia da Incarnação fazer-se Deus homem; muito maior extremo foi no dia de hoje deixar Christo seu Corpo no Sacramento para que o comessem os homens. Estes serão os dous ponctos do nosso discurso, em que elle descubrirá muito mais do que apparece no que está dicto.

Como a escada de Jacob é figura da Incarnação.
Vide Corn. a lap. in Gen. 28.

III. Tão grande e tão prodigiosa cousa foi descer Deus em pessoa do cêu á terra, que visto de muito longe este mysterio não só causava admiração e espanto ao intendimento, mas horror e assombro á mesma fé. Via Jacob em sonhos aquella famosa escada que chegava da terra até o cêu, pela qual subiam e desciam anjos, encostado e inclinado Deus no alto d'ella; e assombrado do que via, accordou com grito dizendo: *Terribiest locus iste*: ó que terrivel, ó que temeroso logar! «Mas porque» Jacob accordou com tanto terror e tão notavel assombro? Porque Deus lhe revelou que n'aquella escada era significado o mysterio altissimo da Incarnação do Verbo, e que para elle Jacob e os outros homens poderem subir ao cêu, Elle Deus havia de descer do cêu á terra. «Foram as palavras que Deus lhe disse no mesmo sonho: *Et benedicentur in te et in semine tuo omnes tribus terrae*.» E vendo Jacob que a majestade suprema de Deus deixando do modo, que o podia deixar o throno do

empyreo, havia de descer em pessoa do céu á terra, a revelação d'esta estupenda novidade que nunca entrou na imaginação humana, lhe causou tal horror e assombro, que accordou tremendo e gritando: *Terribilis est locus iste!* «Que a majestade infinita de» Deus houvesse de descer e abater-se tanto «que tomasse não já» a natureza angelica senão a humana; isto era o que assombrava a Jacob e lhe parecia cousa terrivel.

Como é que o homem foi feito pouco menor que os anjos. *Ps. 8.*

Lá disse David que Deus tinha feito ao homem pouco menor que os anjos: *Minuisti eum paulo minus ab angelis.* Mas isto se intende «mais» no dominio «que» na natureza: porque deu Deus a Adão o senhorio e imperio de todos os animaes da terra, do mar e do ar, como logo declara o mesmo propheta: *Omnia subjecisti sub pedibus eius; oves et boves insuper et pecora campi, volucres caeli et pisces maris.* De maneira que no dominio e uso de todas as cousas creadas para serviço seu nos tres elementos, é o homem pouco menor que os anjos: porem no ser e nobreza natural, não só quanto á parte de barro, em que aparentamos com os brutos, senão ainda quanto a parte espiritual da alma e suas potencias em que imitamos a natureza angelica, não é o homem pouco menor, senão muito menor e muito inferior a qualquer anjo; e tanto mais, quanto fôr de mais superior jerarchia. A escada de Jacob tinha nove ordens de degráus que são as nove ordens de creaturas racionaes, que ha entre Deus e o homem, as quaes por outro nome chamamos nove coros dos anjos: e todos estes degráus desceu Deus, e os deixou e passou por elles para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abaixo de todos.

Jerarchias angelicas. *Hebr. 2.*

É o que ponderou S. Paulo n'aquellas palavras: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit.* Porque diz S. Paulo que não tomou Deus a natureza angelica em nenhuma parte, *nusquam?* Porque tinha Deus nove partes em que a tomar: tres na primeira jerarchia, tres na segunda e tres na terceira. E essa foi a maravilha do mysterio da Incarnação, que por tomar Deus a natureza humana deixasse em tantas partes a angelica. Na primeira jerarchia deixou seraphins, cherubins, thronos: na segunda deixou potestades, principados, dominações: na terceira deixou virtudes, archanjos, anjos: e no homem, que era no decimo, ultimo e infimo logar, onde jazia Jacob, alli tomou a nossa natureza caída, para a levantar, e inferma, para lhe dar saude, que foi o fim para que tanto se abateu e desceu: *Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelo.*

Como se abateu o Salvador lavando os pés aos seus discipulos.

IV. Isto é o que n'este dia se obrou em Nazareth. Mudemos agora a scena, e ponhamo-nos no cenaculo de Jerusalem; e ve-

remos com quanta maior razão se pode dizer d'aquelle logar: *Terribilis est locus iste.* Despe-se Christo das roupas exteriores; cinge-se com uma toalha, deita agua em uma bacia, com suas proprias mãos. Intende-se d'estas acções que quer lavar os pés aos discipulos. E qual foi com esta vista o assombro, o pasmo, o horror com que as mesmas paredes do cenaculo parece que tremiam? Não estava aqui Jacob, mas estava Pedro; o qual mais fóra de si que no Thabôr, exclamou dizendo: *Domine tu mihi lavas pedos?* Vós Senhor a mim lavar os pés? Eternamente não consentirei tal cousa: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Já n'este primeiro movimento se vê quanto vai de dia a dia, e de mysterio a mysterio. Comparae-me a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que viu a escada e que Deus havia de descer por ella, desejava summamente que descesse; e em quanto tardava a vir lhe parecia uma eternidade: *Donec veniret desiderium collium aeternorum.* Pelo contrario Pedro, vendo que Christo lhe quer lavar os pés, não soffre nem consente em tal acção; antes diz resolutamente que a não consentirá por toda a eternidade: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Se isto era amor e reverencia de Christo em Pedro, tambem Jacob o reverenciava e amava muito. Pois se Jacob deseja que Deus desça e se abata a se fazer homem, porque não consente Pedro que se abata a lhe lavar os pés? Por isso mesmo. Porque tanto vái de um abatimento a outro abatimento. Incarnar Deus, era fazer-se homem: lavar os pés, era fazer-se servo dos homens: incarnar era vestir-se da nossa humanidade: fazer-se servo dos homens era despir-se da mesma «independencia e dignidade humana.»

Gen. 11.

E como n'este acto se anniquilou.

Phil. 2.

É passo muitas vezes ouvido, mas que terá que explicar até o fim do mundo: *Qui cum in forma Dei esset, semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno egual ao Padre em tudo, se fez e se desfez: se fez, porque sendo Deus se fez homem; e se desfez, porque, sendo Deus e homem, se fez servo; e fazendo-se servo, se desfez e anniquilou a si mesmo: *Exinanivit semet ipsum formam servi accipiens.* Agora pergunto: Quando se fez Deus homem e quando se fez servo? Fez-se homem na Incarnação e fez-se servo «principalmente» no lavatorio dos pés. Expressa e exquisitamente, Dionysio Alexandrino: *Jesus Christus Dominus et Deus apostolorum cum accepisset formam servi, surgit a coena et ponit vestimenta sua et lineo praecinxit se: haec est forma servi.* A baixeza de servo não é obra ou injuria da natureza, senão da fortuna. A natureza a todos os homens fez eguaes; a fortuna é que fez os altos, os baixos, e os baixissimos, quaes são os servos. E esta foi a firmeza do amor de Christo hoje sobre a do dia e

obra da Incarnação. Quando se fez homem tomou as condições da natureza; quando se fez servo e lavou os pés aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foi fazer-se e isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum formam servi accipiens*. No dia e acto da Incarnação, fazendo-se Deus homem, Deus vestiu-se da humanidade; por que a unia a si e se cobriu com ella: e a humanidade que era um vaso de barro, pequeno e estreito, ficou cheio de Deus, porque o encheu com toda a immensidade de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*. E sendo isto o que se fez no dia da Incarnação, tudo isto (quanto á vista dos olhos humanos) se desfez no dia e no acto de hoje. Porque lançando-se Christo aos pés dos homens e taes homens, e fazendo-se servo seu e servo em ministerio tão vil e tão abatido, parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido; e que a mesma humanidade que estava cheia de Deus, ficara totalmente vazia «de sua natural dignidade.» *Exinanivit semetipsum formam servi accipiens*. É o que tambem advertiu e ponderou o nosso evangelista na prefação com que entrou a narrar este mesmo acto. Por isso disse que quando o Senhor começou a lavar os pés dos discipulos sabía que era Deus, e que nas mesmas mãos com que lhes lavava os pés tinha o poder de tudo: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit, et quia omnia dedit ei Pater in manus, caepit lavare pedes discipulorum*. Crendo pois S. Pedro firmissimamente esta verdade (que por isso disse: *Domine tu mihi?*) que muito é que, sendo aquelle grande piloto, que nunca perdeu o tino nas maiores tempestades, e se atreveu a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar, agora areasse e não podesse tomar pé na profundidade immensa de tão tremendo mysterio?

Este mysterio de humiliação só o intenderemos no céu. É o que Christo disse a S. Pedro.

V. Socegou Christo o assombro e resistencia de S. Pedro: mas como? *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea*. Pedro, o que eu agora faço, tu não o sabes, nem o intendes; mas sabel-o-has depois. Depois, Senhor? E quando? Quando vires no céu revestido de sua propria majestade o mesmo que agora vês meio despido e cingido com este panno servil. N'este sentido intendeu o *Sciens autem postea* Sancto Agostinho, S. Chrysostomo, Beda, Ruperto, Theophylacto, Euthimio; e com razão. Assim como as similhanças se não podem conhecer se não de perto, assim as distancias se não podem medir senão de longe. Que importa que digas: *Tu mihi*, se de ti conheces pouco e de mim nada? Quando vires o tudo que sou; então intenderás o muito que faço. Se fallas pelo que vistes no Thabôr, este é o excesso que se havia de cumprir em Jerusalem, de que Moy-

sés e Elias, mais assombrados do que tu, fallavam. Agora deixa-te lavar, sob pena de me não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo e não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo: scies autem postea.*

Com mais facilidade intendeu Pedro o mysterio da Incarnação que o do lavatorio.

Matth. 16.

Assim disse com graves e temerosas palavras o Senhor; e se dissera o mesmo a outro apostolo, não me admirara tanto: mas a S. Pedro? Isto é o que faz pasmar: e muito mais na memoria e concurso dos dous dias em que estamos. Perguntou Christo n'outra occasião aos discipulos que tambem estavam junctos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis.* Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Os outros referiram varios dictos; porem S. Pedro respondeu: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* Vós, Senhor, sois Christo Filho de Deus vivo. Ajunctae agora esta resposta de S. Pedro com a pergunta de Christo, e vereis como o Principe dos apostolos em tão poucas palavras comprehendeu todo o mysterio da Incarnação. No *Filium* e no *Filius* comprehendeu as duas gerações, uma eterna e outra temporal: no *Hominis* e no *Dei vivi* comprehendeu as duas naturezas divina e humana: e no *Tu es* comprehendeu a união hypostatica com que uma indissoluvelmente se unia á outra. Pois se Pedro antes d'este dia estando na terra foi capaz de intender e saber tão perfeitamente o mysterio da Incarnação: como agora com muito mais tempo e estudo da eschola de Christo, não estava ainda com sufficiente capacidade para intender e penetrar o mysterio do lavatorio dos pés: *Quod ego facis tu nescis?* E se pela confissão do mesmo mysterio da Incarnação se deram ao mesmo Pedro as chaves do céu, como se lhe reserva para o céu a sciencia do que estava vendo e admirando: *Scies autem postea?* Aqui vereis quanta maior profundidade de mysterios e de amor se encerra na acção tremenda de Christo se prostrar aos pés dos homens, do que no mysterio altissimo de Deus se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do céu pôde-a alcançar Pedro na terra; a profundidade d'este segundo não a pôde sondar «senão no céu». A alteza do mysterio da Incarnação revelou-a a Pedro o Padre que está no céu: *Caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus qui in coelis est;* mas a profundidade do lavatorio dos pés não a revelará ao mesmo Pedro o Filho, se não quando o Filho e Pedro, ambos estiverem no céu: *Scies autem postea.* E quando Christo «não revela» a Pedro o mysterio d'este lavatorio e Pedro o não sabe intender, quem saberá fallar «d'elle»?

Como é que Deus póde ser humilde e como se humilhou no lavatorio.

Á vista com tudo da sua ignorancia me atreverei a dizer as minhas, mas no concurso e comparação sómente de um dia para outro. O que todos encarecem no dia da Incarnação é humi-

lhar-se Deus a se fazer humem: mas é certo que esta «humildade, como pode dar-se em Deus, foi maior no lavatorio dos pés que na Incarnação. Propriamente fallando» Deus não é humilde, nem pode ser humilde. Humildade essencialmente é o conhecimento da propria dependencia, da propria imperfeição e da propria miseria; e sendo Deus summa independencia, summa perfeição e summa felicidade; nem é, nem pode ser humilde. Como dizem logo todos os sanctos que Deus se humilhou n'este grande acto? Porque «se poz em um estado de» humiliação. «O Filho de Deus antes da Incarnação por nenhum modo podia ser humilde; porque o seu estado era só de gloria.» Porém no primeiro instante da Incarnação ou no segundo depois de incarnado (como querem outros theologos) então começou tambem a ser humilde e summamente humilde, como hoje se mostrou mais que nunca «porque descido a tanta humiliação.» Um abysmo chamou outro abysmo. No abysmo da Incarnação do Verbo, fazendo-se Deus homem se abysmou e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana, que desappareceu totalmente; e por isso estando dentro n'ella, não apparecia. No abysmo do lavatorio dos pés, tendo-se Christo sumido na Incarnação em quanto Deus, lançado depois aos pés dos homens, tambem se sumiu alli em quanto homem: «começando-se a verificar o que o mesmo Christo dissera de si por bocca do propheta:» *Ego autem sum vermis et non homo, opprobrium hominum et abjectio plebis:* eu sou um bichinho da terra e não sou homem; porque sou o opprobrio dos homens e o abjecto da plebe. E quem é esta plebe, e quem é este abjecto? A plebe eram os apostolos, por natureza, por geração e por officio, plebe, porque eram uns pobres pescadores; e o abjecto d'esta plebe era Christo, posto a seus pés e lavando-lh'os, porque não pode haver acto mais abjecto e vil, e mais inferior á mesma plebe, que ajoelhar-se deante d'ella e lavar-lhe os pés. A agua era sómente a de uma bacia; mas o abysmo da acção era tão profundo, e de tal sorte n'elle se abysmou e sumiu Christo, ainda em quanto homem, que já não apparecia signal do que era, senão uma negação do que tinha sido: *Ego autem sum vermis et non homo.*

Ps. 21.

E se assim se sumiu Christo lavando os pés a Pedro e aos outros discipulos; que direi eu, ou que posso imaginar quando o acho prostrado aos pés de Judas? Aqui se somem tambem até os intendimentos dos seraphins, e emmudecem de pasmo as linguas dos anjos. Se Pedro, Senhor, vos disse assombrado: *Tu mihi,* Vós a mim? Com quanto maior assombro vos podemos nós dizer: *Tu Judae*: Vós a Judas? A Judas aquelle traidor endemoninhado, de quem diz João: *Cum diabolus jam missis-*

Principalmente aos pés de Judas.

Joan. 13.
Matth. 26.

set in cor ut traderet eum Judas? A Judas aquelle prescito infernal e maior de todos os prescitos, do qual vós mesmo dissestes: *Bonum erat ei si, natus non fuisset homo ille?* Não quero outra ponderação que estas vossas mesmas palavras. Diz Christo que em Judas era melhor o não ser, que o ser; e não se podera mais encarecer, nem a infima miseria de Judas, nem o infimo abatimento de Christo posto a seus pés. Eu bem sei as subtilezas com que a philosophia disputa se em Judas ou em qualquer outro condemnado fôra melhor o não ser que o ser: mas onde temos uma conclusão absoluta de Christo, não valem nada as argucias dos philosophos. Salomão faz tres classes de homens; os vivos, os mortos, e os que não nasceram; e só na consideração dos males temporaes d'esta vida antepõi os mortos aos vivos e os que não nasceram, a uns e outros. Que diria se fizera a comparação com os males eternos que esperavam a Judas e com o peccado em que estava obstinado, que é o maior mal de todos os males? Por todas as razões era melhor em Judas o não ser, que o ser. E que se puzesse Christo aos pés de um homem, cujo ser era peior que o não ser?

É assim que nos manifesta o seu amor.

«Oh mysterio de humiliação e de humildade! Oh prodigio de amor e de dignação! Em fim foi esta a victoria mais assignalada do amor de Christo no dia de hoje. Na competencia de um dia com outro dia e de uma manifestação de amor com outra manifestação, temos largamente provado a vantagem que o de dia de hoje leva ao dia da Incarnação; porque, quanto maior extremo de humiliação foi lavar Christo os pés aos homens e até a Judas, que fazer-se homem, tanto mais campeou o seu amor: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit, cum dilexissit suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* E todavia esta manifestação tão extremada foi só preparação para outra.»

O mysterio da Eucharistia e o da Incarnação.

VI. Tarde chego, sacramentado Senhor, á comparação d'esse sacrosancto e divinissimo mysterio com o mysterio da vossa Incarnação tambem divinissima, mas esse throno de majestade em que vos vemos e adoramos nos está publicando os triumphos do vosso amor, n'este dia, em que por ser o ultimo de vossa visivel presença vos deixastes comnosco. Seja esta a primeira prova.

O parto virginal de Maria no cap. 7 de Isaias.

Prophetizando Isaias o mysterio da Incarnação do Verbo com palavras mais expressas e circumstancias mais singulares que todos os outros prophetas, disse que uma Virgem conceberia e «daria á luz» um Filho, o qual se chamaria Emmanuel: *Ecce Virgo concipiet et pariet Filium; et vocabitur nomen eius Emmanuel.* Emmanuel quer dizer: Deus comnosco, *Nobiscum Deus;* e

isto é o que annunciou e prometteu Isaias n'esta famosa prophecia; dando por nova aos homens, tão admiravel como certa, que aquelle mesmo Deus, cuja majestade se conservou sempre tão retirada e longe de nós, sem jámais se abalar nem sair do céu, agora se havia de humanar tanto que se fizesse homem e descesse á terra para n'ella morar e estar comnosco. Tudo contava e cantava David por grande maravilha, que estando Deus tão alto se dignasse de olhar cá para baixo e pôr os olhos na terra: *Quis sicut Dominus Deus noster qui in altis habitat et humilia respicit in coelo et in terra.* Porem como o amor não se contenta de longes e soffre mal ausencias, pôde tanto o amor dos homens com Deus, que o trouxe do céu á terra e o fez homem.

Ps. 112.

Se Deus havia de incarnar no caso em que Adão não peccasse. O amor dos homens fim da Incarnação.

É celeberrima questão entre os theologos, no caso em que Adão não peccasse, se havia de incarnar Deus? Sancto Thomaz e a sua eschola, dizem que não. Escoto e a sua affirma que sim. Distingo e concordo ambas as opiniões. Porque Adão peccou, incarnou Deus em carne passivel; porque era mais proporcionado á culpa, e mais conveniente á satisfação o padecer e morrer. Porém se Adão não peccára, havia de incarnar comtudo Deus, mas em carne impassivel; porque onde não havia culpa, não era necessaria a pena; e fazia-se homem no tal caso, não para satisfacção do nosso peccado, senão para satisfacção do seu amor. Não é esta distincção minha, senão do mesmo concilio Niceno: *Qui propter nos homines et propter nostram salutem incarnatus est.* Incarnou Deus por amor de nós e por amor de nossa saude. Onde se vê claramente que o mysterio da Incarnação teve dous motivos distinctos: um motivo o remedio, e outro motivo o amor; mas o amor primeiro que o remedio. De sorte que se o remedio não fôra necessario, que pelo motivo só do amor dos homens, havia de incarnar Deus, porque esse foi o primeiro motivo e o primario: *Qui propter nos homines.* Ieis visitar um amigo, soubestes no caminho que estava ferido, e visitastel-o como amigo e como ferido; mas com tal presupposto que, se não estivera ferido, só por amigo o havieis de visitar, que este foi o vosso primeiro intento. O mesmo succedeu no mysterio da Incarnação, ao qual Zacharias chamou visita de Deus: *Visitavit nos oriens ex alto.* O primeiro decreto de Deus se fazer homem antes da previsão do peccado foi unicamente o amor dos homens e para morar e estar com elles, como já então dizia: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Aconteceu depois o peccado de Adão, e a ferida mortal do genero humano; com que ao motivo do amor se ajunctou o motivo do remedio; e Deus que só nos havia de visitar por amigos, nos vi-

Luc. 1.

Prov. 8.

sitou tambem por feridos: *Propter nos homines et propter nostram solutem*. E assim como ao outro amigo na visita que só fazia por amor e por gosto, lhe accresceu a dôr e a pena, assim Deus que havia de vir homem impassivel, veio passivel. Em summa, que o intento e fim da Incarnação, como dizia, não foi tanto para Deus nos remir e salvar, que foi o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor e estar comnosco, que foi o primeiro; e por isso Isaias, que com tanta expressão de circumstancias revelou os arcanos da Incarnação do Verbo, podendo dizer que o Filho que havia de nascer da Virgem, se chamaria Jesus, não disse senão que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deus comnosco; porque o principal motivo de Deus se fazer homem, não foi tanto o remedio de salvar os homens, quanto o desejo de estar com elles: *Nobiscum Deus*. Este foi o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de poncto, com que o amor divino no dia da Incarnação e logo em seu principio, mostrou o fim com que trouxera a Deus á terra. Fim, desde o primeiro decreto e da sua propria origem, pura e sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento ou outro affecto; porque o remir foi amar com misericordia: o estar comnosco puro amor.

Comtudo este amor se manifesta mais no Sacramento da Eucharistia.

Mas que direi no dia de hoje, incarnado e sacramentado Deus? Por mais que vosso divino amor no dia da Incarnação se mostrasse tão fina e tão puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle póde negar que no dia de hoje foi amoroso sobre amoroso e amor sobre amor: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*. Porque se n'aquelle dia incarnastas para estar comnosco; n'este dia vos sacramentastes não só para estar comnosco, senão tambem para estar em nós: comnosco n'esse altar, onde vos adoramos; e em nós entrando em nossos peitos, onde vos recebemos. O amor (vêde se é maior este) o amor essencialmente é união; e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores effeitos tem e tanto maiores affectos mostra de amor. Estar comnosco é assistencia de fóra, estar em nós é presença intima. Estar comnosco é estar perto; estar em nós é estar dentro. Estar comnosco é companhia; estar em nós é identidade. Logo menos fez o amor da Incarnação em estar Christo comnosco que o amor do sacramento em estar comnosco e mais em nós.

O principio do evangelho de S. João, commentado por Sancto Agostinho.

Admiravelmente uniu estes dous extremos e distinguiu estas duas «manifestações» de amor o mesmo discipulo amado. Depois de se remontar esta aguia divina com aquelle vôo altissimo, egual á voz ou trovão com que disse: *In principio erat Verbum;* cerra as azas, dá comsigo em terra; e diz que o mesmo

Verbo se fez carne: *Verbum caro factum est;* e sem interpor palavra accrescenta, *et habitavit in nobis,* e morou em nós. Evangelista, que no alto e no baixo sempre vos remontais, permitti que vos intendamos. Se fallais da união do Verbo com a humanidade, porque não dizeis que se fez homem, senão que se fez carne, *Caro factum est?* E se fallais do tempo em que o mesmo Verbo, por isso e para isso humanado, morou e habitou comnosco; porque não dizeis que habitou comnosco, senão que habitou em nós, *habitavit in nobis*? Não fôra S. João o mais amado e o mais amante de Christo, se não acudira por seu amor e o deixara nas auroras da Incarnação sem subir ao zenith do sacramento. É agudeza de Sancto Agostinho tambem aguia. Não disse que o Verbo se fizera homem, senão carne, porque na carne *ex vi verborum*, havia de instituir o sacramento de seu corpo: *Caro mea vere est cibus:* e não disse que habitou comnosco senão em nós; porque se o amor da Incarnação se satisfez com estar comnosco, o do sacramento mais ancioso, porque mais amor, não se satisfez de estar somente comnosco, se não tambem em nós, *et habitavit in nobis*. D'este modo se uniram junctamente ambos os fins de um e outro amor: o de estar comnosco, que fôra o da Incarnação, e o de estar comnosco e mais em nós, que é o de hoje.

O estar Christo comnosco e o estarmos n'elle. Explicação tirada do cap. 19 de S. João.

VII. Mas ainda n'este estar sobre estar, temos outra fineza sobre fineza. Porque não só quiz o amor de hoje que Christo estivesse comnosco e estivesse em nós, senão que nós tambem estivessemos n'elle. Este é o segundo effeito do sacramento, e mais amoroso ainda que o primeiro, em quem o come: *Qui manducat meam carnem in me manet et ego in illo:* quem come a minha carne está em mim e eu n'elle: não só eu n'elle por união: mas eu n'elle e elle em mim por união dobrada e modo de estar reciproco. Quando Christo na cruz substituiu em seu logar a S. João, disse á Mãe Sanctissima: *Ecce filius tuus;* e logo ao discipulo amado: *Ecce mater tua.* Parece que tanto dizem n'este caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era Mãe de João, já ficava intendido que João era filho da Senhora. Porque repete logo Christo o que tinha já dicto, e em tempo que as suas palavras eram tão contadas? Porque nos dous primeiros legatarios da sua ultima vontade e reciprocos herdeiros de seu amor, queria que o amor e as correspondencias de uma e outra parte fossem tambem reciprocas. O coração da Senhora e o de S. João eram os duos corações que Christo mais amava e mais amavam a Christo; e como o Senhor na substituição da sua ausencia testava n'elles de seu proprio amor; para que o mesmo amor como seu, não só fosse

amor e grande amor, mas amor reciprocamente unido; com as primeiras palavras uniu o coração da Mãe ao novo filho: *Ecce filius tuus:* e com as segundas uniu o coração do filho á nova Mãe: *Ecce mater tua.* E se os dous legados particulares da Mãe e do discipulo, os estabeleceu o Senhor com dobrado vinculo de amor, e união reciproca; como a não dobraria tambem no testamento commum, com que nos fez herdeiros universaes de seu corpo e sangue: *Hic calix novum testamentum in meo sanguine?* Por isso na ratificação do mesmo testamento a recommendação que fez aos discipulos foi esta: *Manete in me et ego in vobis:* estae em mim e eu em vós. Tão reciproco quiz que fosse este modo de estar; e tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da Incarnação, não só com uma, senão com dobrada victoria, e não só da parte de Christo, senão da sua e mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da Incarnação, bastava estar Christo no Sacramento comnosco e mais em nós; mas para que a victoria não fosse como a de Jacob, vencedor com victoria claudicante, não só quiz vencer o estar comnosco com o estar em nós, senão com elle estar em nós e nós estarmos n'elle: *In me manet et ego in illo.* «Notou agudamente Sancto Agostinho, commentando estas mesmas palavras do Salvador, que o estarmos n'elle é o unico modo de fazer que elle esteja em nós: *Hoc est enim in Christo manere ut in illo maneat Christus;* e este é o grande milagre da Eucharistia, que nos une com Christo, como membros em um só corpo que hão de ser vivificados pelo mesmo Christo.

1. Cor. 11.

Aug. lib. 19 de civ. Dei c. 21.

Christo humanado e Christo sacramentado.

VIII. «Mas» tomando separadamente e por si só, o acto de estar comnosco que foi o primeiro motivo da Incarnação, comparemos de egual a egual o como está Christo comnosco em quanto sacramentado e o como esteve comnosco em quanto sómente incarnado; e vêr-se-ha com novo e maior triumpho do amor de hoje, quanto vai de estar comnosco a estar comnosco.

Sacramentado está em todos os logares; mas humanado não estava em todos.

Em quanto incarnado esteve Christo comnosco; mas onde esteve? Ou em Nazareth, ou em Belem, ou em Jerusalem, ou em outras partes: de tal modo porém e com tal limitação de logares, que quando estava em um, faltava nos outros. Quizeram os de alem do Jordão deter a Christo para que estivesse alguns dias com elles: *Detinebant illum, ne discederet ab eis,* diz S. Lucas. E que lhes respondeu o Senhor? *Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei.* Que se não podia deter mais alli, porque lhe importava ir prégar a outras cidades. Não admitto, Senhor meu, a escusa; antes me parece que desacredita o vosso poder e desabona o vosso amor. Ide prégar a es.

Luc. 4.

sas cidades, e ficae junctamente com esses homens, que com tanta devoção o desejam. Não podeis vós estar no mesmo tempo em diversas cidades? Sim, posso: mas esses modos de estar, guardo eu para quando estiver no Sacramento. Em quanto incarnado, se estava Christo em uma cidade, não estava na outra: em quanto sacramentodo, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade, em quantas hoje o temos. Correi as egrejas de Lisboa, e primeiro vos cançareis de as visitar de que o Senhor se cance de esperar por vós; porque se poz e expoz em tantas partes, só para em todas estar comnosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, e nas outras em que as portas se fecham, nem por isso elle se vai, porque sempre o detem alli seu amor solitario e saudoso, na esperança só de que amanheça para estar com os que tanto ama.

Prova-se com a historia da morte de Lazaro.

Joan. 11.

Tambem incarnado amava, mas com grande differença de estar a estar. Infermou e morreu Lazaro, de quem testimunhava o evangelho que era muito amado de Christo: e disse o mesmo Senhor aos discipulos, que morrera Lazaro, porque este não estava alli: *Lazarus mortuus est; ut credatis quoniam non eram ibi.* E Martha e Maria, ambas com as mesmas palavras disseram: *Domine. si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus:* se vós, Senhor, estivereis aqui, não morrêra nosso irmão. Isto dizia Christo, e isto diziam a Christo, quando sómente tinha incarnado. Mas depois que se deixou no Sacramento, já nem Christo pode dizer *Non eram ibi:* nem nos podemos dizer *Si fuisses hic:* porque em Bethania e fôra de Bethania, na vida e na morte, na saude e na infermidade, sempre e em toda a parte o temos, e está comnosco. Só em uma parte do mundo não está Christo comnosco: e qual é? Onde nós não estivermos. Morem os homens nas cidades, habitem os desertos, subam os montes, desçam os valles, penetrem os bosques, fiem a vida a um madeiro inconstante sobre as ondas, e até alli estará comnosco. No mar andavam os discipulos, e bem necessitados da presença de seu divino Mestre; e diz o evangelista que n'este caso estava o Senhor só em terra; *Et ipse Jesus erat in terra.* Mas tal caso como este já não se pode dar hoje: porque só na terra, senão tambem no mar está e navega comnosco Christo sacramentado. Noé não sacrificou no tempo do diluvio, porque estava no mar, e quando desembarcou da arca, então sacrificou. Porém hoje não espera, nem soffre aquelle amor, que os navegantes cheguem a terra: permitte que sacrifiquem e consagrem sobre as ondas, para tambem sobre as ondas estar comnosco.

Marc. 6.

No Sacramento não pode fugir de nós como fugia de seu povo na vida mortal.

Mas que digo eu sobre as ondas, se no meio de mais furiosas tempestades que as do mar, e quando vós, meu Senhor,

amor e grande amor, mas amor recipro… …vosco o vosso
as primeiras palavras uniu o coração… …do, e pouco de-
Ecce filius tuus: e com as segun… …rodes, fugistes para
nova Mãe: *Ecce mater tua.* F… …em Samaria, deixas-
da Mãe e do discipulo, o… …que é o que faz vosso amor
vinculo de amor, e uni… …namarca, em Suecia, e em
bem no testamento … …onde n'esse mesmo sacra-
versaes de seu cor… …perfidia heretica, e nem vos crêm
in meo sanguine? … …seguido não fugis, assim não que-
a recommendaç… …estar entre elles, encoberto e es-
et ego in vobis… …de vosso proprio amor; porque elle
que fosse es… …haja parte alguma do mundo, em que
hoje em ve… …Não fallo no que podéra dizer das nos-
com dobr… …aggravos que aquelle Senhor sacramen-
sua e m… …entre os catholicos, cujos peccados occul-
nação, … …rencias publicas a nossa mesma fé faz muito
em … …mercedoras eram justamente de que cançada de
ven… …paciencia, dissesse, como já disse: *Eamus hinc:*
co… …outro templo e outro povo que tambem se cha-
n… …nos deixasse a nós. Mas foi tão firme a resolução
…empenhou a Christo o amor de hoje a estar comnosco
…que para nunca se poder apartar de nós (ainda que
…merecessemos e o mesmo Senhor quizesse) encerrando-o
…voluntarias prisões d'aquelle Sacramento, as chaves não as
…ou nas suas mãos senão nas nossas. Na Incarnação, por-
que tinha na sua mão as chaves, tornou-se para o céu: no Sa-
cramento, como as chaves estão na nossa mão, e temos ao Se-
nhor debaixo de chave, ainda que elle não «gostasse», sempre
ha de estar comnosco.

1. Cor. 11.

Aug. lib. 19 civ. Dei c. …

Christo na Chri…

S. Lourenço Justiniano, fallando de Christo sacramentado com allusão ao texto de Isaias, disse elegantemente: *Dispar modus et idem Emmanuel:* que assim como na Incarnação foi Emmanuel, tambem é Emmanuel no Sacramento, só com differença no modo. E qual é a differença? Muitas, como já disse: mas a principal e maior de todas é, que na Incarnação foi Emmanuel e Deus comnosco, mas com liberdade de nos deixar, antes com presupposto de o fazer assim, como elle disse: *Exivi a Patre et veni in mundum, iterum relinquo mundum et vado ad Patrem.* Porém no Sacramento é Emmanuel e Deus comnosco, não só sem liberdade para se apartar de nós, mas com obrigação inviolavel fundada em sua propria promessa, de nunca jámais nos deixar, e estar comnosco até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* Em summa resumindo tudo a duas palavras: na Incarnação foi Emmanuel e

Deus comnosco em uma só terra, no Sacramento em toda a arte: na Incarnação para poucos, no Sacramento para todos: Incarnação só para os presentes, no Sacramento para os sentes e para os futuros: na Incarnação por tempo limitado eve, no Sacramento sem limite de duração em quanto du- o mundo e houver homens: *Usque ad consummationem saeculi*. Logo não se póde negar, ainda na precisa similhança de estar comnosco, que muito mais fino, muito mais extremado, muito mais amoroso, muito mais amoravel, muito mais amante, muito mais amigo e muito mais amor, se mostrou o de Christo hoje, que no dia da sua Incarnação.

Matth. 28.

A divina Incarnaçao extendida pela Eucharistia a todos os homens. S João Chrysostomo e outros Padres.

IX. Mas porque a Incarnação do Verbo Eterno foi um acto tão heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificencia de Deus; para que nem por esta parte possa parecer que aquelle amor excedeu o d'este dia, ouvi como o amor de hoje sujeitou ao seu triumpho a mesma Incarnação, não só quanto aos effeitos que vimos e outros que deixo, mas em sua propria substancia. E de que modo foi isto que parece cousa impossivel? Fazendo o mesmo amor, que assim como Deus n'aquelle dia incarnou em uma só humanidade, hoje incarnasse (posto que sem união hypostatica) em todos os homens. No dia da Incarnação, tomando Deus a carne da Virgem Sanctissima incarnou em uma só humanidade, que foi a de Christo: e hoje dando-nos Christo sua propria carne no sacramento, incarnou d'outro modo em todos os homens, que somos nós os que a commungamos. É pensamento profundissimo de S. João Chrysostomo, a quem seguiram S. João Damasceno, S. Paschasio, Ruperto e outros Padres. As palavras do Sancto, que os auctores latinos commumente ou não referem ou allegam mutiladas por defeito de traductores, tiradas do original grego em que foram escriptas são estas:—O Verbo fazendo-se homem, assim como fôra grande ab-aeterno da substancia de Deus, assim na Incarnação foi gerado em tempo da nossa propria substancia. Mas dir-me-heis que isto pertence sómente a Christo e não a todos nós. Digo e torno a dizer que a todos. E porque? Porque se Deus tomou a nossa natureza incarnando, segue-se que a mesma Incarnação se extendeu a todos, e se a todos, tambem a cada um. É verdade que Deus na Incarnação não tomou a natureza humana em commum, senão uma humanidade particular; mas essa mesma humanidade e essa mesma carne unida á divindade fel-a Christo universal e commum «diz Chrysostomo» dando-a no Sacramento a todos os fieis e unindo-os realmente comsigo; e como ficam unidos e incarnados com Christo, a mesma Incarnação do Verbo se extende e mul-

Rup. l. 2 de ott. 11.

tiplica em todos nós. As palavras de Ruperto tambem são dignas de se não passarem em silencio:—Quando Deus se fez homem foi para que por meio da carne do Verbo nos unisse a si e fossemos a mesma cousa com elle. Mas isto não se effeituou no acto da Incarnação, em que o corpo de Deus e os nossos eram diversos: mas ficou reservado para a instituição do Sacramento, em que unindo-se Christo por meio da sua carne a cada um de nós, todos, como membros seus, ficamos um só corpo. Baste de auctoridades. Vamos ás Escripturas e á experiencia.

Christo no Horto arrancou-se dos seus discipulos. (Luc. 22). Commento de Tertulliano.

Acabada a ceia, parte Christo Senhor nosso para o Horto de Gethesemani, e apartando-se dos discipulos, diz o Evangelista S. Lucas: *Et ipse avulsus est ab eis*; que o Senhor se arrancou d'elles. Ninguem haverá que não note a singularidade d'esta palavra. Muitas outras vezes referem os evangelistas que Christo se apartou de seus discipulos, e em todas dizem simplesmente que se apartára. Pois se então se apartava, porque agora se arrancou? Porque agora tinha o Senhor acabado de instituir o Sanctissimo Sacramento, e os apostolos tinham acabado de commungar, e como por meio do Sacramento se tinha incarnado Christo n'elles, e elles em Christo, por isso o apartar-se agora já não era apartar-se, era arrancar-se: *Avulsus est*. Ouvi ao grande Tertulliano no livro de *Carne Christi: Quid avellitur nisi quod inhaeret, quod infixum et innexum est ei a quo avellitur?* E explicando-se ainda mais: *Cum quid extraneum ita convisceratur et concarnatur, ut cum avellitur rapiat secum aliquid ex corpore cui avellitur*. De maneira que a palavra *avellitur* ou *avulsus* só se diz propriamente de duas cousas diversas, as quaes não só estão pegadas e unidas, *infixum et innexum;* senão entranhadas e incarnadas uma com a outra: *Convisceratur et concarnatur*. E como esta era a primeira communhão que houve no mundo, usou o evangelista da palavra *avulsus est* com grande mysterio, para que a mesma propriedade da palavra mostrasse a efficacia e effeito do sacramento: pois não se podia apartar senão arrancando-se quem estava entranhado e incarnado nos mesmos de quem se apartava: entranhado, porque tinha entrado em suas entranhas: e incarnado porque se tinha unido com elles por meio de sua propria carne. E esta foi a differença com que ainda de incarnado a incarnado venceu o amor e dia de hoje, ao amor e dia da Incarnação. «Outra prova.»

Os signaes pedidos por Gedeão symbolisam a mesma verdade.

Dous signaes do céu pediu Gedeão a Deus em dous dias differentes com modo bem natural. Poz o vello de lã no meio de uma eira, e no primeiro dia pediu que o orvalho do céu caisse só no vello e assim succedeu. O signal do primeiro dia é certo

que significava o mysterio da Incarnação, porque o orvalho era o Verbo que desceu do céu; e o vello de lã era a humanidade de quo o mesmo Verbo se vestiu como Cordeiro de Deus, que vinha tirar os peccados do mundo. Assim o declararam depois não menos que dous prophetas, Isaias e David. Isaias pedindo a Incarnação, dizia que orvalhasse o céu sobre a terra, para que n'ella nascesse o Salvador, e David signalando o modo com que havia de vir, diz que desceria como a chuva ou orvalho sobre um vello de lã mansamente e sem ruido; e d'estes dous prophetas o tomou a Egreja quando canta da mesma Incarnação: *Sicut pluvia in vellus descendisti ut salvum faceres genus humanum.* Pois se Gedeão no orvalho que havia de cair do céu pedia a Incarnação no primeiro dia, porque tornou a pedir no segundo dia a mesma Incarnação e no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pediu que caisse sobre o vello e não sobre a eira; porque no segundo dia pediu que caisse na eira e não no vello? Porque Gedeão, como allumiado n'aquella hora com espirito prophetico, não só via uma Incarnação do filho de Deus, senão duas incarnações em dous dias differentes, uma no dia em que propriamente se chama da Incarnação e outra no dia de hoje. A primeira estreita e contrahida e por isso em um vello: a segunda extendida e dilatada e por isso em uma eira: a primeira no vello, onde se sumia o orvalho, e se encobria a divindade; a segunda na eira, em que se recolhe o pão, onde se nos deu no Sacramento: a primeira particular, em que se uniu Christo a uma só humanidade; a segunda universal em que uniu a todos os homens: a primeira em que incarnou só em si, tomando a nossa carne; a segunda em que incarnou em nós, dando-nos a sua: *Totus in vellere, totus in area*, diz S. Bernardo. Todo no vello, todo na eira: mas no vello todo só para sua Mãe, na eira todo para todos. É o manná com os tempos trocados. O manná que primeiro chovia do céu nos campos para que se sustentasse d'elle o povo, depois esteve encerrado na arca do Testamento, onde ninguem o comia. Porém cá, trocados os dias, no dia da Incarnação estava encerrado no ventre virginal, que por isso se chama Arca do Testamento; mas no dia de hoje se extendeu e diffundiu pelo mundo todo para que todos o comam e o convertam em si. Emfim é parecido o sacramento ao mesmo amor com que hoje foi instituido, como diz o concilio tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris veluti effudit.*

Vide Corn. a lap. in c. 6 Indic.

Bern. serm. 3 de ann.

Trid. sess. 13, c. 2.

X. Só me podem oppor e dizer os doutos, que todas as vantagens ou finezas em que o amor de hoje parece vencer o amor da Incarnação se hão de referir á mesma Incarnação e ao amor

As palavras da consagração independentes da Incarnação.

d'aquelle dia, porque a mesma Incarnação foi o principio e fundamento de todas; pois se Christo não incarnára, tambem se não podera consagrar nem deixar no sacramento. Respondo que não se segue tal cousa. E ouvireis agora o que por ventura nunca ouvistes. Escoto e outros grandes theologos «com o doutissimo Cornelio á Lapide» dizem que é tal a força e efficacia das palavras da consagração, que se antes de Christo incarnar, e antes de Deus crear o mundo, creara um sacerdote sómente e uma hostia sobre a qual pronunciasse as palavras da consagração, no mesmo poncto havia de estar n'aquella hostia o corpo de Christo, tão real e inteiramente como está hoje, no que temos e adoramos presente. Porque assim como a omnipotencia d'aquellas palavras tem força para reproduzir o corpo de Christo no logar onde não estava, assim teriam tambem força n'este caso para o produzir no tempo em que não era; porque não se requer maior poder para um milagre que para outro.

Por isso o sacerdocio de Christo é segundo a ordem de Melchisedech. *Ad Hebr. 7.*

D'aqui se intenderá uma nova e excellente propriedade com que S. Paulo declarando o sacerdocio de Christo pelo de Melchisedech, nota que Melchisedech não teve pae, nem mãe, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* O sacerdocio de Christo não foi segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros e bezerros; senão (como diz David) segundo a ordem de Melchisedech que sacrificava em pão e vinho: *Melchisedech proferens panem et vinum; erat enim sacerdos Dei altissimi.* E por isso o mesmo Christo, sendo junctamente o sacerdote e o sacrificio, consagrou e sacrificou seu corpo e sangue debaixo das mesmas especies de pão e vinho. Mas Christo Senhor nosso teve Mãe e Pae, e a mais extendida genealogia de quantas se teem nas Escripturas: *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham, etc.* Pois se Christo teve uma genealogia tão grande e tão declarada; como nota S. Paulo que o seu sacerdocio foi como o de Melechisedech, homem sem pae nem mãe, nem genealogia? Porque quando Christo instituiu o sacrificio e sacramento, em que se deixou a si mesmo, foi com tanta independencia da sua propria Incarnação, como se nunca fôra gerado nem nascido. De sorte que se Christo ainda não incarnara, nem nascera, e comtudo se dissessem as palavras da consagração sobre uma hostia, em qualquer tempo e em qualquer logar que fosse, alli havia de estar seu corpo infallivelmente. É verdade que o corpo e sangue que Christo consagrou hoje foi o mesmo que na Incarnação tinha tomado: mas consagrou-o por modo tão absoluto e tão independente da mesma Incarnação, que se d'antes não houvera incarnado, incarnara então sem mãe nem genealogia; e existira sacramentado. Logo ainda que o Senhor no dia

Matth. 1.

de hoje nos deu a mesma carne e o mesmo sangue que tinha recebido no dia da incarnação, nem por isso a grandeza e supposição d'aquella obra diminúi nada as vantagens d'esta; porque de tal modo a suppoz, como se a não suppozera. Incarnado n'aquelle dia «amou» com grande amor: *Cum dilexisset suos;* mas sacramentado hoje «ama» com maior amor: *In finem dilexit eos.*

Conclusão. Como se deve corresponder ao amor de Christo.

XI. Muito tempo ha que devera ter acabado. De um e outro amor recolho um só documento muito breve. E qual é? Que seja tal o nosso amor na vida, que o continuemos á vista da morte. Que amou Christo desde o instante de sua Incarnação? Aos homens: *Cum dilexisset suos.* E hoje que foi o fim da sua vida, estando com a morte á vista, *Sciens quia venit hora ejus,* que amou? Aos mesmos que tinha amado: *In finem dilexit eos.* Oh que differente viver! Oh que differente morrer! Oh que differente amar foi este do que é o nosso! Aquelles a quem a misericordia de Deus concede morrerem com eleição e com juizo, o que commummente fazem na hora da morte é arrependerem-se do que teem amado na vida. Póde haver maior loucura, pode haver maior cegueira que amar aquillo mesmo de que sei que ou me hei de arrepender, ou me hei de condemnar? Oh Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante em que vos conheceu, sem nunca empregar ou esperdiçar o coração em outro amor! Se alguem se podéra justamente arrepender do que amou, ereis vós: pois amais umas creaturas tão vis, tão ingratas e tão merecedoras de ser abhorrecidas, como somos os homens. Mas pois o vosso amor foi tão fino e tão constante, que amando-nos com tantos extremos desde o principio, foram ainda muito maiores os com que nos amastes até o fim; seja hoje e n'este mesmo instante o fim de todo o amor que não é vosso. Os que imitaram o Prodigo e os que imitaram a Magdalena em amar o que não deviam, assim como seguiram os passos errados e cegos de seu falso amor, assim se resolvam hoje, e de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade de seu arrependimento, e a firmeza e constancia de só a vós amar até á morte. Só a vós, amorosissimo Senhor, só a vós. Só a vós e não pelos interesses do céu, que vós deixastes por amor de nós. Só a vós e não por temor do inferno, que Judas antes quiz que a vós; mas unica e puramente por serdes vós quem sois, digno de ser infinita e eternamente amado. Assim propomos de vos amar até á morte, para que a vossa graça e o vosso amor nos faça dignos, não dizemos de vos gozar, senão de vos amar por toda a eternidade. Amen.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 318, ed. mod. tom. 4.º, pag. 106.)

IV. SERMÃO DO MANDATO ***

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO MESMO DIA ÁS 8 DA TARDE

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Ácerca dos dous sermões d'este dia escreveu o auctor, da Bahia no dia 23 de junho de 1683, para o conego Francisco Barreto n'estes termos—Dos dous do mandato em dia da Incarnação approvou mais o nosso juiz do officio D. Lucas o da manhã que o da tarde. O certo é que eu préguei na capella o que tive por melhor; e assim os remetto por appellação a vossa mercê—Não sei entender, porque o auctor faria maior estimação d'este segundo discurso, a não ser porque declara mais os varios mysterios do Cenaculo e do Horto, e é mais eloquente na conclusão.

Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret.

S. JOAN. 3.

Sciens Jesus quia omnia dedit ei Pater in manus, surgit a coena, etc.

S. JOAN. 13.

O amor de Christo novamente vencedor.

Outra vez, Senhor, n'este mesmo dia, outra vez torno a fallar do vosso amor. Dobraram-se n'este dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mysterios; encontrou-se consigo o mesmo amor; e pois elle no mesmo dia duas vezes nos amou tanto, porque não diremos nós tambem duas vezes no mesmo dia, já que dissemos tão pouco? Victorioso deixei hoje o amor de Christo, mas ainda n'este mesmo dia lhe resta muito que vencer; porque o amor do nosso divino Amante, quando compete em amar, como compete hoje, não se contenta com uma só corôa, nem com uma só victoria. N'esta hora, pois, sairá outra vez em campo o amor de Christo. «Mas a nova corôa qual será?» Qual será a nova empreza de seu amor? Agora direi.

Assim como do Eterno Padre diz o evangelho, no dia da Incarnação, que amou aos homens até lhes dar seu Filho unigenito: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret;* assim de Christo nota o mesmo evangelho, no dia de hoje, que

empregou na redempção dos homens todos os bens que recebera de seu Padre: *Siens quia omnia dedit ei Pater in manus, surgit a coena etc.* Ora notae.» Quando a Magdalena poz aos pés de Christo os alabastros, os unguentos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as mãos, a bocca e a si mesma; a consequencia que tirou d'alli, não outrem, senão o mesmo Christo, foi: *Quoniam dilexit multum.* De pôr tudo o que mais estimava e a si mesma a seus pés, inferiu o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era: porque «prova do amor são as obras e medida do affecto é a dadiva, sobretudo se quem a faz a préza muito. Portanto quem quer arguir quanto o Eterno Padre amou aos homens, calcule quanto amava a seu Filho unigenito que elle deu pela redempção dos homens: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret:* quem quer arguir quanto o Filho amou a estes mesmos homens, calcule quanto amava ao Padre que elle deixou para os remir e cujos dons empregou na mesma redempção: *Sciens quia a Deo exivit et quia omnia dedit ei Pater in manus, surgit a coena etc.* Esta é a nova corôa do amor de Jesus:» esta é a não imaginada empreza que o tira n'esta hora não ao mesmo, senão a outro maior theatro. Pondo, pois, de fronte a fronte o amor do Padre e o amor de Christo, «havemos de ver como o amor do Filho justou com o amor do Padre; e posto que não é possivel nem decoroso vencer a um tal competidor, summa gloria será e incomparavel triumpho não ceder á difficuldade da competencia.»

Luc. 7.

O Eterno Padre deu-nos seu Filho com preceito de morrer por nós.

II. *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret.* Para inteira intelligencia do que se ha de dizer, é necessario suppor com a melhor e mais bem fundada theologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu Filho, não só nol-o não deu com liberdade de viver quanto e como quizesse; mas com preceito e obediencia de morrer e padecer tudo o que padeceu por nós. Assim o tinha já dicto o mesmo Senhor por bocca de David: *In capite libri scriptum est de me ut facerem voluntatem tuam, Deus meus, volui et legem tuam in medio cordis mei.* E n'este dia, como outras muitas vezes, fez menção do mesmo preceito: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* E assim cocomo no dia da Incarnação nos deu effectivamente seu Flho, assim no mesmo dia e no mesmo instante o carregou d'estas pensões e lhe poz esta obediencia; o que antes não podia: porque d'antes o Verbo não era sujeito ao Padre; e tanto que incarnou e se fez homem, sim.

Ps. 39.

Joan. 14.

Ainda que Filho unico.

Isto posto, já que não podemos comprehender o amor divino pelo que é, julgal-o-hemos pelo que parece: *Sic Deus dilexit*

mundum, ut Filium suum unigenitum daret. O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da Incarnação, é que désse por nós seu Filho sendo unico e não tendo outro, e o désse com preceito de morrer e padecer por nós. Se o Eterno Padre tivera dous Filhos, muito fôra dar um «quanto mais dar um Filho unico: *Filium suum unigenitum;* e dal-o para que? Para resgatar um captivo»: *Ut servum redimeres, Filium tradidisti.* «canta a Egreja». Estava o homem captivo pelo peccado; quil-o resgatar o Eterno Padre; e que fez o seu amor? Vendeu o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido: amanhã vereis o servo resgatado.

Ponderações do proph. Isaias (c. 53).

O propheta Isaias no capitulo cincoenta e tres, em que prova a geração ineffavel de Christo em quanto Filho do Eterno Padre, pondera duas resoluções admiraveis do mesmo Padre e que de nenhum pae se poderam crer em respeito de seu Filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando, se haverá alguem que lhe dê credito: *Quis credidit auditui nostro?* E que duas resoluções foram estas? A primeira que, para nos livrar, tirou as nossas culpas de nós e as poz em seu Filho: *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum*: a segunda que, para nos justificar, «acceitou» os merecimentos do Filho e os poz em nós: *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabit ipse justus servus meus multos.* Assim foi uma e outra cousa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós e pôl-as em seu Filho! porque nós não podiamos satisfazer á divina justiça «por nossas» culpas; e Christo foi que tomando-as sobre si, satisfez por ellas. Acceitou os merecimentos do Filho e pol-os em nós; porque não alcançamos, nem podemos alcançar a graça e a gloria, senão pelos merecimentos de Christo. Sendo, pois, certo e de fé que o Padre tirou de nós as culpas e as poz em seu Filho e «para nos livrar condemnou á morte este mesmo Unigenito, quem poderá formar conceito adequado do amor com que por isto nos ama?»

O sacrificio de Abrahão e o sacrificio do Eterno Padre.

Quiz Deus averiguar por experiencia «o amor» de Abrahão; e que meio tomou para experimental-o? Todos sabemos o caso. Manda a Abrahão que lhe sacrifique a Isaac: *Tolle fililium tuum quem diligis Isaac; et offeres eum in holocaustum.* O *Quem diligis* mostrava bem o motivo do sacrificio. Toma, pois, Abrahão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, põi-no sobre a lenha, tira pela espada... Basta, diz Deus, já estou satisfeito: não perdoaste a teu filho e quizeste-o sacrificar por amor de mim? Claro está que verdadeiramente me amas: *Nunc cognovi quod times Deum et non perpercisti unigenito filio tuo propter me.* Pois, Senhor, isto diz S. Paulo de vós: *Proprio Filio suo non pepercit; sed pro nobis tradidit illum;* «e o diz com tanto maior assom-

Gen. 22.

Ad Rom. 8.

bro quanto vai de sacrificio a sacrificio e de amor a amor.» Abrahão quiz sacrificar o filho, mas não o sacrificou: «Vós quizestes sacrificar vosso Filho e o sacrificastes.» Abrahão poz o filho sobre a lenha, mas não lhe metteu o ferro: Vós deixastes pôr vosso Filho sobre a cruz e pregal-o n'ella com tres cravos até dar a vida. Abrahão se deu um filho, ficava-lhe outro: Vós déstes um Filho, mas não tinheis outro nem o podieis ter. O amor de Abrahão foi forçado com o preceito: o vosso foi livre e espontaneo. O amor de Abrahão foi misturado com temor: o vosso, todo foi amor, porque não tinheis a quem temer; e só temestes que os homens se perdessem, que foi maior circumstancia de amor. Pois sendo tanta a differença de Pae a Pae, de Filho a Filho e de amor a amor, se dar Abrahão o Filho por amor de Deus, foi «tão grande prova de amor; qual não será o dardes vós o vosso Filho por amor dos homens?!»

Caso contado por Sedulio e applicado.

Sedulio, padre antigo e poeta illustre da lei da graça, conta um caso admiravel. Foi á caça um famoso atirador da Thessalia, e deixou um filho pequeno ao pé de uma arvore, em quanto se metteu pelas brenhas. Quando tornou, viu que estava enroscada uma serpente no menino. E que conselho tomaria o pae em um caso tão perigoso? Se atirava á serpente, arriscava-se a matar o filho: se lhe não atirava, mordia a serpente o menino e matava-o. A resolução foi que embebeu uma setta no arco e mediu a corda com tanta certeza, e pesou o impulso com tanta egualdade, que matando a serpente, não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro; e diz assim: *Ars fuit esse patrem:* não cuide ninguem que isto foi destreza da arte; foi ser pae. «É o nosso caso.» Aquella serpente do paraiso enroscou-se em Adão «pela culpa original, e já lhe dava, mordendo-o, a morte eterna.» Quiz o Eterno Padre matar a serpente; mas como se houve? Faz um tiro á serpente que estava enroscada no homem, «e com tento de pae» mata a serpente e não toca no homem. «Mas onde achou seu amor o arco e a setta para obrar tão gloriosa façanha?» Oh Filho de Deus, que não sei se me compadeça de vós! «O arco e a setta estão no mysterio da vossa Incarnação; porém o tiro será a vossa morte: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum?* No dia de ámanhã se ha de ver isto publicamente em proprios termos.

Christo é posposto a Barabbás por ser decreto do Eterno Padre que morra o innocente para dar vida e absolver condemnados.

Quando Christo e Barabbás foram propostos por Pilatos á eleição do povo, clamou o mesmo povo, sollicitado pelos principes dos sacerdotes: Morra Christo e viva Barabbás. Grande injustiça! mas muito maior mysterio! diz Sancto Athanasio. E qual foi? Que logo na primeira sentença, com que Christo foi condemnado á morte, se visse nos effeitos, que morria e era

condemnado para dar vida e absolver condemnados. O povo que costumava ser a voz de Deus, sem intender o que diziam as suas vozes, foi o pregoeiro da sentença do Padre que primeiro tinha dicto: Morra meu filho e viva o homem. E vêde como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso que na de Barabbás. Barabbás, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida; e por isso propriissima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fructo da arvore vedada, e homicida matando-se a si e a todos seus descendentes. Barabbás na lingua hebraica quer dizer. *Filius patris*: o Filho do Padre. *Barabbás Filius Patris latine dicitur*: diz sancto Ambrosio. E a razão da etymologia é porque *Bar* em hebreu quer dizer filho e *abbas* quer dizer pae. De sorte que quando o Filho é condemnado para que o homem se livre, e quando o Filho morre para que o homem viva, então o homem se chama Filho do Padre, *Filius Patris:* porque «foi pela morte de Christo que o homem se fez filho de Deus. Podia haver no Padre maior e mais custosa demonstração de amor para com o homem, creatura tão indigna?»

A parabola do filho prodigo e os mysterios d'este dia.

O certo é que se em Christo podera haver inveja, caso e occasião era esta, em que podera ter invejas do homem. O mesmo Christo o disse ou descreveu assim. Quando o pae recebeu o filho prodigo com tanta festa e matou o vitello regalado (que eram as delicias naturaes d'aquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra e teve noticia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso, que para entrar em casa foi necessario que o pae saisse a o buscar, e dar-lhe satisfações. E quem era este pae e estes dous filhos? O pae era o Eterno Padre, o Filho mais velho, Christo, que em quanto Deus foi gerado ab-aeterno, e o filho mais moço o homem, que foi creado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pae fez ao mais moço, que parece lhe tem inveja? A razão é, porque, consideradas todas as circumstancias do mysterio da Incarnação do Verbo e Redempção do genero humano, são taes os excessos que Deus fez pelo homem, que se o Filho de Deus fôra capaz de invejas, as tivera grandes ao favor e regalo com que o Padre tractou o homem «com ser filho tão rebelde». O regalo do vitello morto para o banquete é o de que o Filho maior se mostrou mais queixoso. Mas tende mão, magoado e innocente Filho, tende mão na vossa justa dôr e sentimento; que a occasião da queixa e inveja, ainda se não declarou, nem mostrou até onde ha de chegar. «Bem sabeis que não de vitellos, nem de cordeiros, senão de vossa mesma carne e vosso mesmo sangue ha de guisar para os homens» a omnipotencia,

a sabedoria e o amor do vosso Padre um tão exquisito manjar que não tenha comparação com elle o manná do céu. Assim foi e assim o confessou o mesmo Christo publicando que a instituição do Sacramento, antes de ser obra sua, fôra dadiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de coelo, sed Pater meus dat vobis panem de coelo verum.* A tanto chegou, a tanto se extendeu o *Dilexit* do Padre; e tanto deu aos homens, quando lhe deu seu unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum dáret.*

Joan. 6.

Como o amor do Filho competiu com o amor do Padre.

III. Mas se no dia da Incarnação amou tanto o Padre aos homens «que deu para os remir o seu unigenito,» contrapondo agora um dia a outro dia e um amor a outro amor, vejamos como no dia de hoje «competiu o amor do Filho com o amor do Padre. E posto que o *dilexit* d'aquelle primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais ampla e copiosa materia com as obediencias então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente incarnado, cujas execuções se extenderam até á hora da morte, á qual principalmente se ordenaram; e pelo contrario o *Dilexit* d'este dia se estreita e limita somente ás acções de poucas horas, sem mais theatro que o de um Cenaculo, nem mais campo que o de um Horto; espera comtudo o amor de hoje confiadamente, que sem sair da estacada ha de correr e quebrar as lanças com tal esforço, que «em vencer a difficuldade da competencia» se lhe não duvide «a coroa da» victoria. Discorramos por todas as acções de Christo n'este mesmo dia sem sair d'elle e veremos «este novo triumpho de seu amor.» Quando o amoroso Senhor deu principio á primeira que foi lavar os pés aos discipulos, nota e pondera o Evangelista, que se deliberou o divino Mestre a uma acção tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Pae lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, coepit lavare pedes discipulorum.* Muitas outras vezes se faz menção no Texto sagrado d'este *tudo* dado a Christo por seu Eterno Padre: *Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Omnia quaecunque habet Pater mea sunt. Omnia quae dedisti mihi, abs te sunt;* e em outros muitos logares. Pois porque razão tantas vezes se repete e n'este logar «se pondera tanto» que o Padre deu tudo a seu Filho? O intento do Evangelista era encarecer o amor de Christo n'este dia para com os homens; e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens «depois de ter recebido do Padre todos os thesouros da divindade, era pôr-lhes aos pés estes mesmos thesouros com tão grande manifestação de affecto, que só ella basta a mostrar como o seu amor resistiu á competencia do amor do Padre. O Padre dá aos homens em seu Filho tudo o que

Matth. 11.
Joan. 16.
Id. 17.

tem; e o Filho põi aos pés dos homens tudo o que recebeu.» Oh dadivas do Padre! Oh pés dos homens! Oh amor e estimação de Christo! O que podia d'aqui inferir o discurso, senão tivesse mão n'elle a fé, é que prezou Christo mais os pés dos homens, que as dadivas do Padre. Mas o certo e a verdade é, que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho summamente as dadivas de seu Padre tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porém esta mesma estimação, não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso, porque d'elle se infere estimação sobre estimação e amor sobre amor.

J. Christo prodigalizou o seu amor e por isso foi chamado o unico Prodigo.

Quando o filho prodigo em serviço de outro amor empregou quanto tinha recebido de seu pae, e sua propria pessoa, até se abaixar ás maiores vilezas de servo, «causou certamente admiração que o inconsiderado mancebo fosse tão largo de seus bens com pessoas que tão pouco lh'os mereciam. Mas quem foi o maior prodigo, antes o unico verdadeiramente prodigo que houve no mundo (diz com amoroso atrevimento» Guerrico Abbade e depois d'elle Guilielmo ainda com maior energia) senão o Filho do Eterno Padre? *Quis unicus prodigus invenitur nisi Unigenitus Patris.* E porque prodigo e unico? Prodigo, porque se pareceu «em certo modo» com o Prodigo; e unico, porque o excedeu. Pareceu-se com o Prodigo; porque assim como o Prodigo tudo quanto tinha recebido do pae e a si mesmo empregou em serviço e amor de quem o não merecia; assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre e com sua propria pessoa serviu e amou aos homens; e para que a parabola ficasse inteira, a homens peccadores. E excedeu muito ao mesmo Prodigo; porque o Prodigo obrigado da fome, foi buscar o pão a casa do pae; e Christo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo e fez-se pão: o Prodigo arrependeu-se do seu amor; e Christo não se arrependeu jámais, mas perseverou constante no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos.*

Guerr. serm. in Pent.
Guil. apud Eus. in Theopol. p. I. l. I. c. 4.

O mesmo amor se prova com a instituição da Eucharistia.

Do ministerio humilde do lavatorio passou o Senhor ao ministerio altissimo do sacramento; e aqui «muito mais competiu seu amor com o amor do Padre.» A Eucharistia é junctamente sacramento e sacrificio: como sacrificio consume-se; como sacramento conserva-se: como sacrificio é acção transeunte; como sacramento é permanente: como sacrificio tem horas e dias certos; como sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite: como sacrificio não se aparta do altar e de sobre a ara; como sacramento sái ás ruas e entra em nossas casas: como sacrificio tem por fim occulto a adoração do Padre: como sacramento a presença, a assistencia e a união com os homens. «Vêde

agora o amor de Christo para com os homens na Eucharistia como sacramento e como sacrificio».

Emquanto esta é sacramento.

É tal a união que os homens contrahem com Christo no sacramento, que comparada com a mesma união que o Filho tem com o Padre, se a não «eguala» emquanto união, «enleva-nos mais» emquanto amorosa. Revelando Christo a união altissima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est.* Eu estou no Padre e o Padre está em mim. E declarando a união que tem com o homem no sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet et ego in illo:* elle está em mim e eu n'elle. E qual d'estas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre sem duvida é maior em genero de união; porque é unidade: porém a que Christo tem com o homem no sacramento «enleva-nos mais» em genero de amorosa; porque a fez o amor. Pois a união que tem o Filho com o Pae não a fez o amor? Não. Porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna, antecedente a todo o acto da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho; a do Filho é obra do intendimento do Padre. O Filho está no Padre e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu; e nós estamos em Christo e Christo em nós, porque o Filho nos amou.

Joan. 14.

Ibid. 6.

E emquanto é sacrificio.

Isto na Eucharistia emquanto sacramento. E passando á Eucharistia emquanto sacrificio, digo que tambem o mesmo sacrificio se ordenou a maior união de Christo com os homens e «por isso a maior manifestação de amor.» Sancto Agostinho distinguindo esta união e admirando o amor de Christo n'ella, depois de advertir que todo o sacrificio se compõi, de quatro partes: Quem offerece, o que offerece, a quem offerece, e por quem offerece; diz que o fim que Christo teve no admiravel invento do seu sacrificio foi fazer que todos estes quatro por meio d'elle fossem uma só cousa: *Ut idem ipse unus verusque mediator, per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret cui offerebat: unum in se faceret pro quibus offerebat: unus ipse esset qui offerebat et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho podera penetrar os intimos secretos de tão intricado e bem tecido labyrintho de amor. No sacrificio do altar quem offerece é Christo: o que offerece é seu corpo: a quem offerece é o Padre: por quem offerece são os homens. E como pode ser que todos estes quatro em um só sacrificio se unam de tal sorte que sejam uma e a mesma cousa? D'este modo. Para que Christo, que é sacerdote que offerece, fosse a mesma cousa que o sacrificio, fez que o sacrificio fosse de seu corpo. Para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma cousa com o sacrificio e com o sacerdote, fez que os homens

Aug. de Trin. l. 4, c. 14.

o comessemos. E para que o Padre, a quem se offerece, fosse a mesma cousa com os homens e com Christo, fez que por meio do mesmo sacrificio se reconciliasse o Padre com os homens. Oh assombro! Oh prodigio de amor do Christo para com os homens. Só o amor omnipotente podia inventar um boccado em que, sendo um só o que come, fossem quatro e taes quatro os que ficassem unidos.

Amor que mostram as palavras da despedida.

Acabados os mysterios da sagrada ceia, querendo o Senhor partir do Cenaculo para o Horto onde finalmente se despediu dos seus «discipulos, lhes» fallou n'esta fórma: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio: surgite, eamus hinc:* para que conheça o mundo quanto amo ao meu Padre e quão obediente sou a seus preceitos; levantae-vos, vamo-nos d'aqui. D'estas palavras se prova que não tinha Christo n'este mundo cousa que mais amasse que os homens, nem que mais lhe houvesse de custar que apartar-se d'elles, pois este era o maior exemplo e demonstração por onde o mundo havia de conhecer quanto o mesmo Senhor amava seu Padre. «Assim é: quem quizer avaliar quanto póde com Christo o amor do Padre, saiba» que custando tanto ao seu coração o deixar os homens e apartar-se d'elles, «só» em conflicto de amor com amor prevalece o amor do Padre. «Mas ainda assim quão poderoso ha de ser aquelle amor que sòmente se rendeu quando arcou com o amor todo poderoso? E ainda mais que se não rendeu á discrição; mas capitulou com as condições mais honorificas e vantajosas para os seus amados, conseguindo que o apartar-se dos homens, fosse para maior bem dos mesmos homens. Assim o declarou elle mesmo»: *Expedit vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos.* Como se dissera o amoroso Senhor: Não é só o Padre o que me leva; tambem vós sois os que me levais: não só vou para o Padre, porque é obediencia sua; senão porque é conveniencia vossa: não só porque o amo a elle, senão porque vos amo a vós: «emfim» vou-me porque a vós vos convem que eu me vá «para receberdes os dons do Espirito Sancto»: *Expedit vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paralictus non veniet ad vos.*

Joan. 14.

Ibid. 16.

Como é que subindo N. Senhor ao céu deu dons aos homens.

Agora ficará bem intendido e concordado aquelle encontro de S. Paulo com David, que tanta discordia tem causado entre os expositores. S. Paulo diz que subindo Christo ao céu deu dons aos homens: *Ascendens in altum dedit dona hominibus.* E David não diz que os deu; senão que os recebeu: *Ascendisti in altum; accepisti dona in hominibus.* Pois se S. Paulo cita ao mesmo David; e David diz que Christo subindo ao céu recebeu

Ad Ephes. 4.
Ps. 67.

os dons; como diz, e treslada S. Paulo, não que os recebeu, senão que os deu? Porque tudo foi: recebeu-os do Padre para os dar aos homens; «e assim aquelles mesmos dons que provam o seu amor para com o Padre e o amor do Padre para com elle, provam tambem o amor de ambos para com os homens.» D'esta maneira «se apartou Christo dos homens e subiu ao céu» com grande credito de seu amor: *Expedit vobis ut ego vadam.* «Não basta».

Outro desafogo do amor de Christo quanto ao tempo que ainda se detinha com os discipulos.

Vai por deante a practica: vai-se desafogando o amor e sempre em novos argumentos a favor dos homens. Desenganados os discipulos da partida por parte da obediencia do Padre forçosa, e por parte dos seus interesses conveniente; outro motivo com que o benignissimo Senhor os consolou foi a promessa de que ainda o haviam de tornar a ver, se bem por breve tempo: *Iterum modicum et videbitis me; quia vado ad Patrem.* Da intelligencia d'estas palavras duvidaram com tal admiração os discipulos, que se perguntavam uns aos outros: *Quid est hoc quod dicit nobis: Modicum et quia vado ad Patrem?* E finalmente se resolveu entre todos que nenhum d'elles sabia nem podia intender o que o Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur.* Notavel caso! Se as palavras «parecem» tão claras, como se não achou em toda a eschola de Christo quem as soubesse intender, e mais estando alli S. João, o qual pouco antes reclinado sobre o peito do mesmo Senhor tinha apprendido e recolhido d'elle os thesouros da mais alta sabedoria? Comtudo todos elles confessaram que nenhum sabia, nem intendia o que queriam dizer aqellas palavras. Cada uma das partes da proposição era muito facil; mas ambas junctas não cabiam em nenhum intendimento. Uma parte dizia que Christo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem:* a outra parte dizia que o tempo que se detivesse na terra com os discipulos havia de ser pouco: *Modicum et videbitis me;* «Os discipulos ainda ignoravam o tempo da paixão e os quarenta dias da resurreição que estavam incluidos n'este *Modicum:* mas, ainda que o soubessem, nem por isso desapparecia a difficuldade.» Não ha cousa que mais alargue o tempo na ausencia e na saudade que a dilação: as horas se fazem annos e os dias seculos. Pois se as saudades e desejos de Christo subir ao Padre eram quaes deviam ser as de um Filho, e tal Filho, para ver um Pae, e tal Pae, depois de uma ausencia de trinta e quatro annos, como podia ser breve tempo e tão breve o de tão larga dilação? «Eis aqui a difficuldade que embaraçava, ou podia embaraçar, qualquer dos discipulos mais adeantados na eschola de Jesus Christo, e teria egualmente enleiado o intendimento de todos os cherubins: *Quid est*

dicit nobis: Modicum et quia vado ad Patrem? Nescimus quid loquitur? Ninguem podia adivinhar que o amorosissimo Redemdemptor quizesse com estas palavras encarecer tanto o seu amor para com os homens.»

O amor na presença do amado abbrevia o tempo. Por isso Christo chama pouco tempo aos 40 dias que ainda ha-de ficar com os homens.

O tempo define-se: *Mensura primi mobilis:* a medida do primeiro movel; e o primeiro movel n'este mundo pequeno, que chamamos homem, é o coração. D'aqui vem que segundo os movimentos do mesmo coração póde o mesmo tempo com differentes respeitos ser longo e breve. E taes se convencia pelo discurso serem em respeito do Padre e dos homens aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre eram dias e quarenta: mas para se deter com os homens eram uns minutos ou momentos tão abbreviados, que não chegavam a fazer numero. Isto queria dizer a palavra *Modicum* e muito mais a palavra *Vado*. Supposto que o Senhor promettia aos discipulos que se havia de deter com elles algum tempo, parece que não havia de dizer Vou, senão Hei de ir. Antes mais propriamente havia de dizer Não vou, ou, Não irei tão depressa que não tenhais tempo de me ver. Mas diz: Vou; porque, como aquelles dias eram de estar com os homens, o amor dos mesmos homens os abbreviava, unia e penetrava entre si de tal sorte, que não só cabiam todos, mas todos estavam resumidos áquella mesma hora. Por isso, quando segundo as leis do tempo parece que havia de dizer: Hei de ir: segundo as experiencias do seu amor dizia: Vou: *Vado*. «Tão ardentemente amava aos homens!»

A promessa que faz na despedida é outra prova de amor. Exemplo da cepa e das vides.

Houve de apartar-se finalmente o soberano Senhor; e porque este apartamento não causasse nos discipulos o que naturalmente costuma nos homens, exhortando-os a estarem sempre unidos com elle por memoria e por amor, lhe declarou a impartancia d'esta união com o exemplo da vinha, em que as vides não podem dar fructo, senão unidas á cepa; e disse assim: *Ego sum vitis, vos palmites: et Pater meus agricola est*: Eu, discipulos meus, sou a cepa, vós sois as vides; e meu Padre é o lavrador. Aqui temos outra vez o Padre, os homens e o mesmo Christo: que é todo o concurso da nossa questão. Christo é Filho do Padre e os discipulos são filhos de Christo, como o Senhor lhes chamou n'esta occasião: *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum.* (*Filioli* diz: e quem poderá comprehender a immensidade de amor que n'aquelle diminutivo se encerra?) «Mas explicando a similhança se vê claramente que como o lavrador ama no mesmo tempo a cepa e as vides; e a cepa, se tivesse intelligencia, amaria as vides e o lavrador; assim o Padre ama ao Filho e aos homens, e o Filho ama aos homens e ao Padre. E como a cepa não se pode apartar da terra sem se arrancar e

Joan. 15.

Ibid. 13.

entre todas as plantas esta só sabe chorar apartamentos, assim Christo partindo do mundo com as maiores angustias sentia o despegar-se dos homens a quem tanto amava.

Vede como no Horto se apartou» dos discipulos para ir orar ao Padre. *Avulsus est ab eis:* diz o evangelista S. Lucas que se arrancou d'elles. Esta manhã ponderei este passo a outro intento; agora accrescento e noto mais «o que se seguiu a este apartamento». Tres horas durou aquella oração do Horto que tres vezes nas mesmas tres horas veio o Senhor a visitar os discipulos, sem ser bastante o descuido com que os viu e o desamor que n'elles experimentou para não tornar uma e tantas vezes. E bem, Filho sempre amantissimo de vosso Eterno Padre, ao mesmo Padre deixais vós e tão repetidamente por vir aos homens? Não argumento por parte do respeito, que tambem podera ter sua demanda: só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não é o Padre? Sim é, nem pode deixar de ser. Pois como se inquieta tanto vosso coração se está no centro? Sei eu que tres dias deixastes vós a Mãe sobre todas as creaturas amada; e a satisfação que lhe destes foi que estaveis com vosso Padre. Mas isso foi então e não no dia de hoje, em que os privilegios do amor dos homens não teem exemplo. Agora sim que se desquitou bem o amor de Christo. «Tres vezes em tres horas deixar o Padre para vir aos discipulos parece que podia agradar menos ao Padre» Mas é tanto pelo contrario que nunca tanto o Filho agradou ao Padre nem o Padre o reconheceu mais por Filho, que por estes mesmos extremos com que amou aos homens. *Filius meus es tu: Ego hodie genui te:* hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho; pois em amar aos homens como os amastes, mostrastes bem ser Filho de vosso Pae.

Esta foi na competencia de um amor com outro amor, esta foi a egualdade do *Dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret;* e esta a egualdade do *Dilexit* do Filho: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Mas n'esta mesma egualdade, em que se não conhece vantagem, consistiu (como prometti) a victoria do amor de hoje. E porque, ou como? Porque Christo pela parte que tem de homem é menor que o Padre, como elle mesmo ensinou: *Quia Pater major me est;* «e por isso para egualar ao Padre n'este glorioso desafio do amor havia de vencer difficuldades desconhecidas ao amor do Padre.» Na lucta que teve Jacob com o anjo, nem o anjo derrubou a Jacob, nem Jacob derrubou ao anjo; e comtudo o texto sagrado não uma, senão muitas vezes celebrou a victoria de Jacob; e por ella lhe mudou Deus o nome

de Jacob em Israel dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines praevalebis.* Mas quem era este anjo, quem era este Jacob e qual foi esta batalha? O anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti:* Jacob representava a Christo, que muitas vezes na Escriptura se chama Jacob; e a batalha era de amor; que por esta razão «Jacob abraçado com o anjo lhe disse: Não te largarei, se me não abençoares: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.*» E como n'esta competencia amorosa nem o Padre pôde vencer o Filho nem o Filho vencer o Padre; bem se conclúi da mesma egualdade do amor de ambos que a victoria ficou pelo *Dilexit* de hoje. *In finem,* treslada S. Chrysostomo: *In victoriam dilexit eos.*

Gen. 32.

IV. Os despojos d'esta victoria pede o amor, que sejam os corações dos homens, tão egual e tão excessivamente amados do Padre e do Filho. Muito sentiu o amoroso Senhor que de só doze corações que se acharam no Cenaculo lhe faltasse um: *Cum diabolus jam misisset in cor ut traderet eum Judas.* E que seria se entre os que tanto abominamos aquella ingratidão e deslealdade houvesse muitos egualmente desleaes e mais, que o mesmo Judas, ingratos? Que seria se quando o Padre e o Filho competem sobre qual ha de amar mais aos homens, os homens vivessemos como á competencia de quem mais ha de offender ao Padre, que nos deu seu proprio Filho, e ao Filho, que se nos deu a si mesmo?

Os despojos da victoria de Christo devem ser os nossos corações. Quanto sentiu faltar-lhe o de Judas.

Joan. 13.

Os mais obrigados a este exemplo são os paes e os filhos. Os paes, para que amem mais a Deus que aos filhos, por cuja causa muitos se condemnam; e os filhos, para que amem mais a Deus que aos paes por cujo temor ou respeito não tomam aquelle estado em que mais se segura a salvação. Quantos paes ha que, por amarem falsa e erradamente os filhos e os quererem antes para o mundo que para Deus, lhe impedem o servir a Deus? E quantos filhos que, por não desagradarem aos paes nem se apartarem d'elles, deixam a Deus e servem ao mundo? Oh ditosas,[1] bem intendidas e valorosas almas, vós que com tão animosa e prudente resolução deixastes a jerarchia d'esse choro tão alto e desprezastes todas as promessas do mundo, onde elle é mais mundo; e na edade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o mettestes debaixo dos pés. Se Christo hoje chamou seus aos que estavam no mundo, *suos qui*

Os mais obrigados ao exemplo do Eterno Padre e de Jesus Christo são os paes e os filhos, principalmente tractando-se de vocação religiosa.

[1] Allude ás damas do paço que n'aquella quaresma se fizeram religiosas.

erant in mundo, só porque o mundo não estava n'elles; a vós «em quem o mundo tambem» não está nem póde estar para sempre, que nome vos terá dado o seu amor e que logar o seu coração? E se os filhos, em que a delicadeza e o mimo é tão natural, com galharda resistencia e tão constante desapego deixam a casa dos paes e não lhe faz horror o claustro nem o cilicio; nos filhos (comvosco fallo), nos filhos que nasceram com obrigações de maior valor e o mostram tanto onde não convinha, porque se não verão similhantes desenganos? Porque se não acabarão de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a desprezar o mundo, a conhecer o mundo, e a o tractar como elle merece e Deus nos merece?

Quão opportuna é esta hora para deixar o mundo, ao menos com o affecto.

Desenganemo-nos, que é necessario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occasião mais apparelhada e ainda mais forçosa e mais fidalga, que deixal-o «com o affecto» quando quem o creou e nos creou o deixa «effectivamente?» Será bem que se parta Christo do mundo, *ut transeat ex hoc mundo*, e que faça esta jornada só, sem haver quem o acompanhe e o siga «com o affecto»? Que coração haverá tão esquecido de Deus e de si, que ouvindo aquelle rebate, ou aquelle pregão do céu, *Sciens Jesus quia venit hora ejus*, lhe não cause um grande abalo na alma e diga resolutamente comsigo: Esta será tambem a minha hora? Nenhum christão ha de consciencia tão perdida, que não faça conta de se converter e se dar a Deus alguma hora. E se ha de ser algum'hora, que hora como esta? Oh como é para temer que quem se não aproveitar d'esta hora, lhe falte outra! Se cada um de nós soubera a hora, em que ha de passar d'este mundo, como Christo sabia a sua, menos cegueira fôra. Mas se este secreto é occulto a todos e ninguem sabe o dia nem a hora, *Quia nescitis diem neque horam;* porque havemos de perder tal hora como esta e tal dia como o de hoje? Tal dia como o de hoje torno a dizer. Um dia em que se ajunctaram os dous maiores dias do amor e misericordia divina. O dia em que Jesus nosso Deus e nosso Redemptor se parte do mundo e o deixa, para que nós O sigamos, e o dia em que veio ao mundo e deixou o céu, para que nós ao menos deixemos a terra. Oh maldicta terra, oh maldicto mundo, que nenhum exemplo basta para te deixarmos, nenhum desengano para te conhecermos, nenhum amor de Deus para te não amarmos!

Matth. 25.

Conclusão. Triumphe tambem de nossos corações o divino amor.

Senhor Jesus, já que hoje está vosso amor tão vencedor de tudo, vença tambem e triumphe d'estes corações tão duros, tão ingratos, tão cegos. Abrandae, Senhor, esta dureza, convertei esta ingratidão, allumiae esta cegueira, trocae e transformae de

uma vez a rebeldia d'estas vontades: para que só a vós amem, só a vós queiram, só a vós desejem, só por vós suspirem, só de vós esperem, só em vós vivam, só por vós morram; até que chegue aquella ultima e felice hora de passar comvosco d'este mundo ao Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* onde vos vejam, onde vos gozem, onde vos amem sem fim.

(Ed. ant., tom. 4.°, pag. 357; ed. mod., tom. 4.°, pag. 140).

V. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO EM ROMA NA EGREJA DE SANCTO ANTONIO
DOS PORTUGUEZES NO ANNO DE 1670

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Este ultimo sermão é um dos mais ricos em imagens grandiosas, patheticas e delicadas, desenvolvidas mui ingenhosa e eloquentemente.**

Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

S. JOAN. 13.

Diz S. João que Christo nos deixa e nos ama. Que difficultoso é concordar estas duas verdades.

Este é aquelle texto saudoso e suavissimo, este é aquelle mysterio ou enigma grande do amor, tantas vezes repetido n'esta hora, tantas vezes e por tantos modos encarecido, tantas vezes e tão subtilmente interpretado; mas nunca assaz intendido. Diz o evangelista S. João que se parte Christo e que nos ama; que se parte: *Ut transeat ex hoc mundo;* que nos ama: *In finem dilexit eos*. Mas se nos ama, como se parte? Se nos ama, como se ausenta de nós? Mais diz o evangelista. Não só diz que nos ama Christo e que se parte; não só diz que nos ama e que se ausenta de nós; senão que n'esta mesma hora em que se partiu, n'esta mesma hora em que se ausentou, havendo-nos amado sempre tanto, então ou agora nos amou mais: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

Mais natural parecia que deixasse de nos amar; e comtudo em ausentar-se obra uma das maiores finezas.

Se dissera isto outro «historiador», não me admirara tanto. Mas João a aguia do intendimento e a phenix «não fabulosa» do amor? João o secretario do peito de Christo? João aquelle discipulo, que entre todos soube melhor amar e mereceu mais ser amado, que me diga que se parte Christo, que se ausenta, que nos deixa, que se vai de nós e que nos ama? que nos

ama e que agora nos amou mais?! Não o intendo. Se me dissera que se ausentava Christo, porque estava arrependido de nos amar; que se ausentava, porque aquelles primeiros extremos de seu amor o tempo, que acaba tudo, os acabara; se me dissera que obrigado de nossas más correspondencias, que offendido de nossos desprimores, que cançado de nossas ingratidões, que desenganado de nossa pouca fé, já nos abhorrecia, ou já nos desamava; e que por isso deixa o mundo e se ausenta dos homens: se isto me dissera S. João, sentira-o eu muito; mas conhecera a razão e a consequencia. Confessaria e confessariamos todos, que obrava Christo como quem é, e que nos tractava como quem somos. Amou-nos sem o merecermos: ausenta-se, porque lh'o merecemos. O amor o trouxe, o desamor o leva; por isso se vai e nos deixa. Mas que diga o evangelista constantemente, que não é desamor, senão amor; e que quando Christo se ausenta de nós, então obrou «uma das maiores finezas, então subiu a um dos maiores extremos,» então chegou ao ultimo fim aonde podia chegar amando: *Cum dilexisset suos in finem dilexit eos?*

A explicação d'esta verdade será a mate- do discurso.

O verdadeiro intendimento d'esta amorosa implicação será a materia do nosso discurso e a mesma razão de duvidar nos dará a solução da duvida. Veremos com assombro de todas as leis do amor, como «um dos maiores extremos» do amor de Christo para comnosco foi o ausentar-se de nós. Parece paradoxo, mas é extremo. Nos homens a hora da partida é o fim do amor; em Christo «um dos maiores extremos» de amor foi a hora da partida. Peçamos ao mesmo amor, pelos merecimentos d'aquelle coração que só o soube corresponder dignamente, nos assista n'esta hora com a sua graça. *Ave Maria.*

Tres oppositores que se levantam contra este pensamento: o amor, o sacramento e a cruz.

II. *Ut transeat ex hoc mundo in finem dilexit eos.* Amou Christo tanto aos homens que chegou por elles a apartar-se d'elles. Este é o meu assumpto; e este digo que foi «um dos maiores extremos» do amor de Christo. Mas que vejo? N'aquelle monumento sagrado, n'aquelle mysterio sacrosancto (que é a cifra do amor e o memorial da morte de Christo) vejo postos em campo contra este meu pensamento tres poderosos oppositores: o sacramento, a «cruz» e o mesmo amor. O amor diz que não póde ser amor o apartar-se Christo de nós «porque o amor naturalmente une e não aparta.» O sacramento diz que se o deixar-se comnosco foi a maior fineza, «claro está que não póde ser egual fineza apartar-se. A cruz, finalmente, sem fallar mostra no corpo do Redemptor que pende dos seus braços escripta com lettras de sangue aquella sentença: Não ha maior extremo de amor que dar a vida por seus amigos: *Majorem hac dilectionem*

nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis». Estes são os assombros com que as acções mais heroicas do amor de Christo hoje e com que as mesmas leis do amor se oppõem á novidade do nosso assumpto. Mas estas mesmas nos dividerão o discurso e nos servirão de degráu para mais subir de poncto.

Joan. 15.

Começando pelo amor: o amor essencialmente é união e naturalmente a busca: para alli pesa, para alli caminha e só alli pára. Tudo são palavras «não só de Platão, ou da razão natural; mas tambem de Sancto Agostinho, ou da razão allumiada pela fé.» Pois se a natureza do amor é unir, como póde ser effeito do amor o apartar? Assim é quando o amor não é extremado e excessivo. O amor naturalmente une: mas se é excessivo, «dão-se casos em que» divide. *Fortis est ut mors dilectio:* o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sabio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma. Pois se o effeito do amor é unir e o effeito da morte é separar, como póde ser o amor similhante á morte? O mesmo Salomão se explicou. Não falla Salomão de qualquer amor, se não do amor forte; e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo produz «se fôr preciso», effeitos contrarios. Sabe-se o amor atar e sabe-se desatar como Samsão: affectuoso deixa-se atar; forte rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso: mas umas vezes é amoroso e unitivo; e outras vezes amoroso e forte. Em quanto amoroso e unitivo ajuncta os extremos mais distantes: em quanto amoroso e forte divide os extremos mais unidos, «com tanto que seja para maior bem do amado.» Quaes são os extremos mais distantes e mais unidos que ha no mundo? O nosso corpo e a nossa alma. São os extremos mais distantes; porque um é carne, outro é espirito: são os extremos mais unidos, porque «estão sempre junctos.» Junctos nascem, junctos crescem, junctos vivem, junctos caminham, junctos param, junctos trabalham, junctos descançam, de noite e de dia, dormindo e vellando: em todo o tempo, em toda a edade, em toda a fortuna; sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. E esta união tão natural, esta união tão estreita «quantas vezes a divide o amor forte? Vêde-o nos campeões da fé e da religião: vêde-o nos defensores da patria: vêde-o n'aquelles espiritos generosos que cifram todos seus desejos em serem desatados da carne e estarem com Christo, como o Apostolo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo.*» O amor em quanto unitivo é como a vida; em quanto forte é como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes que sejam os extremos, ajuncta-os: em quanto

Responde-se ao amor que quando é forte, dão-se casos em que aparta. Exemplo dos que dão a vida pela religião e pela patria, e dos que desejam morrer para se unirem com Christo.

Cant. 8.

Ad Phil. 1.

forte, por mais unidos que estejam os extremos, «muitas vezes» aparta-os.

Exemplo de Christo.

Antes da Incarnação do Verbo quaes eram os extremos mais distantes? Deus e o homem. E que fez o amor uuitivo? Trouxe a Deus do céu á terra e uniu a Deus com os homens. Depois da Incarnação quaes eram os extremos mais unidos? Christo e os homens: E que fez o amor forte? Leva hoje a Christo da terra ao céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e apartou a Christo dos homens: *Exivi a Patre et veni in mundum:* eis ahi o amor unitivo. *Iterum relinquo mundum et vado ad Patrem:* eis ahi o amor forte. É o que diz o Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit.* Houve differença nos tempos; mas não houve mudança no amor. Christo unido com os homens, amor: *cum dilexisset.* Christo apartado dos homens, tambem amor e maior amor: *In finem dilexit.*

Joan. 16.

Exemplo da Esposa dos Cantares.

Em uma hora que era representação d'esta mesma hora (como notou S. Bernardo) estando a Esposa em um horto (que tambem era figura de outro horto) pediu-lhe o esposo divino que cantasse alguma lettra, porque a queriam ouvir seus amigos: *Quae habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Os amigos que escutam somos nós: o Esposo é Christo: a Esposa é a Egreja: qual será a letra? Cantou a Esposa em verso pastoril o que «hoje se declara na historia» evangelica. Toma a Esposa uma cithara na mão; e tocando docemente as cordas cantou assim: *Heu fuge, dilecte mi: assimilare capreæ hinnuloque cervorum super montes aromatum:* Ai, ide-vos, amado meu: parti como cervo ligeiro, deixae os valles da terra; ide-vos para os montes do céu. Disse a Esposa: quebrou a cithara, e emmudeceu para sempre. Assim foi, porque este é o ultimo verso e a ultima clausula do ultimo capitulo dos canticos. Todos sabemos que a materia dos canticos de Salomão é a historia do amor de Christo com a sua Esposa a Egreja. Pois, Esposa sancta, este é o fim que dais á historia do amor de vosso Esposo? Ou quereis encarecer o seu amor, ou o vosso, ou o de ambos? Se o seu; dizeis-lhe que se vá? Se o de ambos; concluis com o apartamento de ambos? Sim, porque este é o ultimo fim, este é o ultimo extremo a que póde chegar o amor «do Esposo: apartar-se da Esposa por amor d'ella mesma».

Cant. 8.

Como a Esposa se foi aperfeiçoando no amor.

E senão comparemos esse fim com os principios do mesmo amor. Nos principios do amor as finezas do Esposo eram buscar a Esposa por montes e valles: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* Nos principios do amor as finezas da Esposa eram ter o Esposo sempre comsigo e não se affastar um momento d'elle: *Inveni quem diligit anima mea tenui eum, nec*

Cant. 7.

Ibid. 3.

dimittam. Porem depois que o amor principiante passou a amor perfeito, depois que o amor proficiente chegou a amor consummado, já as presenças se trocam pelas ausencias, e todos os extremos do amor se reduzem, a que? a um ai, e um Ide-vos, *Heu fuge!* O *Heu* significa a dôr, significa a violencia, significa o affecto, significa o amor. O *fuge* significa o apartamento, significa a resolução, significa o sacrificio, significa a fineza e o extremo: *Heu fuge!* Ai, ide-vos. Oh que extremos tão encontrados! *Non optando loquitur;* diz Beda. Mas d'estes dous extremos tão encontrados se compunha o extremo do amor de Christo; e o encontro e a repugnancia d'estes dous extremos eram os torcedores que n'esta hora de sua partida lhe partiam o coração. O affecto pedia que ficasse; a conveniencia instava que se fosse: *Expedit vobis ut ego vadam:* mas como o affecto era seu e a conveniencia era nossa, pôde mais a conveniencia que o affecto. Vença a conveniencia, pois é vossa pelo que tem de vós: corte-se pelo affecto, pois é meu pelo que tem de mim; e seja este o ultimo fim e o extremo ultimo do meu amor: *Heu fuge dilecte mi. In finem dilexit eos.*

Segunda opposição por parte do Sacramento.

III. Haverá ainda quem se opponha a este extremo de fineza? Haverá ainda quem se opponha a este extremo de amor? Ainda. Ainda se oppõi e resiste o mesmo amor defendendo-se com o escudo do Sacramento e com a espada da «cruz». Fortes armas! Mas tambem as ha de render o amor ainda que tão fortes e tão finas.

Christo na Eucharistia é como Ruth para Noemi; na partida é como Orpha.

Allega por parte do sacramento o amor e defende constantemente que foi maior fineza em Christo o deixar-se «na Eucharistia» que o deixar-nos «para subir ao Padre», o ficar comnosco que o apartar-se de nós. E como o prova? Em um caso temos ambos os casos. Na terra de Moab houve tres amigas muito celebradas na Escriptura, Noemi, Ruth e Orpha. Viveram muito tempo junctas estas amigas, como amigas e parentas que eram; até que veio uma hora (como esta hora) em que se houveram de ausentar. Abraçaram-se, choraram muito, fizeram as exequias a sua despedida com todas as solemnidades que costuma o amor; mas tanto que chegou o poncto preciso em que se haviam de apartar, succedeu uma differença notavel. Orpha, diz o Texto que se apartou e que se foi para a sua patria e para o seu Deus: porem Ruth enterneceu-se tanto, que de nenhum modo se pôde apartar da companhia de Noemi; e se deixou ficar com ella por toda a vida. Eis-aqui quanto vai de amar a amar e de ficar a partir-se. Quem ama pouco, aparta-se: quem ama muito, não se póde apartar. Orpha, que amava pouco, apartou-se e deixou a Noemi: Ruth, que amava muito, não a pôde deixar

nem apartar-se d'ella. São os termos do nosso caso. Chegou a hora precisa em que Christo se havia de apartar dos homens. Mas n'esta amorosa despedida, n'este rigoroso apartamento quem foi a Orpha que se apartou? Quem foi a Ruth que se não pôde apartar? Uma e outra por modo admiravel foi a mesma Humanidade sacratissima de Christo. Ella foi a Orpha que n'esta mesma hora se apartou e se foi para a sua patria e para o seu Deus: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e ella foi a Ruth que se não pôde apartar; e recolhendo as espigas se deixou n'aquelle sacramento debaixo de especies de pão. Logo «parece que não foi em Christo egual amor» o deixar-se o o deixar-nos, o ficar comnosco e o apartar-se de nós.

Resposta: Jesus Christo não partiu como Orpha, porque não partiu por sua conveniencia; mas ainda na partida foi similhante a Ruth.

Que grosseiros são os affectos humanos para avaliar as finezas do amor divino! Se Christo se apartara como Orpha, amando como Orpha, fôra menor o seu amor. Mas Christo apartou-se como Orpha, amando como Ruth. «Notae». Orpha amou pouco; Ruth amou muito: porque Orpha apartando-se seguiu a sua conveniencia; e Ruth não se podendo apartar seguiu «só a conveniencia de Noemi, para lhe adoçar as amarguras com esta piedade e depois com o penoso trabalho de seus braços, recolhendo espigas todo o dia atraz dos segadores de Booz. Mas Christo assim em deixar-se ficar comnosco como em apartar-se de nós, sempre seguiu a maior conveniencia nossa. *Expedit vobis ut ego vadam. Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, habet vitam aeternam.* Logo se Christo se apartou como Orpha: sempre nos amou como Ruth e por isso não se mostrou menos extremoso no apartamento que na presença eucharistica.»

O fim principal por que ficou na Eucharistia é o mesmo que teve em subir ao céu.

Perdoae-me, sacramentado Amor. «Bem sei que» deixar-se Christo com os homens no sacramento foi seguir o amor, o seu affecto e a sua inclinação; foi satisfazer ao desejo: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum:* «porque» os seus gostos, as suas recreações, as suas delicias são estar no mundo com os homens «e tractar familiarmente com elles. Mas sei tambem que não esteve ahi a maior fineza da Eucharistia por não ser esse o fim principal da sua instituição. Dar aos homens a vida da alma e dar-lhes a vida do corpo, depondo n'este a semente da resurreição; dar a vida aos homens no tempo e na eternidade, unindo-os entre si e unindo-os com o centro da vida; dar a vida aos homens com a graça e com a gloria, começando na terra aquella união bemaventurada que se ha de aperfeiçoar no céu; eis o fim principal para que Christo ficou entre elles no sacramento. Mas não é este o mesmo fim para que os deixou subindo ao throno de seu Pae? Quer fique no mundo com

visivel majestade, quer não, sempre tem o intento no maior bem dos homens; e assim o extremo de amor com que ficou no sacramento não contradiz, antes declara mais que o apartar-se visivelmente não foi menor extremo de amor.»

Fez Christo perante a sua Egreja o que fizera o Jordão perante a Arca do Senhor.

Para Christo se apartar de nós e junctamente se deixar comnosco, dividiu-se Christo de si mesmo, «e foi o mesmo» amor que fez a maravilha. Vede-o com os olhos. Para dar o passo a arca do Testamento apartou-se o rio Jordão e dividiu-se de si mesmo: uma parte do rio assim dividido correu para o mar, e a outra parte suspendeu a corrente e tornou para a fonte, d'onde tinha saido: *Quid est tibi, mare, quod fugisti; et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum:* «pergunta pasmado o propheta; e logo responde elle mesmo: que o correr para o mar e o voltar para a fonte foi egualmente devido á presença da Arca do Senhor: *A facie Dei Jacob.*» Ah! Jordão divino (que assim vos chamou profundamente Origenes), vejo-vos dividido de vós mesmo com duas correntes contrarias. Com uma corrente ides para o Padre que é o principio fontanal (como dizem os theologos) d'onde nascestes: com outra corrente ides-vos metter n'esse mar immenso do Sacramento, onde verdadeiramente estais sem apparecer, assim como os rios entram no mar e desapparecem: «mas ou corrais para o mar, ou volteis para a fonte, sempre vos mostrais em presença da vossa Egreja egualmente extremoso.»

Ps. 103.

Prova-o o mesmo texto do Evangelista.

E senão, perguntemos ao mesmo evangelista n'estas suas reflexões tão ponderosas do amor de Christo, porque não fez menção, nem memoria alguma da instituição do Sacramento? Não fundo o reparo na relação tão copiosa que todos os outros evangelistas fizeram d'este sagrado mysterio; mas na que S. João não quiz fazer. E vêde se se argúi bem do seu mesmo texto: *In finem dilexit eos; et coena facta etc.* Ponderou o extremo do amor com que nos amou Christo no fim: fez menção da ceia; porém do sacramento instituido na mesma ceia nem palavra fallou. Pois se pondera o extremo de amor e faz menção da ceia immediatamente depois; porque passa totalmente em silencio a instituição de um mysterio tão soberano, tão admiravel, tão amoroso? «Porque para o seu intento não servia menos fallar dos motivos do apartamento que da instituição da Eucharistia.» O intento de S. João n'este evangelho não era só provar o amor de Christo, senão realçar a fineza do mesmo amor: *Cum dilexisset, in finem dilexit;* e a instituição «da Eucharistia não era maior fineza que o ausentar-se por interesse de seus discipulos para que do seio do Eterno Padre lhes enviasse o Espirito Sancto: *Expedit vobis ut ego vadam; si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos.*» Por isso não diz que se sacramen-

tou, senão que se ausentou; por isso não diz que se deixou comnosco, senão que se apartou de nós; por isso não diz que ficou no mundo, senão que se foi do mundo. E tanto que poz aquella premissa: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, logo concluiu: *In finem dilexit eos:* porque «evidentemente foi este um dos maiores extremos do seu amor.»

Terceira opposição por parte da Cruz. Como se desfaz.

IV Temos rendido o braço do escudo e só nos resta o da espada que é a «Cruz». Muito confia n'esta espada o amor, porque traz escripto e gravado n'ella «o texto que já citei:» *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* «Mas essa arma não é contra mim; e a razão está muito á flor da terra. Se não ha maior extremo, que dar a vida por seus amigos, bem pode haver um extremo egual; e tal foi para Christo o ausentar-se como já fôra o ficar sacramentado. Mas para que o amor não infira das penas da cruz que Christo mostrou n'ella maior fineza», ponhamos o Horto defronte do Calvario e ajunctemos o theatro da dispedida com o theatro da morte.

A pena com que Jesus se apartou dos seus no valle de Gethsemani.

O theatro da ultima despedida ou apartamento de Christo foi o valle de Gethsemani coberto das sombras da noite, onde tudo aspirava amor, tudo silencio, tudo tristeza, tudo saudade. Aqui se apartou o amoroso Senhor dos seus discipulos, não de todos junctamente, senão de uns primeiro e depois dos outros. Como o golpe lhe chegava tanto á alma, não se atreveu a leval-o todo de uma vez; foi-o dividindo por partes. Assim se apartou o Senhor: mas não digo bem: *Avulsus est ab eis*, diz S. Lucas: não se apartou, arrancou-se. Tão violentamente se apartava Christo dos homens, que o apartar-se d'elles era arrancar-se. Tão dentro d'elles estava, e tão dentro de si os tinha, que não se apartava dos seus olhos, nem se apartava dos seus braços; arrancava-se dos seus corações e arrrancava-se-lhe o coração: *Avulsus est ab eis*. Por ventura chegou a dizer algum evangelista que quando Christo morreu se lhe arrancou a alma? Não por certo. O evangelista que mais disse foi S. Mattheus; e que disse? *Emisit spiritum*: despediu a alma. De sorte que quando Christo morre, despede a alma; e quando Christo se despede, arranca-se dos homens. Tão facil lhe foi o morrer, tão difficultoso o apartar-se. O laço com que a alma de Christo estava atada ao corpo, desatou-se: os laços com que o mesmo Christo estava atado aos homens, não se poderam desatar, romperam-se, rasgaram-se: arrancou-se: *Avulsus est*. Quantos eram os homens que havia no mundo, tantas eram as raizes que prendiam o coração de Christo. Eram raizes de uma eternidade inteira, profundadas com tanto amor, regadas com tantas lagrimas, en-

durecidas com tantos trabalhos; e que todas estas raizes, tantas e tão fortes se houvessem de arrancar junctas na mesma hora: *Sciens quia venit hora ejus?* Oh que dor! Oh que violencia! Oh que tormento! Cada palavra do evangelista é uma profunda ponderação d'esta força e d'esta repugnancia. É possivel que hão de ficar no mundo os homens; que hão de ficar no mundo os meus? É possivel que eu me hei de apartar d'este mundo onde os vim buscar? Oh que terrivel apartamento! Oh que terrivel hora! Oh que terrivel fim! Oh que terrivel transe!

A amargura da despedida no calix da Paixão.

Assim apartado ou arrancado Christo dos discipulos, começa a orar ao Padre: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste*: Eterno Pae, se é possivel, passe de mim este calix. Tornemos agora ao Calvario. Pregado Christo no duro madeiro da Cruz e já vizinho á morte: *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: Sitio*: vendo que todos os tormentos se tinham acabado disse: Tenho sede. Sede agora, Senhor? Reparae que estes echos do monte não respondem bem aos clamores do valle. No Horto repugnaveis com tantas instancias o calix, e agora no Calvario depois de ter bebido todas as amarguras d'elle publicais a vozes que tendes sede de mais: *Sitio*? Sim «e por isso mesmo», porque já bebera no Horto a amargura da despedida. O calix da paixão e morte de Christo «se compunha de dous calices, os quaes não eram outra cousa senão» a mesma morte diversamente considerada (como o Senhor a considerava) no Horto e no Calvario. Toda a morte é junctamente morte e ausencia: é morte, porque nos tira a vida; é ausencia, porque nos aparta para sempre d'aquelles que n'este mundo amamos. Em quanto morte era o calix do Calvario, onde deu a vida; em quanto ausencia era o calix do Horto, onde se apartou dos seus. E este era o calix que seu amor mais recusava quando disse: *Transeat a me calix iste*.

O phraseado dos evangelistas prova que a despedida fez parte do calix que o amor de Christo recusava.

E verdadeiramente que se o mesmo apartamento não fôra calix ou materia d'elle, nunca os evangelistas se pozeram a o descrever e encarecer com tão particulares e miudas advertencias. O *Avulsus est ab eis* de S. Lucas já o ponderámos: «uma outra clausula» de S. Mattheus não é digna de menor ponderação e piedade: *Sustinete hic et vigilate mecum. Et progressus pusillum procidit in faciem suam orans et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste.* Diz o evangelista que se apartou o Senhor *Pusillum*, um pequenino. Vede a difficuldade, vede o tento, vede o receio com qne se apartava: *Pusillum*, um pequenino. Não contava os passos, mas media e pesava os indivisiveis; porque em cada um se dividiu *Pusillum*, um pequenino. Como quem tocava o calix para provar se o poderia be-

Matth. 26.

ber; e não se atrevendo a o levar, parava e não ia por deante. E como este apartamento minimo era tão violento para o coração de Christo e lhe parecia cousa impossivel o apartar-se de todo, por isso abraçado com a terra clamava: Pae meu, se é possivel passe de mim este calix. E que se seguiu a esta repugnancia tão extranha? Seguiu-se que alli mesmo começou o Senhor a entrar em agonia: *Et factus in agonia*... Christo em agonia? Christo agonizante no Horto? A agonia e o agonizar é acção anciosa e accidente terrivel, proprio da morte: mas Christo na morte não agonizou: *Inclinato capite tradidit spiritum*. Pois se Christo não agoniza na cruz, se não agoniza no Calvario, como agoniza no Horto? Porque no Calvario morria, no Horto ausentava-se: no Calvario dividia-se de si, no Horto dividia-se de nós; e esta era a sua agonia. Por isso no Calvario passou pelo artigo da morte sem agonizar; e no Horto «quando provou os effeitos do apartamento» então agonizou: *Et factus in agonia*. Morreu Christo em quanto homem e ausentou-se em quanto homem: mas não morreu, como os homens morrem, nem se ausentou, como os homens se ausentam; porque não amava, como os homens amam. Morreu e ausentou-se; mas com os accidentes trocados: morreu, como se se ausentara, sem agonizar: ausentou-se como se morrera agonizando. Oh que amor! Oh que fineza! Oh que extremo! A ausencia agonizante e a morte sem agonia! Na morte (segundo as leis do amor da vida) havia Christo de padecer todo aquelle tropel de penas, toda aquella tormenta de afflicções, todo aquelle combate ou conflicto de angustias que padecem (e mais na edade robusta) aquelles que por isso se chamam agonizantes; e todas essas se passaram do Calvario ao Horto; porque no Horto se ausentava.

Luc. 22.

Prova-o sobretudo o evangelista do amor, chamando hora de Christo não menos á despedida que á morte.

E para que a morte não tenha que replicar contra esta amorosa verdade, concluamos com uma justificação authentica do secretario do mesmo amor, que dentro e fóra do coração de Christo foi presente a tudo. «Tornemos ao texto» por onde começamos, *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo:* sabendo o Senhor Jesus que era chegada a hora de partir d'este mundo. Esta hora de que falla o evangelista era a hora da morte. Assim o declarou o mesmo S. João no capitulo septe fallando desta mesma hora: *Nemo misit in illum manum quia nondum venerat hora ejus*. E no capitulo oitavo tornou a declarar o mesmo: *Et nemo apprehendit eum, quia necdum venerat hora ejus*. Pois se esta hora era a hora de morrer o Senhor e dar a vida pelos homens; porque não diz: Sabendo que era chegada a hora de morrer; senão: Sabendo que era chegada a hora de se ausentar? Se o intento do evangelista era

encarecer o amor do fim: *In finem dilexit eos;* declare o fim do amor pelo fim da vida; e diga que amou Christo tanto aos homens que chegou a morrer por elles. Mas para prova e encarecimento do amor, calar o nome da morte e ostentar o da ausencia e da partida? Sim porque, como S. João tinha as chaves do coração de Christo, sabia o logar que tinham n'elle estes dous affectos, e o preço com que lá se avaliava um e outro extremo. O preço da morte era muito alto, porque pesava tanto como a vida «do Redemptor; mas o da ausencia era mais subido; porque pesava tanto como o affecto do mesmo Redemptor áquelles» por quem dava a vida. Por isso diz o evangelista, que quando chegou a hora de partir então amou, e não quando chegou a hora de morrer; porque era muito mais dura para o coração de Christo a mesma hora em quanto hora da ausencia, que em quanto hora da morte. A hora da morte era um fim que acabava a vida: a hora da ausencia era o fim que consummava o amor: *Ut transeat ex hoc mundo: In finem dilexit eos.*

A razão intrinseca de todo este discurso é porque o amor do que se ama prova-se pelo amor do que se deixa.

V. Concluido temos logo que o chegar Christo a apartar-se dos homens por amor dos homens foi um dos maiores extremos com que os amou «não inferior aos dous maiores do sacramento e da morte de cruz.» Só resta para inteira satisfação do amor que lhe demos a razão d'esta altissima philosophia. Qual é a razão porque apartar-se Christo de nós «para dispor o nosso maior bem, foi um dos maiores extremos» a que pôde chegar o seu amor? A razão é esta: porque o amor do que se ama prova-se pelo amor do que se deixa; «pois» a pedra de toque do amor é um amor com outro. Quiz Deus provar o amor de Abrahão, tocou-o com o amor de Isaac, a quem amava como filho tão esperado: quiz Deus provar o amor de Jonathas, tocou-o com o amor de Saul, a quem amou como pai e como rei. «Do mesmo modo» quem quizer apurar as qualidades do amor, toque o amor do que se ama com o amor do que se deixa, e logo conhecerá quão fino é. Desde o primeiro amor que houve ao mundo, ficou estabelecida esta regra.

Assim o provou Adão; mas Christo o provou melhor.

No poncto em que Eva saiu das mãos de Deus amou-a logo Adão tão extremadamente, quanto ella por si e por seu auctor merecia ser amada. Quiz encarecer este seu amor o novo desposado; mas como então não havia no mundo outro amor, nem outrem a quem amar, que faria Adão para provar o amor que desejava encarecer? Vede o artificio: *Propter hoc relinquet homo patrem et matrem:* por amor d'esta deixará o homem a seu pae e a sua mãe. Adão não tinha pae nem mãe: era homem; mas o primeiro homem. Pois se não tinha pae nem mãe, porque prova Adão o seu amor com o amor do pae e da mãe, que os

Gen. 2.

outros homens haviam de deixar por suas esposas? Por isso mesmo. Porque o amor do que se ama, prova-se pelo amor do que se deixa: e como Adão não tinha outro amor que deixar, provou o amor com que amava a sua esposa pelo amor do pae e da mãe, que os outros homens haviam de deixar pelas suas: *Propter hoc relinquet homo patrem et matrem*. Provou Adão o amor presente pelo futuro e o proprio pelo alheio, e provou bem: porque o amor do pae e mãe que nos deram o ser é o mais natural e o mais devido; e quando se deixa por amor da esposa o que tanto se ama, é prova que se ama por extremo a esposa por amor de quem se deixa. Isto é o que fez e o que disse Adão; mas, ainda que soube provar, não soube encarecer: porqne o verdadeiro encarecimente não era para o primeiro Adão; estava reservado para o segundo. Se Adão soubera encarecer o seu amor, havia de dizer assim: Eu, esposa minha, não posso qualificar o amor que vos tenho; porque não tenho outro amor que deixar por elle; e ainda que tivera pae e mãe a quem muito amara (como hão de ter os meus descendentes), deixar o pae e mãe por amor de vós, não era bastante prova do meu amor: mas para que conheçais quanto vos amo, amo-vos tanto que «se vos fôra vantajoso» chegara a vos deixar a vós, por amor de vós. Isto é o que não soube dizer Adão e isto é o que fez Christo. Deixar os paes por amor da esposa foi o poncto mais alto que soube imaginar o amor de Adão. Mas Christo chegou a fazer o que elle não chegou a imaginar; porque chegou a deixar a esposa por amor da esposa, «quando o maior bem da esposa instou pelo apartamento.» *Sacramentum magnum in Christo et in Ecclesia.* A esposa de Christo é a Egreja: a Egreja somos nós, e Christo chegou a nos deixar por amor de nós.

Ad Ephes. 5.

Jacob, figura de Christo amante, quando voltou para a patria, não viu a escada; porque então não era similhante a Christo por não ter deixado a Rachel.

Quando Christo veio ao mundo, pareceu-se o amor divino com o amor humano, porque deixou o Padre por amor da Esposa; mas quando hoje Christo se vai do mundo, não teve o seu amor com quem se parecer; porque deixou a esposa por amor da esposa. Saiu Jacob peregrino da casa de seus paes para se desposar com Rachel e n'este caminho viu aquella mysteriosa escada que chegava da terra ao céu. Voltou Jacob outra vez com Rachel para a patria; mas n'este segundo caminho, ainda que teve apparições de anjos, não viu a escada. Todos sabeis que Jacob não só foi figura de Christo; mas expressamente figura de Christo amante. Agora pergunto: Se Jacob viu a escada na primeira visão e no primeiro caminho, porque a não viu no segundo? Se Jacob viu a escada quando veio, porque não viu a escada quando tornou? Porque aquella escada (como dizem

commummente os padres) significava a descida de Christo e a subida: a descida quando veio ao mundo, a subida quando tornou para o Padre; e quando Jacob veio, viu a escada, porque Christo quando veio pareceu-se com Jacob; mas quando Jacob tornou, não viu a escada; porque quando Christo tornou, não se pareceu com elle, nem teve com quem se parecer. Quando Christo veio, pareceu-se com Jacob; porque assim como Jacob deixou os paes por amor de Rachel, assim Christo deixou o Padre por amor da Egreja: porém, quando Christo tornou, não se pareceu com Jacob; porque Jacob não deixou a Rachel por amor de Rachel; e Christo sim, deixou a sua Rachel por amor da mesma Rachel: deixou a sua esposa por amor da mesma esposa: deixou os seus (*Cum dilexisset suos*) «que eram os» homens por amor dos mesmos homens. «E que não deixara Christo no céu e na terra por amor dos homens? No céu deixara a gloria, deixara os anjos, deixara o Padre, por amor dos homens. Na terra,» nascendo pobre, deixou por amor dos homens a riqueza; desterrando-se, deixou por amor dos homens a patria; trabalhando, deixou por amor dos homens o descanço, entregando-se deixou por amor dos homens a liberdade; padecendo affrontas, deixou por amor dos homens a honra; morrendo, deixou por amor dos homens a vida; sacramentando-se deixou por amor dos homens a si mesmo. Mas hoje «para sacrificar tudo por amor dos homens sacrifica tambem este gosto de visivelmente estar com elles, fallar com elles, tractar com elles; e em fim chega a deixal-os tambem a elles: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*»

VII. Tenho acabado, fieis, o meu discurso; e não sei se tendes tambem concluido o vosso. Se me ouvistes com discurso, se me ouvistes com a devida consideração; com os mesmos argumentos com que ponderei os extremos do amor de Christo, devieis vós tambem ter ponderado e conhecido as obrigações do vosso. E que obrigações são estas? Por ventura, porque o amor de Christo chegou a nos deixar a nós por amor de nós, obriga-nos este mesmo amor a que nós tambem deixemos a Christo por amor de Christo? Se eu prégara n'outro tempo e n'outro logar, facilmente o inferira e persuadira assim. A maior fineza que fez por Christo aquella grande alma de S. Paulo foi deixar a Christo por amor de Christo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo; manere autem necessarium propter vos.* Assim o fizeram saindo dos desertos os Arsenios e não saindo das cidades os Martinhos; e em todas as edades e ainda na nossa

As almas heroicas mostram um amor analogo, quando deixam a Christo por amor de Christo.

Ad Phil. 1.

tantos outros varões de extremado amor e zelo, a quem a mitra era peso, a vida tormento, a morte desejo, e só Christo ambição e saudade.

Porém ha almas tão baixas que se apartam de Christo sem algum sentimento.

Mas deixado aquelles heroicos espiritos o primor tão pouco imitado d'estas correspondencias, fallemos com o desamor, com a ingratidão e com o pouco juizo das nossas. É possivel que sinta tanto Christo o apartar-se de nós e que haja homens que não sintam o apartar-se de Christo; antes tenham por gosto e por vida, e ainda por felicidade, o que os aparta d'elle? Christão ingrato e infelice, que ha tantos annos vives tão apartado de Christo, que juizo é o teu n'este dia do seu amor? Christo sente tanto apartar-se de ti, indo para o céu; e tu sentes tão pouco apartar-te de Christo, indo para o inferno? Antes queres o inferno sem Christo, que o céu e a bemaventurança com Christo? Se como christão, não te lembras de Christo, ao menos como homem lembra-te de ti. Dize-me, dize-me, fazes tu conta de te apartar algum'hora de tudo o que te aparta de tua salvação? Se não fazes essa conta, que tanto devias fazer, não fallo comtigo; porque nem és christão, nem homem; nem tens fé, nem tens juizo. Mas se fazes conta, como é certo que fazes; e se tens proposito, como é certo que tens, de algum'hora te converter a Christo, de algum'hora te chegar a Christo, de algum'hora te apartar de tudo o que te aparta de Christo, quando ha de ser essa hora? Esta é a hora, christão, esta é a hora. Esta é a hora de acabar com o mundo; esta é a hora de romper as cadeias d'esse máu vicio (qualquer que seja), que tão preso te tem e tanto te tyranniza. Esta é a hora de acabar de conhecer e te desenganar d'esse falso e enganoso amor. Esta é a hora de abrir os olhos a esse amor cego. Esta é a hora de reformar esse amor escandaloso. Esta é a hora de purificar esse amor impuro e de o pôr todo em Christo. Aproveitemo-nos, christãos, d'esta hora; pois não sabemos se teremos outra. Aproveitemo-nos (torno a dizer) d'esta hora; pois não sabemos se teremos outra. Ah Senhor, como se ha de converter n'outra hora quem se não converte a vós n'esta hora vossa? Como vos ha de amar n'outra hora quem vos não ama n'esta hora do vosso amor? Por honra e gloria d'esta hora, que triumphe vosso poderoso amor d'esta dureza de nossos corações. Não permittais, Senhor, por vossa bondade que sáia d'este cenaculo, n'esta hora vossa, algum coração que não seja vosso. Basta um Judas, basta um ingrato, basta um inimigo, basta um traidor. Oh triste alma! Oh miseravel alma! Oh desventurada alma! Oh alma, que melhor te fôra não ser creada, a que n'esta hora se não rende ao amor de Christo!

Conclusão. Acto de caridade.

Amoroso Jesus, todos n'esta hora estamos rendidos ao vosso amor. Todos n'esta hora e desde esta hora vos queremos amar de todo nosso coração. Só a vós, Senhor, só a vós: só a vós queremos amar para nunca mais vos offender: só a vós queremos amar para nunca mais vos ser ingratos: só a vós queremos amar para nunca mais nos apartarmos de vós: só a vós queremos amar para d'esta hora em deante nos apartarmos para sempre de tudo o que aparta de vosso amor. Seja esta hora o fim de todo o amor, que não é vosso; e seja o principio de vos amarmos, assim como vós nos amastes, «sacrificando tudo ao vosso amor».

(Ed. ant. tom. 1.º, pag. 902, ed. mod. tom. 6.º, pag. 320).

FIM DOS SERMÕES DE QUARESMA

INDICE

PROLOGO DO COMPILADOR

SERMÃO DA SEXAGESIMA **

Semen est verbum Dei.
S. Luc. 8.

SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Memento homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris

II. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Pulvis es, et in pulverem reverteris.
GEN. 3.

III. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Pulvis es, et in pulverem reverteris

I. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est.
S. MATTH. 5.

II. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA **

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.
S. MATTH. 5.

III. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

Diligite inimicos vestros.
S. Matth. 5.

Qui non odit patrem suum et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.
S. Luc. 14.

I. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA **

Ostendit ei omnia regna mundi et gloriam eorum, et dixit ei: Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.
S. Matth. 4.

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA *

Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.
S. MATTH. IV.

III. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA **

Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem et statuit eum super pinnaculum templi, et dixit ei: Si filius Dei es, mitte te deorsum.

S. Matth. 4.

SERMÃO DA SEGUNDA QUARTA FEIRA *

Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei «nisi signum Jonae prophetae.»

S. Matth. 12.

I. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA *

Assumpsit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum, et transfiguratus est ante eos.

S. MATTH. 17.

II. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA **

Resplenduit facies eius sicut sol: vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.

S. Matth. 17.

SERMÃO DA SEGUNDA FEIRA DEPOIS DA SEGUNDA DOMINGA **

Ego vado, et quaeretis me et in peccato vestro moriemini.

S. JOAN. 8.

I. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA *

Nescitis quid petatis.

S. MATTH. 20.